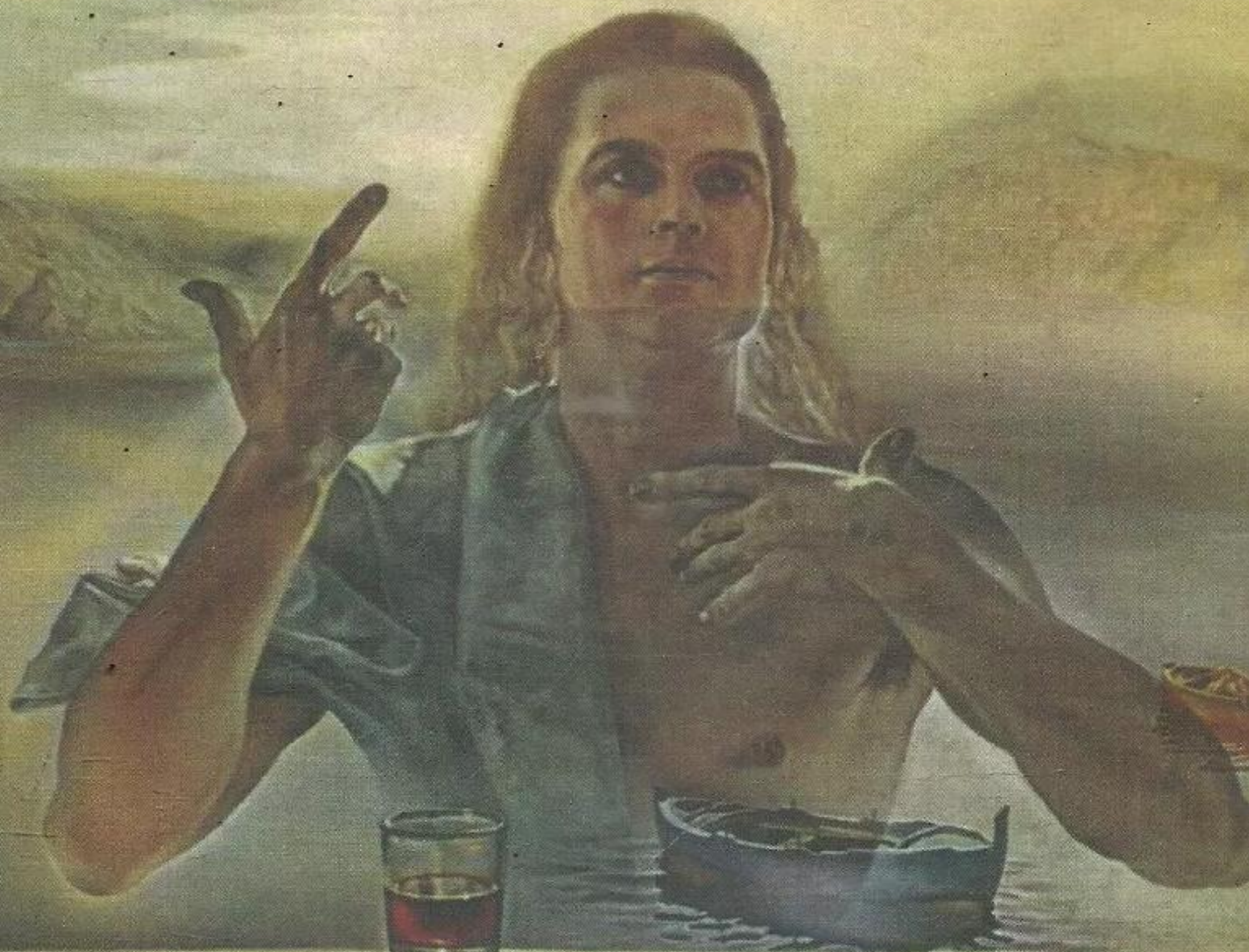


Ernest Renan



VIDA DE  
JESUS

MARTIN  CLARET



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)

# VIDA DE JESUS

(Origens do Cristianismo)

*Ernest Renan*

TEXTO INTEGRAL

TRADUÇÃO: ELIANA MARIA DE A. MARTINS

## CRÉDITOS

© *Copyright* desta tradução: Editora Martin Claret, 2004  
Título original: *Vie de Jésus* (1863)

### **IDEALIZAÇÃO E REALIZAÇÃO**

*Martin Claret*

#### **CAPA**

Ilustração (Baseada na  
*Última Ceia*, 1955,  
Salvador Dali.)  
*Cláudio Gianfardoni*

Direção de Arte  
*José Duarte T. de Castro*

Digitação  
*Graziela Gatti Leonardo*

#### **MIOLO**

Revisão  
Rosana Citino  
Marinice Argenta

Editoração Eletrônica  
*Editora Martin Claret*

Fotolitos da Capa  
*OESP*

Tradução  
*Eliana Maria de A. Martins*

Papel  
*Off-Set, 70g/m<sup>2</sup>*

Projeto Gráfico  
José Duarte T. de Castro

Impressão e Acabamento  
*Paulus Gráfica*

**Editora Martin Claret** – Rua Alegrete, 62 – Bairro Sumaré  
CEP 01254-010 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3672-8144 – Fax: (11) 3673-7146

**[www.martinclaret.com.br](http://www.martinclaret.com.br)**

Agradecemos a todos os nossos amigos e colaboradores — pessoas físicas e jurídicas — que deram as condições para que fosse possível a publicação deste livro.

Este livro foi impresso no outono de 2004.

*Esta versão eletrônica não segue rigorosamente a numeração das páginas da versão impressa, tendo sido excluídas as páginas em branco, as seções “Prefácio” (págs. 5-10), “Cronologia” (págs. 413-420), e os “Apêndices” (págs. 421-525).*

## **Proposta da coleção “A Obra-Prima de Cada Autor”**

A palavra “coleção” é uma palavra há muito tempo dicionarizada, e define o conjunto ou reunião de objetos da mesma natureza ou que têm qualquer relação entre si. Em um sentido editorial, significa o conjunto não-limitado de obras de autores diversos, publicado por uma mesma editora, sob um título geral indicativo de assunto ou área, para atendimento de segmentos definidos do mercado.

A coleção “A Obra-Prima de Cada Autor” corresponde plenamente à definição acima mencionada. Nosso principal objetivo é oferecer, em formato de bolso, a obra mais importante de cada autor, satisfazendo o leitor que procura qualidade.\*

Desde os tempos mais remotos existiram coleções de livros. Em Nínive, em Pérgamo e na Anatólia existiam coleções de obras literárias de grande importância cultural. Mas nenhuma delas superou a célebre biblioteca de Alexandria, incendiada em 48 a.C. pelas legiões de Júlio César, quando estes arrasaram a cidade.

A coleção “A Obra-Prima de Cada Autor” é uma série de livros a ser composta de mais de 400 volumes, formato de bolso, com preço altamente competitivo, e pode ser encontrada em centenas de pontos-de-venda. O critério de seleção dos títulos foi o já estabelecido pela tradição e pela crítica especializada. Em sua maioria são obras de ficção e filosofia, embora possa haver textos sobre religião, poesia, política, psicologia e obras de auto-ajuda. Inauguram a coleção quatro textos clássicos: *Dom Casmurro*, de Machado de Assis; *O Príncipe*, de Maquiavel; *Mensagem*, de Fernando Pessoa, e *O Lobo do Mar*, de Jack London.

Nossa proposta é fazer uma coleção quantitativamente aberta. A periodicidade é mensal. Editorialmente, sentimo-nos orgulhosos de poder oferecer a coleção “A Obra-Prima de Cada Autor” aos leitores brasileiros. Nós acreditamos na função do livro.

---

\* Atendendo a sugestões de leitores, livreiros e professores, a partir de certo número da coleção, começamos a publicar, de alguns autores, outras obras além da sua obra-prima.

## **Prefácio da Edição Brasileira**

MARTIN CLARET

Foi na Palestina, há quase dois mil anos, nos tempos de Herodes, Pilatos e Caifás. Nesse pequeno país, politicamente dominado, um homem, aos trinta anos, sai de sua aldeia e, pelos campos e cidades, começa a anunciar ao mundo uma nova mensagem de amor, fé e liberdade.

A essência de sua pregação era: “O reino de Deus está dentro de vós”. Ensinava por parábolas e aforismos. Falava em aramaico, a língua do povo. Ele também curava doentes, praticava atos de exorcismo e proclamava o fim de uma era e o começo de outra era. Quase sempre era seguido de discípulos, apóstolos, endemoniados doentes, prostitutas, camponeses iletrados, gente desiludida e desenraizada da vida.

Antes de sua vida pública, desempenhou as funções de carpinteiro. Nunca viajou mais de trezentos quilômetros do lugar em que nasceu. Nunca frequentou uma escola oficial ou o Templo. Não escreveu nenhum livro. Não teve um lar. Morreu pregado numa cruz.

Vinte séculos se passaram, e hoje ele é a figura central da história da humanidade. Nosso tempo é contado a partir da

data do seu nascimento. Influenciou e influencia todas as áreas do conhecimento humano. Fundou uma religião planetária que leva o seu nome. É o personagem histórico sobre o qual mais se escreveram livros, compuseram músicas e pintaram quadros. Alguns dizem que era o “filho de Deus” e o redentor de nossos pecados.

Mas quem era, realmente, esse Jesus, também chamado o Cristo? Um andarilho perturbado, contador de parábolas e fábulas, anunciando o fim do mundo e que se acreditava ser o Messias? Um simples curador e exorcista de demônios? Um dos tantos subversivos da Palestina, cujos atos públicos foram sonogados pelos evangelistas canônicos? Profeta ou crente fanático que pregava uma nova fé, mas que não pensava em fundar uma nova religião? Jesus nasceu em Belém? Tinha irmãos? São verdadeiros os muitos milagres que, dizem, realizou? Seria um líder político que, ao contrário da lenda, não ressuscitou, mas teve o cadáver roubado pelos apóstolos e amigos, depois da crucificação?

O livro que o leitor tem nas mãos conta a verdadeira história desse homem, e responde às perguntas acima formuladas.

\* \* \*

Na condição de editor de livros de religião, estamos permanentemente em contato com tudo o que acontece nesse universo editorial. Conhecemos os *best sellers*, as novidades lançadas mensalmente, os livros de risco, os livros que fracassaram editorialmente e os “furos literários” lançados no mercado. A maioria dos leitores sabe dessa nossa posição privilegiada.

Constantemente recebemos, por cartas, telefonemas e pessoalmente, perguntas sobre este ou aquele livro — antigos ou modernos, esgotados ou em circulação.

Um dos livros sobre o qual mais recebemos consulta é *Vida de Jesus* (Origens do Cristianismo), de Ernest Renan. A partir desse fato estatístico, fizemos uma pesquisa e constata-



mos que essa obra, publicada pela primeira vez em Paris no ano de 1863 e posteriormente traduzida para quase todas as línguas modernas, nunca fora editada no Brasil. Existe uma tradução feita em Portugal, pela Lello & Irmão Editores (Porto), anterior a 1926, com sucessivas reedições e distribuída no Brasil por vários importadores de livros.

Grande mistério! Perguntamos: como é que um livro como este, tido como um clássico, de grande interesse dos leitores em geral, não tenha sido ainda publicado no Brasil?

É verdade, existem outras “vidas de Jesus” — brasileiras e estrangeiras. Mas, por que a ausência da obra de Renan em nosso país?

Realizamos uma pesquisa de campo e confirmamos o grande interesse por parte de leitores e livreiros. Com o intuito de atender a essa demanda editorial, decidimos traduzir e publicar este livro de Ernest Renan. A partir da edição da Gallimard (Paris) de 1992, estamos, pois, oferecendo aos leitores brasileiros esta edição integral da famosa obra de Renan.

Para fazer um contraponto visual à narração do historiador francês, ilustramos o livro com mais de vinte gravuras sobre Jesus, feitas a partir de quadros célebres de pintores antigos e modernos.

Para maior informação ao leitor brasileiro, inserimos, na parte final da obra, uma cronologia do autor.

Sabemos que o livro de Renan, durante os seus 137 anos de existência literária, tem causado polêmica e controvérsia entre leitores ortodoxos ou superzelosos pelos textos bíblicos.

Nossa segurança e defesa são os inúmeros livros recentemente publicados no mundo inteiro, confirmando o “Jesus humano” apresentado por Renan. As descobertas arqueológicas e os modernos métodos de pesquisa e estudos de textos sagrados têm confirmado a magistral intuição do historiador francês. Acreditamos ser oportuno apresentar aos leitores brasileiros esta obra de corajosa visão histórica e rara beleza literária.

Por último, queremos agradecer a inestimável contribuição de pessoas físicas e jurídicas — sem as quais a realização

deste projeto editorial não teria sido possível. A todos nossa eterna gratidão.

Estamos felizes e literariamente orgulhosos em poder oferecer aos nossos amigos e leitores o *best seller* universal *Vida de Jesus*, de Ernest Renan.

## DEDICATÓRIA

**À alma pura de minha irmã Henriette**

**Falecida em Biblos, aos 24 de setembro de 1861**

*Recordas-te ainda, do seio de Deus em que repousas, desses longos dias de Gazir, quando, só contigo, eu escrevia estas páginas inspiradas pelos lugares que havíamos visitado juntos? Silenciosa a meu lado, relias cada folha e passava a limpo em seguida, enquanto o mar, as aldeias, as ravinas, as montanhas descortinavam-se a nossos pés. Quando a fatigante luz dava lugar ao imensurável exército de estrelas, tuas questões tinas e delicadas, tuas dúvidas discretas levavam-me ao objeto sublime de nossos pensamentos comuns. Disseste-me um dia que amaria este livro, primeiro porque ele fora feito contigo, e também porque ele era conforme teu coração. Se às vezes receavas os estreitos julgamentos do homem frívolo, sempre estive convencida de que as almas verdadeiramente religiosas acabariam por gostar dele. Em meio a essas doces meditações, a asa da morte nos tocou; o sono da febre nos pegou na mesma hora; eu acordei sozinho! Dormes agora na terra de Adonis, aos pés da santa Biblos e das águas sagradas onde as mulheres dos mistérios antigos vinham misturar suas lágrimas. Revela-me, ó boa alma, a*

*mim que tu amaras, essas verdades que dominam a morte, impedem o medo e quase nos levam a amá-la.*

## **Prefácio da 13ª edição**

As doze primeiras edições desta obra diferem umas das outras apenas em pequenas mudanças. A presente edição, ao contrário, foi revista e corrigida com mais cuidado. Desde que o livro foi publicado, há quatro anos, trabalhei sem descanso para melhorá-lo. As numerosas críticas que ele suscitou facilitaram, de certo modo, a tarefa. Li todas as que continham algo de sério. Creio poder afirmar, em sã consciência, que de forma alguma o ultraje e a calúnia infiltrados nelas me impediram de aproveitar as boas observações que essas críticas pudessem conter. Pesei e verifiquei tudo. Se, em certos casos, alguém se espantar por eu não ter acolhido as censuras que foram apresentadas com extrema segurança e como se estivessem tratando de erros incontestes, não é porque eu as tenha ignorado, é porque me foi impossível aceitá-las. Neste caso, o mais das vezes, juntei como notas os textos ou considerações que me impediram de mudar de opinião ou, por alguma leve mudança de redação, fiz ver onde estava o desprezo dos meus contraditores. Ainda que concisas e restritas à indicação das fontes de primeira mão, minhas notas sempre bastam para mostrar ao leitor instruído os raciocínios que me guiaram em toda a composição do texto.

Para me inocentar detalhadamente de todas as acusações das quais fui objeto, foi preciso triplicar ou quadruplicar meu



volume; foi preciso repetir coisas que já haviam sido bem ditas, mesmo em francês; foi preciso fazer polêmica religiosa, o que me proíbo terminantemente; foi preciso falar de mim, o que nunca faço. Eu escrevo para propor minhas ideias aos que buscam a verdade. Quanto às pessoas que necessitam, no interesse de sua crença, que eu seja um ignorante, um espírito falso ou um homem de má-fé, não tenho a pretensão de modificar seus julgamentos. Se essa opinião é necessária ao sossego de algumas pessoas piedosas, terei o maior escrúpulo em desiludi-las.

A controvérsia, aliás, se eu a houvesse lançado, teria levado frequentemente a pontos estranhos à crítica histórica. As objeções que me puseram vêm de dois lados opostos. Uma me foram enviadas por livres-pensadores que não creem no sobrenatural<sup>1</sup> nem, em consequência, na inspiração dos livros santos, ou por teólogos da escola protestante liberal com uma noção tão ampla do dogma que o racionalismo pode bem se entender com eles. Esses adversários e eu nos encontramos sobre o mesmo terreno, paramos dos mesmos princípios, podemos discutir segundo as regras seguidas em todas as questões de história, de filologia, de arqueologia. Quanto às refutações que foram feitas ao meu livro (e são mais numerosas) por teólogos ortodoxos, sejam católicos, protestantes, crentes no sobrenatural e no caráter sagrado dos livros do Antigo e do Novo Testamento, todas elas implicam um mal-entendido fundamental. Se o milagre possui algo de real, meu livro não passa de uma trama de erros. Se os Evangelhos são livros inspirados, consequentemente verdadeiros ao pé da letra, do começo ao fim, cometi grande erro de não me contentarem colocar integralmente os trechos recortados dos quatro textos,

---

<sup>1</sup> Sempre entendo por esta palavra “o sobrenatural particular”, a intervenção da divindade visando a um objetivo especial, o milagre, e não “o sobrenatural geral”, a alma escondida do universo, o ideal, origem e causa final de todos os movimentos do mundo.

como fazem os harmonistas, exceto para construir, deste modo, o conjunto mais redundante e mais contraditório. Se, ao contrário, o milagre é uma coisa inadmissível, tive razão em encarar os livros que contêm relatos milagrosos como histórias misturadas à ficção, como lendas cheias de imprecisões, de erros, de arbitrariedades sistemáticas. Se os Evangelhos são livros como outros, tive razão em tratá-los da mesma maneira que o helenista, o arabista e o indianista tratam os documentos lendários que estudam. A crítica não conhece textos infalíveis; seu primeiro princípio é admitir a possibilidade de um erro no texto que estuda. Longe de ser acusado de ceticismo, devo ser posto entre os críticos moderados, já que, em vez de rejeitar em bloco os documentos enfraquecidos por tanta mistura, tento tirar deles algo de histórico por meio de delicadas aproximações.

E que não se diga que tal maneira de pôr a questão implica uma petição de princípio, que suponha *a priori* o que deve ser provado pelo detalhe, saber que os milagres contados pelos Evangelhos não foram verídicos, que os Evangelhos não são livros escritos com a participação da divindade. Estas duas negações não são, a nosso ver, resultado de exegese; elas são anteriores à exegese. São fruto de uma experiência que não foi desmentida. Os milagres são dessas coisas que nunca acontecem; somente as pessoas crédulas acreditam vê-los; não se pode citar um único que se tenha passado diante de testemunhas capazes de constatá-los; nenhuma intervenção particular da divindade na confecção de um livro ou em qualquer acontecimento que seja foi provada. Por isso, se se admite o sobrenatural, está-se fora da ciência, admite-se uma explicação que não tem nada de científica, uma explicação que dispensa o astrônomo, o físico, o químico, o geólogo, o fisiologista, e o historiador deve também ser dispensado. Rejeitamos o sobrenatural pela mesma razão que rejeitamos a existência de centauros e hipogrifos: é que nunca os vimos. Não é porque me foi anteriormente demonstrado que os evangelistas não merecem crédito absoluto que eles con-

tam. É porque eles contam milagres que eu digo: “Os Evangelhos são lendas; eles podem conter história, mas certamente nem tudo ali é histórico”.

Então é impossível que o ortodoxo e o racionalista que nega o sobrenatural possam se ajudar muito em tais questões. Aos olhos dos teólogos, os Evangelhos e os livros bíblicos em geral são livros como não há outros, livros mais históricos que as melhores histórias, já que eles não contêm nenhum erro. Para o racionalista, ao contrário, os Evangelhos são textos aos quais se devem aplicar as regras comuns da crítica; nós somos, sob seu ponto de vista, como são os arabistas diante “do Corão e dos *hadith*, como são os indianistas diante dos Vedas e dos livros búdicos. Os arabistas veem o Corão como infalível? Eles são acusados de falsificar a história quando contam as origens do islamismo de forma diferente da dos teólogos muçulmanos? Os indianistas tomam o *Lalitavistara* (vida lendária de Buda) por uma biografia?

Como, partindo de princípios opostos, esclarecer-se reciprocamente? Todas as regras da crítica supõem que o documento submetido a exame tem um valor relativo, que esse documento pode se enganar, que ele pode ser reformado por um documento melhor. Convencido de que todos os livros que o passado nos deixou são obra de homens, o sábio profano não hesita em contrariar os textos quando eles se contradizem, quando enunciam coisas absurdas ou formalmente refutadas por testemunhas mais autorizadas. O ortodoxo, ao contrário, certo de antemão de que não há um único erro nem contradição nos livros sagrados, presta-se aos meios mais violentos, aos expedientes mais desesperados para sair das dificuldades. A exegese ortodoxa é como um tecido de sutilezas; uma sutileza pode ser verdadeira isoladamente, mas mil sutilezas não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo. Se havia em Tácito ou Políbio erros tão caracterizados como os que Lucas comete a respeito de Quirino e de Tendas, dir-se-ia que Tácito e Políbio se enganaram. Juízos que não seriam feitos se se tratasse de literatura grega ou latina; hipóteses as quais um Boissonade ou mesmo

um Rollin não considerariam jamais, achamos plausíveis quando se trata de justificar um autor sagrado.

Então é o ortodoxo que cai numa petição de princípio quando reprova o racionalista por mudar a história porque ela não segue ao pé da letra os documentos que o ortodoxo toma como sagrados. Não é porque uma coisa está escrita que ela é verdadeira. Os milagres de Maomé estão escritos tanto quanto os de Jesus, e certamente as biografias árabes de Maomé — a de Ibn-Hischam, por exemplo — têm um caráter bem mais histórico que os Evangelhos. E por isso admitimos os milagres de Maomé? Seguimos Ibn-Hischam com alguma confiança, quando não temos razões para nos afastarmos dele. Mas, quando ele nos conta coisas absolutamente incríveis, não temos dificuldade em abandoná-lo. Com certeza, se tivéssemos quatro Vidas de Buda, em parte fabulosas e também inconciliáveis entre elas como os quatro Evangelhos o são entre eles, e se um sábio tentasse desembaraçar os quatro relatos búdicos de suas contradições, não se repreenderia este sábio por fazer os textos mentirem. Seda tido como bom que ele levasse as passagens discordantes a se entenderem, que ele procurasse um acordo, uma espécie de meio-termo, sem conter nada de impossível, em que as testemunhas opostas fossem balanceadas entre elas e violentadas o mínimo possível. Se, depois disso, os budistas proclamassem mentira, falsificação da história, teríamos o direito de lhes responder: “Aqui não se trata de história e, se nos desviamos às vezes de seus textos, a culpa é desses textos, que contêm coisas impossíveis de se acreditar e, aliás, são contraditórios”.

Na base de qualquer discussão sobre tais matérias está a questão do sobrenatural. Se o milagre e a inspiração de certos livros são coisas reais, nosso método é detestável. Se o milagre e a inspiração dos livros são crenças sem realidade, nosso método é bom. Ora, a questão do sobrenatural para nós é decidida com inteira certeza, pela única razão de que não há como acreditar em algo ao qual mundo não oferece nenhum traço experimental. Não acreditamos em milagre, como não acreditamos em alma do outro mundo, em diabo, em bruxaria, em

astrologia. Precisamos refutar ponto por ponto os longos raciocínios do astrólogo para negar que os astros influam nos acontecimentos humanos? Não. Basta essa experiência negativa, mas também demonstrativa como melhor prova direta, de que nunca constatamos tal influência.

Não apraz a Deus que desconheçamos os serviços que os teólogos prestaram à ciência! A pesquisa e a reconstituição dos textos que servem de documentos para essa história foram obra de teólogos geralmente ortodoxos. O trabalho de crítica foi obra dos teólogos liberais. Mas há uma coisa que um teólogo nunca saberia ser: um historiador. A história é essencialmente desinteressada. O historiador só tem uma preocupação, a arte e a verdade (duas coisas inseparáveis — a arte guardando o segredo das leis mais íntimas do verdadeiro). O teólogo tem um interesse, seu dogma. Reduza esse dogma tanto quanto queira: ele é ainda, para o artista e o crítico, de um peso insuportável. O teólogo ortodoxo pode ser comparado a um pássaro na gaiola — qualquer movimento próprio lhe é proibido. O teólogo liberal é um pássaro ao qual lhe cortaram algumas penas da asa. Você o toma por mestre de si mesmo, e o é, de fato, até o momento de levantar voo. Então você vê que ele não é completamente filho do ar. Declaremos astutamente: os estudos críticos relativos às origens do cristianismo só dirão sua última palavra quando forem cultivados num espírito puramente leigo e profano, segundo o método dos helenistas, dos arabistas, dos sanscritistas, pessoas estranhas a qualquer teologia, que não pensam em edificar nem em escandalizar; em defender os dogmas nem derrubá-los.

Dia e noite, ousou dizê-lo, refleti sobre essas questões, que devem ser discutidas sem outros preconceitos que não os que constituem a própria essência da razão. A mais grave de todas, incontestavelmente, é a do valor histórico do quarto Evangelho. Os que não vacilaram sobre tais problemas fazem crer que não compreenderam toda a sua dificuldade. Podem-se dispor as opiniões sobre esse Evangelho em quatro classes, como se segue resumidamente:



Primeira opinião: “O quarto Evangelho foi escrito pelo apóstolo João, filho de Zebedeu. Os fatos contidos neste Evangelho são todos verdadeiros; os discursos que o autor põe na boca de Jesus foram realmente proferidos por Jesus”. É a opinião ortodoxa. Do ponto de vista da crítica racional ela é completamente insustentável.

Segunda opinião: “O quarto Evangelho é considerado como do apóstolo João, se bem que possa ter sido redigido e retocado por seus discípulos. Os fatos contados neste Evangelho são tradições diretas sobre Jesus. Os discursos são geralmente composições livres, exprimindo apenas a forma como o autor concebia o espírito de Jesus”. É a opinião de Ewald e, de certa forma, a de Lücke, de Weisse, de Reuss. É a opinião que eu havia adotado na primeira edição desta obra.

Terceira opinião: “O quarto Evangelho não é obra do apóstolo João. Ele lhe foi atribuído por alguns de seus discípulos por volta do ano 100. Os discursos são quase intente fictícios, mas as partes narrativas encerram preciosas tradições, remontando em parte ao apóstolo João”. É a opinião de Weizsaecker, de Michel Nicolas. É à qual me apego atualmente.

Quarta opinião: “O quarto Evangelho não é de modo algum do apóstolo João. Nem pelos fatos nem pelos discursos que ali são relatados. É uma obra da imaginação, e em parte alegórica, que surgiu por volta do ano 150, na qual o autor se propôs não contar efetivamente a vida de Jesus, mas fazer prevalecer a ideia que se fazia de Jesus”. Tal é a opinião de Baur, Schwegler, Strauss, Zeller, Volkmar, Hilgenfeld, Schenkel, Scholten, Réville.

Não posso me ligar inteiramente a esse partido radical.

Ainda creio que o quarto Evangelho tenha uma ligação real com o apóstolo João, e que foi escrito perto do fim do século I. Entretanto, devo confessar que, em certas passagens de minha primeira redação, tendi demais para a autenticidade. A força comprobatória de alguns argumentos sobre os quais eu insistia me parece diminuída. Não creio mais que São Justino tenha posto o quarto Evangelho no mesmo nível que os sinóticos,

entre as “memórias dos apóstolos”. A existência de *Presbyteros Joannes* como personagem distinto do apóstolo João me parece agora muitíssimo problemática. A opinião segundo a qual o apóstolo João, filho de Zebedeu, tenha escrito a obra — hipótese nunca admitida completamente mas, pela qual, por momentos, eu mostrava alguma fraqueza — está descartada como improvável. Enfim, reconheço que errei ao rejeitar a hipótese de um falso escrito atribuído a um apóstolo ao fim da idade apostólica. A Segunda Epístola de São Pedro, da qual ninguém pode razoavelmente sustentar a autenticidade, é exemplo de uma obra — bem menos importante, é verdade, que o quarto Evangelho — suposta nessas condições. De resto, essa não é a questão capital. O essencial é saber como usar conveniente mente o quarto Evangelho quando se tenta escrever a vida de Jesus. Insisto em pensar que esse Evangelho possui um valor de fundo paralelo ao dos sinóticos, e às vezes mesmo superior.

Todas as frases que implicavam mais ou menos que o quarto Evangelho foi do apóstolo João ou de uma testemunha ocular dos fatos evangélicos foram revisadas. Para traçar o caráter pessoal de João, filho de Zebedeu, pensei no rude *Boanerges* (“filho do trovão”) de Marcos, no visionário terrível do Apocalipse, e não mais no místico cheio de ternura que escreveu o Evangelho do amor. Insisto com menos confiança em certos detalhes que nos são fornecidos pelo quarto Evangelho. As suposições tão restritas que eu havia feito do discurso desse Evangelho foram ainda mais diminuídas. Eu me deixei enredar demais na sequencia do pretense apóstolo no que tange à promessa do Paráclito. Da mesma forma, não estou mais tão certo de que o quarto Evangelho tenha razão na sua discordância com os sinóticos sobre o dia da morte de Jesus. Quanto ao lugar da Ceia, ao contrário, insisto na minha opinião. O relato sinótico que reporta a instituição eucarística à última noite de Jesus parece-me encerrar uma inverosimilhança equivalente a um quase milagre. Esta é, na opinião, uma versão conveniente e que repousava sobre uma certa miragem de lembranças.

O exame crítico dos sinóticos, no fundo, não foi modificado. Completamos e precisamos certos pontos, especialmente no que diz respeito a Lucas. Sobre Lisânias, um estudo da inscrição de Zenóforo em Baalbeck, que fiz para a Missão da Fenícia, levou-me a crer que o evangelista podia não estar tão enganado como hábeis críticos o pensam. Sobre Quirino, ao contrário, o último memorial de Mommsen definiu a questão contra o terceiro Evangelho. Marcos me parece cada vez mais o estilo primitivo da narração sinótica, e o texto mais autorizado.

O parágrafo relativo aos apócrifos foi desenvolvido. Os textos importantes publicados por Ceriani foram aproveitados ao máximo. Hesitei muito sobre o livro de Henoc. Rejeitei a opinião de Weisse, de Volkmar, de Groetz, que creem ser o livro inteiro posterior a Jesus. Quanto à parte mais importante do livro, a que se estende do 37º capítulo ao 71º, não ousei decidir-me entre os argumentos de Hilgenfeld, Colani, que consideram esta parte posterior a Jesus, e a opinião de Hoffmann, Dillmann, Koestlin, Ewald, Lücke, Weizsaecker, que a tomam como anterior. Como seria desejável que encontrássemos o texto grego desse escrito fundamental! Não sei por que teimo em acreditar que essa esperança não é vã. Em todo caso, deixei um sinal de dúvida nas induções tiradas dos capítulos citados. Mostrei, ao contrário, as relações singulares entre os discursos de Jesus contidos nos últimos capítulos dos Evangelhos sinóticos e os apocalipses atribuídos a Henoc, relações que a descoberta do texto grego completo da epístola atribuída a São Barnabé esclareceu, e que Weizsaecker bem destacou. Os resultados corretos obtidos por Volkmar sobre o quarto livro de Esdras, e que concordam, com mínima aproximação, com os de Ewald, também foram levados em conta. Diversas novas citações talmúdicas foram introduzidas. O espaço dedicado ao essenismo foi um pouco aumentado.

Minha decisão de excluir a bibliografia foi muitas vezes mal-interpretada. Creio haver declarado suficientemente o que devo aos mestres da ciência alma em geral, e a cada um

deles em particular, para que tal silêncio não possa ser tachado de ingratidão. A bibliografia só é útil quando é completa. Ora, o gênio alemão produziu tanto no terreno da crítica evangélica que, se eu fosse citar todos os trabalhos relativos às questões tratadas neste livro, teria triplicado a extensão das notas e mudado o caráter do meu escrito. Não se pode fazer tudo ao mesmo tempo. Então, me ative à regra de admitir apenas citações de primeira mão. O número delas foi muito multiplicado. Por outro lado, para a comodidade dos leitores franceses que não estão a par desses estudos, mantive a lista sumária dos escritos compostos em língua francesa, na qual se podem encontrar detalhes que tive de omitir. Várias dessas obras afastam-se das minhas ideias, mas todas levam um homem instruído a refletir e o põe a par de nossas discussões.

A trama do relato foi pouco mudada. Certas expressões fortes demais sobre o espírito comunista, que foi da essência do cristianismo nascente, foram amenizadas. Entre as pessoas das relações de Jesus, admiti algumas cujos nomes não figuram nos Evangelhos, mas que são reconhecidas como testemunhas dignas de confiança. No que diz respeito ao nome de Pedro, houve modificação; também adotei uma outra hipótese sobre Levi, filho de Alfeu, e sobre suas relações com o apóstolo Mateus. Quanto a Lázaro, alio-me, agora sem hesitar, ao sistema engenhoso de Strauss, Baur, Zeller, Scholten, segundo o qual o bom pobre da parábola de Lucas e o ressuscitado de João são uma só pessoa. Contudo, poderá ser notado que guardo alguma realidade combinando-o com Simão, o leproso. Adoto também a hipótese de Strauss sobre diversos discursos atribuídos a Jesus nos seus últimos dias, e que parecem citações de escritos difundidos no século I. A discussão dos textos sobre a duração da vida pública de Jesus foi determinada com mais precisão. A topografia de Beffagé e de Dalmanuta foi modificada. A questão do Gólgota foi retomada segundo os trabalhos do Sr. de Vogüé. Uma pessoa muito versada em história botânica ensinou-me a distinguir, nos pomares da Galiléia, as árvores que ali se encontravam há mil e

oitocentos anos e as que só foram transplantadas depois. Também cedi lugar a algumas observações que me foram comunicadas sobre a bebida dos crucificados. No relato das últimas horas de Jesus, em geral atenuei as frases elaboradas que pudessem parecer históricas demais. É aí que as explicações favoritas de Strauss melhor se aplicam, que as intenções dogmáticas e simbólicas se mostram a cada passo. Já disse e repito: se, ao escrever a vida de Jesus, nos tivéssemos em adiantar apenas as certezas, deveríamos nos limitar a algumas linhas. Ele existiu. Era de Nazaré da Galiléia. Pregou de uma maneira encantadora e deixou na memória dos discípulos aforismos que lhes ficaram gravados profundamente. Os dois principais dos seus discípulos foram Cefas e João, filho de Zebedeu. Ele excitou a ira dos judeus ortodoxos, que conseguiram condená-lo à morte, por meio de Pôncio Pilatos, então procurador da Judéia. Foi crucificado fora dos portões da cidade. Acreditou-se pouco depois que ele tenha ressuscitado. Eis o que saberíamos com certeza, mesmo que os Evangelhos não existissem ou fossem mentirosos, com textos de autenticidade e datas incontestáveis, tais como as epístolas evidentemente autênticas de São Paulo, a Epístola aos Hebreus, o Apocalipse e outros textos admitidos por todos. Fora isso, é permitida a dúvida. Quem foi sua família? Qual foi, em particular, sua relação com Tiago, “irmão do Senhor”, que, após sua morte, desempenha papel fundamental? Teve ele realmente relações com João Batista, seus discípulos mais célebres vieram da escola do Batista? Quais foram suas ideias messiânicas? Ele é visto como o Messias? Quais foram suas ideias apocalípticas? Acreditou-se que ele apareceria nas nuvens como Filho do Homem? Ele podia imaginar que faria milagres? Ele doou sua vida à humanidade? Quando a lenda começou em torno dele, teve conhecimento disso? Qual foi seu caráter moral? Quais foram suas ideias sobre admissão dos gentios no reino de Deus? Foi ele um puro seguidor do judaísmo como Tiago, ou rompeu com o judaísmo, como o fez mais tarde a maior parte de sua Igreja? Qual foi a ordem do desenvolvimento de seu



pensamento? Os que procuram apenas o indubitável em história devem se calar diante de tudo isso. Os Evangelhos, para essas questões, são testemunhas pouco certas, já que normalmente fornecem argumentos a duas teses opostas, e que a figura de Jesus ali é modificada de acordo com as visões dogmáticas dos redatores. Na minha opinião, penso que em tais ocasiões é permitido fazer conjecturas, com a condição de propô-las para o que são. Os textos, não sendo históricos, não dão certeza, mas dão alguma coisa. Não se deve segui-los com confiança cega; nem privar-se de seu testemunho com um desdém injusto. É preciso empenho em decifrar o que eles escondem, sem - nunca estar absolutamente certo de tê-lo encontrado.

Coisa singular! Sobre todos esses pontos, é a escola de teologia liberal que propõe as soluções mais céticas. A apologia sensata do cristianismo achou melhor deixar em branco as circunstâncias históricas do nascimento do cristianismo. Os milagres, as profecias messiânicas, outrora bases da apologia cristã, tomaram-se incômodos; buscou-se descartá-los. Ouvindo os partidários dessa teologia, entre os quais eu poderia citar tantos eminentes críticos e nobres pensadores, Jesus não pretendeu fazer nenhum milagre; ele não se dizia o Messias; não pensou nos discursos apocalípticos que lhe são atribuídos sobre as catástrofes finais. Que Pápias, tão bom tradicionalista, tão zeloso em recolher as palavras de Jesus, seja milenarista (Apoc. XX, 1-3) exaltado; que Marcos, o mais antigo e mais autorizado dos narradores evangélicos, seja quase exclusivamente preocupado com milagres, pouco importa. Reduz-se tanto o papel de Jesus, que teríamos dificuldade em dizer quem ele foi. Sua condenação à morte não tem mais razão de ser sob uma tal hipótese que o destino que fez dele chefe de um movimento messiânico e apocalíptico. Foi por seus preceitos morais, pelo Sermão da Montanha, que Jesus foi crucificado? Certamente não. Essas máximas eram há algum tempo moeda corrente das sinagogas. Nunca se matou ninguém por havê-las repetido. Se Jesus foi morto é porque dizia algo a mais. Um homem sábio, que esteve envolvido nesses debates, escreveu-

me recentemente: “Como, antigamente, era preciso provar a qualquer preço que Jesus era Deus, trata-se, para a escola protestante de hoje, de provar não apenas que ele era simplesmente homem, mas ainda que ele sempre se viu como tal. Insiste-se em representá-lo como o homem de bom senso, o homem prático por excelência; ele é transformado à imagem e segundo o sentimento da teologia moderna. Eu creio, como o senhor, que não é mais o caso de se fazer justiça à verdade histórica, mas de negligenciar um aspecto essencial dela”.

Essa tendência já foi mais de uma vez produzida no seio do cristianismo. O que queria Marcião? O que queriam os gnósticos do século II? Descartar as circunstâncias materiais de uma biografia cujos detalhes humanos os chocavam. Baur e Strauss obedecem a necessidades filosóficas análogas. O eão divino<sup>2</sup>, o que se desenvolve pela humanidade, não tem nada a ver com incidentes anedóticos, com a vida particular de um indivíduo. Seholtzen e Sehinkel insistem em um Jesus histórico e real, mas seu Jesus histórico não é nem um messias, nem um profeta, nem um judeu. Não se sabe o que ele quis; não se compreende nem sua vida nem sua morte. Seu Jesus é um cão à sua moda, um ser intangível. A história pura não conhece tais seres. A história pura deve construir seu edifício com duas espécies de dados e — atrevo-me a dizer — dois fatores: primeiro, o estado geral da alma humana em um século e em um país determinados; em segundo lugar, os incidentes particulares que, combinados com as causas gerais, determinaram o curso dos acontecimentos. Explicar a história pelos incidentes é tão falso como explicar por princípios puramente filosóficos. As duas explicações devem se sustentar e se completar uma à outra. A história de Jesus e dos apóstolos deve ser antes de tudo a história de uma grande miscelânea de

---

<sup>2</sup> No sistema gnóstico, “eão” designa o ser diretamente emanado de Deus e cada vez mais imperfeito à medida que se distancia de sua fonte inefável.

ideias e de sentimentos; entretanto, isso não é suficiente. Mil acasos, mil esquisitices, mil mesquinhasias se misturaram às ideias e aos sentimentos. Definir exatamente esses acasos, essas esquisitices, essas mesquinhasias, hoje é impossível; o que a lenda nos conta a esse respeito pode ser verdade, mas bem pode não ser. Na minha opinião, o melhor é ficar o mais próximo possível dos relatos originais, descartando todas as impossibilidades, semeando por todo lado os sinais de dúvida e apresentando como conjecturas as diversas formas do que pode ter acontecido. Não estou bem certo de que a conversão de São Paulo se tenha passado como contam os Atos, mas ela se passou de uma forma não muito longe disso, já que São Paulo nos conta, ele mesmo, que teve uma visão de Jesus ressuscitado, que deu uma direção inteiramente nova à sua vida. Não estou bem certo de que o relato dos Atos sobre a descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes seja muito histórico, mas as ideias que se espalharam sobre o batismo de fogo levam-me a crer que houve no círculo apostólico um ilusionismo em que o raio desempenhou um papel, como no Sinai. As visões de Jesus ressuscitado tiveram como causa circunstâncias fortuitas, interpretadas por imaginações vivas e já preocupadas.

Se os teólogos liberais refutam explicações desse gênero é porque eles não querem sujeitar o cristianismo às leis comuns dos outros movimentos religiosos; também porque, talvez, não conheçam suficientemente a teoria da vida espiritual. Não há movimento religioso em que tais decepções não tenham grande papel. Pode-se até dizer que elas são permanentes em certas comunidades, como a dos pietistas protestantes, dos mórmons, dos conventos católicos. Nesses pequenos mundos exaltados, não é raro que as conversões aconteçam depois de algum incidente em que a alma tocada vê o dedo de Deus. Esses incidentes sempre têm algo de pueril e os crentes os escondem; é um segredo entre o céu e eles. Um acaso não é nada para uma alma fria ou distraída; para uma alma obcecada, é um sinal divino. Dizer que foi um acidente material que mudou

profundamente São Paulo, Santo Inácio de Loyola, ou melhor, que deu uma nova aplicação a suas atividades é, sem dúvida, inexato. É o movimento interior dessas naturezas fortes que preparou o grande acontecimento, mas o grande acontecimento foi determinado por uma causa exterior. Todos esses fenômenos se ligam, enfim, a um estado moral que não é mais o nosso. Os antigos se guiavam, na grande parte dos seus atos, pelos sonhos que tinham tido na noite anterior, por induções tiradas do primeiro objeto fortuito que lhes chamasse a atenção, por sons que pensavam ouvir. Houve voos de pássaro, correntes de ar, dores de cabeça que decidiram o destino do mundo. Para ser sincero e íntegro, é preciso dizer isso e, quando documentos mediocrementemente corretos nos contam incidentes desse tipo, é preciso atentar para não deixá-los passar sob silêncio. Não existem detalhes corretos em história; contudo, os detalhes sempre têm algum significado. O talento do historiador consiste em fazer um conjunto verdadeiro com traços meio verdadeiros.

Pode-se então destinar um lugar na história para os acidentes particulares sem, com isso, ser um racionalista da velha escola, um discípulo de Paulus (defensor da exegese racionalista). Paulus era um teólogo que, querendo o mínimo de milagres possível e não ousando tratar os relatos bíblicos como lendas, distorcia-os para explicá-los de uma forma natural. Paulus pretendia com isso conservar toda a autoridade da Bíblia e penetrar no verdadeiro pensamento dos autores sagrados<sup>3</sup>.

Eu sou um crítico profano; creio que nenhum relato sobrenatural seja estritamente verdadeiro; penso que, em cem relatos sobrenaturais, existam oitenta que nasceram da imaginação

---

<sup>3</sup> Aí estava o ridículo de Paulus. Se ele tivesse se contentado em dizer que muitos relatos de milagres têm como base fatos naturais mal compreendidos, ele teria fido razão. Mas caía na puerilidade sustentando que o narrador sacro só quis contar coisas simples e que beneficiada o texto bíblico ao desembaraçá-lo de seus milagres. O crítico profano pode e deve fazer essas espécies de hipótese, ditas “racionalistas”; o teólogo não tem esse direito, pois a condição prévia de tais hipóteses é supor que o texto não é revelado.

popular; entretanto admito que, em casos mais raros, a lenda vem de um fato real transformado pela imaginação. Entre a massa de fatos sobrenaturais contados pelos Evangelhos e os Atos, tento mostrar em cinco ou seis como a ilusão pôde nascer. O teólogo, sempre sistemático, quer que uma única explicação se aplique do começo ao fim da Bíblia; o crítico acredita que todas as explicações devam ser tentadas, ou melhor, que se deva mostrar sucessivamente a possibilidade de cada uma delas. O que uma explicação tem de repugnante para o nosso gosto não é absolutamente uma razão para a rejeitarmos. O mundo é ao mesmo tempo uma comédia infernal e divina, onde o bem, o mal, o feio, o bonito desfilam nos lugares marcados, visando ao cumprimento de um fim misterioso. A história não será história se não ficarmos, ao lê-la, alternadamente encantados e revoltados, entristecidos e consolados.

A primeira tarefa do historiador é descrever bem o meio em que se passa o fato que ele relata. Ora, a história das origens religiosas nos transporta para um mundo de mulheres, de crianças, de cabeças ardentes ou perdidas. Situe esses fatos num meio de espíritos positivos, e eles serão absurdos, ininteligíveis, e eis por que os países pesadamente racionais como a Inglaterra não estão em condições de entender nada disso. O que peca nas argumentações outrora tão célebres de Sherlock ou de Gilbert West sobre a ressurreição, de Lyttelton sobre a conversão de São Paulo, não é o raciocínio: ele triunfa de solidez; é a justa apreciação da diversidade dos meios. Todas as tentativas religiosas que conhecemos claramente apresentam uma mistura inaudita de sublime e de bizarro. Leia esses processos verbais do saint-simonismo primitivo, publicados com uma admirável candura pelos adeptos sobreviventes. Ao lado de papéis repulsivos, de declamações insípidas, que charme, que sinceridade, desde que o homem ou a mulher do povo entram em cena, trazendo a ingênua confissão de uma alma que se abre sob o primeiro doce raio que o tocou. Há mais de um exemplo de belas coisas duráveis que foram fundadas sobre criancices singulares. Não se deve procurar nenhuma proporção



entre o incêndio e a causa que o acende. A devoção de Salette é um dos grandes acontecimentos religiosos de nosso século. Essas basílicas, tão respeitáveis, de Chartres, de Laon, foram levantadas sobre ilusões do mesmo gênero. O Corpus Christi teve como causa as visões de uma religiosa de Liège que acreditava sempre, em suas orações, ver a lua cheia com uma pequena fenda. Citaríamos movimentos cheios de sinceridade que foram produzidos no meio de impostores. A descoberta da santa lança na Antioquia, onde a trapaça foi tão evidente, decidiu a sorte das Cruzadas. O movimento mórmon, cujas origens são tão vergonhosas, inspirou coragem e devoção. A religião dos drusos<sup>4</sup> repousa sobre uma trama de absurdos que confunde a imaginação, e tem seus devotos. O islamismo, que é o segundo acontecimento da história do mundo, não existiria se o filho de Amina<sup>5</sup> não fosse epilético. O doce e imaculado Francisco de Assis não teria tido sucesso sem o frei Elias. A humanidade é tão fraca de espírito que a mais pura coisa precisa da cooperação de algum agente impuro.

Cuidemo-nos ao aplicar nossas distinções conscienciosas, nossos raciocínios de cabeça fria e clara na apreciação desses acontecimentos extraordinários, que são ao mesmo tempo tão fortes acima e abaixo de nós. Cada qual queria fazer de Jesus um sábio, um filósofo, um patriota, um homem de bem, um moralista, um santo. Ele não foi nada disso. Foi um encantador. Não façamos o passado à nossa imagem. Não creiamos que a Ásia é a Europa. Para nós, o louco é um ser fora da regra; torturamo-lo para fazê-lo entrar nela; os horríveis tratamentos das antigas Casas de loucos eram conformes à lógica escolástica e cartesiana. No Oriente, o louco é um ser privilegiado; ele entra nos mais altos conselhos, sem que ninguém ouse impedi-lo; ele é

---

<sup>4</sup> População dividida entre o Líbano, a Síria e a Palestina, que pratica uma religião iniciática nascida sob o reino do califa do Egito al-Hakim, no começo do século XI.

<sup>5</sup> O profeta Maomé.

ouvido, consultado. É um ser que se crê mais perto de Deus porque, sua razão individual estando extinta, supõe-se que ele participe da razão divina. O espírito que revela por uma fina troça qualquer defeito de raciocínio não existe na Ásia. Uma pessoa graduada do islamismo me contava que há alguns anos, sendo necessária uma reparação urgente no túmulo de Maomé em Medina, chamaram alguns pedreiros, avisando que o que descesse naquele lugar teria a cabeça cortada ao subir. Alguém se apresentou, desceu, fez o conserto, depois se deixou decapitar. “Era necessário”, disse-me o interlocutor; “esses lugares são imaginados de uma certa maneira; não precisa ninguém dizer que eles são diferentes”.

As consciências confusas não saberiam ter a nitidez do bom senso. Ora, apenas as consciências confusas fundamentam poderosamente. Eu quis fazer um quadro em que as cores fossem fundidas como na natureza, que fosse parecido com a humanidade, quer dizer, grande e pueril ao mesmo tempo, onde víssemos o instinto divino franquear seu caminho com segurança em meio a mil singularidades. Se o quadro ficou sem sombra, foi a prova de que era falso. O estado dos documentos não me permite dizer em que caso a ilusão foi consciente dela mesma. Tudo o que se pode dizer é que ela o foi às vezes. Não se pode levar durante anos a vida de taumaturgo sem ser dez vezes acuado, sem ser forçado pelo público. O homem objeto de uma lenda durante sua vida é conduzido tiranicamente por ela. Começa-se pela ingenuidade, a credulidade, a inocência absoluta: acaba-se com dificuldades de toda espécie e, para sustentar a potência divina em dificuldades, sai-se delas mediante expedientes desesperados. Foi-se intimado: convém deixar arruinar a obra de Deus porque Deus demora a se revelar? Joana d’Arc não fez falar mais de uma vez suas vozes segundo a necessidade do momento? Se o relato da revelação secreta que ela fez ao rei Carlos VII tem alguma realidade, o que é difícil de negar, é preciso que essa inocente moça tenha apresentado como efeito de uma intuição sobrenatural o que ela contou como confidência. Uma exposição de história religiosa que

não abra uma luz oblíqua sobre suposições desse tipo é por isso mesmo alegada de não ser completa.

Qualquer circunstância verdadeira ou provável ou possível deveria então ter seu lugar em minha narração, com sua nuance de probabilidade. Numa tal história, seria preciso dizer não somente o que aconteceu, mas ainda o que pode ter acontecido com verossimilhança. A imparcialidade com a qual eu tratava meu sujeito me impedia de recusar uma conjectura, mesmo chocante — pois sem dúvida houve muito de chocante no modo como as coisas se passaram. Apliquei do começo ao fim o mesmo procedimento de maneira inflexível. Disse as boas impressões que os textos me sugeriam; não deveria omitir as más. Quis que meu livro tivesse seu valor, mesmo no dia em que se chegasse a ver um certo grau de fraude como um elemento inseparável da história religiosa. Era preciso fazer meu herói belo e encantador (pois, sem controvérsia, ele o foi); e isso, apesar dos atos que, em nossos dias, seriam qualificados de maneira desfavorável. Elogiaram-me por haver procurado construir um relato vivo, humano, possível. Meu relato teria merecido esses elogios se tivesse apresentado as origens do cristianismo como absolutamente imaculadas? Seria admitir o maior dos milagres. O que resultou foi um quadro de extrema frieza. Não digo que, por falta de manchas, tive de inventá-las. Pelo menos eu devia deixar cada texto produzir sua nota suave ou discordante. Se Goethe estivesse vivo, ele me aprovaria por esse escrúpulo. Esse grande homem não me perdoaria um quadro todo celeste: teria querido traços repulsivos, pois, certamente, na realidade, passaram-se coisas que nos chocariam se nos fossem dadas a ver<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Entretanto, como em tais assuntos a edificação corre solta, achei que devia extrair da *Vida de Jesus* um pequeno volume onde nada pudesse prender as almas pias que não se preocupam com a crítica. Intitulei-o *Jesus*, para distingui-lo da presente obra, que faz parte da série intitulada *História das origens do cristianismo*. Nenhuma das modificações introduzidas na edição aqui apresentada ao público atinge este pequeno volume; jamais farei mudanças nele.

Além disso, a mesma dificuldade se apresenta para a história dos apóstolos. Esta história é admirável a seu modo. Mas o que há de mais chocante que a glossolalia que é atestada por textos irrecusáveis de São Paulo? Os teólogos liberais admitem que o desaparecimento do corpo de Jesus foi uma das bases da crença na ressurreição. O que significa isso, senão que a consciência cristã naquele momento foi dupla, que uma metade dessa consciência criou a ilusão da outra metade? Se os mesmos discípulos tivessem removido o corpo e se espalhassem pela cidade gritando: “Ele ressuscitou!”, a impostura teria sido caracterizada. Mas, sem dúvida, não foram os mesmos que fizeram essas duas coisas. Para que se acredite em um milagre, é preciso que alguém seja responsável pelo primeiro rumor que se espalha; mas, normalmente, não é o ator principal. O papel deste se limita a não reclamar contra a reputação que lhe atribuem. Mesmo que ele reclame, será inútil; a opinião popular será mais forte que ele. No milagre de Salette, teve-se a ideia clara do artifício, mas a convicção de que aquilo fazia bem à religião o elevou acima de tudo. A fraude dividida entre vários torna-se inconsciente, ou melhor, deixa de ser fraude e torna-se mal-entendido. Nesse caso, ninguém engana deliberadamente; todos enganam inocentemente. Antigamente, supunha-se que para cada lenda havia enganados e enganadores; para nós, todos os colaboradores de uma lenda são ao mesmo tempo enganados e enganadores. Um milagre, em outros termos, supõe três condições: 1ª) a credulidade de todos; 2ª) um pouco de condescendência por parte de alguns; 3ª) a aquiescência tácita do autor principal. Como reação contra as explicações brutais do século XVIII, não caímos em hipóteses que implicariam efeitos sem causa. A lenda não nasce sozinha; ajuda-se que ela nasça. Esses pontos de apoio de uma lenda são frequentemente de uma rara tenuidade. É a imaginação popular que faz a bola de neve; contudo, há núcleo primitivo. As duas pessoas que compuseram as duas genealogias de Jesus sabiam muito bem que essas listas não tinham grande autenticidade. Os livros apócrifos, esses pretensos apocalipses de

Daniel, de Henoc, de Esdras, vêm de pessoas bastante convincentes: ora, os autores dessas obras sabiam bem que eles não eram nem Daniel, nem Henoc, nem Esdras. O padre da Ásia que compôs o romance de Thecla declarou que ele o havia feito por amor a Paulo. É preciso dizer o mesmo do autor do quarto Evangelho, personagem seguramente de primeira ordem. Expulse a ilusão da história religiosa por uma porta e ela entra por uma outra. Em suma, citaríamos com dificuldade uma grande coisa no passado que tenha sido feita de um modo inteiramente confesso. Deixaremos de ser franceses porque a França foi fundada por séculos de perfídias? Recusaremos o proveito dos benefícios da Revolução porque ela cometeu inumeráveis crimes? Se a casa dos Capetos conseguiu nos criar um bom tribunal constitucional, análogo ao da Inglaterra, protestaríamos contra a cura das escrófulas<sup>7</sup>?

Só a ciência é pura, porque ela não tem nada de prático; ela não toca os homens; a propaganda não a vê. Seu dever é provar, e não persuadir ou converter. Aquele que encontrou um teorema publica sua demonstração para os que podem compreendê-la. Ele não sobe numa cátedra, não gesticula, ele não recorre a artifícios oratórios para convencer as pessoas que não veem verdade nele a adotá-lo. Certamente o entusiasmo tem sua boa-fé, mas é uma boa-fé ingênua, não é a boa-fé profunda, refletida, do sábio. O ignorante só cede a más razões. Se Laplace tivesse de convencer a multidão do seu sistema do mundo, não teria podido se limitar às demonstrações matemáticas. Littré, ao escrever a vida de um homem que ele vê como seu mestre (Comte), pôde levar a sinceridade até não omitir nada do que tornou esse homem pouco amável.

Isso não tem exemplo na história religiosa. Apenas a ciência busca a verdade pura. Sozinha, ela dá as boas razões para a verdade e encerra uma crítica severa ao emprego dos meios

---

<sup>7</sup> Tumor ganglionar que o rei da França, no dia da sacração, supostamente podia curar pelo toque. (N. do T.)

de convicção. Eis por que até hoje, sem dúvida, ela não teve influência sobre o povo. Talvez, no futuro, quando o povo for instruído, como esperamos, ele só cederá a boas provas, bem deduzidas. Mas ele será pouco justo ao julgar segundo esses princípios os grandes homens do passado. Há temperamentos que não se conformam em ser impotentes, que aceitam a humanidade como ela é, com suas fraquezas. Muitas obras grandiosas não puderam ser feitas sem mentiras e sem violências. Se amanhã o ideal encarnado vier se oferecer aos homens para governá-los, ele se depararia com a bobagem, que quer ser enganada; com a maldade, que quer ser domada. O único irrepreensível é o contemplativo, que só busca a verdade, sem se preocupar em fazê-la triunfar ou aplicá-la.

A moral não é a história. Pintar e relatar não é aprovar. O naturalista que descreve as transformações da crisálida não a censura nem a louva. Não a chama de ingrata porque ela abandona o casulo; não a acha temerária porque ela cria asas; não a acusa de louca porque ela deseja se lançar no espaço. Pode-se ser amigo da verdade e do belo e, contudo, mostrar-se indulgente para com as ingenuidades do povo. Apenas o ideal é imaculado. Nossa felicidade custou a nossos pais enxurradas de lágrimas e rios de sangue. Para que almas pias experimentem ao pé do altar a íntima consolação que as faz viver, foram necessários séculos de altivo constrangimento, os mistérios de uma política sacerdotal, uma vara de ferro, fogueiras. O respeito que se deve a toda uma grande instituição não requer nenhum sacrifício à sinceridade da história. Antigamente, para ser bom francês, era preciso acreditar na pomba de Clóvis, nas antiguidades nacionais do Tesouro de Saint-Denis, nas virtudes da auriflama, na missão sobrenatural de Joana d'Arc; era preciso acreditar que a França era a primeira das nações, que a realeza francesa tinha uma superioridade sobre todas as outras, que tinha essa coroa uma predileção muito particular e estava sempre ocupado em protegê-la. Hoje sabemos que Deus protege igualmente todos os reinos, todos os impérios, todas as repúblicas; confessamos

que vários reis da França foram homens desprezíveis; reconhecemos que o caráter francês tem seus defeitos; admiramos vivamente uma porção de coisas vindas do estrangeiro. Somos por isso piores franceses? Pode-se dizer, ao contrário, que somos melhores patriotas, já que, em vez esconder nossos defeitos, buscamos corrigi-los, e que, em vez de denegrir o estrangeiro, buscamos imitar o que ele tem de bom. Somos cristãos do mesmo modo. Aquele que fala com irreverência da realeza da Idade Média, de Luís XIV, da Revolução, do Império, comete um ato de mau gosto. Aquele que não fala delicadamente do cristianismo e da Igreja da qual ele faz parte torna-se culpado de ingratidão. Mas o reconhecimento filial não deve absolutamente chegar a fechar os olhos à verdade. Não se falta com o respeito para com o governo ao se notar que ele não pôde satisfazer as necessidades contraditórias inerentes ao homem, nem para com a religião, ao dizer que ela não escapa das formidáveis objeções que a ciência põe contra qualquer crença sobrenatural. Respondendo a certas exigências sociais e não a outras, os governos caem pelas mesmas causas por que foram fundados e que constituíram sua força. Respondendo às aspirações do coração à custa dos reclamos da razão, as religiões desmoronam uma a uma porque nenhuma força até hoje conseguiu sufocar a razão.

E infeliz da razão no dia em que ela sufocar a religião! Creia-me, nosso planeta trabalha em alguma obra profunda. Não se pronuncie temerariamente sobre a inutilidade de tal ou qual de suas partes; não diga que é preciso suprimir essa engrenagem que, aparentemente, só contraria o jogo das outras. A natureza, que dotou o animal de um instinto infalível, não pôs na humanidade nada de enganador. De seus órgãos você pode ousadamente deduzir seu destino. *Est Deus in nobis*. Falsas quando tentam provar o infinito, determiná-lo, encarná-lo, as religiões são verdadeiras, se ousar dizer, quando o afirmam. Os mais graves erros que elas misturam a essa afirmação não são em nada comparáveis ao preço da verdade que elas proclamam. O último dos simples, contanto que pratique o

culto do coração, é mais esclarecido sobre a realidade das coisas que o materialista que acredita tudo explicar pelo acaso e o finito.



## INTRODUÇÃO

### **Onde se trata principalmente dos documentos originais desta história**

Uma história das “Origens do Cristianismo” deveria compreender todo o período obscuro e, se posso dizê-lo, subterrâneo, que se estende desde os primórdios dessa religião até o momento em que sua existência torna-se um fato público, notório, evidente aos olhos de todos. Uma tal história seria composta de quatro partes. A primeira, que apresento hoje ao público, trata do próprio fato que serviu de ponto de partida para o novo culto; ela é preenchida totalmente pela pessoa sublime do fundador. A segunda trataria dos apóstolos e seus discípulos imediatos ou, melhor dizendo, das revoluções por que passou o pensamento religioso nas duas primeiras gerações cristãs. Vou encerrá-la por volta do ano 100, quando os últimos amigos de Jesus estão mortos e todos os livros do Novo Testamento estão praticamente fixados sob a forma em que a vemos. A terceira exporia o estado do cristianismo sob os Antoninos. Aí o veríamos se desenvolver lentamente e sustentar uma guerra quase permanente contra o Império, o qual, governado por filósofos e tendo alcançado nesse momento o mais alto grau da perfeição administrativa, combate na seita nascente uma sociedade secreta e teocrática, que o

nega obstinadamente e o mina sem descanso. Esse livro conteria toda a extensão do século II. A quarta parte, enfim, mostraria os progressos decisivos que o cristianismo fez a partir dos imperadores sírios. Veríamos aí a sábia construção dos Antoninos ruir, a decadência da civilização antiga tornar-se irrevogável, o cristianismo aproveitar de sua ruína, a Síria conquistar todo o Ocidente, e Jesus, em companhia dos deuses e sábios divinizados da Ásia, tomar posse de uma sociedade à qual a filosofia e o Estado puramente civil não bastam mais. É então que as ideias religiosas das raças fixadas nas margens do Mediterrâneo se modificam profundamente; que os cultos orientais assomam por todos os lados; que o cristianismo, tornado uma Igreja muito numerosa, esquece totalmente os sonhos milenares, rompe seus últimos laços com o judaísmo e passa inteiramente para o mundo grego e latino. As lutas e o trabalho literário do século III, que já acontecem às claras, serão expostos apenas em traços gerais. Relatarei ainda mais sumariamente as perseguições do começo do século IV, último esforço do Império para voltar a seus velhos princípios, os quais denegavam à associação religiosa qualquer lugar no Estado. Por fim me limitarei a pressentir a mudança de política que, sob Constantino, inverte os papéis e faz do movimento religioso o mais livre e o mais espontâneo, um culto oficial, sujeito ao Estado e perseguidor por sua vez.

Não sei se terei vida e força o bastante para cumprir um plano tão vasto. Ficarei satisfeito se, depois de ter escrito a vida de Jesus, me fosse dado contar como entendo a história dos apóstolos, o estado da consciência cristã durante as semanas que se seguiram à morte de Jesus, a formação do ciclo lendário da ressurreição, os primeiros atos da Igreja de Jerusalém, a vida de São Paulo, a crise da época de Nero, a aparição do Apocalipse, a ruína de Jerusalém, a fundação das cristandades hebraicas da Batanéia (região a leste do Jordão), a redação dos Evangelhos, a origem das grandes escolas da Ásia Menor. Tudo empalidece ao lado desse primeiro século. Por uma singularidade rara em história, vemos bem melhor o

que se passou no mundo cristão do ano 50 ao 75 que do ano 80 ao 150.

O plano seguido para esta obra impediu a introdução no texto de longas dissertações críticas sobre pontos controversos. Um sistema contínuo de notas põe o leitor em condições de verificar junto às fontes todas as proposições do texto. Nessas notas, limitamo-nos estritamente às citações de primeira mão, ou seja, à indicação das passagens originais sobre as quais cada asserção ou cada conjectura se apoia. Sei que, para as pessoas pouco familiarizadas com essa espécie de estudos, outros desenvolvimentos teriam sido necessários. Mas não tenho o hábito de refazer o que está feito e bem feito. Citarei aqui excelentes escritos que o leitor poderá consultar para obter melhores explicações dos pontos em que me foi necessário ser breve.

*Études Critiques sur l'Évangile de Saint Mathieu*, por M. Albert Réville, pastor da igreja de Roterdan, obra premiada pela sociedade de Haia para defesa da religião cristã

<sup>1</sup>. *Histoire de la Théologie Chrétienne au Siècle Apostolique*, por M. Reuss, professor na faculdade de teologia e no seminário protestante de Estrasburgo<sup>2</sup>.

*Histoire du Canon des Écritures Saintes dans l'Église Chrétienne*, por M. Reuss<sup>3</sup>.

*Des Doctrines Religieuses des Juifs pendant les Deux Siècles Antérieures à l'Ère Chrétienne*, por M. Michel Nicolas, professor na faculdade de teologia protestante de Montauban<sup>4</sup>.

*Études Critiques sur la Bible (Nouveau Testament)*, por M. Michel Nicolas<sup>5</sup>.

---

<sup>1</sup> Leyde, Noothoven van Goor, 1862. Paris, Cherbulier. Obra consagrada pela sociedade de Haja, para a defesa da religião cristã.

<sup>2</sup> Strasbourg, Treuttel e Wurtz, Segunda edição de 1860. Paris, Cherbuliez.

<sup>3</sup> Strasbourg, Treuttel e Wurtz, 1863.

<sup>4</sup> Paris, Michel Lévy frères, 1860.

<sup>5</sup> Paris, Michel Lévy frères, 1864.

*Vie de Jésus*, pelo Dr. Strauss, traduzida por M. Littré, membro do Instituto<sup>6</sup>.

*Nouvelle Vie de Jésus*, por Dr. Straus, traduzida por M. Nefftzer e Dollfus<sup>7</sup>.

*Les Évangiles*, por M. Gustave d'Eichthal. Primeira parte: Examen Critique et Comparatif des Trois Premiers Évangiles<sup>8</sup>.

*Jésus-Christ et les Croyances Messianiques de Son Temps*, por T. Colani, professor na faculdade de teologia e no seminário protestante de Estrasburgo<sup>9</sup>.

*Études Historiques et Critiques sur les Origines du Christianisme*, por A. Stap<sup>10</sup>.

*Études sur le Biographie Évangélique*, por Rinter de Liessol<sup>11</sup>.

*Revue de Théologie et de Philosophie Chrétienne*, publicação dirigida por M. Colani, desde 1850 a 1857. — *Neuvelle Revue de Théologie*, em seguimento à precedente, de 1858 à 1862. — *Revue de Théologie*, terceira série, desde 1863<sup>12</sup>.

A crítica detalhada dos textos evangélicos, em particular, foi feita por Strauss de um modo que deixa pouco a desejar. Ainda que Strauss tenha se enganado em sua teoria sobre a redação dos Evangelhos<sup>13</sup>, e que seu livro tenha, na minha opinião, o defeito de se fixar demais no terreno teológico e muito pouco no terreno histórico<sup>14</sup>, ele é indispensável para

---

<sup>6</sup> Paris, Ladrage, Segunda edição, 1856.

<sup>7</sup> Paris, Hetzel e Lacroix, 1864.

<sup>8</sup> Paris, Hachette, 1863.

<sup>9</sup> Strasbourg, Treuttel e Wurtz – Segunda edição de 1864. Paris, Cherbuliez.

<sup>10</sup> Paris, Lacroix, Segunda edição de 1866.

<sup>11</sup> Londres, 1854.

<sup>12</sup> Strasbourg, Treuttel e Wurtz, Paris, Cherbuliez.

<sup>13</sup> Os grandes resultados obtidos neste ponto só foram adquiridos a partir da primeira edição da obra de Strauss. O sábio crítico fez justiça nas suas edições sucessivas com muita boa-fé.

<sup>14</sup> É necessário lembrar que nenhuma palavra, no livro de M. Strauss, justifica a estranha e absurda calúnia que tentou desacreditar, junto a leitores superficiais, um livro cômodo, exato, espiritual e consciencioso, embora eivado, nas suas generalidades, de uma visão exclusiva. Não só M. Strauss jamais negou a existência de Jesus, mas cada página de seu livro implica nessa existência. A verdade é que M. Strauss supõe o caráter individual de Jesus mais esquecido por nós do que talvez o seja na realidade.

se perceber os motivos que me guiaram em inúmeras minúcias, para seguir a discussão sempre judiciosa, ainda que às vezes pouco sutil, do livro tão bem traduzido pelo meu sábio confrade Littré.

Acredito não ter negligenciado, diante de testemunhos antigos, nenhuma fonte de informação. Restam-nos cinco grandes coleções de escritos (sem falar de uma porção de outros dados esparsos) sobre Jesus e sobre o tempo em que ele viveu. São elas: 1) os Evangelhos e em geral os escritos do Novo Testamento; 2) as composições ditas “apócrifas do Antigo Testamento”; 3) as obras de Fílon; 4) as de Josefo; 5) o Talmude. Os escritos de Fílon têm a inestimável vantagem de nos mostrar os pensamentos que, à época de Jesus, fermentaram nas almas ocupadas com grandes questões religiosas. Fílon vivia, é verdade, numa província do judaísmo completamente oposta à de Jesus; mas, como ele, era muito distanciado do espírito farisaico que reinava em Jerusalém; Fílon é realmente o irmão mais velho de Jesus. Ele tinha sessenta e dois anos quando o profeta de Nazaré estava no mais alto grau de sua atividade, e sobreviveu a ele pelo menos dez anos. Que pena que os acasos da vida não os conduziram à Galiléia. O que ele poderia nos ter contado! Josefo, escrevendo sobretudo para os pagãos, não tem em seu estilo a mesma sinceridade. Suas curtas notícias sobre Jesus, sobre João Batista, sobre Judas, o Gaulonita, são secas e sem cor. Sente-se que ele procura apresentar esses movimentos, de caráter e espírito tão profundamente judaicos, sob uma forma que seja inteligível a gregos e romanos. Creio ser

a passagem sobre Jesus<sup>15</sup> autêntica em seu conjunto. Ela se encaixa perfeitamente no gosto de Josefo e, se esse historiador fez menção a Jesus, é porque ele teve de falar disso.

Sente-se somente que uma mão cristã retocou o trecho, acrescentando algumas palavras sem as quais ele seria quase blasfemo<sup>16</sup>, talvez também acomodando ou modificando algumas expressões<sup>17</sup>. É preciso lembrar que a fortuna literária de Josefo foi feita pelos cristãos, os quais adotaram seus escritos como documentos essenciais de sua história sagrada. Foi divulgada, provavelmente no século II, uma edição corrigida segundo as ideias cristãs<sup>18</sup>. Em todo caso, o que constitui o imenso interesse pelos livros de Josefo no assunto que estudamos são as luzes vivas que eles jogam sobre o tempo. Graças ao historiador judeu, Herodes, Herodíades, Antipas, Felipe, Anás, Caifás, Pilatos são personagens que tocamos, por assim dizer, e que vemos viver diante de nós com impressionante realidade.

Os apócrifos do Antigo Testamento, principalmente a parte judaica dos versos sibílicos, o livro de Henoc, a Assunção de Moisés, o quarto livro de Esdras, o Apocalipse de Baruc, anexos ao livro de Daniel, que é, ele também, um verdadeiro apócrifo, têm uma importância capital para a história do desenvolvimento das teorias messiânicas e para a compreensão das concepções de Jesus sobre o reino de Deus.<sup>19</sup> O livro de Henoc, em

---

<sup>15</sup> *Ant.*, XVIII, III, 3

<sup>16</sup> Como estas: “Se é permitido chamá-lo homem”.

<sup>17</sup> No lugar de ὁ Χριστός, οὗτος, ἦν havia provavelmente Χριστός οὗτος ἐλέγετο. Cf. *Ant.*, XX, IX, 1; Orígenes, in *Mateus*, X, 17; *Contra Celso*, I, 47; H, 13.

<sup>18</sup> Eusébio (*Hist. Ecles.*, I,11, e *Demonstr. Evang.*, III,5) cita a passagem sobre Jesus como nós a lemos hoje em Josefo. Orígenes, (*Contra Celso*, I, 47; II, 13), Eusébio (*Hist. Ecles.*, II, 23) São Gerônimo (*De Viris ill.*, 2, 13) e Suidas, (na palavra Iosepos) citam outra interpolação cristã, que não se encontra em nenhum dos manuscritos de Josefo que chegaram até nós.

<sup>19</sup> Os leitores franceses podem consultar, sobre isso, os seguintes: Alexandre, *Carmina Sibyllina*, Paris, 1851-56, Reuss, *les Sibylles chrétiennes*, na *Revue de théologie*, abril e maio de 1861; Colani, *Jesus-Christ et les croyances messianiques*, p. 16 e seg., sem menosprezar os trabalhos de Ewald, Dillmann, Volkmar e Hilgenfeld.

particular<sup>20</sup>, e a Assunção de Moisés<sup>21</sup> eram obras muito lidas no círculo de Jesus. Algumas palavras emprestadas a Jesus pelos sinóticos são apresentadas na epístola atribuída a São Barnabé como de Henoc<sup>22</sup>. É muito difícil determinar a data das diferentes seções que compõem o livro atribuído àquele patriarca. Nenhuma delas certamente é anterior ao ano 150 antes de Jesus Cristo; algumas podem ter sido escritas por mão cristã. A seção que contém os discursos intitulados “Similitudes”, estendendo-se do capítulo XXXVII ao capítulo LXXI é supostamente uma obra cristã. Mas isso não é demonstrado<sup>23</sup>. Talvez essa parte tenha apenas sofrido alterações<sup>24</sup>. Outros adendos e retoques cristãos são reconhecidos aqui e ali.

---

<sup>20</sup> Epístola de Judas, 6,14; 11 Ep. de Pedro, II,4; *Testamento dos doze Patriarcas*, Sim., 5; Levi, 10,14,16; Judá, 18; Daniel, 5; Nephtali, 4; Benjamin, 9; Zeb., 3.

<sup>21</sup> Epístola de Judas, 9 (ver em Orígenes *De principiis*, III, II, I; Dídimo d’Alexandria, *Max. Bibl. Vet. Patr.*, IV, p. 336); Comparar Mateus, XXIV, 21 e seg. com a *Assunção de Moisés* c. 8 e 10 (p. 104/105 Ed. Hilgenfeld); Romanos, II, 15 com a Assunção pp. 99/100.

<sup>22</sup> Epístola de Barnabé, cap. IV, XVI (após o *Codex sinaïticus*, ed. Hilgenfeld, p. 8, 52) em comparação com Henoc, LXXXIX, 56 e seg.; Mateus XXIV, 22; Marcos, XIII, 20. Ver outras coincidências do mesmo tipo na nota 38; p. 135 nota 20, p. 353 nota 49. Comparar também as palavras de Jesus relatadas por Papias (em Irineu, *Adv. Haer.*, V, XXXIII, 3-4) com *Henoc*, X, 19 com o Apocalipse de Baruch § 29 (Ceriani, *Monum. Sacra et profana*, t. I, fasc. I, p. 80).

<sup>23</sup> Estou muito inclinado a crer que haja, nos Evangelhos, alusões a esta parte do livro de Henoc, ou pelo menos a partes em tudo semelhantes. Ver a seguir, p. 353, nota 49.

<sup>24</sup> A passagem do cap. LXVII, 4 e seguintes, onde os fenômenos vulcânicos nos arredores de Pozzuoli estão descritos, não prova que toda a seção de que faz parte seja posterior ao ano 79, data da erupção do Vesúvio. Parece haver alusões a fenômenos do mesmo gênero no *Apocalipse* (cap. IX), que é do ano 68.

A coletânea dos versos sibilinos exige distinções análogas, mas estas são mais facilmente estabelecidas. A parte mais antiga é o poema contido no livro III, v. 97 - 817; ele parece ser do ano 140 antes de Cristo aproximadamente. No que concerne à data do quarto livro de Esdras, todos estão hoje mais ou menos de acordo em reportar este apocalipse ao ano 97 depois de Cristo. Ele foi alterado pelos cristãos. O Apocalipse de Baruc<sup>25</sup> tem muita semelhança com o de Esdras; ali se encontram, como no livro de Henoc, algumas palavras emprestadas a Jesus<sup>26</sup>, Quanto ao livro de Daniel, o caráter das duas línguas nas quais foi escrito, o uso de palavras gregas, o anúncio claro, determinado, datado de acontecimentos que vão até o tempo de Antíoco Epifânio, as falsas imagens que aí são traçadas da velha Babilônia, a cor geral do livro, que não lembra em nada os escritos do Cativo, que responde, ao contrário, por uma multidão de analogias às crenças, aos costumes, ao torneio de imaginação da época dos Selêucidas; a forma apocalíptica das visões, o lugar do livro no cânone hebreu fora da série dos profetas, a omissão de Daniel nos panegíricos do capítulo XLIX do Eclesiástico, onde seu lugar estava como que indicado, e muitas outras provas que foram cem vezes deduzidas não permitem duvidar que esse livro não seja fruto da grande exaltação produzida entre os judeus pela perseguição de Antíoco. Não é na velha literatura profética que se deve classificá-lo; seu lugar é à frente da literatura apocalíptica, como primeiro modelo de um gênero de composição em que deviam tomar lugar depois dele os diversos poemas sibilinos, o livro de Henoc, a Assunção de Moisés, o Apocalipse de João, a Ascensão de Isaías, o quarto livro de Esdras.

Na história das origens cristãs, até aqui negligenciamos demais o Talmude. Penso, com Geiger, que a verdadeira noção

---

<sup>25</sup> Acaba de ser publicada em tradução latina feita do original siríaco por M. Ceriani, *Anecdota sacra et profana*, t. I, fasc. II. (Milão, 1866)

<sup>26</sup> Ver acima, notas 21 e 22.



das circunstâncias que produziram Jesus deve ser buscada nessa compilação bizarra, em que tantas preciosas informações estão misturadas à mais insignificante escolástica. Tendo a teologia cristã e a teologia judaica, no fundo, seguido dois caminhos paralelos, a história de uma não pode ser bem compreendida sem a história da outra. Inúmeros detalhes materiais dos Evangelhos encontram, aliás, seu comentário no Talmude. As vastas coletâneas latinas de Lightfoot, de Schoettgen, de Buxtorf, de Otho, já continham uma porção de informações a esse respeito. Impus-me a tarefa de verificar no original todas as citações que admiti, sem exceção de nenhuma. A colaboração que Neubauer, um sábio israelita muito versado na literatura talmúdica, me prestou para esta parte de meu trabalho, me permitiu ir além e esclarecer certas partes de meu assunto com algumas novas comparações. A distinção das épocas aqui é importantíssima, estendendo-se a redação do Talmude do ano 200 ao 500, aproximadamente.

Nós usamos todo o discernimento possível no estado atual desses estudos. Datas tão recentes excitarão alguns receios entre as pessoas habituadas a dar valor a um documento apenas pela época em que foi escrito. Mas tais escrúpulos aqui serão deslocados. O ensinamento dos judeus desde a época asmoniana até o século II foi principalmente oral. Não se deve julgar essas espécies de estados intelectuais segundo os hábitos de um tempo em que se escreve muito. Os Vedas, os poemas homéricos, as antigas poesias árabes foram conservados de memória durante séculos e, entretanto, essas composições apresentam uma forma bastante determinada, muito delicada. No Talmude, ao contrário, a forma não tem nenhum valor. Acrescentemos que antes da *Mischna* de Judas, o Santo, que fez esquecer todos os outros, houve ensaios de redação, cujo começo remonta talvez à data muito mais antiga do que se supõe comumente. O estilo do Talmude é o de anotações de aula; os redatores provavelmente só classificaram sob certos títulos a enorme confusão de escritos que foi acumulada nas diferentes escolas durante gerações.

Só nos resta falar de documentos que, apresentando-se como biografias do fundador do cristianismo, devem naturalmente ocupar primeiro lugar numa vida de Jesus. Um tratado completo sobre a redação dos Evangelhos seria uma obra à parte. Graças aos belos trabalhos de que essa questão foi objeto desde trinta anos, um problema que julgamos inabordável chegou a uma solução que seguramente ainda deixa lugar a muitas incertezas, mas basta plenamente às necessidades da história.

Teremos mais tarde a oportunidade de voltar a isso, tendo sido a composição dos Evangelhos um dos fatos mais importantes para o futuro do cristianismo que aconteceram na segunda metade do século I. Abordaremos aqui apenas um aspecto do assunto, que é indispensável à solidez de nosso relato. Deixando de lado tudo o que pertence ao quadro dos tempos apostólicos, pesquisaremos somente em que medida os dados fornecidos pelos Evangelhos podem ser empregados numa história levantada segundo princípios racionais<sup>27</sup>.

Que os Evangelhos sejam em parte lendários, é evidente, já que são cheios de milagres e de sobrenatural, mas há lenda e lenda. Ninguém duvida dos principais traços da vida de Francisco de Assis, embora o sobrenatural ali se encontre a cada passo. Ninguém, ao contrário, dá crédito à “Vida de Apolônio de Tiana”, porque ela foi escrita muito tempo depois do herói e em condições de puro romance. Em que época, por que mãos, em que condições foram redigidos os Evangelhos? Eis então a questão fundamental, da qual depende a opinião que se vá formar da credibilidade deles.

Sabe-se que cada um dos quatro Evangelhos traz no cabeçalho o nome de um personagem conhecido seja na história

---

<sup>27</sup> Os leitores que desejarem um maior desenvolvimento poderão ler, além das obras de M. Réville, de M. Nicolas e de M. Stap anteriormente citadas, os trabalhos de MM. Reus, Scherer, Schwalb, Scholten (traduzidos por Réville) na *Revue de Théologie*, t. XXI, XV; na Segunda série II, III, IV; na terceira série I, II, III, IV, — e o de M. Réville, na *Revue des Deux Mondes*, 1º de maio e 1º de junho de 1866.

apostólica, seja na própria história evangélica. Está claro que, se esses títulos são exatos, os Evangelhos, sem deixar de ser em parte lendários, ganham alto valor, já que nos fazem remontar ao meio século que se seguiu à morte de Jesus e, também nos dois casos, às testemunhas oculares dessas ações.

Para Lucas, a dúvida não é absolutamente possível. O Evangelho de Lucas é uma composição regular, fundada em documentos anteriores.<sup>28</sup> É a obra de um homem que escolhe, apara, combina. O autor desse Evangelho é certamente o mesmo dos Atos dos Apóstolos<sup>29</sup>. Ora, o autor dos Atos parece um companheiro de São Paulo<sup>30</sup>, título que convém perfeitamente a Lucas<sup>31</sup>. Sei que mais de uma objeção pode ser feita a esse raciocínio, mas uma coisa ao menos está fora de dúvida: é que o autor do terceiro Evangelho e dos Atos é um homem da segunda geração apostólica, e isso basta ao nosso estudo. A data desse evangelho pode, aliás, ser determinada com bastante precisão pelas considerações tiradas do próprio livro. O capítulo 21 de Lutas, inseparável do resto da obra, foi escrito com certeza após o cerco de Jerusalém, mas não muito tempo depois<sup>32</sup>. Então estamos aqui sobre um terreno sólido, pois se trata de uma obra inteiramente de uma só mão e da mais perfeita unidade.

Os Evangelhos de Mateus e de Marcos não têm — longe

---

<sup>28</sup> Lucas, I, 1-4

<sup>29</sup> Atos, I, 1. Comparar Lucas, I, 1-4

<sup>30</sup> A partir de XVI, 10, o autor se apresenta como testemunha ocular.

<sup>31</sup> Col., IV, 14; Philem., 24; II Tim., IV, 11. O nome de *Lucas* (contração de *Lucanus*) por ser muito raro, não temos como acreditar que se trate aqui de uma das homonímias que levantam tanta perplexidade nas questões críticas relativas ao Novo Testamento.

<sup>32</sup> Versículos 9, 20, 24, 28, 29-32. Comp. XXII, 36. Tais passagens são tanto mais surpreendentes que o autor reconhece a objeção que pode resultar em predições de tão curto prazo, e que evita, — quer abrandando passagens como em Marcos, XIII, 14 e s., 24, 29; Mateus, XXIV, 15 e seg., 29, 33, — quer respostas como em Lucas, XVII, 20, 21.

disso — a mesma marca individual. São composições impessoais, em que o autor desaparece totalmente. Um nome próprio escrito no cabeçalho dessa espécie de obra não diz grande coisa. Aliás, não se pode raciocinar aqui como para Lucas. A data que resulta de um capítulo (por exemplo Mat., 24; Marcos, 13) não pode rigorosamente se aplicar ao conjunto das obras, tendo essas sido compostas de pedaços de épocas e de procedências bem diferentes. Em geral, o terceiro Evangelho parece posterior aos dois primeiros, e apresenta o caráter de uma redação bem mais avançada. Todavia, não se poderia concluir daí que os evangelhos de Marcos e Mateus estivessem no estado em que os temos quando Lucas escreveu. De fato, essas duas obras ditas de Marcos e de Mateus ficaram muito tempo no estado de uma certa indefinição, se ousar dizer, e susceptíveis de adendos. A esse respeito temos um testemunho fundamental da primeira metade do século II. Ele é de Pápias, bispo de Hierápolis, homem grave, de tradição, que se ocupou durante toda a vida em recolher o que se pudesse saber da pessoa de Jesus<sup>33</sup>. Após ter declarado que, em tal matéria, ele dá preferência à tradição oral sobre os livros, Pápias menciona dois escritos sobre os atos e as palavras de Cristo: 1º) um escrito de Marcos, intérprete do apóstolo Pedro<sup>34</sup>, escrito curto, incompleto, não organizado em ordem cronológica, compreendendo relatos e discursos, composto de acordo com as informações e as lembranças do apóstolo Pedro; 2º) uma coletânea de sentenças escritas em hebreu<sup>35</sup> por Mateus (*Logia*), “e que

---

<sup>33</sup> Em Eusébio, *Hist.eccl.*, III, 39. Não seria possível levantar uma dúvida qualquer sobre a autenticidade desta passagem. De fato, Eusébio, longe de exagerar a autoridade de Pápias, mostra-se intrigado com sua ingenuidade, com seu grosseiro milenarismo, e sai tratando-o de espírito pequeno. Comp. Irineu, *Adv. Haer.*, III, I, 1; V, XXXIII, 3-4.

<sup>34</sup> Pápias, nesse ponto, referia-se a uma autoridade mais antiga ainda, à de *Presbyteros Joannes*, (Quanto a este personagem, ver a seguir nota 89).

<sup>35</sup> Ou seja, em dialeto semítico.

cada um traduziu<sup>36</sup> como pôde”. É claro que essas duas descrições correspondem bastante à fisionomia geral dos dois livros agora chamados “Evangelho segundo Mateus” e “Evangelho segundo Marcos”, o primeiro caracterizado por seus longos discursos, o segundo sobretudo anedótico, muito mais exato que o primeiro em pequenos fatos, conciso até a secura, de discurso pobre, bastante mal composto. Entretanto, que essas duas obras, tais como as temos, sejam absolutamente semelhantes às que Páprias lia, não é sustentável; primeiro porque o escrito de Mateus, segundo Páprias, compunha-se unicamente de discursos em hebreu, do qual circulavam traduções bem diferentes e, em segundo lugar, porque o escrito de Marcos e o de Mateus eram para ele profundamente distintos, redigidos sem nenhuma interpretação e, parece, em línguas diferentes. Ora, no estado atual dos textos, o Evangelho segundo Mateus e o Evangelho segundo Marcos oferecem trechos paralelos tão longos e tão perfeitamente idênticos que se deve supor ou que o redator definitivo do primeiro tinha o segundo sob os olhos ou que ambos copiaram o mesmo protótipo. O que parece mais verossímil é que nem de Mateus nem de Marcos temos as redações originais; que nossos dois primeiros Evangelhos são arranjos em que se procurou preencher as lacunas de um texto com um outro. Cada um queda, de fato, possuir um exemplar completo. O que tinha em seu exemplar apenas discursos queda ter os relatos, e vice-versa. É assim que o “Evangelho segundo Mateus” acabou englobando quase todos os casos de Marcos, e que o “Evangelho segundo Marcos” contém hoje vários traços vindos dos *Logia* de Mateus. Cada um, aliás, se apoiava largamente na tradição oral que continuava em torno dele. Essa tradição está longe de ter-se esgotado pelos Evangelhos, visto que os Atos dos Apóstolos e os Padres mais antigos

---

<sup>36</sup> Ἡρμῆνευσε. Próxima como está de ἑξοραῖδι διαλέχτωρ, esta palavra só pode significar “traduzir”. Algumas linhas acima ἑρμηνευτής é tomado no sentido de dragomano.

citam várias palavras de Jesus que parecem autênticas e que não se encontram nos Evangelhos que possuímos.

Importa pouco ao nosso estudo atual levar mais longe essa análise, tentar reconstruir, de algum modo, de um lado, os *Logia* originais de Mateus; de outro, o relato primitivo tal como saiu da pena de Marcos. Os *Logia* nos são sem dúvida representados pelos grandes discursos de Jesus, que ocupam uma parte considerável do primeiro Evangelho. Esses discursos formam, de fato, quando os destacamos do resto, um todo bem completo. Quanto aos relatos primitivos de Marcos, parece que o texto se encontra tanto no primeiro como no segundo Evangelho, mas geralmente no segundo. Em outros termos, o sistema da vida de Jesus nos sinóticos repousa sobre dois documentos originais:

1º) os discursos de Jesus recolhidos pelo apóstolo Mateus; 2º) a coletânea de casos e informações pessoais que Marcos escreveu segundo as lembranças de Pedro. Pode-se dizer que temos, assim, esses dois documentos, misturados a informações de outra procedência, nos dois primeiros Evangelhos, que trazem, não sem razão, o título de “Evangelho segundo Mateus” e “Evangelho segundo Marcos”.

O que é indubitável, em todo caso, é que, em muito boa hora, transcreveram os discursos de Jesus em língua aramaica, e que também em boa hora escreveram suas notáveis ações. Não eram textos estagnados e fixados dogmaticamente. Além dos evangelhos que nos apareceram, há outros igualmente pretendendo representar a tradição das testemunhas oculares<sup>37</sup>. Deu-se pouca importância a esses escritos, e os conservadores, como Pápias, preferiam ainda, na primeira metade do século II, a tradição oral<sup>38</sup>. Como se acreditava que o

---

<sup>37</sup> Lucas, I, 1-2; Orígenes, *Hom. In Luc.*, I, inic.; São Gerônimo, *Comment. In Math.*, prólogo.

<sup>38</sup> Pápias, em Eusébio, *H. E.*, III, 39. Comparar Irineu, *Adv. Haer.*, III, II e III. Ver também, no que concerne Policarpo, o fragmento da carta de Irineu para Florinus, conservado por Eusébio, *H. E.*, V, 20. Ὡς γέγραπται na epístola de São Barnabé (cap. IV, p. 12, Ed. Hilgenfeld), se aplica a palavras que se encontram em São Mateus, XXII, 14. Mas tais palavras, que aparecem em dois lugares de Mateus, (XXII, 16; XX, 14), podem ter chegado em Mateus vindas de um livro apócrifo, como acontece com as passagens de Mateus XXIII, 34 e seg.; XXIV, 22 e próximos. Compare IV Esdras, VIII, 3. Note no mesmo capítulo da epístola de Barnabé (p. 8, Ed. Hilgenfeld) a singular coincidência de uma passagem que o autor atribui a Henoc, servindo-se da fórmula γέγραπται, com Mateus, XXIV, 22. Compare também γραφή citada na epístola de Bamabé, c. XVI (p. 52 Ed. Hilgenfeld) com *Henoc* LXXXIX, 56 e seguintes. Ver a seguir a nota 49. Na segunda epístola de São Clemente, (cap. II), e em São Justino, *Apol.* I, 67, os sinóticos são decididamente citados como escrituras sagradas. I Timóteo, V, 18, também dá como γραφή um provérbio que se encontra em Lucas (X, 7). Esta epístola não é de São Paulo.

mundo estava prestes a acabar, preocupava-se pouco em compor livros para o futuro; tratava-se de guardar no coração a imagem viva daquele que se esperava em breve rever nas nuvens. Daí a pouca autoridade dos textos evangélicos durante quase cem anos. Não se tinha escrúpulo algum em inserir parágrafos, em combinar diferentemente os relatos, em completá-los uns pelos outros. O pobre homem que só possui um livro quer que ele contenha tudo que lhe vai ao coração. Emprestavam-se esses pequenos livretes; cada um transcrevia à margem de seu exemplar as palavras, as parábolas que ele encontrava em outros lugares e que o tocavam<sup>39</sup>. Assim, a mais bela coisa do mundo saiu de uma elaboração obscura e completamente popular. Nenhuma redação tinha valor absoluto. As duas epístolas atribuídas a Clemente Romano citam as palavras de Jesus com variantes notáveis<sup>40</sup>. Justino, que frequentemente chama a atenção para o que ele designa “Memórias dos apóstolos”, tinha sob os olhos documentos evangélicos em estado um pouco diferente do que nós temos; mesmo assim, ele não tem nenhum cuidado ao citá-los textual-

---

<sup>39</sup> É assim que a bela narrativa *João*, VIII, 1-11 sempre vagou sem encontrar um lugar fixo no quadro dos Evangelhos aceitos.

<sup>40</sup> Clemente Epístola, I, 13; II, 12.

mente<sup>41</sup>. As citações evangélicas, nas *Homilias pseudoclementinas*, de origem ebionita, apresentam o mesmo caráter. O espírito era tudo, a escrita não era nada. É quando a tradição se enfraquece, na segunda metade do século II, que os textos que trazem os nomes de apóstolos ou de homens apostólicos ganham autoridade decisiva e obtêm força de lei. Mesmo então não se proíbem absolutamente as composições livres; a exemplo de Lucas, continuou-se a fazer evangelhos particulares justapondo diferentemente os textos mais antigos<sup>42</sup>.

Quem não vê o valor de documentos assim compostos de recordações enternecidas, de relatos ingênuos das duas primeiras gerações cristãs, ainda cheias da forte impressão que o ilustre fundador produziu, e que parece lhe ter sobrevivido por muito tempo? Acrescentemos que os referidos evangelhos parecem provir daquele ramo da família cristã mais próximo a Jesus. O último trabalho de redação do texto que traz o nome de Mateus parece ter sido feito em um dos lugares situados a nordeste da Palestina, como a Gaulonítida, Hauran, a Batanéia, onde muitos cristãos se refugiaram à época da guerra dos romanos, onde se encontravam, ainda no século II, parentes de Jesus<sup>43</sup>, e onde a primeira direção galiléia se conservou mais tempo que em outra parte.

Até agora falamos apenas de três evangelhos, ditos sinóticos. Resta-nos falar do quarto, do que traz o nome de João.

Aqui a questão é bem mais difícil. O discípulo mais íntimo de João, Policarpo, que cita frequentemente os sinóticos, em sua epístola aos filipenses, não faz alusão ao quarto Evangelho.

---

<sup>41</sup> Τὰ ἀπομνημονεύματα τῶν ἀποστόλων, ἄχαλεῖται εὐαγγιὰ. (Estas últimas palavras são suspeitas de interpolação.) Justino, *Apol.* I, 16, 17, 33, 34, 38, 45, 66, 67, 77, 78; *Dial. cum Tryph.*, 10, 17, 41, 43, 51, 53, 69, 70, 76, 77, 78, 88, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 120, 125, 132.

<sup>42</sup> Ver, por exemplo, o que diz respeito ao Evangelho de Tatien, em Théodoret, *Haeret. Fab.*, I, 20

<sup>43</sup> Julio o Africano, em Eusébio., *Hist. Eccles.*, I, 7.



Pápias, que se ligava igualmente à escola de João, e que, se não foi seu ouvinte, como o diz Irineu, teve muito contato com seus discípulos imediatos; Pápias, que tinha recolhido apaixonadamente todos os relatos orais relativos a Jesus, não diz uma só palavra de uma “Vida de Jesus” escrita pelo apóstolo João<sup>44</sup>. Se tal menção fosse encontrada em sua obra, Eusébio, que levanta tudo o que serve à história literária do século apostólico, teria sem dúvida alguma observado<sup>45</sup>. Talvez Justino tenha conhecido o quarto Evangelho<sup>46</sup>, mas certamente não o considerava uma obra do apóstolo João, uma vez que ele, que designa expressamente esse apóstolo como autor do Apocalipse, não põe absolutamente o quarto Evangelho entre os inúmeros dados sobre a vida de Jesus, que ele extrai das “Memórias dos apóstolos”; ainda: sobre todos os pontos em que os sinóticos e o quarto Evangelho diferem, ele adota opiniões completamente opostas a esse último<sup>47</sup>. Isso é tanto

---

<sup>44</sup> *H. E.*, III, 39. Poderíamos ser tentados a reconhecer o quarto Evangelho dentro das “narrativas” de Ariston ou nas “tradições” daquele que Pápias chama Presbyteros Joannes. Todavia Pápias parece apresentar tais narrativas e tradições como não-escritas. Se os extratos que ele dá destas narrativas e destas tradições tivessem pertencido ao quarto Evangelho, Eusébio o teria dito. Noutras palavras, o que sabemos das ideias de Pápias é que era milenarista, discípulo do Apocalipse, e não absolutamente um discípulo da teologia do quarto Evangelho.

<sup>45</sup> Que não se diga: Pápias não menciona nem Lucas nem Paulo, e no entanto os escritos de Lucas e Paulo já existiam no seu tempo. Pápias deve ter sido um adversário de Paulo, e pode não ter conhecido a obra de Lucas composta em Roma por família cristã totalmente diferente. Mas como, vivendo em Hierápolis, no coração mesmo da escola de João ele negligenciou o Evangelho escrito por uma tal mestre? Que não mais se diga que, sobre Policarpo (IV, 14) e Teófilo (IV, 24) Eusébio não assinala todas as citações feitas por estes Padres dos escritos do Novo Testamento. A aparência particular do capítulo III, 39, nos dá uma menção quase infalível do quarto Evangelho, se Eusébio o tiver encontrado em Pápias.

<sup>46</sup> Algumas passagens, *Apol.* I, 32, 61; *Dial. cum Tryph.*, 88, levam a acreditá-lo. A teoria do *Logos*, em Justino, não é tal que nos obrigue a supor que a tenha apanhado no quarto Evangelho.

<sup>47</sup> Lugares citados, na nota 41. Observar principalmente *Apol.* I, 14 e seg. que notoriamente supõem que Justino ou não conhecia os discursos de João, ou não os considerava como representativos dos ensinamentos de Jesus.

mais surpreendente quanto as tendências dogmáticas do quarto Evangelho deviam maravilhosamente convir a Justino.

Deve-se dizer o mesmo das *Homilias pseudoclementinas*. As palavras de Jesus citadas por esse livro são do tipo sinótico. Em dois ou três lugares<sup>48</sup>, existem, parece, empréstimos feitos ao quarto Evangelho. Mas certamente o autor das *Homilias* não atribui a esse evangelho uma autoridade apostólica, já que se põe — em diversos pontos — em flagrante contradição com ele. Parece que Marcião (próximo do ano 140) não conhecia tampouco o citado evangelho ou não lhe atribuía nenhum valor como livro revelado<sup>49</sup>; esse evangelho correspondia tão bem às suas ideias que, sem dúvida, se ele o tivesse conhecido, o teria adotado prontamente, e não se teria sentido obrigado, por ter um evangelho ideal, a fazer uma edição corrigida do Evangelho de Lucas. Enfim, os evangelhos apócrifos que podemos reportar ao século II, como o Protoevangelho de Tiago, o Evangelho de Tomás, o Israelita<sup>50</sup>, traçam um esboço sinótico e não admitem o Evangelho de João.

As dificuldades intrínsecas tiradas da leitura do quarto Evangelho não são menores. Como, ao lado de informações

---

<sup>48</sup> *Hom.* III. 52; XI, 26; XIX, 22. É notável que as citações que Justino e o autor das *Homilias* parecem fazer do quarto Evangelho coincidem em parte entre si e apresentam os mesmos desvios do texto canônico. (Compare as passagens citadas de Justino, *Apol.* I, 22, 61; *Dial. cum Tryph.*, 69). Poderíamos ser tentados a crer disso que Justino e o autor das *Homilias* consultaram não o quarto Evangelho, mas a mesma fonte que o autor deste compulsou.

<sup>49</sup> As passagens de Tertuliano, *De Carne Christi*, 3; *Adv. Marc.*, IV, 3, 5 nada provam contra aquilo que antes dissemos.

<sup>50</sup> Os “Atos de Pilatos” apócrifos que possuímos, e que supõem o quarto Evangelho, não são nada daquilo de que falam Justino (*Apol.*, I, 35, 48) e Tertuliano (*Apol.*, 21). É mesmo provável que os dois Padres falem de tais Atos por ter ouvido falar deles, e não por lê-los lidos.

precisas e que por momentos parecem testemunho ocular, acham-se discursos totalmente diferentes dos de Mateus? Como esse evangelho não oferece uma parábola, um exorcismo? Como se explicar, ao lado de um plano geral da vida de Jesus — que parece sob certos pontos de vista mais satisfatório e mais exato que o dos sinóticos — essas passagens singulares em que se sente um interesse dogmático próprio do redator, ideias bem estranhas a Jesus, e às vezes índices que previnem contra a boa-fé do narrador? Como, enfim, ao lado das mais puras vistas, das mais justas, as mais verdadeiramente evangélicas, essas manchas em que se podem ver interpolações de um ardente sectário? Foi realmente João, filho de Zebedeu, o irmão de Tiago (que não é citado uma só vez no quarto Evangelho), quem pôde escrever em grego essas lições de metafísica abstrata, das quais os sinóticos não apresentam o análogo? Foi o autor do Apocalipse<sup>51</sup>, essencialmente judaizante que, em poucos anos<sup>52</sup>, se despojou a tal ponto de seu estilo e de suas ideias? Foi um “apóstolo da circuncisão”<sup>53</sup> que pôde compor um escrito mais hostil ao judaísmo que todos os de Paulo, um escrito em que a palavra “judeu” equivale quase a “inimigo de Jesus”?<sup>54</sup> Foi mesmo aquele de quem os celebrantes da Páscoa judaica invocam o exemplo em favor de suas opiniões<sup>55</sup> que pôde falar com uma espécie de desdém das “festas dos judeus”, da “Páscoa dos judeus”?<sup>56</sup> Tudo isso é grave e, a meu ver, está afastada a ideia de que o quarto Evangelho tenha sido escrito pela pena

---

<sup>51</sup> Cf. Justino, *Dial. cum Tryph.*, 81.

<sup>52</sup> O Apocalipse data do ano 68. Supondo que João tivesse dez anos a menos que Jesus, ele deveria ter cerca de sessenta anos quando o escreveu.

<sup>53</sup> Gal., II, 9. A passagem *Apoc.*, II, 2, 14 parece encerrar uma alusão odiosa contra Paulo.

<sup>54</sup> Ver quase todas as passagens onde se encontra a palavra Ἰουδαῖοι.

<sup>55</sup> Policrato, em Eusébio, *H.E.*, V, 24.

<sup>56</sup> João, II, 6,13; V, 1; VI, 4; XI, 55; XIX, 42.

de um velho pescador galileu. Mas que, em suma, esse evangelho tenha saído — perto do século I ou começo do II — de uma das escolas da Ásia-Menor que se ligavam a João, que ele nos apresente uma versão da vida do mestre digna de ser levada em consideração e de ser quase sempre preferida é o que se tornou provável, também por testemunhos exteriores e pelo exame do documento em questão.

E, antes de tudo, ninguém duvida de que o quarto Evangelho não existisse por volta do ano 170. Nessa data, irrompe uma controvérsia na Laodicéia sobre o Lycus, relativa à Páscoa, em que nosso evangelho tem papel decisivo<sup>57</sup>. Apolinário<sup>58</sup>, Atenágora<sup>59</sup>, Polícrato<sup>60</sup>, o autor da epístola das igrejas de Vienã e de Lião<sup>61</sup>, professam sobre o suposto escrito de João a opinião que logo vai se tomar ortodoxa. Teófilo de Antioquia (perto do ano 180) diz positivamente que o apóstolo João é seu autor<sup>62</sup>. Irineu<sup>63</sup> e o cânone de Muratori<sup>64</sup> constataam o triunfo completo de nosso Evangelho, triunfo sobre o qual não se terá mais dúvida.

Mas, se por volta do ano 170, o quarto Evangelho aparece como um escrito do apóstolo João e revestido de grande autoridade, não é evidente que a essa data tal evangelho não havia nascido na véspera? Taciano<sup>65</sup>, o autor da epístola a

---

<sup>57</sup> Eusébio, *Hist. Eccl.*, IV, 26; V, 23-25; *Crônica Pasqual*, p. 6 e seg., Ed. Du Cange.

<sup>58</sup> *Ibidem*.

<sup>59</sup> *Legatio pro christ.*, 10.

<sup>60</sup> Em Eusébio, *H.E.*, V, 42.

<sup>61</sup> *Ibidem.*, V, 1.

<sup>62</sup> *Ad Autolyicum*, II, 22.

<sup>63</sup> *Adv. haer.*, II, XXII, 5: III, I. Cf. Eusébio, *H.E.*, V, 8.

<sup>64</sup> Linha 9 e seguintes.

<sup>65</sup> *Adv. Graec.*, 5, 7. É todavia duvidoso que *A Harmonia dos Evangelhos*, composta por Tatien, compreenda o quarto Evangelho; o título *Diatessaron* provavelmente não se origina com Tatien. Cf. Eusébio, *H.E.*, IV, 29; Théodoret, *Haeretic. Fabul.*, I, 20; Epiph., *Adv. Haer.*, XLVI, 1; Fabricius, *Cod Apocr.*, I, 378.

Diognete<sup>66</sup>, parece usá-lo bastante. O papel de nosso evangelho no gnosticismo\* e, em particular no sistema de Valentim<sup>67</sup>, no montanismo<sup>68</sup>, na controvérsia dos alogianos<sup>69</sup> não é menos notável, e mostra, desde a segunda metade do século II<sup>70</sup>, este evangelho envolvido em todas as controvérsias e servindo de pedra angular ao desenvolvimento do dogma. A escola de João aquela da qual melhor se percebe a sequência durante o século II; Irineu saiu da escola de João e, entre ele e o apóstolo só havia Policarpo. Ora, Irineu não tem nenhuma dúvida sobre a autenticidade do quarto Evangelho<sup>71</sup>. Acrescentemos que a primeira epístola atribuída a São João é, segundo todas as aparências, do mesmo autor do quarto Evangelho; logo, a epístola parece ter sido conhecida de Policarpo<sup>72</sup>; ela era, digamos,

---

<sup>66</sup> Cap. 6,7, 8, 9, 1 l. As passagens das epístolas atribuídas a Stº Inácio onde pensou-se encontrar alusões ao quarto Evangelho são de uma autenticidade duvidosa. A autoridade de Celso, algumas vezes alegada, não tem valor algum, pois Celso foi contemporâneo de Orígenes.

\* Sistema filosófico de inúmeras nuances derivado do pensamento platônico, segundo o qual o mundo surgiu de um deus inefável por emanção, depois decaiu pela invasão da matéria, e reencontrará no final dos tempos seu esplendor inicial.

<sup>67</sup> Irineu, *Adv. haer.*, I, III, 6; III, XI, 7; Santo Hipólito (?), *Philosophumena*, VI, II, 29 e seguintes. Cf. *Ibidem*, VII,1, 22, 27.

<sup>68</sup> Irineu, *Adv. Haer.*, III, XI, 9.

<sup>69</sup> Epiph., *Adv. haer.*, LI, 3, 4, 28; livro 1.

<sup>70</sup> Cartas de Irineu para Florinus, em Eusébio, *H.E.*, V, 20. Compare *ibidem*, III, 39.

<sup>71</sup> I Joann., I, 3, 5. Os dois escritos oferecem grande identidade de estilo, os mesmos rodeios, as mesmas expressões favoritas.

<sup>72</sup> *Epist. Ad Philipp.*, 7. Compare com I Joannes, IV, 2 e seg. Mas esta poderia ser uma simples coincidência, originada do fato que os dois escritos são da mesma escola e do mesmo tempo. A autenticidade da epístola de Policarpo é contestada.

citada por Pápias<sup>73</sup>; Irineu a reconhece como de João<sup>74</sup>.

Se agora voltássemos as luzes para a leitura da obra em si mesma, notaríamos primeiramente que o autor nela fala sempre como testemunha ocular. Ele quer se passar pelo apóstolo João; vê-se claramente que ele escreve no interesse desse apóstolo.

A cada página se trai a intenção de fortificar a autoridade do filho de Zebedeu, de mostrar que ele foi o preferido de Jesus e o mais clarividente dos discípulos<sup>75</sup>; que, em todas as circunstâncias solenes (na Ceia, no Calvário, no túmulo), ele ocupava primeiro lugar. As relações, em suma fraternais — embora não excluindo certa rivalidade — de João com Pedro<sup>76</sup>, o ódio de João, ao contrário, por Judas<sup>77</sup>, ódio talvez anterior à traição, parecem manifestar-se aqui e ali. É-se tentado a crer, às vezes, que João, em sua velhice, tendo lido os relatos evangélicos que circulavam, de um lado, notou neles diversas incorreções<sup>78</sup>; de outro, ficou ofendido ao ver que na história de Cristo não lhe deram grande destaque; que então começou a contar uma porção de coisas que ele sana melhor que os outros, com a intenção de mostrar que, em muitos casos em que só se falava de Pedro, ele havia figurado com e à frente

---

<sup>73</sup> Eusébio, *H.E.*, III, 39. Seria bem estranho que Pápias, que não conhecia o Evangelho, conhecesse a epístola. Eusébio diz apenas que Pápias se serve de testemunhas tiradas desta epístola. E isso não implica numa citação expressa. Tudo se limitava talvez a algumas palavras que Eusébio, mau juiz em questões de crítica, julgou fossem tomadas de empréstimo da epístola.

<sup>74</sup> *Adv. Haer.*, III, XVI, 5, 8. Cf. Eusébio, *H.E.*, V, 8.

<sup>75</sup> João, XIII, 23 e seg.; XVIII, 15-16; XIX, 26; XX, 2 e seg.; XXI, 7, 20 e seg.

<sup>76</sup> João, XVIII 15-16; XX, 2-6; XXI, 15-19. Compare I, 35, 40, 41.

<sup>77</sup> João VI, 65; XII, 6; XIII, 21 e seg.

<sup>78</sup> A maneira pela qual se expressa Presbíteros Joannes acerca do Evangelho de Marcos (Pápias, em Eusébio, *H.E.*, III, 39) implica de fato uma crítica benevolente, ou quiçá in tipo de escusa, que parece supor que os discípulos de João concebiam, sobre o mesmo assunto, algo de melhor.

dele<sup>79</sup>. Mesmo quando Jesus era vivo, esses leves sentimentos de ciúme eram percebidos entre os filhos de Zebedeu e os outros discípulos<sup>80</sup>. Desde a morte de Tiago, seu irmão, João ficou como único herdeiro das recordações íntimas das quais os dois apóstolos — com o consentimento de todos — eram depositários. Essas recordações puderam ser conservadas no círculo de João e, como as ideias de boa-fé literária da época diferiam muito das nossas, um discípulo, ou melhor dizendo, um desses numerosos sectários já meio gnósticos que, desde o fim do século I, na Ásia Menor, começavam a modificar profundamente a ideia de Cristo<sup>81</sup>, pode ter sido tentado a pegar a pena no lugar do apóstolo e se passar por livre redator de seu evangelho. Não lhe deve ter custado mais falar em nome de João do que custou ao pio autor da segunda epístola de Pedro escrever uma carta em nome deste último. Identificando-se com o apóstolo amado de Jesus, ele assumiu todos os seus sentimentos em seus mínimos detalhes. Daí essa perpétua atenção do suposto autor em lembrar que ele é o último sobrevivente das testemunhas oculares<sup>82</sup>, e o prazer que tem em contar circunstâncias que só ele podia conhecer. Daí tantos pequenos traços de precisão que queriam se fazer passar por escólios de um anotador: “eram seis horas”; “era noite”; “esse homem se chamava Malco”; “havia acendido um aquecedor, pois fazia frio”; “essa túnica era sem costura”<sup>83</sup>. Daí, enfim, a desordem da composição, a irregularidade do

---

<sup>79</sup> Compare João, XVIII, 15 e seg., com Mateus, XXVI, 58; João XX, 2-6 com Marcos XVI, 7. Ver também João, I, 35 e seg., XIII, 24-25; XXI, 7, 20 e seg.

<sup>80</sup> Ver capítulo 9: *Os discípulos de Jesus*, pp.198/199.

<sup>81</sup> Ver a Epístola aos Colossenses, principalmente II 8, 18; I Tim., I, 4; VI, 20; II Tim., II, 18.

<sup>82</sup> João, I, 14; XIX, 35; XXI, 24 e seg. Compare a primeira Epístola de João I, 3, 5.

<sup>83</sup> Nenhum desses episódios pode ter um valor importante: I, 40; II, 6; IV, 52; V, 5, 19; VI, 9, 19; XXI, 11.

andamento, o desalinhamento dos primeiros capítulos, tantos traços inexplicáveis na suposição de que nosso evangelho seria apenas uma tese de teologia sem valor histórico, e que se compreendem, se se virem aí as recordações de um velho, redigidas não pela pessoa de que emanam, recordações ora de um prodigioso frescor, ora tendo sofrido estranhas alterações.

De fato, uma distinção fundamental deve ser feita no Evangelho de João. Por um lado, esse evangelho nos apresenta um esboço da vida de Jesus que difere consideravelmente do dos sinóticos. Por outro lado, ele atribui a Jesus discursos cujo tom, estilo, modos e doutrinas não têm nada em comum com os *Logia* referidos pelos sinóticos. Sob esse segundo ponto de vista, a diferença é tal que é preciso discernir de maneira acurada. Se Jesus falava como o quer Mateus, ele não pôde falar como o quer João. Entre as duas autoridades, nenhum crítico hesitou nem hesitará. A mil léguas do tom simples, desinteressado, impessoal dos sinóticos, o Evangelho de João mostra incessantemente as preocupações do apologista, os pensamentos dissimulados do sectário, a intenção de provar uma tese e de convencer adversários<sup>84</sup>. Não foi por meio de falas pretensiosas, pesadas, mal escritas, com pouco sentido moral, que Jesus fundou sua obra divina. Páprias não nos dirá que Mateus escreveu as frases de Jesus em sua língua original? A natural, a inefável verdade, o encantamento sem igual dos discursos contidos nos Evangelhos sinóticos, o jeito profundamente hebraico desses discursos, as analogias que eles apresentam com as frases dos doutores judeus da época, sua perfeita harmonia com a natureza da Galiléia; todos esses caracteres, se os aproximarmos da gnose obscura, da metafísica que impregna os discursos de João, eles falarão bem alto.

---

<sup>84</sup> Ver por exemplo os cap. IX e XI. Observar principalmente o estranho efeito que causam as passagens (como *João* XIX, 35; XX, 31; XXI, 20-23, 24-25 quando lembramos a ausência de qualquer reflexão, como as que distinguem os sinóticos.



Isso não quer dizer que não existam, nos discursos de João, admiráveis clarões, traços que vêm realmente de Jesus<sup>85</sup>. Mas o tom místico desses discursos não corresponde em nada ao caráter da eloquência de Jesus tal como se imagina pelos sinóticos. Um novo espírito soprou; a gnose já começou; a era galiléia do reino de Deus acabou; a esperança da próxima vinda de Cristo se distancia; entra-se nas trevas do dogma abstrato. O espírito de Jesus não está ali, e se o filho de Zebedeu realmente riscou essas páginas, teríamos de supor que ele, ao escrever, esqueceu o lago de Genesaré e as encantadoras conversas que ouviu às suas margens.

Aliás, uma circunstância que bem prova que os discursos referidos pelo quarto Evangelho não são peças históricas, mas que devem ser vistos como composições destinadas a cobrir com a autoridade de Jesus certas doutrinas caras ao redator, é sua perfeita harmonia com o estado intelectual da Ásia Menor no momento em que eles foram escritos. A Ásia Menor era então o teatro de um estranho movimento de filosofia sincrética; todos os germes do gnosticismo já existiam ali. Cerinto, contemporâneo de João, dizia que um eão chamado *Cristus* tinha se unido pelo batismo ao homem chamado Jesus, e o havia deixado sobre a cruz<sup>86</sup>. Alguns dos discípulos de João parecem ter bebido nessas fontes estranhas. Pode-se afirmar que o próprio apóstolo não sofreu influências parecidas<sup>87</sup>, que não se passou com ele algo de análogo à mudança que aconteceu com São Paulo, da qual a epístola aos Colossenses é a principal testemunha?<sup>88</sup> Não, sem dúvida. É possível que,

---

<sup>85</sup> Por exemplo, IV, I e seg.; XV, 12 e seg. Muitas palavras mencionadas no quarto Evangelho são encontradas nos sinóticos (XII, 16; XV, 20).

<sup>86</sup> Irineu, *Adv. haer.*, I, XXVI, 1.

<sup>87</sup> A expressão *Logos* (Apocalipse, XIX, 13) e principalmente a Cordeiro de Deus, comuns ao quarto Evangelho e ao Apocalipse, seda indicações disso.

<sup>88</sup> Compare Col., I, 13 e seg. com a Epístola aos Tessalonicenses, as mais antigas que temos de Paulo.

após as crises do ano 68 (data do Apocalipse) e do ano 70 (ruína de Jerusalém), o velho apóstolo, com a alma ardente e móvel, desiludido da crença numa próxima aparição do Filho do Homem nas nuvens, tenha se inclinado para as ideias que ele encontrava ao seu redor, entre as quais várias se casavam bastante bem com algumas doutrinas cristãs. Empréstado essas novas ideias a Jesus, ele teria tido apenas uma inclinação bem natural. Nossas lembranças se transformam com todo o resto; o ideal de uma pessoa que conhecemos muda conosco. Considerando Jesus como a encarnação da verdade, João bem pode ter-lhe atribuído o que ele passou a tomar como verdade.

Todavia, é muito mais provável que o próprio João não tenha tido nenhuma participação nisso, que a mudança não tenha acontecido por sua causa, mas à sua volta e, sem dúvida, após sua morte. A longa velhice do apóstolo pode ter terminado num estado de fraqueza em que ele esteve de algum modo à mercê dos que o cercavam<sup>89</sup>. Um secretário pode ter aproveitado esse estado para fazer falar segundo seu estilo aquele que todo mundo chamava por excelência “o Velho”. Alguns trechos do quarto Evangelho foram adicionados posteriormente; assim é todo o 21º capítulo<sup>90</sup>, em que o autor parece ter

---

<sup>89</sup> Ao lado disse, cenas tradições (Eusébio, H.E., III, 39) associam, em seus últimos tempos, um homônimo, *Presbíteros Joannes*, que parece às vezes ter segurado a pena por ele, e a ele ter-se substituído. Sobre isso, a assinatura o presbíteros das epístolas II e III de João, que nos parecem ser da mesma mão que o Evangelho e a primeira Epístola, dão bem o que refletir. Todavia a existência deste *Presbíteros Joannes* não está claramente estabelecida. Parece ter sido imaginada por comodidade daqueles que, por escrúpulos de ortodoxia, não queriam atribuir o Apocalipse ao apóstolo (ver a nota 53 do texto, p. 59). O argumento que Eusébio saca em favor desta hipótese de uma passagem de Pápias não é decisivo. As palavras ἡτίλωάωννης desta passagem podem ter sido interpoladas. Neste caso, as palavras *presbíteros Joannes* pela pena de Pápias estaria designando o apóstolo João mesmo (Pápias aplica expressamente a palavra presbíteros aos apóstolos, cf. I Petri, v, 1), e Irineu teria pois razão contra Eusébio em considerar Pápias um discípulo de João. O que confirma esta suposição é o fato de Pápias chamar *Presbíteros Joannes* um discípulo imediato de Jesus.

<sup>90</sup> Os versículos XX, 30-31 formam evidentemente a antiga conclusão.

se proposto render homenagem ao apóstolo Pedro após sua morte e responder às objeções que se iriam pôr ou que já se punham sobre a morte do próprio João (v. 21-23). Vários outros lugares trazem a marca de rasuras e de correções<sup>91</sup>. Não sendo considerado por todos como obra de João, o livro bem pôde ficar cinquenta anos obscuro. Pouco a pouco criou-se um hábito em torno dele e acabou-se por aceitá-lo. Mesmo antes de se tomar canônico, várias pessoas puderam se servir dele como de um livro mediocrementemente autorizado, mas muito edificante<sup>92</sup>. Por um outro lado, as contradições com os Evangelhos sinóticos que ele oferecia, que eram bem difundidas, impediram durante muito tempo de fazê-lo entrar em consideração no contexto da vida de Jesus tal como se imaginava.

Assim se explica a bizarra contradição que apresentam os escritos de Justino e as *Homilias pseudoclementinas*, em que e encontram traços de nosso evangelho, mas onde certamente ele não foi posto no mesmo nível que os sinóticos. Daí também essas espécies de alusões, que não são citações francas, que são feitas até por volta do ano 180. Dai enfim essa particularidade, a de que o quarto Evangelho parece emergir lentamente dos movimentos da Igreja da Ásia no século II, primeiramente adotado pelos gnósticos<sup>93</sup> e obtendo na Igreja ortodoxa apenas um crédito muito parcial — como se vê pela

---

<sup>91</sup> Iv, 2 (compare. W, 22); Vil, 22. O XII, 33 parece ser da mesma mão que o XXI, 19.

<sup>92</sup> Assim os valentinianos, que o aceitaram, e o autor das *Homilias pseudo-clementinas* o desconsideraram completamente na avaliação da duração da vida pública de Jesus. (Irineu, *Adv.haer.*, I, III, 3; II, XXII, 1 e seg.; *Homilias pseudo-clementinas*, XVII, 19).

<sup>93</sup> Valentin, Ptolomeu, Heráclion, Basilide, Apeile, os “naassenianos”, os “peratas”. (Irineu, *Adv.haer.*, I, VIII, 5; III, XI, 7; Orígenes, *In Joannes*, VI, 8, etc.; Epiph., *Adv. Haer.*, XXXIII, 3; ver principalmente os *Philosophumena*, livros VI e VIII). Permanece duvidoso se, atribuindo citações do quarto Evangelho a Basilide e a Valentin, os Padres não atribuíram a este fundadores de escolas os sentimentos que reinavam entre eles e suas escolas.

controvérsia da Páscoa — para depois ser universalmente reconhecido. Às vezes sou levado a crer que é no quarto Evangelho que Pápias pensava quando ele opõe às informações exatas sobre a vida de Jesus os longos discursos e os preceitos estranhos que outros lhe atribuem<sup>94</sup>. Pápias e o velho partido judaico-cristão deviam considerar tais novidades bem condenáveis. Não seria a primeira vez que um livro antes herético teria forçado as portas da Igreja ortodoxa e aí se tornado regra de fé.

Ao menos uma coisa que vejo como muito provável é o livro ter sido escrito antes do ano 100, quer dizer, numa época em que os sinóticos ainda não tinham plena canonicidade. Passada essa data, não se conceberia mais que o autor se tivesse libertado a esse ponto do quadro das “Memórias apostólicas”. Para Justino e, parece, para Pápias, o quadro sinótico constitui o verdadeiro e único plano da vida de Jesus. Um falsário, escrevendo por volta do ano 120 ou 130 um evangelho de fantasia, contentar-se-ia em tratar a seu modo a versão recebida, como fazem os evangelhos apócrifos, não transtornando inteiramente o que se via como linhas essenciais da vida de Jesus. Isso é tão verdadeiro que, desde a segunda metade do século II, essas contradições tomaram-se uma dificuldade grave entre as mãos dos alogianos e obrigaram os defensores do quarto Evangelho a imaginar soluções bem embaraçosas<sup>95</sup>. Nada prova que o redator do quarto Evangelho não teve, ao escrever, algum dos Evangelhos sinóticos diante de si<sup>96</sup>. As chocantes semelhanças de seu relato com os outros três Evangelhos, no que diz respeito à Paixão, levam a supor que desde

---

<sup>94</sup> Em Eusébio, *Hist. eccl.*, III, 39.

<sup>95</sup> Epiph., *Adv. Haer.*, LI; Eusébio, *Hist. Eccl.*, III, 24.

<sup>96</sup> As concordâncias entre Marcos, II, 9 e João, V, 8, 9; Marcos, VI, 37 e João, VI, 7; Marcos, XIV, Marcos, XIV, 4 e João, XII, 5; Lucas, XXIV, 1, 2, 12 e João, XX, 1, 4, 5, 6, embora singulares, explicam-se suficientemente como lembranças.

então havia para a Paixão, como para a Ceia<sup>97</sup>, um relato mais ou menos fixo, que se sabia de cor.

É impossível, a distância, solucionar esses problemas singulares, e sem dúvida muitas surpresas nos estariam reservadas, nos fosse dado penetrar nos segredos dessa misteriosa escola de Éfeso, que mais de uma vez parece ter-se comprazido das vias obscuras. Mas é uma experiência fundamental. Qualquer pessoa que se puser a escrever a vida de Jesus sem uma firme teoria sobre o valor relativo dos Evangelhos, deixando unicamente guiar pelo sentimento sobre o assunto, será levada em muitos casos a preferir a narração do quarto Evangelho àquela dos sinóticos. Os últimos meses da vida de Jesus, em particular, só são explicados por esse evangelho; vários trechos da Paixão, inteligíveis nos sinóticos<sup>98</sup>, retomam no relato do quarto Evangelho a verossimilhança e a possibilidade. Bem ao contrário, ousa desafiar quem quer que seja a compor uma vida de Jesus, que tenha um sentido, observando os discursos que o pretenso João atribui a Jesus. Aquela maneira de pregar e de se demonstrar continuamente, aquela perpétua argumentação, aquela exposição sem ingenuidade, aqueles longos raciocínios após cada milagre, aqueles discursos rígidos e desajeitados, cujo tom é tão frequentemente falso e desigual<sup>99</sup>, não seriam próprios de um homem com gosto pelas deliciosas sentenças que, segundo os sinóticos, formam a alma do ensinamento de Jesus. São evidentemente peças artificiais<sup>100</sup>, que nos apresentam as prédicas de Jesus como os diálogos de Platão nos mostram as conversas de Sócrates. São, de algum modo, variações de um músico im-

---

<sup>97</sup> I Cor., XI, 23 e seg.

<sup>98</sup> Por exemplo, o que diz respeito à traição de Judas.

<sup>99</sup> Ver, por exemplo, II, 25; II-33 e as longas disputas dos capítulos VII, VIII, IX.

<sup>100</sup> Com frequência sente-se que o autor busca pretexto para arrumar um discurso (cap. III, V, VIII, XIII e seg.)

provisando por conta própria sobre um tema dado. O tema, no presente caso, pode ter alguma autenticidade mas, na execução, a fantasia do artista corre solta. Sente-se o procedimento factício, a retórica, o preparo<sup>101</sup>. Acrescentemos que o vocabulário de Jesus não é encontrado nos trechos de que falamos. A expressão “reino de Deus”, que era tão familiar ao mestre<sup>102</sup>, aparece uma única vez<sup>103</sup>. Em contrapartida, o estilo dos discursos atribuídos a Jesus pelo quarto Evangelho oferece a mais completa analogia com o das partes narrativas do mesmo evangelho e com o do autor das epístolas ditas do João. Vê-se que, ao escrever esses discursos, o autor do quarto Evangelho seguia, não suas memórias, mas o movimento um tanto monótono de seu próprio pensamento. Nele manifesta-se uma nova língua mística, caracterizada pelo emprego frequente das palavras “mundo”, “verdade”, “vida”, “luz”, “trevas”, e que é bem menos a dos sinóticos que a do livro da Sabedoria, de Filon, dos valentinianos. Se Jesus tinha falado nesse estilo, que não tem nada de hebreu, nada de judaico, como acontece que, entre seus ouvintes, apenas um tenha guardado tão bem o segredo?

De resto, a história literária oferece um exemplo que apresenta uma certa analogia com o fenômeno histórico que acabamos de expor, e que serve para explicá-lo. Sócrates que como Jesus, não escreveu, é conhecido por intermédio de dois de seus discípulos, Xenofonte e Platão: o primeiro, por sua redação límpida, transparente, impessoal, correspondendo aos sinóticos; o segundo, por sua rigorosa individualidade, lembrando o autor do quarto Evangelho. Para expor o ensinamento socrático, devem-se seguir os *Diálogos* de Platão ou as *Conversações* de Xenofonte? Não há dúvida possível a esse respeito:

---

<sup>101</sup> Por exemplo, no cap. XVII.

<sup>102</sup> Além dos sinóticos, os Atos, as Epístolas de São Paulo e o Apocalipse dão fé disso.

<sup>103</sup> João, III, 3, 5.

todos se apegaram às *Conversações*, e não aos *Diálogos*. Todavia, Platão não ensina nada sobre Sócrates? Seria de bom alvitre, ao escrever a biografia deste último, negligenciar os *Diálogos*? Quem ousada sustentar um tal procedimento?

Sem se pronunciar sobre a questão material de saber qual mão traçou o quarto Evangelho, e mesmo estando convencido de que não é a do filho de Zebedeu, pode-se então admitir que esta obra possui algumas razões para se chamar “o Evangelho segundo João”. O esboço histórico do quarto Evangelho é, no meu ponto de vista, a vida de Jesus tal como se a conhecia no contexto imediato de João. Acrescento que, na minha opinião, essa escola conhecia melhor diversas circunstâncias exteriores da vida do fundador que o grupo cujas memórias constituíram os Evangelhos sinóticos. Tinha ela, notadamente sobre a estada de Jesus em Jerusalém, dados que as outras Igrejas não possuíam. O *Presbyteros Joannes*, que provavelmente não é um personagem diferente do apóstolo João, via, diz-se, o relato de Marcos como incompleto e desordenado; ele tinha até um sistema para explicar as lacunas desse relato<sup>104</sup>. Certas passagens de Lucas, em que há como um eco das tradições joaninas<sup>105</sup>, provam, aliás, que as tradições conservadas pelo quarto Evangelho não eram, para o resto da família cristã, algo completamente desconhecido.

Essas explicações serão suficientes, penso eu, para que se veja, na sequência do relato, os motivos que me determinaram

---

<sup>104</sup> Pápías, *loc. cit.* Ver nota 34.

<sup>105</sup> Assim, a remissão da mulher pecadora, o conhecimento que Lucas tem da família de Betânia, o tipo de caráter de Marta que responde ao διηχόμεναι de João (XII, 2), a noção que tem da viagem de Jesus à Samaria e, ao que parece, mesmo das diversas viagens de Jesus para Jerusalém, as bizarras analogias do Lázaro de Lucas com o de João, a passagem da mulher que enxuga os pés de Jesus com seus cabelos, a ideia que Jesus apareceu, em sua Paixão, diante de três autoridades, a opinião do autor do terceiro Evangelho que alguns discípulos assistiram à crucificação, informação que tem sobre o papel de Anna ao lado de Caifás, a aparição do anjo durante a agonia de Jesus (com João, XII, 28-29).

a dar preferência a tal ou qual dos quatro guias que temos para a vida de Jesus. Em suma, admito os quatro Evangelhos canônicos como documentos sérios. Todos remontam ao século que se seguiu à morte de Jesus, mas seu valor histórico é muito diferente. Mateus merece evidentemente toda a confiança para os discursos, que são os *Logia*, as notas feitas sobre a lembrança viva e nítida do ensinamento de Jesus. Uma espécie de clarão ao mesmo tempo doce e terrível, uma força divina, se ousar dizer, sublinha essas palavras, as destaca do contexto e as torna para o crítico facilmente reconhecíveis. A pessoa que se encarregou de fazer com a história evangélica uma composição regular possui, neste caso, uma excelente pedra de toque. As verdadeiras palavras de Jesus se revelam, por assim dizer, por si próprias; assim que as tocamos nesse caos de tradições de autenticidade desigual as sentimos vibrar; elas traduzem como que espontaneamente, e vêm por si próprias colocar-se no relato, onde guardam relevo sem igual.

As partes narrativas agrupadas no primeiro Evangelho em torno desse núcleo primitivo não têm a mesma autoridade.

Ali se encontram lendas de um contorno um tanto frouxo, saídas dos devotos da segunda geração cristã<sup>106</sup>. Os relatos que Mateus possui em comum com Marcos mostram erros de cópia, o que testemunha um médio conhecimento da Palestina<sup>107</sup>. Muitos episódios são repetidos duas vezes, certos personagens são dobrados, o que prova que fontes diferentes foram utilizadas e grosseiramente amalgamadas<sup>108</sup>. O Evangelho de Marcos é bem mais firme, mais preciso, menos car-

---

<sup>106</sup> Cap. I e, principalmente, o II. Ver também XXVII, 3 e seg., 19, 51-53, 60; XXVIII, 2 e seg., e compare com Marcos.

<sup>107</sup> Compare Mateus, xv, 39, com Marcos, VIII, 10. Ver *Comptes rendus de l'Academie des Inscript. et Belles-Lettres*, 17 de agosto de 1866.

<sup>108</sup> Compare Mateus, IX, 27-31 e XX, 29-34 com Marcos, VIII, 22-26, e X, 46-52; Mateus, VIII, 28-34 com Marcos V, 1-20; Mateus, XII, 38 e seg. com Mateus, XVI, 1 e seg. com Mateus, XII, 24 e seg.



regado de circunstâncias tardiamente inseridas. Dos três sinóticos, foi o que se manteve mais antigo, mais original<sup>109</sup>, ao qual vieram se juntar menos elementos posteriores. Os detalhes materiais têm em Marcos uma nitidez que se buscaria em vão nos outros evangelistas. Ele gosta de transcrever certas palavras de Jesus em siro-caldaico<sup>110</sup>. É cheio de observações minuciosas vindas sem dúvida alguma de uma testemunha ocular. Nada se opõe a que essa testemunha ocular, que evidentemente seguiu Jesus, a quem ele amou e viu de muito perto, de quem guardou uma imagem viva, não seja o próprio apóstolo Pedro, como o quer Pápias.

Quanto à obra de Lucas, seu valor histórico é sensivelmente mais fraco. É um documento de segunda mão. A narração dele é mais burilada. Nele, as palavras de Jesus são mais refletidas, mais compostas. Algumas sentenças são forçadas ao excesso e falseadas<sup>111</sup>. Escrevendo fora da Palestina, e certamente após o cerco de Jerusalém<sup>112</sup>, o autor indica os lugares com menos rigor que os outros dois sinóticos; ele apresenta com prazer exagerado o Templo como um oratório onde se vai para fazer as devoções<sup>113</sup>; não fala dos herodianos; dilui os detalhes para conseguir uma concordância entre os diferentes relatos<sup>114</sup>; ameniza as passagens que se tomaram embaraçosas segundo a ideia mais exaltada que havia em torno dele a respeito da divindade de Jesus<sup>115</sup>; exagera o maravilhoso<sup>116</sup>; comete erros

---

<sup>109</sup> Compare, por exemplo, Marcos, XV, 23, com Mateus, XXVII, 34.

<sup>110</sup> Marcos, V, 41; VII, 34; XIV, 36; XV, 34. Mateus oferece esta particularidade apenas uma vez (XXVII, 46).

<sup>111</sup> Lucas, XIV, 26. As regras do apostolado (X, 4, 7) tem aqui um particular caráter de exaltação.

<sup>112</sup> XIX, 41, 43-44; XXI, 9,20; XXIII, 29.

<sup>113</sup> II, 37; XVIII, 10 e seg.; XXIV, 53.

<sup>114</sup> IV, 16. Compare as passagens citadas no texto, notas 1 e 3.

<sup>115</sup> III, 23. Omite o episódio Marcos, XIII, 32 (Mateus, XXIV, 36).

<sup>116</sup> IV, 14: XXII, 43, 44.

de cronologia<sup>117</sup> e de topografia<sup>118</sup>, omite as glosas hebraicas<sup>119</sup>, parece saber pouco de hebraico<sup>120</sup>, não cita nenhuma palavra de Jesus nessa língua, nomeia todas as localidades por seu nome grego, às vezes corrige desajeitadamente a palavras de Jesus<sup>121</sup>. Sente-se o escritor que compila, o homem que não testemunhou diretamente, que trabalha sobre os texto, e se permite fortes violências para colocá-los de acordo. Luca tinha provavelmente diante de si o relato primitivo de Marcos e os *Logia* de Mateus. Mas ele os trata com muita liberdade; ora funde dois casos ou duas parábolas em uma<sup>122</sup>, ora decompõe uma em duas<sup>123</sup>. Ele interpreta os documentos segundo seu próprio espírito; não tem a impassibilidade absoluta de Mateus e de Marcos. Podem-se dizer certas coisas de seus

---

<sup>117</sup> No que diz respeito ao recenseamento feito por Quirino, à revolta de Teudas, e talvez à menção de Lisânias, na verdade a exatidão do evangelista possa ser defendida. Ver Missão da Fenícia, p. 317 e seg.; *Corpus inscript. gr.*, nº 4521 e os *addenda*; Jos., Ant., XVI, VI, 10; XIX, V, 1; XX, VII, 1; *B.J.*, II, XI, 5; XII, 8.

<sup>118</sup> Compare Lucas, XXIV, 13 com Jos., *B.J.*, VII, VI, 6 (Ed. Dindorf). Lucas, I, 39 é pois suspeito de ter cometido algum erro.

<sup>119</sup> Compare Lucas, I, 31 com Mateus, I, 21; Lucas, XX, 46, com Mateus, XXIII, 7-8. Ele evita as palavras *abba, rabbi, corbona, corban, raca, Boanerges*.

<sup>120</sup> São Jerônimo, *In.Is.*, cap. VI (Opp., ed. Martiany, III, col. 63-64). Os hebraísmos de seu estilo e certas passagens judaicas, tais como as dos Atos, I, 12, se originam provavelmente de pessoas que ele frequentava, de livros que havia lido, de documentos de que dispunha.

<sup>121</sup> Por exemplo, ἔργων (Mateus, XI, 19) nele se torna τέχων (Lucas, VII, 35), correção que, por um tipo de efeito retrativo, foi introduzida na maior parte dos manuscritos de Mateus.

<sup>122</sup> Por exemplo, XIX, 12-27, onde a parábola dos talentos está confundida (versículos 12, 14, 15, 27) com uma parábola sobre sujeitos rebeldes. A parábola do rico (XVI) também contém passagens que se ligam mediocrementemente ao tema principal (as úlceras, os cães e os versículos 23 e seg.).

<sup>123</sup> Assim, o banquete de Betânia gera duas narrativas (VII 36-48, e X, 38-42). E faz o mesmo com os discursos. Assim encontramos Mateus, XXIII, em Lucas, XI, 39 e seg., XX, 46-47.

gostos e de suas tendências particulares: é um devoto muito exato<sup>124</sup>; ele sustenta que Jesus tenha cumprido todos os ritos judaicos<sup>125</sup>; ele é democrata e ebionita exaltado, quer dizer, muito oposto à propriedade e convencido de que a compensação dos pobres virá<sup>126</sup>; ele superestima as anedotas, pondo em relevo a conversão dos pecadores, a exaltação dos humildes<sup>127</sup>; modifica frequentemente as tradições antigas para lhes dar esse tom<sup>128</sup>. Ele admite em suas primeiras páginas lendas sobre a infância de Jesus, contadas com as longas ampliações, os cânticos, os procedimentos convencionais que formam o traço essencial dos evangelhos apócrifos.

Enfim, há no relato dos últimos tempos de Jesus algumas circunstâncias cheias de um sentimento terno, e certas palavras de Jesus de uma rara beleza<sup>129</sup>, que não se encontram nos relatos mais autênticos, e nas quais se sente o trabalho da lenda. Lucas provavelmente as tirou de uma coletânea mais recente, em que se visava principalmente a excitar sentimentos de devoção.

Uma grande reserva seria naturalmente recomendada em face de um documento dessa natureza. Seria também pouco recomendável omiti-lo, em vez de usá-lo com discernimento. Lucas teve diante de si originais que não temos mais. É menos

---

<sup>124</sup> XXIII, 56; XXIV, 53; Atos, I, 12.

<sup>125</sup> II, 21, 22, 39, 41, 42. É uma passagem ebionita Cf. *Philosophumena*, VII, VI, 34.

<sup>126</sup> A parábola do rico e de Lázaro. Ver também VI, 20 e seg., 24 e seg. (compare as expressões bem mais moderadas de Mateus, v, 3 e seg.); X, 7; XII, 13 e seg.; XVI inteiro; XXII, 35; *Atos*, II, 44-45; V, 1 e seg.

<sup>127</sup> A mulher que unge os pés, Zaqueu, o bom ladrão, a parábola do fariseu e do publicano, o filho pródigo.

<sup>128</sup> Por exemplo, a mulher que unge os pés, nele se tomou uma pecadora convertida.

<sup>129</sup> Jesus chorando sobre Jerusalém, o suor sanguinolento, o encontro com as santas mulheres, o bom ladrão, etc. As palavras para as mulheres de Jerusalém (XXIII, 28-29) só podem ter sido conhecidas após o cerco do ano 70.

um evangelista que um biógrafo de Jesus, um “harmonista”, um revisor à maneira de Marcião e de Taciano. Mas é um biógrafo do século I, um artista divino que, independentemente das informações, nos mostra o caráter do fundador com um toque alegre, uma inspiração de conjunto, um relevo que os outros dois sinóticos não têm. Seu evangelho é o que tem mais encanto na leitura, pois à incomparável beleza do fundo comum ele acrescenta uma parte de artifício e de composição que aumenta singularmente o efeito do retrato, sem prejudicar gravemente sua verdade.

Em suma, pode-se dizer que a redação sinótica atravessou três graus: 1º) o estado documental original, primeiras redações que não existem mais; 2º) o estado de simples mistura, em que os documentos originais foram amalgamados sem nenhum esforço de composição, sem que se note uma vista pessoal da parte dos autores (Evangelhos atuais de Mateus e de Marcos); 3º) o estado de combinação, de redação intencional e refletida, em que se sente o esforço para conciliar as diferentes versões (Evangelho de Lucas, Evangelho de Marcião, de Taciano, etc.). O Evangelho de João, como dissemos, forma uma composição de outra ordem e completamente à parte.

Note-se que não fiz uso algum dos evangelhos apócrifos. Essas composições não devem ser de modo algum postas no mesmo nível dos evangelhos canônicos. São vulgares e pueris ampliações, tendo quase sempre como base os canônicos e nunca acrescentando a eles nada de valor. Ao contrário, tive muito cuidado em recolher os fragmentos, conservados pelos Padres da Igreja, dos antigos evangelhos que existiram outrora paralelamente aos canônicos e que foram perdidos, como o Evangelho segundo os Hebreus, o Evangelho segundo os Egípcios, os Evangelhos ditos de Justino, de Marcião, de Taciano<sup>130</sup>. Os dois primeiros são sobretudo importantes por terem

---

<sup>130</sup> Para maiores detalhes, ver Michel Nicolass, *Estudos sobre os Evangelhos apócrifos*. (Paris., Levy, 1866).

sido redigidos em aramaico, como os *Logia* de Mateus, que parecem ter constituído uma variante do Evangelho atribuído a esse apóstolo, e que foi o Evangelho dos Ebionitas, ou seja, essas pequenas cristandades da Batanéia que guardaram o uso do siro-caldaico, e que parecem, sob alguns pontos de vista, ter continuado a linha de Jesus. Mas é preciso confessar que, no estado em que nos chegaram, esses evangelhos são inferiores, no que tange à autoridade crítica, à redação do Evangelho de Mateus que possuímos.

Agora parece que se pode compreender o tipo de valor histórico que atribuo aos Evangelhos. Não são nem biografias a moda de Suetônio nem lendas fictícias à maneira de Filostrato; são biografias lendárias. Eu as aproximarei de bom grado das lendas de santos, da Vida de Plotino, de Procluso, de Isidoro, e outros escritos do mesmo gênero, em que a verdade histórica e a intenção de apresentar modelos de virtude se combinam em diversos graus. A inexatidão, que é um dos traços de todas as composições populares, faz-se sentir particularmente aí. Suponhamos que, há quinze ou vinte anos, três ou quatro velhos soldados do Império fossem postos cada um de seu lado a escrever a vida de Napoleão com suas lembranças.

É claro que seus relatos ofereceriam numerosos erros, fortes discordâncias. Um deles poria Wagram antes de Marengo; o outro escreveria sem hesitar que Napoleão expulsou das Tulherias o governo de Robespierre; um terceiro omitiria expedições da mais alta importância. Mas uma coisa resultaria certamente com um alto grau de verdade desses relatos ingênuos: é o caráter do herói, a impressão que provocava em torno dele. Nesse sentido, tais histórias populares seriam melhores que uma história solene e oficial. Pode-se dizer o mesmo dos Evangelhos. Unicamente atentos em pôr em destaque a excelência do mestre, seus milagres, seu ensinamento, os evangelistas mostram uma inteira indiferença por tudo o que não é o próprio espírito de Jesus. As contradições sobre os tempos, os lugares, as pessoas, eram vistas como insignificantes, pois quanto mais se emprestava à palavra de Jesus um alto grau de

inspiração, menos se estava longe de atribuir essa inspiração aos redatores. Estes se viam apenas como simples escribas e se atinham a uma única coisa: nada omitir do que sabiam<sup>131</sup>. Sem contradição, uma parte de ideias preconcebidas deve ter se misturado a tais lembranças. Vários relatos, principalmente de Lucas, são inventados para fazer ressaltar vivamente certos traços da fisionomia de Jesus. Essa própria fisionomia sofria alterações a cada dia. Jesus seria um fenômeno único na história se, com o papel que ele cumpria, não tivesse rapidamente se transfigurado. A lenda de Alexandre surgiu antes que a geração de seus companheiros de armas fosse extinta; a de São Francisco de Assis começou durante sua vida. Um rápido trabalho de metamorfose se operou da mesma forma, nos vinte ou trinta anos que se seguiram à morte de Jesus, e impôs à sua biografia os contornos absolutos de uma lenda ideal. A morte aperfeiçoa o homem mais perfeito; ela o torna sem defeito para aqueles que o amaram. Por outro lado, ao mesmo tempo que se queria pintar o mestre, se queria demonstrá-lo. Muitos relatos eram concebidos para provar que nele as profecias vistas como messiânicas foram cumpridas. Mas esse procedimento, do qual não se deve negar a importância, não poderia tudo explicar. Nenhuma obra judaica do tempo dá uma série de profecias exatamente lavradas que o Messias deveria cumprir. Várias alusões messiânicas destacadas pelos evangelistas são tão sutis, tão afastadas, que não se pode crer que tudo isso correspondeu a uma doutrina geralmente admitida. Por vezes se raciocinava ao contrário: “O Messias deve fazer tal coisa; ora, Jesus é o Messias, logo tal coisa devia acontecer ao Messias”<sup>132</sup>. As explicações simples demais são sempre falsas quando se trata de analisar a trama dessas profundas criações do sentimento popular, que frustram todos os sistemas com sua riqueza e sua infinita variedade.

---

<sup>131</sup> Ver as passagens anteriormente citadas de Pápias.

<sup>132</sup> Ver, por exemplo, João, XIX, 23-24.

Só falta dizer que, com tais documentos, para dar apenas o incontestável, seda preciso ater-se às linhas gerais. Em quase todas as histórias antigas, mesmo naquelas que são bem menos lendárias que estas, o detalhe se presta a dúvidas infinitas. Quando temos dois relatos do mesmo fato, é extremamente raro que os dois estejam de acordo. Não há razão, quando se tem só um, para deparar com tantas perplexidades? Pode-se dizer que, entre as anedotas, os discursos, as palavras célebres reportadas pelos historiadores, não existe algo de rigorosamente autêntico. Existiam estenógrafos para fixar essas palavras rápidas? Existia um analista sempre presente para anotar os gestos, os modos, os sentimentos dos atores? Tentemos chegar à verdade sobre a maneira como se passou tal ou qual fato contemporâneo, e não conseguiremos. Dois relatos de um mesmo acontecimento feitos por duas testemunhas oculares diferem essencialmente. Por isso se deve renunciar a todo o colorido dos relatos e se limitar ao enunciado dos fatos de conjunto? Seria suprimir a história. Certamente, acredito, à exceção de certos axiomas curtos e quase mnemônicos, que nenhum discurso relatado por Mateus é textual; apenas nossos processos verbais estenografados o são. Admito de bom grado que o admirável relato da Paixão encerra uma porção deles. Entretanto, far-se-ia a história de Jesus, omitindo essas prédicas que nos mostram de uma forma tão viva a fisionomia de seus discursos e se limitando a dizer, como Josefo e Tácito, “que ele foi condenado à morte por ordem de Pilatos por instigação dos sacerdotes”? Este seria, longe de mim, um tipo de inexatidão ainda maior que aquele em que se expõe admitindo os detalhes que nos fornecem os textos. Esses detalhes não são literalmente verdadeiros, mas são verdadeiros de uma verdade superior; eles são mais verdadeiros que a verdade nua, no sentido de que são a verdade tomada expressiva e falante, elevada à altura de uma ideia.

Rogo às pessoas que achem que dediquei uma confiança exagerada a esses relatos em grande parte lendários que levem em conta a observação que acabo de fazer. A que se reduziria

a vida de Alexandre se se limitasse ao que é materialmente certo? As próprias tradições em parte errôneas encerram uma porção de verdade que a história não pode negligenciar. Não censuramos Sprenger por ter, ao escrever a vida de Maomé, levado em conta os *hadith* ou tradições orais sobre o profeta, e por ter com frequência atribuído textualmente a seu herói palavras que não são conhecidas a não ser por essa fonte. As tradições sobre Maomé, contudo, não têm um caráter histórico superior ao dos discursos e relatos que compõem os Evangelhos. Elas foram escritas do ano 50 ao 140 da Hégira. Quando se escrever a história das escolas judaicas nos séculos que precederam e se seguiram imediatamente ao nascimento do cristianismo, não se terá nenhum escrúpulo em atribuir a Hillel, a Schammaï, a Gamaliel, as máximas que lhe atribuem a *Mischna* e a *Gemara*, embora essas grandes compilações tenham sido redigidas várias centenas de anos após os doutores de que tratam.

Quanto às pessoas que acreditam, ao contrário, que a história deve consistir em reproduzir sem interpretação os documentos que nos chegam, peço-lhes que observem que em tal caso isso não é lícito. Os quatro principais documentos estão em flagrante contradição uns com os outros; Josefo, aliás, os retifica algumas vezes. É preciso escolher. Dizer que um acontecimento não pode ter-se passado de duas maneiras ao mesmo tempo, nem de um modo absurdo, não é impor à história uma filosofia *a priori*. A partir do fato de que se possua várias versões diferentes de um mesmo fato, de que a credulidade tenha posto em todas essas versões circunstâncias fabulosas, o historiador não deve concluir que o fato seja falso, mas ele deve, em tal caso, prestar atenção, discutir os textos e proceder por indução. Existe sobretudo uma classe de relatos a respeito dos quais esse princípio encontra uma aplicação necessária, que são os relatos sobrenaturais. Tentar explicar esses relatos ou reduzi-los a lendas não é mutilar os fatos em nome da teoria, é partir da própria observação dos fatos. Nenhum dos milagres que as velhas histórias estão



repletas se passou em condições científicas. Uma observação, que não foi nenhuma vez desmentida, nos ensina que só acontecem milagres nas épocas e nos lugares em que se acredita neles, diante de pessoas dispostas a acreditar neles. Nenhum milagre se produziu diante de um grupo de homens capazes de constatar o caráter miraculoso de um fato. Nem a gente do povo nem as pessoas do mundo são competentes para isso. São necessárias grandes precauções e um longo hábito de pesquisas científicas. Em nossos dias, já não vimos quase todas as pessoas do mundo sendo enganadas por grosseiras maravilhas ou pueris ilusões? Feitos maravilhosos foram atestados por vilarejos inteiros, graças a uma busca mais severa, desmascarados<sup>133</sup>. Já que foi atestado que nenhum milagre contemporâneo suporta discussão, não é provável que os milagres do passado, que foram realizados em reuniões populares, nos ofereceriam, se nos fosse possível criticá-los minuciosamente, sua parte de ilusão?

Não é então em nome de tal ou qual filosofia, é em nome de uma constante experiência que banimos o milagre da história. Não dizemos: “O milagre é impossível”; nós dizemos: “Até hoje não existiu milagre constatado”. Se amanhã um taumaturgo se apresentasse com garantias bastante sérias para ser discutido, e se anunciasse como capaz de ressuscitar um morto, que faríamos? Uma comissão composta de fisiologistas, de físicos, de químicos, de pessoas habilitadas na crítica histórica seria nomeada. Essa comissão escolheria o cadáver, assegurar-se-ia de que a morte é bem real, designaria a sala em que deveria ser feita a experiência, regularia todo o sistema de precauções necessárias para não deixar nenhuma dúvida.

Se, em tais condições, a ressurreição se operasse, uma probabilidade quase igual à certeza seria admitida. Todavia, como uma experiência deve sempre ser repetida, como se deve ser

---

<sup>133</sup> Ver a *Gazette des Tribunaux*, 10 de setembro e 11 de novembro de 1851, e 28 de maio de 1857.

capaz de refazer o que se fez uma vez, e como, na ordem do milagre, não deve existir fácil ou difícil, o taumaturgo seria convidado a reproduzir seu ato maravilhoso em outras circunstâncias, em outros cadáveres, em outro meio. Se cada vez o milagre acontecesse, duas coisas seriam provadas: a primeira, que ele acontece no mundo dos fatos sobrenaturais; a segunda, que o poder de reproduzi-los pertence ou é delegado a certas pessoas. Mas quem não vê que nenhum milagre aconteceu nessas condições; que sempre até aqui o taumaturgo escolheu o objeto da experiência, escolheu o meio, escolheu o público: que, por outro lado, mais comumente, é o povo mesmo que, por causa da invencível necessidade que ele tem de ver nos grandes acontecimentos e nos grandes homens algo de divino, cria mais tarde as lendas maravilhosas? Logo, até segunda ordem, manteremos o princípio de crítica histórica: que um relato sobrenatural não pode ser admitido como tal, que ele implica sempre credulidade ou impostura, que o dever do historiador é interpretar e pesquisar qual parte de verdade e qual parte de erro ele pode aceitar.

Tais são as regras que foram seguidas na composição deste escrito. Á leitura dos textos pude acrescentar uma grande fonte de luzes, a vista dos lugares onde se passaram os acontecimentos. A missão científica que dirigi em 1860 e 1861 tinha como objeto a exploração da antiga Fenícia, levando-me a residir nas fronteiras da Galiléia e para ali viajar constantemente. Atravessei em todos os sentidos a província evangélica; visitei Jerusalém, Hebron e a Samaria; quase nenhuma localidade importante da história de Jesus me escapou. Toda essa história que, a distância, parece flutuar nas nuvens de um mundo sem realidade, desse modo tomou um corpo e uma solidez que me espantaram. A concordância chocante dos textos e dos lugares, a maravilhosa harmonia do ideal evangélico com a paisagem que lhe serviu de quadro foram para mim uma revelação. Tive diante dos olhos um quinto evangelho, esfarrapado, mas ainda legível e, desde então, diante dos relatos de Mateus e de Marcos, no lugar de um ser abstrato, que se diria

nunca ter existido, vejo uma admirável figura humana viver, mover-se. Durante o verão, devendo ir para Gazir, no Líbano, para descansar um pouco, fixei em traços rápidos a imagem que me apareceu, e disso resultou esta história. Quando uma cruel prova veio apressar minha partida, só faltava redigir algumas páginas. Desse modo, o livro foi composto bem perto dos lugares em que Jesus nasceu e viveu. Desde minha volta<sup>134</sup> (outubro de 1861), trabalhei sem descanso para completar e registrar detalhadamente o esboço que tinha feito às pressas numa cabana maronita, com cinco ou seis volumes à minha volta.

Muitos lamentarão talvez o contorno biográfico que minha obra acabou tomando. Quando concebi pela primeira vez uma história das origens do cristianismo, o que eu queria fazer, de fato, era uma história de doutrinas, em que os homens não tivessem quase nenhuma participação. Jesus seda apenas citado; eu estaria preocupado em mostrar como as ideias que se produziram em seu nome germinaram e cobriram o mundo. Mas compreendi, depois, que a história não é um simples jogo de abstrações, que os homens nela são mais que as doutrinas. Não foi uma determinada teoria sobre a justificação e a redenção que fez a Reforma: foi Lutero, foi Calvino. O parsismo, o helenismo, o judaísmo, teriam podido se combinar sob todas as formas; as doutrinas da ressurreição e do Verbo teriam podido se desenvolver durante séculos, sem produzir esse fato fecundo, único, grandioso que se chama cristianismo. Esse fato é a obra de Jesus, de São Paulo, dos apóstolos. Fazer a história de Jesus, de São Paulo, dos apóstolos, é fazer a história das origens do cristianismo. Os movimentos anteriores pertencem ao nosso assunto apenas enquanto servem para explicar esses homens extraordinários, os quais não podem naturalmente ficar desligados daqueles que os precederam.

Com tamanho esforço para fazer reviver as altivas almas

---

<sup>134</sup> Meu retorno ocorreu em outubro de 1861. A primeira edição da *Vida de Jesus* foi em junho de 1863.

do passado, uma parte de adivinhação e de conjectura deve ser permitida. Uma grande vida é um todo orgânico que não se pode exprimir pela simples aglomeração de pequenos fatos. É preciso que um sentimento profundo envolva o conjunto e faça dele uma unidade. A razão artística em tal assunto é um bom guia; o tato requintado de um Goethe encontraria aplicação nesse caso. A condição essencial das criações de arte é formar um sistema vivo cujas partes todas se relacionem e se comandem. Nas histórias do tipo desta, o grande sinal de que se sustenta a verdade é ter conseguido combinar os textos do um modo que resultem num relato lógico, verossímil, em que nada destoe. As leis íntimas da vida, da marca dos produtos orgânicos, da degradação das nuances, devem ser a cada momento consultadas, pois o que se trata de achar não é a circunstância material, impossível de verificar, é a própria alma da história; o que se deve procurar não é a pequena certeza das minúcias, é a justeza do sentimento geral, a verdade da cor. Cada traço que sai das regras da narração clássica deve advertir para tomar cuidado, pois o fato que se trata de contar foi conforme a necessidade das coisas, natural, harmonioso. Se não se consegue isso pelo relato, é porque certamente não se conseguiu vê-lo bem. Suponhamos que, ao restaurar Minerva de Fídias segundo os textos, se produzisse um conjunto seco, destoante, artificial: o que se deveria concluir? Uma só coisa: que os textos têm necessidade da interpretação do gosto, que é preciso inquiri-los gentilmente, até que eles acabem por se aproximar e fornecer um conjunto em que todos os dados estejam felizmente fundidos. Estaríamos assim certos de ter, passo a passo, a estátua grega? Não, mas teríamos ao menos sua caricatura; teríamos o espírito geral da obra, uma das formas como ela pode ter existido.

Não hesitamos em tomar por guia esse sentimento de um organismo vivo no arranjo geral do relato. A leitura dos Evangelhos bastaria para provar que seus redatores, embora tendo no espírito um plano muito justo da vida de Jesus, não foram guiados por dados cronológicos rigorosos; Pápias, aliás,

nos ensina expressamente, e apoia sua opinião em um testemunho que parece emanar do próprio apóstolo João<sup>135</sup>. As expressões: “Naquele tempo”, “Depois disso”, “Então”, “E aconteceu que”, etc., são simples transições destinadas a fazer a ligação entre os diferentes relatos. Deixar todas as informações na desordem em que a tradição dos Evangelhos nos fornece não seria mais escrever a história de Jesus, senão escrever a história de um homem célebre dando confusamente as palavras e casos de sua juventude, de sua velhice, de sua maturidade. O Corão, que nos oferece também na mais completa desconexão as peças das diferentes épocas da vida de Maomé, deixou seu segredo para uma crítica engenhosa; descobriu-se de um modo mais ou menos correto a ordem cronológica em que essas peças foram compostas. Tal levantamento é muito mais difícil para o Evangelho, tendo a vida pública de Jesus sido mais curta e menos carregada de acontecimentos que a vida do fundador do islamismo. Contudo, a tentativa de encontrar um fio condutor nesse labirinto não poderia ser tachada de sutileza gratuita. Não há grande abuso de hipótese supor que um fundador religioso começa por se ligar aos aforismos morais que estão em circulação e às práticas em voga; que, mais maduro e entrando em plena posse de seu pensamento, ele se compraz de um gênero de eloquência grave, calma, poética, distanciada de qualquer controvérsia, suave e livre como o sentimento puro; que ele se exalte pouco a pouco, se anime diante da oposição, termine com as polêmicas e as fortes invectivas. Tais são os períodos que se distingue nitidamente no Corão. A ordem adotada com um tato extremamente fino pelos sinóticos supõe uma marcha análoga. Lendo-se atentamente Mateus, será encontrada na distribuição dos discursos uma gradação muito análoga à que acabamos de indicar. Poderá ser observada, aliás, a reserva dos torneios de frase da qual nos servimos quando se trata de expor o progresso

---

<sup>135</sup> Em Eusébio, *Hist. eccl.*, III, 39.

das ideias de Jesus. O leitor pode, se preferir, ver nas divisões adotadas nesse sentido apenas os cortes indispensáveis à exposição metódica de um pensamento profundo e complicado.

Se o amor por um assunto pode servir a dar inteligência, poderá se reconhecer também, espero, que tal condição não me faltou. Para fazer a história de uma religião é necessário, primeiramente, ter acreditado nela (sem isso, não se saberia compreender por que ela encantou e satisfez a consciência humana); em segundo lugar, não mais acreditar nela de uma maneira absoluta, pois a fé absoluta é incompatível com a história sincera. Mas o amor existe sem a fé. Por não se apegar a nenhuma das formas que cativam a adoração dos homens, não se renuncia a experimentar o que elas têm de bom e do belo. Nenhuma aparição passageira esgota a divindade; Deus se revelou antes de Jesus, Deus se revelará depois dele. Profundamente desiguais e tanto mais divinas quanto maiores, mais espontâneas, as manifestações do Deus escondido no fundo da consciência humana são todas da mesma ordem. Jesus não saberia então pertencer unicamente aos que se dizem seus discípulos. Ele é honra comum daquele que carrega um coração humano. Sua glória não consiste em ser relegado para fora da história; prestamos-lhe um culto mais verdadeiro mostrando que a história inteira é incompreensível sem ele.

## CAPÍTULO 1

### **Lugar de Jesus na história do mundo**

O acontecimento mais importante da história do mundo foi a revolução que permitiu às camadas mais privilegiadas da humanidade passarem de antigas religiões, reunidas sob o vago nome de “paganismo” para uma religião fundamentada na unidade divina, na trindade e na encarnação do filho de Deus. Essa conversão, a fim de que pudesse ser concretizada, levou quase mil anos. Para a formação dessa nova religião foram precisos pelos menos trezentos anos. A citada revolução teve origem sob os impérios de Augusto e de Tibério. Foi nessa época que viveu uma pessoa incomum que, por sua iniciativa ousada e pelo amor que soube inspirar, criou as bases e marcou o início da futura fé da humanidade.

Desde que o homem se diferenciou do animal, tornou-se religioso; ou seja, ele percebeu que na natureza havia algo além da realidade e, em si mesmo, algo que estava além da morte. Durante milhares de anos esse sentimento se deturpou de maneira estranhíssima. Para certas raças ele não foi além da crença em feiticeiros, sob a forma primitiva que ainda hoje encontramos em certas regiões da Oceania. Entre alguns povos, o sentimento religioso culminou nas violentas cenas de sacrifícios humanos que formavam o caráter da antiga religião do México. Outros países, principalmente a África, não ul-

trapassaram o fetichismo, ou seja, a adoração de um objeto material ao qual se atribuíam poderes sobrenaturais. Tal como o instinto de amor, que por vezes eleva o homem mais vulgar acima de si mesmo e, por outras, se transforma em perversão e ferocidade. Assim, essa divina faculdade da religião pareceu por muito tempo um câncer que precisava ser extirpado da espécie humana, a causa de erros e de crimes que os sábios deviam procurar suprimir.

As brilhantes civilizações que se desenvolveram desde as mais remotas eras na China, Babilônia e Egito contribuíram para que, de certa forma, a religião progredisse. A China logo chegou a uma espécie de “bom senso mediano”, impedindo-lhe grandes desvios, pois não conheceu as vantagens e os abusos do espírito religioso. Em todo caso, por esse lado, não teve influência alguma sobre a direção da grande corrente da humanidade. As religiões da Babilônia e da Síria, por sua vez, nunca se libertaram de um estranho fundo de sensualidade. Elas sempre foram, até sua extinção no século IV ou V da nossa era, escolas que contrariavam as regras morais estabelecidas, nas quais, às vezes, graças a uma espécie de intuição poética, se entreviam clarões luminosos sobre o mundo divino. O Egito, apesar de uma espécie de fetichismo aparente, logo incorporou dogmas metafísicos e um simbolismo apurado.

Mas, sem dúvida, essas interpretações de uma teologia refinada não eram primitivas. O homem, de posse de uma ideia clara, dificilmente tenta representá-la por símbolos. Isso só acontece como resultado da reflexão e da impossibilidade que encontra o espírito humano de se resignar com o absurdo. Só aí se buscam ideias sob as velhas imagens místicas, cujo sentido se perdeu. Adernais, não foi do Egito que veio a fé da humanidade. Os elementos que chegaram à religião cristã, através de mil transformações, oriundos do Egito e da Síria, são formas exteriores sem muita consequência, ou escórias que os cultos mais aperfeiçoados ainda retêm. O grande erro das religiões de que falamos foi seu caráter supersticioso. O que elas legaram ao mundo foram milhões de amuletos e



talismãs. Nenhum grande pensamento moral podia surgir de raças subjugadas por um despotismo secular e acostumadas a instituições que cerceavam quase todo exercício de liberdade dos indivíduos.

A poesia da alma, a fé, a liberdade, a honestidade, a dedicação, aparecem no mundo com duas grandes raças que, em certo sentido, formaram a humanidade. Retiro-me à raça indo-europeia e à semítica. As primeiras instituições religiosas da raça indo-europeia foram essencialmente naturalistas. Mas trata-se de um naturalismo profundo e moral, um abraço amoroso entre o homem e a natureza, uma poesia deleitosa, cheia de sentimento do infinito. Enfim, o princípio de tudo o que o espírito germânico e céltico com que um Shakespeare ou um Goethe iriam se exprimir mais tarde. Não era a religião nem a moral refletidas; em melancolia, ternura, imaginação; era, acima de tudo, seriedade, ou seja, a condição essencial da moral e da religião. A fé da humanidade, entretanto, não podia vir daí, porque esses velhos cultos tinham muita dificuldade em se desligar do politeísmo e não chegavam a um símbolo bem claro. O bramismo sobreviveu até nossos dias graças ao espantoso privilégio de conservação que a Índia parece possuir. O budismo fracassou em todas as tentativas em direção ao Ocidente. O druidismo permaneceu como uma forma exclusivamente nacional e sem projeção universal. As tentativas gregas de reforma, o orfismo, os mistérios, não foram suficientes para dar alimento sólido às almas. Unicamente a Pérsia chegou a constituir uma religião dogmática, quase monoteísta e sabiamente organizada; mas é bem possível que até essa organização tenha sido imitação ou empréstimo. Em todo caso, a Pérsia não converteu o mundo; ao contrário, ela converteu a si mesma, quando viu surgir sobre as fronteiras a bandeira da unidade divina proclamada pelo Islão.

Foi a raça semítica<sup>1</sup> que teve a glória de formar a religião

---

<sup>1</sup> Observo que essa palavra designa aqui simplesmente os povos que falam ou falaram uma das línguas chamadas “semíticas”. Tal designação é falha; mas é uma dessas palavras, como “arquitetura gótica”, “algarismos árabicos”, que é preciso conservar para se entender, mesmo após se demonstrar o erro nelas contido.

da humanidade. Muito além dos confins da história, sob a sua tenda mantida livre das desordens de um mundo já corrompido, o patriarca beduíno preparava a fé do mundo. Uma forte antipatia pelos cultos voluptuosos da Síria, uma grande simplicidade no ritual, completa ausência de templos, o ídolo reduzido a insignificantes *theraphim*, eis a superioridade. De todas as tribos nômades dos semitas, a dos Beni-Israel já estava predestinada a um destino grandioso. As antigas relações com o Egito, de que resultaram empréstimos imensuráveis, fizeram aumentar ainda mais sua aversão à idolatria.

Uma “Lei” ou Terá, muito antiga, escrita em tábuas de madeira, e que eles atribuíam a seu grande libertador Moisés, já era desde então o código do monoteísmo e continha, comparada às instituições do Egito e da Caldéia, poderosos germes de igualdade social e de moralidade. Uma arca portátil, encimada por uma esfinge<sup>2</sup>, tendo dos lados argolas para serem passadas por varões de ferro, era todo o material religioso; ali estavam reunidos os objetos sagrados da nação, as relíquias, as lembranças, o “livro”, enfim<sup>3</sup>, o diário da tribo sempre aberto, mas onde se escrevia bem discretamente. A família encarregada de guardar os varões de ferro e de tomar conta desses arquivos portáteis, por ter acesso ao livro, rapidamente se tomou importante. Contudo, não foi daí que veio a instituição que decidiu o futuro. O sacerdote hebreu não difere muito dos outros sacerdotes da Antiguidade. O caráter que distingue essencialmente Israel dos povos teocráticos é que o sacerdócio sempre foi subordinado à inspiração individual. Além dos seus sacerdotes, cada tribo nômade tinha seu *nabi* ou profeta,

---

<sup>2</sup> Compare Lepsius, *Denkmäler aus Äthiopien*; de Rougé, *Étude sur une stèle égypt. Appartenant à la Bibl. impér.* (Paris, 1858); de Vogüé, *Le Temple de Jérusalem*; Guigniaut, *Rel. de l'ant.*

<sup>3</sup> I Sam., X, 25.

uma espécie de oráculo vivo que era consultado sobre questões obscuras, cuja solução supunha um alto grau de clarividência. Os nabis de Israel, organizados em grupos ou escolas, tiveram grande influência. Defensores do antigo espírito democrático (inimigo dos ricos), avessos a qualquer organização política e ao que engajasse Israel nas trilhas de outras nações, eles foram verdadeiros instrumentos da primazia religiosa do povo judeu. Logo revelaram esperanças ilimitadas e, quando o povo, em parte vítima de seus conselhos apolíticos, foi massacrado pela potência assíria, eles proclamaram que um reino sem fronteiras estava reservado a Judá, que um dia Jerusalém seria a capital de todo o mundo, e que o gênero humano se tomaria judeu. Jerusalém, com seu Templo, lhes apareceu como uma cidade colocada sobre o cume de uma montanha, em direção à qual todos os povos deveriam acorrer, como um oráculo de onde a lei universal deveria surgir, como o centro de um reino ideal, onde o gênero humano, pacificado por Israel, reencontraria os gozos do Éden<sup>4</sup>.

Já se ouvem sotaques desconhecidos exaltando o martírio e celebrando o poder do “homem voltado ao sofrimento e à dor”. A respeito de algum desses conformados fiéis, que a tudo sublimavam e que, como Jeremias, fingiram de sangue as ruas de Jerusalém, um inspirado entoou um cântico sobre os sofrimentos e o triunfo do “servidor de Deus”, no qual parecia estar concentrada toda a força profética do espírito de Israel<sup>5</sup>. “Ele se elevava como um fraco arbusto, como um rebento que brota de um solo árido; ele não tinha graça nem beleza. Cumulado de injúrias, desprezado pelos homens, todos lhe viravam o rosto; coberto de ignomínias, não tinha valor algum. É porque ele se encarregou de nossos sofrimentos; é

---

<sup>4</sup> Isaías, II, I-4, e sobretudo os capítulos e seg., LX e seg.; Miquéias, IV e seg. É preciso lembrar que a segunda parte do livro de Isaías, a partir do capítulo XL, não é de Isaías.

<sup>5</sup> Isaías, LII, 13 e seg. e LIII (inteiro).

porque ele tomou para si nossas dores. Poderiam tê-lo tomado por um homem estigmatizado por Deus, tocado por sua mão. Nossos crimes o cobriram de feridas, nossas iniquidades o dilaceraram; o castigo que nos concedeu o perdão pesou sobre ele, e seus padecimentos trouxeram-nos cura. Éramos como um rebanho errante, cada qual se tinha desgarrado, e Jeová fez recair sobre ele a iniquidade de todos. Esmagado, humilhado, ele não abriu a boca; deixou-se levar como um cordeiro para a imolação; como uma ovelha silenciosa diante daquele que a tosa, ele se resignou. Seu túmulo confunde-se com o do um mau elemento, sua morte, com a de um ímpio. Mas, a partir do momento em que oferecer sua vida, ele verá nascer uma posteridade numerosa, e os interesses de Jeová prosperarão em sua mão”.

Ao mesmo tempo, profundas modificações se operaram na Torá. Novos textos foram escritos, tentando reproduzir a verdadeira lei de Moisés, como o Deuteronômio. Eles inauguram, de fato, um espírito bem diferente daquele dos velhos nômades. Um grande fanatismo foi a marca dominante desse espírito. Crentes exaltados desencadeiam constantes violências contra tudo o que se afasta do culto de Jeová. É estabelecido um código de sangue, o qual decretava a pena de morte para delitos religiosos. A piedade quase sempre atrai singulares oposições de veemência e de doçura. Esse zelo, desconhecido pela rude simplicidade do tempo dos Juízes, inspira tons de pregação comovida e de terna unção que o mundo ainda não havia ouvido até então. Uma forte tendência para as questões sociais já se faz sentir; utopias, sonhos de uma sociedade perfeita ganham espaço no código. Misto de moral patriarcal e de devoção ardente, de intuições primitivas e de refinamentos piedosos como os que impregnaram a alma de um Ezequias, de um Josias, de um Jeremias, o Pentateuco se fixa, desse modo, na forma em que vemos, e se transforma, durante séculos, em regra absoluta do espírito nacional.

Uma vez criado esse grande livro, a história do povo judaico se desenrola de forma irresistivelmente sedutora Os

grandes impérios que se sucederam na Ásia ocidental, desiludidos pelo reino terrestre, afirmaram-se aos sonhos religiosos com uma espécie de paixão sombria. Pouco preocupados com a dinastia nacional ou com independência política, aceitam todos os governos que lhes permitem praticar livremente seu culto e seguir seus costumes. Israel terá como única meta a de seus entusiastas religiosos; como únicos inimigos, os da unidade divina; como única pátria, sua Lei.

É preciso ressaltar que essa Lei era inteiramente social e moral. A obra de homens imbuídos de um alto ideal da vida presente e convencidos de terem encontrado os melhores meios para realizá-lo. É unânime a convicção de que a fiel observância da Torá só pode trazer a felicidade perfeita.

Essa Torá nada tem a ver com as “Leis” gregas ou romanas, que se preocupavam unicamente com o direito abstrato, abordando superficialmente as questões de felicidade ou de moralidade privadas. Sente-se de antemão que os efeitos resultantes da Lei judaica serão de ordem social, e não de ordem política, que a obra à qual esse povo se dedica pertence ao reino de Deus, e não a uma república civil; pertence a uma instituição universal, e não a uma nacionalidade ou a uma pátria. Em meio a numerosos enfraquecimentos, Israel sustentou admiravelmente essa vocação. Uma série de homens piedosos, Esdras, Neemias, Onias, os Macabeus, consumidos pelo zelo da Lei, se sucedem na defesa das antigas instituições. A ideia de que Israel é um povo de santos, uma tribo escolhida por Deus e a ele ligada por um contrato, tem raízes cada vez mais inabaláveis. Uma longa espera preencheu sua alma. Toda a Antiguidade indo-européia havia posto o paraíso na origem; todos os poetas haviam chorado a idade de ouro extinta. Israel posicionou a idade de ouro no futuro. A eterna poesia das almas religiosas, os Salmos eclodem desse pietismo exaltado, com sua divina e melancólica harmonia. Israel se torna realmente, e por excelência, a terra de Deus Enquanto isso, à sua volta as religiões pagãs se reduzem cada vez mais, na Pérsia e Babilônia, a um charlatanismo oficial; no Egito e

na Síria, a uma rude idolatria; no mundo grego e latino, a exibicionismos. O que os mártires cristãos fizeram nos primeiros séculos da nossa era, o que as vítimas da ortodoxia perseguidora fizeram no próprio interior do cristianismo até nosso tempo, os judeus fizeram durante os dois séculos que precederam a era cristã. Eles foram um protesto vivo contra a superstição e o materialismo religioso. Um extraordinário movimento de ideias, que atingiu os mais diversos fins, fazia deles, nessa época, o povo mais surpreendente e mais original do mundo. Sua dispersão sobre todo o litoral do Mediterrâneo e o uso da língua grega, que eles adoraram fora da Palestina, abriram caminho para uma propaganda da qual as sociedades antigas, divididas em pequenas nacionalidades, não tinham ainda dado nenhum exemplo. Até o tempo dos Macabeus, o judaísmo, apesar de sua persistência em anunciar que ele seda um dia a religião do gênero humano, teve o mesmo caráter dos outros cultos da Antiguidade: era um culto de família e de tribo. O israelita pensava que seu culto era o melhor e falava com desprezo dos deuses estrangeiros. Mas ele acreditava também que a religião do verdadeiro Deus era feita só para ele. Abraça-se o culto de Jeová quando se entra na família judaica<sup>6</sup>: eis tudo. Nenhum israelita pensava em converter um estrangeiro a um culto que era o patrimônio dos filhos de Abraão. O desenvolvimento do espírito pietista, desde Esdras e Neemias, trouxe uma concepção muito mais firme e mais lógica. O judaísmo se tomou a verdadeira religião de maneira absoluta; concedeu-se o direito de ingressar nela a quem o quisesse<sup>7</sup>: logo tornou-se uma obra piedosa trazer para ela o maior número de pessoas possível<sup>8</sup>. Sem dúvida, o sentimento

---

<sup>6</sup> Ruth, I, 16.

<sup>7</sup> Esther, IX, 27.

<sup>8</sup> Mat. XXIII, 15; Josefo, *Vita*, 23; *Bell. Jud.*, II, XVII, 10; VII, III, 3; *Ant.*, XX, 4; Hor., *Sab.*, I, IV, 143; Juv., XIV, 96 e seg.; Tácito, *Ann.*, II, 85; *Hist.*, V, 5; Dion. Cassius, XXXVII, 17. Libertavam-se frequentemente os escravos, sob a condição de que eles permanecessem judeus. Levy (de Breslau), *Epigraphische Beyträge zur Gesch. der Juden*, p. 299 e seg.

generoso que elevou João Batista, Jesus, São Paulo, acima das mesquinhas ideias de raças ainda não existia; por uma estranha contradição, esses convertidos (prosélitos) não recebiam muita consideração e eram tratados com desdém<sup>9</sup>.

Mas estava fundamentada a ideia de uma religião exclusiva, de que existe no mundo algo superior à pátria, ao sangue, às leis; a ideia que formará os apóstolos e os mártires. Uma profunda compaixão pelos pagãos, por mais brilhante que seja sua fortuna mundana é, desde então, o sentimento de todo judeu<sup>10</sup>. A partir de uma série de lendas destinadas a fornecer modelos de inabalável firmeza (Daniel e seus companheiros, a mãe dos Macabeus e seus sete filhos<sup>11</sup>, o conto do hipódromo de Alexandria<sup>12</sup>), os guias do povo buscam, acima de tudo, inculcar essa ideia de que a virtude consiste num apego fanático a determinadas instituições religiosas.

As perseguições de Antíoco Epifânio fizeram dessa ideia uma paixão, quase um frenesi. Foi algo bem parecido com o que se passou sob Nero, duzentos e trinta anos depois. A raiva e o desespero lançaram os crentes num mundo de visões e de sonhos. O primeiro apocalipse, o “livro de Daniel”, apareceu então. Foi um renascimento da profetização, mas sob uma forma bem diferente da antiga e com uma visão bem mais ampla do destino do homem. O livro de Daniel deu, de alguma forma, sua expressão definitiva às esperanças messiânicas. O Messias não era mais um rei como Davi e Salomão, um Ciro teocrático e “moiseísta”; era um “Filho do Homem” surgindo

---

<sup>9</sup> Mischna, *Schebiit*, X, 9; Talmude da Babilônia, *Niddah*, fol.13b; *Jebamoth*, 47b; Kidduschin, 70b; Midraxa, *Jalkut Ruth*, fol. 163d.

<sup>10</sup> Carta apócrifa de Baruch, em Fabricius, *Cod. pseud. V. T.*, II e seg., e em Ceriani, *Monum. sacra e prof.*, fasc. II, p. 96 e seg.

<sup>11</sup> Seg. livro dos Macabeus, cap. VII, e o De Maccabeis, atribuído a Josefo. Cf. Epístola aos Hebreus, XI, 33 e seg.

<sup>12</sup> Terc. Livro (apócr.) dos Macabeus; Rufino, Suppl. Ad Jos., *Contra Apionem*, II, 5.

na névoa<sup>13</sup>, um ente sobrenatural, revestido de aparência humana, encarregado de julgar o mundo e de presidir à idade de ouro. Talvez o *Sosioch* da Pérsia, o profeta que vida, encarregado de preparar o reino de Ormuzd, tenha dado alguns traços ao esse novo ideal<sup>14</sup>. O autor desconhecido do livro de Daniel teve, em todo caso, uma influência decisiva sobre o evento religioso, que transformaria o mundo. Ele criou a encenação e os termos técnicos do novo messianismo, e pode-se aplicar a ele o que Jesus dizia a João Batista: “Até ele, os profetas; depois dele, o reino de Deus”. Um pouco mais tarde, as mesmas ideias se reproduziram sob o nome do patriarca Henoc. O essenismo, que parece ter estado em contato direto com a escola apocalíptica, nascia à mesma época<sup>15</sup>, e oferecia um primeiro esboço da grande disciplina que logo se constituiria para a educação do gênero humano.

Não se deve, contudo, acreditar que a causa desse movimento tão religioso e apaixonado foram os dogmas particulares, como o caso das lutas que eclodiram no interior do cristianismo. O judeu dessa época era o menos teológico possível. Ele não especulava a essência da divindade, cujo germe primordial já se deixava entrever; eram crenças livres, meditação às quais cada um se entregava segundo a expressão de seu espírito, mas da qual uma multidão não tinha ouvido falar. Eram mesmo os mais ortodoxos que ficaram longe de todas essas imaginações particulares, e se restringiam à simplicidade do mosaísmo. Ainda não existia nenhum poder dogmático análogo ao que o cristianismo ortodoxo deferiu à Igreja. Somente a partir do século III, quando o cristianismo caiu em mãos de

---

<sup>13</sup> Dan., VII, 13 e seg.

<sup>14</sup> *Vendidad*, XIX, 18, 19; *Minokhired*, passagem publicada na *Zeitschrift der deutschen morgenlandischen Gesellschaft*, I, 263; *Boundehesch*, XXXI. A falta de cronologia exata para os textos zendes deixa pairar muita dúvida sobre esses paralelos entre as crenças judaicas e persas.

<sup>15</sup> A primeira menção segura dos essênios se encontra por volta do ano 106 a.C. Jos., *Ant.*, XIII, XI, 2; *B.J.*, I, III, 5.



raças arrazoadas, ávidas por dialética e metafísica, é que tem início essa febre de definições que transforma a história da Igreja numa imensa controvérsia. Havia disputas também entre os judeus; escolas inflamadas davam soluções opostas a quase todas as questões que se punham; mas, nessas lutas, de que o Talmude conservou as principais linhas, não há uma única palavra de teologia especulativa. Observar e manter a Lei, porque a Lei é justa, e, bem observada, traz a felicidade, eis todo o judaísmo. Nenhum *credo*, nenhum símbolo teórico. Um discípulo da filosofia árabe mais arguto, Moisés Maimônidas, pôde se tomar o oráculo da sinagoga, porque era um canonista praticante.

Os reinos dos últimos Asmoneus e o de Herodes viram a exaltação crescer mais. Eles foram repletos de uma série ininterrupta de movimentos religiosos. À medida que o poder se secularizava e passava para mãos incrédulas, o povo judaico vivia cada vez menos para a terra e se deixava absorver cada vez mais pelo estranho trabalho que se operava em seu interior. O mundo, distraído com outros espetáculos, não tem conhecimento algum do que se passa nesse canto esquecido do Oriente. As almas mais informadas sobre seu século são, no entanto, mais prudentes. O temo e clarividente Virgílio parece responder, como por um eco secreto, ao segundo Isaías; o nascimento de uma criança o lança em sonhos de palingenesia (eterno retomo) universal<sup>16</sup>. Esses sonhos eram comuns e formavam como que um gênero de literatura que se envolvia com o nome das profetisas. A recente formação do Império exaltava as imaginações; a grande era da paz em que se entrava e essa impressão de sensibilidade melancólica que as almas experimentam, após longos períodos de revolução, faziam nascer esperanças ilimitadas por toda parte. Na Judéia, a expectativa

---

<sup>16</sup> Igr. IV. O *cumaem carmen* (v. 4) era uma espécie de apocalipse incompreensível, impregnado de filosofia da história familiar no Oriente. Ver em Servius a respeito desses versos, e *Carmina sibilina*, III, 97-817. Cf. Tác., *Hist.*, V, 13; Suet., *Vesp.*, 4; Jos., *B.J.*, VI, V, 4.

atingia seu clímax. Santas criaturas, entre as quais a lenda cita um velho, Simeão, cujos braços diz-se ter amparado Jesus, e Ana, filha de Fanuel, considerada profetisa<sup>17</sup>, passavam sua vida em volta do Templo, jejuando, rezando, para que fosse do agrado de Deus não retirá-los do mundo sem antes mostrar-lhes a realização das esperanças de Israel. Sente-se uma latência poderosa, a aproximação de algo desconhecido.

Essa mistura confusa de visões claras e de sonhos, essa alternativa de decepções e esperanças, essas aspirações incessantemente reprimidas por uma odiosa realidade, encontraram, enfim, seu intérprete no homem incomparável, ao qual a consciência universal concedeu o título de Filho de Deus, e com toda a justiça, já que ele deu à religião um impulso como nenhum outro e provavelmente jamais poderá ser igualado.

---

<sup>17</sup> Luc., II, 25 e seg.

## CAPÍTULO 2

### **Infância e juventude de Jesus. Suas primeiras impressões**

Jesus nasceu em Nazaré<sup>1</sup>, pequena cidade da Galiléia, que antes desse importante acontecimento não teve nenhuma celebridade<sup>2</sup>. Durante toda a sua vida foi conhecido pelo nome de “Nazareno”<sup>3</sup>, e só após entrarmos por um atalho bem complicado<sup>4</sup> é que seremos capazes de entender o porquê

---

<sup>1</sup> Mar., XIII, .54 e seg.; Marcos, VI, I e seg.; João, I, 45-46.

<sup>2</sup> Ela não é mencionada nem nos escritos do Velho Testamento, nem em Josefo, nem no Talmude. Mas é nomeada na liturgia de Kalir, para o 9 de ab.

<sup>3</sup> Mat., XXVI, 71; Marcos, I, 24; XIV, 67; Lucas, XVHI, 37; XXIV, 19; João, XIX, 19; Atos, li, 22; IR, 6; X, 38. Comp. João, VII, 41-42; Atos, II, 22, IR, 6; IV, 10; VL 14; XXII 8; XXVI, 9. Daí o nome de *nazarenos* (Aros, XXIV, 5), aplicado durante muito tempo aos cristãos pelos judeus, e que os designa ainda em todos os países muçulmanos.

<sup>4</sup> Essa circunstância foi inventada para responder a Miquéias, V, 1. O recenseamento efetuado por Quirino, ao qual a lenda relaciona a viagem a Belém, data de pelo menos dez anos além do ano em que, segundo Lucas, Jesus teria nascido. Os dois evangelistas, de fato, situam o nascimento de Jesus sob o reino de Herodes (Mat., II, 1, 19, 22; Lucas, I, 5). Logo, o recenseamento de Quirino só aconteceu após a deposição de Arquelau, quer dizer, dez anos após a morte de Herodes, no ano 37 da era de Acio (Josefo, *Ant.*, XVII, XIII, 5; XVIII, 5, I; II, 1). A inscrição pela qual se tentava outrora estabelecer que Quirino fez dois recenseamentos é reconhecida como falsa (V. Orelli, *Insc. Lat.*, nº 623, e o suplemento de Henzen nesse número; Borghesi, *Fatos Consulares* [ainda inéditos], no ano de 742). Quirino pode ter sido núncio duas vezes na Sítia, mas só houve recenseamento na sua segunda nunciatura (Mommsen, *Res gestae divi Augusti*, Berlim, 1865, p. 111 e seg.). O recenseamento, em todo caso, teria sido aplicado às partes reduzidas à província romana, e não ma reinados e tetrarquias, mormente enquanto vivesse Herodes, o Grande. Os textos pelos quais se tenta provar que algumas das operações de estatística e de cadastro determinadas por Augusto devem ter se estendido ao domínio de Herodes ou não tem a importância que se lhes quer dar ou são de autores cristãos, que tomaram este dado emprestado do Evangelho de Lucas. O que bem prova, aliás, que a viagem da família de Jesus a Belém não tem nada de histórico, que é o motivo a ela atribuído. Jesus não era da família de Davi (ver cap. 15) e, mesmo que fosse, não se conceberia, ademais, que seus pais tivessem sido forçados, por uma operação puramente cadastral e financeira, a ir se inscrever no local de onde seus ancestrais haviam saído mil anos antes. Impondo tal obrigação, a autoridade romana teria angariado para si pretensões carregadas de ameaças.

da lenda que diz ter ele nascido em Belém. Veremos adiante<sup>5</sup> o motivo dessa suposição e como ela era a consequência obrigatória do papel messiânico atribuído a Jesus<sup>6</sup>. Ignora-se a data precisa de seu nascimento. Ele ocorreu sob o reino de Augusto, provavelmente por volta do ano 750 de Roma<sup>7</sup>, ou seja, alguns anos antes do ano 1 da era que todos os povos civilizados datam como o dia oficial de seu nascimento<sup>8</sup>.

O nome *Jesus*, que lhe foi dado, é uma variação de Josué.

---

<sup>5</sup> Cap. 14.

<sup>6</sup> Mat., II, I e seg.; Luc., II, I e seg. A omissão desse relato em Marcos e as duas passagens paralelas, Mat., XIII, 54 e Marcos, VI, 1, nas quais Nazaré aparece como “a terra” de Jesus, provam a ausência de tal lenda no texto primitivo que forneceu o esboço narrativo dos Evangelhos atuais de Mateus e Marcos. É diante dessas objeções frequentemente repetidas que se terão acrescentado, quanto ao Evangelho de Mateus, reservas cuja contradição com o resto do texto não era tão flagrante a ponto de obrigar a correção dos locais que haviam sido descritos sob um ponto de vista muito diferente. Lucas, ao contrário (IV, 16), escrevendo refletidamente, empregou, para ser consequente, uma expressão mais amenizada. Quanto ao quarto evangelista, ele nada sabe da viagem a Belém; para ele, Jesus é simplesmente “de Nazaré”, ou “galileu”, em duas circunstâncias em que seria da maior importância lembrar seu nascimento em Belém (I, 45-46; VII, 41-42).

<sup>7</sup> Mateus, II, I, 19, 22; Lucas, I, 5. Herodes morreu na primeira metade do ano 750, correspondente ao ano 4 a.C.

<sup>8</sup> Sabe-se que o cálculo que serve de base à era vulgar foi feito no século VI por Dionísio, o Pequeno. Esse cálculo envolve certos dados puramente hipotéticos.

Na época, um nome bastante comum. Naturalmente, mais tarde buscou-se atribuir a ele algum significado misterioso e uma alusão ao papel de Salvador<sup>9</sup>. Talvez o próprio Jesus, como todos os místicos, se exaltasse com isso. Existem na história inúmeros casos de grandes vocações em que o nome dado quando criança veio a ter um papel importante na sua vida. As naturezas exaltadas nunca se conformam com o acaso no que lhes diz respeito. Tudo foi ordenado por Deus, e elas veem um sinal da vontade superior nas mais insignificantes circunstâncias.

A população da Galiléia era bem miscigenada, como o próprio nome indicava<sup>10</sup>. No tempo de Jesus, essa província contara, entre seus habitantes, com muitos não-judeus (fenícios, sírios, árabes e até gregos<sup>11</sup>). As conversões ao judaísmo não eram raras em países miscigenados, como nesse caso. É impossível, agora, levantarmos qualquer questão de raça e pesquisarmos que tipo de sangue corria nas veias daquele que mais contribuiu para apagar da humanidade as distinções de sangue.

Jesus nasceu num local humilde<sup>12</sup>: seu pai, José, e sua mãe Maria, eram pessoas de condição remediada, artesãos que viviam de seu trabalho<sup>13</sup>, numa situação bem comum no Oriente, sem conforto nem miséria. A extrema simplicidade da vida em tais regiões, descartando a necessidade do que, para nós, constitui uma existência agradável e cômoda, torna quase inútil o privilégio do rico e transforma todos em pobres voluntários. A completa ausência do interesse pelas artes e pelo que contribui à elegância da vida material dá à casa daquele a quem nada falta um aspecto de despojamento. Sem considerar o que de sórdido e de repulsivo o islamismo trouxe consigo

---

<sup>9</sup> Mat., I, 21; Luc., I, 31.

<sup>10</sup> *Galil-Haggouyim*, “círculo dos gentios”.

<sup>11</sup> Estrabão, XVI, II, 35; Jos., *Vita*, 12.

<sup>12</sup> Será explicada adiante (capítulo 14) a origem das genealogias incumbidas de ligá-lo à raça de Davi. Os *ébonim* suprimiam, com razão, essas genealogias (Epif., *Adv.haer.*, XXX, 14).

<sup>13</sup> Mat., XIII, 55; Marc., VI, 3; João, VI, 42.

a toda a terra santa, a cidade de Nazaré, no tempo de Jesus, talvez não fosse muito diferente do que é hoje<sup>14</sup>. Ainda podemos ver as ruas em que Jesus brincou quando criança, pelas veredas pedregosas ou encruzilhadas que separam as choupanas. Certamente a casa de José se parecia muito com essas lojas, cuja iluminação vem pela porta, servindo ao mesmo tempo de carpintaria, de cozinha, de quarto, e tendo por mobília uma esteira, algumas almofadas pelo chão, um ou dois vasos de argila e um cofre pintado.

A família, quer viesse de um ou vários casamentos, era bastante numerosa. Jesus tinha irmãos e irmãs<sup>15</sup>, dos quais parece ter sido o primogênito<sup>16</sup>. Todos os outros permaneceram na obscuridade, pois parece que os quatro personagens tido como irmãos — e entre os quais ao menos um, Tiago, chegou a ter grande importância nos primeiros anos do desenvolvimento do cristianismo — eram seus primos-irmãos. Maria, de fato, tinha uma irmã também chamada Maria<sup>17</sup>, que se

---

<sup>14</sup> O aspecto rústico das ruínas que cobrem a Palestina prova que as cidades que não foram reconstruídas à maneira romana eram muito mal edificadas. Quanto à forma das casas sírias, ela é tão simples e imperiosamente adaptada ao clima que nunca teve de ser mudada.

<sup>15</sup> Mat., I, 25 (texto recebido); XII, 46 e seg.; XIII, 55 e seg.; Marc., III, 31 e seg.: VI, 3; Luc., II, 7; VIII, 19 e seg.; João, II, 12; VII, 3, 5, 10; Atos, I, 14; Hegésipa, em Eusébio, *H.E.*, III, 20. A assertiva de que a palavra *ah* (irmão) teria um sentido mais amplo em hebraico do que em francês é totalmente falsa. O significado da palavra *ah* é idêntico ao da palavra “frère” (irmão). Os empregos metafóricos, ou abusivos, ou errôneos, nada provam contra o sentido próprio. Quando um pregador chama a audiência “meus irmãos” poder-se-á concluir que a palavra “irmão” não tem um sentido bem preciso? Logo, é evidente que nas passagens anteriormente citadas a palavra “irmão” não aparece no sentido figurado. Note, em particular, Mat., XII, 46 e seg., que exclui igualmente o sentido abusivo de “primo”.

<sup>16</sup> Mat., I, 25; Luc., II, 7. Existem dúvidas críticas quanto ao texto de Mateus, mas não quanto ao de Lucas.

<sup>17</sup> João, XIX, 25. Essas duas irmãs com o mesmo nome são um fato singular. Provavelmente existe aí alguma inexatidão, vinda do hábito de dar às mulheres da Galiléia, quase que indistintamente, o nome de Maria.

casou com um certo Alfeu ou Cleofas (parece que esses dois nomes designam a mesma pessoa<sup>18</sup>), e foi mãe de vários filhos que tiveram papel considerável entre os primeiros discípulos de Jesus. Esses primos-irmãos — que aderiram ao jovem mestre, enquanto seus verdadeiros irmãos lhes fizeram oposição<sup>19</sup> — ganharam o título de “irmãos do Senhor”<sup>20</sup>. Os verdadeiros irmãos de Jesus só tiveram notoriedade, assim como sua mãe, após sua morte<sup>21</sup>. Mesmo depois, não parecia que ele os tivesse considerado da mesma forma que seus primos, cuja conversão foi mais espontânea e cujo caráter parece ter sido mais original. Seus nomes eram a tal ponto desconhecidos que, quando o evangelista põe na boca de pessoas de Nazaré a enumeração dos irmãos conforme o nascimento, são os nomes dos filhos de Cleofas que aparecem primeiro.

---

<sup>18</sup> Etimologicamente não são idênticos, mas poderia haver uma substituição artificial de um pelo outro, da mesma forma que os José eram chamados “Hegésipo” e os Eliakim, “Alcimo”, etc.

<sup>19</sup> João, VII, 3 e seg.

<sup>20</sup> De fato, os quatro personagens dados (Mt., XIII, 55; Marc., VI, 3) como irmãos de Jesus, Jacó, José, Simão e Judas, são reconhecidos, ou quase, como filhos de Maria e de Cleofas. Mat., XXVII, 56; Marc., XV, 40; XVI, 1; Luc., XXIV, 10; Gál., 1,19; *Epíst. jac.*, I, 1; *Epíst. Judae*, 1; Eusébio, *Chron. ad. ann.* R. DCCCX; *Hist. ecl.*, III, 11, 22, 32 (segundo Hegésipo); *Const. apost.*, VII, 46. Nossa hipótese apenas levanta a enorme dificuldade que se encontra para supor duas irmãs, tendo cada uma três ou quatro filhos com o mesmo nome, e para admitir que Tiago e Simão, os dois primeiros bispos de Jerusalém, qualificados de “irmãos do Senhor”, tenham sido verdadeiros irmãos de Jesus, que teriam começado por hostilizá-lo, e depois se teriam convertido. Os evangelistas, ouvindo chamar esses quatro filhos de Cleofas “irmãos do Senhor”, teriam posto, erroneamente, seus nomes nas passagens Mat., XIII, 55 / Marc., VI, 3, em lugar dos nomes dos verdadeiros irmãos, que permaneceram sempre obscuros. Daí se explica que o caráter dos personagens chamados “irmãos do Senhor” — Tiago, por exemplo — seja tão diferente do caráter dos verdadeiros irmãos de Jesus, tal como se vê delineado em João, VII, 3 e seg. A expressão “irmãos do Senhor” constituía, evidentemente, na Igreja primitiva uma espécie de ordem paralela à dos apóstolos. Ver principalmente Gál., I, 19. I Cor., IX, 5.

<sup>21</sup> Atos, I, 14.

Suas irmãs se casaram em Nazaré<sup>22</sup>, onde ele passou os primeiros anos de sua juventude. Nazaré era uma cidade pequena, situada numa dobra de terreno largamente aberto, no alto do grupo de montanhas que limita ao norte a planície de Esdrelão. A população agora é de três a quatro mil almas, e pode não ter variado muito<sup>23</sup>. O frio ali é rigoroso no inverno, e o clima é muito saudável. Nazaré, como todos os pequenos burgos judaicos naquela época, era um amontoado de choupanas edificadas sem estilo, e devia apresentar esse aspecto seco e pobre que oferecem os vilarejos nos países semíticos. As casas, ao que parece, não eram muito diferentes desses cubos de pedra, sem elegância exterior nem interior, que cobrem hoje em dia as partes mais ricas do Líbano, e que, misturadas com as vinhas e figueiras, não deixam de ser bem agradáveis. As redondezas, aliás, são encantadoras e lugar algum do mundo foi mais bem criado para os sonhos de absoluta felicidade. Mesmo hoje em dia, é uma excelente estada, talvez o único lugar da Palestina em que a alma se sinta um pouco aliviada do fardo que a oprime no meio dessa desolação sem igual. A população é amável e sorridente; os jardins são frescos e verdes. Antonino Mártir, no fim do século VI, fez um quadro encantador da fertilidade das redondezas, que ele compara ao paraíso<sup>24</sup>. Alguns vales do lado oeste justificam plenamente sua descrição. A fonte em que outrora se concentrava a vida e a alegria da cidadezinha está destruída; seus canais rachados dão apenas água turva. Mas a beleza das mulheres que se reúnem à tarde, essa beleza já observada no século IV e na qual se via um dom da Virgem Maria<sup>25</sup>, conservou-se de maneira impressionante. É o tipo sírio em

---

<sup>22</sup> Mat., XIII, 56; Marc., VI, 3.

<sup>23</sup> Segundo Jos. (B. J., III, III, 2), o menor burgo da Galiléia tinha pelo menos cinco mil habitantes. Talvez haja exagero nisso.

<sup>24</sup> *Itiner.*, §5.

<sup>25</sup> Antonino Mártir, loc. cit.



toda a sua graça, cheia de languidez. Não há dúvida de que Maria tenha estado ali quase todos os dias e, com a jarra obre o ombro, tenha tomado lugar na fila de suas compatriotas, que permaneceram obscuras. Antonino Mártir observa que as mulheres judias de outras partes desdenham os cristãos, mas as dali são cheias de afabilidade. Ainda hoje, os ódios religiosos são mais brandos em Nazaré.

O horizonte da cidade é estreito mas, por pouco que se suba e que se atinja o planalto, fustigado por uma brisa perpétua, que se estende das casas mais altas, a perspectiva é esplêndida. A oeste, se desdobram as belas linhas do Carmelo, terminadas por uma ponta abrupta que parece mergulhar no mar. Depois se desenrolam o cume duplo que domina Magedo, as montanhas da terra de Siquém, com seus lugares santos do tempo patriarcal; os montes Gelboé, o pequeno conjunto pitoresco ao qual se ligam as lembranças graciosas e terríveis de Sulém e Endor; o Tabor, com sua forma arredondada, que a Antiguidade comparava a um seio. Por uma depressão entre a montanha de Sulém e o Tabor se entrevê o vale do Jordão e as altas planícies de Pereia, que formam uma linha contínua do lado leste. Ao norte, as montanhas de Safed, inclinando-se para o mar, escondem São João de Acre, mas revelam o golfo de Calfa. Tal foi o horizonte de Jesus. Esse círculo encantador, berço do reino de Deus, representou para ele o mundo durante anos. Sua infância não foi muito além dos limites familiares. Porque além, do lado norte, quase se entrevia, sobre os flancos de Hermon, Cesaréia de Filipe, sua ponta mais avançada para o mundo dos gentios e, do lado sul, pressente-se, por trás dessas montanhas já menos risonhas da Samaria, a triste Judéia, ressecada como que por um vento abrasador de abstração e morte.

Se por acaso o mundo que permanecer cristão — mas com uma melhor noção do que constitui o respeito às origens — quiser substituir por autênticos lugares santos os santuários apócrifos e mesquinhos a que se apegava a piedade de eras rudes, é sobre essa altura de Nazaré que ele constituirá seu

templo. Ali, no, lugar do surgimento do cristianismo e no centro de onde se irradia a atividade de seu fundador, deveria se erguer a grande igreja em que todos os cristãos pudessem rezar. Ali também, sobre essa terra em que repousa o carpinteiro José e milhares de nazarenos esquecidos, que não cruzaram o horizonte de seu vale, o filósofo estaria mais bem situado do que em qualquer lugar do mundo, para contemplar, o curso das coisas humanas, consolar-se das contradições que elas infligem aos nossos mais caros instintos, consolidar-se no objetivo divino que o mundo busca em meio a incontáveis fraquezas e apesar da vaidade universal.

## CAPÍTULO 3

### Educação de Jesus

Essa natureza ao mesmo tempo risonha e grandiosa foi toda a educação de Jesus. Ele aprendeu a ler e a escrever<sup>1</sup>, sem dúvida, pelo método do Oriente, que consiste em colocar nas mãos da criança um livro que ela recita em coro com seus colegas, até sabê-lo de cor<sup>2</sup>.

Entretanto, é duvidoso que ele tenha compreendido bem os escritos hebreus em sua língua original. Os biógrafos o citam segundo tradução em aramaico<sup>3</sup>; seus princípios de exegese, tanto quanto podemos depreendê-los por seus discípulos, se pareciam muito com os que eram correntes e que são a essência dos *targuns* e dos *midraxes*<sup>4</sup>.

O mestre-escola das pequenas cidades judaicas era o *hazzan* ou leitor das sinagogas<sup>5</sup>. Jesus frequentou pouco as escolas mais nobres dos escribas ou *soferim* (talvez em Nazaré elas não existissem), e ele não teve nenhum desses títulos que outor-

---

<sup>1</sup> João, VIII, 6.

<sup>2</sup> *Testam. dos doze patr.*, Levi, 6.

<sup>3</sup> Mat., XXVII, 46; Marc., XV, 34.

<sup>4</sup> Tradução e comentários judaicos dos livros da Bíblia.

<sup>5</sup> Mischna, *Schabbath*, I, 3.

gam, aos olhos do vulgo, o direito do saber<sup>6</sup>. Seria, contudo, um grande erro imaginar que Jesus foi o que chamamos de “ignorante”. A educação escolar nos marca profundamente, sob o aspecto do valor pessoal, distinguindo entre os que a receberam e os desprovidos dela. No Oriente já não era assim, nem, em geral, na boa Antiguidade. O estado bruto a que fica relegado aquele que não foi à escola, em consequência de nossa vida isolada e individualizada, é desconhecido dessas sociedades, onde a cultura moral e principalmente o espírito geral da época se transmitem por meio do contato contínuo entre os homens. Um árabe que nunca teve professor, todavia, pode muitas vezes ser bastante culto, pois a tenda é uma espécie de academia sempre aberta em que, do encontro de pessoas bem-educadas, nasce um grande movimento intelectual e até literário. A delicadeza de maneiras e a fineza de espírito não têm nada em comum, no Oriente, com o que chamamos escolaridade. São as pessoas escolarizadas, ao contrário, que passam por pedantes e mal-educadas. Nesse estado social, a ignorância que, para nós, condena o homem a uma escala inferior, é a condição que permite a grandeza e a originalidade.

Não é provável que Jesus tenha aprendido o grego. Essa língua era pouco difundida na Judéia, fora das classes que tinham participação no governo e das cidades habitadas por pagãos, como Cesaréia<sup>7</sup>. O idioma próprio de Jesus era o dialeto siríaco misturado ao hebraico que se falava então na Palestina<sup>8</sup>. Mais acertadamente, não teve nenhum conheci-

---

<sup>6</sup> Mat., XIII, 54 e seg.; João, VII, 15.

<sup>7</sup> Mischna, *Schlekalim*, III, 2; Talmude de Jerusalém, *Megilla*, halaca XI; *Sota*, VII, 1; Talmude da Babilônia, *Baba kama*, 83 a; *Megilla*, 8b e seg.

<sup>8</sup> Mat., XXVII, 46; Marc., III, 17; V, 41; VII, 34, XIV, 36; XV, 34. A expressão *ê patrios phone*, nos escritores daquele tempo, designa sempre o dialeto semítico que se falava na Palestina (II Macab., VII, 21, 27; XII, 37; Atos, XXI, 37, 40; XXII, 2; XXVI, 14; Josefo, *Ant.*, XVIII, VI, 10; XX, quase no fim, *B.J.*, proem, 1; V, VI, 3; V, IX, 2; VI, II, 1; *Contra Apion*, I, 9; *De Mac.*, 12, 16). Mostraremos adiante que alguns dos documentos que serviram de base aos Evangelhos sinóticos foram escritos nesse dialeto. O mesmo se deu com vários apócrifos (IV livro dos Macab., XVI, *ad calcem*, etc.). Enfim, a cristandade saída do primeiro movimento galileu (nazarenos, ebionitas, etc.), e que continuou por muito tempo na Batanéia e no hauran, falava um dialeto semítico (Eusébio, *De situ et nomin. loc. hebr.*, na palavra *Choba*; Epif. *Adv. haer.*, XXIX, 7, 9; XXX, 3; S. Jerônimo, *In Mat.*, XII, 13; *Dial. Adv. Pelag.*, I, II, 2).

mento da cultura grega. Essa cultura era proscria pelos doutores palestinos, que incluíam na mesma maldição “o que cria porcos e o que ensina a seu filho a ciência grega”<sup>9</sup>.

Em todo caso, ela não havia penetrado em cidades pequenas como Nazaré. Apesar do anátema dos doutores, é verdade, alguns judeus já haviam abraçado a cultura helênica. Sem falar da escola judaica do Egito, na qual as tentativas para unir o helenismo e o judaísmo perduravam havia duzentos anos mais ou menos. Um judeu, Nicolau de Damasco, transformou-se, nessa época, num dos homens mais distintos, mais instruídos e mais considerados de seu século. Em breve Josefo devia apresentar um outro exemplo de judeu completamente helenizado. Mas Nicolau de judeu só tinha o sangue; Josefo declara ter ele sido uma exceção entre seus contemporâneos<sup>10</sup>, e toda a escola cismática do Egito distanciou-se a tal ponto de Jerusalém que não se encontra a mínima alusão no Talmude, nem na tradição judaica. O que há de concreto é que, em Jerusalém, o grego era muito pouco estudado; que os estudos gregos eram considerados perigosos e mesmo servis, e só eram considerados bons, quando muito, para as mulheres, como um acessório<sup>11</sup>. Apenas o estudo da Lei passava por liberal e digno de um homem sério<sup>12</sup>. Interrogado sobre o momento propício para o ensino às crianças “da sabedoria

---

<sup>9</sup> Mischna, *Sanedrim*, XI, 1; Talmude da Babilônia, *Baba Kama*, 82b e 83a; *Sota*, 49, a e b; *Menachoth*, 64b; *Comp. II Macab.*, IV, 10 e seg.

<sup>10</sup> *Jos., Ant.*, XX, XXI, 2.

<sup>11</sup> Talmude de Jerusalém, *Péah*, I, 1.

<sup>12</sup> *Jos., Ant.*, loc. cit; Oríg., *Contra Celsum*, II, 34.

grega”, um sábio rabino respondeu: “Quando não for dia nem noite, pois está escrito na Lei: ‘Estudarás dia e noite’”<sup>13</sup>. Nenhum elemento da doutrina helênica chegou, direta ou indiretamente, até Jesus. Ele nada conheceu fora do judaísmo. Seu espírito conservou essa franca ingenuidade que sempre enfraquece uma cultura extensa e variada. Mesmo no mel, do judaísmo, ele permaneceu estranho a muitos esforços quase sempre paralelos aos seus. De um lado, o ascetismo dos essênios e dos terapeutas<sup>14</sup> parece não ter tido influência direta<sup>15</sup>; de outro lado, os belos ensaios de filosofia religiosa experimentados pela escola judaica da Alexandria, dos quais Fílon foi engenhoso intérprete, não chegaram ao seu conhecimento. As frequentes semelhanças encontradas entre ele e Fílon, essas excelentes máximas de amor a Deus, de caridade, de conforto em Deus<sup>16</sup>, que fazem como que um eco ao Evangelho e aos escritos do ilustre pensador alexandrino, vêm de tendências comuns que as necessidades do tempo inspiravam a todos os espíritos elevados.

Felizmente, Jesus não estudou muito a esquisita escolástica que se ministrava em Jerusalém e que devia em breve constituir o Talmude. Se alguns fariseus já a haviam introduzido em alguns centros da Galiléia, ele não os frequentou e, quando tomou contato com essa casuística tola, apenas se entediou. Pode-se, contudo, supor que os princípios de Hillel não lhes foram desconhecidos, Hillel, cinquenta anos antes dele, pronunciara aforismas que têm muita analogia com os seus. Por sua pobreza modestamente

---

<sup>13</sup> Talmude de Jerusalém, Péah, I, I; Talmude da Babilônia, Menachoth, 99b.

<sup>14</sup> Os terapeutas de Fílon são um ramo dos essênios. Seu próprio nome parece ser simplesmente uma tradução grega de “essênios” (Essaioi, asaya: médicos). Cf. Fílon, *De vita contempl.*, § 1; Jos., B.J., II, VIII, 6; Epifânio, *Adv.haer.*, XXIX, 4.

<sup>15</sup> Os essênios não figuram sequer uma vez nos escritos do cristianismo nascente.

<sup>16</sup> Ver sobretudo os tratados *Quis rerum divinarum haeres sit* e *De philanthropia*, de Fílon.

suportada, pela doçura de seu caráter, pela oposição que ele fazia aos hipócritas e padres, Hillel foi o mestre de Jesus<sup>17</sup>, se é que se pode falar em mestre quando se trata de tamanha originalidade.

As leituras dos livros do Antigo Testamento impressionaram muito mais. O cânone desses livros santos era composto de duas partes principais; a Lei, quer dizer, o Pentateuco, e os Profetas, tal qual os temos hoje. Uma vasta exegese alegórica era aplicada a todos esses livros e procurava deduzir o que não existia neles, mas que respondia às aspirações do tempo. A Lei, que representava não as antigas leis do país, mas as utopias, as leis artificiais e as fraudes piedosas do tempo dos reis pietistas, tinha se tomado, a partir do momento em que a nação não mais se autogovernava, um tema inesgotável de interpretações sutis. Quanto aos Profetas e aos Salmos, acreditava-se que quase todos os traços um pouco misteriosos desses livros se reportaram ao Messias, e buscava-se, de antemão, o tipo daquele que devia realizar as esperanças da nação. Jesus compartilhava o gosto de todos pelas interpretações alegóricas. Mas a verdadeira poesia da Bíblia, que escapava aos pueris exegetas de Jerusalém, revelava-se plenamente a seu belo engenho. A Lei não parecia ter para ele muito charme; ele acreditava que podia fazer melhor. Mas a poesia religiosa dos Salmos se encontrava em perfeita harmonia com sua alma lírica; esses hinos augustos permaneceram como alimento e amparo por toda a sua vida. Os profetas, particularmente Isaías e seu sucessor dos tempos do Cativo, com seus brilhantes sonhos de futuro, sua impetuosa eloquência, suas injúrias entremeadas de quadros encantadores, foram seus verdadeiros mestres. Ele leu também, sem dúvida, várias obras apócrifas, ou seja, esses escritos modernos, cujos autores, para se arrogar uma autoridade apenas concedida aos escritos muito antigos, se cobriam com nomes de profetas e patriarcas. O livro de

---

<sup>17</sup> *Pirké Aboth*, cap. I e II; Talmude de Jerusalém, *Pesachim*, VI, 1; Talm. da Babilônia; *Pesachim*, 66a; *Shabat*, 30b 3 31a; *Joma*, 35b.

Daniel tocou-o sobremaneira<sup>18</sup>. Esse livro, composto por um exaltado judeu do tempo de Antíoco Epifânio, e por ele posto sob o abrigo de um sábio antigo<sup>19</sup>, era o resumo do espírito desses últimos tempos.

Seu autor, verdadeiro criador da filosofia da história, ousou, pela primeira vez, ver no movimento do mundo e na sucessão dos impérios algo além de uma função subordinada aos destinos do povo judeu. Jesus, desde sua juventude, foi tocado por essas altas esperanças. Talvez tenha lido também os livros de Henoc, então equiparados aos livros santos<sup>20</sup>, e outros escritos do mesmo gênero, que motivavam um grande movimento na imaginação popular. O advento do Messias, com suas glórias e terrores, as nações se desmoronando umas sobre as outras, o cataclismo do céu e da terra, foram o alimento familiar de sua imaginação e, como essas revoluções eram tidas como próximas, e uma multidão de pessoas buscasse estimar o tempo, a ordem sobrenatural a que tais visões transportam lhe pareceu, antes de tudo, perfeitamente simples e natural.

Que ele não tenha tido conhecimento algum do estado geral do mundo é o que revela cada traço de seus mais autênticos discursos. A terra ainda lhe parece dividida em reinos que guerreiam; parece ignorar a “*pax romana*” e o novo estado da sociedade que seu século inaugurava. Ele não teve sequer uma noção precisa da potência do Império; unicamente o nome de “César” chegava até ele. Na Galiléia, ou nas imediações, sun-

---

<sup>18</sup> Mat., XXIV, 15; Marc., XIII, 14.

<sup>19</sup> A lenda de Daniel já estava formada no século VII a.C. (Ezequiel, XIV, 14 e seg.; XXVIII, 3). Mais tarde se supôs que ele vivera no tempo do Cativo da Babilônia.

<sup>20</sup> *Epist. Judae*, 6, 14 e seg.; II Petri, II, 4, 11; *Testam. dos doze patr.*, Simeão, 5; Levi, 10, 14, 16; Judá, 18; Zab., 3; Dan., 5; Benj., 9; Neftali, 4; *Epist. Barnabae*, c.4, 16 (segundo o *Codex Sinaiticus*). O “Livro de Henoc” faz ainda parte integrante da Bíblia etíope. Tanto quanto o conhecemos pela versão etíope, é composto de peças com diferentes datas. Algumas dessas peças têm analogia com o discurso de Jesus. Compare, p. ex., os cap. XCVI-XCIX com Lucas, VI, 24 e seg.



tuosas obras de Herodes buscavam, com suas magníficas construções, provar sua admiração pela civilização romana e sua devoção aos membros da família de Augusto, cujos nomes, por capricho do destino, servem hoje, esdruxulamente alterados, para designar miseráveis lugarejos de beduínos. Deve provavelmente ter visto Sebaste, obra de Herodes, o Grande, cidade de ostentação, cujas ruínas fadavam crer que foi pré-fabricada e para lá transportada, como uma máquina que só necessitava ser montada no lugar.

Essa arquitetura de ostentação, chegada à Judéia por carregamentos, essas centenas de colunas, todas com o mesmo diâmetro, ornamento de alguma insípida “rua Rívoli”, eis o que ele denominava “os reinos do mundo e toda a sua glória”.

Mas esse luxo de encomenda, essa arte administrativa e oficial não o agradaram. Ele gostava mesmo das aldeias galiléias, estranha mistura de cabanas, de eiras e lugares entalhados na rocha, poços, túmulos, figueiras e oliveiras.

Ele estava sempre junto à natureza. A corte dos reis aparece-lhe como um lugar em que as pessoas possuem belas vestimentas<sup>21</sup>. As encantadoras possibilidades que permeiam suas parábolas, quando Jesus põe em cena os reis e os poderosos<sup>22</sup>, provam que ele concebeu a sociedade aristocrática apenas como um jovem aldeão que vê o mundo pelo prisma de sua ingenuidade.

Conheceu menos ainda a ideia nova, criada pela ciência grega, base de toda a filosofia, e que a ciência moderna confirmou inteiramente, a exclusão das forças sobrenaturais às quais a crença ingênua de antigas eras atribuía o governo do universo. Quase um século antes dele, Lucrecio expressara admiravelmente a inflexibilidade do regime geral da natureza. A negação do milagre, essa ideia de que tudo no mundo é regido por leis em que a intervenção pessoal de seres superiores não tem participação alguma, era de direito comum nas grandes

---

<sup>21</sup> Mat., XI, 8.

<sup>22</sup> Ver, p. ex., Mat., XXII, 2 e seg.

escolas de todos os países que haviam recebido a ciência grega. Talvez mesmo a Babilônia e a Pérsia não lhe fossem estranhas. Jesus nada soube desse progresso. Embora nascido numa época em que o princípio da ciência positiva já havia sido proclamado, ele viveu em pleno sobrenatural. Talvez os judeus nunca tenham estado tão possuídos pela rede do maravilhoso. Fílon, que vivia num grande centro intelectual e que recebera uma educação completa, não possui mais que apenas um uma ciência quimérica e de má qualidade.

Sobre esse ponto, Jesus não diferia absolutamente de seus compatriotas. Ele acreditava no diabo, que encarava como uma espécie de gênio do mal<sup>23</sup>, e estava convencido de que as doenças nervosas eram efeito de demônios que se apoderavam do paciente e o agitavam. O maravilhoso não era, para ele, o excepcional; era o estado normal. A noção de sobrenatural, com suas impossibilidades, só aparece no dia em que nasce ciência experimental da natureza. O homem estranho a toda ideia de física, que acredita que rezando mudará o movimento das nuvens, impedirá a doença e até a morte, não vê nada de extraordinário no milagre, já que todo o curso das coisas é, para ele, o resultado das livres vontades da Divindade. Esse sempre foi o estado intelectual de Jesus. Mas em sua grande alma, tal crença produzia efeitos totalmente opostos aos obtido pelo povo em geral. Para esse povo, a fé na ação particular do Deus expunha-o a uma credulidade simplória e a trapaças dos charlatães. Para Jesus, essa fé tendia a uma noção profunda das relações familiares do homem com Deus e a uma crença exagerada no poder do homem: belos erros que foram o princípio de sua força, pois, se tais erros deviam um dia o pôr em falta aos olhos do físico e do químico, lhe davam uma força acima de seu tempo, força essa jamais possuída por qualquer indivíduo, nem antes nem depois dele.

---

<sup>23</sup> Mat., VI, 13.

Muito cedo seu caráter singular se revelou. Apraz à lenda apresentá-lo, desde a infância, revoltando-se contra a autoridade paterna e saindo das vias comuns para seguir sua vocação<sup>24</sup>. Pelo menos, isso é certo, as relações de parentesco representavam pouco para ele. Não parece que sua família o tenha amado<sup>25</sup> e, em dados momentos, ele foi severo com ela<sup>26</sup>. Jesus, como todos os homens preocupados exclusivamente com uma ideia, chegava a se importar pouco com laços de sangue. O laço da ideia é o único que essas espécies de naturezas conhecem. “Eis minha mãe e meus irmãos”, dizia ele apontando em direção aos seus discípulos; “aquele que faz a vontade de meu Pai, eis meu irmão e minha irmã”. As pessoas simples não concordavam com ele, e conta-se que um dia uma mulher, passando por ele, gritou: “Felizes o ventre que o acolheu e os seios que o amamentaram!”. “Antes feliz”, respondeu ele<sup>27</sup>, “aquele que ouve a palavra de Deus e a põe em prática!”. Logo, em sua audaciosa revolta contra a natureza, ele devia ir mais além, e o veremos pisoteando o que quer que fosse do homem, o sangue, o amor, a pátria, apenas conservando de alma e coração a ideia que se apresentava a ele como a forma absoluta do bem e do verdadeiro.

---

<sup>24</sup> Luc., II, 42 e seg. Os evangelhos apócrifos estão cheios de histórias parecidas, beirando o grotesco.

<sup>25</sup> Mat., XIII, 57; Marc., VI, 4; João, VII, 3 e seg. Veja adiante, no cap. IX, nota 27.

<sup>26</sup> Mat., XII, 48; Marc., III, 33; Luc., VIII, 21; João, II, 4; Evang. seg. os Hebreus, em São Jerônimo, *Dial. adv. Pelag.*, III, 2.

<sup>27</sup> Luc., XI, 27 e seg.

## CAPÍTULO 4

### **Meio em que Jesus se desenvolveu**

Assim como a terra resfriada não mais permite compreender os fenômenos da criação primitiva, por estar extinto o fogo que a penetrava, assim também as explicações refletidas sempre têm algo de insuficiente, quando se trata de aplicar nossos tímidos procedimentos de análise às revoluções das épocas criadoras que decidiram o destino da humanidade. Jesus viveu num desses momentos em que o jogo da vida pública é disputado com franqueza, em que a aposta da atividade humana é elevada ao cêntuplo. Todo grande papel, aliás, acarreta a morte, pois tais movimentos supõem uma liberdade e uma ausência de medidas preventivas que não podem evoluir sem terríveis contrapesos. Hoje em dia, o homem arrisca pouco e ganha pouco. Nas épocas heroicas da atividade humana, o homem arriscava tudo e ganhava tudo. Os bons e os maus ou, pelo menos, os que se julgam ou que julgamos assim formam exércitos opostos. Pelo cadafalso se chega à apoteose; os caracteres têm traços revelados, que os marcam como tipos eternos na memória dos homens. Exceto a Revolução Francesa, nenhum outro contexto histórico foi mais propício do que aquele em que Jesus se formou para desenvolver essas forças latentes que a humanidade guarda como reserva, e que só afloram em dias de febre e de perigo.

Se o governo do mundo fosse um problema especulativo, e se o mais importante filósofo fosse o mais bem indicado para dizer a seus semelhantes aquilo em que deveriam acreditar, seria da calma e da reflexão que resultariam essas grandes regras morais e dogmáticas a que se dá o nome de religiões. Mas não é o caso. Exceto Sáquia-Múni\*, os grandes fundadores religiosos não foram metafísicos. O próprio budismo, oriundo do pensamento puro, conquistou metade da Ásia unicamente por motivos políticos e morais. Quanto às religiões semíticas, são o menos filosóficas possível. Moisés e Maomé não foram especulativos: foram homens de ação. Foi propondo ação a seus compatriotas que eles dominaram a humanidade. Jesus, da mesma forma, não foi um teólogo, um filósofo com um sistema mais ou menos bem-estruturado. Para ser discípulo de Jesus não era necessário assinar formulário algum nem declarar nenhuma profissão de fé; bastava ligar-se a ele, amá-lo. Ele nunca discutiu sobre Deus, pois o sentia diretamente nele.

O risco das sutilezas metafísicas, contra o qual o cristianismo iria se chocar a partir do século III, não foi absolutamente posto em questão pelo seu fundador. Jesus não teve dogmas nem sistema; teve uma resolução pessoal fixa que, tendo ultrapassado em intensidade qualquer outra vontade criada, ainda hoje dirige os destinos da humanidade.

O povo judaico teve a vantagem, desde o Cativo da Babilônia até a Idade Média, de estar sempre numa situação muito tensa. Eis por que os depositários do espírito da nação, durante esse longo período, parecem escrever sob a ação de uma febre intensa, que os põe ora acima, ora abaixo da razão, raramente no meio-termo. O homem, até então, nunca havia questionado o problema do futuro e de seu destino com uma coragem tão desesperada, tão decidida a levá-lo a extremos. Sem separar a sorte da humanidade da de sua pequena raça, os pensadores do

---

\* Buda. (N. do. E.)

judáismo são os primeiros a se preocuparem com uma teoria geral do desenvolvimento de nossa espécie. A Grécia, sempre fechada em si mesma, atenta unicamente às querelas de suas pequenas cidades, teve excelentes historiadores, o estoicismo enunciou as mais altas máximas acerca dos deveres do homem considerado cidadão do mundo e membro de uma grande fraternidade; mas, antes da época romana, não se achará nas literaturas clássicas um sistema geral de filosofia da história abrangendo toda a humanidade. O judeu, ao contrário, graças a uma espécie de senso profético que às vezes torna o semita maravilhosamente apto a ver as grandes linhas do futuro, fez a história entrar na religião. Talvez ele deva um pouco desse espírito à Pérsia. A Pérsia, desde uma época remota, concebeu a história do mundo como uma série de evoluções, cada uma delas presidida por um profeta. Cada profeta tem seu *hazar*, ou reino de mil anos (quiliasso), e dessas idades sucessivas, análogas aos milhões de séculos decorridos de cada buda da Índia, se compõe a trama dos acontecimentos que preparam o reino de Ormuz. No final dos tempos, quando o círculo de quiliassos se houver cumprido, virá o paraíso definitivo. Então os homens viverão felizes. A terra será como uma planície; haverá uma só língua, uma única lei e um único governo para todos os homens. Entretanto, esse acontecimento será precedido por terríveis calamidades.

Dahak (o satã da Pérsia) romperá os grilhões que o acorrentam e se abaterá sobre o mundo. Dois profetas virão consolar os homens e preparar o grande acontecimento<sup>1</sup>. Essas ideias corriam o mundo e chegavam até Roma, onde inspiravam um ciclo de poemas proféticos, cujas ideias fundamentais eram a divisão da história da humanidade em períodos, a sucessão de deuses, correspondendo a esses períodos uma com-

---

<sup>1</sup> *Yaçna*, XII, 24; Teopompo, em Plut., *De Iside et Osiride*, § 47; *Minokhired*, passagem publicada em *Zeitschrift der deutschen morgenlaendischen Gesellschaft*, I, p. 163.

pleta renovação do mundo, o advento final de uma idade do ouro<sup>2</sup>. O livro de Daniel, certas partes do livro de Henoc e dos livros sibílicos<sup>3</sup>, são a expressão judaica da mesma teoria.

Certamente, esses pensamentos deveriam ser os de todos. Eles foram adotados primeiramente apenas por algumas pessoas com imaginação viva e inclinadas a doutrinas estranhas. O autor limitado e lacônico do livro de Ester só pensou no resto do mundo para desdenhá-lo e querê-lo mal<sup>4</sup>. O desabusado epicurista que escreveu o Eclesiástico pensa tão pouco no futuro que ele acha até inútil trabalhar para seus filhos; aos olhos desse celibatário egoísta, a última palavra da sabedoria é aplicar seus bens a prazo ilimitado<sup>5</sup>. Mas as grandes obras de um povo são feitas, geralmente, pela minoria. Com seus enormes defeitos (duro, egoísta, zombador, cruel, limitado, sutil, sofista), o povo judeu é, contudo, o autor do mais belo movimento de entusiasmo desinteressado presente na história. A oposição sempre faz a glória de um país. Os maiores homens de uma nação são frequentemente os que ela leva à morte. Sócrates tornou Atenas ilustre, e ela julgou não poder viver com ele. Espinoza é o maior dos judeus modernos, e a sinagoga o excluiu com ignomínia. Jesus foi a honra do povo de Israel, que o crucificou.

Um gigantesco sonho perseguia, havia séculos, o povo judeu, e o rejuvenescia incessantemente na decrepitude. Alheia à teoria das recompensas individuais, que a Grécia disseminou sob o nome de imortalidade da alma, a Judéia concentrava em seu futuro toda a sua capacidade de amor e desejo. Ela acreditou possuir as promessas divinas de um futuro ilimitado, mas como

---

<sup>2</sup> Virg., Ecl., IV; Sérvio, sobre o v. 4 dessa écloga; Nigídio, citado por Sérvio, sobre o v. 10.

<sup>3</sup> *Carm. sibyll.*, livro III, 97-817.

<sup>4</sup> Ester, VI, 13; VII, 10; VIII, 7, 11-17; IX, 1-22. Compare nas partes apócrifas: IX, 10-11; XIV, 13 e seg.; XVI, 20, 24.

<sup>5</sup> Ecl., I, 11; II, 16, 18-24; III, 19-22; IV, 8, 15-16; V, 17-18; VI, 3, 6; VIII, 15; IX, 9,10.

a amarga realidade, a partir do século IX antes de nossa era, reprimia brutalmente essas aspirações, ela se lançou novamente sobre as mais impossíveis alianças de ideias, tentou os mais estranhos retornos. Antes do Cativo, quando todo o futuro terrestre da nação dissipou-se com a separação das tribos do Norte, sonhou-se com a restauração da casa de Davi, a reconciliação das duas facções do povo, o triunfo da teocracia e do culto de Jeová sobre os cultos idólatras. Durante o Cativo, um poeta cheio de harmonia viu o esplendor de uma Jerusalém futura sob cores tão fortes que se teria dito que um raio do olhar de Jesus o penetrara a uma distância de seis séculos<sup>6</sup>.

A vitória de Ciro pareceu, por algum tempo, realizar tudo o que se esperara. Os graves discípulos do Avesta e os adoradores de Jeová se tinham por irmãos. A Pérsia chegava banindo os *devas* múltiplos e transformando-os em demônios (*divs*), extraídos da velha imaginação ariana, essencialmente naturalista, uma espécie de monoteísmo. O tom profético de vários ensinamentos do Irã tinha muita analogia com certas posições de Oséias e Isaías. Israel descansou durante o Império Arquemênida<sup>7</sup> e, sob Xerxes (Assuero) se fez, por assim dizer, temido pelos próprios iranianos. Depois, a entrada triunfante e quase sempre brutal da civilização grega e romana na Ásia a lançou novamente em sonhos. Mais do que nunca, invocou o Messias como juiz e vingador dos povos. Foi necessária uma renovação completa, uma revolução que tomasse a terra pelas raízes, sacudindo-a de cabo a rabo, para satisfazer a enorme necessidade de vingança que nele excitava o sentimento de sua superioridade e a vista de suas humilhações<sup>8</sup>.

---

<sup>6</sup> Isaías, LX e seg.

<sup>7</sup> Todo o livro de Ester revela grande ligação com essa dinastia. O *Eclesiastes*, que parece ter sido escrito à mesma época, mostra um relaxamento singular nas ideias judaicas.

<sup>8</sup> Carta apócr. de Baruc, em Fabrício, *Cod. pseud.* V. T., II, p. 147 e seg., e em Ceriani, *Monum. sacra e prof.*, I, p. 96 e seg.



Se Israel tivesse tido uma doutrina dita espiritualista, originária da filosofia grega que divide o homem em duas partes, corpo e alma, e considera muito natural que, enquanto o corpo apodrece, a alma sobreviva, isso não estaria entre as tradições do espírito judaico. Os antigos escritos hebreus não encerram nenhum traço de recompensas ou penas futuras.

Enquanto a ideia de solidariedade da tribo existiu, era natural que não se esperasse uma retribuição segundo os méritos de cada um. Pior para o homem piedoso que caísse numa época de impiedade; ele sofreria como os outros as infelicidades públicas, consequência da impiedade geral. Essa doutrina, legada pelos sábios da escola patriarcal, pouco a pouco atingia contradições insustentáveis. Desde os tempos de Jó ela estava fortemente abalada; os anciãos de Temã que a professavam eram homens retrógrados, e o jovem Eliú, que interferiu para combatê-los, ousa emitir desde suas primeiras palavras este pensamento essencialmente revolucionário: “A sabedoria não está mais com os anciãos!”<sup>9</sup>. Com as complicações introduzidas no mundo desde Alexandre, o princípio temanita e moiseísta tomou-se mais intolerável ainda<sup>10</sup>. Israel nunca fora mais fiel à Lei e, no entanto, sofreu a atroz perseguição de Antíoco. Não havia mais que um retórico, habituado a repetir velhas frases sem sentido, que ousasse supor que essas infelicidades decorriam das infidelidades do povo<sup>11</sup>. Qual nada! Essas vítimas que morrem por sua fé, esses heroicos Macabeus, essa mãe com seus sete filhos, Jeová os esquecerá eternamente, os abandonará à podridão da sepultura?<sup>12</sup> Um saduceu incrédulo

---

<sup>9</sup> Jó, XXXIII, 9.

<sup>10</sup> É notável, contudo, que Jesus, filho de Sirac, se apegue estritamente a isso (XVII, 26-28; XXII, 10-11; XXX, 4 e seg.; XLI, 1-2; XLIV, 9). O autor da Sabedoria tem um sentimento completamente oposto (IV, 1, texto grego).

<sup>11</sup> Ester, XIV, 6-7 (apócr.); Epístola apócrifa de Baruc (Fabrício e Ceriani, loc. cit.).

<sup>12</sup> II, macab., VII.

dulo e mundano podia bem não recuar diante de tal consequência; um sábio consumado, como Antígona de Soco<sup>13</sup>, podia bem sustentar que não se deve praticar a virtude como o escravo que o faz visando à recompensa, que é preciso ser virtuoso, sem esperança. Mas a massa da nação não podia se contentar com isso. Uns, apegando-se ao princípio da imortalidade filosófica, imaginaram os justos vivendo na memória de Deus, glorioso como nunca na lembrança dos homens, julgando o ímpio que o perseguirá<sup>14</sup>. “Eles vivem aos olhos de Deus; ... eles são reconhecidos por Deus”<sup>15</sup>, eis sua recompensa. Outros, especialmente os fariseus, tiveram acesso ao dogma da ressurreição<sup>16</sup>. Os justos reviverão em sua carne; eles assistirão ao triunfo de suas ideias e à humilhação de seus inimigos.

Entre o antigo povo de Israel, só se encontram traços bastante imprecisos desse dogma fundamental. O saduceu, que não acreditava nisso, era, de fato, fiel à velha doutrina judaica. O fariseu, partidário da ressurreição, é que era o inovador. Mas, em religião, o parado exaltado é sempre o que inova. É ele que avança, é ele que provoca as consequências. A ressurreição, ideia totalmente diferente da imortalidade da alma, emergiu, então, muito naturalmente, das doutrinas anteriores e da situação do povo. Talvez a Pérsia tenha contribuído para isso com alguns elementos<sup>17</sup>.

---

<sup>13</sup> *Pirké Aboth*, I, 3.

<sup>14</sup> *Sabedoria*, cap. II-VI; VIII, 13; *Pirké Aboth*, IV, 16; *De rationis imperio*, atribuída a Josefo, 8, 13, 16, 18. É preciso notar ainda que o autor desse último tratado põe em segundo plano o motivo da recompensa pessoal. O principal móvel dos mártires é o amor à Lei, a vantagem que sua morte proporcionará ao povo e a glória que se ligará ao seu nome. Comp. *Sabedoria*, IV, I e seg.; Ecl., cap. XLIV e seg.; Jos., *B. J.*, II, VIII, 10; III, VIII, 5.

<sup>15</sup> *Sabedoria*, IV, 1; *De rat. imp.*, 16, 18.

<sup>16</sup> II macab., VII, 9, 14; XII, 43-44.

<sup>17</sup> Teopompo, em Diog. Laert., proem., 9 — *Bundehesch*, cap. XXXI. Os traços do dogma da ressurreição no Avesta são muito duvidosos.

Em todo caso, combinando-se com a velha crença no Messias e com a doutrina de uma próxima renovação de todas as coisas, o dogma da ressurreição fundamentou essas teorias apocalípticas que, sem serem artigos de fé (parece que o *Sanedrin* ortodoxo não as adotou), ocupavam todas as imaginações e produziam uma fermentação extrema em todo o mundo judaico. A completa ausência de rigor dogmático fazia com que noções bem contraditórias pudessem coexistir, mesmo num ponto de tal importância. Ora o justo devia esperar a ressurreição<sup>18</sup>, ora era recebido desde o momento de sua morte no seio de Abraão<sup>19</sup>. Ora a ressurreição era geral<sup>20</sup>, ora era reservada unicamente aos fiéis<sup>21</sup>. Ora admitia uma terra renovada e uma nova Jerusalém, ora implicava a extinção prévia do universo.

Jesus, assim que se fez pensante, aderiu à ardente atmosfera criada na Palestina pelas ideias que acabamos de expor. Essas ideias não eram ensinadas em escola alguma, mas estavam no ar, e a alma do jovem reformador logo ficou impregnada delas.

Nossas hesitações e dúvidas jamais o atingiram. No cume da montanha de Nazaré — onde homem moderno algum poderia se sentar sem um sentimento inquieto acerca de seu destino talvez frívolo — Jesus ali se sentou vinte vezes, sem nenhuma dúvida. Desprovido de egoísmo — fonte de nossas tristezas, que nos faz buscar grosseiramente uma recompensa além-túmulo para a virtude — ele só pensou em sua obra, em sua raça, na humanidade. Aquelas montanhas, aquele mar, aquele céu de anil, aqueles planaltos no horizonte foram, para ele, não a visão melancólica de uma alma que interroga a natureza sobre seu destino, mas o símbolo certo, a sombra transparente de um mundo visível e de um novo céu.

---

<sup>18</sup> João, XI, 24.

<sup>19</sup> Luc., XVI, 22. Cf. *De rationis imp.* 13, 16, 18.

<sup>20</sup> Dan., XII, 2.

<sup>21</sup> II Macab., VII, 14.

Ele nunca deu muita importância aos acontecimentos políticos de seu tempo e, provavelmente, era mal informado a esse respeito. A dinastia de Herodes vivia num mundo tão diferente do seu que ele apenas a conheceu de nome. O grande Herodes morreu por volta do ano em que Jesus nasceu, deixando vivas recordações, monumentos que forçariam a mais malévola posteridade a associar seu nome ao de Salomão e, apesar de inacabada, uma obra impossível de ser continuada.

Ambicioso, profano, perdido num emaranhado de lutas religiosas, esse astucioso idumeu teve as vantagens proporcionadas pelo sangue-frio e a razão, despidas de moralidade, em meio a ardorosos fanáticos. Mas sua ideia de um reino profano de Israel, mesmo que não tivesse sido um anacronismo no contexto do mundo em que a concebeu, teria fracassado, como o projeto parecido que Salomão formulou, em vista das dificuldades inerentes ao próprio caráter da nação. Seus três filhos foram apenas agentes dos romanos, análogos aos rajás indianos sob a dominação inglesa. Antípatro, ou Antipas, tetrarca da Galiléia e da Peréia, de quem Jesus foi súdito a vida toda, era um príncipe preguiçoso e sem valor<sup>22</sup>, favorito e adulator de Tibério<sup>23</sup>, frequentemente mal influenciado por sua segunda mulher, Herodíades<sup>24</sup>. Filipe, tetrarca da Galonítida e da Batanéia, terras através das quais Jesus viajou muito, era muito melhor soberano<sup>25</sup>. Quanto a Arquelau, etnarca de Jerusalém, Jesus não pôde conhecê-lo. Ele devia ter dez anos quando esse homem fraco e sem caráter, às vezes violento, foi deposto por Augusto<sup>26</sup>. Jerusalém perdeu o último traço de um governo independente. Juntamente com a Samaria e a Iduméia, a Judéia formava

---

<sup>22</sup> Jos., *Ant.*, XVIII, V, 1; VII, 1 e 2; Luc., III, 19.

<sup>23</sup> Jos., *Ant.*, XVIII, II, 3; IV, 5, V, 1.

<sup>24</sup> *Ibid.*, XVIII, VII, 2.

<sup>25</sup> *Ibid.*, XVIII, IV, 6.

<sup>26</sup> *Ibid.*, XVII, XII, 2, e *B.J.*, II, 3.

uma espécie de apêndice da província da Síria, onde o senador Público Sulpício Quirino, personagem consular bem conhecido<sup>27</sup>, era núncio imperial. Uma série de procuradores romanos, subordinados para as grandes questões ao núncio imperial da Síria, Copônio, Marcos Ambívio, Anjo Rufo, Valério Grato, e enfim (no ano 26 de nossa era) Pôncio Pilatos, se sucedem<sup>28</sup>, continuamente ocupados em extinguir o vulcão que irrompia a seus pés.

Jerusalém foi incessantemente abalada, durante todo esse tempo, por contínuas agitações, incitadas pelos mantenedores do moiseísmo<sup>29</sup>. A morte dos agitadores era garantida; mas a morte, quando se tratava da integridade da Lei, era avidamente buscada. Derrubar as águias, destruir as obras de arte erigidas por Herodes, no que os preceitos moiseístas nem sempre eram respeitados<sup>30</sup>, rebelar-se contra os escudos votivos portados pelos procuradores, cujas inscrições pareciam tingidas de idolatria<sup>31</sup>, eram as perpétuas tentações para fanáticos que chegaram a esse grau de exaltação que subtrai qualquer preocupação com a vida.

Judas, filho de Sarifeu; Matias, filho de Margalote, dois doutores da Lei muito célebres, formaram então um partido de agressão audaciosa contra a ordem estabelecida, que teve continuidade após o suplício deles<sup>32</sup>. Os samaritanos eram agitados por movimentos do mesmo gênero<sup>33</sup>. Parece que a

---

<sup>27</sup> Orelli, *Inscr. Lat.*, nº 3.693, Henzen, *Suppl.*, nº 7.041; *Fasti praenestini*, aos 6 de março e 28 de abril (no *Corpus inscr. lat.*, I, 314, 317); Borghesi, *Fastos consulares* (ainda inéditos), no ano de 742; *Mommsen Res gestae divi Augusti*, p. 11 e seg. Cf. Tácito, *Ann.*, II, 30; III, 48; Estrabão, XII, VI, 5.

<sup>28</sup> *Jos., Ant.*, I, XVIII.

<sup>29</sup> *Jos. Ant.*, os livros XVII e XVIII inteiros, e *B.J.*, livros I e II.

<sup>30</sup> *Jos. Ant.*, XV, X, 4; *B.J.*, I, XXXIII, 2 e seg. Comp. com o livro de Henoc, XCVII, 13-14.

<sup>31</sup> *Filon., Leg. ad Caium* § 38.

<sup>32</sup> *Jos., Ant.*, XVII, VI, 2 seg.; *B.J.*, I, XXXIII, 3 e seg.

<sup>33</sup> *Jos., Ant.*, XVIII, IV, 1 e seg.

Lei jamais contara com tantos sectários apaixonados do que como na época em que já vivia aquele que, investido da plena autoridade de seu gênio e de sua grande alma, iria anulá-la. Os “zelotes” (*kanaim*) ou “sicários”, pios assassinos, que se impuseram como tarefa matar quem quer que faltasse para com a Lei diante deles, começavam a aparecer<sup>34</sup>. Representantes de um espírito bem diverso, os taumaturgos, considerados como uma espécie de seres divinos, encontraram respaldo, em consequência da imperiosa necessidade que o século sentia do sobrenatural e do divino<sup>35</sup>.

Um dos movimentos que mais influenciaram Jesus foi o de Judas, o Gaulonita, ou o Galileu. De todas as sujeições a que estavam expostos os países recém-conquistados por Roma, o censo era a mais impopular<sup>36</sup>. Essa medida, que sempre assusta os povos pouco habituados aos encargos de grandes administrações centrais, era particularmente odiada pelos judeus. Já no tempo de Davi podemos ver um recenseamento provocar violentas recriminações e ameaças dos profetas<sup>37</sup>. O censo era, com efeito, a base do imposto; ora, o imposto, para as ideias da teocracia pura, era quase uma impiedade. Sendo Deus o único mestre reconhecido pelo homem, pagar dízimo a um soberano profano é, de alguma forma, pô-lo no lugar de Deus. Completamente alheia à ideia de Estado, a teocracia judaica não fazia, com isso, mais do que extrair sua última consequência, a negação da sociedade civil e de qualquer governo. O dinheiro dos cofres públicos era tido como dinheiro roubado<sup>38</sup>. O recenseamento ordenado por Quirino (no ano 6 da era cristã) despertou com força total essas ideias e causou grande fermentação. Principiou um le-

---

<sup>34</sup> Mischna, *Sanedrim*, IX, 6; João, XVI, 2; Jos., *B. J.*, livro IV e seg.; VII, VIII e seg.

<sup>35</sup> Atos, VIII, 9 e seg.

<sup>36</sup> Discurso de Cláudio, em Lyon, tab. II, *sub. fin.* De Boissieu, *Inscr. ant. de Lyon*, p. 136.

<sup>37</sup> II Sam, XXIV.

<sup>38</sup> Talmude da Babilônia, *Baba kama*, 113a; *Shabat*, 33b.

vante nas províncias do norte. Um certo Judas, da cidade de Gamala, na margem oriental do lago Tiberíades, e um fariseu chamado Sadoc, negando a legitimidade do imposto, constituíram uma escola poderosa, que logo provocou a revolta aberta<sup>39</sup>. Um dos preceitos fundamentais da escola era o de que a liberdade vale mais que a vida e que não se deve chamar ninguém de “mestre”, pois esse título pertence unicamente a Deus. Judas tinha outros princípios, sobre os quais Josefo, sempre cioso de não comprometer seus correligionários, adota o silêncio proposital; pois não se poderia compreender que, por uma ideia tão simples, o historiador judaico lhe cedesse um lugar entre os filósofos de sua nação e o visse como o fundador de uma quarta escola, paralela à dos fariseus, dos saduceus e dos essênios. Judas foi evidentemente o chefe de uma seita galiléia com ares de messianismo, e que chegou a um movimento político. O procurador Copônio esmagou a agitação do Gaulonita, mas a escola subsistiu e conservou seus chefes. Sob o comando de Menahem, filho do fundador, e de um tal Eleazar, seu parente, podemos encontrá-la bem ativa durante as últimas lutas dos judeus contra os romanos<sup>40</sup>.

Talvez Jesus tenha conhecido esse Judas, que teve uma maneira de conceber a revolução judaica tão diferente da sua; em todo caso, conheceu sua escola e foi, provavelmente, por reação contra seu erro que ele pronunciou o axioma sobre o tributo de César. O sábio Jesus, distanciado de toda agitação, aproveitou a falta de seu antecessor e idealizou um outro reino e uma outra libertação.

A Galiléia era, dessa forma, uma grande fornalha, onde se agitavam, em ebulição, os mais diversos elementos<sup>41</sup>. Um ex-

---

<sup>39</sup> Jos., *Ant.*, XVIII, I, 1 e 6; XX, V, 2; *B.J.*, II, VIII, 1; VII, VIII, 1; Atos, V, 37. Antes de Judas, o Gaulonita, os Atos registram um outro agitador, Teudas; mas existe aí um anacronismo: o movimento de Teudas aconteceu no ano 44 da era cristã (Jos., *Ant.* XX, V, 1).

<sup>40</sup> Jos., *Ant.*, XX, V, 2; *B.J.*, II, XXII, 8 e seg.; VII, VIII e seg.

<sup>41</sup> Luc., XIII, 1. O movimento Galileu de Judas, filho de Ezequias, parece não ter tido um caráter religioso; todavia, talvez esse caráter tenha sido dissimulado por Josefo.

traordinário desprezo pela vida ou, melhor dizendo, uma espécie de atração pela morte, foi a consequência dessas agitações<sup>42</sup>. A experiência em nada conta nos grandes movimentos fanáticos. A Argélia, nos primeiros tempos da ocupação francesa, via surgir, a cada primavera, inspirados que se diziam invulneráveis e enviados por Deus para exterminar os infiéis. No ano seguinte, a morte deles era esquecida, e seus sucessores não encontraram a mínima fé. Por um lado muito dura, a dominação romana ainda não incomodava tanto, permitindo bastante liberdade. Essas grandes dominações brutais, terrivelmente repressoras, não eram suspeitas como as potências que têm um dogma a preservar. Elas permitiam tudo, até o dia em que acharam conveniente reprimir. Em sua carreira sem um rumo certo, não se vê que Jesus tenha sido uma única vez incomodado pela polícia. Tal liberdade, e ainda mais toda a felicidade que tinha a Galiléia de ser menos enredada nos laços do pedantismo farisaico, dão a essa terra uma verdadeira superioridade em relação a Jerusalém.

A revolução ou, em outros termos, o messianismo, estimulava todas as inteligências dali. Parecia que se estava às vésperas de uma grande revolução; a Escritura, distorcida em vários sentidos, servia de alimento às mais colossais esperanças. A cada linha dos simples escritos do Antigo Testamento via-se a segurança e, de alguma forma, o programa do reino futuro, que devia trazer a paz aos justos e selar a obra de Deus para sempre.

Essa divisão, em duas partes opostas, de interesse e de espírito, sempre foi para a nação hebraica um princípio de força na ordem moral. Todo povo chamado aos altos destinos deve ser um pequeno mundo completo, encerrando os pólos contrários em seu meio. A Grécia oferecia Esparta e Atenas, separadas por apenas algumas léguas, dois antípodas, para um observador

---

<sup>42</sup> Jos., *Ant.*, XVI, VI, 2, 3; XVIII, I, 1.



superficial; em realidade, irmãs rivais, necessárias uma à outra. Foi o mesmo caso com a Judéia.

Menos brilhante, num sentido, que o desenvolvimento de Jerusalém, o do Norte foi, em suma, igualmente fecundo; as obras mais vivas do povo judeu vinham sempre de lá. Uma completa ausência do sentimento da natureza, chegando a ter algo de seco, de restrito, de feroz, deu às obras puramente hierosolimitas um toque grandioso, mas triste, árido e repulsivo. Com seus solenes doutores, seus insípidos canouistas, seus devotos hipócritas e coléricos, Jerusalém não teria conquistado a humanidade. O Norte deu ao mundo a ingênua Sulamita, a modesta Cananéia, a apaixonada Madalena, o bom provedor José, a Virgem Maria. O Norte fez o cristianismo sozinho; Jerusalém, ao contrário, fundada pelos fariseus, fixada pelo Talmude, atravessou a Idade Média e chegou até nossos dias.

Uma natureza encantadora contribuía para formar esse espírito bem menos austero, menos asperamente monoteísta, se assim posso dizer, que conferia a todos os sonhos da Galiléia um ar idílico e fascinante. A Galiléia, ao contrário, é uma região muito verde, muito ensombreada, muito sorridente, a autêntica terra do Cântico dos Cânticos e das canções do bem amado<sup>43</sup>. Durante os meses de março e abril o campo é um tapete de flores, com uma nitidez incomparável de cores. Os animais daí são pequenos, mas extremamente dóceis. Esbeltas e vivas rolas; melros tão leves que nem dobram a erva em que pousam; cotovias de topetes, que quase se enfiam sob

---

<sup>43</sup> Jos., *B.J.*, III, III, 2. O deplorável estado a que a região se reduziu, principalmente perto do lago Tiberíades, não deve enganar. Esses lugares, agora queimados, foram outrora paraísos terrestres. Os banhos de Tiberíades, hoje de pavorosa estada, foram outrora o mais bonito lugar da Galiléia (Jos., *Ant.*, XVIII, II, 3). Josefo (*Bell. Jud.*, III, X, 8) gaba as belas árvores da planície de Genesaré, onde hoje não há sequer uma. Antonino Mártir, por volta do ano 600, conseqüentemente cinquenta anos antes da invasão muçulmana, ainda encontrou a Galiléia coberta de viçosas plantações, e comparou sua fertilidade à do Egito (*Itin.*, § 5).

os pés do viajante; pequenas tartarugas de regato, cujos olhos são vivos e doces; cegonhas com seu ar pudico e grave, livrando-se de toda timidez, deixam o homem chegar bem perto, parecendo chamá-lo. Em nenhum lugar do mundo as montanhas se desdobram com tanta harmonia, nem inspiram tão elevados pensamentos. Parece que Jesus as amou particularmente. Os mais importantes atos de sua carreira divina se deram nas montanhas: lá ele era mais fortemente inspirado<sup>44</sup>; lá ele tinha colóquios secretos com antigos profetas e se revelava aos discípulos já transfigurado<sup>45</sup>.

Esse belo país, hoje transformado pelo enorme empobrecimento que o islamismo provocou na vida humana em um país tão melancólico, tão aflitivo — mas onde tudo o que o homem não pôde destruir ainda respira a renúncia, a doçura, a ternura — à época de Jesus esbanjava bem-estar e alegria.

Os galileus eram fidos como enérgicos e trabalhadores<sup>46</sup>. Exceto Tiberíades, erigida por Antipas em honra a Tibério (por volta do ano 15) no estilo romano<sup>47</sup>, a Galiléia não possuía grandes cidades. No entanto, a região era densamente povoada, coberta de pequenas cidades e grandes aldeias, cultivada com arte em todos os detalhes<sup>48</sup>.

A partir das ruínas que restam de seu antigo esplendor, pressente-se um povo agrícola, pouco dotado para a arte, pouco preocupado com o luxo, indiferente às belezas da forma, exclusivamente idealista. No campo abundavam águas frescas e frutas; as grandes fazendas eram ensombreadas por vinhas e figueiras; os jardins eram maciços de macieiras, nogueiras e romãzeiras<sup>49</sup>. O vinho era excelente, a julgar pelo que os judeus

---

<sup>44</sup> Mat., V, 1; XIV, 23; Luc., VI, 12.

<sup>45</sup> Mat., XVII, 1 e seg.; Marc., IX, 1 e seg., Luc., IX, 28 e seg.

<sup>46</sup> Jos., *B.J.*, III, III, 2.

<sup>47</sup> Jos., *Ant.*, XVIII, II, 2; *B.J.*, II, IX, 1; *Vita*, 12, 13, 64.

<sup>48</sup> Jos., *B. J.*, III, III, 2.

<sup>49</sup> Pode-se imaginá-los a partir de algumas tapadas nas imediações de Nazaré. Cf. *Cânt. cant.*, II, 3, 5, 13; IV, 6, 10; VII, 8, 12; VIII, 2,5; Anton. Mártir, *l. c.* O aspecto das grandes quintas foi bem conservado no sul da região de Tiro (antiga tribo de Aser). A marca da velha agricultura palestina, com seus utensílios talhados na rocha (eiras, lagares, celeiros, cochos, mós, etc.) se encontram a casa passo.

ainda hoje recolhem em Safed, e era bastante consumido<sup>50</sup>. Essa vida feliz e facilmente satisfeita não chegava ao denso materialismo do nosso camponês, à rude alegria de uma Normandia copiosa, à pesada felicidade dos flamengos. Ela se espiritualizava em sonhos etéreos, numa espécie de misticismo poético que confunde o céu com a terra. Deixem o austero João Batista no seu deserto da Judéia pregar a penitência, trovejar incessantemente, viver de gafanhotos, em companhia dos chacais. Por que amigos do esposo jejuariam enquanto estivessem com ele? A alegria fará parte do reino de Deus. Ela não é filha dos humildes de coração, dos homens de boa vontade?

Toda a história do cristianismo crescente transformou-se, desse modo, num delicioso pastoril. Um messias nos banquetes de núpcias, a cortesã e o bom Zaqueu chamados a esses festins, os fundadores do reino do céu como um cortejo de paraninfos: eis o que a Galiléia ousou, o que ela impôs. A Grécia pintou admiráveis quadros da vida humana por meio da escultura e da poesia, mas sempre sem fundos fugidios, nem horizontes longínquos. Aqui faltam o mármore, os excelentes operários, a língua delicada e fina. Mas a Galiléia plantou o mais sublime ideal no terreno da imaginação popular; pois detrás de seu idílio trata-se do destino da humanidade, e a luz que ilumina seu quadro é o sol do reino de Deus.

Jesus vivia e crescia nesse meio embriagador. Desde a sua infância ele fez quase que anualmente a viagem a Jerusalém para as festas<sup>51</sup>. A peregrinação era, para os judeus da província, uma solenidade cheia de encantos. Séries inteiras de salmos eram consagradas para contar a felicidade de caminhar

---

<sup>50</sup> Mat., IX, 17; XI, 19; Marc., II, 22; Luc., V, 37; VII, 34; João, II, 3 e seg.

<sup>51</sup> Luc., II, 41.

assim em família<sup>52</sup>, durante vários dias da primavera, através das colinas e vales, tendo todos a perspectiva dos esplendores de Jerusalém, os terrores dos adros sagrados, a alegria, para os irmãos, de ficarem juntos<sup>53</sup>.

A estrada que Jesus geralmente seguia nessas viagens era a que se segue hoje, por Ginéia e Siquém<sup>54</sup>. De Siquém a Jerusalém, ela é muito difícil. Mas a vizinhança dos velhos santuários de Silo, de Betel, pelos quais se passa bem perto, conservam a alma desperta. *Ain-el-Haramié*, a última etapa<sup>55</sup>, é um lugar melancólico e atraente, e poucas impressões se igualam à que experimenta quem se instala para o acampamento da noite. O vale é estreito e sombrio; uma água negra verte dos rochedos com túmulos encravados, que formam uma parede. Creio ser esse o “Vale das Lágrimas”, ou das águas vertentes, cantado como uma das estações do caminho no delicioso salmo LXXXIV<sup>56</sup>, e transformado, pelo misticismo doce e triste da Idade Média, em símbolo da vida. No dia seguinte, bem cedo, chega-se a Jerusalém; tal expectativa, ainda hoje, mantém a caravana, toma a noite curta e o sono leve.

Essas viagens, nas quais a nação reunida trocava ideias, e que criaram na capital focos de grande agitação, punham Jesus em contato com a alma de seu povo e, sem dúvida, já lhe inspiravam uma viva antipatia pelos erros dos representantes oficiais do judaísmo. Há quem diga que o deserto foi, para ele, uma outra escola, e que ele tenha feito ali longas estadas<sup>57</sup>.

---

<sup>52</sup> *Ibid.*, II, 42-44.

<sup>53</sup> Ver, sobretudo, os salmos LXXXIV, CXXII, CXXXIII (Vulg. LXXXIII, CXXXII).

<sup>54</sup> Luc., IX, 51-53; XXII, 11; João, IV,4; Jos., *Ant.*, XX, VI, I; *B.J.*, II, XII, 3; *Vita*, 52. Entretanto, frequentemente, os peregrinos vinham pela Peréia para evitar a Samaria, onde corriam perigo. Mat., XIX, 1; Marc., X, 1.

<sup>55</sup> Segundo Josefo (*Vita*), a viagem era de três dias. Mas a etapa de Siquém a Jerusalém devia, naturalmente, ser dividida em dois.

<sup>56</sup> LXXXIII, segundo a Vulgata, v. 7.

<sup>57</sup> Luc., IV, 42; V, 16.

Mas o Deus que ele encontrava ali não era o seu. Era, no máximo, o Deus de Jó, duro e terrível, que não dá razão a ninguém. Às vezes era Satã que vinha tentá-lo. Ele retornava, então, à sua querida Galiléia, e reencontrava seu Pai celeste, no meio das verdes colinas e de límpidas fontes, entre os bandos de crianças e mulheres que, com a alma alegre e o cântico dos anjos no coração, esperavam a salvação de Israel.

## CAPÍTULO 5

### **Primeiros aforismos de Jesus. Suas ideias de um Deus-Pai e de uma religião pura. Primeiros discípulos**

José morreu antes que seu filho tivesse desempenhado um papel público. Desse modo, Maria ficou sendo a cabeça da família. É esse o motivo pelo qual, quando se queda distinguir Jesus dos seus numerosos homônimos, era mais comuna chamá-lo de “filho de Maria”<sup>1</sup>. Parece que, com a morte do marido, ela sentiu-se estrangeira em Nazaré e retirou-se para Caná<sup>2</sup>, lugar em que provavelmente nascera.

Caná<sup>3</sup> era uma cidadezinha a duas horas ou duas horas e meia de Nazaré, ao pé das montanhas que cercam, ao norte, a planície de Asoquis<sup>4</sup>. A vista, menos grandiosa que em Nazaré,

---

<sup>1</sup> É a expressão de Marcos, VI, 3. Cf. Mateus, XIII, 55. Marcos não nomeia José; o quarto Evangelho e Lucas, ao contrário, preferem a expressão “filho de José” — Luc., III, 23; IV, 22; João, I, 46; VI, 42. É estranho que o quarto Evangelho nunca chame a mãe de Jesus por seu nome. O nome *Ben Joseph*, que no Talmude designa um dos Messias, leva a refletir.

<sup>2</sup> João, II, 1; IV, 46. João é o único informado sobre esse ponto.

<sup>3</sup> Hoje *Kana-el-Djélil*, idêntica a Caná Galiléia do tempo das Cruzadas (ver Arquivos das missões científicas, 2ª série, t. III, p. 370). *Kefr-Kenna*, a uma hora ou uma hora e meia N-NE de Nazaré (*Capharchemmé* das Cruzadas), é distinta daquela.

<sup>4</sup> Agora *el-Buttauf*.

se estende sobre toda a planície e é cercada da forma mais pitoresca pelas montanhas de Nazaré e pelas colinas de Seforis.

Jesus deve ter morado algum tempo nesse lugar. Provavelmente passou ali parte da sua juventude, e ali ocorreram suas primeiras revelações<sup>5</sup>.

Jesus exerceu o mesmo ofício de seu pai, o de carpinteiro<sup>6</sup>, e isso não tinha nada de humilhante ou vergonhoso. O costume judaico exigia que o homem dedicado a trabalhos intelectuais aprendesse um modo de sobrevivência. Os doutores célebres tinham um ofício<sup>7</sup>; é por esse motivo que São Paulo, cuja educação foi muito bem cuidada, era fabricante de tendas ou tapeceiro<sup>8</sup>.

Jesus não se casou. Todo o seu potencial de amor foi canalizado para o que ele considerava sua vocação celeste. Seu sentimento extremamente delicado para com as mulheres<sup>9</sup> não se separava absolutamente da devoção sem limites que tinha por seu ideal. Ele tratava como irmãs, assim como Francisco de Assis e Francisco de Sales, as mulheres que se apaixonaram pela mesma obra que ele; teve suas Santas Claras, suas Franciscas de Chantal. Contudo, é provável que elas o amassem mais que a obra; ele foi, sem dúvida, mais amado do que amou. Tal como acontece com as naturezas mais elevadas, a ternura do seu coração se transformou em doçura infinita, em vaga poesia, em encanto universal. Suas relações íntimas e livres, de ordem estritamente moral, com mulheres de conduta equívoca, se explicam igualmente pela paixão que o ligava à glória de seu Pai e lhe inspirava uma espécie de ciúme por todas as belas criaturas que pudessem servir a essa glória<sup>10</sup>.

---

<sup>5</sup> João, II, 11; IV, 46. Um ou dois discípulos eram de Caná. João, XXI, 2; Mat., X, 4; Marc., III, 18.

<sup>6</sup> Mat., XIII, 55; Marc., VI, 3; Justino, *Dial. cum Tryph.*, 88.

<sup>7</sup> Por exemplo, “Rabi Iohanan, sapateiro; Rabi Isaac, ferreiro”.

<sup>8</sup> Atos, XVIII, 3.

<sup>9</sup> Ver adiante, cap. 9

<sup>10</sup> Luc., VII, 37 e seg.; João, IV, 7 e seg.; VII, 3 e seg.

Qual foi a linha de pensamento de Jesus durante esse período obscuro de sua vida? Por quais meditações ele iniciou sua carreira profética? Não sabemos. Sua história chegou até nós sob a forma de narrações esparsas e sem uma exata cronologia. Mas o desenvolvimento da natureza humana é o mesmo em toda a parte, e não há dúvida de que o crescimento de uma personalidade tão poderosa como a de Jesus tenha obedecido a leis muito rigorosas. Uma alta noção da divindade, que ele não deve ao judaísmo, e que parece ter sido a criação de sua grande alma, foi, de alguma forma, a origem de todo o seu poder. É nesse momento que mais precisamos renunciar às ideias que nos são familiares e a essas discussões a que se entregam os espíritos mesquinhos. Para melhor compreendermos o matiz da religiosidade de Jesus, é preciso nos abstrair de tudo o que está colocado entre nós e o Evangelho. Deísmo e panteísmo se transformaram em dois polos da teologia. As fraquíssimas discussões da escolástica, a aridez de alma de Descartes, a profunda irreligião do século XVIII, rebaixando a Deus, e limitando-o, de alguma forma, pela exclusão de tudo aquilo que ele não é, sufocaram no interior do racionalismo moderno qualquer sentimento fecundo da divindade. Se Deus, de fato, é uma entidade fora de nós, a pessoa que acredita ter relações particulares com Deus é um “visionário”, e como as ciências físicas e fisiológicas nos mostram que toda visão sobrenatural é uma ilusão, o deísta pouco consequente se vê impossibilitado de compreender as grandes crenças do passado. O panteísmo, de um lado, suprimindo a personalidade divina, está tão longe quanto possível do Deus vivo das religiões antigas. Os homens que melhor compreenderam Deus, Sáquia-Múni, Platão, São Paulo, São Francisco de Assis, Santo Agostinho, em algumas horas de sua vida cambiante, eram deístas ou panteístas? Tal questão não tem sentido. As provas físicas e metafísicas da existência de Deus teriam deixado esses grandes homens completamente indiferentes. Eles sentiam o divino neles mesmos. É preciso situar Jesus na primeira fila dessa grande família de verdadeiros filhos de Deus. Jesus não tem visões; Deus não



Ele fala como a alguém fora dele; Deus está nele; ele se sente com Deus, e tira do seu coração o que ele diz de seu Pai. Vive no seio de Deus por uma comunicação constante. Não o vê, mas o escuta, sem necessidade de raio ou sarça ardente, como Moisés; de tempestade reveladora, como Jó; ou de oráculo, como os velhos sábios gregos; de gênio familiar, como Sócrates; ou de anjo Gabriel, como Maomé. A imaginação ou a alucinação de uma Santa Teresa, por exemplo, não existe por acaso. A embriaguez do sufi que se proclama idêntico a Deus também é completamente diferente. Jesus não declara em momento algum que ele seja Deus. Ele se diz em relação direta com Deus, e se diz filho de Deus. A mais alta consciência de Deus existente no seio da humanidade foi a de Jesus.

Por outro lado, compreende-se que Jesus, partindo de uma tal disposição de espírito, não será um filósofo especulativo como Sáquia-Múni. Nada está mais longe da teologia escolástica do que o Evangelho<sup>11</sup>.

As especulações dos doutores gregos sobre a essência divina vêm de um espírito totalmente diferente. A teologia de Jesus concebe Deus imediatamente como Pai, eis tudo. E isso não era para ele um princípio teórico, uma doutrina mais ou menos provada e que ele procurava inculcar nos outros. Ele não fazia nenhuma objeção aos seus discípulos<sup>12</sup>, e não exigia deles nenhum esforço de atenção. Ele não pregava suas opiniões, ele pregava sobre si mesmo. Frequentemente as grandes almas bastante desapegadas apresentam, associado à sua elevação, esse caráter de perpétua atenção nelas mesmas, e de suscetibilidade pessoal, que geralmente é próprio das mulheres<sup>13</sup>. Sua

---

<sup>11</sup> Os discursos que o quarto Evangelho atribui a Jesus encerram um germe de teologia, mas como esses discursos estão em contradição com os dos evangelhos sinóticos, que representam, sem dúvida alguma, os *Logia* primitivos, eles devem contar como documentos da história apostólica, e não como elementos da vida de Jesus.

<sup>12</sup> Ver Mat., IX, 9 e as outras citações análogas.

<sup>13</sup> Ver, por exemplo, João, XXI, 15 e seg., observando que esse traço parece ter sido exagerado no quarto Evangelho.

persuasão de que Deus está nelas e se preocupa continuamente com elas é tão forte que não temem absolutamente se impor aos outros; nossa reserva, nosso respeito pela opinião de outrem, que é uma parte da nossa impotência, não tem importância para elas. Essa personalidade exaltada não é egoísmo, pois tais homens, possuídos por suas ideias, dão sua vida de bom grado para sedimentar sua obra: é a identificação do eu com o objeto adotado, levada às últimas consequências. É o orgulho pelos que veem na nova aparição apenas a fantasia do fundador; é o dedo de Deus para os que veem o resultado. O louco beira o homem inspirado; com a diferença que o louco nunca tem sucesso. Ainda não foi permitido ao desvio de pensamento agir de forma séria sobre a marcha da humanidade.

Jesus certamente não chegou por acaso a essa afirmação de si mesmo. Mas é provável que, desde seus primeiros passos, ele considerasse Deus numa relação de filho para pai. Aí está seu grande ato de originalidade; nisso, ele não demonstra ser de sua raça<sup>14</sup>. Nem o judeu nem o muçulmano compreenderam essa maravilhosa teologia do amor. O Deus de Jesus não é o senhor fatal que nos mata, que nos condena, ou que nos salva quando lhe apraz. O Deus de Jesus é Nosso Pai. Pode-se ouvi-lo, escutando um leve sopro que grita em nós: “Pai”<sup>15</sup>. O Deus de Jesus não é o déspota injusto que escolheu Israel para seu povo e o protege de todos e contra todos. É o Deus da humanidade. Jesus não será um patriota como os Macabeus, um teocrata como Judas, o Gaulonita. Elevando-se habilmente acima dos preconceitos de sua nação, ele estabelecerá a universal paternidade de Deus. O Gaulonita sustentava que é preferível morrer que dar a outro senão Deus o nome de “Senhor”; Jesus deixa esse nome a quem quiser tomá-lo, e reserva

---

<sup>14</sup> Aqui, a bela alma de Fílon se encontra com a de Jesus. *De confus.ling.*, § 14; *De migr. Abr.*, § 1; *De somniis*, II, § 41; *De agric.Noë* § 12; *De mutatione nominum*, § 4.

<sup>15</sup> São Paulo, *Ad Galatas*, IV, 6.

para Deus um nome mais doce. Atribuindo aos poderosos da terra, representantes da força para ele, um respeito cheio de ironia, ele funda a consolação suprema, o recurso que cada um tem ao Pai no céu, o verdadeiro reino de Deus que cada um carrega em seu coração.

O nome de “reino de Deus” ou de “reino do céu”<sup>16</sup> foi o termo favorito de Jesus para exprimir a revolução que ele inaugurava no mundo<sup>17</sup>. Como quase todos os termos messiânicos, a palavra em questão vinha do livro de Daniel. Segundo o autor desse extraordinário livro, a quatro impérios profanos, destinados a desabar, sucederá um quinto império, que será o dos “santos”, e que durará eternamente<sup>18</sup>. Esse reino de Deus sobre a terra naturalmente se prestava às mais diversas interpretações. Para muitos, era o reino do Messias ou de um novo Davi<sup>19</sup>; para a teologia judaica, o “reino de Deus” é muito frequentemente o próprio judaísmo, a verdadeira religião, o culto monoteísta, a piedade<sup>20</sup>. Nos primeiros tempos de sua vida, Jesus acreditou, ao que parece, que esse reino iria se realizar materialmente por uma brusca renovação do mundo. Mas certamente não chegou de pronto a essa conclusão<sup>21</sup>. A admirável moral que ele extrai

---

<sup>16</sup> A palavra “céu”, na língua rabínica desse tempo, é sinônimo do nome de “Deus”, que se evitava pronunciar. Ver Buxtorf, *Lex. chald. talm. rabb.*, e Daniel, IV, 22, 23. Comp. Mat., XXI, 25; Marc., XI, 30, 31; Luc., XV, 18, 21; XX, 4, 5.

<sup>17</sup> Essa expressão remete a cada página dos Evangelhos sinóticos, dos Atos dos Apóstolos, das epístolas de São Paulo. Se ela aparece uma única vez no quarto Evangelho (III, 3 e 5), é porque os discursos reportados por ele estão longe de representar a verdadeira palavra de Jesus.

<sup>18</sup> Daniel, II, 44; VII, 13, 14, 22, 27; Apocalipse de Baruc, em Ceriani, *Monum. sacra et prof.*, tom. I, fasc.II, p. 82.

<sup>19</sup> Marc., XI, 10; — Targum de Jonathan: Is., XL, 9; LIII, 10; Miquéias, IV, 7.

<sup>20</sup> Mischna, *Berakoth*, II, 1, 3; Talmude de Jerusalém, *Berakoth*, II, 2; *Kidduschin*, I, 2; Talmude da Bab., *Berakoth*, 15a; Mekilta, 42b, Siphra, 170b. A expressão aparece frequentemente nos midraxes.

<sup>21</sup> Mat., V, 10; VI, 33; XI, 11; XII, 28; XVIII, 4; XIX, 12; Marc., X, 14, 15; XII, 34; Luc., XII, 31.

da noção de Deus-Pai não é a de entusiastas que acreditam no mundo prestes a acabar e que se preparam pelo ascetismo para uma catástrofe quimérica: é a de um mundo que quer viver e viveu. “O reino de Deus está no meio de vós”, dizia aos que buscavam com sutileza os sinais exteriores de sua vinda futura<sup>22</sup>.

A concepção realista do evento divino foi apenas uma nuvem, um erro passageiro que a morte fez esquecer. O Jesus que fundou o verdadeiro reino de Deus, o reino dos mansos e humildes, eis o Jesus dos primeiros dias<sup>23</sup>, dias castos e sem mistura, em que a voz de seu Pai repercutia em seu seio com um timbre mais puro.

Houve, então, alguns meses, um ano, talvez, em que Deus habitou realmente a terra. A voz do jovem carpinteiro ganhou, repentinamente, uma doçura extraordinária. Um encanto infinito exalava de sua pessoa, e os que o tinham visto até aquele momento não o reconheciam mais<sup>24</sup>. Ele ainda não tinha discípulos, e o grupo que se comprimia em torno dele não era uma seita nem uma escola; mas já se pressentia ali um espírito comum, alguma coisa de penetrante e doce. Seu caráter amável, e sem dúvida uma dessas arrebatadoras figuras<sup>25</sup> que apareciam às vezes na raça judaica, criavam em torno dele um círculo de fascinação ao qual quase ninguém, no meio dessas populações benevolentes e ingênuas, sabia escapar.

---

<sup>22</sup> Luc., XVII, 20-21. A tradução “dentro de vós” é menos exata, apesar de não se distanciar do pensamento de Jesus nesse contexto.

<sup>23</sup> A grande teoria do apocalipse do Filho do Homem é, de fato, reservada, nos sinóticos, para os capítulos que precedem a narração da Paixão. As primeiras prédicas, principalmente em Mateus, são todas morais.

<sup>24</sup> Mat., XIII, 54 e seg.; Marc., VI, 2 e seg.; João, VI, 42.

<sup>25</sup> A tradição sobre a feldade de Jesus (Justino, *Dial. cum. Tryph.*, 85, 88, 100; Clemente de Alex., *Pedag.*, III, 1; *Strom.* VI, 17; Orígenes, *Contre Celse*, VI, 75; Tertuliano, *De carne Christi*, 9; *Adv. judeos*, 14) vem do desejo de ver realizado nele um pretenso traço messiânico (Is.. LIII, 2). Não houve nenhum retrato tradicional de Jesus nos primeiros séculos. Santo Agostinho, *De Trinitate*, VIII, 4,5. Cf. Irineu, *Adv. haer.*, I, XXV, 6.

O paraíso teria sido, de fato, transferido para a terra, se as ideias do jovem mestre não tivessem ultrapassado em muito aquele nível de medíocre bondade além do qual não se pôde elevar a espécie humana. A fraternidade dos homens, filhos de Deus, e as consequências morais que dela resultam eram deduzidas com um delicado sentimento. Como todos os rabinos daquele tempo, Jesus, pouco dado a contínuos raciocínios, encerrava sua doutrina em aforismos concisos e de uma forma expressiva, por vezes enigmática e estranha<sup>26</sup>.

Algumas dessas máximas vinham dos livros do Antigo Testamento. Outras eram pensamentos de sábios mais modernos, principalmente de Antígona de Soco, de Jesus, filho de Sirae, e de Hillel, que tinham chegado até ele, não como consequência de sábios estudos, mas como provérbios frequentemente repetidos. A sinagoga era rica em máximas expressas com pertinência, que formavam uma espécie de literatura proverbial corrente<sup>27</sup>. Jesus adotou quase todo esse ensinamento oral, mas permeando-o de um espírito superior<sup>28</sup>. Investido, normalmente, dos deveres traçados pela Lei e os antigos, ele buscava a perfeição. Todas as virtudes de humildade, perdão, caridade, abnegação, de dureza para consigo mesmo, virtudes que, de forma justa, denominaram-se cristãs — o que se pretende dizer com isso é que elas foram realmente pregadas

---

<sup>26</sup> Os *Logia* de São Mateus reúnem vários desses axiomas, para com eles formar grandes discursos, mas a forma fragmentária se faz sentir pelas suturas.

<sup>27</sup> As sentenças dos doutores judeus desse tempo são recolhidas no pequeno livro intitulado *Pirké Aboth*.

<sup>28</sup> Os confrontos serão feitos à medida que forem apresentados. Por vezes se supôs que, sendo a redação do Talmude posterior à dos Evangelhos, empréstimos à moral cristã pudessem ter sido feitos pelos compiladores judeus. Mas isso é inadmissível; as máximas do Talmude que correspondem às sentenças evangélicas são datadas com precisão pelos nomes dos doutores às quais são atribuídas. Essas atribuições descartam a ideia de empréstimo.

pelo Cristo — estavam em embrião nesses primeiros preceitos. Para a justiça, ele se contentava em repetir o conhecido axioma: “Não faças a outrem o que não queres que te façam”<sup>29</sup>. Mas essa velha sabedoria, ainda muito egoísta, não o satisfazia. Ele ia ao extremo: “Se alguém te bate na face direita, apresente-lhe a outra. Se alguém reclama a tua túnica, entrega-lhe teu manto”<sup>30</sup>. “Se teu olho direito te escandalizar, arranca-o e joga-o para longe de ti”<sup>31</sup>.

“Amái vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam; rezai para os que vos perseguem”<sup>32</sup>.

“Não julguei e não sereis julgados”<sup>33</sup>. Perdoai e sereis perdoados<sup>34</sup>. Sede misericordiosos como vosso Pai celeste<sup>35</sup>. Dar é mais suave do que receber”<sup>36</sup>.

“Aquele que se humilha será exaltado; o que se exalta será humilhado”<sup>37</sup>.

Acerca da esmola, da piedade, das boas obras, da doçura,

---

<sup>29</sup> Mat., VII, 12; Luc., VI, 31. Esse axioma já aparece no livro de Tobias, IV, 16. Hillel se servia dele frequentemente (Talm. da Bab., Shabat, 31a), e declarava, como Jesus, que este era o resumo da Lei.

<sup>30</sup> Mat., V, 39 e seg.; Luc., VI, 29. Compare com Jeremias, Lament., III, 30.

<sup>31</sup> Mat., V, 29-30; XVIII, 9; Marc., IX, 46.

<sup>32</sup> Mat., V, 44; Luc., VI, 27. Compare com o Talmude da Babilônia, *Shabat*, 88b; *Joma*, 23a.

<sup>33</sup> Mat., VII, 1; Luc., VI, 37. Compare com o Talmude da Babilônia, *Kethuboth*, 105b.

<sup>34</sup> Luc., VI, 37. Compare com Levít., XIX, 18; Prov., XX, 22, Eclesiástico, XXVIII, 1 e seg.

<sup>35</sup> Luc., VI, 36; Siphre, 51b (Sultzbach, 1802).

<sup>36</sup> Palavra enunciada nos Atos, XX, 35.

<sup>37</sup> Mat., XXIII, 12; Luc., XIV, 11; XVIII, 14. As sentenças referidas por São Jerônimo, de acordo com o Evangelho segundo os Hebreus (coment. em *Epist. ad Ephes.* V, 4; em *Ezeq.*, XVIII; *Dial. adv. Pelag.*, III, 2) estão impregnadas do mesmo espírito. Compare com o Talm. da Bab., *Erubin*, 13b.

do gosto pela paz, do completo desinteresse do coração, havia pouco a acrescentar à doutrina da sinagoga<sup>38</sup>. Mas ele dava um toque de unção, que tomava novos os aforismos já de longa data conhecidos. A moral não se compõe de princípios mais ou menos bem expressos. A poesia do preceito, que faz amá-lo, é mais que um princípio em si mesmo, tomado como uma verdade abstrata. Logo, não se pode negar que essas máximas tomadas de empréstimo por Jesus a seus antecessores façam efeito completamente diferente no Evangelho que na antiga Lei, nos *Pirké Aboth* ou no Talmude. Não foi a antiga Lei nem o Talmude que conquistaram e mudaram o mundo. Pouco original nela mesma, se se pode dizer com isso que se poderia recompor, com máximas mais antigas, quase toda a moral evangélica, nem por isso ela deixa de ser a mais alta criação que tenha saído da consciência humana, o mais belo código da vida perfeita que algum moralista traçou.

Jesus não falava contra a lei mosaica, mas nota-se que nela percebia a insuficiência, e dava a entender isso. Ele repetia sem parar que se devia fazer mais do que os antigos sábios houvessem dito<sup>39</sup>. Proibia a menor palavra dura<sup>40</sup>, era contra o divórcio<sup>41</sup> e qualquer juramento<sup>42</sup>, censurava a pena de talião<sup>43</sup>, condenava a usura<sup>44</sup>, considerava o desejo voluptuoso tão criminoso quanto o adultério<sup>45</sup>. Queria o perdão universal para

---

<sup>38</sup> Deuter., XXIV, XXV, XXVI, etc., Isaías, LVIII, 7; Prov., XIX, 17; *Pirké Aboth*, I; Talmude de Jerusalém, *Peah*, I, 1; Talmude da Babilônia, *Shabat*, 63a; Talmude de Bab., *Baba kama*, 93a.

<sup>39</sup> Mat., V, 20 e seg.

<sup>40</sup> Mat., V, 22.

<sup>41</sup> *Ibid.*, V, 31 e seg.. Compare com o Talmude da Babilônia, *Sanedrim*, 22a.

<sup>42</sup> Mat., V, 33 e seg.

<sup>43</sup> *Ibid.*, V, 38 e seg.

<sup>44</sup> *Ibid.*, V, 42. A lei proibia também (Deuter., XV, 7-8), mas menos formalmente, e o uso a autorizava (Luc., VII, 1 e seg.).

<sup>45</sup> Mat., XXVII, 28. Compare com o Talmude, *Masseket Kalla* (Ed. Fürth, 1793), fol. 34b.

as injúrias<sup>46</sup>. O motivo em que ele apoiava essas máximas de alta caridade é sempre o mesmo: “Para que sejais o filho de vosso Pai celeste, que faz o sol se levantar para os bons e para os maus. Se vós amais”, acrescentava ele, “apenas os que vos amam, qual é o vosso mérito? Os publicanos bem o sabem. Se vós saudais apenas vossos irmãos, o que vale isso? Os pagãos bem o sabem. Sejais perfeitos, como vosso Pai celeste o é”<sup>47</sup>.

Um culto puro, uma religião sem padres e sem práticas exteriores, toda baseada nos sentimentos do coração, na imitação de Deus<sup>48</sup>, no confronto imediato da consciência com o Pai celeste, eram a sequência desses princípios. Jesus não recuava nunca diante dessa atrevida consequência, que fazia dele, no interior do judaísmo, um revolucionário de primeira. Para que intermediários entre o homem e seu Pai? Deus só vê o coração; então para que essas purificações, essas práticas que se atingem o corpo?<sup>49</sup> A própria tradição, coisa tão sagrada para o judeu, não é nada, comparada ao sentimento puro<sup>50</sup>. A hipocrisia dos fariseus, que, ao rezar, viraram a cabeça para ver se estavam sendo observados, que davam suas esmolas com estardalhaço, e colocavam em suas roupas sinais que os distinguiam como pessoas piedosas, todo esse fingimento de falsa devoção o revoltava, “Eles já receberam sua recompensa”, dizia; “quanto a ti, quando fizeres tua esmola, que tua mão esquerda não saiba o que faz a direita, a fim de que tua esmola fique em segredo, e então teu Pai, que vê o secreto, te recompensará”<sup>51</sup>. E, quando

---

<sup>46</sup> Mat., V, 23 e seg.

<sup>47</sup> *Ibid.*, V, 45 e seg. Compare com Levít. XI, 44; XIX, 2; Eph., V, 1.

<sup>48</sup> Compare com Filon, *De migr. Abr.*, § 23 e 24; *De vita contemplativa*, na íntegra.

<sup>49</sup> Mat., XV, 11 e seg.; Marc., VII, 6 e seg.

<sup>50</sup> Marc., VII, 6 e seg.

<sup>51</sup> Mat., VI, 1 e seg. compare com o *Eclesiastes*, XVII, 18; XXIX, 15; Talmude da Babilônia, *Chagiga*, 5a; *Baba bathra*, 9b.



rezares, não imites os hipócritas, que gostam de rezar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos pelas pessoas. Em verdade eu digo que eles recebem suas recompensas. Quanto a ti, se quiseres rezar, entres em teu quarto e, fechando a porta, rezes a teu Pai, que está secreto; e teu Pai, que vê o oculto, te atenderá. E quando rezares, não faças longos discursos como os pagãos, que imaginam que devem ser atendidos a poder de palavras. Deus, teu Pai, sabe do que tu necessitas, antes que lhe peças<sup>52</sup>.

Ele não aparentava nenhum sinal exterior de ascetismo, contentando-se em rezar, ou melhor, em meditar nas montanhas e lugares solitários, onde o homem sempre buscou Deus<sup>53</sup>. Essa noção de relações do homem com Deus, da qual tão poucas almas, mesmo depois dele, deviam ser capazes, resumia-se numa prece, que ele compunha com frases piedosas, já em uso pelos judeus, e que ele ensinava a seus discípulos<sup>54</sup>: “Pai Nosso que estás no céu, santificado seja teu nome; que venha o teu reino; que tua vontade seja satisfeita assim na terra como no céu. Dá-nos hoje o pão nosso de cada dia. Perdoa-nos nossas ofensas, como nós perdoamos os que nos ofenderam. Poupa-nos das tentações; livra-nos do Maligno<sup>55</sup>. Ele insistia particularmente nesse pensamento de que o Pai celeste sabe melhor do que nós o que precisamos, e que lhe fazemos quase uma injúria ao lhe pedir esta ou aquela coisa<sup>56</sup>.

Jesus só fazia, com isso, tirar as consequências dos grandes princípios que o judaísmo havia imposto, mas que as classes oficiais da nação tendiam cada vez mais a desconhecer. A prece grega e romana foi quase sempre tachada de egoísta. Nunca um

---

<sup>52</sup> Mat., VI, 5-8.

<sup>53</sup> Mat., XIV, 23; Luc. IV, 42; V, 16; VI, 12.

<sup>54</sup> Mat., VI, 9 e seg.; Luc., XI, 2 e seg. Ver Talm. Da Bab., *Berakoth*, 29b, 30a.

<sup>55</sup> Quer dizer, do demônio.

<sup>56</sup> Luc., XI, 5 e seg.

sacerdote pagão havia dito ao fiel: “Se, ao levar tua oferenda para o altar, te lembrares de que teu irmão tem qualquer coisa contra ti, deixa tua oferenda diante do altar, e vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; depois disso, venha e faça teu oferecimento”<sup>57</sup> Sozinhos na Antiguidade, os profetas judeus, principalmente Isaías, em sua antipatia contra o sacerdócio, haviam entrevisto a verdadeira natureza do culto que o homem deve a Deus. “Que me importa a multidão de vossas vítimas! Estou saciado delas; a gordura de vossos cordeiros me repugna o coração; vosso incenso me perturba, pois vossas mãos estão cheias de sangue. Purificai vossos pensamentos; parai de fazer o mal, aprendei a fazer o bem, procurai a justiça e vinde então”<sup>58</sup>.

Nos últimos tempos, alguns doutores — Simeão, o Justo<sup>59</sup>, Jesus, filho de Sirac<sup>60</sup>, Hillel<sup>61</sup> — quase atingiram o objetivo ao declararem que o resumo da Lei era a justiça. Fílon, no mundo judaico-egípcio, chegava ao mesmo tempo que Jesus às ideias de uma alta santidade moral, cuja consequência era o pouco cuidado com as práticas legais<sup>62</sup>. Chemaia e Abtalião, mais de uma vez, se mostraram também casuístas bastante liberais<sup>63</sup>. O rabino Iohanán logo ia pôr as obras de misericórdia acima mesmo do estudo da Lei!<sup>64</sup> Contudo, apenas Jesus conseguiu expor a ideia de forma eficaz. Ninguém foi menos padre do

---

<sup>57</sup> Mat., V, 23-24.

<sup>58</sup> Isaías, I, 11 e seg. Compare *ibid.* LVIII inteiro; Osias, VI, 6; Malaquias, I, 10 e seg.

<sup>59</sup> *Pirké Aboth*, I, 2.

<sup>60</sup> *Eclesiastes*, XXXV, 1 e seg.

<sup>61</sup> Talm. de Jerus., *Pesachim*, VI, 1; Talm. da Bab., mesmo tratado, 66a, *Shabat*, 31a.

<sup>62</sup> *Quod Deus immut.* § 1 e 2; *De Abrahamo*, § 22; *Quis rerum divin. haeres*, § 13 e seg., § 55, 58 e seg.; *De Profundis*, § 7 e 8; *Quod omnis probus liber*, na íntegra; *De vita contemplativa*, na íntegra.

<sup>63</sup> Talm. da Bab., *Pesachim*, 67b.

<sup>64</sup> Talm. de Jerusalém, *Peach*, I, 1.

que Jesus, ninguém foi tão inimigo das formas que sufocam a religião sob pretexto de protegê-la do que ele. Por isso, todos somos seus discípulos e continuadores; por isso, ele estabeleceu uma pedra eterna, base da verdadeira religião e, se a religião é fundamental para a humanidade, foi por isso que ele mereceu a classe divina que lhe outorgaram. Uma ideia absolutamente nova, a ideia de um culto fundado na pureza do coração e na fraternidade humana, abria os caminhos de entrada para o mundo. Uma ideia tão elevada que a Igreja cristã devia, nesse ponto, trair completamente as intenções de seu chefe, e a que, mesmo hoje em dia, apenas algumas almas são capazes de se entregar.

Um sentimento especial pela natureza lhe oferecia a cada instante imagem expressivas. Algumas vezes uma fineza distinta, o que chamamos de “espírito”, revelava seus aforismos. Outras vezes, sua forma viva insistia no feliz emprego de provérbios populares. “Como podes dizer a teu irmão: ‘Permita-me tirar essa palha do teu olho’, quando tu teus uma trave no teu! Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho e então pensarás em tirar a palha do olho do teu irmão”<sup>65</sup>.

Essas lições, durante muito tempo encerradas no coração do jovem mestre, já reuniam alguns iniciados. O espírito do século estava nas pequenas igrejas; era o tempo dos essênios e dos terapeutas. Cada rabino com seu ensinamento, Cliemaia, Abtalião, Hillel, Chamaí, Judas, o Gáulonita, Gamaliel, e tantos outros cujas máximas preenchiam o Talmude<sup>66</sup>, erguiam-se de todas as partes. Escrevia-se muito pouco; os doutores judeus desse tempo não faziam livros: tudo acontecia em conversas e em lições públicas, às quais se procurava dar uma forma fácil de gravar<sup>67</sup>. O dia em que o carpinteiro de Nazaré

---

<sup>65</sup> Mat., VII, 4-5; Luc., VI, 41 e seg. Compare com o Talmude da Babilônia, *Baba bathra*, 15b; *Erachim*, 16b.

<sup>66</sup> Ver principalmente *Pirké Aboth*, cap. I.

<sup>67</sup> O Talmude, resumo desse vasto movimento de escolas, só começou a ser escrito no século II de nossa era.

começou a expor publicamente essas máximas, muitas delas já disseminadas, mas que, graças a ele, deviam regenerar o mundo, não foi um grande acontecimento. Era um rabino a mais (o mais encantador, é verdade) e, em volta dele, alguns jovens ávidos para ouvi-lo, buscando o desconhecido. A desatenção das pessoas requer tempo para ser movida. Ainda não havia cristãos; entretanto, o verdadeiro cristianismo estava fundado, e nunca foi, indubitavelmente, mais perfeito que nesse primeiro momento. Jesus não lhe acrescentará nada de durável. Que digo? Ele o comprometerá, pois toda ideia, para ser bem-sucedida, precisa de sacrifícios; nunca se sai imaculado da luta da vida.

Conceber o bem, de fato, não é suficiente; é preciso fazê-lo ter sucesso entre os homens. Por isso, as vias menos puras são necessárias. Certamente, se o Evangelho se limitasse a alguns capítulos de Mateus e Lutas, ele seria mais perfeito e não se prestaria a tantas objeções; mas, sem milagres, ele teria convertido o mundo? Se Jesus tivesse sido morto no momento em que estamos de sua carreira, ele não teria em sua vida tal página que nos descontenta; mas, maior aos olhos de Deus, ele permaneceria ignorado pelos homens; teria se perdido na multidão de grandes almas desconhecidas, as melhores de todas; a verdade não teria sido promulgada, e o mundo não teria usufruído da imensa superioridade moral que seu Pai lhe havia concedido.

Jesus, filho de Sirac, e Hillel haviam proferido aforismos quase tão elevados quanto os de Jesus. Entretanto, Hillel jamais passará por verdadeiro fundador do cristianismo. Na moral, como na arte, dizer não é nada, fazer é tudo. A ideia que se esconde sob um quadro de Rafael é pouco; é só o quadro que conta. Da mesma forma, em moral, a verdade não adquire valor algum se passar para o estado de sentimento, e ela só atinge seu preço quando se realiza no mundo no estado de fato. Homem de moralidade mediana escreveram excelentes máximas. De outro lado, homens muito virtuosos nada fizeram para continuar a tradição da virtude no mundo. O prêmio é para aquele que foi forte em palavras e obras, que fez sentir o bem, e que o fez

triunfar à custa de seu sangue. Jesus, sob esse duplo ponto de vista, é inigualável; sua glória permanece íntegra e será constantemente renovada.

## CAPÍTULO 6

### João Batista.

#### Viagem de Jesus até João e sua estada no deserto da Judéia. Ele acata o batismo de João

Um homem extraordinário — cujo papel, por falta de documentação, continua para nós em parte enigmático — apareceu por aquele tempo e certamente se relacionou com Jesus. Essa relação, de alguma forma, desviou de sua rota o jovem profeta de Nazaré mas, apesar disso, sugeriu-lhe vários acessórios importantes para sua instituição religiosa e, em todo caso, forneceu a seus discípulos uma autoridade muito forte para recomendar seu chefe aos olhos de uma certa classe de judeus.

Pelo ano 28 de nossa era (15º do reino de Tibério), a reputação de um certo Iohanan ou João, jovem asceta cheio de ímpeto e paixão, espalhou-se por toda a Palestina. João era de linhagem sacerdotal<sup>1</sup> e nasceu, parece, em Juta, perto de Hebron ou em Hebron mesmo<sup>2</sup>. Cidade patriarcal por excelência,

---

<sup>1</sup> Luc., I, 5; passagem do evangelho dos ébionim, conservada por Epifânio (*Adv. haer.*, XXX, 13).

<sup>2</sup> Luc., I, 39. Propusemos, com alguma verossimilhança, ver, na “cidade de Judá”, nomeada nessa citação de Lucas, a cidade de *Juta* (Josué, XV, 55; XXI, 16). Robinson (*Biblical Researches*, I, 494; II, 206) encontrou esta *Juta*, ainda com o mesmo nome, a duas horas ao sul de Hebron.

Hebron estava situada a dois passos do deserto da Judéia, e a algumas horas do grande deserto da Arábia. Naquela época, a cidade era o que ainda é hoje, um dos pilares do espírito semítico em sua forma mais austera. Desde sua infância, João foi *nazir*, ou seja, sujeito por votos a certas abstinências<sup>3</sup>. O deserto pelo qual era, por assim dizer, rodeado, o atraiu antes de mais nada<sup>4</sup>. Ele levava uma vida de iogue da Índia. Vestia-se com peles ou tecidos de pelo de camelo e se alimentava apenas de gafanhotos e mel selvagem<sup>5</sup>. Um certo número de discípulos se reunia em torno dele, compartilhando sua vida e meditando na sua severa palavra. Poder-se-ia crer estar às margens do Ganges, se traços particulares não tivessem revelado nesse solitário o último descendente dos grandes profetas de Israel.

Desde que a nação judaica dedicou-se, com um certo grau de desespero, a refletir sobre sua vocação misteriosa, a imaginação do povo voltou-se, com muito empenho, para os antigos profetas. Ora, de todos os personagens do passado — cuja lembrança vinha como sonhos de uma noite agitada, a despertar e perturbar o povo — o maior era Elias. Esse gigante dos profetas, em sua tosca solidão do Carmelo, tornou-se, por transformações sucessivas, uma espécie de ser sobre-humano, ora visível, ora invisível, e que não havia provado o gosto da morte. Assim, partilhava a vida das feras selvagens, permanecendo nos ocios dos rochedos, de onde saía como um raio para fazer e desfazer os reis. Era comum a crença de que Elias iria voltar e restaurar Israel<sup>6</sup>. A vida austera que ele havia levado, as terríveis lembranças que deixara, sob a impressão

---

<sup>3</sup> Luc., I, 15.

<sup>4</sup> *Ibid.*, I, 80.

<sup>5</sup> Mat., III, 4; Marc., I, 6; fragm. do Evang. dos Ebionitas, em Epifânio, *Adv. haer.*, XXX, 13.

<sup>6</sup> Malaquias, III, 23-24 (IV, 5-6 segundo a Vulgata); *Eclesiastes*, XLVIII, 10; Mat., XVI, 14; XVII, 10 e seg.; Marc., VI, 15; VIII, 28; IX, 10 e seg.; Luc., IX, 8, 19; João, I, 21, 25.

das quais ainda vive o Oriente<sup>7</sup>, essa imagem sombria que, até nossos dias, faz tremer e mata, toda essa mitologia repleta de vingança e terrores impressionava vivamente os espíritos e marcava, de alguma forma, com um sinal de nascença, todas as iniciativas populares. Quem quer que aspirasse a uma grande ação sobre o povo devia imitar Elias. Como a vida solitária havia sido a marca essencial desse profeta, representou-se “o homem de Deus” com os traços de um eremita. Pensou-se que todos os santos personagens haviam tido seus dias de penitência, de vida agreste e austeridades<sup>8</sup>. O recolhimento ao deserto tomou-se, então, a condição e o prenúncio dos altos destinos.

Não há dúvida de que esse pensamento de imitação tenha sido motivo das inúmeras preocupações de João<sup>9</sup>. A vida anacorética, tão oposta ao espírito do antigo povo judaico, e com a qual os votos do gênero do dos nazires e rechabitas não tinha nenhuma ligação, invadia toda a Judéia. Os essênios moravam perto da região de João, às margens do Mar Morto<sup>10</sup>. A abstinência de carne, de vinho, de prazeres sexuais, era vista como noviciado dos reveladores<sup>11</sup>. Imaginava-se que os chefes da seita deviam ser solitários, tendo suas regras e estatutos próprios, como fundadores de ordens religiosas. Os mestres dos jovens eram, também, às vezes, uma espécie de anacoretas<sup>12</sup>, muito parecidos com os gurus<sup>13</sup> do bramanismo. De fato, não havia nisso uma vaga influência dos *munis* da

---

<sup>7</sup> O feroz Abdala, paxá de São João de Acre, pensou que iria morrer de pavor por t-lo visto em sonho, de pé sobre sua montanha. Nos quadros das igrejas cristãs, ele é visto rodeado por cabeças cortadas; os muçulmanos o temem.

<sup>8</sup> *Ascensão de Isaías*, II, 9- 11.

<sup>9</sup> Lucas, I, 17.

<sup>10</sup> Plínio, *Hist. nat.*, V, 17; Epif., *Adv. haer.*, XIX, 1 e 2; M. de Saulcy, *Viagem à volta do Mar Morto*, I, p. 142 e seg.

<sup>11</sup> Daniel, I, 12 e seg., X, 2 e seg; Henoc, LXXXIII, 2; LXXXV, 3; Livro IV de Esdras, IX, 24, 26; XII, 51.

<sup>12</sup> Josefo, *Vita*, 2.

<sup>13</sup> Preceptores espirituais.



Índia? Alguns desses monges budistas andarilhos, que corriam o mundo, como mais tarde os primeiros franciscanos, pregando pela sua conduta edificante e convertendo pessoas que não conheciam sua língua, não teriam passado pelos lados da Judéia, da mesma forma que certamente eles haviam feito pelos lados da Síria e Babilônia<sup>14</sup>? Não se sabe. A Babilônia tornou-se, a partir de algum tempo, um verdadeiro celeiro do budismo; Budasp (Bodhisattva) tinha reputação de sábio caldeu e de fundador do sabismo. E o que era o próprio *sabismo*? O que sua etimologia indica<sup>15</sup>: o *batismo*, ou seja a religião dos batismos multiplicados, a estirpe da seita ainda existente que se chama “cristãos de São João”, ou mendaitas, e que os árabes chamam de *elmogtasila*, “os batistas”<sup>16</sup>. É difícil desembaraçar essas analogias. As seitas flutuantes entre o judaísmo, o cristianismo, o batismo e o sabismo que se encontram na região do além-Jordão durante os primeiros séculos da nossa era<sup>17</sup> apresentam à crítica, em consequência da confusão de notícias que chegaram a nós, o problema mais singular. Pode-se acreditar, em todo caso, que várias práticas exteriores de João, dos essênios<sup>18</sup> e dos preceptores espirituais judeus daquele tempo vinham de uma influência recente do

---

<sup>14</sup> Desenvolvi esse ponto em outra obra (*Hist. geral das línguas semíticas*, III, IV, 1; *Diário Asiático*, fev.-março de 1856).

<sup>15</sup> O verbo aramaico *seba*, origem da palavra sabeus, é sinônimo do grego *baptizo*.

<sup>16</sup> Tratei desse assunto mais detalhadamente no *Diário Asiático*, nov.-dezembro de 1853 e agosto-setembro de 1855. É notável que os elcasaítas, seita sabeia ou batista, habitavam quase o mesmo lugar dos essênios, a margem oriental do Mar Morto, e foram confundidos com eles (*Epif., Adv. haer.*, XIX, 1, 2, 4; XXX, 16, 17; LIII, 1 e 2; *Philosophumena*, IX, III, 15 e 16; X, XX, 29).

<sup>17</sup> Ver as informações de Epifânio sobre os essênios, os hemerobatistas, os nazarenos, os ossênios, os nazoreus, os ebionitas, os sampseus (*Adv. haer.*, livros I e II), e as do autor dos *Philosophumena* sobre os elcasaítas (liv. IX e X).

<sup>18</sup> *Epif., Adv. haer.*, XIX, XXX, LIII.

alto Oriente. A prática fundamental que caracterizava a seita de João, e que lhe valeu o nome, sempre teve seu centro na baixa Caldéia, onde se constituiu em religião e perpetuou-se até nossos dias.

Essa prática era o batismo ou a total imersão. As abluções já eram familiares aos judeus, como a todas as religiões do Oriente<sup>19</sup>. Os essênios lhe haviam dado uma extensão particular<sup>20</sup>. O batismo se transformara numa cerimônia comum de introdução de prosélitos no seio da religião judaica, uma espécie de iniciação<sup>21</sup>. Entretanto, antes de nosso Batista, nunca se dera à imersão essa importância, nem essa forma. João fixara o campo de sua atividade na parte do deserto da Judéia que se avizinha do Mar Morto<sup>22</sup>. Na época em que administrava o batismo, ele se transportava para as margens do Jordão<sup>23</sup>, fosse em Betânia ou Betabara<sup>24</sup>, na margem oriental, provavelmente em frente de Jericó, fosse no lugar chamado Aenon ou “as Fontes”<sup>25</sup>, perto de Salim, onde havia muita água<sup>26</sup>. Ali, multidões consideráveis,

---

<sup>19</sup> Marc., VII, 4; Jos., Ant., XVIII, V, 2; Justino, *Dial. cum Tryph.*, 17, 80; Epif., Adv. haer., XVII.

<sup>20</sup> Jos., *B.J.*, II, VII, 5, 7, 8, 13.

<sup>21</sup> Mischna, *Pesachim*, VII, 8; Talmude da Babilônia, *Jebamoth*, 46b; *Kerithuth*, 9a; *Aboda zara*, 57a; *Masseket Gerim* (ed. Kirchheim, 1851), p. 38-40.

<sup>22</sup> Mat., III, 1; Marc., I, 4.

<sup>23</sup> Luc., III, 3.

<sup>24</sup> João, I, 28; III, 26. Todos os antigos manuscritos trazem *Betânia*; mas, como não se conhece Betânia por esses lados, Orígenes (*Comment. in Joann.*, VI, 24) propôs substituí-la por *Betabara*, e sua correção geralmente foi bastante aceita. As duas palavras, enfim, têm significação análoga e parecem indicar um lugar em que havia uma balsa para atravessar o rio.

<sup>25</sup> *Aenon* é o plural caldeu de *aenawan*, “fontes”.

<sup>26</sup> João, III, 23. A situação dessa localidade é duvidosa. Os sinóticos são constantes em localizar a cena do batismo às margens do Jordão (Mat., III, 6; Marc., I, 5; Luc., III, 3). Mas a circunstância levantada pelo quarto evangelista, “que ali havia muita água”, não tem sentido quando se supõe que o lugar do qual ele fala seja vizinho desse rio. O confronto dos versículos 22 e 23 do capítulo III de João e os versículos 3 e 4 do capítulo IV do mesmo evangelho leva a crer, aliás, que Salim ficava na Judéia. Parece que, perto da ruína chamada Ramet-el-Kalil, nas imediações de Hebron, encontra-se uma localidade que corresponde bem a todas essas exigências (Sepp, *Jerusalem und das Heilige Land*, Schaffouse, 1863, I, p. 520 e seg.). São Jerônimo pretende situar Salim bem mais ao norte, perto de Beth-Sehean ou Seythopolis. Mas Robinson (*Biblical Res.*, III, 333) não pôde encontrar nesses lugares nada que justificasse essa alegação.

principalmente da tribo de Judá, iam ao seu encontro e se faziam batizar<sup>27</sup>.

Em alguns meses ele se transformou, dessa forma, num dos homens mais influentes da Judéia, e todos deviam confiar nele.

O povo o considerava profeta<sup>28</sup>, e muitos estavam convencidos de que fosse Elias ressuscitado<sup>29</sup>. A crença nessas ressurreições era fortemente difundida<sup>30</sup>. Pensava-se que Deus iria ressuscitar alguns dos antigos profetas para servir de guia a Israel em direção ao seu destino final<sup>31</sup>. Outros tinham João como o próprio Messias, embora ele não tivesse tal pretensão<sup>32</sup>.

Os padres e escribas, contrários a esse renascimento do profetismo, e sempre inimigos dos entusiastas, desprezaram-no. Mas a popularidade de Batista impunha-se a eles, e eles não ousavam falar contra João<sup>33</sup>. Era uma vitória que o sentimento da multidão obtinha sobre a aristocracia sacerdotal. Quando se solicitava aos chefes dos padres que se explicassem claramente sobre esse ponto, eles ficavam fortemente embaraçados<sup>34</sup>.

---

<sup>27</sup> Marc., I, 5; Josefo, *Ant.*, XVIII, V, 2.

<sup>28</sup> Mat., XIV, 5; XXI, 26.

<sup>29</sup> Mat., XI, 14; Marc., VI, 15; João, I, 21.

<sup>30</sup> Mat., XIV, 2; Luc., IX, 8.

<sup>31</sup> Ver a nota 6 deste capítulo.

<sup>32</sup> Luc., III, 15 e seg.; João, I, 20.

<sup>33</sup> Mat., XXI, 25 e seg.; Luc. VII, 30.

<sup>34</sup> Mat., loc. cit..

Para João, o batismo, enfim, não passava de um sinal destinado a impressionar e a preparar os espíritos para algum grande movimento. Não há dúvida de que ele tenha possuído o mais alto grau da esperança messiânica.

“Faça penitência”, dizia ele, “pois o reino de Deus se aproxima”<sup>35</sup>. Ele anunciava uma “grande cólera”, quer dizer, terríveis catástrofes que iriam acontecer<sup>36</sup>, e declarava que o machado já estava na raiz da árvore, que a árvore logo seria lançada ao fogo. Ele representava seu messias com uma peneira na mão, escolhendo o bom grão e queimando a palha. A penitência, cujo símbolo era o batismo, a esmola, a correção dos costumes<sup>37</sup>, era para João o grande meio de preparação para os acontecimentos vindouros. Não se sabe exatamente para qual dia eram previstos esses acontecimentos. O certo é que ele pregava vigorosamente contra os próprios adversários que Jesus atacou mais tarde, contra os padres ricos, os fariseus, os doutores. Numa palavra, contra o judaísmo oficial e, como Jesus, ele era acolhido principalmente pelas classes oprimidas<sup>38</sup>. Ele reduzia a nada o título de filhos de Abraão, e dizia que Deus poderia fazer filhos de Abraão com as pedras do caminho<sup>39</sup>. Parece que não possuía, nem em germe, a ideia que fez o triunfo de Jesus, a ideia de uma religião pura. Apesar disso, empregava vigorosamente essa ideia, substituindo um rito reservado às cerimônias legais, para as quais eram necessários padres, mais ou menos como os flagelantes da Idade Média foram precursores da Reforma, retirando o monopólio dos sacramentos e a absolvição do clero oficial. O tom geral de seus sermões era severo e duro. As expressões que empregava contra os adversários parecem ter sido as mais violentas<sup>40</sup>.

---

<sup>35</sup> Mat., III, 2.

<sup>36</sup> *Ibid.*, III, 7.

<sup>37</sup> Luc., III, 11-14; Josefo, *Ant.*, XVIII, V, 2.

<sup>38</sup> Mat., XXI, 32; Luc., III, 12-14.

<sup>39</sup> Mat., III, 9.

<sup>40</sup> Mat., III, 7; Luc., III, 7.

Era uma rude e contínua invectiva. É provável que não tenha ficado à margem da política. Josefo, que quase o tocou através de seu mestre Banu, dá a entender isso indiretamente<sup>41</sup>, e a catástrofe que pôs fim aos seus dias parece supô-lo. Seus discípulos levavam uma vida muito austera<sup>42</sup>. Jejuavam frequentemente, estampavam um ar triste e preocupado. Vê-se despontar na escola, por momentos, a ideia de bens comunitários e essa noção de que o rico deva repartir o que tem<sup>43</sup>. O pobre já aparece como o que deve ser beneficiado em primeiro lugar com o reino de Deus.

Ainda que o campo de ação de Batista tenha sido a Judéia, sua fama rapidamente penetrou na Galiléia e chegou até Jesus, que já havia formado em torno dele, por seus primeiros discursos, um pequeno círculo de ouvintes.

Usufruindo ainda de pouca autoridade, e sem dúvida movido pelo desejo de encontrar um mestre, cujos ensinamentos tivessem muitos pontos em comum com suas próprias ideias, Jesus deixou a Galiléia e seguiu, com sua pequena escola, para junto de João<sup>44</sup>. Os recém-chegados se fizeram batizar como todos os outros. João acolheu muito bem essa turma de discípulos galileus, e não se importou que eles ficassem separados dos seus. Os dois mestres eram jovens. Eles tinham muitas ideias comuns e trocaram publicamente amabilidades

---

<sup>41</sup> *Ant.*, XVIII, V, 2. Convém observar que, quando Josefo expõe as doutrinas secretas e mais ou menos sediciosas de seus compatriotas, apaga tudo o que tenha traços messiânicos e espalha sobre essas doutrinas, para não fazer sombra aos romanos, um verniz de banalidade, que faz com que todos os chefes de seitas judaicas pareçam professores de moral ou estóicos.

<sup>42</sup> *Mat.*, IX, 14.

<sup>43</sup> *Luc.*, III, 11 (autoridade fraca).

<sup>44</sup> *Mat.*, III, 13 e seg.; *Marc.*, I, 9 e seg.; *Luc.*, III, 21 e seg.; *João*, I, 29 e seg.; III, 22 e seg. Os sinóticos dão o encontro de Jesus com João antes que ele tivesse desempenhado papel público (Comp. *Evang. dos Ebionitas em Epifânio, Adv. haer.*, XXX, 13, 14; Justino, *Dial. cum Tryph.*, 88). Mas, se for verdade, como dizem, que João logo reconheceu Jesus e lhe deu grande acolhida, é de se supor que Jesus já fosse um mestre bastante famoso. O quarto evangelista registra duas visitas de Jesus a João: uma vez ainda obscuro, uma segunda vez com uma turma de discípulos. Sem tocar aqui na questão dos itinerários exatos de Jesus (questão insolúvel, dadas as contradições dos documentos e o pouco cuidado que os evangelistas tiveram em ser exatos em tal matéria), sem negar que Jesus pudesse ter feito uma viagem para junto de João no tempo em que ainda não tinha notoriedade, nós adotamos o dado fornecido pelo quarto Evangelho (III, 22 e seg.), a saber, que Jesus, antes de começar a batizar como João, tinha uma escola formada. As primeiras páginas do quarto Evangelho são anotações discordantes colocadas sem critério. A pretensa ordem cronológica rigorosa vem do gosto do autor por uma aparente precisão.

recíprocas. Em João Batista, tal fato surpreende, à primeira vista, e nos leva a desconfiar. A humildade nunca foi o forte da alma dos judeus. Parece que um caráter tão inflexível, uma espécie de Lamennais constantemente irritado, devesse ser altamente colérico e não sofrer nem rivalidade nem adesão pela metade. Mas essa maneira de conceber as coisas repousa sobre uma falsa ideia a respeito da pessoa de João. Ele é representado como um homem de idade madura. Mas, ao contrário, tinha a mesma idade de Jesus<sup>45</sup>, e era muito jovem segundo o conceito da época<sup>46</sup>. Ele foi, em termos de espírito, o irmão, e não o pai de Jesus. Os dois jovens entusiastas, imbuídos da mesma esperança e dos mesmos ódios, puderam tomar a causa comum e se apoiar mutuamente. Certamente, um velho mestre, vendo um homem sem celebridade chegar até ele e demonstrar, na sua opinião, ares de independência, teria se revoltado. Não se tem exemplo algum de um chefe de escola acolhendo com solicitude o que vai sucedê-lo. Mas a juventude é capaz de todas as abnegações, e é lícito admitir que João, tendo reconhecido em Jesus um espírito análogo ao seu, aceitou-o sem prevenção pessoal. Essas boas relações tomaram: se, em seguida, o ponto de partida de todo o sistema desenvolvido pelos evangelistas, cujo objetivo era dar como primeiro

---

<sup>45</sup> Luc. I, embora todos os detalhes do relato, especialmente no que toca ao parentesco de João com Jesus, sejam lendários.

<sup>46</sup> Comp., João, VIII, 57.

fundamento à missão divina de Jesus o testemunho de João.

Tal era o grau de autoridade conquistado por Batista que não se acreditava poder encontrar no mundo melhor aval. Mas não só Batista não abdicou em favor de Jesus, como Jesus, durante todo o tempo que passou junto dele, reconheceu-o como superior e desenvolveu seu próprio gênio apenas timidamente.

De fato, parece que, apesar de sua profunda originalidade, Jesus, pelo menos durante algumas semanas, imitou João. Seu caminho ainda era obscuro para ele. Em todas as ocasiões, aliás, Jesus cedeu muito às opiniões, e adorou muita coisa que não estava em sua meta, ou com que pouco se preocupava, pela única razão de que elas eram populares. Só que esses pormenores nunca prejudicaram seu principal pensamento e sempre foram subordinados a ele. O batismo fora colocado por João em grande destaque; Jesus se viu obrigado a fazer como ele: batizou, e seus discípulos também<sup>47</sup>.

Sem dúvida, essa cerimônia era acompanhada de prédicas análogas às de João. O Jordão se cobriu, então, por todos os lados, de Batistas, cujos discursos tinham mais ou menos sucesso. O aluno logo se igualava ao mestre, e seu batismo foi muito procurado. Houve, a esse propósito, certo ciúme entre os discípulos<sup>48</sup>. Os seguidores de João vieram reclamar para ele do crescente sucesso do jovem galileu, cujo batismo iria, em breve, segundo eles, suplantará o seu. Mas os dois chefes permaneceram superiores a essas mesquinhas. Conforme uma tradição<sup>49</sup>, é na escola de João que Jesus teria formado o grupo dos seus mais célebres discípulos. A superioridade de João era incontestada demais para que Jesus, ainda pouco conhecido, pensasse em combatê-la. Ele desejava apenas crescer na sua

---

<sup>47</sup> João, III, 22-26; IV, 1-2. O parêntese do versículo 2 parece uma glosa acrescida, ou talvez um escrúpulo tardio do redator se autocorrigindo.

<sup>48</sup> João, III, 26; IV, 1.

<sup>49</sup> João, I, 35 e seg., apoiada por Atos I, 21-22.

sombra, e se sentia obrigado, para ganhar o crédito da multidão, a empregar os meios exteriores que valeram a João sucessos tão espantosos.

Quando Jesus recomeça a pregar, após a prisão de João, as primeiras palavras que lhe puseram na boca são apenas repetição de uma das frases familiares ao Batista<sup>50</sup>. Várias outras expressões de João são encontradas textualmente em seus discursos<sup>51</sup>. As duas escolas parecem ter vivido bastante tempo em bom entendimento<sup>52</sup> e, após a morte de João, Jesus, como companheiro fiel, foi um dos primeiros a serem avisados do acontecimento<sup>53</sup>.

João logo foi embargado em sua carreira profética. Como os antigos profetas judeus, ele era, no mais alto grau, crítico das potências estabelecidas<sup>54</sup>. A extrema vivacidade com a qual ele se exprimia a esse respeito não poderia deixar de lhe causar embaraços. Na Judéia, parece que João não foi incomodado por Pilatos; mas na Pérsia, para lá do Jordão, ele caía em terras de Antipas. Esse tirano inquietou-se com a incitação política mal dissimulada nas prédicas de João. As grandes reuniões de homens formadas pelo entusiasmo religioso e patriótico em torno de Batista tinham qualquer coisa de suspeito<sup>55</sup>. Uma queixa bem pessoal veio, aliás, se juntar a esses motivos de Estado e tornou inevitável a derrota do austero censor.

Um dos caracteres mais fortemente marcados dessa trágica família dos Herodes era Herodíades, neta de Herodes, o Grande. Violenta, ambiciosa, apaixonada, ela detestava o judaísmo e desprezava suas leis<sup>56</sup>. Casara-se, provavelmente contra sua

---

<sup>50</sup> Mat., III, 2; IV, 17.

<sup>51</sup> Mat., III, 7; XII, 34; XXIII, 33.

<sup>52</sup> *Ibid.*, XI, 2-13.

<sup>53</sup> *Ibid.*, XIV, 12.

<sup>54</sup> Luc., III, 19.

<sup>55</sup> Jos., *Ant.*, XVIII, V, 2.

<sup>56</sup> Jos., *Ant.*, XVIII, V, 4.



vontade, com seu tio Herodes, filho de Mariano<sup>57</sup>, que Herodes, o Grande, havia deserddado<sup>58</sup>, e nunca desempenhara função pública. A posição inferior de seu marido, na opinião das outras pessoas da família, não lhe dava sossego; ela queria ser soberana a qualquer preço<sup>59</sup>.

Antipas foi o instrumento usado por ela. Esse homem fraco, tomando-se perdidamente apaixonado, prometeu casar-se com ela e repudiar sua primeira mulher, filha de Hareth, rei de Petra e emir das tribos vizinhas da Peréia. A princesa árabe, tendo notícia desse projeto, resolveu fugir. Dissimulando seu propósito, fingiu querer fazer uma viagem a Maqueronte, em terras de seus pais, e se fez conduzir pelos oficiais de Antipas<sup>60</sup>.

Makaur<sup>61</sup> ou Maqueronte era uma fortaleza colossal edificada por Alexandre Janeu, depois reerguida por Herodes, num dos *uádis* (vales) mais inclinados do oriente do Mar Morto<sup>62</sup>. Era um lugar selvagem, estranho, cheio de lendas esquisitas e que se acreditava assombrado por demônios<sup>63</sup>. A fortaleza era exatamente no limite dos Estados de Hareth e Antipas. A essa altura ela estava do lado pertencente a Hareth<sup>64</sup>. Este, advertido, preparara tudo para a fuga de sua filha que, de tribo em tribo, foi reconduzida a Petra.

---

<sup>57</sup> Mat. (XIV, 3, no texto grego) e Marc. (VI, 17) pretendem que seja Filipe, mas isto é um descuido (ver Josefo, *Ant.*, XVIII, V, 1 e 4). A mulher de Filipe era Salomé, filha de Herodíades.

<sup>58</sup> Jos., *Ant.*, XVII, IV, 2.

<sup>59</sup> Jos., *Ant.*, XVIII, VII, 1, 2; *B.J.*, II, IX, 6.

<sup>60</sup> Jos., *Ant.*, XVII, V, 1.

<sup>61</sup> Essa forma se encontra no Talmude de Jerusalém (*Schebiit* IX, 2) e nos targuns de Jonathan e de Jerusalém (*Números*, XXII, 35).

<sup>62</sup> Hoje Mkaur, abaixo do *uádi* Zerka-Maïn. Ver o mapa do Mar Morto, de Vignes (Paris, 1865).

<sup>63</sup> Josefo, *De bell. Jud.*, VII, VI, 1 e seg.

<sup>64</sup> Jos., *Ant.*, XVIII, V, 1.

A união quase incestuosa de Antipas<sup>65</sup> e Herodíades consumou-se então. As prescrições judaicas sobre o matrimônio eram um constante motivo de escândalo entre a irreligiosa família dos Herodes e os judeus severos<sup>66</sup>. Os membros dessa dinastia numerosa e bastante isolada foram reduzidos a casar-se entre eles, daí resultando frequentes violações às interdições estabelecidas pela Lei. João fez eco ao sentimento geral, censurando energicamente Antipas<sup>67</sup>. Era mais do que o necessário para levar este à decisão e dar sequência às suas suspeitas. Mandou prender Batista e deu ordem de encerrá-lo na fortaleza de Maqueronte, da qual provavelmente se apossou após a partida da filha de Hareth<sup>68</sup>.

Mais tímido que cruel, Antipas não desejava condená-lo à morte. Conforme certos boatos, ele temia uma agitação popular<sup>69</sup>; Segundo uma outra versão<sup>70</sup>, ele teria se agradado de ouvir o prisioneiro, e essas conversas o teriam lançado em grandes perplexidades. O que há de certo é que a detenção se prolongou e João conservou, do fundo de sua cela, uma ampla liberdade de ação<sup>71</sup>. Correspondia-se com seus discípulos, e ainda o encontraremos em contato com Jesus. Sua fé na vinda próxima do Messias se afirmou mais. Ele seguia com atenção os movimentos de fora e buscava descobrir neles os sinais favoráveis para a realização das esperanças de que se nutria.

---

<sup>65</sup> *Levítico*, XVIII, 16.

<sup>66</sup> *Jos., Ant.*, XV, VII, 10.

<sup>67</sup> *Mat.*, XIV, 4; *Marc.*, VI, 18; *Luc.*, III, 19.

<sup>68</sup> *Jos., Ant.*, XVIII, V, 2.

<sup>69</sup> *Mat.*, XIV, 5.

<sup>70</sup> *Marc.*, VI, 20. Cf. *Luc.*, IX, 7.

<sup>71</sup> A prisão no Oriente não é isolada: o detento, com os pés presos por troncos, é vigiado num pátio ou em salas abertas, e conversa com todos os passantes.

## CAPÍTULO 7

### **Desenvolvimento das ideias de Jesus acerca do Reino de Deus**

Até o momento em que João Batista foi preso, aproximadamente no verão do ano 29, Jesus permaneceu nas imediações do Mar Morto e do rio Jordão. A temporada no deserto da Judéia era geralmente considerada como a preparação para grandes tarefas, como uma espécie de recolhimento antes dos atos públicos. Jesus se submeteu a isso, a exemplo de seus antecessores, e passou quarenta dias na companhia exclusiva das feras selvagens, praticando jejum rigoroso. A imaginação dos discípulos se exercitou muito acerca dessa temporada. O deserto era, segundo crenças populares, a morada dos demônios<sup>1</sup>. Existem no mundo poucas regiões tão desoladas, tão abandonadas por Deus e mais fechadas à vida que a escarpa rochosa que forma a margem ocidental do Mar Morto. Acreditava-se que, durante o tempo que passou nesse lugar medonho, Jesus atravessou terríveis provações, que Satã o assustou com suas ilusões ou embalou-o com promessas sedutoras, e que, em seguida, os anjos, para recompensá-lo por sua vitória, vieram servi-lo<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Tobias, VIII, 3; Luc., XI, 24.

<sup>2</sup> Mat., IV, 1 e seg.; Marc., I, 12-13; Luc., IV, 1 e seg. Certamente, a analogia chocante que esses relatos apresentam com lendas do *Vendidad* (frag. XIX) e do *Lalitavistara* (cap. XVII, XVIII, XXI) levará a reconhecer nessa temporada no deserto apenas um mito. Mas o relato pequeno e conciso de Marcos, que representa aqui a redação primitiva, supõe um fato real que, mais tarde, forneceu o tema para o desenvolvimento de lendas.

Provavelmente, foi ao voltar do deserto que Jesus soube da prisão de João Batista. Dali em diante ele não tinha mais motivos para prolongar sua estada num lugar que lhe era quase estranho. Talvez também temesse ser envolvido nas severidades aplicadas contra João, e não quisesse se expor, num tempo em que, dada a pouca celebridade que tinha, sua morte de nada poderia servir para o progresso de suas ideias. Ele retomou à Galiléia<sup>3</sup>, sua verdadeira pátria, amadurecido por uma importante experiência e tendo extraído de suas conversas com um grande homem, muitíssimo diferente dele, o sentimento de sua própria originalidade.

Em suma, a influência de João fora mais prejudicial que proveitosa a Jesus. João foi um entrave em seu desenvolvimento; tudo leva a crer que Jesus tivesse, quando desceu para o Jordão, ideias superiores às de João, e que foi por uma espécie de concessão que cedeu temporariamente ao batismo. Se Batista, cuja a autoridade seria difícil não se submeter, tivesse ficado em liberdade, talvez Jesus não conseguisse rejeitar o jugo dos ritos e das práticas exteriores. Então, sem dúvida, permaneceria um sectário judeu desconhecido, pois o mundo não teria trocado determinadas práticas por outras. Foi pelo atrativo de uma religião despojada de qualquer forma exterior que o cristianismo seduziu as almas elevadas. Uma vez preso Batista, sua escola foi esmorecendo, e Jesus se encontrou em face de seu próprio movimento. As únicas coisas que ele ficou devendo a João foram, em parte, as espécies de lições de prédica e de proselitismo popular. A partir de então, de fato, ele prega com muito mais força e se impõe à multidão, com autoridade<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Mat., IV, 12; Marc., I, 14; Luc., IV, 14; João, IV, 3.

<sup>4</sup> Mat., VII, 29; Marc., I, 22; Luc., IV, 32.

Parece também que sua permanência junto de João, menos pela ação de Batista que pelo desenvolvimento natural de seu próprio pensamento, amadureceu muito suas ideias sobre “o reino do céu”. Sua palavra de ordem, desde então, é a “boa nova”, o aviso de que o reino do céu está próximo<sup>5</sup>. Jesus deixará de ser apenas um charmoso moralista, aspirando a encerrar lições sublimes em alguns aforismos vivos e breves; é o revolucionário transcendente, que tenta renovar o mundo desde suas bases e concretizar o ideal que concebeu. “Esperar o reino de Deus” será sinônimo de discípulo de Jesus<sup>6</sup>. Essa expressão “reino de Deus”, ou “reino do céu”, como já dissemos<sup>7</sup>, havia muito tempo familiar aos judeus. Mas Jesus lhe dava um sentido moral, um alcance social que o próprio autor do livro de Daniel, em seu entusiasmo apocalíptico, ousara apenas entrever.

No mundo, tal como está, é o mal que reina. Satã é o “príncipe deste mundo”<sup>8</sup>, e todos lhe obedecem. Os reis matam os profetas. Os padres e os doutores não fazem o que mandam os outros fazerem. Os justos são perseguidos, e o que resta aos bons é chorar. O “mundo”, dessa forma, é inimigo de Deus e dos santos<sup>9</sup>. Mas Deus despertará e vingará os santos. O dia está próximo, pois a abominação está em seu auge. O reino do bem terá sua vez.

A chegada desse reino do bem será uma grande revolução súbita. O mundo parecerá desmoronado. Estando atualmente em mau estado, para se imaginar o futuro basta conceber mais ou menos o contrário do que existe. Os primeiros serão

---

<sup>5</sup> Marc., I, 14-15.

<sup>6</sup> Ibid., XV, 43.

<sup>7</sup> Ver cap. 5.

<sup>8</sup> João, XII, 31; XIV, 30; XVI, 11. Comp. II Cor., IV, 4; Efés. II, 2.

<sup>9</sup> João, I, 10; VII, 7; XIV, 17, 22, 27; XV, 18 e seg.; XVI, 8, 20, 33; XVII, 9, 14, 16, 25. Essa gradação da palavra “mundo” está caracterizada principalmente nos escritos de Paulo e nos que se atribuem a João.

os últimos<sup>10</sup>. Uma nova ordem comandará a humanidade. Agora, o mal e o bem estão como o joio e o trigo no campo. O mestre os deixa crescer juntos, mas a hora da ruptura brusca chegará<sup>11</sup>. O reino de Deus será como uma grande puxada de rede, que traz o bom e o mau peixe; coloca-se o bom nas talhas e se joga fora o resto<sup>12</sup>. O germe dessa grande revolução será primeiramente irreconhecível. Será como o grão de mostarda negra, que é a menor das sementes, mas, quando lançada à terra, se transforma numa árvore sob cuja folhagem os pássaros vêm descansar<sup>13</sup>; ou será como o fermento que, adicionado à massa, a faz crescer toda<sup>14</sup>. Uma série de parábolas, quase sempre obscuras, era destinada a exprimir as surpresas desse evento repentino, suas aparentes injustiças, seu caráter inevitável e definitivo<sup>15</sup>.

Quem estabelecerá esse reinado de Deus? Lembremo-nos de que o primeiro pensamento de Jesus — tão estranho para ele que é provável que não tivesse origem e o contivesse enraizado em seu próprio ser — foi que era o filho de Deus, íntimo de seu Pai, o realizador de suas vontades. A resposta de Jesus a tal questão não podia, então, ser duvidosa. A convicção de que ele faria Deus reinar tomou conta de seu espírito de maneira absoluta. Via-se como o reformador universal. O céu, a terra, a natureza em seu todo, a loucura, a doença e a morte são meros instrumentos para ele. Em seu acesso de vontade heróica, estava convencido de sua onipotência. Se a terra não se prestar a essa transformação suprema, ela será esmagada, purificada pela chama e pelo sopro de Deus. Um novo céu será criado, e o mundo todo será povoado por anjos

---

<sup>10</sup> Mat., XIX, 30; XX, 16; Marc., X, 31; Luc., XIII, 30.

<sup>11</sup> Mat., XIII, 24 e seg.

<sup>12</sup> Ibid., XIII, 47 e seg.

<sup>13</sup> Mat., XIII, 31 e seg.; Marc., IV, 31 e seg.; Luc., XIII, 19 e seg.

<sup>14</sup> Mat., XIII, 33; Luc., XIII, 21.

<sup>15</sup> Mat., XIII, inteiro; XVIII, 23 e seg., XX, 1 e seg.; Luc., XIII, 18 e seg.

de Deus<sup>16</sup>. Uma revolução radical<sup>17</sup>, englobando a própria natureza, tal foi então o pensamento fundamental de Jesus. Desde então, sem dúvida, ele renunciara à política. O exemplo de Judas, o Gaulonita, mostrara a inutilidade das agitações populares. Jesus nunca pensou em se revoltar contra os romanos e os tetrarcas. O princípio desenfreado e anárquico de Judas não era o seu. Sua submissão aos poderes estabelecidos, no fundo irônica, era completa na forma. Ele pagava o tributo a César para não escandalizar. A liberdade e o direito não são deste mundo: para que complicar sua vida com vãs suscetibilidades? Desprezando a terra, convencido de que o mundo presente não merecia que se lhe desse atenção, ele se refugiava em seu reino ideal; e fundava essa grande doutrina do desprezo transcendente<sup>18</sup>, verdadeira doutrina da liberdade das almas, a única que proporciona paz. Mas ele ainda não havia dito: “Meu reino não é deste mundo”. Muita treva embaçava suas mais claras visões. Às vezes, estranhas tentações cruzaram seu espírito. No deserto da Judéia, Satã lhe oferecera os reinos da terra. Sem conhecer a força do Império Romano, e com o enorme entusiasmo existente na Judéia — e que logo em seguida chegou a uma terrível resistência militar — ele poderia desejar fundar um reino com a audácia e o número de seus partidários. Talvez diversas vezes se tenha posto a suprema questão: o reino de Deus se realizará pela força ou pela doçura, pela revolta ou pela paciência? Um dia, conta-se, pessoas simples da Galiléia quiseram carregá-lo e torná-lo rei<sup>19</sup>. Jesus fugiu para a montanha e ali ficou algum tempo sozinho. Sua bela natureza o poupou do erro que teria feito dele um agitador ou um chefe de rebeldes, um Teudas ou um Barkokeba.

---

<sup>16</sup> Mat., XXII, 30. Compare a palavra de Jesus narrada na epístola de Barnabé, 6.

<sup>17</sup> No grego: *Apokhatastasis Panton*. Atos, III, 21.

<sup>18</sup> Mat., XVII, 23-26; XXII, 16-22.

<sup>19</sup> João, VI, 15.

A revolução que ele quis fazer foi sempre uma revolução moral; mas, para a execução, ainda não havia chegado a confiar nos anjos e na trombeta final. Só nos homens e pelos próprios homens que ele queria agir. Um visionário que só tivesse tido a ideia da aproximação do Juízo Final não teria esse cuidado de aperfeiçoar as almas, nem teria criado o mais belo ensinamento prático que a humanidade recebeu. Muito de vago ainda restava, sem dúvida, em seu pensamento, e um nobre sentimento, muito mais que um plano traçado, o impelia à obra sublime que se realizou por intermédio dele, embora de um modo bem diferente do que ele imaginava.

Era exatamente o reino de Deus, de fato, quero dizer, o reino do espírito, que ele fundava. E se Jesus, do seio de seu Pai, vê sua obra frutificar na história, ele bem pode dizer com veracidade: “Eis o que eu quis”. O que Jesus fundou, o que ficará eternamente dele, feita a abstração das imperfeições que se mesclam a todas as coisas realizadas pela humanidade, é a doutrina da liberdade das almas. A Grécia já tivera belos pensamentos a esse respeito<sup>20</sup>. Vários estóicos haviam encontrado um meio de ser livres sob um tirano. Mas, em geral, o mundo antigo idealizara a liberdade ligada a certas formas políticas; os liberais se chamaram Harmódio e Aristogiton, Brutus e Cassius. O verdadeiro cristão é bem mais livre de qualquer corrente; aqui ele é um exilado; que lhe importa o mestre passageiro desta terra, que não é sua pátria? A liberdade, para ele, é a verdade<sup>21</sup>. Jesus não conhecia bastante a história para compreender como uma tal doutrina chegava a seu ponto, no momento em que terminava a liberdade republicana e quando as pequenas constituições municipais da Antiguidade expiravam na unidade do Império Romano. Mas seu admirável bom senso e o instinto realmente profético que ele tinha de sua missão o guiaram aqui com uma maravilhosa segurança. Por

---

<sup>20</sup> V. Stobée, *Florilegium*, cap. LXII, LXXVII, LXXXVI e seg.

<sup>21</sup> João, VIII, 32 e seg.



estas palavras: “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”, ele criou algo de estranho à política, um refúgio para as almas no meio do império da força brutal. Seguramente, tal doutrina tinha seus riscos. Estabelecer em princípio que o sinal para reconhecer o poder legítimo é olhar a moeda, proclamar que o homem perfeito paga imposto por desdém e sem discutir, era destruir a república do tempo antigo e favorecer todas as tiranias. O cristianismo, nesse sentido, muito contribuiu para enfraquecer o sentimento dos deveres do cidadão e entregar o mundo ao poder absoluto dos fatos consumados. Mas, constituindo uma imensa associação livre que, durante trezentos anos, soube se abster de política, o cristianismo compensou amplamente o dano que fez às virtudes civis. Graças a ele, o poder do Estado se limitou às coisas terrenas; o espírito foi libertado ou, pelo menos, o feixe terrível da onipotência romana foi quebrado para sempre.

O homem preocupado acima de tudo com os deveres da vida pública não perdoa aos outros a preferência dada, seja qual for, a suas questões partidárias. Ele censura os que subordinam as questões sociais às questões políticas, e demonstram por estas uma espécie de indiferença. Num sentido ele tem razão, pois toda posição que se toma à exclusão de outras é prejudicial ao bom governo das coisas humanas. Mas qual foi o progresso que os partidos proporcionaram à moralidade geral da nossa espécie? Se Jesus, em vez de fundar seu reino celeste, tivesse partido para Roma e se dedicado a conspirar contra Tibério ou a lamentar Germânico, no que se teria transformado o mundo? Republicano austero, patriota zeloso, ele não teria impedido a grande corrente das questões de seu século, ao passo que, declarando a insignificância da política, ele revelou ao mundo essa verdade que a pátria não é tudo, e que o homem é anterior e superior ao cidadão.

Nossos princípios de ciência positiva são feridos pela parte sonhadora que o programa de Jesus encerrava. Nós sabemos a história da terra. Uma revolução como a que Jesus aguardava só acontece por causas geológicas ou astronômicas, com as

quais nunca se constatou ligação com assuntos morais. Mas, para ser justo com os grandes criadores, não se deve dar muita atenção aos preconceitos em que eles caíram. Colombo descobriu a América a partir de ideias falsas; Newton achava sua louca explicação do Apocalipse tão certa quanto sua teoria da gravidade. Situaríamos tal homem mediano de nosso tempo acima de um Francisco de Assis, de um São Bemardo, de uma Joana d’Arc, de um Lutero, porque ele é isento dos erros que esses últimos cometeram? Poderíamos querer medir os homens pela exatidão de suas ideias de física e pelo conhecimento mais ou menos exato que eles possuam do verdadeiro sistema do mundo? Compreendamos melhor a posição de Jesus e o que fez sua força. O deísmo do século XVIII e um certo protestantismo nos habituaram a considerar o fundador da fé cristã apenas como um grande moralista, um benfeitor da humanidade. Só vemos nos Evangelhos bons princípios; lançamos um prudente véu sobre o estranho estado intelectual em que nasceu. Há quem lamente também que a Revolução Francesa se tenha desviado mais de uma vez dos seus princípios e que ela não tenha sido feita por homens sábios e moderados.

Não imponhamos nossos pequenos programas de burgueses sensatos a esses movimentos extraordinários, tão extremamente acima de nosso alcance. Continuemos a admirar a “moral do Evangelho”, suprimamos de nossas instruções religiosas a quimera que foi sua alma; mas não creiamos que, com metas ideias de felicidade ou de moralidade individual, se possa transformar o mundo. A ideia de Jesus foi bem mais profunda; foi a ideia mais revolucionária que já desabrochou em um cérebro humano; o historiador deve tomá-la em seu conjunto, e não com essas tímidas supressões que omitem justamente o que a tomou eficaz para a regeneração da humanidade.

No fundo, o ideal é sempre uma utopia. Quando queremos hoje representar o Cristo da consciência moderna, o consolador, o juiz dos novos tempos, o que fazemos? O mesmo que o próprio Jesus fez há mais de mil e oitocentos anos. Supomos que as condições do mundo real sejam completamente dife-

rentes do que são. Pintamos um libertador moral quebrando sem armas os grilhões do negro, melhorando a condição do proletário, resgatando as nações oprimidas. Esquecemos que isso supõe o mundo transformado, o clima da Virgínia e do Congo modificados, mudado o sangue e a raça de milhões de homens, nossas complicações sociais reduzidas a uma simplicidade quimérica, as divisões políticas da Europa deslocadas de sua ordem natural. A “reforma de todas as coisas”<sup>22</sup> desejada por Jesus não era o mais difícil. Essa nova terra, esse novo céu, essa nova Jerusalém que desce do céu, este grito: “Eis que refaço tudo!”<sup>23</sup>, são os traços comuns aos reformadores. O contraste entre o ideal e a triste realidade sempre produzirá na humanidade essas revoltas contra a fria razão que os espíritos medíocres racham de loucura, até o dia em que triunfam e que os mesmos que as combateram serão os primeiros a reconhecerem sua grandiosa razão.

Que tenha havido uma contradição entre o dogma de um fim do mundo próximo e a moral habitual de Jesus — concebida em vista de um estado estável da humanidade, bastante análogo ao que existe de fato — é o que não tentamos negar<sup>24</sup>. Foi justamente essa contradição que assegurou o bom êxito de sua eira. Sozinho, o milenarista não teria feito nada de durável, e o moralista não teria feito nada de poderoso. O milenarismo deu o impulso, a moral assegurou o futuro. Com isso, o cristianismo reuniu as duas condições dos grandes sucessos neste mundo, um ponto de partida revolucionário e a possibilidade de viver. Tudo o que é feito para triunfar deve satisfazer essas duas necessidades; pois o mundo quer, ao mesmo tempo,

---

<sup>22</sup> Atos, III, 21.

<sup>23</sup> Apocal., XXI, 1, 2, 5.

<sup>24</sup> As seitas milenares da Inglaterra apresentam o mesmo contraste, ou seja, a crença num fim do mundo próximo e, não obstante, muito bom senso na vida prática, um entendimento extraordinário entre os negócios comerciais e a indústria.

mudar e durar. Jesus, ao mesmo tempo que anunciava uma reforma sem igual nas coisas humanas, proclamava os princípios sobre os quais a sociedade se guia há mil e oitocentos anos.

O que, de fato, distingue Jesus dos agitadores de seu tempo e dos de todos os séculos é seu perfeito idealismo. Para alguns, Jesus é um anarquista, pois não tem nenhuma noção de governo civil. O governo lhe parece pura e simplesmente um abuso. Ele fala disso em termos vagos e como uma pessoa do povo, que não tem ideia alguma de política. Todo magistrado lhe parece um inimigo natural dos homens de Deus; anuncia aos seus discípulos rixas com a polícia, sem imaginar sequer que isso fosse motivo para se envergonhar<sup>25</sup>. Mas nunca se nota nele a intenção de tomar o lugar dos poderosos e ricos. Ele quer aniquilar a riqueza e o poder, e não se apoderar deles. Prediz a seus discípulos perseguições e suplícios<sup>26</sup>; mas não deixa entrever uma única vez o pensamento de uma resistência armada. A ideia de que se é onipotente por meio do sofrimento e da resignação, que se triunfa por meio da força e pureza de coração, é uma ideia bem peculiar a Jesus. Ele não é um espiritualista, pois, para ele, tudo leva a uma realização palpável. Mas é um idealista perfeito, sendo a matéria, para ele, apenas a representação da ideia, e o real, a expressão viva do invisível.

A quem se dirigir, a quem pedir ajuda para fundar o reino de Deus? Jesus nunca hesitou sobre esse ponto. O que é grandioso para os homens é abominável aos olhos de Deus<sup>27</sup>. Os fundadores do reino de Deus serão simples. Nada de ricos, nada de doutores, nada de padres: apenas mulheres, homens do povo, humildes, crianças<sup>28</sup>. O grande sinal do Messias é “a boa

---

<sup>25</sup> Mat., X, 17-18; Luc., XII, 11.

<sup>26</sup> Mat., V, 10 e seg.; X inteiro; Luc., VI, 22 e seg.; João, XV, 18 e seg.; XVI, e e seg.; 20, 33; XVII, 14.

<sup>27</sup> Luc., XVI, 15.

<sup>28</sup> Mat., V, 3, 10; XVIII, 3; XIX, 14, 23-24; XX, 16; XXI, 31; XXII, 2 e seg.; Marc., X, 14-15, 23-25; Luc., I, 51-53; IV, 18 e seg.; VI, 20; XIII, 30; XIV, 11; XVIII, 14, 16-17, 24-25.

nova anunciada aos pobres”<sup>29</sup>. A natureza idílica e doce de Jesus chegava aqui a seu auge. Uma imensa revolução social, em que as classes serão alteradas, em que tudo quanto é oficial neste mundo será humilhado, eis seu sonho. O mundo não acreditará nele; o mundo o matará. Mas seus discípulos não serão do mundo<sup>30</sup>. Eles serão um pequeno rebanho de humildes e simples, que vencerá por sua própria humildade. O sentimento que tornou “mundano” o oposto de “cristão” tem, nas ideias do mestre, sua justificativa plena<sup>31</sup>.

---

<sup>29</sup> Mat., XI, 5.

<sup>30</sup> João, XV, 19: XVII, 14, 16.

<sup>31</sup> Ver principalmente o capítulo XVII de João, que exprime, se não um discurso real dito por Jesus, um sentimento que era muito profundo entre seus discípulos, e que se originava legitimamente das lições do fundador.

## CAPÍTULO 8

### Jesus em Cafarnaum

Obcecado por uma ideia cada vez mais imperiosa, Jesus caminhará doravante com uma espécie de impassibilidade fatal pela trilha que seu espantoso gênio e as circunstâncias extraordinárias em que vivia lhe traçaram. Até ali, ele apenas comunicara seus pensamentos a algumas pessoas secretamente atraídas para ele. Dali em diante seu ensinamento se torna público e seguido. Ele tinha cerca de trinta anos<sup>1</sup>. O pequeno grupo de ouvintes que o havia acompanhado junto de João Batista aumentou, sem dúvida, e talvez alguns discípulos de João tenham se juntado a ele<sup>2</sup>. É com esse primeiro núcleo da Igreja que Jesus anuncia audaciosamente, desde seu retomo à Galiléia, a “boa nova do reino de Deus”. Esse reino ia chegar, e era ele, Jesus, o “Filho do Homem” que Daniel percebeu em sua visão como a aparição divina da última e suprema revelação.

---

<sup>1</sup> Luc., III, 23; Evangelho dos *ébionim*, em Epif., *Adv. haer.*, XXX, 13; Valentim, em Santo Irineu, I, I, 3; II, XXII, 1 e seg., e em S. Epif., *Adv. haer.*, LI, 28-29. João, VIII, 57 nada prova; “cinquenta anos” marcam um momento da vida humana em geral. Irineu (*Adv. haer.*, II, XXII, 5 e seg.) oferece nada mais que um eco da passagem de João, VIII, 57, apesar de pretender se apoiar na tradição dos “anciãos” da Ásia.

<sup>2</sup> João, I, 37 e seg.

É preciso lembrar que, nas ideias judaicas, avessas à arte e à mitologia, a simples forma humana tinha uma superioridade sobre os querubins e animais fantásticos que a imaginação do povo, desde que sofreu a influência da Assíria, supunha organizados em torno da divina majestade. Já em Ezequiel<sup>3</sup>, o ser assentado no trono supremo, bem acima dos monstros da carruagem misteriosa, o grande revelador de visões proféticas, tem a figura de um homem. No livro de Daniel, em meio à visão dos impérios representados por animais — no momento em que a sessão do grande julgamento começa e quando os livros são abertos — um ser “parecido com o Filho do Homem” se adianta em direção ao Ancião dos dias, que lhe concede o poder de julgar o mundo e de governá-lo pela eternidade<sup>4</sup>. Filho do Homem é, nas línguas semíticas, principalmente nos dialetos aramaicos, um simples sinônimo de homem. Mas essa importantíssima passagem choca os espíritos. A expressão Filho do Homem se torna, pelo menos para certas escolas<sup>5</sup>, um dos títulos do Messias, visto como juiz do mundo e como rei da nova era que iria se iniciar<sup>6</sup>. A aplicação que Jesus fazia dessa passagem era a proclamação

---

<sup>3</sup> I, 5, 26 e seg.

<sup>4</sup> Daniel, VII, 4, 13-14. Comp. VIII, 15, X, 16.

<sup>5</sup> Em João, XII, 34, os judeus parecem não estar a par do sentido dessa palavra.

<sup>6</sup> Mat., X, 23; XIII, 41; XVI, 27-28; XIX, 28; XXIV, 27, 30, 37, 39, 44; XXV, 31; XXVI, 64; Marc., XIII, 26; XIV, 62; Luc., XII, 40; XVII, 24, 26, 30; XXI, 27, 36; XXII, 69; Atos, VII, 55. Mas a passagem mais significativa é: João, V, 27, comparado com Apoc., I, 13; XIV, 14. Compare Henoc, XLVI, 1-4; XLVIII, 2, 3; LXII, 5, 7, 9, 14; LXIX, 26, 27, 29; LXX, 1 (divisão de Dillmann); livro IV de Esdras, XIII, 2 e seg.; 12 e seg.; 25, 32 (versões etíope, árabe e siríaca, ed. Ewald, Volkmar e Ceriani); *Ascensão de Isaías*, texto latino de Venera, 1522 (col. 702 da ed. de Migne); Justino, *Dial. cum. Tryph.*, 49, 76. A expressão “filho da mulher” pelo Messias se encontra uma vez no livro de Henoc, LXII, 5. É preciso notar que toda a parte do livro de Henoc que compreende os capítulos XXXVII-LXXI é suspeita de interpolação. O livro IV de Esdras foi escrito por um judeu influenciado por ideias cristãs.

de seu messianismo e a confirmação da catástrofe vindoura, na qual ele deveria figurar como juiz, investido de plenos poderes que o Ancião dos dias lhe delegara<sup>7</sup>.

O sucesso da palavra do novo profeta foi, dessa vez, decisivo. Um grupo de homens e mulheres, todos caracterizados pelo mesmo espírito de candura juvenil e de ingênua inocência, aderiu a ele e lhe disse: “Tu és o Messias”. Como o Messias deveria ser filho de Davi, naturalmente lhe conferiram esse título, que era sinônimo do primeiro. Jesus acatou-o com prazer, embora isso lhe causasse algum constrangimento, já que sua origem era bem popular. O título que ele preferia era o de “Filho do Homem”, humilde na aparência, mas que se ligava diretamente às esperanças messiânicas. É por essa expressão que ele se designava<sup>8</sup>, embora, em sua boca, “Filho do Homem” fosse sinônimo do pronome “eu”, que ele evitava. Mas ele nunca foi chamado assim, sem dúvida porque esse nome só lhe devia caber no dia de sua futura aparição.

O centro de ação de Jesus, a essa altura de sua vida, foi a cidadezinha de Cafarnaum, situada nas margens do lago de Genesaré. O nome Cafarnaum, composto pela palavra *caphar*, “aldeia”, parece designar um pequeno burgo à moda antiga, em oposição às grandes cidades construídas à moda romana, como Tibelíades<sup>9</sup>. Esse nome tinha tão pouca notoriedade, que Josefo, a certa altura de seus escritos<sup>10</sup>, o toma pelo nome de uma fonte, sendo a fonte mais famosa que a aldeia situada perto dela. Como Nazaré, Cafarnaum não tinha passado e em nada participara do movimento profano propiciado pelos Herodes.

---

<sup>7</sup> João, V, 22, 27.

<sup>8</sup> Esse título reincide oitenta e três vezes nos Evangelhos, e sempre nos discursos de Jesus.

<sup>9</sup> É verdade que Tell-Hum, que se identifica com Cafarnaum, apresenta resquícios de monumentos bastante belos. Mas, além dessa identificação ser duvidosa, os referidos monumentos podem ser dos séculos II e III d.C.

<sup>10</sup> *B.J.*, III, X, 8.



Jesus se ligava muito a essa cidade e elegeu-a como segunda pátria<sup>11</sup>. Pouco depois de sua volta, ele comandou sobre Nazaré uma tentativa que não obteve sucesso<sup>12</sup>. Ele não pôde fazer ali nenhum milagre, segundo a ingênua observação de um dos seus biógrafos<sup>13</sup>. O conhecimento que se tinha de sua família, que era pouco considerável, prejudicava bastante sua autoridade. Não se podia olhar como filho de Davi uma pessoa de quem se via todos os dias o irmão, a irmã, o cunhado. De resto, é notável que sua família lhe tenha feito forte oposição e recusado claramente admitir sua missão divina<sup>14</sup>. A um dado momento, sua mãe e irmãos declararam que ele perdera a razão e, tratando-o como um sonhador exaltado, pretenderam detê-lo à força<sup>15</sup>. Os nazarenos, bem mais violentos, conta-se, tentaram matá-lo, empurrando-o do alto de um precipício<sup>16</sup>. Jesus observou espiritualmente que essa aventura era comum a todos os grandes homens, e se aplicou o provérbio: “Ninguém é profeta em sua própria terra”.

Essa derrota estava longe de desencorajá-lo. Ele retomou a Cafarnaum<sup>17</sup>, onde encontrava bem melhores condições, e dali organizou uma série de missões para as pequenas cidades das imediações. As populações dessa bela e fértil região só se

---

<sup>11</sup> Mat., IX, 1; Marc., II, 1. Cafarnaum figura, de fato, nos escritos talmúdicos, como a cidade dos *mimim*, ou heréticos; evidentemente, são aqui os cristãos. Ver midrax *Koheleth*, sobre o versículo VII, 26.

<sup>12</sup> Mat., XIII, 54 e seg.; Marc., VI, 1 e seg.; Luc., IV, 16 e seg., 23-24; João, IV, 44.

<sup>13</sup> Marc., VI, 5. Cf. Mat., XIII, 58; Luc., IV, 23.

<sup>14</sup> Mat., XIII, 57; Marc., VI, 4; João, VII, 3 e seg.

<sup>15</sup> Marc., III, 21, 31 e seg., observando a ligação dos versículos 20, 21, 31.

<sup>16</sup> Luc., IV, 29. Provavelmente se trata aqui de um rochedo escarpado muito próximo a Nazaré, acima da atual igreja dos maronitas, e não do pretenso monte da Precipitação, a uma hora de Nazaré. Ver Robinson, II, 335 e seg.

<sup>17</sup> Mat., IV, 13; Luc., IV, 34; João, II, 12.

reuniam aos sábados. Foi o dia que ele escolheu para suas preleções. Cada cidade agora tinha sua sinagoga, ou lugar para reunião. Era uma sala retangular, bem pequena, com um pórtico decorado com motivos gregos. Os judeus, não tendo arquitetura própria, nunca se preocuparam em dar a esses edifícios um estilo original. Existem ainda na Galiléia restos de diversas antigas sinagogas<sup>18</sup>. Elas foram construídas com materiais de boa qualidade e de amplas dimensões, mas o gosto é bastante mesquinho, por causa dessa profusão de ornamentos vegetais, de folhagens, de franjas que caracteriza os monumentos judeus<sup>19</sup>. No interior havia bancos, uma cadeira para leitura pública e um armário para guardar os artigos sagrados<sup>20</sup>. Esses edifícios, que nada tinham de templo, eram o centro de toda a vida judaica. Havia ali reunião no dia do sabá para a prece e leitura da Lei e dos profetas. Como o judaísmo, fora de Jerusalém, não tinha clero propriamente dito, o primeiro que chegasse se levantava, fazia as leituras do dia (*parascha* e *haph tara*), e acrescentava um *midrax* ou comentário bem pessoal, em que expunha suas próprias ideias<sup>21</sup>. Era a origem da “homilia”, da qual encontramos o

---

<sup>18</sup> Em Tell-Hum, em Irbid (Arbela), em Meiron (Mero), em Jisch (Gischala), em Kasyum, em Nabartein, duas em Kefr-Bereim.

<sup>19</sup> Não ousa ainda me pronunciar a respeito da idade desses monumentos, nem, conseqüentemente, afirmar que Jesus tenha ensinado em qualquer deles. Que interesse não teria, em tal hipótese, a sinagoga de Tell-Hum! A grande sinagoga de Kefr-Bereim me parece a mais antiga de todas. Ela é de um estilo bem puro. A de Kasyum apresenta uma inscrição grega do tempo de Sétimo Severo. A grande importância conseguida pelo judaísmo na alta Galiléia após a guerra de Adriano permite acreditar que vários desses edifícios remontam apenas ao século III, época em que Tiberíades tornou-se uma espécie de capital do judaísmo. Ver *Diário Asiático*, dez. 1864, p. 531 e seg.

<sup>20</sup> II Esdras, VII, 4; Mat., XXIII, 6; Epíst. Jac., II, 3; Mischna, Megilla, III, 1; Rosh hasschana, IV, 7, etc. Ver especialmente a descrição da sinagoga da Alexandria no Talmude da Babilônia, *Sukka*, 51b.

<sup>21</sup> Fílon, citado em Eusébio, Praep. evang., VII, 7, e *Quod omnis probus liber*, § 12; Luc., IV, 16; Atos, XIII, 15; XV, 21; Mischna, Megilla, III, 4 e seg.

modelo acabado nos pequenos tratados de Fílon. Tinha-se o direito de apresentar objeções e questões ao leitor; desse modo, a reunião logo degenerava numa espécie de assembleia livre. Ela tinha um presidente<sup>22</sup>, ancião<sup>23</sup>, um *hazzan*, leitor titulado ou bedel<sup>24</sup>, enviados<sup>25</sup>, espécie de secretários ou mensageiros que levavam correspondência de uma sinagoga para outra, um *schammasch* ou sacristão<sup>26</sup>. As sinagogas eram, assim, verdadeiras pequenas repúblicas independentes; tinham uma jurisdição extensa, garantiam os franqueamentos, exercendo patrocínio sobre os franqueados<sup>27</sup>. Como todas as corporações municipais até uma época avançada do Império Romano, elas faziam decretos honoríficos<sup>28</sup>, votavam resoluções com força de lei para a comunidade, pronunciavam penas corporais, cujo executor habitual era o *hazzan*<sup>29</sup>.

Com a extrema atividade de espírito que sempre caracterizou os judeus, tal instituição, não obstante os rigores arbitrários que comportava, não podia deixar de promover discussões muito animadas. Graças às sinagogas, o judaísmo pôde atravessar intacto dezoito séculos de perseguição. Eram como

---

<sup>22</sup> Em grego, *arkhisynagogos*. Cf. Garrucci, *Dissert. archeol.*, II, 161 e seg.

<sup>23</sup> Em grego, *presbyteroi*.

<sup>24</sup> Em grego, *iperetes*.

<sup>25</sup> Em grego, *apostoloi* ou *aggeloi*.

<sup>26</sup> Em grego, *diaconos*. Marc., V, 22, 35 e seg.; Luc., IV, 20; VII, 3; VIII, 41, 49; XIII, 14; Atos, XIII, 15; XVIII, 8, 17; Apoc., II, I. Mischna, *Joma*, VII, 1; *Rosch Hasschana*, IV, 9; Talm. de Jerus. *Sanedrim*, I, 7; Epif., *Adv. haer.*, XXX, 4, 11.

<sup>27</sup> *Antiq. du Bosph. Cimm.*, inscr. n.º 22 e 23, e *Mesclas greco-latinas da Academia de S. Petersburgo*, tom. II, p. 200 e seg.; Lévy, *Epigraphische Beiträge zur Gersch. de Juden*, p. 273 e seg., 298 e seg.

<sup>28</sup> Inscrição de Berenice, no *Corpus inscr. graec.*, n.º 5361, inscrição de Kasyum, no *Diário Asiático*, l. c.

<sup>29</sup> Mat., V, 25; X, 17; XXIII, 34; Marc., XIII, 8; Luc., XII, 11; XXI, 12; Atos, XXII, 19, XXVI, 11; Cor., XI, 24; Mischna, *Maccoth*, III, 12; Talmude da Babil., *Megilla*, 7b; Epif., *Adv. haer.*, XXX, 11.

tantos pequenos mundos à parte, onde o espírito nacional se conservava, e que ofereciam campos bem preparados às lutas internas. Discutia-se apaixonadamente; as questões de prioridades eram vivas ali. Ter um assento de honra na primeira fila era a recompensa de uma alta piedade, ou o privilégio da riqueza que mais se invejava<sup>30</sup>. Por outro lado, a liberdade que cada um tinha de ser leitor ou comentarista do texto sagrado concedia maravilhosas facilidades para a propagação das novidades. Foi essa uma das grandes forças de Jesus e o meio mais habitual que ele empregou para fundar seu ensinamento doutrinal<sup>31</sup>. Ele entrava na sinagoga e se levantava para ler. O *hazzan* lhe estendia então o livro, ele o abria e, ao ler a *parascha* ou a *haptara* do dia, tirava dessa leitura algum desenvolvimento de acordo com suas ideias<sup>32</sup>. Como havia poucos fariseus na Galiléia, a discussão contra ele não tomava um grau de vivacidade ou um tom de aspereza que, em Jerusalém, teriam-no interrompido desde seus primeiros passos. Esses bons galileus jamais haviam ouvido uma palavra tão de acordo com sua imaginação risonha<sup>33</sup>. Eles o admiravam, o estimavam, achavam que falava bem e que seu raciocínio era convincente. As mais difíceis objeções, ele as resolvia com segurança. O ritmo quase poético de seus discursos cativava essas populações ainda jovens, que o pedantismo dos doutores não tinha tornado insensíveis.

A autoridade do jovem mestre ia aos poucos crescendo e, naturalmente, quanto mais se acreditava nele, mais ele acreditava em si mesmo. Sua ação era bem restrita; estava limitada à bacia do lago de Tiberíades e, mesmo dentro desse limite, tinha uma região preferida. O lago tem cinco ou seis léguas de comprimento por três ou quatro de largura; embora apresentando a aparência de um oval bastante regular, ele forma,

---

<sup>30</sup> Mat., XXIII, 6; Epíst. Jac., II, 3; Talm. Da Bab., *Sukka*, 51 b.

<sup>31</sup> Mat., IV, 23; IX, 35; Marc., I, 21, 39; VI, 2; Luc., IV, 15, 16, 31, 44; XIII, 10; João, XVIII, 20.

<sup>32</sup> Luc., IV, 16 e seg. Comp. Mischna, *Joma*, VII, 1.

<sup>33</sup> Mat., VII, 28; XIII, 54; Marc., I, 22; VI, 1; Luc., IV, 22, 32.

desde Tiberíades até a entrada do Jordão, uma espécie de golfo, cuja curva mede cerca de três léguas. Eis o campo em que a semente de Jesus encontrou finalmente a terra bem preparada. Caminhemos por ele detidamente, tentando erguer o manto de secura e de luto com o qual o demônio do Islã o cobriu.

Saindo de Tiberíades, surgem agora os rochedos escarpados e uma montanha que parece desmoronar sobre o mar. Depois as montanhas se espalham; uma planície (El Ghoueir) se abre quase ao nível do lago. É um delicioso bosquezinho, com muito verdor, irrigado por águas abundantes que saem, em parte, de uma grande bacia redonda, de construção antiga (Aïn-Medawara). Na entrada dessa planície, que é a região de Genesaré propriamente dita, encontra-se a miserável aldeia de Medjel. Na outra extremidade da planície (sempre acompanhando o mar), encontra-se um assentamento de cidade (Khan-Minyeh), lindas águas (Aïn-et-Tin), um belo caminho, estreito e profundo, entalhado na rocha, que certamente Jesus seguiu frequentemente, e que serve de passagem entre a planície de Genesaré e o declive setentrional do lago. A um quarto de hora dali, atravessa-se um riacho de água salgada (Aïn-Tabiga), que aflora de diversas fontes amplas a alguns passos do lago, nele se lançando, em meio a uma espessa moita de verdura. Enfim, quarenta minutos adiante, sobre a encosta árida que se estende de Aïn-Tabiga até a foz do rio Jordão, encontram-se algumas choupanas e um conjunto de ruínas algo monumentais, chamadas Tell-Hum.

Cinco pequenas cidades, das quais a humanidade falará eternamente, tanto quanto de Roma e de Atenas, estavam, no tempo de Jesus, espalhadas no espaço que vai da aldeia de Medjel a Tell-Hum. Dessas cinco cidades, Magdala, Dalmanuta, Cafarnaum, Betsáida e Corazim<sup>34</sup>, a primeira é a única que se pode hoje localizar com exatidão. A medonha aldeia

---

<sup>34</sup> A antiga Kinnéreth desapareceu ou mudou de nome.

de Medjel sem dúvida conservou o nome e a praça do pequeno burgo que deu a Jesus sua mais fiel amiga<sup>35</sup>. A localização de Dalmanuta<sup>36</sup> é completamente ignorada<sup>37</sup>. Não é possível que Corazim tenha existido por esses lados, do lado norte<sup>38</sup>. Quanto a Betsáida e Cafarnaum, realmente é quase ao acaso que são situadas em Tell-Hum, em Aïn-et-Tin, em Khan-Minyeh, em An-Medawara<sup>39</sup>. Dir-se-ia que, tanto em topografia como em história, um profundo propósito quis esconder os vestígios do grande fundador. É duvidoso que se chegue, sobre esse solo profundamente devastado, a fixar os lugares em que a humanidade teria querido vir beijar as marcas de seus pés.

O lago, o horizonte, os arbustos, as flores, eis tudo o que resta do pequeno canto de três ou quatro léguas em que Jesus fundou sua obra divina. As árvores desapareceram totalmente

---

<sup>35</sup> Sabe-se, de fato, que Magdala é bem próxima de Tiberíades. Talm. de Jerus., Maasaroth, III, 1; Schebiit, IX, 1; Erubin, V, 7.

<sup>36</sup> Marc., VIII, 10. Comp. Mat., XV, 39.

<sup>37</sup> A uma hora e meia de distância do local em que o Jordão sai do lago, encontra-se sobre o próprio rio Jordão um sítio antigo chamado Dalhamia ou Dalmania. Ver Thomson, *The Land and the Book*, II, p. 60-61, e o mapa de Van de Velde. Mas Marcos, VIII, 10, supõe que Dalmanuta estava situada às margens do lago.

<sup>38</sup> No lugar chamado *Khorazi* ou *Bir-Kerazeh*, acima de Tell-Hum. (Ver o mapa de Van de Velde, e Thomson, *op. cit.*, II, p. 13).

<sup>39</sup> A antiga hipótese que identificava Tell-Hum com Cafarnaum, apesar de fortemente combatida durante alguns anos, conserva ainda numerosos defensores. O melhor argumento com que se pode defendê-la é o próprio nome de Tell-Hum, sendo que Tell entra no nome de muitas aldeias e poderia ser substituído por Cafar (ver um exemplo nos *Arquivos das missões científ.*, 2ª série, t. III, p. 369). Por outro lado, é impossível encontrar perto de Tell-Hum uma fonte que corresponda à que se referiu Josefo (*B.J.*, III, X, 8). Essa fonte de Cafarnaum parece estar em Aïn-Medawara; mas Aïn-Medawara está a uma meia légua do lago, ao passo que Cafarnaum era uma vila de pescadores às margens do mar. (Mat., IV, 13; João, VI, 17). As dificuldades para Betsáida são ainda maiores, pois a hipótese, geralmente aceita, de duas Betsáida, uma à margem ocidental, outra à margem oriental do lago, ou três léguas uma da outra, tem algo de singular.

nessa região, onde a vegetação era outrora tão brilhante que Josefo via aí uma espécie de milagre — a natureza teria tido, segundo ele, o capricho de pôr lado a lado as plantas dos países frios, os produtos das regiões quentes, as árvores dos climas temperados, carregadas o ano todo de flores e frutos<sup>40</sup> — nessa região, como eu dizia, calcula-se agora com um dia de antecedência o lugar em que se encontrará no dia seguinte um pouco de sombra para sua refeição. O lago virou deserto. Uma única barca, em miserável estado, singra hoje as ondas outrora ficas de vida e de alegria. Mas as águas são ainda leves e transparentes<sup>41</sup>. A praia, composta de pedras ou seixos, é própria de um pequeno mar, não a de uma lagoa, como as margens do lago de Huleh. Ela é limpa, sem lodo, sempre batida no mesmo lugar pelo leve movimento das ondas. Pequenas dunas, cobertas de loureiros, de tamarineiros e pés de alcaparra espinhosa ali se desenham, principalmente em dois lugares, na foz do rio Jordão, perto de Tariquéia, e na beira da planície de Genesaré, há sedutores canteiros em que as ondas vêm espriar em grades maciços de relva e flores. O riacho de Ain-Tabiga faz um pequeno estuário, cheio de lindas conchas. Revoadas de aves aquáticas cobrem o lago. O horizonte é de uma luz ofuscante. As águas, de um azul-celeste, profundamente encravadas entre rochedos abrasantes, parecem, quando se olha para elas do alto da montanha de Safed, estar no fundo de uma taça de ouro.

Ao norte, os barrancos cobertos de neve do Hermon se recortam em linhas brancas no céu; a oeste, os planaltos ondulados da Gaulonítida e da Peréia, absolutamente áridos e envolvidos pelo sol numa espécie de atmosfera aveludada, formam uma montanha compacta ou, melhor dizendo, um longo terraço bem elevado que, desde Cesaréia de Filipe, corre indefinidamente para o sul.

O calor nas margens é agora muito pesado. O lago ocupa

---

<sup>40</sup> *B.J.*, III, 8. Talm.da Bab., *Pesachim*, 8b; Siphre, *Vezoth habberaka*.

<sup>41</sup> *B.J.*, III, X, 7; Jacques de Vitri, em *Gesta Dei per Francos*, I, 1.075.

uma depressão de 189 metros abaixo do nível do Mediterrâneo<sup>42</sup> e participa, assim, das condições tórridas do Mar Morto<sup>43</sup>. Antigamente, uma vegetação abundante temperava esse calor excessivo; dificilmente se compreendia que uma foz como a que é hoje toda a bacia do lago, a partir do mês de maio, tenha sido o palco de uma atividade tão prodigiosa. Josefo, aliás, acha a região bastante temperada<sup>44</sup>. Houve aqui, sem dúvida, como no interior de Roma, alguma mudança de clima, provocada por causas históricas. E o islamismo e, principalmente, a reação muçulmana contra as cruzadas, que devastaram, como um vento mortal, o cantão preferido de Jesus. A bela terra de Genesaré não duvidava de que debaixo da aparência desse pacífico ambulante seus destinos efervesciam. Perigoso compatriota, Jesus foi fatal ao país que teve a redobrada honra de acolhê-lo. Transformado por todos em objeto de amor ou de ódio, cobiçado por dois fanatismos rivais, a Galiléia devia, ao preço de sua glória, se tornar deserto. Mas quem poderia dizer que Jesus teria sido feliz se tivesse atingido a idade madura obscuro em sua aldeia? E aqueles ingratos nazarenos, quem se lembraria deles, se, com o risco de comprometer o futuro de seu pequeno burgo, um deles não tivesse reconhecido seu Pai e não se proclamasse filho de Deus?

Quatro ou cinco grandes aldeias, situadas a uma meia hora umas das outras, tal era então o pequeno mundo de Jesus na época a que nos referimos. Parece nunca ter entrado em Tiberíades, cidade completamente profana, povoada em grande parte por pagãos e residência habitual de Antipas<sup>45</sup>.

---

<sup>42</sup> É a avaliação de M. Vignes (*Conhecimento dos tempos para 1866*), quase de acordo com a do capitão Lynch (em Ritter, *Erdkunde*, XV, 1ª parte, p. XX), e a de M. de Berrou (*Bulletin de la Soc. de Géogr.*, 2ª série, XII, p. 146).

<sup>43</sup> A depressão do Mar Morto é mais que o dobro.

<sup>44</sup> *B.J.*, III, X, 7 e 8.

<sup>45</sup> *Jos., Ant.*, XVII, 3, *Vita*, 12, 13, 64.



Contudo, algumas vezes ele se afastava de sua região favorita, indo de barco, pela margem oriental, até Gergesa, por exemplo<sup>46</sup>. Em direção ao norte, podemos vê-lo em Panéias ou Cesaréia de Filipe<sup>47</sup>, no sopé do Hermon. Uma vez, finalmente, ele fez uma caminhada do lado de Tiro e de Sidon<sup>48</sup>, região que, então, florescia maravilhosamente. Todos esses lugares estavam em pleno paganismo<sup>49</sup>. Em Cesaréia ele conheceu a célebre gruta do *Panium*, onde se encontrava a nascente do rio Jordão, e que a crença popular envolvia em estranhas lendas<sup>50</sup>. Jesus pôde admirar o templo de mármore que Herodes mandou erguer perto dali, em honra a Augusto<sup>51</sup>; ele deve, provavelmente, ter parado em frente às estátuas votivas a Pã, às Ninfas, ao Eco da gruta, que a piedade já amontoava, talvez, nesse belo lugar<sup>52</sup>. Um judeu evemefista, acostumado a tomar deuses estranhos por homens divinizados ou por demônios, devia considerar

---

<sup>46</sup> Adoto a opinião de M. Thomson (*The Land and the Book*, II, 34 e seg.), segundo a qual a Gergesa de Mateus (VII, 28), idêntica à cidade cananéia de Girgasch (*Gên.*, X, 16; XV, 21; Deut., VII, 1; Josué, XXIV, 11), seria o lugar agora chamado Kersa ou Gersa, na margem oriental, quase em frente a Magdala. Marcos (V, 1) e Lucas (VIII, 26) denominam Gadara ou Gerasa. Gerasa é uma leitura impossível, pois os evangelistas nos contam que a cidade em questão era perto do lago e em frente à Galiléia. Quanto a Gadara, hoje *Om-Keis*, a uma hora e meia do lago e do rio Jordão, as circunstâncias locais dada por Marcos e Lucas não são pertinentes. Compreende-se, por outro lado, que Gergesa tenha se tornado Gerasa, nome bem mais conhecido, e que as impossibilidades topográficas que ofereciam essa última leitura tenham levado a adotar Gadara. Cf. Oríg., *Comment. in Joann.*, VI, 24; X, 10; Eusébio e São Jerônimo, *De situ et nomim. loc. hebr.*, nas palavras *Gergesa* e *Gergasei*.

<sup>47</sup> Mat., XVI, 13; Marc., VIII, 27.

<sup>48</sup> Mat., XV, 21; Marc., VII, 24, 31.

<sup>49</sup> Jos. *Vita*, 13.

<sup>50</sup> Jos., *Ant.*, XV, X, 3; *B.J.*, I, XXI, 3, III, X, 7; Benjamim de Tudèle, p. 46, Ed. Asher.

<sup>51</sup> Jos., *Ant.*, XV, X, 3; *B.J.*, I, XXI, 3. Compare as moedas de Filipe. Madden, *Hist. of jewish coinage*, p. 101 e seg.

<sup>52</sup> *Corpus inscr. gr.*, n° 4537, 4538, 4539. Essas inscrições são, realmente, na maioria, de época bastante moderna.

todas essas representações figuradas como ídolos. A sedução dos cultos naturalistas que embriagava as raças mais sensitivas o deixara frio. Indubitavelmente, ele não teve conhecimento de que o velho santuário de Melkart, em Tiro, pudesse encerrar ainda um culto primitivo mais ou menos análogo ao dos judeus<sup>53</sup>. O paganismo, que na Fenícia tinha erguido um templo e um bosque sagrado em cada colina, todo esse aspecto de grande indústria e de riqueza profana<sup>54</sup>, deve tê-lo pouco atraído. O monoteísmo retira qualquer aptidão para compreender as religiões pagãs; o muçulmano jogado em um lugar politeísta parece não ter olhos. Sem dúvida, Jesus nada aprendeu nessas viagens. Ele voltava sempre à sua bem-amada margem de Genesaré. O centro de seus pensamentos estava ali e ali ele encontrava fé e amor.

---

<sup>53</sup> Lucianus (*ut fertur*), *De dea syria*, 3.

<sup>54</sup> Os vestígios da rica civilização pagã desse tempo cobrem ainda todo o Beled-Bescharrah, principalmente as montanhas que formam o maciço do cabo Branco e do cabo Nakura.

## CAPÍTULO 9

### Os discípulos de Jesus

Nesse paraíso terrestre, que as grandes revoluções da história, até aquele momento, pouco atingiram, vivia uma população em perfeita harmonia com o próprio lugar: ativa, honesta, cheia de um sentimento alegre e terno pela vida. O lago de Tiberíades é uma das bacias hidrográficas mais piscosas do mundo<sup>1</sup>. Pescarias muito fartas eram realizadas, principalmente, em Betsaída, em Cafarnaum, e proporcionavam certo bem-estar. As famílias de pescadores formavam uma sociedade doce e cordata, estendendo-se em numerosos laços de parentesco por todo o cantão do lago que descrevemos. Sua vida pouco agitada deixava toda liberdade à sua imaginação. As ideias sobre o reino de Deus encontravam, nesses pequenos núcleos de gente boa, mais crédito do que em qualquer outro lugar. Nada do que se chama civilização, no sentido grego e mundano, havia penetrado entre eles. Não tinham a seriedade germânica ou céltica mas, embora frequentemente talvez, a bondade tenha sido para eles superfi-

---

<sup>1</sup> Mat., IV, 18; Luc., e seg.; João, I, 44; XXI, 1 e seg.; Jos., *B.J.*, III, X, 7; Talm. de Jerus., *Pesachim*, IV, 2; Talm. da Bab., *Baba kama*, 80b; Jacques de Vitri, em *Gesta Dei per Francos*, I, p. 1075.

cial e sem profundidade, seus costumes eram tranquilos, e eles tinham algo de inteligente e de fino. Pode-se imaginá-los com uma certa semelhança às populações do Líbano, mas com o dom que aquelas não possuem de produzir grandes homens. Jesus encontrou ali sua verdadeira família. Ele se instalou ali como um deles; Cafarnaum tornou-se “sua cidade”<sup>2</sup> e, no meio do pequeno círculo que o adorava, ele esqueceu seus irmãos cétricos, a ingrata Nazaré e sua incredulidade zombeteira.

Sobretudo uma casa em Cafarnaum ofereceu-lhe acolhida agradável e discípulos devotados. Era a de dois irmãos, filhos de um certo Jonas que, provavelmente, já era falecido à época em que Jesus veio se fixar às margens do lago. Esses dois irmãos eram Simão, apelidado, em siro-caldeu, de *Cefas*, e em grego, de Petros, “pedra”<sup>3</sup>, e André. Nascidos em Betsáida<sup>4</sup>, eles estavam estabelecidos em Cafarnaum quando Jesus começou sua vida pública. Pedro era casado e tinha filhos; sua sogra morava em sua casa<sup>5</sup>. Jesus gostava dessa casa e aí ficava habitualmente<sup>6</sup>. André parece ter sido discípulo de João Batista, e talvez Jesus o tenha conhecido nas margens do Jordão<sup>7</sup>. Os dois irmãos continuaram, mesmo à época em que parece que eles deviam estar mais ocupados com seu mestre,

---

<sup>2</sup> Mat., IX, 1; Marc., II, 1-2.

<sup>3</sup> O apelido Cefas parece idêntico ao sobrenome Caifás, do grande padre Josefo Caifás. O nome *Petros* é reencontrado como nome próprio de um contemporâneo do apóstolo, em Josefo, *Ant.*, XVIII, VI, 3. Somos tentados a acreditar que Jesus não dera a Simão a alcunha de Cefas ou Pedro, mas somente emprestou uma significação particular ao nome que o discípulo já trazia.

<sup>4</sup> João, I, 44.

<sup>5</sup> Mat., VIII, 14; Marc., I, 30; Luc., IV, 38; I Cor., IX, 5; I Petr., V, 13; Clem. Alex., *Strom.*, III, 6; VII, 11; Pseudoclem., *Recogn.*, VII, 25; Eusébio, H.E., III, 30.

<sup>6</sup> Mat., VIII, 14; XVII, 24; Marc., I, 29-31; Luc., IV, 38.

<sup>7</sup> João, I, 40 e seg.

a exercer o ofício de pescadores<sup>8</sup>. Jesus, que gostava de jogar com as palavras, dizia às vezes que ele os tornaria pescadores de homens<sup>9</sup>. De fato, de todos os discípulos, não houve outros mais fielmente dedicados.

Uma outra família, a de Zabdias, ou Zebedeu, pescador bem-sucedido e empresário de vários barcos<sup>10</sup>, ofereceu a Jesus um solícito abrigo. Zebedeu tinha dois filhos: Tiago, o mais velho, e um rapaz, João, que mais tarde foi chamado a desempenhar um papel decisivo na história do cristianismo nascente. Os dois eram discípulos zelosos. Alguns indícios parecem indicar que João, assim como André, conhecera Jesus na escola de João Batista<sup>11</sup>. Em todo caso, tudo indica que as famílias de Jonas e Zebedeu eram bastante ligadas entre si<sup>12</sup>. Salomé, mulher de Zebedeu, foi uma grande seguidora de Jesus e o acompanhou até a morte<sup>13</sup>.

As mulheres, de fato, acolhiam Jesus com desvelo. Ele tinha para com elas essas maneiras reservadas que tornam possível uma união bem doce de ideias entre os dois sexos. A separação entre homens e mulheres, que impediu nos povos orientais qualquer desenvolvimento da delicadeza, era, sem dúvida, naquele tempo como hoje em dia, muito menos rigorosa no campo e nas aldeias do que nas grandes cidades. Três ou quatro galiléias devotadas acompanharam sempre o jovem mestre e disputavam entre si o prazer de escutá-lo e de cuidar dele, cada uma por sua vez<sup>14</sup>. Elas traziam para a nova seita

---

<sup>8</sup> Mat., IV, 18; Marc., I, 16; Luc., V, 3; João, XXI, 3.

<sup>9</sup> Mat., IV, 19; Marc., I, 17; Luc., V, 10.

<sup>10</sup> Marc., I, 20; Luc., V, 10; VIII, 3; João, XIX, 27.

<sup>11</sup> João, I, 35 e seg. O constante hábito do quarto Evangelho só citar João misteriosamente leva a crer que o discípulo inominado dessa passagem seja o próprio João.

<sup>12</sup> Mat., IV, 18-22; Luc., V, 10; João, I, 35 e seg.; XXI, 2 e seg.

<sup>13</sup> Mat., XXVII, 56; Marc., XV, 40; XVI, 1.

<sup>14</sup> Mat., XXVII, 55-56; Marc., XV, 40-41; Luc., VIII, 2-3; XXIII, 49.

um elemento de entusiasmo e de maravilhoso, do qual já se sentia a importância. Uma delas, Maria de Magdala, que tomou tão célebre no mundo o nome de seu pequeno povoado, parece ter sido uma pessoa bastante exaltada. Segundo a linguagem do tempo, ela era possuída pelos sete demônios<sup>15</sup>, o que quer dizer que tinha sido vítima de doenças nervosas aparentemente inexplicáveis. Jesus, com sua beleza pura e doce, acalmou essa constituição atribulada. Madalena lhe foi fiel até o Gólgota, e desempenhou, dois dias após sua morte, um papel de primeira ordem, pois foi ela o principal instrumento pelo qual se estabeleceu a fé na ressurreição, como veremos adiante. Joana, mulher de Kuza, um dos intendentess de Antipas, Suzana e outras não famosas o seguiam constantemente e o serviam<sup>16</sup>. Algumas eram ricas e proporcionavam, com sua fortuna, meios para o jovem profeta viver sem exercer o ofício que ele desempenhara até então<sup>17</sup>.

Mais alguns o seguiam habitualmente e reconheciam-no como mestre: um certo Filipe de Betsáida, Natanael, filho de Tolmai ou Ptolomeu, de Caná, discípulo da primeira fase<sup>18</sup>, Mateus, provavelmente o mesmo que foi o Xenofonte do cristianismo nascente. Segundo uma tradição<sup>19</sup>, ele havia sido publicano e, como tal, devia manejar o *kalam*\* com mais facilidade que os outros. Talvez já pensasse ele em escrever esses *Logia*<sup>20</sup>, que são a base do que sabemos dos ensinamentos de Jesus. Nomeia-se também entre os discípulos Tomás ou Dídimo<sup>21</sup>,

---

<sup>15</sup> Marc., XVI, 9; Luc., VIII, 2. Cf. Tobias, III, 8; VI, 14.

<sup>16</sup> Luc., VIII, 3; XXIV, 10.

<sup>17</sup> Luc., VIII, 3.

<sup>18</sup> João, I, 44 e seg.; XXI, 2. Admito como possível a identificação de Natanael e do apóstolo que figura nas listas com o nome de Bar-Tolmai ou Bar-Tholomeu.

<sup>19</sup> Mat., IX, 9; X, 3.

\* Caniço talhado para escrever. (N. da ed. francesa.)

<sup>20</sup> Pápias, em Eusébio, *Hist. eccl.*, III, 39.

<sup>21</sup> Esse segundo nome é a tradução grega do primeiro.

que duvidou algumas vezes, mas que parece ter sido um homem de bom coração e generoso impulsos<sup>22</sup>; um Lebeu ou Tadeu; um Simão, o zelote<sup>23</sup>, talvez discípulo de Judas, o Gaulonita, pertencente aos partidos dos *Kenoim*, existente desde então, e que logo deveria desempenhar tão importante papel nos movimentos do povo judeu; José Barsabá, apelidado Justo; Matias<sup>24</sup>; um personagem problemático chamado Aristião<sup>25</sup>; e, por fim, Judas, filho de Simão, da cidade de Cariote, que foi exceção no rebanho fiel e atraiu para si uma fama medonha. Parece que foi o único que não era galileu. Cariote era uma cidade do extremo sul da tribo de Judá<sup>26</sup>, a uma jornada além do Hebron.

Já vimos que a família de Jesus era geralmente pouco voltada para ele<sup>27</sup>. Contudo, Tiago e Judas, primos de Jesus por parte de Maria Cleofas<sup>28</sup>, faziam, desde aquela época, parte dos discípulos, e a própria Maria Cleofas foi uma das companheiras que o seguiram ao Calvário<sup>29</sup>. Naquela época, não vemos sua mãe perto dele. Somente após a morte de Jesus é que Maria recebe uma grande consideração<sup>30</sup> e que os discí-

---

<sup>22</sup> João, XI, 14; XX, 24 e seg.

<sup>23</sup> Mat., X, 4; Marc., III, 18; Luc., VI, 15; Atos, I, 13; Evangelho dos *ébionim*, em Epifânio, *Adv. haer.*, XXX, 13.

<sup>24</sup> Atos, I, 21-23. Cf. Pápias, em Eusébio, *Hist. Ecles.*, III, 39.

<sup>25</sup> Pápias (ibid.) o chama formalmente de discípulo do Senhor como aos apóstolos, credita-lhe citações sobre os discursos do Senhor, e o associa ao presbítero João.

<sup>26</sup> Hoje Kuryétein ou Kereitein.

<sup>27</sup> A circunstância relatada em João, XIX, 25-27, parece supor que em época alguma da vida pública de Jesus seus próprios irmãos se aproximaram dele. Se se destacam dois Tiagos no parentesco com Jesus, pode-se ver uma alusão à hostilidade de Tiago, “irmão do Senhor”, em Gál., II, 6 (cf. I, 19; II, 9, 11).

<sup>28</sup> Ver capítulo 2.

<sup>29</sup> Mat., XXVII, 56; Marc., XV, 40; João, XIX, 25.

<sup>30</sup> Atos, I, 14. Comp. Luc., I, 28; II, 35, implicando já verdadeiro respeito por Maria.

pulos procuram se ligar a ela<sup>31</sup>. É nessa época também que os membros da família do fundador, sob o título de “irmãos do Senhor”, formam um grupo influente, que esteve durante muito tempo à frente da igreja de Jerusalém<sup>32</sup>, e que, após o saque da cidade, se refugiou em Batanéia<sup>33</sup>. Só o fato de ter se relacionado com eles tomava-se uma vantagem decisiva, da mesma maneira que, após a morte de Maomé, as mulheres e filhas do profeta, que não tinham tido nenhum crédito enquanto ele era vivo, foram grandes autoridades.

Nessa multidão amiga, Jesus tinha, evidentemente, preferências e, de alguma forma, um círculo mais estreito. Os dois filhos de Zebedeu, Tiago e João, pareciam ter feito parte, em lugar de destaque, desse primeiro pequeno conselho. Eles estavam imbuídos de energia e paixão. Jesus os havia apelidado, com graça, de “filhos do trovão”, por causa do zelo excessivo com que, muitas vezes, teriam feito uso do raio se dele pudessem dispor<sup>34</sup>. Principalmente João, o caçula, parece ter tido maior familiaridade com Jesus. Talvez os discípulos que se agruparam tardiamente em torno do segundo filho de Zebedeu, e que parece terem escrito suas lembranças de um modo que o interesse pela escola não está bastante dissimulado, exageraram a afeição cordial que Jesus lhe teria dedicado<sup>35</sup>.

Todavia, o mais significativo é que, nos Evangelhos sinóticos, Simão Barjona ou Pedro, Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, formam uma espécie de comitê ínfimo que Jesus reúne em dados momentos em que ele desconfia da fé

---

<sup>31</sup> João, XIX, 25 e seg.

<sup>32</sup> Ver a nota 20 do capítulo 2.

<sup>33</sup> Júlio Africano, em Eusébio, H. E., I, 7.

<sup>34</sup> Marc., III, 17; IX, 37 e seg.; X, 35 e seg.; Luc., IX, 49 e seg.; 54 e seg. O Apocalipse corresponde bem a essa característica. Ver principalmente os capítulos II e III, onde ódio abunda. Compare o tom fanático relatado por Irineu, *Adv, haer.*, III, III, 4.

<sup>35</sup> João, XIII, 23; XVIII, 15 e seg.; XIX, 26-27; XX, 2, 4; XXI, 7, 20 e seg.



e da inteligência dos outros<sup>36</sup>. Por outro lado, parece que esses três personagens eram sócios em suas pescarias<sup>37</sup>. A afeição de Jesus por Pedro era profunda. O caráter desse último — correto, sincero, impetuoso — agradava a Jesus, que às vezes achava graça de seus modos decididos. Pedro, pouco místico, comunicava ao mestre suas ingênuas dúvidas, suas repugnâncias, suas fraquezas tão humanas<sup>38</sup>, com uma franqueza honesta que lembra a de Joinville perto de São Luís. Jesus o repreendia amigavelmente, com confiança e estima. Quanto a João, sua juventude<sup>39</sup>, seu ardor<sup>40</sup> e sua imaginação viva<sup>41</sup> deviam ser encantadores. A personalidade desse homem extraordinário só se desenvolveu mais tarde. Se ele não é o autor do estranho Evangelho que leva seu nome e que (embora o caráter de Jesus ali seja falseado em muitos pontos) encerra tão preciosos ensinamentos, é possível, ao menos, que tenha dado ensejo a isso. Habitado a remoer suas lembranças com a inquietude febril de sua alma exaltada, ele pôde transformar seu mestre, acreditando, ao descrevê-lo, fornecer a hábeis falsários o pretexto de um escrito a cuja redação parece não ter presidido uma boa-fé perfeita.

Não existia nenhuma hierarquia propriamente dita na seita nascente. Todos deviam se tratar por “irmão”, e Jesus bania por completo os títulos de superioridade, tais como rabino, “mestre”,

---

<sup>36</sup> Mat., XVII, 1; XXVI, 37; Marc., V, 37; IX, 1; XIII, 3; XIV, 33; Luc., IX, 28. A ideia de que Jesus havia comunicado a esses três discípulos uma gnose ou doutrina secreta foi difundida desde uma remota época. É incomum que o Evangelho atribuído a João não mencione uma só vez Tiago, seu irmão.

<sup>37</sup> Mat., IV, 18-22; Luc., V, 10; João, XXI, 2 e seg.

<sup>38</sup> Mat., XIV, 28; XVI, 22; Marc., VIII, 32 e seg.

<sup>39</sup> Parece que ele viveu até o ano 100. Ver o quarto Evangelho, XXI, 15-23, e as antigas autoridades recolhidas por Eusébio, *H. E.*, III, 20, 23.

<sup>40</sup> Ver a nota 34 deste capítulo.

<sup>41</sup> O Apocalipse bem parece ser dele.

“pai”, sendo ele o único mestre e Deus o único pai. O maior de todos deveria servir aos outros<sup>42</sup>.

Entretanto, Simão Barjona se destaca, entre seus iguais, por um grau bem particular de importância. Jesus morava na casa dele e ensinava em sua barca<sup>43</sup>; sua casa era o centro da pregação evangélica. Em público, ele era visto como chefe do grupo, e era a ele que os cobradores dos pedágios se dirigiam para quitar as taxas devidas pela comunidade<sup>44</sup>. Simão foi o primeiro a reconhecer Jesus como o Messias<sup>45</sup>. Num momento de impopularidade, quando Jesus perguntou a seus discípulos: “E vocês também, querem ir embora?”, Simão respondeu: “Para quem nós iríamos, Senhor? Tu tens as palavras da vida eterna”<sup>46</sup>; Jesus, por diversas vezes, lhe concedeu certa primazia em sua igreja<sup>47</sup> e interpretou seu sobrenome siríaco de *Kefa* (pedra) no sentido em que ele era a pedra angular no novo edifício<sup>48</sup>. Num dado momento, até, parece ter-lhe prometido “as chaves do reino do céu”, e lhe dado o direito de pronunciar na Terra decisões sempre ratificadas na eternidade<sup>49</sup>.

Não há dúvida de que esse privilégio de Pedro tenha despertado um pouco de ciúme. O ciúme se acendia principalmente em vista do futuro, em vista desse reino de Deus, onde todos os discípulos estariam sentados em tronos, à direita e à esquerda do mestre, para julgar as doze tribos de Israel<sup>50</sup>.

Perguntava-se quem estava então mais perto do Filho do Ho-

---

<sup>42</sup> Mat., XVIII, 4; XX, 25-26; XXIII, 8-12; Marc., IX, 34; X, 42-46.

<sup>43</sup> Luc., V, 3.

<sup>44</sup> Mat., XVII, 23.

<sup>45</sup> Mat., XVI, 16-17.

<sup>46</sup> João, VI, 68-70.

<sup>47</sup> Mat., X, 2; Luc., XXII, 32; João, XXI, 15 e seg.; Atos, I, II, V, etc.; Gál., I, 18; II, 7-8.

<sup>48</sup> Mat., XVI, 18; João, I, 42.

<sup>49</sup> Mat., XVI, 19. Em outro momento, é verdade (Mat., XVIII, 18), o mesmo poder foi concedido a todos os apóstolos.

<sup>50</sup> Mat., XVIII, 1 e seg.; Marc., IX, 33; Luc., IX, 46; XXII, 30.

mem, figurando de alguma forma como seu primeiro-ministro e seu assessor. Os dois filhos de Zebedeu aspiravam a esse posto. Preocupados com tal pensamento, colocaram por frente sua mãe, Salomé, que um dia chamou Jesus reservadamente e solicitou dele os dois lugares de honra para seus filhos<sup>51</sup>. Jesus descartou o pedido com seu princípio habitual de que aquele que se exalta será humilhado e que o reino dos céus pertence aos pequenos. Isso gerou certo rumor na comunidade; houve grande descontentamento contra Tiago e João<sup>52</sup>. A mesma rivalidade parece despontar no Evangelho atribuído a João; vê-se aí que o suposto narrador declara certamente que ele foi o “discípulo querido” ao qual o mestre moribundo confiou sua mãe, ao mesmo tempo que ele busca ficar perto de Simão Pedro, às vezes adiante dele, circunstâncias importantes que os evangelistas mais antigos omitiram<sup>53</sup>.

Entre os personagens precedentes, os de que se sabe alguma coisa tinham, ao que parece, começado como pescadores. Numa região de costumes simples, onde todos trabalhavam, essa profissão não tinha a extrema humildade que as declamações dos pregadores lhe atribuíam para melhor realçar o milagre das origens cristãs. Em todo caso, nenhum dos discípulos pertencia a uma alta classe social. Unicamente um certo Levi, filho de Alfeu, e talvez o apóstolo Mateus tinham sido publicanos<sup>54</sup>. Mas os que levavam esse nome na Judéia não eram os

---

<sup>51</sup> Mat., XX, 20 e seg.; Marc., X, 35 e seg.

<sup>52</sup> Marc., X, 41.

<sup>53</sup> João, XVIII, 15 e seg.; XIX, 26-27; XX, 2 e seg.; XXI, 7,21. Comp. I, 35 e seg., onde o discípulo inominado é provavelmente João.

<sup>54</sup> Mat., IX, 9; X, 3; Marc., II, 14; III, 18; Luc., V, 27; VI, 15; Atos, I, 13; Evangelhos dos *ébionim*, em Epif., *Adv. haer.*, XXX, 13. O relato primitivo é o que traz: “Levi, filho de Alfeu”. O último redator do primeiro Evangelho substituiu este pelo nome de Mateus, em virtude de uma tradição mais ou menos sólida segundo a qual esse apóstolo teria exercido a mesma profissão (Mat, X, 3). É preciso lembrar que, no atual Evangelho de Mateus, a única parte que pode ser do apóstolo são os discursos de Jesus. Ver Pápias, em Eusébio, *Hist. eccl.*, III, 39.

coletores gerais, homens de um alto posto (sempre cavaleiros romanos) que, em Roma, eram chamados *publicani*<sup>55</sup>. Eram agentes desses coletores gerais, empregados de baixo escalão, simples funcionários de alfândega. A grande estrada de Acre a Damasco, uma das mais antigas do mundo, que cortava a Galiléia beirando o lago<sup>56</sup>, aí multiplicava consideravelmente essa espécie de empregados. Cafarnaum, que provavelmente estava nessa estrada, possuía numeroso pessoal<sup>57</sup>. Essa profissão nunca foi popular, e entre os judeus era tida decididamente como criminosa. O imposto, novo para eles, era sinal de seu servilismo; uma escola, a de Judas, o Gaulonita, sustentava que pagá-lo era um ato de paganismo. Assim, os funcionários de alfândega eram odiados pelos zeladores da Lei. Eles eram postos em companhia de assassinos, de assaltantes de estrada, de gente de vida infame<sup>58</sup>. Os judeus que aceitaram tais funções eram excomungados; seu cofre era maldito e os casuístas proibiam que se fosse trocar dinheiro com eles<sup>59</sup>. Essas pobres pessoas, banidas da sociedade, se viam entre eles. Jesus aceitara um jantar oferecido por Levi, onde havia, segundo a linguagem da época, “muitos funcionários da alfândega e pecadores”. Foi um grande escândalo<sup>60</sup>; nessas casas mal-

---

<sup>55</sup> Cícero, *De provinc. consular.*, 5; *Pro Plancio*, 9; Tác., *Ann.*, IV, 6; Plínio, *Hist. nat.*, XII, 32; Apiano, *Bell. civ.*, 11, 13.

<sup>56</sup> Ela ficou célebre, até o tempo das Cruzadas, com o nome de Via Maris. Cf. Isaías, IX, I; Mat., IV, 13-15; Tobias, I, 1. Penso que o caminho entalhado na rocha, perto de Aïn-et-Tim, fazia parte dela, e que a entrada ia em direção à *ponte das Filhas de Jacó*, como ainda hoje. Uma parte da estrada de Aïn-et-Tim nesse ponto é de construção antiga.

<sup>57</sup> Mat., IX, 9 e seg.

<sup>58</sup> Mat., V, 46-47; IX, 10, 11; XI, 19; XVIII, 17, XXL 31-32; Marc., II, 15-16; Luc., V, 30; VII, 34; XV, 1; XVIII, 11, XIX, 7; Luciano, *Necyomant.*, 11; Dio Chrysost., *orat.*, IV, p. 85; *orat.* XIV, p. 269 (ed. Emperius); Misclana, *Nedarim*, III, 4.

<sup>59</sup> Mischna, *Baba kama*, X, 1; Talmude de Jerusalém, *Demai*, II, 3; Talm. da Bab., *Sanedrim*, 25b.

<sup>60</sup> Luc., V, 29 e seg.

afamadas, arriscava-se encontrar a má sociedade. Nós o veremos muitas vezes assim, pouco preocupado em chocar os preconceitos da elite intelectual dos bem pensantes, procurando reerguer as classes humilhadas pelos ortodoxos e se expondo, desse modo, às mais vivas desaprovações dos devotos. O farisaísmo havia posto a salvação ao lado de obrigações sem fim e de uma espécie de “respeitabilidade” exterior. O verdadeiro moralista, que vinha proclamar que Deus só repara numa coisa, na correção dos sentimentos, devia ser acolhido com bênçãos por todas as almas que não tinham de modo algum se dobrado à hipocrisia oficial.

Essas numerosas conquistas, Jesus as devia também, por um lado, ao infinito encanto de sua pessoa e de sua palavra. Bastava um discurso penetrante, um olhar caindo sobre urna causa ingênua, que só precisava ser despertada para conquistar um ardente discípulo. Às vezes Jesus usava um recurso inocente, que Joana d’Arc, mais tarde, usou. Ele fingia saber algo íntimo daquele que desejava conquistar, ou então lhe lembrava uma circunstância cara a seu coração. Dizem que foi assim que ele tocou Natanael<sup>61</sup>, Pedro<sup>62</sup>, a Samaritana<sup>63</sup>. Dissimulando a verdadeira causa de sua força, quero dizer, sua superioridade sobre o que o rodeava, ele deixava crer, para satisfazer as ideias da época — que, aliás, eram plenamente as suas — que uma revelação do alto lhe descobria os segredos e lhe abria os corações. Todos pensavam que ele vivia numa esfera inacessível ao resto da humanidade. Dizia-se que ele conversava, nas montanhas, com Moisés e Elias<sup>64</sup>. Acreditava-se que, nesses momentos de solidão, os anjos vinham lhe prestar homenagens e estabeleciam uma ligação sobrenatural entre ele e o céu<sup>65</sup>.

---

<sup>61</sup> João, I, 48 e seg.

<sup>62</sup> *Ibid.*, I, 42.

<sup>63</sup> João, IV, 17 e seg. Comp. Marc., II, 8; III, 2-4; João, II, 24-25.

<sup>64</sup> Mat., XVII, 3; Marc., IX, 3; Luc., IX, , 30-31.

<sup>65</sup> Mat., IV, 11; Marc., I, 13.

## CAPÍTULO 10

### Pregações no lago

Tal era o grupo que, às margens do lago de Tiberíades, se comprimia em volta de Jesus. A aristocracia era ali representada por um funcionário de alfândega e pela mulher de um administrador. O resto era composto de pescadores e gente simples. A ignorância dessas pessoas era extrema; tinham espírito fraco, acreditavam em fantasmas e espíritos<sup>1</sup>. Nenhum elemento da cultura helênica havia penetrado nesse primeiro cenáculo. A instrução judaica era ali bem incompleta, mas o coração e a boa vontade eram transbordantes. O belo clima da Galiléia tornava a existência desses honestos pescadores um perpétuo encantamento. Eles antegozavam realmente o reino de Deus. Eram simples, bons, felizes, embalados docemente por seu maravilhoso pequeno mar, ou dormindo à noite em suas margens. Não se pode imaginar o *topos* de uma vida que transcorre assim, sob o céu, a chama doce e forte que propicia esse perpétuo contato com a natureza, os sonhos dessas noites passadas à luz das estrelas, sob uma cúpula de anil profundamente infinito. Foi durante uma dessas noites que Jacó, com a cabeça apoiada numa pedra, viu nos astros a pro-

---

<sup>1</sup> Mat., XIV, 26; Marc., VI, 49; Luc., XXIV, 39; João, VI, 19.

messa de uma posteridade inefável, e a escada misteriosa pela qual os *Elohim* iam e vinham do céu à terra. No tempo de Jesus o céu não estava fechado nem a terra estava resfriada. As nuvens ainda se abriam sobre o Filho do Homem. Os anjos subiam e desciam sobre sua cabeça<sup>2</sup>. As visões do reino de Deus estavam por todos os lados, pois o homem o carregava em seu coração. O olho claro e doce dessas almas simples contemplava o universo em sua fonte ideal. O mundo desvelava talvez seu segredo à consciência divinamente lúcida dessas crianças felizes, que pela pureza de seu coração mereciam um dia ser admitidas diante de Deus.

Jesus vivia com seus discípulos quase sempre ao ar livre. Ora ele entrava numa barca e ensinava a seus ouvintes comprimidos nas margens<sup>3</sup>, ora ele se sentava sobre as montanhas que margeiam o lago, onde o ar é tão puro e o horizonte tão luminoso. O rebanho fiel vagueava, assim, feliz e recolhendo as inspirações do mestre em seu frescor. Uma dúvida ingênua se levantava às vezes, uma questão docemente cética: Jesus, com um sorriso ou um olhar, fazia emudecer a objeção. A cada passo, na nuvem que corda, no grão que germinava, na espiga que amadurecia, era possível ver o sinal do reino prestes a chegar. Acreditava-se estar às vésperas de ver Deus, de ser os mestres do mundo. Os prantos viravam alegria. Era o advento da consolação universal sobre a Terra.

“Felizes”, dizia o mestre, “os pobres em espírito, porque a eles pertence o reino dos céus!

Felizes os que choram, porque serão consolados!

Felizes os de bom coração, porque eles possuirão a terra!

Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão compensados!

Felizes os misericordiosos, porque eles obterão a misericórdia!

---

<sup>2</sup> João, I, 51.

<sup>3</sup> Mat., XIII, 1-2; Marc., III, 9; IV, 1; Luc., V, 3.

Felizes os que têm coração puro, porque eles verão a Deus! Felizes os pacíficos, porque eles serão chamados filhos de Deus!

Felizes os que são perseguidos pela justiça, porque deles é o reino dos céus.<sup>74</sup>

Sua pregação era suave e doce, impregnada da natureza e do perfume dos campos. Ele amava as flores e delas tomava suas mais encantadoras lições. As aves do céu, o mar, as montanhas, os jogos infantis, faziam parte dos seus ensinamentos. Seu estilo não tinha nada do período grego, mas se aproximava bem mais do tom dos parabolistas hebreus; sobretudo das sentenças dos juízes judeus, seus contemporâneos, tais como aparecem nos *Pirké Aboth*. Suas explicações eram pouco extensas e formavam espécies de suratas, à maneira do Corão, as quais, integradas, compuseram mais tarde esses longos discursos que foram escritos por Mateus<sup>5</sup>. Não havia transição entre essas diversas peças. Todavia, normalmente uma mesma inspiração as penetrava e fazia sua união. É especialmente na parábola que o mestre demonstrava sua excelência. Mas nada no judaísmo se assemelhava a esse delicioso gênero<sup>6</sup>. Foi ele que o criou. É verdade que encontramos nos livros búdicos parábolas exatamente com o mesmo tom e o mesmo formato das parábolas evangélicas<sup>7</sup>. Mas é difícil admitir que uma influência búdica tenha sido exercida nesse caso. O espírito de mansidão e a profundidade de sentido que animaram igualmente o cristianismo nascente e o budismo talvez sejam suficientes para explicar essas analogias.

---

<sup>4</sup> Mat., V, 3-10; Luc., VI, 20-25.

<sup>5</sup> É o que se chamava os *Logia Khiriakha* (discursos do Senhor). Pápias, em Eusébio, *H.E.*, III, 39.

<sup>6</sup> O apólogo tal como o encontramos, Juízes, IX, 8 e seg., II Sam., XII, 1 e seg., só tem uma semelhança formal com a parábola evangélica. A profunda originalidade desta está no sentimento que a preenche. As parábolas dos *midraxes* são também de uma espécie completamente diferente.

<sup>7</sup> Ver principalmente o Lótus da boa lei, cap. III e IV.



Uma total indiferença pelas coisas exteriores e pelas vãs futilidades em questão de móveis e roupas — a que nos obrigam nossas tristes terras — era a consequência da vida simples e doce que se levava na Galiléia. Os climas frios, que obrigam o homem a uma perpétua luta contra o ambiente, dão bastante valor à busca do bem-estar. Ao contrário, os países que despertam necessidades pouco numerosas são os países do idealismo e da poesia. Os acessórios da vida nesses lugares são insignificantes perto do prazer de viver. O embelezamento da casa, aí, é frívolo. Fica-se o menos possível enclausurado. A alimentação forte e regular em climas pouco generosos passada por pesada e desagradável. E quanto aos luxos das roupas, como rivalizar com aquela que Deus deu à terra e aos pássaros do céu? O trabalho, nas regiões com esse clima, parece inútil. O que ele dá não vale o que custa. Os animais dos campos são mais bem vestidos que o homem mais opulento, e eles não fazem nada.

Esse desprezo que, quando não causado pela preguiça, serve muito à elevação das almas, inspirava Jesus a encantadores apóstolos: “Não enterre tesouros”, dizia ele, “para que os vermes e a ferrugem os devorem, para que os ladrões os descubram e roubem, mas acumule tesouros no céu, onde não há vermes, nem ferrugem, nem ladrões. Onde estiver teu tesouro, ali também estará teu coração<sup>8</sup>. Não se pode servir a dois senhores; ou bem se odeia um e ama outro, ou bem se segue um e abandona o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom<sup>9</sup>. Por isso vos digo: não vos preocupeis com o alimento que tereis para o sustento de vossa vida nem com a roupa que tereis para cobrir vosso corpo. Olhai as aves do céu: elas não semeiam nem colhem; elas não têm adega nem celeiro, e vosso Pai celeste as alimenta. Vós não estais bem acima delas? Qual entre vós que, a poder de preocupação, pode aumentar um côvado à duração

---

<sup>8</sup> Compare com o Talm. da Bab., *Baba bathra*, 11a.

<sup>9</sup> Deus das riquezas e tesouros escondidos, espécie de Plutão na mitologia fenícia e síria.

de sua vida? E, quanto às roupas, por que se preocupar tanto com elas? Olhai os lírios dos campos; eles não trabalham, nem fiam. Entretanto, vos digo, Salomão, em toda sua glória, não se vestia como um deles. Se Deus tem o cuidado de vestir dessa forma uma planta dos campos, que existe hoje e que amanhã será lançada ao fogo, o que não fará por vós, gente de pouca fé? Não digais, então, com ansiedade: ‘O que comeremos? O que beberemos? Com que nos vestiremos?’ São os pagãos que se preocupam com essas coisas todas; vosso Pai celeste sabe do que precisais. Mas buscai primeiramente o reino de Deus, e todo o resto vos será dado por acréscimo. Não vos preocupeis com o amanhã; o amanhã se preocupará por si próprio. A cada dia basta sua pena”<sup>10</sup>.

Esse sentimento essencialmente galileu teve uma influência decisiva sobre o destino da seita nascente. O rebanho feliz, depositando no Pai celeste tudo o que dizia respeito à satisfação de suas necessidades, tinha como primeira regra observar as necessidades da vida comum como um mal que sufoca no homem o germe de todo bem<sup>11</sup>. A cada dia ele pedia a Deus o pão do dia seguinte<sup>12</sup>. O que guardar como tesouro? O reino de Deus vai chegar. “Vendei o que possuis e dai como esmola”, dizia o mestre. “Preparai no céu bolsas que não envelheçam, tesouros que não se dissipem.”<sup>13</sup> Há algo mais insensato do que poupar para herdeiros que nunca mais se verão?<sup>14</sup> Como exemplo da loucura humana, Jesus gostava de citar o caso de um homem que, após ter ampliado seus celeiros e acumulado bens durante muitos anos, morreu antes de ter usufruído

---

<sup>10</sup> Mat, VI, 19-21, 24-34; Luc., XII, 22-31, 33-34; XVI, 13. Compare os preceitos Luc., X, 7-8, impregnados da mesma ingenuidade, e Talmude da Babilônia, *Sota*, 48b.

<sup>11</sup> Mat., XIII, 22; Marc., IV, 19; Luc., VIII, 14.

<sup>12</sup> Mat., VI, 11; Luc., XI, 3. É o sentido da palavra *epiosios*.

<sup>13</sup> Luc., XII, 33-34. Compare as belas máximas, todas parecidas com estas, que o Talmude empresta a Monobaze. Talmude de Jer., *Peah*, 15b.

<sup>14</sup> Luc., XII, 20.

disso!<sup>15</sup> A pilhagem, que estava enraizada na Galiléia<sup>16</sup>, dava muita força a esse ponto de vista. O pobre, que não sofria com isso, devia se ver como o favorito de Deus, ao passo que o rico, tendo uma posse instável, era o verdadeiro deserdado. Em nossas sociedades fundadas sobre uma noção muito rigorosa da propriedade, a posição do pobre é horrível. Ele não tem literalmente um lugar ao sol. Só existem flores, selva e sombra para o que possui terras. No Oriente, os bens de Deus estão ali e não pertencem a ninguém. O proprietário tem apenas um magro privilégio; a natureza é patrimônio de todos.

O cristianismo nascente, de resto, nesse caso, apenas seguia a trilha das seitas judaicas que praticavam a vida cenobítica. Um princípio comunista era a alma dessas seitas (essênios, terapeutas), igualmente malvistas pelos fariseus e saduceus. O messianismo, exclusivamente político para os judeus ortodoxos, tornava-se para eles exclusivamente social. Por meio de uma existência doce, regrada, contemplativa, deixando espaço à liberdade do indivíduo, essas pequenas igrejas, onde se supôs, com certa razão, talvez, alguma imitação dos institutos neopitagóricos, acreditavam inaugurar sobre a terra o reino celeste. Utopias de vida bem-aventurada, baseadas na fraternidade dos homens e no culto puro do verdadeiro Deus, preocupavam as almas elevadas e produziam por toda a parte experiências audaciosas, sinceras, mas pouco promissoras<sup>17</sup>.

Jesus, cujas relações com os essênios são muito difíceis de determinar (as semelhanças, em história, nem sempre implicam relações), era, nesse ponto, seu irmão. A comunidade de bens foi, durante algum tempo, regra na nova sociedade<sup>18</sup>. A

---

<sup>15</sup> *Ibid.*, XII, 16 e seg.

<sup>16</sup> Jos., *Ant.*, XVII, X, 4 e seg.; *Vita*, 11, etc.

<sup>17</sup> Fílon, *Quod monis probus liber* e *De vita contemplativa*; Jos., *Ant.*, XVIII, 1, 5; *B. J.*, II, VIII, 2-13; Plínio, *Hist. nat.*, V, 17; Epif., *Adv. Haer.*, X, XIX, XXIX, 5.

<sup>18</sup> Atos, IV, 32, 34-37; V, 1 e seg.

avareza era o pecado capital<sup>19</sup>; logo, é preciso notar que o pecado de “avareza”, contra o qual a moral cristã foi tão severa, era então o simples apego à propriedade. A primeira condição para ser discípulo perfeito de Jesus era converter em dinheiro a sua fortuna e doar o apurado aos pobres. Os que recuavam diante desse extremismo não entravam para a comunidade<sup>20</sup>. Jesus repetia constantemente que aquele que encontrou o reino do céu deve adquiri-lo ao preço de todos os seus bens, e que, com isso, ainda faz um negócio vantajoso. “O homem que descobriu a existência de um tesouro num campo”, dizia ele, “sem perda de tempo vende o que possui e compra aquela extensão de terra. O joalheiro que achou uma pérola de valor inestimável transforma tudo em dinheiro e compra a pérola”<sup>21</sup>. Mas, ah!, os inconvenientes desse regime não tardaram a se fazer sentir. Era necessário um tesoureiro. Escolheram para isso Judas de Cariote\*. Com ou sem razão, acusaram-no de roubar a bolsa comum<sup>22</sup>; uma enorme carga de antipatias se acumulou contra ele.

Algumas vezes, o mestre, mais versado nas coisas do céu do que nas da terra, ensinou uma economia política ainda mais singular. Numa parábola esquisita, um administrador é louvado por ter angariado amigos entre os pobres à custa de seu senhor, para que os pobres, por sua vez, o introduzissem no reino do céu. Os pobres, de fato, devendo ser os usufruidores desse reino, só receberão nele aqueles que os tiverem favorecido. Um homem sensato, que pensa no futuro, deve, então, procurar conquistá-los. “Os fariseus, que eram avaros”, diz o evangelista, “ouviam isso e caçoavam dele”<sup>23</sup>. Teriam

---

<sup>19</sup> Mat., XIII, 22; Luc., XII, 15 e seg.

<sup>20</sup> Mat., XIX, 21; Marc., X, 21 e seg.; 29-30; Luc., XVIII, 22-23, 28.

<sup>21</sup> Mat., XII, 44-46.

\* Ou Iscariotes (N. do E.)

<sup>22</sup> João, XII, 6.

<sup>23</sup> Luc., XVI, 1-14.

ouvido também a terrível parábola que segue? “Havia um homem rico, que se vestia de púrpura e linho fino, e que todos os dias se alimentava bem. Havia também um pobre, chamado Lázaro, que estava deitado à sua porta, coberto de feridas, ansioso por se saciar com as migalhas que caíam da mesa do rico. E os cães vinham lambe-las suas feridas. Ora, aconteceu que o pobre morreu e foi levado pelos anjos para junto de Abraão. O rico morreu também e foi enterrado<sup>24</sup>. E, do fundo do inferno, enquanto estava em tormentos, ele ergueu os olhos e viu, de longe, Abraão, e Lázaro junto dele. Gritando, ele disse: ‘Pai Abraão, tenha piedade de mim, e manda Lázaro, para que ele molhe na água a ponta de seu dedo e me refresque a língua, pois eu sofro cruelmente nestas chamas’. Mas Abraão lhe disse: ‘Meu filho, lembra-te que tivestes tua porção de bem durante a vida, e Lázaro sua porção de mal. Agora ele se consola e tu te atormentas’”<sup>25</sup>. Há algo mais justo? Mais tarde, chamou-se esta a parábola do “mau rico”. Ele está no inferno porque é rico, porque não doa seus bens aos pobres, porque come bem, ao passo que outros, à sua porta, comem mal. Finalmente, num momento menos exagerado, Jesus só apresenta a obrigação de vender os bens e de doar o valor apurado aos pobres como um conselho de perfeição. Ele faz ainda esta terrível declaração: “É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha que um rico entrar no reino de Deus”<sup>26</sup>.

Um sentimento de admirável profundidade dominou Jesus

---

<sup>24</sup> Ver o texto grego.

<sup>25</sup> Luc., XVI, 19-25. Lucas, é sabido, tem uma tendência bem pronunciada para o comunismo (compare VI, 20-21, 25-26), e penso que ele exagerou nesse pormenor do ensinamento de Jesus. Mas os traços dos *Logia* de Mateus são suficientemente significativos.

<sup>26</sup> Mat, XIX, 24; Marc., X, 25; Luc., XVIII, 25; Evangelho dos Hebreus, em Hilgenfeld, *Nov. Test. extra canonem receptum*, fasc. IV, p. 17. Essa locução proverbial se encontra no Talmude (Bab., Berakoth, 55b, *Baba metsia*, 38b) e no Corão (Sur. VII, 38). Orígenes e os intérpretes gregos, ignorando o provérbio semítico, pensaram erradamente que se tratava de um cabo (*khamilos*).

em tudo isso, tanto quanto o bando de alegres crianças que o acompanhava e fez dele, pela eternidade, o verdadeiro criador da paz de espírito, o grande consolador da vida. Despojando o homem do que ele chama “apelos deste mundo”, Jesus pôde ir ao extremo e atentar às condições essenciais da sociedade humana. Mas ele fundou esse alto espiritualismo que, durante séculos, encheu as almas de alegria neste vale de lágrimas. Ele detectou com exatidão que a desatenção do homem, sua falta de filosofia e moralidade, se originam muito frequentemente das distrações às quais ele se entrega, das preocupações que o assediam e que a civilização multiplica demasiadamente<sup>27</sup>. O Evangelho, dessa forma, foi o supremo remédio para os aborrecimentos da vida vulgar, um perpétuo *sursum corda*, uma potente distração das miseráveis preocupações da terra, um doce apelo como o de Jesus no ouvido de Marta: “Marta, Marta, tu te inquietas com muitas coisas; ora, uma única é necessária”. Graças a Jesus, a existência mais terna, a mais absorvida por tristes e humilhantes afazeres, teve seu escape num canto do céu. Em nossas civilizações ocupadas, a lembrança da vida livre na Galiléia foi como o perfume de um outro mundo, como um “orvalho do Hermon”<sup>28</sup> que impediu que a secura e a vulgaridade invadissem inteiramente o campo de Deus.

---

<sup>27</sup> Mat., XIII, 22.

<sup>28</sup> Salmo CXXXIII, 3.

## CAPÍTULO 11

### **O Reino de Deus concebido como exaltação dos pobres**

Essas máximas, ideais para um país em que a vida se nutre de ar e luz, esse comunismo inofensivo de uma turma de filhos de Deus, vivendo aconchegados no seio de seu Pai, podiam convir a uma seita ingênua, persuadida constantemente de que sua utopia se realizaria. Mas é claro que tais princípios não podiam unificar toda a sociedade. De fato, Jesus logo compreendeu que o mundo oficial não serviria absolutamente para ser seu reino. Ele tomou partido disso com uma habilidade extrema. Deixando de lado todo esse mundo de coração frio e estreitos preconceitos, ele se voltou para os simples. Uma vasta substituição de raça aconteceria. O reino de Deus é feito: 1º) para as crianças e para os que se parecem com elas; 2º) para os desprezados deste mundo, vítimas da arrogância social que rejeita o homem bom mas humilde; 3º) para os heréticos e cismáticos, publicanos, samaritanos, pagãos de Tiro e Sidônia. Uma parábola enérgica explicava esse apelo ao povo e o legitimava<sup>1</sup>: Um rei preparou um banquete de núpcias e mandou seus empregados buscarem os convi-

---

<sup>1</sup> Mat., XXII, 2 e seg.; Luc., XIV, 16 e seg. Compare., com Mat., VIII, 11-12; XXI, 33 e seg.

dados. Cada um tinha uma desculpa por não aceitar o convite.

Alguns maltrataram os mensageiros. O rei, então, tomou uma grande decisão. As pessoas bem consideradas não quiseram aceitar seu convite; está bem, os primeiros que forem encontrados, pessoas recolhidas nas praças e esquinas, pobres, mendigos, aleijados, não interessa, é preciso encher a sala, “e eu juro”, diz o rei, “que nenhum dos que foram convidados inicialmente provarão do meu banquete”.

O puro ebionismo, quer dizer, a doutrina de que unicamente os pobres (*ébionim*) serão salvos, de que o reino dos pobres vai chegar, foi, então, a doutrina de Jesus. “Ai de vós, ricos”, dizia ele, “pois vós tendes vossa consolação! Ai de vós que estão agora saciados, pois tereis fome! Ai de vós que ris agora, pois gemereis e chorareis!”<sup>2</sup>. “Quando deres um banquete”, dizia ainda, “não convides teus amigos, parentes e vizinhos ricos; eles te convidariam em outra vez e tu terias tua recompensa. Mas quando tu preparas uma refeição, convida os pobres, os doentes, os aleijados e cegos; é melhor para você se eles não tiverem nada para retribuir, pois tudo lhe será restituído na ressurreição dos justos”<sup>3</sup>. É, talvez, num sentido análogo que ele repetia frequentemente: “Sede bons banqueiros”<sup>4</sup>, ou seja: fazei bons investimentos no reino de Deus, dando vossos bens aos pobres, de acordo com o velho provérbio: “Dar ao pobre é emprestar a Deus”<sup>5</sup>.

Isso não era, de resto, fato novo. O movimento democrático mais exaltado do qual a humanidade se lembra (o único bem-sucedido, pois foi o único que se limitou à idéia pura) agitava desde muito a raça judaica. A noção de que Deus é o vingador

---

<sup>2</sup> Luc., VI, 24-25.

<sup>3</sup> Luc., XIV, 12-14.

<sup>4</sup> Dito conservado por uma tradição muito antiga e muito considerada. *Homilias pseudo-clem.*, II, 51; III, 50; XVIII, 20; Clemente de Alex., *Strom.* I, 28. Podemos encontrá-la em Orígenes, em São Jerônimo e em um grande número de Padres da Igreja.

<sup>5</sup> Prov., XIX, 17.



do pobre e do fraco contra o rico e o poderoso é encontrada a cada página dos escritos do Antigo Testamento. A história de Israel é, entre todas, a que mais eonstantemente foi dominada pelo espírito popular. Os profetas, verdadeiros tribunos e, pode-se dizer, os mais audaciosos dos tribunos, clamaram incessantemente contra os grandes e estabeleceram estreita relação, de uma parte, entre as palavras “pobre, doce, humilde, piedoso”<sup>6</sup>. Sob o reinado dos Selêucidas, tendo quase todos os aristocratas abandonado a religião e passado ao helenismo, essas associações de idéias só fizeram fortificar-se. O livro de Henoc contém maldições mais violentas ainda que as do Evangelho contra o mundo, os ricos, os poderosos<sup>7</sup>. O luxo é ali apresentado como um crime. O “Filho do Homem”, nesse estranho Apocalipse, destrona os reis, arranca-os de sua vida voluptuosa e os lança ao inferno<sup>8</sup>. A iniciação da Judéia na vida profana, a recente introdução de um elemento bem mundano de luxo e bem-estar, provocavam uma furiosa reação em favor da simplicidade patriarcal. “Ai de vós que desprezais o casebre e a herança de vossos pais! Ai de vós que edificais vossos palácios com o suor dos outros! Cada pedra, cada tijolo que os compõe é um pecado”<sup>9</sup>. A palavra “pobre” tornou-se sinônimo de “santo”, de “amigo de Deus”. Era o nome com que os discípulos galileus de Jesus gostaram de se chamar<sup>10</sup>; foi por muito tempo o nome dos cristãos judaizantes da Batanéia e do Hauran (nazarenos, hebreus), que se mantiveram fiéis tanto à língua como aos primeiros ensinamentos de Jesus, e que se gabaram de contar entre eles descendentes de sua

---

<sup>6</sup> Ver, particularmente, Amós, II, 6; Is., LXIII, 9; Salmos XXV, 9; XXXVII, 11; LXIX, 33, e, em geral, os dicionários hebreus, nas palavras *abion, ohl, ghni, hsich, ghshich, hollim, ghritz*.

<sup>7</sup> Cap. LXII, LXIII, XCVII, C, CIV.

<sup>8</sup> Henoc, cap. XLVI (talvez cristão), 4-8.

<sup>9</sup> Henoc, XCIX, 13, 14.

<sup>10</sup> Epíst. Tiago, II, 5 e seg.

família<sup>11</sup>. No fim do século II, esses bons seguidores, mantidos fora da grande corrente dominante em outras igrejas, são tratados como heréticos (ebionitas), e inventa-se um pretenso heresiarca Ebion para explicar seu nome<sup>12</sup>.

Pode-se perceber sem esforço que esse gosto exagerado pela pobreza não podia durar muito. Era um desses elementos utópicos que se infiltram sempre nas grandes fundações e que, com o tempo, se ajustam. Transportado para o grande meio da sociedade humana, um dia o cristianismo devia consentir muito facilmente em contar com ricos em seu meio, do mesmo modo que o budismo, exclusivamente monacal na origem, passou, assim que as conversões se multiplicaram, a contar com leigos. Mas sempre ficam as marcas das origens. Embora rapidamente ultrapassado e esquecido, o ebionismo deixou em toda a história das instituições cristãs um germe que não se perdeu. A coleção dos *Logia* ou discursos de Jesus se formou ou, pelo menos, se completou nas igrejas ebionitas da Batanéia<sup>13</sup>. A “pobreza” permaneceu um ideal do qual a verdadeira linhagem de Jesus não mais se afastou. Não possuir nada foi o verdadeiro estado evangélico. A mendicância tornou-se virtude, um estado santo. O grande movimento úmbrio do século XII, que é, de todas as tentativas de fundação religiosa, a que mais se parece com o movimento galileu, foi inteiramente estruturado em nome da pobreza. Francisco de Assis, o homem do mundo que, com sua especial bondade, sua comunhão delicada, fina e terna para com a vida universal, mais se asse-

---

<sup>11</sup> Júlio Africano, em Eusébio, *H.E.*, I, 7; Eus., *De situ et nom. loc. hebr.*, para a palavra *choba*; Orígenes, *Contra Celso*, II, I; V, 61; Epif., *Adv. haer.*, XXIX, 7, 9; XXX, 2, 18.

<sup>12</sup> Ver principalmente Orígenes, *Contra Celso*, II, I; *De principiis*, IV, 22. Compare Epif., *Adv. haer.*, XXX, 17. Irineu, Orígenes, Eusébio, as Constituições apostólicas ignoram a existência de tal personagem. O autor dos *Philosophumena* parece hesitar (VII, 34 e 35; X, 22 e 23). Foi Tertuliano e especialmente Epifânio que difundiam a fábula de um Ebion, de rosto, dos os Padres concordom com a etimologia *Ebion = ptogos*.

<sup>13</sup> Epif., *Adv. haer.*, XIX, XXIX e XXX, principalmente XXIX, 9.

melhou a Jesus, foi pobre. As ordens mendicantes, as inumeráveis seitas comunistas da Idade Média (pobres de Lião, begardos, bons-homens, fraticelos, humilhados, pobres evangélicos, seguidores do “Evangelho eterno”) pretenderam ser e foram, de fato, os verdadeiros discípulos de Jesus. Mas, ainda uma vez, os sonhos mais impossíveis da nova religião foram fecundos. A mendicância piedosa, que causa tanta impaciência a nossas sociedades industriais e administrativas, foi, no seu tempo e sob o céu que lhe convinha, cheia de encanto. Ela ofereceu a uma multidão de almas contemplativas e temas o único estado que lhes agradava. Ter transformado a pobreza em objeto de amor e desejo, ter erguido o mendigo no altar e santificado o traje do homem pobre, é um golpe de mestre que pode não ter abalado a economia política, mas não deixou o verdadeiro moralista indiferente a ele. A humanidade tem necessidade de acreditar que não é bem recompensada por carregar seu fardo. O maior serviço que lhe prestamos é repetir constantemente que ela não vive só de pão.

Como todos os grandes homens, Jesus gostava do povo e se sentia à vontade com ele. No seu modo de pensar, o Evangelho era feito para os pobres. É para eles que Jesus traz a boa nova da salvação<sup>14</sup>. Todos os desprezados do judaísmo ortodoxo eram seus preferidos. O amor ao povo, a piedade por sua impotência, o sentimento de chefe democrático, que sente viver nele o espírito da multidão e se reconhece como seu intérprete natural, manifestam-se em seus atos e discursos o tempo todo<sup>15</sup>.

O rebanho eleito apresentava, de fato, um caráter bastante diversificado, que devia causar grande surpresa aos rigoristas. Havia gente, nesse meio, com quem um judeu que se prezasse não teria relações<sup>16</sup>. Talvez Jesus encontrasse nessa sociedade fora das regras comuns mais distinção e sentimento do que

---

<sup>14</sup> Mat., X, 23; XI, 5; Luc., VI, 20-21.

<sup>15</sup> Mat., IX, 36; Marc., VI, 34.

<sup>16</sup> Mat., IX, 10 e seg.; Luc., XV, na íntegra.

numa burguesia pedante, formal, orgulhosa de sua aparente moralidade. Os fariseus, exagerando as prescrições mosaicas, chegaram a se julgar maculados pelo contato com gente menos severa que eles. Nas refeições, quase chegaram às pueris distinções de castas da Índia. Desprezando essas miseráveis aberrações do sentimento religioso, Jesus gostava de cear com quem era vítima disso<sup>17</sup>. Viam-se ao seu lado pessoas ditas de vida não recomendável, talvez mesmo por não partilharem do ridículo dos falsos devotos. Os fariseus e os doutores denunciavam o escândalo. “Vejam”, diziam eles, “com quem ele come!” Jesus tinha, para isso, finas respostas, que exasperavam os hipócritas. “Não são as pessoas bem tratadas que precisam de médico”<sup>18</sup>; ou então: “O pastor que perdeu uma ovelha das suas cem, deixa as outras noventa e nove para sair em busca da perdida e, quando a acha, a traz com alegria sobre seus ombros”<sup>19</sup>; ou então: “O Filho do Homem veio salvar o que estava perdido”<sup>20</sup>; ou ainda: “Eu não vim para chamar os justos, mas os pecadores”<sup>21</sup>; enfim, aquela deliciosa parábola do filho pródigo, na qual o que errou é apresentado portador de uma espécie de privilégio de amor sobre o que sempre foi correto. As mulheres fracas ou culpadas, surpresas com tamanho fascínio, e experimentando pela primeira vez o atraente contato com a virtude, aproximavam-se livremente dele. Espantavam-se que Jesus não as repelisse. “Oh!”, diziam-se os puritanos, “esse não é, em absoluto, um profeta, pois, se o fosse, perceberia que a mulher que o toca uma pecadora”. Jesus respondia com a parábola de um credor que perdoou a seus devedores dívidas desiguais, e não temia preferir a sorte daquele a quem foi perdoada a maior

---

<sup>17</sup> Mat., IX, 11; Marc., II, 16; Luc., V, 30.

<sup>18</sup> Mat., IX, 12.

<sup>19</sup> Luc., XV, 4 e seg.

<sup>20</sup> Mat., XVIII, 11 (?); Luc., XIX, 10.

<sup>21</sup> Mat., IX, 13.

dívida<sup>22</sup>. Ele só apreciava os estados de espírito à medida que havia mais amor neles. As mulheres, com o coração cheio de pranto e inclinadas, por seus erros, a sentimentos de humildade, estavam mais próximas de seu reino que os de natureza mediana, os quais normalmente têm pouco mérito por não terem errado. Por outro lado, concebe-se que essas ternas almas, encontrando em sua conversão à seita um meio fácil de reabilitação, se apegavam a ele com paixão.

Longe de procurar abrandar os rumores que seu desdém pelas sutilezas sociais da época provocavam, parecia que ele gostava de excitá-los. Nunca se declarou tão abertamente esse desprezo pelo “mundo”, que é a condição para os grandes feitos e originalidade. Ele só perdoava o rico quando este, em consequência de algum preconceito, era mal visto pela sociedade<sup>23</sup>. Ele preferia declaradamente as pessoas de vida equivocada e pouco consideradas aos ortodoxos notáveis. “Os publicanos e as cortesãs”, dizia ele a esses ortodoxos, “Ihes terão precedência no reino de Deus. Veio João; publicanos e cortesãs acreditaram nele e, apesar disso, vós não vos convertestes”<sup>24</sup>. Compreende-se bem o quanto a reprovação por não terem seguido o bom exemplo das mulheres de vida fácil devia ser ultrajante para os que faziam profissão de gravidade de uma moral rígida.

Não havia nenhuma afetação exterior, nem mostra de austeridade. Ele não se furtava à alegria, e ia de bom grado às festas de casamentos. Conta-se que um de seus milagres foi feito

---

<sup>22</sup> Luc., VII, 36 e seg. Luc., que costuma realçar tudo o que diz respeito a perdão dos pecadores (comp. X, 30 e seg.; XV inteiro; XVII, 16 e seg.; XVIII, 10 e seg.; XIX, 2 e seg.; XXIII, 39-43), compôs esse relato com traços de uma outra história, a da unção dos pés, que aconteceu em Betânia alguns dias antes da morte de Jesus. Mas o perdão da pecadora era, incontestavelmente, um dos aspectos essenciais da vida anedótica de Jesus. Cf. João, VIII, 3 e seg.; Pápias, em Eusébio, *Hist. eccl.* III, 39.

<sup>23</sup> Luc., XIX, 2 e seg.

<sup>24</sup> Mat., XXI, 31-32.

para alegrar uma festa de núpcias numa cidadezinha. As núpcias, no Oriente, acontecem à noite. Cada um leva uma lamparina; as luzes indo e vindo dão um efeito muito agradável. Jesus gostava desse ambiente alegre e animado, e dali tirava suas parábolas<sup>25</sup>. Quando se comparava tal conduta à de João Batista, ficava-se escandalizado<sup>26</sup>. Num dia em que os discípulos de João e os fariseus faziam jejum: “Como pode”, disseram-lhe, “os discípulos de João e os fariseus jejuando e rezando, enquanto os teus estão comendo e bebendo?”. “Deixai-os”, disse Jesus, “quereis que os padrinhos do noivo jejuem enquanto o noivo está com eles? Virão dias em que o noivo lhes será tirado; então eles jejuarão”<sup>27</sup>. Sua doce alegria se exprimia incessantemente por reflexões vivas, amáveis gracejos. “Com quem se parecem”, ele, “os homens dessa geração, e a quem eu os comparo? Eles são parecidos com crianças sentadas em seus lugares, que dizem a seus amiguinhos:

*Eis que nós cantamos  
E vós não dançais  
Eis que nós choramos  
E vós não chorais* <sup>28</sup>.

João veio, sem comer nem beber, e vós dizeis: ‘É um louco’. O Filho do Homem veio vivendo como todo mundo, e vós dizeis: ‘É um glutão, um bebedor de vinho, amigo dos funcionários de alfândega e dos pecadores’. E, no entanto, a sabedoria foi justificada por suas obras”<sup>29</sup>.

---

<sup>25</sup> *Ibid.*, XXV, 1 e seg.

<sup>26</sup> Marc., II, 18; Luc., V, 33.

<sup>27</sup> Mat., IX, 14 e seg.; Marc., II, 18 e seg.; Luc., V, 33 e seg.

<sup>28</sup> Alusão a alguma brincadeira infantil.

<sup>29</sup> Mat., XI, 16 e seg.; Luc., VII, 34 Provérbio que quer dizer: “A opinião dos homens é cega. A sabedoria das obras de Deus é proclamada apenas por suas próprias obras”.

Ele percorreu, dessa forma, a Galiléia, em meio a uma festa contínua. Usava uma mula, montaria tão boa e segura no Oriente, cujos grandes olhos negros, sombreados por longos cílios, têm muita doçura. Seus discípulos, às vezes, o reverenciavam, fazendo em tomo dele uma pompa rústica, com suas vestes servindo de tapete. Jogaram-nas sobre a mula que ele usava, ou as estendiam pelo chão para sua passagem<sup>30</sup>. Quando ele entrava numa casa, era uma alegria e uma bênção. Parava nas vilas e grandes fazendas, onde recebia dedicada hospitalidade. No Oriente, a casa que recebe um estrangeiro logo se toma lugar público. Toda a aldeia ali se reúne; as crianças invadem o lugar; os criados as afugentam; elas tornam a vir. Jesus não podia deixar que tratassem tão duramente seus ingênuos ouvintes; ele os fazia aproximar e os beijava<sup>31</sup>. As mães, encorajadas com tal acolhida, lhe traziam seus bebês para que ele os tocasse<sup>32</sup>. Mulheres vinham deitar óleo sobre sua cabeça e perfume nos pés. Seus discípulos, às vezes, as repe5am como imã; mas Jesus, que apreciava os costmues antigos e tudo o que representasse simplicidade de coração, reparava o malfeito por seus amigos zelosos. Ele protegia os que queriam honrá-lo<sup>33</sup>. Por isso as crianças e as mulheres o adoravam. Uma das censuras que lhe dirigiam freqüentemente seus inimigos<sup>34</sup> era a de afastar de suas famílias esses seres delicados, sempre dispostos a serem seduzidos.

A religião nascente foi, desse modo, para muitos, um movimento de mulheres e crianças. Essas últimas formavam em tomo de Jesus como que uma guardajuvenil para a inauguração

---

<sup>30</sup> Mat., XXI, 7-8.

<sup>31</sup> Mat., XIX, 13 e seg.; Marc., IX, 36; X, 13 e seg.; Luc., XVIII, 15-16.

<sup>32</sup> Marc., X, 13 e seg.; Luc., XVIII, 15.

<sup>33</sup> Mat., XXVI, 7 e seg.; Marc., XIV, 3 e seg.; Luc., VII, 37 e seg.

<sup>34</sup> Evangelho de Marcião, complemento do v. 2 do cap. XXIII de Lucas (Epif., *Adv. haer.*, XLII, 11). Se as supressões de Marcião não têm valor crítico, o mesmo não acontece com suas complementações, quando elas provêm não de um ponto de vista, mas do estado dos manuscritos que ele usava.

de sua inocente realeza, e lhe destinavam pequenas aclamações, com as quais ele se deleitava enormemente, chamando-o “filho de Davi”, gritando *Hosanas!*<sup>35</sup> e carregando palmas em volta dele. Jesus, como Savonarola, as usava talvez como instrumentos para suas missões piedosas; alegrava-se bastante em ver esses jovens apóstolos, que não o comprometiam, avançarem diante dele e lhe conferirem títulos que ele não ousava se dar. Deixava-os dizer e, quando lhe perguntavam se ele os ouvia, Jesus respondia de forma evasiva que o louvor que sai de jovens lábios é o que mais agrada a Deus<sup>36</sup>.

Jesus não perdia uma oportunidade para repetir que os pequeninos são seres sagrados<sup>37</sup>, que o reino de Deus pertence às crianças<sup>38</sup>, que é preciso se tornar como elas para nele entrar<sup>39</sup>, que ali serão recebidos como crianças<sup>40</sup>, que o Pai celeste esconde os segredos dos sábios e os revela aos pequeninos<sup>41</sup>. A idéia de seus discípulos quase se confunde, para ele, com a das crianças<sup>42</sup>. Um dia, em que seus discípulos tinham entre si uma dessas disputas de precedência, que não eram absolutamente raras, Jesus tomou uma criança, colocou-a no meio deles, e lhe disse: “Eis aqui o maior, o que for humilde como este pequeno é o maior no reino do céu”<sup>43</sup>.

De fato, era a infância, em sua divina espontaneidade, em seus ingênuos repentes de alegria, que tomava posse da terra.

A qualquer instante todos acreditavam que o reinado tão des

---

<sup>35</sup> Aclamação que se fazia na procissão da festa dos Tabernáculos, enquanto se agitavam palmas. Mischna, *Sukka*, III, 9. Esse costume ainda existe entre os israelitas.

<sup>36</sup> Mat., XXI, 15-16.

<sup>37</sup> Ibid., XVIII, 5, 10; 14; Luc., XVII, 2.

<sup>38</sup> Mat., XIX, 14; Marc., X, 14; Luc., XVIII, 16.

<sup>39</sup> Mat., XVIII, 1 e seg.; Marc., IX, 33 e seg.; Luc., IX, 46.

<sup>40</sup> Marc., X, 15.

<sup>41</sup> Mat., XI, 25; Luc., X, 21.

<sup>42</sup> Mat., X, 42; XVIII, 5, 14; Marc., IX, 36; Luc., XVIII, 2.

<sup>43</sup> Mat., XVIII, 4; Marc., IX, 33-36; Luc., IX, 46-48.



jado iria despontar. Cada um já se via sentado num trono<sup>44</sup> ao lado do mestre. Já se distribuía entre si os lugares<sup>45</sup>; procurava-se contar os dias. Isso se chamava “a boa nova”. A doutrina não tinha outro nome. Um velho termo, *paraíso*, que o hebreu, como todas as línguas do Oriente, havia tomado emprestado da Pérsia, e que designava primeiramente os parques dos reis arquemênidas, resumia o sonho de todos: um jardim delicioso onde haveria para sempre a vida encantadora que não se levava cá embaixo<sup>46</sup>. Quanto tempo durou esse encanto? Não se sabe. Ninguém, durante o curso dessa mágica aparição, mediu o tempo, como não se mede um sonho. A duração foi suspensa; uma semana foi como um século. Mas, tenha ela preenchido anos ou meses, o sonho foi tão bom que a humanidade ainda o continuou vivendo, e nosso consolo é poder ainda recolher dele o perfume enfraquecido. Nunca tanta alegria agitou o peito do homem. Nesse esforço, o mais vigoroso que ela fez para se erguer acima de seu planeta, a humanidade esqueceu o peso de chumbo que a prende à terra, e as tristezas da vida daqui. Feliz quem pôde ver com os próprios olhos esse aparecimento divino, e partilhar, pelo menos por um dia, essa ilusão sem par! Porém, mais feliz ainda, nos diria Jesus, aquele que, despido de toda ilusão, reproduzir em si mesmo a aparição celeste e, sem sonho milenar, sem paraíso quimérico, sem sinais no céu, pela justeza de sua vontade e pela poesia de sua alma, souber novamente criar em seu coração o verdadeiro reino de Deus!

---

<sup>44</sup> Luc., XXII, 30.

<sup>45</sup> Marc., X, 37, 40-41.

<sup>46</sup> Luc., XXIII, 43; II Cor., XII, 4. Comp. *Carm. sibyll.*, proem., 86; Talm. da Bab., *Chagiga*, 14.

## CAPÍTULO 12

### **Embaixada de João, prisioneiro, até Jesus. Morte de João. Relações de sua escola com a de Jesus**

Enquanto a alegre Galiléia comemorava festivamente a vinda do bem-amado, o triste João, em sua prisão de Maqueronte, esgotava-se com a espera e os desejos. As notícias do sucesso do jovem mestre, que ele vira alguns meses atrás em sua escola, chegaram até ele. Dizia-se que o Messias anunciado pelos profetas, o que deveria resgatar o reino de Israel havia chegado e demonstrava sua presença na Galiléia com obras maravilhosas. João quis se certificar da veracidade desse rumor e, como ele se comunicava livremente com seus discípulos, escolheu dois deles para ir até Jesus, na Galiléia.<sup>1</sup>

Os dois discípulos encontraram Jesus no auge de sua celebridade. O ar de festa que reinava em torno dele os surpreendeu. Habitados aos jejuns, à oração constante, a uma vida toda de aspirações, eles se espantaram ao se verem, de repente, no meio das festas de boas-vindas<sup>2</sup>. Eles transmitiram a Jesus sua mensagem: “Tu és o que há de vir? Devemos esperar por outro?” Jesus, que àquela altura não mais hesitava sobre seu próprio papel de Messias, enumerava as obras que caracte-

---

<sup>1</sup> Mat., XI, 2 e seg.; Luc., VII, 18 e seg.

<sup>2</sup> Mat., IX, 14 e seg.

rizavam a vinda do reino de Deus, a cura dos doentes, a boa nova da salvação vindoura anunciada para os pobres. Ele fazia todas essas obras. “Feliz daquele, então”, acrescentou ele, “que não duvidar de mim!” Não se sabe se a resposta alcançou João vivo, ou que reação causou ao austero asceta. Teria ele morrido consolado e certo de que aquele anunciado por ele já vivia, ou teria conservado suas dúvidas sobre a missão de Jesus? Nada nos indica a resposta. Contudo, ao se ver sua escola continuar paralelamente às igrejas cristãs, é-se levado a crer que, apesar de sua consideração por Jesus, João não o considerava como realizador das promessas divinas. De resto, a morte veio cortar suas perplexidades. A liberdade indômita do solitário devia coroar essa carreira inquieta e atormentada com o único fim digno dela.

As disposições indulgentes que Antipas havia, no princípio, adotado para com João não puderam ter vida longa. Nos entendimentos que, segundo a tradição cristã, João teria tido com o tetrarca, ele não cansava de lhe repetir que seu casamento era ilícito e que ele devia repudiar Herodíades<sup>3</sup>. É fácil imaginar o ódio que a neta de Herodes, o Grande, devia nutrir contra esse conselheiro importuno. Ela só esperava uma oportunidade para arruiná-lo.

Sua filha Salomé, do primeiro casamento, e como ela, ambiciosa e devassa, entrou em seus planos. Nesse ano (provavelmente ano 30), Antipas estava em Maqueronte, no dia de seu aniversário natalício. Herodes, o Grande, havia mandado construir no interior da fortaleza um magnífico palácio<sup>4</sup>, onde o tetrarca residia frequentemente. Ali ele deu um grande banquete, durante o qual Salomé executou uma dessas danças que não são consideradas, na Síria, de caráter inconveniente a uma pessoa distinta. Antipas, encantado, perguntou à dançarina o que ela desejava, ao que esta respondeu, instigada pela

---

<sup>3</sup> Mat., XIV, 4 e seg.; Marc., VI, 18 e seg.; Luc., III, 19.

<sup>4</sup> Jos., *De bello jud.*, VII, VI, 2.

mãe: “A cabeça de João nesta bandeja”<sup>5</sup>. Antipas ficou contrariado, mas não quis recusar. Um guarda pegou a bandeja, foi cortar a cabeça do prisioneiro e a trouxe<sup>6</sup>.

Os discípulos de Batista recolheram seu corpo e o colocaram num túmulo. O povo ficou muito descontente. Seis anos depois, tendo Hareth atacado Antipas, para recuperar Maqueronte e vingar a desonra de sua filha, Antipas foi vencido e sua derrota foi vista como uma punição pela morte de João<sup>7</sup>.

A notícia dessa morte foi levada a Jesus pelos próprios discípulos de Batista<sup>8</sup>. O último entendimento que João travara com Jesus resultou no estreitamento das relações entre as duas escolas. Jesus, temendo um acréscimo de má-vontade por parte de Antipas, tomou algumas precauções e se retirou para o deserto<sup>9</sup>.

Muita gente o seguiu. Graças a uma extrema frugalidade, o rebanho santo ali viveu; acreditou-se, naturalmente, existir aí um milagre<sup>10</sup>. A partir desse momento Jesus só falou de João com redobrada admiração. Declarava, sem hesitar<sup>11</sup>, que ele era mais que um profeta, que a Lei e os antigos profetas só tiveram força até sua chegada<sup>12</sup>, que ele os havia suplantado, mas que o reino do céu, por sua vez, o suplantaria também. Enfim, na organização do mistério cristão, ele lhe destinava um lugar especial, que fazia dele o laço de união entre o reino da velha aliança e o novo reino.

---

<sup>5</sup> Bandejas portáteis sobre as quais, no Oriente, se servem licores e iguarias.

<sup>6</sup> Mat., XIV, 3 e seg.; Marc., VI, 14-29; Jos., Ant., XVIII, V, 2.

<sup>7</sup> Jos., Ant., XVIII, V, 1 e 2.

<sup>8</sup> Mat., XIV, 12.

<sup>9</sup> *Ibid.*, XIV, 13.

<sup>10</sup> Mat., XIV, 15 e seg.; Marc., VI, 35 e seg.; Luc., IX, 11 e seg.; João, VI, 2 e seg.

<sup>11</sup> Mat., XI, 7 e seg.; Luc., VII, 24 e seg.

<sup>12</sup> Mat., XI, 12-13; Luc., XVI, 16.

O profeta Malaquias, cuja opinião a esse respeito foi vivamente realçada<sup>13</sup>, havia anunciado em altos brados um percurso do Messias, que devia preparar os homens para a renovação final, um mensageiro que viria aplainar os caminhos para o leito de Deus. Esse mensageiro não era ninguém menos que o profeta Elias, o qual, segundo uma crença bastante difundida, logo iria descer do céu, para onde ele tinha sido arrebatado, a fim de preparar os homens, por intermédio da penitência, para o grande advento, e reconciliar Deus com seu povo<sup>14</sup>.

Algumas vezes Elias era associado ao patriarca Henoc, ao qual, desde um ou dois séculos, se puseram a atribuir uma alta santidade<sup>15</sup>, e outras vezes a Jeremias<sup>16</sup>, que era tido como uma espécie de gênio protetor do povo, sempre ocupado em rogar por ele diante do trono de Deus<sup>17</sup>. Essa idéia de dois antigos profetas ressuscitando para servir de precursores do Messias é encontrada de forma tão marcante na doutrina dos parses, que se é levado a crer que ela se originou na Pérsia<sup>18</sup>.

Seja o que for, ela fazia, no tempo de Jesus, parte integrante das teorias judaicas sobre o Messias. Era admitido que a

---

<sup>13</sup> Malaquias, III e IV; Eclesiastes, XLVIII, 10. Ver anteriormente cap. VI.

<sup>14</sup> Mat., XI, 14; XVII, 10; Marc., VI, 15; VIII, 28; IX, 10 e seg.; Luc., IX, 8, 19; João, I, 21; Justino, *Dial. cum Tryph.*, 49.

<sup>15</sup> *Eclesiastes*, XLIV; 16; IV Livro de Esdras, VI, 26; VII, 28; comp. XIV, 9 e as últimas linhas das traduções siríaca, etíope, árabe e armenia (Volkmar, *Esdra proph.*, p. 212, Ceriani, *Monum. sacra et prof.*, tom. I, fasc. II, p. 124; Bíblia armênia de Zohrab, Veneza, 1805, supl., p. 25).

<sup>16</sup> Mat., XVI, 14.

<sup>17</sup> II Macab., XV, 13 e seg.

<sup>18</sup> Textos citados por Anquetil-Duperron, *Zend-Avesta*, I, 2ª parte, p. 46, retificados por Spiegel, em *Zeitschrift der deutschen morgenlän dischen Gesellschaft*, I, 261 e seg; extraídos do *Jamasp-Nameh*, no Aresta de Spiegel, I, p. 34. Nenhum dos textos parsezes que pressupõem verdadeiramente a idéia de profetas ressuscitados e precursores é antigo; mas as ideias contidas nesses textos parecem bem anteriores à época da redação dos referidos textos.

aparição de “duas testemunhas fiéis”, vestidas com roupas de penitência, seda o prenúncio do grande drama que se iria desenvolver para a estupefação do universo<sup>19</sup>.

Entende-se que, com essas idéias, Jesus e seus discípulos não podiam hesitar sobre a missão de João Batista. Quando os escribas lhes faziam essa objeção — que não podia ainda ser a hora do Messias, uma vez que Elias não tinha vindo<sup>20</sup> — eles respondiam que Elias tinha vindo, que João era Elias ressuscitado<sup>21</sup>. Por seu modo de vida, por sua oposição aos poderes públicos estabelecidos, João lembrava, de fato, aquela estranha figura da velha história de Israel<sup>22</sup>. Jesus não parava de falar sobre os méritos e excelência de seu precursor. Dizia que, entre os filhos dos homens, não havia nascido outro maior. Censurava energicamente os fariseus e os doutores por não terem aceitado seu batismo, e não se terem convertido por sua palavra<sup>23</sup>.

Os discípulos de Jesus se mantiveram fiéis aos princípios do mestre. O respeito por João foi uma constante tradição na primeira geração cristã<sup>24</sup>. Julgaram-no parente de Jesus<sup>25</sup>. Seu batismo foi visto como o primeiro fato e, de alguma forma, como o prefácio necessário a toda a história evangélica<sup>26</sup>. Para construir a missão do filho de José sobre um testemunho reconhecido por todos, conta-se que João, assim que viu Jesus pela primeira vez, proclamou-o Messias; que se reconheceu

---

<sup>19</sup> Apoc., XI, 3 e seg.

<sup>20</sup> Marc., IX, 10.

<sup>21</sup> Mat., 14; XVII, 10-13; Marc., VI, 15; IX, 10-12; Luc., IX, 8; João, I, 21-25.

<sup>22</sup> Luc., I, 17.

<sup>23</sup> Mat., XXI, 32; Luc., VII, 29-30.

<sup>24</sup> Atos, XIX, 4.

<sup>25</sup> Luc., I.

<sup>26</sup> Atos, I, 22; X, 37-38. Isso se explica perfeitamente, se se admitir, de acordo com o quarto evangelista (cap. I), que Jesus conquistou seus primeiros e mais importantes discípulos na própria escola de João.

inferior a ele, indigno de desamarrar os cordões dos seus sapatos; que, inicialmente, se recusou a batizá-lo e insistia que era ele que devia receber o batismo de Jesus<sup>27</sup>. Eram exageros, suficientemente refutados pela forma dúbia da última mensagem de João<sup>28</sup>. Mas, num sentido mais amplo, João ficou na lenda cristã como tinha sido na realidade, o austero preparador, o triste pregador de penitência antes das alegrias da chegada do esposo, o profeta que anuncia o reino de Deus e morre antes de vê-lo. Gigante das origens cristãs, esse comedor de gafanhotos e de mel selvagem, esse rude justiceiro, foi o absinto que preparou os lábios para a doçura do reino de Deus. O degolado de Herodíades inaugurou a era dos mártires cristãos; ele foi a primeira testemunha da nova consciência. Os mundanos, que viram nele o verdadeiro inimigo, não puderam permitir que ele vivesse; seu cadáver mutilado, estendido sobre o limiar do cristianismo, traçou o caminho sangrento por onde tantos outros haveriam passar depois dele.

A escola de João não morreu junto com seu fundador. Ela viveu algum tempo, distinta da de Jesus e, inicialmente, em bom entendimento com ela. Vários anos após a morte dos dois mestres, ainda se procurava o batismo de João. Algumas pessoas pertenciam às duas escolas; por exemplo, o célebre Apolo, o rival de São Paulo (por volta do ano 50), e um bom número de cristãos de Éfeso<sup>29</sup>. Josefo aderiu (no ano 53) à escola de um asceta chamado Banu<sup>30</sup>, que tem com João Batista a maior semelhança e que talvez tenha sido de sua escola. Esse Banu<sup>31</sup> vivia no deserto, vestido com folhas de árvores; alimentava-se com plantas ou frutas silvestres, e tomava frequentemente, de

---

<sup>27</sup> Mat., III, 14 e seg.; Luc., III, 16; João, I, 15 e seg.; V, 32-33.

<sup>28</sup> Mat., XI, 2 e seg.; Luc., VII, 18 e seg.

<sup>29</sup> Atos, XVIII, 25; XIX, 1-5. Cf. Epif., *Adv. haer.*, XXX, 16.

<sup>30</sup> *Vita*, 2.

<sup>31</sup> Seria o Bunai incluído pelo Talmude (Bab., *Sanedrim*, 43 a) no número de discípulos de Jesus?

dia ou de noite, batismos de água fria para se purificar. Tiago, o que chamavam de “irmão do Senhor”, observava um ascetismo parecido<sup>32</sup>. Mais tarde, pelo fim do século I, o batismo entrou em luta com o cristianismo, principalmente na Ásia Menor. O autor dos escritos atribuídos a João Evangelista parece combatê-lo de forma velada<sup>33</sup>. Um dos poemas sibílicos<sup>34</sup> parece se originar dessa escola. Quanto às seitas de hemerobatistas, de batistas, de elceasaítas (sabianos, mogtasila dos escritores árabes<sup>35</sup>), que ocupam no século II a Síria, a Palestina, a Babilônia, cujos vestígios subsistem ainda em nossos dias com o nome de mendaitas, ou cristãos de São João, elas têm a mesma origem do movimento de João Batista, se não consistirem em descendência autêntica de João. A verdadeira escola deste, meio fundida com o cristianismo, passou ao estado de pequena heresia cristã e extinguiu-se obscuramente. João teve como que um pressenamento do futuro. Se tivesse cedido a uma rivalidade mesquinha, estava hoje esquecido na multidão de seu tempo. Por ter sido superior ao amor-próprio, chegou à glória e a uma posição única no panteão religioso da humanidade.

---

<sup>32</sup> Hegésipo, em Eusébio, *H.E.*, II, 23.

<sup>33</sup> *Evang.*, I, 8, 26, 33; IV, 2; I Epístola, V, 6. Cf. Atos, X, 47.

<sup>34</sup> Livro IV. Ver principalmente v. 157 e seg.

<sup>35</sup> Lembro que *sabianos* é o equivalente aramaico da palavra “batistas”. *Mogtasila* tem o mesmo sentido em árabe.



## CAPÍTULO 13

### **Primeiras tentativas sobre Jerusalém**

Jesus costumava ir a Jerusalém para a festa de Páscoa. Não se conhecem muitos detalhes sobre essas viagens, pois os sinóticos não falam delas<sup>1</sup>. As notas do quarto Evan-

---

<sup>1</sup> Entretanto, eles as supõem vagamente. Eles conheciam tão bem quanto o quarto Evangelho a relação de Jesus com José de Arimatéia. Até Lucas conhecia (X, 38-42) a família de Betânia. Lucas tem uma vaga noção do sistema do quarto Evangelho sobre as viagens de Jesus. De fato, o itinerário de Jesus nesse evangelho, desde IX, 51 até XVIII, 31, é tão estranho que se é levado a supor que Lucas fundiu nesses capítulos os incidentes de várias viagens. A cena dos trechos X, 25 e seg.; X, 38 e seg.; XI, 29 e seg., XI, 37 e seg.; XII, 1 e seg., XIII, 10 e seg.; XIII, 31 e seg., XIV, 1 e seg.; XV, 1 e seg. parece ser em Jerusalém ou imediações. A confusão dessa parte do relato parece vir do fato de Lucas encerrar à força seus materiais no quadro sinótico, do qual não ousa se separar. A maioria dos discursos contra os fariseus e saduceus, segundo os sinóticos, mantidos na Galiléia, só têm sentido em Jerusalém. Enfim, o lapso de tempo que os sinóticos permitem se estabelecer desde a entrada de Jesus em Jerusalém até a Paixão, embora possa chegar a algumas semanas (Mat., XXVI, 55; Marc., XIV, 49), é iusuficiente para explicar tudo o que deve ter acontecido entre a chegada de Jesus nessa cidade e sua morte. As passagens Mateus, XXIII, 37 e Lucas, XIII, 34, parecem provar a mesma tese; mas pode-se dizer que são uma citação, como Mateus, XXIII, 34, referindo-se geralmente aos esforços de Deus, através de seus profetas, para salvar o povo.

gelho são, nesse assunto, muito confusas<sup>2</sup>. Ao que parece, foi no ano de 31, e certamente após a morte de João, que se deram as mais importantes estadas de Jesus na capital. Vários discípulos o seguiam. Embora Jesus atribuísse, desde então, pouca importância à peregrinação, ele a consentia para não ferir a opinião dos judeus, com os quais ainda não havia rompido. Essas viagens, aliás, eram essenciais a seus desígnios, pois ele já sentia que, para desempenhar um papel de primeira ordem, era preciso sair da Galiléia e atacar o judaísmo em sua praça forte, que era Jerusalém.

A pequena comunidade galiléia estava bem descaracterizada. Jerusalém tinha uma certa semelhança ao que é hoje: uma cidade de pedantismo, de azedume, de brigas, de ódio, de baixeza de espírito. O fanatismo era ali extremo; as sedições religiosas renasciam a cada dia. Os fariseus dominavam e o estudo da Lei, levado às mais insignificantes minúcias, reduzido a questões casuístas, era o único estudo. Essa cultura exclusivamente teológica e canônica em nada contribuía para polir os espíritos. Tinha algo de parecido com a doutrina estéril do faquir muçulmano, essa ciência oca que se agita em torno de uma mesquita, uma grande perda de tempo e de dialética, sem proveito algum para a boa disciplina do espírito. A educação teológica do clero moderno, embora muito árida, não pode dar nenhuma idéia disso. A Renascença introduziu em todos os nossos ensinamentos, mesmo nos mais rebeldes, um pouco de letras clássicas e bom método. Isso fez com que a escolástica se tingisse de um colorido de humanidades. A ciência do

---

<sup>2</sup> Duas peregrinações são claramente indicadas (João, II, 13 e V, I), sem falar da última viagem (VII, 10), após a qual Jesus não retorna mais à Galiléia. A primeira aconteceu quando João ainda batizava. Coincidiria, conseqüentemente, com a Páscoa do ano 29. Mas as circunstâncias dadas como pertencentes a essa viagem são de uma época mais avançada (comp. principalmente João, II, e 14 e seg.; e Mat., XXI, 12-13; Marc., XI, 15-17; Luc., XIX, 45-46). Evidentemente, há transposições de datas nos primeiros capítulos do quarto Evangelho ou, por outra, o autor misturou circunstâncias de várias viagens.

doutor judeu, do *sofer* ou escriba era puramente bárbara, absurda, sem compensação, despida de qualquer elemento moral<sup>3</sup>. Para cúmulo do azar, enchia de ridículo orgulho aquele que lutava para consegui-la. Convencido do pretense saber que lhe havia custado tanto esforço, o escriba judeu tinha pela cultura grega o mesmo desdém que, atualmente, o sábio muçulmano tem pela civilização europeia, e que o teólogo católico da velha escola tem pelo saber das pessoas do mundo. A característica dessas culturas escolásticas é fechar o espírito a tudo quanto é delicado, estimar apenas as difíceis puerilidades em que se tem gasto a vida e que se vê como a ocupação natural das pessoas que fazem profissão de gravidade<sup>4</sup>.

Esse mundo odioso não podia deixar de pesar muitíssimo sobre a alma tema e a consciência reta dos israelitas do Norte. O desprezo dos hierosolimitas pelos galileus tomou a separação ainda mais profunda. Nesse belo tempo, objeto de todos os seus desejos, eles só encontraram afrontas. Um versículo do salmo dos peregrinos<sup>5</sup>, “Escolhi permanecer à porta da casa de meu Deus”, parecia feito especialmente por eles. Um sacerdócio desdenhoso sorria de sua ingênua devoção, mais ou menos como outrora, na Itália, o clero, familiarizado com os santuários, assistia com frieza e quase com zombaria ao fervor do peregrino vindo de longe. Os galileus falavam um dialeto bastante deturpado. Sua pronúncia era viciada. Eles confundiam as diversas aspirações, o que levava a mal-entendidos dos quais se ria muito<sup>6</sup>. Em religião, eram tidos como ignorantes e pouco ortodoxos<sup>7</sup>; a

---

<sup>3</sup> Pode-se julgar pelo Talmude, eco da escolástica judaica daquele tempo.

<sup>4</sup> Jos., *Ant.*, XX, XI, 2.

<sup>5</sup> Salmo LXXXIV (Vulg. LXXXIII), 11.

<sup>6</sup> Mat., XXVI, 73; Marc., XIV, 70; *Atos*, II, 7; Talm. da Bab., *Erubim*, 53 a e seg.; Bereschith rabba, 26 c.

<sup>7</sup> Passagem do tratado *Erubim*, já citado; Mischna, *Nedarim*, II, 4; Talmude de Jerusalém, *Schabat*, XVI, sub fin.; Talm. da Bab., *Baba bathra*, 25 b.

expressão “galileu bobo” tornou-se proverbial<sup>8</sup>. Acreditava-se (não sem razão) que o sangue judeu estava muito misturado entre eles, e era sabido que a Galiléia não poderia produzir um profeta<sup>9</sup>. Postos, assim, nos confins do judaísmo, e quase fora dele, os pobres galileus tinham como único alento para suas esperanças uma passagem de Isaías bastante mal interpretada<sup>10</sup>: “Terra de Zabulão e de Neftali, caminho do mar<sup>11</sup>, Galiléia dos gentios! O povo que caminhava na sombra viu uma forte luz; o sol nasceu para os que estavam sentados nas trevas”. A fama da cidade natal de Jesus parece ter sido má. Dizia um provérbio popular: “Pode vir algo de bom de Nazaré?”<sup>12</sup>

A profunda aridez da natureza nas imediações de Jemsalém devia colaborar para o desgosto de Jesus. Os vales dali são secos; o solo é árido e pedregoso. Quando os olhos mergulham na depressão do Mar Morto, a vista tem algo de impressionante; para além, é monótona. Unicamente a colina de Mizpa, com suas lembranças da mais velha história de Israel, sustenta o olhar. A cidade possuía, no tempo de Jesus, mais ou menos a mesma aparência que tem hoje. Não havia nenhum monumento antigo, pois, até a época dos Asmoneus, os judeus permaneceram praticamente estranhos a qualquer tipo de arte. João Hircano começara a embelezá-la, e Herodes, o Grande, fizera dela uma cidade magnífica. As construções berodianas rivalizam com as mais perfeitas da Antiguidade, por seu caráter grandioso, pelo acabamento da execução e beleza dos materiais<sup>13</sup>. Uma grande quantidade de túmulos, de gosto original, se erigia pelo mesmo

---

<sup>8</sup> *Erubim*, lugar citado, 53 b.

<sup>9</sup> João, VII, 52. A exegese moderna provou que dois ou três profetas nasceram na Galiléia, mas os argumentos que ela usa para prová-lo eram desconhecidos no tempo de Jesus. Para Elias, por exemplo, veja Jos., *Ant.*, VIII, XIII, 2.

<sup>10</sup> Is., IX, 1-2; Mat., IV, 13 e seg.

<sup>11</sup> Ver anteriormente, nota 56 do capítulo 9.

<sup>12</sup> João, I, 46 (fraca autoridade).

<sup>13</sup> Jos., *Ant.*, XV, VIII-XI; *B.J.*, V, V, 6; Marc., XIII, 1-2.

tempo nas imediações de Jerusalém<sup>14</sup>. O estilo desses monumentos era o estilo grego, apropriado aos costumes dos judeus, e alterado consideravelmente segundo seus princípios. Os ornamentos de escultura viva que os Herodes se permitiam, para grande descontentamento dos rigoristas, estavam banidos. Eram substituídos por decoração vegetal. O gosto dos antigos habitantes da Fenícia e da Palestina pelas construções monolíticas entalhadas na rocha viva parecia reviver nesses singulares túmulos recortados no rochedo, e onde os motivos gregos eram tão estranhamente aplicados a uma arquitetura de trogloditas. Jesus, que encarava as obras de arte como uma pomposa exibição de vaidade, via todos esses monumentos com maus olhos<sup>15</sup>. Seu espiritualismo absoluto e sua opinião inabalável de que a figura do velho mundo ia passar só lhe davam gosto para as coisas do coração.

O Templo, na época de Jesus, era recente, e as obras exteriores não estavam completamente terminadas. Herodes havia mandado reconstruí-lo, pelo ano 20 ou 21 antes da era cristã, para colocá-lo em uníssono com seus outros edifícios. A nave do Templo foi feita em dezoito meses, os pórticos em oito anos<sup>16</sup>; mas as partes acessórias continuaram sendo feitas lentamente e só terminaram pouco tempo antes da tomada de Jerusalém<sup>17</sup>. Jesus deve ter assistido aos trabalhos, mas com uma reserva secreta. Essas esperanças de um longo futuro eram como um insulto a seu advento vindouro. Mais cauteloso que os incrédulos e os fanáticos, ele previa que essas soberbas construções estavam destinadas a uma curta duração<sup>18</sup>.

---

<sup>14</sup> Túmulos ditos, dos Juízes: Absalão, Zacarias, Josafá, de São Tiago. Compare a descrição do túmulo dos Macabeus em Modim (I Mac., XIII, 27 e seg.).

<sup>15</sup> Mat., XXIII, 29; XXIV, 1 e seg.; Marc., XII, 1 e seg.; Luc., XXI, 5 e seg. Compare com o *Livro de Henoc*, XCVII, 13-14; Talmude da Babilônia, *Schabat*, 33b.

<sup>16</sup> Jos., *Ant.*, XV, XI, 5, 6.

<sup>17</sup> *Ibid.*, XX, IX, 7; João, II, 20.

<sup>18</sup> Mat., XXIV, 2; XXVI, 61; XXVII, 40; Marc., XIII, 2; XIV, 58; XV, 29; Luc., XXI, 6; João, II, 19-20.

O Templo, de resto, formava um conjunto maravilhosamente imponente, do qual o *haram* atual<sup>19</sup>, apesar de sua beleza, pode apenas dar uma idéia. Os pátios e os pórticos circundantes serviam diariamente de ponto de encontro de uma considerável multidão. Tanto que esse espaço era templo, fórum, tribunal e universidade ao mesmo tempo. Todas as discussões religiosas das escolas judaicas, todo o ensinamento canônico, até os processos e causas civis, toda a atividade da nação estava, enfim, concentrada ali<sup>20</sup>. Havia um contínuo burburinho de argumentos, um campo fechado de disputas, um retinir de sofismas e questões sutis. O Templo, desse modo, tinha analogia com uma mesquita muçulmana. Cheios de consideração pelas religiões estrangeiras, naquela época, desde que elas se restringissem ao seu próprio território<sup>21</sup>, os romanos proibiram a si mesmos entrarem no santuário. Inscrições gregas e latinas marcavam o ponto de limite permitido aos não-judeus<sup>22</sup>. Mas a torre Antonia, quartel-general da força romana, dominava todo o contorno e permitia ver tudo o que se passava lá dentro<sup>23</sup>. A polícia do Templo pertencia aos judeus. A um capitão cabia a administração: fazia abrir e fechar as portas, impedia que se atravessasse o adro com um cajado na mão, com calçados empoeirados, carregando embrulhos ou para cortar caminho<sup>24</sup>. Cuidava-se principalmente, com escrúpulo,

---

<sup>19</sup> M. de Vogüé, *o Templo de Jerusalém* (Paris, 1864). Não há dúvida de que o Templo e seu contorno ocupassem o assentamento da mesquita de Omar e do *haram*, ou pátio sagrado, que cerca a mesquita. O terraplano do *haram* está, em alguns lugares, exatamente onde os judeus vão chorar, na própria fundação do templo de Herodes.

<sup>20</sup> Luc., II, 46 e seg.; Mischna, Sanedrim, X, 2, Taimude da Babilônia, *Sanedrim*, 41a; *Rosch hasschana*, 31 a.

<sup>21</sup> Suet., *Aug.*, 93.

<sup>22</sup> Filo, *Legatio ad Caium*, § 31; Jos., *B.J.*, V, V, 2; VI, II, 4; Atos, XXI, 28.

<sup>23</sup> Vestígios da torre Antonia ainda podem ser vistos na parte setentrional do *haram*.

<sup>24</sup> Mischna, *Berakoth*, IX, 5; Talm. da Bab., *Jebamoth*, 6 b; Marc., XI, 16.

para que ninguém entrasse em estado de impureza legal nos pórticos internos. As mulheres tinham, no meio do primeiro pátio, espaços reservados, cercados com clausuras de madeira.

Era ali que Jesus passava seus dias, enquanto estava em Jerusalém. A época das festas trazia para essa cidade uma afluência extraordinária. Reunidos em alojamentos de dez a vinte pessoas, os peregrinos invadiam tudo e viviam nesse amontoado desordenado que tanto agrada ao Oriente<sup>25</sup>. Jesus se perdia no meio da multidão, e seus pobres galileus agrupados em volta dele não tinham muito poder. Ele se sentia provavelmente num mundo hostil e que não o acolheria senão com desdém. Tudo o que via deixava-o indisposto. O Templo, como em geral os lugares de devoção muito frequentados, oferecia um aspecto pouco edificante. O serviço do culto gerava uma quantidade de detalhes repulsivos, principalmente operações mercantis, que acabavam propiciando o estabelecimento de verdadeiras lojas no recinto sagrado. Ali se vendiam animais para sacrifícios; encontravam-se mesas para câmbio de moedas; havia momentos em que se acreditava estar num mercado<sup>26</sup>. Os oficiais inferiores do Templo, sem dúvida, cumpriam suas funções com a vulgaridade irreligiosa dos sacristãos de todos os tempos. Esse tratamento profano e displicente dispensado às coisas santas feria o sentimento religioso de Jesus, que chegava às vezes ao escrúpulo<sup>27</sup>. Ele dizia que tinham feito da casa de oração um covil de ladrões. Conta-se que houve um dia em que ele foi tomado de cólera: golpeou com chicote aqueles ignóbeis vendedores e derrubou suas mesas<sup>28</sup>. Em geral, ele não gostava muito do Templo. O culto que concebera para seu Pai não tinha nada a ver com

---

<sup>25</sup> *Jos., B.J.*, II, XIV, 3; VI, IX, 3. Comp. Salmo CXXXIII (Vulg. CXXXII).

<sup>26</sup> Talm. da Bab., Rosch hsschana, § 31 a; *Sanedrim*, 41 a; *Schabat*, 15 a.

<sup>27</sup> *Marc.*, XI, 16.

<sup>28</sup> *Mat.*, XXI, 12 e seg.; *Marc.*, XI, 15 e seg.; *Luc.*, XIX, 45 e seg.; *João*, II, 14 e seg.

cenar de carnificina. Todas essas velhas instituições judaicas lhe desagradavam, e sofria por ser obrigado a se conformar com elas. Dessa forma, o Templo ou seu assentamento apenas inspiraram sentimentos piedosos, no seio do cristianismo, aos cristãos judaizantes. Os verdadeiros homens novos tiveram aversão àquele antigo lugar sagrado. Constantino e os primeiros imperadores cristãos deixaram substituir ali as construções pagãs de Adriano<sup>29</sup>. Foram os inimigos do cristianismo, como Juliano, que se lembraram daquele lugar<sup>30</sup>. Quando Omar entrou em Jerusalém, o lugar do Templo estava, de propósito, contaminado de ódio aos judeus<sup>31</sup>. Foi o islamismo, ou seja, uma espécie de ressurreição do judaísmo no que o judaísmo tinha de mais semítico, que lhe restituiu as honras. Aquele lugar sempre foi anticristão.

O orgulho dos judeus completava o descontentamento de Jesus, e tornava sua estada em Jerusalém penosa. À medida que as grandes idéias de Israel amadureciam, o sacerdócio decaía. A instituição das sinagogas dera ao intérprete da Lei, ao doutor, uma superioridade sobre o padre. Só havia padres em Jerusalém e, mesmo lá, ficaram reduzidos a funções meramente rituais, quase como os nossos párocos, excluídos da pregação, subordinados ao orador da sinagoga, o casuísta, o sofer ou escriba. Esse último, completamente leigo. Os homens célebres do Talmude não são padres. São sábios, segundo as idéias da época. O alto sacerdócio de Jerusalém mantinha, é verdade, uma posição bem elevada na nação, mas não estava absolutamente à frente do movimento religioso. O soberano pontífice, cuja dignidade já havia sido aviltada por Herodes<sup>32</sup>, tornava-se pouco a pouco um funcio-

---

<sup>29</sup> *Itin. a Burdig. Hierus.*, p. 152 (Ed. Schott); São Jerônimo, em Is., II, 8 e em Mat., XXIV, 15.

<sup>30</sup> Amiano Marcelino, XXIII, 1.

<sup>31</sup> Eutíquio, *Ann.*, II, 286 e seg. (Oxford, 1659).

<sup>32</sup> *Jos., Ant.*, XV, III, 1, 3.



nário romano<sup>33</sup>, que era frequentemente destituído para deixar o cargo liberado para outros. Contrários aos fariseus, zeladores leigos muito exaltados, os padres eram quase todos saduceus, ou seja, membros dessa aristocracia incrédula que se formara em torno do Templo, que vivia do altar mas conhecia sua inutilidade<sup>34</sup>. A casta sacerdotal estava tão apartada do sentimento nacional e da grande direção religiosa que arrebatava o povo que o termo “saduceu” (*sadoki*), que inicialmente designava apenas um membro da família sacerdotal de Sadoc, tornou-se sinônimo de “materialista” e de “epicurista”.

Um elemento ainda pior viera, desde o reinado de Herodes, o Grande, corromper o alto sacerdócio. Tendo ele se apaixonado por Mariana, filha de um tal Simão, filho de Boeto de Alexandria, e querendo se casar com ela (por volta do ano 28 a.C.), não viu outro meio, para enobrecer seu sogro e fazê-lo equiparar-se a si mesmo, senão nomeá-lo sumo sacerdote. Essa intrigante família dominou, quase sem interrupção, o sumo pontificado durante trinta e cinco anos<sup>35</sup>. Estreitamente ligada à família reinante, ela só o perdeu após a deposição de Arquelan e o recuperou (no ano 42 de nossa era) depois de Herodes Agripa ter retomado durante algum tempo a obra de Herodes, o Grande. Sob o nome de Boëthusim<sup>36</sup>, formou-se, desse modo, uma nova nobreza sacerdotal, muito mundana, pouco devota, que se fundiu parcialmente com os sadoquitas. Os *Boëthusim*, no Talrnude e nos escritos rabínicos, são apresentados como

€

---

<sup>33</sup> *Ibid.*, XVIII, II.

<sup>34</sup> Atos, IV, 1 e seg.; V, 17; XIX, 14; Jos., *Ant.*, XX, IX, 1; *Pirké Aboth*, 1, 10. Comp. Tosiphta Menaehoth, II.

<sup>35</sup> Jos., *Ant.*, XV, IX, 3; XVII, VI, 4; XIII, 1; XVIII, I, 1; II, 1; XIX, VI, 2; VIII, 1.

<sup>36</sup> Esse termo só é encontrado nos documentos judeus. Penso que os “herodianos” do evangelho sejam os *Boëthusim*. O artigo de Epifânio (*haer.*, XX) sobre os herodianos tem pouco peso. VIII, 15, em Mat., XVI, 6.

espécies de descrentes e sempre comparados aos saduceus<sup>37</sup>. De tudo isso resultou em torno do Templo uma espécie de corte de Roma, vivendo de política, pouco dada aos excessos de zelo, ou até duvidando deles, não querendo ouvir falar de personagens santos e inovadores, pois ela lucrava com a rotina estabelecida. Esses padres epicuristas não tinham a violência dos fariseus; só desejavam o sossego; era sua displicência moral, sua fria irreligião o que indignava Jesus. Apesar de muito diferentes, os padres e os fariseus se confundiram, desse modo, em suas antipatias. Todavia, estrangeiro e sem crédito, ele teve de guardar seu descontentamento para si, e só externar seus sentimentos à sociedade íntima que o acompanhava.

Antes de sua última estada em Jerusalém, a mais longa de todas, e que terminou com sua morte, Jesus tentou, contudo, se fazer ouvir. Ele pregou; falou-se dele; ocupou-se de certos atos considerados miraculosos. Mas de tudo isso não resultou nem uma igreja estabelecida em Jerusalém nem um grupo de hierosolimitas. O fascinante doutor, que perdoava a todos, contanto que o amassem, não podia encontrar muito eco nesse santuário de disputas inúteis e sacrifícios envelhecidos. Só lhe resultaram disso algumas boas relações, das quais, mais tarde, ele recolheu os frutos. Parece que ainda não tinha conhecido a família de Betânia, que lhe trouxe, no meio das prova-

---

<sup>37</sup> Tratado *Aboth Nathan*, 5; *Soferim*, III, hal. 5; Mischna, *Menachoth*, X, 3; Talmude da Babilônia, *Schabat*, 118 a. O termo *Boëthusim* se alterna amiúde nos livros talmúdicos com o termo *saduceus* ou *minim* (heréticos). Compare Tosiphta, *Joma*, I, em Talm. de Jerusalém, mesmo tratado, I, 5, e Talmude da Babilônia, mesmo tratado, 19 b; Tos. *Sukka*, III, em Talm. da Bab., mesmo tratado, 43 b; Tos. *ibid.*, adiante, em Talm. da Bab., mesmo tratado, 48 b; Tos. *Rosch hasschana*, I, em Mischna, mesmo tratado, II, 1, Talm. de Jerus., mesmo tratado, II, 1, e Talm. da Bab., mesmo tratado, 22 b; Tos. *Menachoth*, X, em Mischna, mesmo tratado, X, 3, Talm. da Bab., mesmo tratado, 65 a, Mischna, *Chagiga*, II, 4, e *Megillath Taanith*, I, Tos. *Iadaïm*, II, em Talm. de Jerus., *Baba bathra*, VIII, 1, Talm. da Bab., mesmo tratado, 115 b, e *Megillath Taanith*, V. Compare, da mesma forma, Marc., VIII, 15, em Mat, XVI, 6.

ções dos seus últimos meses, tanto consolo. Mas talvez tenha entrado em contato com aquela Maria, mãe de Marcos, cuja casa serviu, anos depois, de ponto de encontro para os apóstolos e para o próprio Marcos<sup>38</sup>. Logo, também, ele atraiu a atenção de um tal Nicodemo, rico fariseu, membro do Sanedrim e muito considerado em Jerusalém<sup>39</sup>. Esse homem, que parece ter sido honesto e de boa-fé, sentia-se atraído pelo jovem galileu. Não querendo se comprometer, foi vê-lo à noite e teve, conta-se, uma longa conversa com ele<sup>40</sup>. Sem dúvida, guardou uma impressão favorável, pois, mais tarde, defendeu Jesus dos preconceitos de seus colegas<sup>41</sup> e, na morte do Messias, poderemos encontrá-lo cobrindo de cuidados piedosos o cadáver do mestre<sup>42</sup>. Nicodemo não se converteu ao cristianismo. Ele acreditava que, por sua posição, não devia entrar num movimento revolucionário que ainda não contava com adeptos notáveis. Mas devotou muita amizade a Jesus e lhe prestou serviços, sem poder livrá-lo de uma morte cuja sentença, a essa altura, estava praticamente escrita.

Quanto aos doutores célebres da época, parece que Jesus não teve contato com eles. Hillel e Chamaí estavam mortos; a maior autoridade do momento era Gamaliel, neto de Hillel. Tinha espírito liberal e eclético, aberto aos estudos profanos, inclinado à tolerância, em vista de seu trato com a alta socie-

---

<sup>38</sup> Marc., XIV, 51-52. Atos, XII, 12.

<sup>39</sup> Parece que se trata dele no Talmude. Talm. da Bab., Taanith, 20 a; *Gittin*, 56 a; *Kethuboyh*, 66 b; tratado *Aboth Nathan*, VII, Midrnx rabba, *Eka*, 64 a. A passagem *Taanith* o identifica com Bunai, o qual, segundo *Sanedrim* (ver anteriormente, cap. 12, nota 31), era discípulo de Jesus. Mas, se Bunai é o Banu de Josefo, a aproximação não tem força.

<sup>40</sup> João, III, 1 e seg., VII, 50. O texto da conversa foi inventado pelo autor do quarto Evangelho; mas não se pode absolutamente admitir a opinião segundo a qual o próprio personagem de Nicodemo ou, pelo menos, seu papel na vida de Jesus, tenha sido imaginado por esse autor.

<sup>41</sup> João, VII, 50 e seg.

<sup>42</sup> *Ibid.*, XIX, 39.

dade<sup>43</sup>. Ao contrário dos fariseus muito rígidos, que andavam cobertos ou com os olhos fechados, ele reparava nas mulheres, até nas pagãs<sup>44</sup>. A tradição o perdoou, assim como o perdoou por saber o grego, pela proximidade que tinha com a corte<sup>45</sup>. Depois da morte de Jesus, conta-se que ele deu opiniões muito moderadas a respeito da nova seita<sup>46</sup>. São Paulo foi falho de sua escola<sup>47</sup>. Mas é bem provável que Jesus nunca tenha estado lá.

Pelo menos uma idéia Jesus levou de Jerusalém, e que desde aquele momento parecia enraizada nele; a de que não se devia pensar em nenhum pacto com o antigo culto judaico. A abolição dos sacrifícios, que tanto desgosto lhe causaram, a supressão de um sacerdócio ímpio e orgulhoso e, num sentido geral, a revogação da Lei, lhe pareceram de uma absoluta necessidade. A partir daquele momento, ele se apresenta não mais como reformador judaico, mas como destruidor do judaísmo. Alguns partidários das idéias messiânicas já haviam admitido que o Messias traria uma boa nova, que seria comum a toda a terra<sup>48</sup>. Os essênios, que eram apenas judeus, parecem também ter ficado indiferentes ao Templo e às observâncias mosaicas. Mas isso eram apenas atrevimentos isolados ou não declarados. Jesus foi o primeiro que ousou dizer que a partir dele ou, por outra, a partir de João<sup>49</sup>, a Lei não mais existia. Se às vezes usava termos mais discretos<sup>50</sup>, era para

---

<sup>43</sup> Mischna, *Baba metsia*, V, 8; Talm. da Bab., *Sota*, 49 b.

<sup>44</sup> Talm. de Jerus., *Berakoth*, IX, 2.

<sup>45</sup> Passagem *Sota*, já citada, e *Baba kama*, 83 a.

<sup>46</sup> Atos, V, 34 e seg.

<sup>47</sup> *Ibid.*, XXII, 3.

<sup>48</sup> *Orac. sibyl.*, l.III, 573 e seg.; 715 e seg.; 756-758. Compare com o Targum de Jonathan, Is., XII, 3.

<sup>49</sup> Luc., XVI, 16. A passagem de Mat., XI, 12-13, é menos clara; contudo, não pode ter outro sentido.

<sup>50</sup> Mat., V, 17-18 (Cf. Talm. da Bab., *Schabat*, 116 b). Essa passagem não está em contradição com aquelas em que a abolição da Lei está implicada. Significa somente que em Jesus todas as figuras do Antigo Testamento se cumpriram. Cf. Luc., XVI, 17.

não chocar com demasiada violência os preconceitos aceitos. Quando lhe esgotavam a paciência, ele se revelava, e declarava que a Lei não tinha mais força alguma. Ele usava, nesse caso, comparações enérgicas: “Não se pode conciliar”, dizia ele, “O novo e o velho. Não se coloca vinho novo em odres velhos”<sup>51</sup>. Eis, na prática, seu ato de mestre e de criador. O Templo exclui os não-judeus de seu recinto com cartazes desdenhosos. Jesus não se aborrece com isso. Essa Lei restrita, dura, sem caridade, é feita apenas para os filhos de Abraão. Jesus é da opinião que qualquer homem de boa vontade, qualquer homem que o acolha e o ame, é filho de Abraão<sup>52</sup>. O orgulho do sangue se apresenta para ele como o inimigo capital que precisa ser combatido. Em outras palavras, Jesus não é mais judeu. Ele é revolucionário no mais alto grau. Conclama todos os homens para um culto baseado em sua única qualidade de filhos de Deus. Proclama os direitos do homem, não os direitos do judeu; a religião do homem, não a religião do judeu; a libertação do homem, não a libertação do judeu<sup>53</sup>. Ah! como estamos longe de um Judas Gaulonita, de um Matias Margalot, pregando a revolução em nome da Lei! Está fundada a religião da humanidade, estabelecida não sobre o sangue, mas sobre o coração. Moisés está ultrapassado: o Templo não tem mais razão de ser e está irrevogavelmente condenado.

---

<sup>51</sup> Mat., IX, 16-17; Luc., V, 36 e seg.

<sup>52</sup> Luc., XIX, 9.

<sup>53</sup> Mat., XXIV, 14; XXVIII, 19; Marc., XIII, 10; XVI, 15; Luc., XXIV, 47.

## CAPÍTULO 14

### **Relações de Jesus com os pagãos e os samaritanos**

Em decorrência desses princípios, Jesus desprezava tudo o que não fosse a religião do coração. As fúteis práticas dos devotos<sup>1</sup>, o rigorismo exterior, que conta com o fingimento para a salvação, tiam-no como inimigo mortal. Ele se preocupava pouco com o jejum<sup>2</sup>. Preferia o esquecimento de uma injúria ao sacrifício<sup>3</sup>. O amor a Deus, a caridade, o perdão recíproco, eis toda a sua lei<sup>4</sup>. Nada menos sacerdotal que isso. O padre, por condição social, sempre recomenda o sacrifício público, a que é obrigado; ele dissuade da prece particular, que é um meio de prescindir dele. Em vão se buscará no Evangelho uma prática religiosa recomendada por Jesus. O batismo, para ele, tem importância secundária<sup>5</sup>. Quanto à oração, Jesus nada determina: apenas que seja feita com o coração. Como sempre acontece, muitos acreditaram substituir o amor

---

<sup>1</sup> Mat., XV, 9.

<sup>2</sup> *Ibid.*, IX, 14; XI, 19.

<sup>3</sup> *Ibid.*, V, 23 e seg.; IX, 13; XII, 7.

<sup>4</sup> *Ibid.*, XXII, 37 e seg.; Marc., XII, 29 e seg.; Luc., X, 25 e seg.

<sup>5</sup> Mat., XXVIII, 19; Marc., XVI, 16, não representando palavras autênticas de Jesus. Comp. Atos, X, 47; I Cor., I, 17.

ao bem pela boa vontade das almas fracas, e se convenciam de poder conquistar o reino do céu dizendo-lhe: “*Rabi, rabi*”. Ele os repelia e proclamava que sua religião era fazer o bem<sup>6</sup>. Frequentemente citava a passagem de Isaías: “Este povo me honra com os lábios, mas seu coração está longe de mim”<sup>7</sup>.

O sabá era o ponto essencial sobre o qual se erguia o edifício de escrúpulos e sutilezas farisaicas. Essa antiga e excelente instituição tomou-se o pretexto para miseráveis disputas de casuístas e a origem de mil crenças supersticiosas<sup>8</sup>. Acreditava-se que a natureza o observava; todas as fontes intermitentes passaram por “sabáticas”<sup>9</sup>. Era exatamente o ponto em que Jesus tocava para desafiar seus adversários<sup>10</sup>. Ele violava abertamente o sabá e só respondia às censuras que lhe faziam com gracejos. Com maior razão rejeitava uma série de prescrições modernas que a tradição havia acrescentado à Lei, e que, por isso mesmo, eram as mais caras aos devotos. As abluções, as distinções sutis demais entre coisas puras e impuras não encontraram a piedade dele: “Podeis também”, lhes dizia ele, “lavar vossas almas? O homem se emporcalha não com o que come, mas com o que sai de seu coração”. Os fariseus, propagadores dessas momices, eram o alvo de todos os seus ataques. Ele os acusava de extrapolar a Lei, de inventar preceitos impossíveis, para propiciar aos homens a oportunidade de pecado: “Cegos guias de cegos”, dizia, “atentem para não cair no buraco”. “Raça de víboras”, acrescentava em segredo, “eles só falam do bem, mas, por dentro, são maus; desmentem o

---

<sup>6</sup> Mat., VII, 2 1; Luc., VI, 46.

<sup>7</sup> Mat., XV, 8; Marc., VII, 6. Cf. Isaías, XXIX, 13.

<sup>8</sup> Ver principalmente o tratado *Schabat* da Mischna, e o *Livro dos Jubileus* (traduzido do etíope nos *Jahrbücher* de Edvald, anos 2 e 3), C.L.

<sup>9</sup> Jos., *B.J.*, VII, V, 1; Plínio, *H.N.*, XXXI, 18. Cf. Thomson, *The Land and the Book*, I, 406 e seg.

<sup>10</sup> Mat., XII, 1-14; Marc., II, 23-28; Luc., VI, 1-5; XIII, 14 e seg.; XIV, 1 e seg.

provérbio: ‘A boca só derrama o que está transbordando no coração’<sup>11</sup>.

Ele não conhecia suficientemente os gentios para pensar em estabelecer algo de sólido sobre sua conversão. Havia um grande número de pagãos na Galiléia mas, ao que parece, não havia um culto de falsos deuses público e organizado<sup>12</sup>. Jesus assistiu ao desdobramento desse culto, com todo o seu esplendor, nas regiões de Tiro e Sidônia, em Cesaréia de Filipe e na Decápolis<sup>13</sup>. Ele deu pouca atenção a isso. Nunca se encontra nele esse pedantismo cansativo dos judeus de seu tempo, essas declamações contra a idolatria, tão familiares aos seus correligionários desde Alexandre, e que aparecem fartamente, por exemplo, no Livro da Sabedoria<sup>14</sup>. O que choca nos pagãos não é sua idolatria, mas seu servilismo<sup>15</sup>. O jovem democrata judeu — nisso irmão de Judas, o Gaulonita — admitindo unicamente Deus como mestre, estava muito magoado com as honras com que rodeavam a pessoa dos soberanos e com os títulos mentirosos que lhes davam. Fora isso, na maioria dos casos em que ele encontra pagãos, demonstra grande indulgência para com estes. Às vezes simula depositar mais esperanças neles do que nos judeus<sup>16</sup>. O reino de Deus lhes será transferido. “Quando um proprietário não está contente com aqueles a quem

---

<sup>11</sup> Mat., XII, 34; XV, 1 e seg., 12 e seg.; XXIII inteiro; Marc., VII, 1 e seg., 15 e seg.; Luc., VII, 45; XI, 39 e seg.

<sup>12</sup> Creio que os pagãos da Galiléia se situaram principalmente nas fronteiras, em Kadés, por exemplo, mas que o coração da região propriamente dito, exceto a cidade de Tiberíades, era completamente judeu. A linha na qual terminaram as ruínas de templos e onde começavam as ruínas de sinagogas está hoje nitidamente marcada à altura do lago Huleh (Samachonifis). Os vestígios da escultura pagã que se pensou ter encontrado em Tell-Hum são duvidosos. A costa, particularmente a cidade de Acre, não fazia parte da Galiléia.

<sup>13</sup> Ver o final do cap. 8

<sup>14</sup> Cap. XIII e seg.

<sup>15</sup> Mat., XX, 25; Marc., X, 42; Luc., XXII, 25.

<sup>16</sup> Mat., VIII, 5 e seg.; XV, 22 e seg.; Marc., VII, 25 e seg.; Luc., IV, 25 e seg.



arrendou sua vinha, o que ele faz? Ele a arrenda a outros, que lhe tragam bons frutos”<sup>17</sup>. Jesus devia insistir muito mais nessa idéia de que a conversão dos gentios era, segundo as idéias judaicas, um dos sinais mais certos da vinda do Messias<sup>18</sup>. No seu reino de Deus, é preciso assentar, no banquete, ao lado de Abraão, de Isaae e de Jacó, homens vindos dos quatro ventos do céu, ao passo que os herdeiros legítimos do reino são rejeitados<sup>19</sup>. Muitas vezes, é verdade, quer parecer nas ordens que ele dá aos seus discípulos uma tendência exatamente contrária: parece que lhes recomenda que preguem a salvação apenas dos judeus ortodoxos<sup>20</sup>. Ele fala dos pagãos de uma maneira conforme aos preconceitos dos judeus<sup>21</sup>. Mas é preciso lembrar que os discípulos, cujo espírito estreito não aleanfava essa alta indiferença pela qualidade dos filhos de Abraão, bem podem ter condicionado suas próprias idéias às instruções de seu mestre<sup>22</sup>. Por outro lado, é bem possível que Jesus tenha feito variações sobre esse tema, da mesma forma que Maomé fala dos judeus, no Corão, ora do modo mais honroso, ora com extremo rigor, segundo espera atraí-los ou não para ele. A tradição, de fato, atribui a Jesus duas regras de proselitismo completamente opostas, e que ele pode praticar alternadamente: “Aquele que não é contra vós está do vosso lado”; “Aquele que não está comigo está contra mim”<sup>23</sup>. Uma luta apaixonada acarreta quase necessariamente essas espécies de contradições.

---

<sup>17</sup> Mat., XXI, 41; Marc., XII, 9; Luc., XX, 16.

<sup>18</sup> Is., II, 2 e seg.; LX; Amós, IX, 11 e seg.; Jerem., III, 17; Malaq., I, 11; Tobias, XIII, 19 e seg.; *Orac. Sibyl.*, III, 715 e seg. Com. Mat. XXIV, 14; Atos, XV, 15 e seg.

<sup>19</sup> Mat., VIII 11-12; XXI, 33 e seg.; XXII, 1 e seg.

<sup>20</sup> *Ibid.*, VII, 6; X, 5-6; XV, 24; XXI, 43.

<sup>21</sup> Mat., V, 46 e seg.; VI, 7, 32; XVII, 17; Luc., VI, 32 e seg.; XII, 30.

<sup>22</sup> O que leva a acreditar nisso é que as palavras provavelmente bem autênticas de Jesus, os *Logia* de Mateus, têm um caráter de moral universal, e não refletem em nada o devoto judeu.

<sup>23</sup> Mat., XII, 30; Marc., IX, 39; Luc., IX, 50; XI, 23.

O que é certo, é que ele contara entre seus discípulos com varias pessoas que os judeus chamavam de “helenos”<sup>24</sup>. Esse termo tinha, na Palestina, acepções bem variadas. Ora designava pagãos, ora judeus que falavam o grego e moravam entre os pagãos<sup>25</sup>, ora pessoas de origem pagã convertidas ao judaísmo<sup>26</sup>. É provavelmente entre essa última categoria de helenos que Jesus encontrava simpatizantes<sup>27</sup>. A filiação ao judaísmo comportava vários graus: mas os prosélitos permaneciam sempre num estado de inferioridade em relação ao judeu de nascimento. Aquedes, no caso, são chamados de “prosélitos da porta”, ou “pessoas tementes a Deus”, e sujeitos aos preceitos de Noé, não aos preceitos mosaicos<sup>28</sup>. Era justamente «sa inferioridade, sem dúvida, a causa que os aproximava de Jesus e os favorecia.

Ele fazia o mesmo com os samaritanos. Apertada, como uma ilhota, entre as duas grandes províncias do judaísmo (a Judéia e a Galiléia), a Samaria formava, na Palestina, uma espécie de território encravado, onde se conservava o culto de Garizim, irmão e rival do de Jerusalém. Essa pobre seita, que não tinha o espírito nem a sábia organização do judaísmo propriamente dito, era tratada pelos hierosolimitas com um rigor extremo<sup>29</sup>. Ela era situada no mesmo nível dos pagãos, com um grau de ódio a mais<sup>30</sup>. Jesus, numa espécie de opo-

---

<sup>24</sup> Josefo o diz formalmente (*Ant.*, XVIII, III, 3), e não há razão para supor aqui uma alteração em seu texto. *Comp. João*, VII, 35; XII, 20-21.

<sup>25</sup> *Talm. de Jerus.*, *Sota*, VII, 1.

<sup>26</sup> Ver, em particular, *João*, VII, 35; XII, 20; *Atos*, XIV, 4; XVIII, 4; XXI, 28.

<sup>27</sup> *João*, XII, 20; *Atos*, VIII, 27.

<sup>28</sup> *Mischna*, *Baba metsia*, IX, 12; *Talm. da Bab.*, *Sanh.*, 56 b; *Atos*, VIII, 27; X, 2, 22, 35; XIII, 16, 26, 43, 50; XVI, 14; XVII, 4, 17; XVIII, 7; *Gálat.*, II, 3; *Jos.*, *Ant.*, XIV, VII, 2; Lévy, *Epigr. Beiträge zur Gesch. der Juden*, p. 311 e seg.

<sup>29</sup> *Eclesiastes*, L, 27-28; *Jo*, VIII, 48; *Jos.*, *Ant.*, IX, XIV, 3; XI, VIII, 6; XII, V, 5; *Talm. de Jerus.*, *Aboda zara*, V, 4; *Pesachim*, I, 1.

<sup>30</sup> *Mat.*, X, 5; *Luc.*, XVII, 18. *Comp. Talm. da Bab.*, *Cholin*, 6 a.

sição, simpatizava com ela. Muitas vezes ele prefere os samaritanos aos judeus ortodoxos. Se, em outros casos, parece proibir seus discípulos de ir pregar a eles, reservando seu Evangelho para os israelitas puros<sup>31</sup>, é o caso, sem dúvida, de mais um preceito de circunstância, ao qual os apóstolos deram um sentido por demais absoluto. De fato, os samaritanos o receberam mal, porque o supunham imbuído dos pconceitos de seus correligionários<sup>32</sup>; da mesma forma que, hoje em dia, o europeu livre-pensador é visto como inimigo pelo muçulmano, que o toma por um cristão fanático. Jesus sabia se pôr acima desses mal-entendidos<sup>33</sup>. Ao que parece, ele teve vários discípulos em Siquém, onde passou pelo menos dois dias<sup>34</sup>. Em certa ocasião, ele só encontrou gratidão e verdadeira piedade num samaritano<sup>35</sup>. Uma de suas mais belas parábolas é a do homem ferido, na estrada de Jericó. Um padre passa, o vê e continua seu caminho. Um levita passa e não pára. Um samaritano tem pena dele, se aproxima, passa óleo nas feridas e as enfaixa<sup>36</sup>. Jesus conclui daí que a verdadeira fraternidade se estabelece entre os homens pela caridade, e não pela fé religiosa. O “próximo”, que no judaísmo era sobretudo o correligionário<sup>37</sup>, é, para ele, o homem que tem piedade de seu semelhante, sem distinção de seita. A fraternidade humana em seu sentido mais amplo exalava, em grandes quantidades, de todos os seus ensinamentos.

---

<sup>31</sup> Mat., X, 5-6.

<sup>32</sup> Luc., IX, 53.

<sup>33</sup> *Ibid.*, IX, 56.

<sup>34</sup> João, IV, 39-43. O que deixa pairar alguma dúvida sobre tudo isso é que Lucas e o autor do quarto Evangelho, ambos anfijudaizantes e sempre tentando mostrar que Jesus foi favorável aos pagãos, são os únicos a falar desses encontros de Jesus com os samaritanos, e estão em contradição, neste ponto, com Mateus (X,5).

<sup>35</sup> Luc., XVII, 16 e seg.

<sup>36</sup> *Ibid.*, X, 30e seg.

<sup>37</sup> A passagem Levít., X, 18, 33 e seg. é de um sentimento bem mais amplo; mas o círculo da fraternidade judaica estava cada vez mais restrito.

Esses pensamentos, que assediavam Jesus à sua saída de Jerusalém, encontraram sua viva expressão numa anedota que foi conservada em sua volta<sup>38</sup>. A estrada de Jerusalém, na Galiléia, passa a uma meia hora de Siquém<sup>39</sup>, diante do vale dominado pelos montes Ebal e Garizim. Essa estrada era em geral, evitada pelos peregrinos judeus, que preferiam, em suas viagens, fazer um longo desvio pela Peréia a se expor às afrontas dos samaritanos, ou pedir-lhes alguma coisa. Era proibido comer e beber com eles<sup>40</sup>; era um dito de certos casufistas que “um pedaço de pão dos samaritanos é carne de porco”<sup>41</sup>. Quando tomavam essa estrada, faziam provisões com antecedência; ainda assim raramente evitavam as rixas e os maus-tratos<sup>42</sup>. Jesus não partilhava desses escrúpulos nem desses receios. Chegando na estrada, na altura em que se abre, à esquerda, o vale de Siquém, ele estava cansado e parou perto de um poço. Os samaritanos tinham, e ainda tem, o hábito de dar a todos os lugares de seu vale nomes tirados de lembranças patriarcais; eles chamaram esse poço “o poço de Jacó”; era provavelmente o mesmo que ainda hoje se chama *Bir Iakub*. Os discípulos entraram no vale e foram à cidade comprar mantimentos; Jesus se sentou na borda do poço, de frente para o Garizim.

Era perto de meio-dia. Uma mulher de Siquém ia buscar água. Jesus lhe pediu para beber, o que causou nessa mulher grande espanto, já que os judeus eram proibidos de qualquer relação com os samaritanos. Conquistada pela conversação de Jesus, a mulher reconheceu nele um profeta e, esperando censuras contra seu culto, ela tomou a dianteira: “Senhor”, disse ela, “nossos pais adoraram sobre essa montanha, ao

---

<sup>38</sup> João, IV, 4 e seg.

<sup>39</sup> Hoje Naplusa.

<sup>40</sup> Luc., IX, 53; João, IV, 9.

<sup>41</sup> Mischna, *Schebiit*, VIII, 10, repetido em outro lugar no Talmude.

<sup>42</sup> Jos., *Ant.*, XX, V, 1; *B.J.*, II, XII, 3; *Vita*, 52.

passo que vós dizeis que é em Jerusalém que se deve adorar”. “Mulher, acredita em mim”, respondeu-lhe Jesus, “virá um momento em que não se adorará nem sobre essa montanha nem em Jerusalém, mas em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade”<sup>43</sup>.

No dia em que ele pronunciou essa frase, foi realmente filho de Deus. Disse pela primeira vez a palavra sobre a qual se assentará o edifício da religião eterna. Ele fundou o culto puro, sem tempo, sem pátria, o que todas as almas elevadas praticarão até o final dos tempos. Nesse dia, sua religião não foi somente a boa religião da humanidade: foi a religião absoluta; e se outros planetas têm habitantes dotados de razão e de moralidade, sua religião não pode ser diferente da que Jesus proclamou perto do poço de Jacó. O homem não pôde mantê-la, pois só se atinge o ideal por um momento. A palavra de Jesus foi como um relâmpago numa noite escura; foram precisos mil e oitocentos anos para que os olhos da humanidade (que digo! — de uma porção infinitamente pequena da humanidade) se habituassem a ela. Mas o relâmpago se transformará em dia claro e, após ter percorrido todos os círculos de erros, a humanidade voltará a essa palavra, como a expressão imortal de sua fé e de suas esperanças.

---

<sup>43</sup> João, IV, 21-23. Não se deve insistir demais sobre a realidade histórica de tal conversa, já que só Jesus ou sua interlocutora poderiam contá-la. Mas a anedota do capítulo IV de João representa com certeza um dos pensamentos mais íntimos de Jesus, e a maioria das circunstâncias do relato tem um tocante fundo de verdade. O versículo 22, que exprime um pensamento contrário ao dos versículos 21 e 23, parece uma desajeitada adição do evangelista, assustado com a audácia da palavra que ele narra. Essa circunstância, aliada à fragilidade de todo o resto do trecho, contribui ainda mais a pensar que a palavra dos versículos 21 e 23 seja certamente de Jesus.

## CAPÍTULO 15

### **Começo da lenda de Jesus. Idéia que ele próprio tem de seu papel sobrenatural**

Jesus volta à Galiléia com sua fé no judaísmo completamente perdida e em pleno ardor revolucionário. Suas ideias agora são expressas com perfeita nitidez. Os inocentes aforismos de sua primeira fase profética, em parte emprestados dos rabinos anteriores, as belas pregações morais de seu segundo período, atingem uma política decidida. A Lei será abolida; é ele que a abolirá<sup>1</sup>. O Messias veio; é ele o Messias<sup>2</sup>. O reino de Deus logo irá se revelar; é por intermédio de Jesus que ele se revelará. Ele tem consciência de que será vítima de sua ousadia; mas o reino de Deus não pode ser conquistado sem violência. É

---

<sup>1</sup> As hesitações dos discípulos imediatos de Jesus, dos quais uma fração considerável permaneceu atrelada ao judaísmo, levantam graves dificuldades contra essa interpretação. Mas o procedimento de Jesus não deixa margem a nenhuma dúvida. Veremos que ele é tratado pelo Sanedrim como “sedutor”. O Talmude acha que o desencadeado contra ele seja um exemplo a ser seguido contra os “sedutores”, que tentam derrubar a lei de Moisés (Talm. de Jerus., *Sanedrim*, XIV, 16; Talm. da Bab., *Sanedrim*, 43 a 67 a). Comp. Atos, VI, 13-14.

<sup>2</sup> Nota-se bem o progresso das afirmações de Jesus a esse respeito, se se compara com Mat., XVI, 13 e seg.; Marc., I, 24, 25, 34; VIII, 27 e seg.; XIV, 61; Luc., IX, 18 e seg.

por meio de crises e dilacerações que ele deve se estabelecer<sup>3</sup>. O Filho do Homem, após sua morte, virá com glória, acompanhado de legiões de anjos, e os que o repeliram serão confundidos.

A audácia de tal concepção não deve nos surpreender. Havia muito tempo Jesus se considerava em relação a Deus como um filho a seu pai. O que em outros seria orgulho insuportável, nele não deve ser motivo de muita atenção.

O título de “filho de Davi” foi o primeiro que ele aceitou<sup>4</sup>, provavelmente sem se envolver nas fraudes inocentes com as quais se procurou assegurar-lho. A família de Davi estava, ao que parece, extinta havia muito tempo<sup>5</sup>. Nem os Asmoneus, de origem sacerdotal, nem Herodes, nem os romanos imaginam nem por um momento que exista à volta deles algum representante dos direitos da antiga dinastia. Mas, desde o fim dos Asmoneus, o sonho de um descendente desconhecido dos antigos reis, que vingaria de seus inimigos a nação, fermentava em todas as cabeças. A crença universal era de que o Messias seria filho de Davi<sup>6</sup>, e nasceria, como ele, em Belém<sup>7</sup>. O primeiro sentimento de Jesus não era precisamente este. Seu reino celeste não tinha nada em comum com a lembrança

---

<sup>3</sup> Mat., XI, 12.

<sup>4</sup> Rom., I, 3; Apoc., V, 5; XXII, 16.

<sup>5</sup> É verdade que certos doutores, tais como Hillel, Gamaliel, são tidos como da raça de Davi. Mas essas afirmações são duvidosas. Cf. Talm. de Jer., Taanith, IV, 2. Se a família de Davi ainda formava um grupo distinto e tinha notoriedade, por que é que nunca a vemos figurar ao lado dos Sadoquitas, dos Boetusos, dos Asmoneus e dos Herodes, nas grandes lutas daquele tempo? Hegésipo e Eusébio, H.E., III, 19 e 20, apenas oferecem um eco da tradição cristã.

<sup>6</sup> Mat., XXII, 42; Marc., XII, 35; Luc., I, 32; Atos, II, 29 e seg.; IV Livro de Esdras, XII, 32 (nas versões siríaca, árabe, etíope e armênia). Ben David, no Talmude, designa frequentemente o Messias. Ver, por exemplo, Talm. da Bab., *Sanedrim*, 97 a.

<sup>7</sup> Mat., II, 5-6; João, VII, 41-42. Baseava-se, muito arbitrariamente, na apssagem, talvez alterada, de Miquéias, V, 1, Comp. O Targum de Jonathan. O texto hebreu trazia, provavelmente, *Beth-Ephrata*.

de Davi, que preocupava a maioria dos judeus. Seu reino e a libertação que ele projetava eram de uma natureza completamente diferente. Mas, nesse caso, a opinião predominante o afetou. A consequência imediata da proposição “Jesus é o Messias” era essa outra proposição: “Jesus é filho de Davi”. Ele consentiu num título sem o qual não poderia obter nenhum sucesso. Parece que acabou por se agradar com isso, pois fazia milagres de muito bom grado aos que pediam chamando-o dessa forma<sup>8</sup>. Nisso, como em várias outras circunstâncias de sua vida, Jesus cedeu às idéias que estavam em moda no seu tempo, embora elas não fossem precisamente as suas. Ele associava ao seu dogma do “reino de Deus” tudo o que excitava os corações e as imaginações. É por isso que o vimos adotar o batismo de João que, no entanto, não devia lhe importar muito.

Uma grave dificuldade se apresentava: era seu nascimento em Nazaré, um fato notório. Não se sabe se Jesus lutou contra essa objeção. Talvez ela não se apresentasse na Galiléia, onde a idéia de que o filho de Davi devia ser um belemita era menos difundida. Para o galileu idealista, aliás, o título de “filho de Davi” estava suficientemente justificado, se aquele a quem se conferia o título elevasse a glória de sua raça e resgatasse os bons tempos de Israel. Teria autorizado ele, com seu silêncio, as genealogias fictícias que seus partidários imaginaram para provar sua descendência real?<sup>9</sup> Teria sabido alguma coisa das lendas inventadas para fazê-lo nascer em Belém<sup>10</sup> e, em particular, do modo pelo qual ligaram sua origem ao recenseamento efetuado por ordem do núncio imperial Quirino?<sup>11</sup> Não se sabe. A inexatidão e as contradições das

---

<sup>8</sup> Mat., IX, 27; XII, 23; XV, 22; XX, 30-31; Marc., X, 47, 52; Luc., XVIII, 38.

<sup>9</sup> Mat., I, 1 e seg.; Luc., III, 23 e seg.

<sup>10</sup> De resto, é de notar que havia uma Belém a três ou quatro léguas de Nazaré. Josué, XIX, 15; mapa de Van de Velde.

<sup>11</sup> Mat., II, 1 e seg.; Luc., II, 1 e seg.



genealogias<sup>12</sup> levam a crer que elas foram resultado de trabalho popular que se fez em diversos postos, e que nenhuma delas foi confirmada por Jesus<sup>13</sup>. Ele nunca se autodenominou filho de Davi. Seus discípulos, bem menos esclarecidos do que ele, exageravam às vezes o que ele dizia de si, habitualmente não tinha conhecimento desses exageros. Acrescentamos que, durante os três primeiros séculos, frações consideráveis do cristianismo<sup>14</sup> negaram obstinadamente a descendência real de Jesus e a autenticidade das genealogias. Dessa forma, sua lenda foi o fruto de uma grande e espontânea conspiração e se construiu em volta dele enquanto vivo. Nenhum grande acontecimento da história se passou sem que desse motivo para um ciclo de fábulas. Jesus não pôde, mesmo querendo, interromper essas criações populares. Talvez um olhar sagaz teria sabido reconhecer desde então a origem dos relatos que deviam lhe atribuir um nascimento sobrenatural<sup>15</sup>, seja por causa dessa idéia, bastante difundida na Antiguidade, de que o homem fora do comum não pode ter nascido de relações comuns entre dois sexos, seja para responder a um capítulo mal entendido de Isaías<sup>16</sup>, onde se pensava ler que o

---

<sup>12</sup> As duas genealogias são inteiramente discordantes entre si e pouco conformes às listas do Antigo Testamento. O relato de Lucas sobre o recenseamento de Quirino implica um anacronismo. Ver anteriormente, cap. 2, nota 4. De resto, natural que a lenda tenha se apoderado dessa circunstância. Os recenseamentos marcavam muito os judeus, transtornavam suas idéias estreitas, e ficavam em suas memórias por muito tempo. Cf. Atos, V, 37.

<sup>13</sup> Júlio Africano (em Eusébio, *H.E.*, I, 7) supõe que foram os parentes de Jesus, que se refugiaram na Batanéia, que tentaram recompor as genealogias.

<sup>14</sup> Os *ébonim*, os “hebreus”, os “nazarenos”, Taciano, Marcião, Cf. Epif., *Adv. haer.*, XXIX, 9; XXX, 3, 14; XLVI, 1; Teodoro, *Haeret. fab.*, I, 20; Isidoro de Pelúcio, *Epíst.*, I, 371, a Pansóbio.

<sup>15</sup> Mat., I, 18 e seg.; Luc., I, 26 e seg. Certamente não foi, no século I, um dogma universal, já que Jesus é chamado sem reservas “filho de José”, e que as duas genealogias destinadas a ligá-lo à linha de Davi são genealogias de José Comp. Gál., IV, 4; Rom., I, 3.

<sup>16</sup> Is., VII, 14. Comp. Mat., I, 22-23.

Messias nasceria de uma virgem, seja, enfim, em consequência da ideia de que o “sopro de Deus”, instituído em substância divina, é um princípio de fecundidade<sup>17</sup>. Talvez já corresse sobre a infância de Jesus mais de uma anedota concebida com vista a mostrar em sua biografia o cumprimento do ideal messiânico<sup>18</sup> ou, melhor dizendo, as profecias que a exegese alegórica remetia ao Messias. Uma idéia geralmente admitida era a de que o Messias seria anunciado por uma estrela<sup>19</sup>, que mensageiros de povos distantes viriam, quando de seu nascimento, render-lhe homenagem e trazer-lhe presentes<sup>20</sup>. Supôs-se que o oráculo tivesse sido confirmado pelos pretensos astrólogos caldeus que teriam vindo por essa época a Jerusalém<sup>21</sup>. De outras vezes, lhe criavam, desde o berço, relações com homens célebres: João Batista, Herodes, o Grande, dois anciãos, Simeão e Ana, que deixaram recordações de alta santidade<sup>22</sup>. Uma cronologia bastante frouxa presidia essas combinações, fundadas, em sua maioria, em fatos reais adulterados<sup>23</sup>. Mas um incomum espírito de doçura e bondade e um sentimento profundamente popular permeavam todas essas fábulas e faziam delas um suplemento da pregação<sup>24</sup>. Foi principalmente após a morte de Jesus que tais relatos tiveram grande

---

<sup>17</sup> Gênesis, 1, 2. Para a idéia análoga entre os egípcios, ver Heródoto, III, 28; Mela, I, 9; Plutarco, *Quoest. symp.*, VIII, 1, 3; *De Isid. et Osir.*, 43; *Mariette, mém. sur la mère d'Apis*. (Paris, 1856).

<sup>18</sup> Mat., I, 15, 23; Is., VII, 14 e seg.

<sup>19</sup> *Testam. dos doze patr.*, Levi, 18. O nome *Barkohab* supõe essa crença. Talm. de Jerus., Taanith, IV, 8. Apoava-se em Números, XXVII, 17.

<sup>20</sup> Is., LX, 3; Salmo LXXII, 10.

<sup>21</sup> Mat., II, 1 e seg.

<sup>22</sup> Luc., II, 25 e seg. (fraca autoridade)

<sup>23</sup> Assim a lenda do massacre dos inocentes se relaciona provavelmente a alguma crueldade exercida por Herodes pelos lados de Belém. Comp. Jos., *Ant.*, XIV, IX, 4; *B.J.*, I, XXXIII, 6.

<sup>24</sup> Mat., I e II; Luc., I e II; São Justino, *Dial. cum. Tryph.*, 78, 106; *Protoevang. de Tiago (apócr.)*, 18 e seg.

desenvolvimento; contudo, pode-se acreditar que eles já circulavam enquanto ainda era vivo, encontrando apenas uma credulidade pia e uma ingênua admiração.

Que jamais Jesus tenha pensado em se fazer passar por uma encarnação do próprio Deus, é uma coisa que não se pode duvidar. Tal idéia era profundamente estranha ao espírito do Judaísmo; não há nenhum vestígio dela nos Evangelhos sinóticos<sup>25</sup>, só a encontramos indicada nas partes do quarto Evangelho que menos podem ser aceitas como um eco do pensamento de Jesus. Às vezes parece que Jesus toma precauções para repelir tal doutrina<sup>26</sup>. A acusação de passar por Deus, ou igual a Deus, é apresentada, mesmo no quarto Evangelho, como uma calúnia dos judeus<sup>27</sup>. Nesse último Evangelho, Jesus se declara menor que seu Pai<sup>28</sup>. Em outro lugar, confessa que o Pai não lhe revelou tudo<sup>29</sup>. Ele se toma por um homem além do comum, mas separado de Deus por uma distância infinita. Ele é filho de Deus; mas todos os homens o são ou podem tornar-se em diversos níveis<sup>30</sup>. Todos, a cada dia, devem chamar a Deus seu pai; todos os ressuscitados serão filhos de Deus<sup>31</sup>. No Antigo Testamento a filiação divina era atribuída a seres que não se pretendia, de forma alguma, igualar a Deus<sup>32</sup>. A palavra “filho”, nas línguas semíticas e na

---

<sup>25</sup>Certas passagens, como Atos, II, 22, a excluem formalmente.

<sup>26</sup>Mat., IV, 10; VII, 21, 22; XIX, 17; Marc. I, 44; III, 12; X, 17, 18; Luc., XVIII, 19.

<sup>27</sup>João, V, 18 e seg.; X, 33 e seg.

<sup>28</sup>João, XIV, 28.

<sup>29</sup>Marc., XIII, 35.

<sup>30</sup>Mat., V, 9, 45; Luc., III, 38; VI, 35; XX, 36; João, I, 12-13; X, 34-35, Comp. Atos, XVII, 28-29; Rom., VII, 14-17, 19, 21, 23; IX, 26; II Cor., VI, 18; Gálat., III, 26; IV, 1 e seg.; Fíl., II, 15; epístola de Barnabé, 14 (p. 10, Hilgenfeld, segundo o *Codex Sinaiticus*) e, no Antigo Testamento, Deuter., XIV, 1 e sobretudo Sabedoria, II, 13, 18.

<sup>31</sup>Luc., XX, 36.

<sup>32</sup>Gên., VI, 2; Jó, I, 6; II, 1; XXVIII, 7; Salmo II, 7; LXXXII, 6; VII, 14.

língua do Novo Testamento, tem as mais variadas acepções<sup>33</sup>. Além disso, a idéia que Jesus faz do homem não é essa idéia humilde que um frio deísmo introduziu. Em sua poética concepção da natureza, um único sopro permeia o universo: o sopro do homem é o de Deus. Habitando no homem, Deus vive pelo homem, assim como o homem que habita em Deus vive por Deus<sup>34</sup>. O idealismo transcendente de Jesus nunca lhe permitiu ter uma visão clara de sua própria personalidade. Ele é seu pai, seu Pai é ele. Ele vive em seus discípulos, está em toda parte com eles<sup>35</sup>; seus discípulos são um, como ele e seu Pai são um<sup>36</sup>. A idéia, para ele, é tudo; o corpo, que faz a distinção das pessoas, não é nada.

O título de “Filho de Deus”, ou simplesmente “Filho”<sup>37</sup>, aparece para Jesus, desse modo, como um título análogo a “Filho do Homem” e, como este, sinônimo de “Messias”, com a única diferença que ele se autodenominava “Filho do Homem” e que parece não ter feito o mesmo uso da expressão “Filho de Deus”<sup>38</sup>. O título de Filho do Homem exprimia sua

---

<sup>33</sup> O filho do diabo (Mar., XIII, 38; Aros, XIII, 10); os filhos deste mundo (Marc., III, 17; Luc., XVI, 8; XX, 34); os filhos da luz (Luc., XVI, 8; João, XII, 36); os filhos da ressurreição (Luc., XX, 36); os filhos do reino (Mat., VIII, 12; XIII, 38); os filhos do esposo (Mat., IX, 15; Marc., II, 19; Luc., V, 34); os filhos da geena (Mat., XXIII, 15); os filhos da paz (Luc., X, 6), etc. Lembremos que o Júpiter do paganismo é *pater andron te theon te*.

<sup>34</sup> Comp. Atos, XVII, 28.

<sup>35</sup> Mat., XVIII, 20; XXVIII, 20.

<sup>36</sup> João, X, 30; XVII, 21. Ver, em geral, os últimos discursos relatados pelo quarto Evangelho, principalmente o cap. XVII, que exprimem bem um lado do estado psicológico de Jesus, embora não se possa encará-los como verdadeiros documentos históricos.

<sup>37</sup> As passagens que confirmam isso são muito numerosas para serem citadas aqui.

<sup>38</sup> Apenas no quarto Evangelho Jesus emprega a expressão “Filho de Deus” ou “Filho” como sinônimo do pronome *eu*. Mat., XI, 27; XXVIII, 19; Marc., XIII, 32; Luc., X, 22, apresentam apenas empregos indiretos. Além disso, Mateus, XI, 27, e Lucas, X, 22 representam no sistema sinótico uma tardia intercalação, concordando com o tipo dos discursos joaninos.

qualidade de juiz; o de Filho de Deus, sua participação nos desígnios supremos e o seu poder. Esse poder não tem limites. Seu Pai lhe deu todo o poder. Ele tem o direito de modificar até o sabá<sup>39</sup>. Ninguém conhece o Pai, a não ser por meio dele<sup>40</sup>. O Pai lhe transmitiu o direito de julgar<sup>41</sup>. A natureza lhe obedece; mas ele também obedece a quem quer que creia e ore; a fé tudo pode<sup>42</sup>. É preciso se lembrar de que, nem em seu espírito nem no dos seus ouvintes, nenhuma idéia das leis da natureza aparecia como limite intransponível. As testemunhas de seus milagres agradecem a Deus “por ter dado tais poderes aos homens”<sup>43</sup>. Ele remove os pecados<sup>44</sup>; ele é superior a Davi, a Abraão, a Salomão, aos profetas<sup>45</sup>. Não sabemos sob que forma e em que medida eram produzidas essas afirmações. Jesus não deve ser julgado sob as regras de nossas mesquinhas conveniências. A admiração de seus discípulos o preenchia e o arrebatava. É evidente que o título de rabi, com o qual ele se contentara inicialmente, não lhe bastava mais; o próprio título de profeta ou de enviado de Deus não mais correspondia ao seu pensamento. A posição que ele se atribuía era a de um ser sobre-humano, e ele queda ser visto como alguém que tinha com Deus um contato mais elevado que o dos outros homens. Mas é preciso notar que esses termos “sobre-humano” e “sobrenatural”, tirados de nossa teologia mesquinha, não tinham sentido na alta consciência religiosa de Jesus. Para ele, a natureza e o desenvolvimento da humanidade não eram reinos limitados fora de Deus, raquíticas

---

<sup>39</sup> Mat., XII, 8; Lucas, VI, 5.

<sup>40</sup> Mat., XI, 27; XXVIII, 18; Luc., X, 22.

<sup>41</sup> João, V, 22.

<sup>42</sup> Mat., XVII, 18-19; Luc., XVII, 6.

<sup>43</sup> Mat., IX, 8.

<sup>44</sup> Mat., IX, 2 e seg.; Marc., II, 5 e seg.; Luc., V, 20; VII, 47-48.

<sup>45</sup> Mat., XII, 41-42; XXII, 43 e seg.; Marc., XII, 6; João, VIII, 25 e seg.

realidades, sujeitas a leis de um rigor desesperante. Para ele não havia sobrenatural, pois não havia natureza. Embriagado de amor infinito, ele se esquecia da pesada corrente que prende o espírito cativo. Atravessava de um salto o abismo, intransponível para a maioria, que a mediocridade das faculdades humanas traça entre o homem e Deus.

Não se poderia desconhecer nessas afirmações de Jesus o germe da doutrina que devia, mais tarde, fazer dele uma subsfincia divina<sup>46</sup>, identificando-o com o Verbo, ou “Deus segundo”<sup>47</sup>, ou primogênito de Deus<sup>48</sup>, ou Anjo Metátrono<sup>49</sup>, que a teologia judaica, por outro lado, criava<sup>50</sup>. Uma espécie de necessidade levava essa teologia, para corrigir o extremo rigor do velho monoteísmo, a pôr perto de Deus um assessor, ao qual o Pai supostamente teria delegado o governo do universo. A crença de que certos homens são encarnações de faculdades ou de “poderes” divinos começava a se espalhar; os samarianos possuíam, à mesma época, um taumaturgo que se iden-

---

<sup>46</sup> Ver principalmente João, XIV e seg.

<sup>47</sup> Fílon, citado em Eusébio, *Proep. evang.*, VII, 13.

<sup>48</sup> Fílon, *De migr. Abraham*, §1; *Quod Deus immut.*, § 6; *De confus. ling.*, §§ 14 e 28; *De profugis*, § 20; *De somniis*, I, § 37; *De agric. Noë*, § 12; *Quis refuto divin. haeres*, § 25 e seg.; 48 e seg., etc.

<sup>49</sup> Metátrono quer dizer que participa do trono de Deus; espécie de secretário divino, sendo responsável pelo registro dos méritos e deméritos; *Bereschith rabba*, V, 6 c; Talm. da Bab., *Sanedr.*, 38 b; *Chagiga*, 15 a; Targum de Jonathan, *Gen.*, V, 24.

<sup>50</sup> Essa teoria do *Lógos* não contém elementos gregos. As comparações feitas com o *Honover* dos parses também não têm fundamento. O *Minokhired* ou “inteligência divina” tem bastante analogia com o *Lógos* judeu (Ver os fragmentos do livro intitulado *Minokhired* em Spiegel, *Parsi-Grammatik*, p. 161-162). Mas o desenvolvimento que a doutrina do *Minokhired* tomou entre os parses é moderno e pode implicar uma influencia estrangeira. A “inteligência divina” (*Mainyu-Khrat*) figura nos livros zendes, mas ela não serve de base para uma teoria; entra somente em algumas invocações. As comparações tentadas entre a teoria dos judeus e dos cristãos sobre o Verbo e certos pontos da teologia egípcia podem ter algum valor, mas não bastam para provar que a referida teoria tenha vindo do Egito.

tificava com “a grande virtude de Deus”<sup>51</sup>. Havia quase séculos que os espíritos especulativos do judaísmo se deixavam levar pela tendência de criar pessoas distintas com atributos divinos ou certas expressões que remetiam à divindade. Assim é que o “Sopro de Deus”, do qual se trata frequentemente no Antigo Testamento, é considerado como um ser à parte, o “Espírito Santo”. Da mesma forma, a “Sabedoria de Deus”, a “Palavra de Deus” tornam-se pessoas existentes por si próprias. Era o germe do processo que engendrou os sefiotes da cabala, os eões do gnosticismo, as hipostases cristãs, toda essa mitologia seca, consistindo de abstrações personificadas, às quais o monoteísmo é obrigado a recorrer quando quer introduzir a multiplicidade em Deus.

Parece que Jesus se manteve alheio aos refinamentos da teologia, que logo deviam encher o mundo de disputas estéreis. A teoria metafísica do Verbo, tal como é encontrada nos escritos de seu contemporâneo Fílon, nos targuns caldeus, e já no Livro da Sabedoria<sup>52</sup>, não se deixa entrever nem nos *Logia* de Mateus nem em geral nos sinóticos intérpretes tão autênticos das palavras de Jesus. Com efeito, a doutrina do Verbo nada tinha em comum com o messianismo. O Verbo de Fílon e dos targuns não é absolutamente o Messias. Só mais tarde é que se identificou Jesus com Verbo, e que se criou, partindo desse princípio, toda uma nova teologia, completamente diferente da do reino de Deus<sup>53</sup>. O papel essencial do Verbo é o de criador e de providência; ora, Jesus nunca pretendeu ter criado o mundo, nem governá-lo. Seu papel será julgá-lo, renová-lo. A qualidade de presidente do júizo

---

<sup>51</sup> Atos, VIII, 10.

<sup>52</sup> Sab. IX, 1-2; XVI, 12. Comp. VII, 12; VIII, 5 e seg.; IX, e em geral, IX-XI. Essas prosopopéias da Sabedoria personificada são encontradas até em livros mais antigos. Prov., VIII, IX; Jó, XXVIII.

<sup>53</sup> Apoc., XIX, 13; João, I, 1-14. De resto, pode se notar que, mesmo no quarto Evangelho, a expressão “Verbo” não aparece fora do prólogo, e que o narrador nunca a põe na boca de Jesus.

final da humanidade, esse é o ministério que Jesus se atribui, o ofício que todos os primeiros cristãos lhe confiaram<sup>54</sup>. Até o grande dia, ele se senta à direita de Deus como seu *metátrono*, seu primeiro-ministro e seu futuro vingador<sup>55</sup>. O Cristo sobre-humano das absides bizantinas, sentado como um juiz do mundo, no meio dos apóstolos, análogos a ele e superiores aos anjos, que só assistem e servem, é a mais exata representação figurada dessa concepção de “Filho do Homem”, da qual encontramos os primeiros traços já fortemente indicados no livro de Daniel.

Em todo caso, o rigor de uma escolástica refletida não era absolutamente de um tal mundo. Todo o conjunto de idéias que acabamos de expor formava no espírito dos discípulos um sistema teológico tão aberto que o Filho de Deus, essa espécie de desdobramento da divindade, eles o fazem agir puramente como homem. Ele é tentado, ele ignora muitas coisas, ele se corrige, ele muda de opinião<sup>56</sup>; ele é abatido, desanimado; ele é submisso a Deus, como um filho<sup>57</sup>. Ele, que deve julgar o mundo, não sabe o dia do julgamento<sup>58</sup>. Ele toma precauções para sua segurança<sup>59</sup>. Pouco após seu nascimento, precisou-se fazê-lo desaparecer para evitar os homens poderosos que queriam matá-lo<sup>60</sup>. Nos exorcismos, o diabo o provoca e não foge ao primeiro golpe<sup>61</sup>. Em seus milagres,

---

<sup>54</sup> Atos, X, 42; Rom., II, 16; II Cor., V, 10.

<sup>55</sup> Mat., XXVI, 64; Marc., XVI, 19; Luc., XXII, 69; Atos, VII, 55; Rom, VIII, 34; Efés., I, 20; Coloss., III, 1; Hebr., I, 3, 13; VIII, 1; X, 12; XII, 2; 11 Epístola de São Pedro, Hl, 22. Ver as passagens já citadas sobre o papel do *metátrono* judeu.

<sup>56</sup> Mat., X, 5, comparado a XXVIII, 19; Marc., VII, 24, 27, 29.

<sup>57</sup> Mat., XXVI, 39 e seg.; Marc., XIV, 32 e seg.; Luc., XXII, 42 e seg.; João, XII, 27.

<sup>58</sup> Marc., XIII, 32. Como. Mat., XXIV, 36.

<sup>59</sup> Mat., XII, 14-16; XIV, 13; Marc., III, 6-7; IX, 29-30; João, VII, I e seg.

<sup>60</sup> Mat., II, 20.

<sup>61</sup> Mat., XVII, 20; Marc., IX, 25.



percebe-se um penoso esforço, um cansaço, como se alguma coisa saísse dele<sup>62</sup>. Tudo isso acontece simplesmente por ser ele um enviado de Deus, um homem protegido e favorecido por Deus<sup>63</sup>. Não se deve buscar lógica nem consequência nisso. A necessidade que Jesus tinha de ser acreditado e o entusiasmo de seus discípulos continham noções contraditórias. Para os messianistas da escola milenar, para os leitores obstinados dos livros de Daniel e Henoc, ele era o Filho do Homem; para os judeus da crença comum, para os leitores de Isaías e Miquéias, ele era Filho de Davi; para os adeptos, ele era o Filho de Deus, ou simplesmente o Filho. Outros, sem que os discípulos os censurassem, o tomavam por João Batista ressuscitado, por Elias, por Jeremias, segundo a crença popular de que os antigos profetas iriam se reanimar para preparar os tempos do Messias<sup>64</sup>.

Uma convicção absoluta ou, melhor dizendo, o entusiasmo, que o impedia até de duvidar, cobria todas as suas audácias. Nós compreendemos pouco, com nossa natureza fria e escrupulosa, uma tal maneira de ser possuído pela idéia da qual ele se fez apóstolo. Para nós, raças profundamente sérias, convicção significa sinceridade consigo mesmo. Mas a sinceridade consigo mesmo não tem muito sentido para os povos orientais, pouco habituados às delicadezas do espírito crítico. Boa-fé e impostura são palavras que, em nossa consciência rígida, se opõem inconciliavelmente. No Oriente, de uma a outra, existem mil saídas e desvios. Os autores de livros apócrifos (de “Daniel”, de “Henoc”, por exemplo), homens tão exaltados, cometiam pelas suas causas, e com toda certeza sem sombra de escrúpulo, um ato que chamaríamos de falso. A verdade material não é muito cara ao oriental. Ele vê tudo através de seus preconceitos, seus interesses, suas paixões.

---

<sup>62</sup> Luc., VIII, 45-46; João, XI, 33, 38.

<sup>63</sup> Atos, II, 22.

<sup>64</sup> Mat., XIV, 2; XVI, 14; XVII, 3 e seg.; Marc., VI, 14-15; VIII, 28; Luc., IX, 8 e seg., 19.

A história é impossível se não se admitir piamente que há várias medidas para a sinceridade. A única lei reconhecida pela fé é a do interesse naquilo em que ela vê como verdadeiro. Se o objetivo que ela persegue for absolutamente santo, ela não tem escrúpulo algum de invocar maus argumentos para sua tese, se os bons não forem convincentes. Se tal prova não é sólida, tantas outros o são!... Se tal prodígio não é real, tantos outros o foram!... Quantos homens, pois, convencidos da verdade de sua religião, procuraram triunfar sobre a obstinação dos homens por meios cuja fraqueza era visível. Quantos estigmatizados, convulsionários, possessos de convento, foram levados pela influência do mundo em que viviam e por sua própria crença em atos fingidos, seja para não ficar abaixo dos outros, seja para sustentar a causa em perigo! Todas as grandes coisas são feitas pelo povo; ora, não se conduz um povo a menos que se atente para suas idéias. O filósofo que, sabendo disso, se isola e se retrai em sua nobreza é altamente louvável. Mas o que toma a humanidade com suas ilusões, e busca agir sobre ela e com ela, não poderia ser censurado. César sabia muito bem que não era filho de Vênus; a França não seria o que é se não tivesse acreditado durante mil anos na ampola santa de Reims. Para nós, impotentes que somos, é fácil chamar a isso de mentira e, orgulhosos de nossa tímida honestidade, maltratar os heróis que, em outras condições, aceitaram a luta da vida. Quando tivermos feito com nossos escrúpulos o que eles fizeram com suas mentiras, teremos o direito de ser severos com eles. Pelo menos é preciso distinguir profundamente as sociedades como a nossa, nas quais tudo se passa à luz da reflexão, das sociedades ingênuas e crédulas, em que nasceram as crenças que têm dominado os séculos. Não há grande fundação que não repouse sobre uma lenda. Em tal caso, o único culpado é a humanidade que quer ser enganada.

## CAPÍTULO 16

### Milagres

Unicamente dois meios de prova, os milagres e o cumprimento das profecias, segundo a opinião dos contemporâneos de Jesus, podiam estabelecer uma missão sobrenatural. Jesus e principalmente seus discípulos empregaram esses dois procedimentos de demonstração com uma perfeita boa fé. Havia muito tempo que Jesus estava convencido de que os profetas haviam escrito especialmente para ele. Ele se encontrava nos oráculos sagrados; imaginava ser o espelho em que o espírito profético de Israel leia o futuro. A escola cristã, talvez mesmo enquanto seu fundador era vivo, buscava provar que Jesus correspondia perfeitamente ao que os profetas predisseram do Messias<sup>1</sup>. Em muitos casos, essas aproximações eram somente exteriores e, para nós, são apenas penhoráveis.

Eram, na maioria das vezes, circunstâncias fortuitas ou insignificantes da vida do mestre, que lembravam aos discípulos certas passagens dos Salmos e dos profetas ou, em decorrência de sua constante preocupação, faziam imaginar sobre o que se passava diante de seus olhos<sup>2</sup>. Desse modo, a exegese da

---

<sup>1</sup> Por exemplo, Mat., I, 22; II, 5-6, 15, 18; IV, 15.

<sup>2</sup> Mat., I, 23; IV, 6, 14, XXVI, 31, 54, 56; XXVII, 9, 35; Marc., XIV, 27; XV, 28; João, 14-15; XVIII, 9; XIX, 19, 24, 28, 36.

época consistia quase que completamente num jogo de palavras, em citações conduzidas de forma artificial e arbitraria<sup>3</sup>. A sinagoga não tinha uma lista fixada oficialmente sobre passagens que remetiam ao reino futuro. As aplicações messiânicas eram livres, e se constituíam de artifícios de estilo em vez de uma séria argumentação.

Quanto aos milagres, eram tidos, à época, como a marca indispensável do divino e como sinal das vocações proféticas. As lendas de Elias e Eliseu estavam cheias desses sinais. Havia sido dito que o Messias os faria em grande quantidade<sup>4</sup>. A algumas léguas de Jesus, em Samaria, um mago chamado Simão se atribuía um papel quase divino, por causa de seus encantamentos<sup>5</sup>. Mais tarde, quando se quis fundar a era de Apolônio de Tiana e provar que sua vida tinha sido a viagem de um deus sobre a Terra, acreditou-se que isso só seria possível inventando um rasto ciclo de milagres para ele<sup>6</sup>. Os próprios filósofos alexandrinos, Plotino e os outros, parecem tê-lo feito<sup>7</sup>. Consequentemente, Jesus teve de escolher entre dois partidos, ou renunciar à sua missão ou tornar-se taumaturgo. É preciso lembrar que toda a Antiguidade, com exceção das grandes escolas científicas da Grécia e de seus adeptos romanos, admitia o milagre; que Jesus não só acreditava nele como não tinha a mínima idéia de uma ordem natural regida por leis. Seus conhecimentos sobre isso não eram absolutamente superiores aos de seus contemporâneos. Além do mais, uma de suas opiniões mais profundamente enraizadas era de que, com fé e oração, o homem tem completo poder sobre a natureza<sup>8</sup>. A faculdade de fazer milagres era

---

<sup>3</sup> É o que se nota a cada página do Talmude.

<sup>4</sup> João, VII, 34; IV Esdras, XIII, 50.

<sup>5</sup> Atos, VIII, 9 e seg.

<sup>6</sup> Ver sua biografia por Filóstrato.

<sup>7</sup> Ver as Vidas dos sofistas, por Eunápio; a Vida de Plotino, por Porfírio; a de Procluso, por Marino; a de Isidoro, atribuída a Damáscio.

<sup>8</sup> Mat., XVII, 19; XXI, 21-22; Marc., XI, 23-24.

considerada como uma licença regularmente distribuída por Deus para os homens<sup>9</sup>, e não havia nada que surpreendesse.

A diferença dos tempos mudou para algo de muito ofensivo a nós o que constituiu a força do grande fundador e, se o culto de Jesus um dia se enfraquecer na humanidade, será justamente por causa dos aros que fizeram acreditar nele. A crítica não cria nenhuma confusão diante dessas espécies de fenômenos históricos. Um taumaturgo de nossos dias, a menos que seja de uma ingenuidade extrema, como aconteceu àqueles que foram estigmatizados na Alemanha, é odioso, pois ele faz milagres sem acreditar neles; é um charlatão. Mas tomemos um Francisco de Assis e a questão muda completamente. O ciclo miraculoso do nascimento da Ordem de São Francisco, longe de nos chocar, causa verdadeiro prazer. Os fundadores do cristianismo viviam num estado de poética ignorância, pelo menos tão completa quanto Santa Clara e os *tres socii*. Eles achavam muito simples que seu mestre tivesse conversas com Moisés e Elias, comandasse os elementos e curasse os doentes. É preciso se lembrar de que, por outro lado, toda idéia perde algo de sua pureza a partir do momento em que ela deseja se realizar. Nunca se triunfa sem que a delicadeza da alma experimente alguns abalos. Tal é a fraqueza do espírito humano, que as melhores causas normalmente só são ganhas por más razões. As demonstrações dos primitivos apologistas do cristianismo repousam sobre argumentos muito fracos. Moisés, Cristóvão Colombo, Maomé só ultrapassaram os obstáculos levando em conta, dia após dia, a fraqueza dos homens, ocultando algumas vezes os verdadeiros motivos da verdade. É provável que os que cercavam Jesus se impressionassem mais com seus milagres que com suas pregações, tão profundamente divinas. Acrescentamos que, sem dúvida, a voz popular, antes e depois da morte de Jesus, exagerou demasiadamente o número de feitos desse gênero. De fato, os tipos de milagre

---

<sup>9</sup> Mat., IX, 8.

evangélicos não oferecem muita variedade; eles se repetem alternadamente e parecem calcados num pequeno número de modelos, adaptados ao gosto da região.

É impossível, entre os relatos miraculosos enumerados à exaustão nos Evangelhos, distinguir os milagres atribuídos a Jesus pela opinião, seja durante sua vida, seja após sua morte, daqueles em que ele desempenhou papel ativo. É impossível, ademais, saber se as circunstâncias chocantes de esforços, de perturbação, de estremecimento e outros traços que parecem malabarismos<sup>10</sup> são realmente históricas ou são fruto da crença de redatores fortemente preocupados com teurgia, vivendo, nesse sentido, num mundo análogo ao dos “espíritas” de hoje em dia<sup>11</sup>. A opinião pública pretendia que, de fato, a virtude divina estivesse no homem como um princípio epilético e convulsivo<sup>12</sup>. Quase todos os milagres que Jesus julgou ter praticado parecem ter sido milagres de cura. A medicina daquela época, na Judéia, era o que é ainda hoje em dia no Oriente, quer dizer, nem um pouco científica, absolutamente entregue à inspiração individual. A medicina científica, fundada há cinco séculos pela Grécia, era, à época de Jesus, praticamente desconhecida dos judeus da Palestina. Em um tal estado de conhecimentos, a presença de um homem superior, tratando o doente com carinho, e dando-lhe por meio de alguns sinais sensíveis a certeza de seu restabelecimento, é frequentemente um remédio decisivo. Quem ousaria dizer que, em muitos casos, e fora as lesões devidamente caracterizadas, o contato de uma pessoa delicada não substitui os recursos farmacêuticos? O prazer de ver tal pessoa, cura. Ela dá o que pode, um sorriso, uma esperança, e isso não é em vão.

---

<sup>10</sup> Luc., VIII, 45-46; João, XI, 33, 38.

<sup>11</sup> Atos, II, 2 e seg.; IV, 31; VIII, 15 e seg.; X, 44 e seg. Durante quase um século, os apóstolos e seus discípulos só sonham com milagres. Ver os Atos, os escritos de São Paulo, os trechos de Pápias, em Eusébio, *Hist. eccl.*, III, 39, etc. Comp. Marc., III, 15; XVI, 17-18, 20.

<sup>12</sup> Marc., V, 30; Luc., VI, 19; VIII, 46; João, XI, 33, 38.

Jesus, não mais que a maioria de seus compatriotas, não tinha a ideia de uma ciência médica racional. Ele acreditava, como quase toda a gente, que a cura deveria se dar por meio de práticas religiosas, e tal crença era perfeitamente consequente. Desde que se visse a doença como a punição de um pecado<sup>13</sup>, ou como obra do demônio<sup>14</sup>, e não como resultado de causas físicas, o melhor médico era o homem santo, que tinha poder de ordem sobrenatural. Curar era considerado como uma coisa moral. Jesus, que sentia sua força moral, devia se julgar especialmente dotado para a cura. Convencido de que o toque em sua roupa<sup>15</sup>, a imposição de mãos<sup>16</sup>, a aplicação de sua saliva<sup>17</sup>, faziam bem aos enfermos, ele teria sido desapiedado se tivesse recusado aos que sofriam um alívio que estava ao seu alcance propiciar. A cura dos enfermos era considerada como um dos sinais do reino de Deus, e sempre associada à emancipação dos pobres<sup>18</sup>. Tanto uma como a outra eram sinais da grande revolução que deveria conduzir à reparação de todas as enfermidades. Os essênios, que têm tantos laços de parentesco com Jesus, também eram tidos como médicos espirituais muito poderosos<sup>19</sup>.

Um dos tipos de cura que Jesus operou mais frequentemente foi o exorcismo, ou a expulsão dos demônios. Uma facilidade estranha em acreditar nos demônios reinava em todos os espíritos. Era uma opinião universal, não só na Judéia, mas no mundo inteiro, que os demônios se apoderam do corpo de certas pessoas e as fazem agir contra sua vontade. Um *div* persa, diversas vezes citado no Avesta<sup>20</sup>, *Aëschmadava*, “o *div* da concupis-

---

<sup>13</sup> João, V, 14; IX, 2 e seg., 34.

<sup>14</sup> Mat., IX, 32-33; XII, 22; Luc., XIII, 11, 16.

<sup>15</sup> Luc., VIII, 45-46.

<sup>16</sup> Luc., 14, 40.

<sup>17</sup> Marc., VIII, 23; João, IX, 6.

<sup>18</sup> Mat., XI, 5; XV, 30-31; Luc., IX, 1-2, 6.

<sup>19</sup> Ver anteriormente, cap. 3, nota 14.

<sup>20</sup> *Vendidad*, XI, 26; *Yaçna*, X, 18.

cência”, adotado pelos judeus com o nome de *Asmodeu*<sup>21</sup>, tornou-se a causa de todas as perturbações histéricas nas mulheres<sup>22</sup>. A epilepsia, as doenças mentais e nervosas<sup>23</sup>, em que o paciente parece não mais ser dono de si, as enfermidades cuja causa não é visível, como a surdez, o mutismo<sup>24</sup>, eram explicadas da mesma maneira. O admirável tratado “Da doença sagrada” de Hipócrates — que estabeleceu, quatro séculos e meio antes de Jesus, os verdadeiros princípios da medicina sobre esse assunto — não havia absolutamente banido do mundo tal erro. Supunha-se que havia processos mais ou menos eficazes para combater os demônios. Exorcismo era uma profissão regular como medicina<sup>25</sup>. Não há dúvida de que Jesus tenha tido em vida a reputação de possuir os últimos segredos dessa arte<sup>26</sup>. Havia então muitos loucos na Judéia, sem dúvida em decorrência da grande exaltação dos espíritos. Esses loucos, que ficaram a perambular, como acontece ainda hoje nas mesmas regiões, moraram nas grutas sepulcrais abandonadas, habitual retiro dos vagabundos. Jesus tinha muita influência sobre esses infelizes<sup>27</sup>. Contava-se, a propósito de suas curas, mil histórias incomuns, em que toda a credulidade da época dava asas. Mas ainda aqui não se deve exagerar as dificuldades. Os distúrbios que se explicaram pelas possessões eram muitas vezes leves. Em nossos dias, na Síria, considera-se como loucos ou possuídos pelo demônio (essas

---

<sup>21</sup> Tobias, III, 8; VI, 14; Talm. da Bab., *Gittin*, 68 a.

<sup>22</sup> Comp. Marc., XVI, 9; Luc., VIII, 2; Evangelho da Infância, 16, 33; Código sírio, publicado nas *Anedocta syriaca* de M. Land., I, p. 152.

<sup>23</sup> Jos., *Bell. jud.* VII, VI, 3; Lucien, *Philopseud.*, 16; Filóstrato, *Vida de Apoll.*, III, 38; IV, 20; Aretéia, *De causis morb. chron.*, I, 4.

<sup>24</sup> Mat., IX, 33; XII, 22; Marc., IX, 16, 24; Luc., XI, 14.

<sup>25</sup> Tobias, VIII, 2-3; Mat., XII, 27; Marc., IX, 38; Atos, XIX, 13; Josefo, *Ant.*, VIII, II, 5; Justino, *Dial. cum Tryphone*, 85; Luciano, *Epigr.* XXIII (XVII Dindorf).

<sup>26</sup> Mat., XVII, 20; Marc., IX, 24 e seg.

<sup>27</sup> Mat., VIII, 28; IX, 34; XII, 43 e seg.; XVII, 14 e seg., 20; Marc., V, 1 e seg.; Luc., VIII, 27 e seg.



duas idéias são a mesma coisa, *medjoun*<sup>28</sup>) pessoas que apresentam apenas alguma esquisitice. Uma palavra suave muitas vezes basta, nesses casos, para expulsar o demônio. Tais eram os métodos empregados por Jesus. Quem sabe se sua fama como exorcista não se espalhou quase à sua revelia? As pessoas que moram no Oriente são surpreendidas, às vezes, ao se achar, depois de algum tempo, com a fama de médico, feiticeiro, descobridor de tesouros, sem poder se dar conta dos fatos que deram origem a essas imaginações<sup>29</sup>.

Aliás, muitas circunstâncias parecem indicar que Jesus só foi taumaturgo tardiamente, e a contragosto. Frequentemente ele só executa seus milagres após muita insistência, com uma espécie de mau humor e repreendendo, aos que lhe pedem, a rudeza de seus espíritos<sup>30</sup>. Uma particularidade, aparentemente inexplicável, é a preocupação que ele tem em fazer seus milagres em segredo, e a recomendação que faz ao que ele cura de não dizer nada sobre o acontecido a ninguém<sup>31</sup>. Quando os demônios querem proclamá-lo Filho de Deus, ele lhes proíbe de abrir a boca; apesar disso, eles o reconhecem<sup>32</sup>. Esses trechos

---

<sup>28</sup> Essa frase, *Daemonium habes* (Mat., XI, 18; Luc., VII, 33; João, VII, 20; VIII, 48 e seg.; X, 20 e seg.), deve ser traduzida por: “Voe é louco”, como se diria em árabe: *Medjnoun enté*. O verbo *daimonan* também tem, em toda a Antiguidade clássica, o sentido de “estar louco”.

<sup>29</sup> Um homem que se envolveu com os recentes movimentos sectários da Pérsia me contou que, tendo fundado em torno dele uma espécie de franco-maçonaria, cujos princípios foram bem aceitos, logo se viu eleito profeta, e a cada dia ele se surpreendia ao saber dos prodígios que ele havia feito. Uma multidão de pessoas queria morrer por ele. Sua lenda, de alguma forma, corria na frente dele, e o teria arrebatado, se o governo persa não o tivesse tirado da influência de seus discípulos. Esse homem me disse que, tendo fracassado em tornar-se profeta, ele sabia como as coisas aconteciam e que elas eram realmente como estão descritas em *Vida de Jesus*.

<sup>30</sup> Mat., XII, 39; XVI, 4; XVII, 16; Marc., VIII, 17 e seg.; IX, 18; Luc., IX, 41; XI, 29.

<sup>31</sup> Mat., VIII, 4; IX, 30-31; XII, 16 e seg.; Marc., I, 44 e seg.; VII, 26.

<sup>32</sup> Marc., I, 24-25, 34; III, 12; Luc., IV, 41. Comp. *Vida de Isidoro*, atribuído a Damásio, § 56.

são característicos especialmente em Marcos, que é, por excelência, o evangelista dos milagres e exorcismos. Parece que o discípulo que forneceu informações fundamentais para esse Evangelho importunava Jesus com sua admiração pelos prodígios, e que o mestre, aborrecido com uma reputação que lhe pesava, lhe disse muitas vezes: “Não diga absolutamente nada sobre isso”. Uma vez, essa discordância atingiu uma explosão incomum<sup>33</sup>, um acesso de impaciência, em que transparece o cansaço que esses eternos pedidos de espíritos fracos causavam a Jesus. Em certos momentos se poderia dizer que o papel de taumaturgo lhe é desagradável, e que ele busca dar a menor publicidade possível às maravilhas que nascem, de alguma forma, sob seus passos. Quando seus inimigos lhe pediam um milagre, especialmente um milagre celeste, recusava obstinadamente<sup>34</sup>. Então, é permitido acreditar que lhe impuseram sua reputação de taumaturgo, à qual ele não resistia muito mas com a qual não colaborava, e em todo caso, sabia a vaidade da opinião a esse respeito.

Seria desobediência ao bom método histórico dar muito ouvido aqui às nossas aversões. A condição essencial da verdadeira crítica é compreender a diversidade dos tempos e se despojar dos hábitos instintivos que são fruto de uma educação puramente razoável. Para nos furtarmos às objeções que seríamos tentados a levantar sobre o caráter de Jesus, devemos suprimir fatos que, aos olhos de seus contemporâneos, foram postos em primeiro plano<sup>35</sup>. Seria cômodo dizer que essas são contribuições de discípulos bem inferiores a seu mestre que, não podendo conceber sua verdadeira grandeza, buscaram elevá-lo por meio de prestígios indignos dele. Mas os quatro narradores da vida de Jesus são unânimes em gabar

---

<sup>33</sup> Mat., XVII, 16; Marc., IX, 18; Luc., IX, 41.

<sup>34</sup> Mat., XII, 38 e seg.; XVI, 1 e seg.; Marc., VIII, 11; Luc., XI, 29 e seg.

<sup>35</sup> Josefo, *Ant.*, XVIII, III, 3.

seus milagres; um deles, Marcos, intérprete de apóstolo Pedro<sup>36</sup>, insiste tanto nisso que se traçássemos o caráter de Cristo unicamente segundo seu Evangelho, imaginaríamos Jesus como um exorcista possuidor de encantos de rara eficácia, como um feiticeiro muito poderoso, que mete medo e do qual todos querem se ver livres<sup>37</sup>. Admitiríamos, então, sem hesitar, que atos que seriam agora considerados como ilusionismo ou loucura tiveram lugar de destaque na vida de Jesus. Devemos sacrificar o lado sublime de tal vida, por causa desse lado ingrato? Abstenhamo-nos disso. Um simples feiticeiro não teria encaminhado uma revolução moral como a que Jesus fez. Se o taumaturgo tivesse apagado em Jesus o moralista e o reformador religioso, teria feito surgir dele uma escola de teurgia, e não o cristianismo.

O problema, de resto, se põe da mesma forma para todos os santos e fundadores religiosos. Fatos hoje mórbidos, como a epilepsia, as visões, foram outrora um princípio de força e grandeza. A medicina sabe dizer o nome da doença que fez a fortuna de Maomé<sup>38</sup>. Quase até nossos dias, os homens que mais fizeram o bem a seus semelhantes (o próprio Vicente de Paulo!) foram, querendo ou não, taumaturgos. Se partirmos do princípio de que todo personagem histórico a quem atribuímos atos que consideramos, no século XIX, como pouco sensatos ou charlatanescos foi louco ou charlatão, toda crítica é em vão. A escola de Alexandria foi uma escola nobre e, todavia, ela se entregava às práticas de uma teurgia extravagante. Sócrates e Pascal não foram isentos de alucinações. Os

---

<sup>36</sup> Pápias, em Eusébio, Hist. eccl., III, 39.

<sup>37</sup> Marc., VI, 40; V, 15, 17, 33; VI, 49, 50; X, 32. Cf. Mat., VHI, 27, 34; IX, 8; XIV, 27; XVII, 6-7; Luc., IV, 36; V, 17; VIII, 25, 35, 37; IX, 34. O evangelho apócrifo, dito de Tomás, o Israelita, explora esse lado até ao mais chocante absurdo. Compare os Milagres da Infância, em Tilo, Cod. apocr. N.T. p. cx, nota

<sup>38</sup> *Hysteria muscularis*, de Schaenlein. Sprenger, *Das Leben und die Lehre des Mohammad*, I, p. 207 e seg.

fatos devem ser explicados por causas a eles ligadas. As fraquezas do espírito humano só engendram fraqueza; as grandes coisas sempre têm grandes causas na natureza do homem, embora muitas vezes elas se acompanhem de um cortejo de mesquinhas que, para os espíritos superficiais, lhe ofuscam a grandeza.

Num sentido geral, é verdadeiro, então, dizer que Jesus foi taumaturgo e exorcista, apesar dele. Como isso sempre acontece nas grandes carreiras divinas, ele se submetia aos milagres que o povo exigia, muito mais do que os praticava. O milagre é normalmente obra do público e não daquele a quem se atribui. Jesus se recusou obstinadamente a fazer prodígios, que a multidão criou para ele; o maior milagre teria sido aquele que jamais praticou; nunca as leis da história e da psicologia popular teriam sofrido uma revogação maior. Ele não era mais livre que São Bernardo, que São Francisco de Assis, ao moderar a avidez da multidão e de seus discípulos pelo maravilhoso. Os milagres de Jesus foram uma violência cometida por seu século, uma concessão que lhe arrancou a necessidade passageira. Desse modo o exorcista e o taumaturgo caíram, ao passo que o reformador religioso viverá eternamente.

Mesmo os que não acreditaram nele se impressionavam com seus atos e queriam ser testemunhas deles<sup>39</sup>. Os pagãos e os pouco iniciados experimentaram um sentimento de temor e procuravam despachá-lo de sua região<sup>40</sup>. Muitos imaginaram talvez abusar de seu nome para movimentos sediciosos<sup>41</sup>. Mas a direção completamente moral e nada política do caráter de Jesus o salvava dessas seduções. O reino propriamente dele estava no círculo de crianças que tal juventude de imaginação e mesmo um antegosto do céu tinha reunido e conservava em torno dele.

---

<sup>39</sup> Mat., XIV, 1 e seg.; Marc., VI, 14; Luc., IX, 7; XXIII, 8.

<sup>40</sup> Mat., VIII, 34; V, 17; VIII, 37.

<sup>41</sup> João, VI, 14-15. Comp. Luc., XXII, 36-38.

## CAPÍTULO 17

### **Forma definitiva das ideias de Jesus sobre o Reino de Deus**

Supomos que essa última fase da atividade de Jesus durou cerca de dezoito meses, a partir de sua volta da peregrinação de Páscoa do ano 31<sup>1</sup>. Durante esse espaço de tempo, o pensamento de Jesus não se enriqueceu de nenhum elemento novo; mas tudo o que estava nele se desenvolveu e se produziu numa gradação constante de força e audácia.

A ideia fundamental de Jesus foi, desde seu primeiro dia, o estabelecimento do reino de Deus. Mas esse reino de Deus, como já dissemos, parece ter sido entendido por Jesus de uma forma bem diferente. Em certos momentos, ele poderia ser tomado por um chefe democrático, desejando apenas o reino dos pobres e dos deserdados. Outras vezes, o reino de Deus é

---

<sup>1</sup> João, V, 1; VII 2. No sistema de João, a vida pública de Jesus parece durar dois ou três anos. Os sinóticos não têm nenhuma designação precisa a esse respeito, apesar de parecer que sua intenção seja agrupar todos os fatos dentro de um ano. Compare a opinião análoga dos valentinianos, em Irineu, *Adv. haer.*, I, III, 3; II, XXII, 1 e seg., e do autor das *Homilias pseudoclementinas*, XVII, 19. Se, como parece, Jesus morreu no ano 33, obtém-se, de acordo com Lucas, III, 1, uma duração de cinco anos. Em todo caso, Pilatos tendo sido destituído antes da Páscoa de 36, a duração da vida pública não pode ter sido de mais de sete anos. O mal-entendido a esse respeito vem do fato, sem dúvida, de o começo da vida pública não ter sido tão marcante como se supõe comumente.

o cumprimento literal das visões apocalípticas relativas ao Messias. Frequentemente, enfim, o reino de Deus é o reino das almas, e a libertação vindoura é a libertação pelo espírito. A revolução desejada por Jesus é, então, a que aconteceu realmente, o estabelecimento de um culto novo, mais puro que o de Moisés. Parece que todos esses pensamentos existiram ao mesmo tempo na consciência de Jesus. O primeiro, contudo, o de uma revolução temporal, parece não o ter preocupado muito. Jesus nunca olhava a terra, nem as riquezas da terra, nem o poder material como algo que merecesse sua atenção. Ele não teve nenhuma ambição exterior. Algumas vezes, como consequência natural, sua grande importância religiosa estava a ponto de transformar-se em importância social. Pessoas vinham lhe pedir para servir de juiz em questões de interesses. Jesus repelia essas proposições com firmeza, quase como injúrias<sup>2</sup>. Prenhe de seu ideal celeste, ele nunca saiu de sua desdenhosa pobreza. Quanto às outras duas concepções de reino de Deus, parece que Jesus sempre as conservou simultaneamente. Se ele tivesse sido apenas um entusiasta, deturpado pelos apocalipses de que se nutria a imaginação popular, teria ficado como um sectário obscuro, inferior àqueles cujas ideias seguia. Se ele tivesse sido apenas um puritano, uma espécie de Channing ou de “Vigário saboiano”, não teria obtido, incontestavelmente, nenhum sucesso. As duas partes de seu sistema ou, melhor dizendo, suas duas concepções do reino de Deus, se apoiaram uma na outra, e esse apoio recíproco gerou seu incomparável sucesso. Os primeiros cristãos são visionários, agitando-se num círculo de ideias que qualificaríamos de sonhos; mas, ao mesmo tempo, são os heróis da guerra social que culminou na isenção da consciência e no estabelecimento de uma religião da qual o culto puro, anunciado pelo fundador, mais cedo ou mais tarde acabará por sair.

As ideias apocalípticas de Jesus, em sua forma mais completa, podem ser assim resumidas:

---

<sup>2</sup> Luc., XII, 13-14.

A ordem atual da humanidade atinge seu término. Esse término será marcado por uma imensa revolução, “uma angústia” parecida com as dores do parto; uma palingenesia ou “renascimento” (confomae palavra do próprio Jesus)<sup>3</sup>, precedido de calamidades sombrias e anunciado por estranhos fenômenos<sup>4</sup>. No grande dia, explodirá no céu o sinal do Filho do Homem. Será uma visão ruidosa e luminosa como a do Sinai, uma grande tempesta rasgando as nuvens, um risco de fogo jorrando num piscar de olhos do Oriente ao Ocidente. O Messias virá com as nuvens<sup>5</sup>, revestido de glória e majestade, ao som das trombetas, rodeado de anjos. Seus discípulos se sentarão em tronos ao seu lado. Os mortos ressuscitarão, e o Messias procederá ao julgamento<sup>6</sup>.

Nesse julgamento, os homens serão divididos em duas categorias, segundo suas obras<sup>7</sup>. Os anjos serão os executores da sentença<sup>8</sup>. Os eleitos entrarão numa morada deliciosa, que

---

<sup>3</sup> Mat., XIX, 28.

<sup>4</sup> Mat., XXIV, 3 e seg.; Marc., XIII, 4 e seg.; Luc., XVII, 22 e seg.; XXI, 7 e seg. Deve-se notar que a pintura do fim dos tempos atribuída aqui a Jesus pelos sinóticos encerra muitos traços que remetem ao cerco de Jerusalém. Lucas escreveu algum tempo após o cerco (XXI, 9, 20, 24). A redação de Mateus (XXVI, 15, 16, 22, 29), ao contrário, nos remete exatamente ao momento do cerco ou muito pouco depois. Todavia, não há dúvida de que Jesus anunciava grandes terrores como precursores da sua reaparição. Esses terrores eram parte integrante de todos os apocalipses judaicos. Henoc, XCIX-C, CII, CHI (divisão de Dillmann); Carro. sibyll. III, 334 e seg.; 633 e seg.; IV, 168 e seg.; V, 511 e seg.; Assunção de Moisés, C. 5 e seg. (ed. Hilgenfeld); Apocalipse de Baruc, em Ceriani, Monunt, Tom. I, fasc. II, p. 79 e seg. Em Daniel também, o reino dos santos s virá depois que a desolação tiver atingido seu cúmulo (VII, 25 e seg.; VIII, 23 e seg.; IX, 26-27; XII, 1).

<sup>5</sup> Comp. Daniel, VII, 13; *Carm. sibyll.*, III, 286, 652; Apoc., I, 7.

<sup>6</sup> Mat., XVI, 27; XIX, 28; XX, 21; XXIII, 39; XXIV, 30 e seg.; XXV, 31 e seg.; XXVI, 64; Marc., XIV, 62; Luc., XIII, 35; XXII, 30, 69; I. Cor., XV, 52, I Tess., IV, 15 e seg. Aqui a ideia cristã distancia muitíssimo da idéia judaica. Veja IV Livro de Esdras, V, 56-VI, 6; XII, 33-34.

<sup>7</sup> Mat., XIII, 38 e seg.; XXV, 33.

<sup>8</sup> Mat., XIII, 39, 41, 49.

lhes foi preparada desde o começo do mundo<sup>9</sup>. Lá eles se sentarão, vestidos de luz, num banquete presidido por Abraão<sup>10</sup>, os patriarcas e os profetas. Serão poucos<sup>11</sup>. Os outros irão para a Geena, o vale ocidental de Jerusalém. Ali se havia praticado em diversas épocas o culto do fogo, e o lugar tomou-se uma espécie de latrina. A Geena é, então, no pensamento de Jesus, um vale tenebroso, obscuro, um abismo subterrâneo cheio de fogo<sup>12</sup>. Os excluídos do reino serão ali queimados e roídos pelos vermes, em companhia de Satã e de seus anjos rebeldes<sup>13</sup>. Ali haverá choro e ranger de dentes<sup>14</sup>. O reino de Deus será como uma sala fechada, luminosa por dentro, no meio deste mundo de trevas e tormentos<sup>15</sup>.

Essa nova ordem das coisas será eterna. O paraíso e a Geena não terão fim. Um abismo intransponível separa um do outro<sup>16</sup>. O Filho do Homem, sentado à direita de Deus, presidirá esse estado definitivo do mundo e da humanidade<sup>17</sup>.

Que tudo isso tenha sido levado à risca pelos discípulos e pelo próprio mestre em certos momentos é o que se manifesta nos escritos da época com uma evidência absoluta. Se a primeira geração cristã tem uma crença profunda e constante é porque o mundo está para acabar<sup>18</sup> e a grande

---

<sup>9</sup> *Ibid.*, XXV, 34. Comp. João, XIV, 2.

<sup>10</sup> Mat., VIII, 11; XIII, 43; XXVI, 29; Luc., XIII, 28; XVI, 22; XXII, 30.

<sup>11</sup> Luc., XIII, 23 e seg.

<sup>12</sup> Cf. Talm. da Babilônia, Schabat, 39 a.

<sup>13</sup> Mat., XXV, 41. A ideia da queda dos anjos, tão desenvolvida no livro de Henoc, era universalmente aceita no círculo de Jesus. Epístola de Judas, 6 e seg.; II Epíst. atribuída a São Pedro, II, 4, 11; Apoc., XII, 9; Luc., X, 18; João, VIII, 44.

<sup>14</sup> Mat., V, 22; VIII, 12; X, 28; XIII, 40, 42, 50; XVIII, 8; XXIV, 51; XXV, 30; Marc., IX, 43, etc.

<sup>15</sup> Mat., VIII, 12; XXII, 13; XXV, 30. Comp. Jos., *B.J.*, III, VIII, 5.

<sup>16</sup> Luc., XVI, 28.

<sup>17</sup> Marc., III, 29; Luc., XXII, 69; VII, 55.

<sup>18</sup> Luc., XVIII, 8; Atos, II, 17; III, 19 e seg.; I Cor., XV, 23-24, 52; I Tess., III, 13; IV, 14 e seg.; V, 23; II Tess., II, 1-11; I Tim., VI, 14; II Tim., IV, 1-8; Tit., II, 13; Epístola de Tiago, V, 3, 8; Epístola de Judas, 16-21; II de Pedro, III inteira; o Apocalipse na íntegra e, em particular, I, 1; II, 5, 16; III, 11; VI, 11; XI, 14; XXII, 6, 7, 12, 20. Comp. IV Livro de Esdras, IV, 26.



“revelação”<sup>19</sup> do Cristo logo acontecerá. Esta viva aclamação: “O final dos tempos está próximo!”<sup>20</sup>, que abre e fecha o Apocalipse, este chamado repetido incessantemente, “Quem tem ouvidos que ouça!”<sup>21</sup>, são gritos de esperança e de reunião de toda a idade apostólica. Uma expressão siríaca, *Maran atha*, “Nosso Senhor está chegando!”<sup>22</sup>, toma-se uma espécie de senha que os crentes usavam entre si para se fortificar em sua fé e em suas esperanças. O Apocalipse, escrito no ano 68 de nossa era<sup>23</sup>, fixa o prazo em três anos e meio<sup>24</sup>. A “Ascensão de Isaías”<sup>25</sup> adota um cálculo bem aproximado deste.

Jesus não chegaria a tal precisão. Quando interrogaram-no sobre o tempo de sua vinda, ele sempre se recusava a responder; uma vez até declarou que a data desse grande dia só é conhecida pelo Pai, que não a revelou nem aos anjos nem ao filho<sup>26</sup>. Ele dizia que o momento em que se espreitasse o reino de Deus com uma curiosidade inquieta era justamente o que não viria<sup>27</sup>. Repetia incessantemente que seria uma surpresa como no tempo de Noé e de Ló; que seria preciso estar de sobreaviso, sempre pronto a partir; que cada um

---

<sup>19</sup> Luc., XVII, 30; I Cor., I, 7-8; II Tess., I, 7, I de São Pedro, I, 7, 13; Apoc., I, I.

<sup>20</sup> Apoc., I, 3; XXII, 10. Comp. I, 1.

<sup>21</sup> Mat., XI, 15; XIII, 9, 43; Marc., IV, 9, 23; VII, 16; Luc., VIII, 8; XIV, 35; Apoc., II, 7, 11, 27, 29; III, 6, 13, 22; XIII, 9.

<sup>22</sup> I Cor., XVI, 22.

<sup>23</sup> Apoc., XVII. O sexto imperador que o autor dá como reinante é Galba. A besta que deve voltar é Nero, cujo nome dado em algarismos (XIII, 18).

<sup>24</sup> Apoc., XI, 2,3; XII, 6, 14. Comp. Daniel, VII, 25; XII, 7.

<sup>25</sup> Cap. IV, v. 12 e 14. Compare Cedrenus, p. 68 (Paris, 1647).

<sup>26</sup> Mat., XXIV, 36; Marc., XIII, 32.

<sup>27</sup> Luc., XVII, 20. Comp. Talmude da Babil., *Sanedrim*, 97 a.

deveria cuidar de sua candeia e mantê-la acesa para um cortejo de núpcias, que chega de improviso<sup>28</sup>; que o Filho do Homem viria da mesma forma que um ladrão, no momento em que ninguém mais esperasse<sup>29</sup>; que ele apareceria como um relâmpago, correndo de um extremo a outro do horizonte<sup>30</sup>. Mas suas declarações sobre a proximidade da catástrofe não deixam lugar a nenhum equívoco<sup>31</sup>. “A geração presente”, dizia ele, “não passará sem que tudo se cumpra. Vários dos que estão aqui presentes não provarão a morte sem ter visto o Filho do Homem vir em sua realeza”<sup>32</sup>. Ele repreende aqueles que não crm nele por não saberem ler os prognósticos do reino futuro. “Quando vedes o rubor da tarde”, dizia, “podeis prever que fará bom tempo; quando vedes o escuro da manhã, anunciais a tempestade. Como, vós que julgais a aparência do céu, não sabeis reconhecer os sinais dos tempos?”<sup>33</sup> Por uma ilusão comum a todos os grandes reformadores, Jesus imaginava o objetivo bem mais perto do que estava. Ele não reparava na lentidão dos movimentos da humanidade; pensava em realizar em um dia o que mil e oitocentos anos mais tarde não devia ainda estar concluído.

Essas declarações tão formais preocuparam a família cristã durante cerca de setenta anos. Era admitido que alguns dos discípulos veriam o dia da revelação final antes de sua morte. João, em particular, era tido como pertencente a esse número<sup>34</sup>. Vários acreditavam que ele nunca morreria. Essa talvez tenha

---

<sup>28</sup> Mat., XXIV, 36 e seg.; Marc., XIII, 32 e seg.; Luc., XII, 5 e seg.; XVII, 20 e seg.

<sup>29</sup> Luc., XII, 40; II Petr., III, 10.

<sup>30</sup> Luc., XVII, 24.

<sup>31</sup> Mat., X, 23; XXIV-XXV inteiros, principalmente XXIV, 29, 34; Marc., XIII, 30; Luc., XIII, 35; XXI, 28 e seg.

<sup>32</sup> Mat., XVI, 28; XXIII, 36, 39; XXIV, 34., VIII, 39; Luc., IX, 27; XXI, 32.

<sup>33</sup> Mat., XVI, 2-4; Luc., XII, 54-56.

<sup>34</sup> João, XXI, 22-23.

sido uma opinião tardia, produzida pelo fim do século I, pela Idade avançada a que João chegara, dando ensejo a crer que Deus pretendia mantê-lo indefinidamente até o grande dia, com o intuito de realizar a palavra de Jesus. Quando, por sua vez, ele morreu, a fé de muitos foi abalada, e seus discípulos deram à predição do Cristo um sentido mais ameno<sup>35</sup>.

Ao mesmo tempo que Jesus admitia plenamente as crenças apocalípticas, tais como as encontramos nos livros judaicos apócrifos, ele admitia o dogma que é seu complemento ou, por outra, sua condição, a ressurreição dos mortos. Essa doutrina, como já dissemos<sup>36</sup>, era ainda bastante nova em Israel. Uma multidão de pessoas não a conhecia ou não acreditava nela<sup>37</sup>. Ela era ponto de fé para os fariseus e adeptos fervorosos das crenças messiânicas<sup>38</sup>. Jesus a aceitava sem reservas, mas sempre no sentido mais idealista. Muitos imaginaram que no mundo dos ressuscitados comer-se-ia, beber-se-ia, seriam realizados casamentos. Jesus admite em seu reino uma nova páscoa, uma mesa e um vinho novo<sup>39</sup>; mas ele exclui formalmente o casamento. Os saduceus tinham, a esse respeito, um argumento aparentemente grosseiro mas, no fundo, bastante de acordo com a velha teologia. Lembremo-nos que, segundo os antigos sábios, o homem só sobrevivia em seus filhos. O código mosaico havia consagrado essa teoria patriarcal com uma instituição bizarra — o levirato. Os saduceus tiravam daí consequências sutis contra a ressurreição. Jesus escapava disso declarando formalmente que na vida eterna a diferença de

---

<sup>35</sup> *Ibid.* O capítulo XXI do quarto Evangelho é um adendo, como prova a fórmula final da redação primitiva, que está no versículo 31 do capítulo XX. Mas o adendo é quase contemporâneo à publicação do citado evangelho.

<sup>36</sup> Anteriormente, cap. 4.

<sup>37</sup> Marc., IX, 9; Luc., XX, 27 e seg.

<sup>38</sup> Daniel, XII, 2 e seg.; II Mac., cap. VII inteiro; XII, 45-46; XIV, 46; Atos, XXIII, 6, 8; Jos., Ant., XVIII, I, 3; B.J., II, VIII, 14; III, VIII, 5.

<sup>39</sup> Mat., XXVI, 29; Luc., XXII, 30.

sexo não existiria mais, e que o homem seria semelhante aos anjos<sup>40</sup>. Algumas vezes ele parece prometer a ressurreição apenas aos justos<sup>41</sup>, sendo que o castigo dos ímpios consistia em morrer integralmente e ficar no nada<sup>42</sup>. Mais frequentemente, contudo, Jesus pretende que a ressurreição se aplique aos maus para sua eterna confusão<sup>43</sup>.

Vê-se que nada, nessas teorias, era absolutamente novo. Os Evangelhos e os escritos dos apóstolos não contêm quase nada, quanto às doutrinas apocalípticas, que não se encontre em “Daniel”<sup>44</sup>, “Henoc”<sup>45</sup>, os “Oráculos sibílicos”<sup>46</sup>, a “Assunção de Moisés”<sup>47</sup>, que são de origem judaica. Jesus aceitou essas idéias, geralmente difundidas entre seus contemporâneos. Ele fez delas seu ponto de apoio, ou melhor, um de seus pontos de apoio; pois tinha um sentimento profundo demais da sua verdadeira obra para estabelecer unicamente sobre princípios tão frágeis, tão expostos a receberem dos fatos uma refutação fulminante.

Com efeito, é evidente que uma doutrina como essa, tomada em si mesma de forma literal, não tinha nenhum futuro. O mundo, teimando em durar, a levaria ao fracasso. Quando muito, uma idade do homem estaria reservada ela. A fé da primeira geração cristã pode ser explicada; mas a fé da segunda geração não mais se explica. Após a morte de João, ou do

---

<sup>40</sup> Mat., XXII, 24 e seg.; Luc., XX, 34-38; Evangelho ebionita, dito “dos Egípcios”, em Clem. de Alex., *Strom.*, II, 9, 13; Clem. Rom., Epíst. II, 12; Tam. da Bab., *Berakoth*, 17 a.

<sup>41</sup> Luc., XIV, 14; XX, 35-36. É também a opinião de São Paulo, I Cor., XV, 23 e seg. (duvidando-se da Vulgata no versículo 51); I Tess., IV, 12 e seg. Ver anteriormente; cap. 4.

<sup>42</sup> Compare-se o IV livro de Esdras, IX, 22.

<sup>43</sup> Mat., XXV, 32 e seg.

<sup>44</sup> Ver sobretudo os capítulos II, VI-VIII, X-XIII.

<sup>45</sup> Cap. I (XLV-LII, LXII, suspeitos de interpolação), XCIII, 9 e seg.

<sup>46</sup> Liv. III, 573 e seg.; 652 e seg.; 766 e seg.; 795 e seg.

<sup>47</sup> Em Hilgenfeld, *Novum. Test. Extra canonem recept.*, p. 99 e seg.

último sobrevivente, quem quer que fosse do grupo, que tivesse visto o mestre, sua palavra seria considerada falsa<sup>48</sup>. Se a doutrina de Jesus tivesse sido apenas a crença no fim próximo do mundo, ela certamente estaria hoje relegada ao esquecimento. Então, o que a salvou? A grande dimensão das concepções evangélicas, que permitiu encontrar sob o mesmo símbolo idéias apropriadas a estados intelectuais bem diversos. O mundo realmente não acabou, como Jesus havia anunciado, como seus discípulos acreditavam. Mas ele foi remodelado, e num sentido renovado como Jesus o queria. Por ter duas faces é que seu pensamento tornou-se fecundo. Sua fantasia não teve o destino de tantas outras que atravessaram o espírito humano, porque encerrava um germe de vida, que, graças a um invólucro fabuloso, introduzido no seio da humanidade, produziu frutos eternos.

E não digam que essa é uma interpretação benevolente, imaginada para lavar a honra de nosso grande mestre do cruel desmentido infligido a seus sonhos pela realidade. Não é. Esse verdadeiro reino de Deus, esse reino do espírito, que faz de cada um rei e sacerdote; esse reino que, como o grão de mostarda, tornou-se uma árvore que sombreia o mundo, e sob cujos ramos os pássaros fazem seus ninhos, Jesus o compreendeu, o desejou e o instituiu. Ao lado da ideia falsa, fria, impossível de um acontecimento espetacular, ele concebeu a real cidade de Deus, a “palíngenesia” verdadeira, o sermão sobre a montanha, a apoteose do fraco, o amor pelo povo, o gosto pelo pobre, a reabilitação de tudo quanto é humilde, verdadeiro e ingênuo. Essa reabilitação, ele a apresentou como artista incomparável, com traços que durarão eternamente. Cada um de nós lhe deve o que há de melhor em nós mesmos. Perdoemos-lhe a sua esperança de um apocalipse vão, de uma vinda triunfal sobre as nuvens do céu. Talvez o erro tenha sido mais dos outros do que seu, e se é verdade que ele próprio partilhou a ilusão de todos, o

---

<sup>48</sup> Essas angústias da consciência cristã se traduzem ingenuamente na segunda epístola atribuída a São Pedro, III, 8 e seg.

que importa, já que seu sonho o tomou forte contra a morte e, sustentou numa luta que, sem isso, teria sido desigual?

É preciso, então, manter vários sentidos à cidade divina concebida por Jesus. Se seu único pensamento tivesse sido que o fim do mundo estava próximo, e que se precisava preparar-se para isso, ele não teria ido além de João Batista. Renunciar a um mundo prestes a desabar, afastar-se aos poucos da vida presente, aspirar ao reino que viria, tal teria sido a última palavra de sua pregação. O ensinamento de Jesus sempre teve um alcance bem mais amplo. Jesus se propôs a criar um novo estado da humanidade, e não apenas preparar o fim deste que existe. Elias ou Jeremias, se reaparecessem para dispor os homens às crises supremas, não teriam absolutamente pregado como ele. Isso é tão verdadeiro que essa pretensa moral dos últimos dias se viu como a moral eterna, a que salvou a humanidade. O próprio Jesus, em muitos casos, serve-se de formas de falar que não entram de modo algum na teoria apocalíptica. Frequentemente ele declara que o reino de Deus já começou, que todo homem já o carrega em si e pode, se for digno, usufruir dele; que esse reino, cada um o cria sem alarde, pela verdadeira conversão do coração<sup>49</sup>. O reino de Deus, então, é o bem<sup>50</sup>, uma ordem das coisas melhor que a existente, o reino da justiça, que o fiel, segundo sua medida, deve contribuir para fundar, ou ainda a liberdade da alma, algo análogo à “libertação” búdica, fruto do desprendimento. Essas verdades, que para nós são puramente abstratas, eram, para Jesus, realidades vivas. Tudo está em seu pensamento concreto e substancial: Jesus é o homem que mais energicamente acreditou na realidade do ideal.

Ao aceitar as utopias de seu tempo e de sua raça, Jesus soube, dessa forma, fazer delas altas verdades, graças a fecundos mal-entendidos. Seu reino de Deus era, sem dúvida, o

---

<sup>49</sup> Mat., VI, 10, 33; Marc., XII, 34; Luc., XI, 2; XII, 31; XVII, 20, 21 e seg.

<sup>50</sup> Ver principalmente Marc., XII, 34.

apocalipse que logo iria se desencadear no céu. Mas era, sobretudo, o reino da alma criado pela liberdade e pelo sentimento filial que o homem virtuoso experimenta no seio de seu Pai. Era a religião pura, sem práticas, sem templo, sem sacerdote; era o julgamento moral do mundo conferido à consciência do homem justo e ao braço do povo. Eis o que era feito para viver, eis o que viveu. Quando, ao fim de um século de vã expectativa, a esperança materialista de um fim do mundo vindouro se esgotara, o verdadeiro reino de Deus se desimpede. Complacentes explicações lançam um véu sobre o reino real que não quer vir. Os espíritos obstinados que, como Pápias, mantêm-se apegados às palavras de Jesus são considerados de homens restritos e atrasados<sup>51</sup>. O Apocalipse de João, o primeiro livro propriamente dito do Novo Testamento<sup>52</sup>, estando muito formalmente marcado pela idéia de uma catástrofe imediata, é relegado a um segundo plano, fido como ininteligível, alterado de mil maneiras e quase rechaçado<sup>53</sup>. Quando muito, adia-se o cumprimento para um futuro indefinido. Esses pobres retardatários que ainda conservam, em plena época refletida, as esperanças dos primeiros discípulos tornam-se heréticos (ebionitas, milenaristas), perdidos na ralé do cristianismo. A humanidade havia passado a um outro reino de Deus. A porção de verdade contida no pensamento de Jesus o havia levado à quimera que o obscurecia.

---

<sup>51</sup> Irineu, *Adv. haer.*, V, XXXIII, 3, 4; Eusébio, *Hist. eccl.*, III, 39.

<sup>52</sup> Justino, *Dial. cum Tryph.*, 81.

<sup>53</sup> A Igreja grega por muito tempo o rejeitou do cânone. Eusébio, *H.E.*, III, 25, 28, 39; VII, 25; Cirilo de Jerusalém, *Catec.*, IV, 33, 36; XV, 16; Gregório de Nazianze, *Carm.*, p. 261, 1104, ed. Caillau; Concílio de Laodicéia, cânone 60; lista na seqüência da *Cronografia* de Nicéfora, p. 419 (Paris, 1652). Os armênios contaram também o Apocalipse entre os livros cuja canonicidade é duvidosa. Sarkis Schnorhali, citado em *Exercício da fé cristã*, com a aprovação do católico Nersès (Moscou, 1850, em armenio), p. 115-117. Enfim, o Apocalipse fala na antiga versão Peschito.

Contudo, não desprezemos essa quimera, que foi a casca grosseira do bulbo sagrado do qual vivemos. Esse fantástico reino do céu, essa busca sem fim de uma cidade de Deus, que sempre preocupou o cristianismo em sua longa carreira, foi o princípio do grande instinto de futuro que animou todos os reformadores, discípulos obstinados do Apocalipse, desde Joaquim de Fiore até o sectário protestante de nossos dias. Esse esforço impotente para fundar uma sociedade perfeita foi a fonte da extraordinária tensão que sempre fez do verdadeiro cristão um atleta em luta contra o presente. A idéia do “reino de Deus” e o Apocalipse, que é a sua completa imagem, são, desse modo, a mais elevada e mais poética expressão do progresso humano. Com certeza, daí se originaram grandes extravios. Suspenso como uma ameaça permanente sobre a humanidade, o fim do mundo, com os terrores periódicos que ele causou durante séculos, prejudicou muito todo o desenvolvimento profano<sup>54</sup>. A sociedade, não mais se sentindo segura de sua existência, contraiu uma espécie de estremecimento e esses hábitos de baixa humildade que tornam a Idade Média tão inferior aos tempos antigos e modernos. Além disso, uma profunda mudança se operou na maneira de encarar a vinda do Cristo. A primeira vez que se anunciou à humanidade que seu planeta iria acabar, como a criança que recebe a morte com um sorriso, ela experimentou o maior acesso de alegria que jamais sentira. Ao envelhecer, o mundo se apegara à vida. O dia de graça, por tanto tempo esperado pelas almas puras da Galiléia, tinha se tornado para esses séculos de ferro um dia de cólera: *Dies irae, dies illa!* Mas, no próprio seio da barbárie, a idéia do reino de Deus continuou fecunda. Alguns dos atos da primeira metade da Idade Média começando pela fórmula “Ao aproximar-se a noite do mundo...” são cartas de franquia. Apesar de a Igreja feudal, as seitas, ordens religiosas

---

<sup>54</sup> Ver, por exemplo, o prólogo de Gegório de Tours em sua *História eclesiástica dos francos*.



e santos personagens continuarem a protestar, em nome do Evangelho, contra a iniquidade do mundo. Mesmo em nossos dias atribulados, em que Jesus não mais tem autênticos continuadores, a não ser os que parecem repudiá-lo, os sonhos de organização ideal da sociedade, que têm tanta analogia com as aspirações de seitas cristãs primitivas, são apenas, em uma palavra, a manifestação da mesma idéia, um dos ramos dessa imensa árvore em que brota todo o pensamento de futuro e da qual o “reino de Deus” será eternamente o caule e a raiz. Todas as revoluções sociais da humanidade serão enxertadas sobre essa palavra. Mas, maculados por um grosseiro materialismo, aspirando ao impossível, ou seja, fundar a felicidade universal sobre medidas políticas e econômicas, as tentativas “socialistas” de nosso tempo permanecerão estéreis, até que elas tomem por regra o verdadeiro espírito de Jesus, quero dizer, o idealismo absoluto, esse princípio segundo o qual, para possuir a terra, é preciso renunciar a ela.\*

O termo “reino de Deus” exprime, por outro lado, com rara felicidade, a carência que a alma sente de um suplemento de destino, de uma compensação para a vida atual. Os que não se curvam em admitir que o homem é como um composto de duas substâncias, e que consideram o dogma deísta da imortalidade da alma em contradição com a fisiologia, apreciam descansar na esperança de uma reparação final que, sob uma forma desconhecida, satisfará às necessidades do coração do homem. Quem sabe se o último fim do progresso, daqui a milhões de séculos, não levará à consciência absoluta do universo, e nessa consciência, ao despertar de tudo o que viveu? Um sono de milhões de anos não é mais longo que um sono de uma hora. São Paulo, nessa hipótese, teria tido razão em dizer: *In ictu oculo!*<sup>55</sup> (“Um piscar de olhos!”) É certo que a

---

\* Notar que Renan foi exatamente contemporâneo de Karl Marx... (N. da ed. francesa.)

<sup>55</sup> I Cor., XV, 52.

humanidade moral e virtuosa terá sua desforra, que um dia o sentimento do homem de bem julgará o mundo, e que, nesse dia, a figura ideal de Jesus será a confusão do homem frívolo que não acreditou na virtude, do homem egoísta que não soube esperá-la. A palavra favorita de Jesus continua cheia de eterna beleza. Uma espécie de adivinhação grandiosa parece ter guiado nisso o mestre incomparável e tê-lo mantido num vazio sublime, adotando ao mesmo tempo várias ordens de verdades.

## CAPÍTULO 18

### Instituições de Jesus

Por fim, o que bem prova que Jesus nunca se entregou inteiramente às idéias apocalípticas é que até mesmo no tempo em que estava mais preocupado com isso, ele lançou com uma rara segurança as bases de uma Igreja destinada a durar. Não se pode absolutamente duvidar que ele mesmo tenha escolhido entre seus discípulos os que eram chamados por excelência de os “Apóstolos” ou os “Doze”, já que, no dia seguinte à sua morte, os encontramos formando um corpo e preenchendo, por eleição, o vazio que se produziu em seu seio<sup>1</sup>. Eram os dois filhos de Jonas, os dois filhos de Zebedeu, Tiago (filho de Alfeu), Filipe, Natanael Bartolomeu, Tomé, Mateus, Simão (o zelote), Tadeu ou Lebeu, Judas de Cariote<sup>2</sup>. É provável que a idéia das doze tribos de Israel não fosse estranha à escolha desse número<sup>3</sup>. Os “Doze”, em todo caso, formavam um grupo de discípulos privilegiados, em

---

<sup>1</sup> Mat., X, 1 e seg.; Marc., III, 13 e seg.; Luc., IV, 13; João, VI, 70; XIII, 18; XV, 16; Atos, I, 15 e seg.; I Cor., XV, 5; Gál., I, 10; Apoc., XXI, 12.

<sup>2</sup> Mat., X, 2 e seg.; Marc., III, 16 e seg.; Luc., VI, 14 e seg.; Atos, I, 13; Pápias, em Eusébio, *Hist. eccl.*, III, 39.

<sup>3</sup> Mat., XIX, 28; Luc., XXII, 30.

que Pedro conservava sua primazia bem fraternal<sup>4</sup>, e a quem Jesus comiou o cuidado de propagar sua obra. Nada parecido com o colégio sacerdotal regularmente organizado. As listas dos “Doze” que foram adas apresentam muitas incertezas e contradições. Dois ou três entre os que ali figuram permaneceram completamente obscuros. Ao menos dois, Pedro e Filipe<sup>5</sup>, eram casados e tinham filhos.

Jesus mantinha com os Doze, evidentemente, segredos que lhes eram proibidos de comunicar a todos<sup>6</sup>. Às vezes parece que seu plano era rodear sua pessoa de algum mistério, deixar as grandes provas para depois de sua morte, revelar-se claramente apenas a seus discípulos, confiando a eles o cuidado de demonstrá-lo mais tarde ao mundo<sup>7</sup>: “O que vos digo na sombra, pregai-o em pleno dia; o que vos digo no ouvido, proclamai sobre os telhados”. Ele se poupava, assim, das declarações precisas demais e criava uma espécie de intermediário entre a opinião pública e ele. É certo que ele reservava para os apóstolos certos ensinamentos e desenvolvia diversas parábolas cujo sentido permanecia vago para o povo<sup>8</sup>. Um tom enigmático e um pouco de mistério na ligação das idéias estavam na moda no ensinamento dos doutores, como se vê pelas sentenças dos *Pirké Aboth*. Jesus explicava aos discípulos mais íntimos o que seus aforismos ou seus apólogos tinham de singular, e para eles despia os ensinamentos do luxo das comparações que, às vezes, os obscureciam<sup>9</sup>. Muitas vezes

---

<sup>4</sup> Atos, I, 15; II, 14; V, 2-3, 29; VIII, 19; XV, 7; Gál., I, 18.

<sup>5</sup> Para Pedro, ver anteriormente, cap. 9; para Filipe, ver Pápias, Polícrates e Clemente de Alexandria, citados por Eusébio, *Hist. eccl.*, III, 30, 31, 39; V, 24.

<sup>6</sup> Mat., XVI, 20; XVII, 9; Marc., VIII, 30; IX, 8.

<sup>7</sup> Mat., X, 27, 26; XVI, 20; Marc., IV, 21 e seg.; VIII, 30; Luc., VIII, 17; IX, 21; XII, 2 e seg.; João, XIV, 22; Epíst. Barnabé, 5.

<sup>8</sup> Mat., XIII, 10 e seg.; 34 e seg.; Marc., IV, 10 e seg.; 33 e seg.; Luc., VIII, 9 e seg.; XII, 41.

<sup>9</sup> Mat., XVI, 6 e seg.; Marc., VII, 17-23.

explicações parecem ter sido cuidadosamente conservadas<sup>10</sup>.

Os apóstolos pregaram<sup>11</sup> enquanto Jesus era vivo, mas sem se distanciar muito dele. Suas pregações, aliás, se limitavam em anunciar a vinda próxima do reino de Deus<sup>12</sup>. Eles iam de cidade em cidade, recebendo hospitalidade, ou melhor, tomando-a eles próprios, conforme o costume daquele tempo. O hóspede, no Oriente, tem muita autoridade. Ele torna-se mais importante que o chefe da casa, que nele tem a maior confiança. Essa pregação no lar é excelente para a propagação das novas doutrinas. Comunica-se o tesouro escondido; paga-se o que se recebe; a polidez e as boas relações nisso ajudam, a casa é tocada, convertida. Suprimindo a hospitalidade oriental, seria impossível explicar a propagação do cristianismo. Jesus, que se apegava demais aos bons costumes antigos, induzia os discípulos a aproveitarem sem escrúpulos desse antigo direito público, provavelmente já abolido nas grandes cidades, onde havia hospedarias<sup>13</sup>. “O operário”, dizia ele, “é digno de seu salário”. Uma vez instalados numa casa, eles deviam ali ficar, comendo e bebendo o que lhes oferecessem, enquanto durasse sua missão<sup>14</sup>.

Jesus desejava que, como ele, os mensageiros da boa nova tornassem sua pregação amável, por meio de maneiras cordiais e polidas. Ele queria que, ao entrar numa casa, eles lhes dessem o *selâm*, ou voto de felicidade. Alguns hesitavam, pois o *selâm* era, e ainda o é, no Oriente, um sinal de comunhão religiosa, o qual não se expõe a pessoas de fé incerta<sup>15</sup>. “Não temais nada”, dizia Jesus. “Se ninguém da casa for digno de vosso *selâm*, ele

---

<sup>10</sup> Mat., XIU, 18.e seg.; Marc., VII, 18 e seg.

<sup>11</sup> Luc., IX, 6.

<sup>12</sup> Luc., X, 11.

<sup>13</sup> A palavra grega *pandokheion* passou por todas as línguas do Oriente designando “estalagem”.

<sup>14</sup> Marc., VI, 10 e seg.

<sup>15</sup> II Epíst. de João, 10-11.

retomará para vós”<sup>16</sup>. Algumas vezes, de fato, os apóstolos do reino de Deus eram mal recebidos e iam se queixar a Jesus, que, normalmente buscava acalmá-los. Alguns, persuadidos da onipotência de seu mestre, ficaram ofendidos com essa paciência toda. Os filhos de Zebedeu queriam que ele invocasse o fogo do céu sobre as cidades inóspitas<sup>17</sup>. Jesus acolhia esses arrebatamentos com sua fina ironia, e os detia com essa frase; “Eu não vim para arruinar as almas, mas para salvá-las”.

Ele buscava de todas as maneiras estabelecer como princípio que seus apóstolos eram ele próprio<sup>18</sup>. Acreditava-se que Jesus lhes tinha comunicado suas virtudes maravilhosas. Eles combaliam os demônios, profetizavam, e formaram uma escola de exorcistas renomados<sup>19</sup>, embora alguns casos estivessem acima de suas forças<sup>20</sup>. Eles também faziam curas, seja por imposição das mãos, seja por unção com óleo<sup>21</sup>, um dos procedimentos fundamentais da medicina oriental. Enfim, como os psilos, eles podiam manejar as serpentes e beber impunemente bebidas mortais<sup>22</sup>. A medida que se afasta de Jesus no tempo, essa teurgia se torna cada vez mais chocante, Mas não é de duvidar que ela tenha sido de direito comum na Igreja primitiva, e que figurasse em primeiro lugar na atenção dos contemporâneos<sup>23</sup>. Como era de esperar, havia charlatães que exploravam esse movimento de credulidade popular. Vários, que não haviam sido seus discípulos, combatiam os demônios em seu nome. Os verdadeiros discípulos ficaram bastante ofendidos e

---

<sup>16</sup> Mat., X, 11 e seg.; Luc., X, 5 e seg.

<sup>17</sup> Luc., IX, 52 e seg.

<sup>18</sup> Mat., X, 40-42; XXV, 35 e seg.; Marc., IX, 40; Luc., X, 16; João, XIII, 20.

<sup>19</sup> Mat., VII, 22; X, 1; Marc., III, 15; VI, 13; Luc., X, 17.

<sup>20</sup> Mat., XVII, 18-19.

<sup>21</sup> Marc., VI, 13; XVI, 18; Epíst. Tiago, V, 14.

<sup>22</sup> Marc., XVI, 18; Luc., X, 19.

<sup>23</sup> Marc., XVI, 20.

tentavam impedi-los. Jesus, que via nisso uma homenagem à sua fama, não se mostrava muito severo para com eles<sup>24</sup>. Além disso, é preciso observar que esses poderes sobrenaturais tornaram-se, se se pode ousar assim dizer, uma profissão. Levando até ao extremo a lógica do absurdo, algumas pessoas combatiam os demônios por Belzebu<sup>25</sup>, o príncipe. Imaginava-se que esse soberano das legiões infernais deveria ter toda autoridade sobre seus subordinados, e que, agindo por ele, estava-se seguro de expulsar o espírito intruso<sup>26</sup>. Alguns até buscavam comprar dos discípulos de Jesus o segredo dos dons miraculosos que lhes haviam sido conferidos<sup>27</sup>.

Desde então começava a aparecer um germe de Igreja. Essa idéia fecunda do poder dos homens reunidos (*ecclesia*) parece muito uma idéia de Jesus. Repleto de sua doutrina tão idealista, na qual o que faz a presença das almas é a união pelo amor, ele declarava que, todas as vezes que alguns homens se reunissem em seu nome, ele estaria no meio deles. Ele confia Igreja o direito de ligar e desligar (quer dizer, de tomar certas coisas lícitas ou ilícitas), de remover os pecados, de repreender, de advertir com autoridade, de rezar com a certeza de ter sua prece atendida<sup>28</sup>. É possível que muitas dessas palavras tenham sido atribuídas ao mestre, a fim de dar uma base à autoridade coletiva pela qual, mais tarde, se buscará substituir a sua. Em todo caso, foi apenas depois de sua morte que se viu constituírem igrejas particulares, e ainda essa primeira constituição foi feita pura e simplesmente sobre o modelo das sinagogas. Vários personagens que muito amaram Jesus e nele depositaram grandes esperanças, como José de Arimatéia, Maria de Magdala, Nicodemos, parece que

---

<sup>24</sup> Marc., IX, 3-7; Luc., IX, 49-50.

<sup>25</sup> Antigo deus dos filisteus, transformado em demônio pelos judeus.

<sup>26</sup> Mat., XII, 24 e seg.

<sup>27</sup> Atos, VIII, 18 e seg.

<sup>28</sup> Mat., XVIII, 17 e seg.; João, XX, 23.

nunca entraram nessas igrejas, e se ativeram à recordação terna ou respeitosa que guardaram dele.

De resto, não aparece nos ensinamentos de Jesus nenhum traço de uma moral aplicada nem de direito canônico um pouco definido. Apenas uma vez se pronuncia a respeito do casamento, com clareza, e proíbe o divórcio<sup>29</sup>. Não há nenhuma teologia, tampouco nenhum símbolo. Apenas algumas vistas sobre o Pai, o Filho, o Espírito<sup>30</sup>, de que ele tiraria mais tarde a Trindade e a Encarnação, mas que se encontravam ainda no estado de imagens indetenninadas. Os últimos livros do cânone judaico já conhecem o Espírito Santo, espécie de substância divina, algumas vezes identificada com a Sabedoria ou o Verbo<sup>31</sup>. Jesus insistia nesse ponto<sup>32</sup>, e pretendeu dar a seus discípulos um batismo de fogo e espírito<sup>33</sup>, bem preferível ao de João. Para Jesus, esse santo espírito não era diferente da inspiração que emana de Deus Pai de uma forma continua<sup>34</sup>. Depois se sutilizou. Imaginou-se que Jesus prometera enviar a seus discípulos, após sua morte, para substituí-lo, um Espírito que lhes eusinaria todas as coisas e prestaria testemunho às verdades que ele próprio havia promulgado<sup>35</sup>. Um dia, os apóstolos acreditaram ter recebido o batismo desse Espírito sob a forma de um forte vento e línguas de fogo<sup>36</sup>. Para designar o mesmo Espírito utilizava-se a palavra

---

<sup>29</sup> Mat., XIX, 3 e seg.

<sup>30</sup> Mat., XXVIII, 19. Comp. Mat., III, 16-17; João, XV, 26.

<sup>31</sup> Sab., I, 7; VII, 7; IX, 17; XII, 1; Ecl., I, 9; XV, 5; XXIV, 27; XXXIX, 8; Judite, XVI, 17.

<sup>32</sup> Mat., X, 20; Luc., XIII, 12; XXIV, 49; João, XIV, 26; XV, 26.

<sup>33</sup> Mat., III, 11; Marc., I, 8; Luc., III, 16; João, I, 26; III, 5; Atos, I, 5, 8; X, 47.

<sup>34</sup> Mat., X, 20; Marc., XIII, 11; Luc., XII, 12; XXI, 15.

<sup>35</sup> João, XV, 26; XVI, 13, 16. Comp. Luc., XXIV, 49; Atos, I, 8.

<sup>36</sup> Atos, II, 1-4; XI, 15; XIX, 6. Cf. João, VII, 39.



*Paraklit*, que o sírio-ealdeu tomara emprestado do grego “paracleto”, e que parece ter tido, nesse caso, algo a ver com “advogado”<sup>37</sup>, “conselheiro”<sup>38</sup>, ou talvez com “intérprete das verdades celestes”, com “doutor encarregado de revelar aos homens os mistérios ainda escondidos”<sup>39</sup>. É bem duvidoso que Jesus tenha utilizado essa palavra. Estava aí uma aplicação do procedimento que a teologia judaica e a teologia cristã iam seguir durante séculos, e que devia produzir toda uma série de assessores divinos, o *metátrono*, o *sinadelfo* ou *sandalfon*, e todas as personificações da cabala. Com a diferença que, no judaísmo, essas criações deviam permanecer como especulações particulares e livres, ao passo que, no cristianismo, a partir do século IV, elas deviam formar a própria essência da ortodoxia e do dogma universal.

É inútil mostrar o quanto a idéia de um livro religioso encerrando um código e artigos de fé estava distanciada do pensamento de Jesus. Além de não escrever, ele também era contrário ao espírito da seita nascente de produzir livros sagrados. Acreditava-se estar às vésperas da grande catástrofe final. O Messias viria apor a chancela sobre a Lei e os profetas, por isso não promulgaria textos novos. Além disso, com exceção do Apocalipse, que foi em certo sentido o único livro revelado do cristianismo primitivo<sup>40</sup>, os escritos da idade apostólica são obras de circunstância, não tendo absolutamente a pretensão de fornecer um conjunto dogmático completo. Os Evangelhos tiveram inicialmente um caráter bastante privado e uma autoridade bem menor que a tradição<sup>41</sup>.

A seita, contudo, não possuía algum sacramento, algum

---

<sup>37</sup> A *peraklit* opunha-se *katigor* (*atygoros*), o “acusador”.

<sup>38</sup> João, XIV, 16; I Epístola de João, II, 1.

<sup>39</sup> João, XIV, 26; XV, 26; XVI, 7 e seg. Essa palavra é própria do quarto Evangelho e de Fílon, *De mundi opificio*, § 6.

<sup>40</sup> Justino, *Dia. cum Tryph.*, 81.

<sup>41</sup> Pápias, em Eusébio, *Hist. eccl.*, III, 39.

rito, algum sinal de reunião? Ela tinha um, que todas as tradições fazem remontar até Jesus. Uma das idéias favoritas do mestre é que ele era o pão novo, pão muito superior ao maná e do qual a humanidade iria viver. Essa idéia, germe da eucaristia, tomava em sua boca, às vezes, formas singularmente concretas. Principalmente uma vez, na sinagoga de Cafarnaum, ele se deixou levar por um movimento audacioso que lhe custou vários discípulos. “Sim, sim, eu vos digo, não Moisés, é o meu Pai que vos deu o pão do céu”<sup>42</sup>. E acrescentara: “Eu é que sou o pão da vida. Aquele que vem a mim nunca terá fome; o que acredita em mim nunca terá sede”<sup>43</sup>. Essas palavras levantaram um forte murmúrio. “O que ele entende”, diziam, “por estas palavras: ‘eu sou o pão da vida?’ Não está aí Jesus, o filho de José, de quem conhecemos o pai e a mãe? Como pode ele dizer que desceu do céu?” E Jesus insistia com mais força: “Eu sou o pão da vida; vossos pais comeram o maná no deserto e morreram. Eis aqui o pão que veio do céu, para que todos os que dele comerem não morram. Eu sou o pão vivo; aquele que comer deste pão viverá eternamente; e o pão que eu darei é minha carne, para a vida do mundo”<sup>44</sup>. O escândalo chegou ao cúmulo: “Como pode ele dar sua carne para ser comida?” Jesus exagerava ainda mais: “Sim, sim”, disse ele, “se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes seu sangue, não tereis a vida em vós. O que come minha carne e bebe meu sangue está de posse da vida eterna. Porque minha carne é verdadeiramente um alimento e meu sangue é verdadeiramente uma bebida. O que come minha carne e bebe meu sangue está em mim e eu nele.

---

<sup>42</sup> João, VI, 32 e seg.

<sup>43</sup> Encontra-se um tom parecido, que provoca um mal-entendido parecido, em João, IV, 10 e seg.

<sup>44</sup> Todos esses discursos trazem tão explicitamente a marca do estilo próprio ao quarto Evangelho, que não autoriza acreditá-los exatos. Contudo, a anedota relativa ao capítulo VI desse evangelho não seria despida de realidade histórica.

Como eu vivo pelo Pai, que me enviou, assim também aquele que me come vive por mim”. Tal obstinação no paradoxo revoltou vários discípulos, que pararam de segui-lo. Jesus não se retraiu; somente acrescentou: “É o espírito que vivifica. A carne não serve de nada. As palavras que vos digo são espírito e vida”. Os Doze permaneceram fiéis, apesar dessa estranha pregação. Coube a Cleofas particularmente a oportunidade de demonstrar absoluta devoção e proclamar uma vez mais: “Tu és o Cristo, filho de Deus”.

É provável que desde então, nas refeições comuns da seita, se tivesse estabelecido algum costume ao qual se relacionava o discurso tão mal recebido pelas pessoas de Cafarnaum. Mas as tradições apostólicas são muito divergentes a esse respeito e provavelmente incompletas de propósito. Os evangelhos sinóticos, cujo relato é confirmado por São Paulo, supõem um ato sacramental único, tendo servido de base para o rito misterioso, e eles o localizam na Última Ceia<sup>45</sup>. O quarto Evangelho, que justamente nos conservou o incidente da sinagoga de Cafarnaum, não fala de tal ato, embora descreva a Última Ceia longamente. Além disso, vemos Jesus reconhecido pela divisão do pão<sup>46</sup>, como se esse gesto tivesse sido para seus seguidores o mais característico de sua pessoa. Quando ele foi morto, a forma sob a qual ele aparecia às piedosas lembranças de seus discípulos era a de um presidente de um banquete místico, segurando o pão, abençoando, partindo-o e entregando aos presentes<sup>47</sup>. Pode-se acreditar que esse era um de seus hábitos, e que, nesse momento, ele estivesse particularmente amável e enternecido. Uma circunstância material, a presença do peixe sobre a mesa (indício que

---

<sup>45</sup> Mat., XXVI, 26 e seg.; Marc., XIV, 22 e seg.; Luc., XXII, 14 e seg.; I Cor., XI, 23 e seg.

<sup>46</sup> Luc., XXIV, 30, 35.

<sup>47</sup> Luc., loc. cit.; João, XXI, 13; Evangelho dos Hebreus, em São Jerônimo, *De viris ill.*, 2.

prova que o rito se deu às margens do lago de Tiberíades)<sup>48</sup>, foi ela própria quase sacramental e tornou-se uma parte necessária das imagens que se fizeram do banquete sagrado<sup>49</sup>.

As refeições tornaram-se na comunidade nascente um dos momentos mais doces. Nesse momento as pessoas se encontraram; o mestre falava a cada um e entretinha uma conversa cheia de alegria e encanto. Jesus apreciava esse instante e se sentia feliz ao ver sua família espiritual assim reunida em torno dele<sup>50</sup>. O costume judaico era de que, no início da refeição, o chefe da casa pegasse o pão, o abençoasse com uma prece, o partisse e depois o oferecesse a cada um dos convivas. O vinho era objeto de uma santificação análoga<sup>51</sup>. Entre os essênios e os terapeutas, o banquete sagrado já havia adquirido a importância ritual e os desenvolvimentos que a ceia cristã tomará mais tarde<sup>52</sup>. A participação do mesmo pão era considerada como uma espécie de comunhão, de laço recíproco<sup>53</sup>. Jesus usava, a respeito disso, termos extremamente enérgicos, que mais tarde foram tomados com uma literalidade desenfreada. Jesus é, ao mesmo tempo, muito idealista nas

---

<sup>48</sup> Comp. Mat., VII, 10; XIV, 17 e seg.; XV, 34 e seg.; Marc., VI, 38 e seg.; Luc., IX, 13 e seg.; XI, 11; XXIV, 42; João, VI, 9 e seg.; XXI, 9 e seg. A bacia do lago de Tiberíades é o único lugar da Palestina em que o peixe constitui parte considerável da alimentação.

<sup>49</sup> João, XXI, 13; Luc., XXIV, 42-43. Compare as mais antigas representações da ceia relatadas ou retificadas por M. de Rossi em sua dissertação sobre o ΙΧΘΥΣ (*Spicilegium Solesmense* de Dom Pitra, t. III, p. 568 e seg.). Cf. de Rossi, *Bull. diarch. crist.*, terceiro ano, p. 44 e seg.; p. 73 e seg. É verdade que as sardinhas eram, como o pão, um complemento indispensável a toda refeição. Ver a inscrição de Lanúvio, 2ª col. 16-17. A intenção do anagrama que encerra a palavra ΙΧΘΥΣ combinou-se provavelmente com uma tradição mais antiga sobre o papel do peixe nas refeições evangélicas.

<sup>50</sup> Luc., XXII, 15.

<sup>51</sup> Mat., XIV, 19; Luc., XXIV, 30; Atos, XXVII, 35; Talm. da Bab., *Berakoth.*, 37 b. Ainda se pratica esse costume nas mesas israelitas.

<sup>52</sup> Fílon, *De vita contemp.*, § 6-11; Josefo, *B.J.*, II, VIII, 7.

<sup>53</sup> Atos, II, 46; XX, 7, 11; I Cor., X, 16-18.

concepções e muito materialista na expressão. Querendo expressar o pensamento de que o crente vive dele, que Jesus inteiro (corpo, sangue e alma) é a vida do verdadeiro fiel, ele dizia a seus discípulos: “Eu sou vosso alimento”. Essa frase, transformada em um estilo figurado, tornava-se: “Minha carne é vosso pão, meu sangue é vossa bebida”. Depois, os hábitos de linguagem de Jesus, sempre muito substanciais, o levavam ainda mais longe. A mesa, mostrando o alimento, ele dizia: “Eis-me”; e tomando o pão: “Isto é o meu corpo”; e tomando o vinho: “Este é o meu sangue”. Todos esses modos de falar, eram equivalentes a “Eu sou vosso alimento”.

Esse rito misterioso obteve, enquanto Jesus era vivo, grande importância. Provavelmente já estivesse estabelecido, há bastante tempo, antes da última viagem a Jerusalém, e foi resultado duma doutrina geral, bem mais do que de um ato determinado. Após a morte de Jesus, ele tomou-se o grande símbolo da comunhão crista<sup>54</sup>, e foi no momento mais solene da vida do Salvador que se deu sua instituição. Quis-se ver na consagração do pão e do vinho um memorial de adeus que Jesus, no momento de deixar a vida, teria deixado a seus discípulos<sup>55</sup>. Encontrou-se o próprio Jesus nesse sacramento<sup>56</sup>. A ideia puramente espiritual da presença das almas, que era uma das mais familiares ao mestre, que o fazia dizer, por exemplo, que ele estava em pessoa no meio de seus discípulos<sup>57</sup>, quando estes estivessem reunidos em seu nome, tomava isso mais facilmente admissível. Como já dissemos<sup>58</sup>, Jesus nunca teve uma noção muito definida do que faz a individualidade. No grau de exaltação a que tinha chegado, a

---

<sup>54</sup> Atos, II, 42, 46.

<sup>55</sup> Luc., XXII, 19; I Cor., XL 20 e seg.; Justino, *Dial. cum Tryph.*, 41, 70; Apol. I, 66.

<sup>56</sup> I Cor., X, 16.

<sup>57</sup> Mat., XVIII, 20.

<sup>58</sup> Ver anteriormente, cap. 15.

idéia, para ele, tinha primazia sobre todo o resto, a tal ponto que o corpo não contava mais. Quando se ama se é uno, vive-se um para o outro. Como é possível que ele e seus discípulos não fossem um só<sup>59</sup>? Seus discípulos adotaram a mesma linguagem<sup>60</sup>. Aqueles que, durante anos, viveram dele, viram-no segurando o pão, depois o cálice “entre suas mãos santas e veneráveis”<sup>61</sup> e oferecendo-se a si próprio a eles. Foi ele que se comeu e se bebeu; ele tornou-se a verdadeira Páscoa, tendo a anterior sido revogada por seu sangue. É impossível traduzir para o nosso idioma, essencialmente determinado, em que a distinção rigorosa do sentido próprio e da metáfora deve sempre ser feita, hábitos de estilo cujo caráter essencial é de prestar à metáfora, ou melhor dizendo, à ideia, plena realidade.

---

<sup>59</sup> João, XII inteiro.

<sup>60</sup> Efés., III, 17.

<sup>61</sup> Cântone das missas gregas e da missa latina (bem antigo).

## CAPÍTULO 19

### **Crescente progressão de entusiasmo e exaltação**

Está claro que uma tal sociedade religiosa, fundada unicamente na espera do reino de Deus, devia ser bem incompleta nela mesma. A primeira geração cristã viveu inteiramente de esperança e de sonho. As vésperas do fim do mundo, via-se como inútil tudo o que contribuísse para a sua continuidade. O apego à propriedade era visto como uma imperfeição<sup>1</sup>. Tudo o que ligasse o homem à terra, tudo o que o desviasse do céu deveria ser evitado. Embora vários discípulos fossem casados, parece que não se contraía matrimônio quando se entrava para a seita<sup>2</sup>. O celibato era largamente preferido<sup>3</sup>. A um dado momento, tem-se a impressão de que o mestre aprovava os que se mutilavam em favor do reino de Deus<sup>4</sup>. Isso era coerente com este seu princípio: “Se tua mão ou teu pé te dão ocasião de pecar, corte-os e jogue-os longe de ti, pois é preferível que entres manco ou maneta na vida eterna a seres atirado com teus dois pés e tuas duas mãos na Geena. Se teu olho te der ocasião

---

<sup>1</sup> Mat., XIX, 21; Luc., XIV, 33; Atos, IV, 32 e seg.;

<sup>2</sup> Mat., XIX, 10 e seg.; Luc., XVIII, 29 e seg.

<sup>3</sup> É a doutrina constante em Paulo. Comp. Apoc., XIV, 4.

<sup>4</sup> Mat., XIX, 12.

de pecar, arranque-o e jogue-o longe de ti, pois é preferível que entres caolho na vida eterna, a teres teus dois olhos e seres atirado na Geena”<sup>5</sup>. O término da geração foi frequentemente considerado como o sinal e a condição do reino de Deus<sup>6</sup>.

Note-se que a Igreja primitiva nunca teria formado uma sociedade durável sem a grande variedade de germes depositados por Jesus em seu ensinamento. Precisaria mais de um século ainda para que a verdadeira Igreja cristã, que converteu o mundo, se desprendesse dessa pequena seita de “santos do último dia” e se tomasse um quadro aplicável à sociedade em geral. A mesma coisa também aconteceu com o budismo, que foi inicialmente fundado apenas por monges. O mesmo teria sucedido com a Ordem de São Francisco, se ela tivesse obtido bom êxito pretendendo tomar-se a regra de toda a sociedade humana. Nascidas sob a forma de utopias, triunfando por sua própria exacerbação, as grandes instituições das quais estamos falando só se espalharam pelo mundo após se terem modificado profundamente e aparado seus excessos. Jesus não ultrapassou esse primeiro período monacal, em que se acreditava poder tentar o impossível impunemente. Ele não fez nenhuma concessão à necessidade. Pregou audaciosamente a guerra à natureza, a total ruptura com o sangue. “Em verdade, vos declaro”, dizia, todo aquele que deixar sua casa, sua mulher, seus irmãos, seus pais, seus filhos, pelo reino de Deus, recebe o cêntuplo neste mundo e, no mundo vindouro, a vida eterna”<sup>7</sup>.

As instruções que se supõe Jesus ter dado a seus discípulos denotam a mesma exaltação<sup>8</sup>. Ele, que era tão afável com os

---

<sup>5</sup> Mat., XVIII, 8-9. Cf. Talm. da Bab., *Niddah*, 13 b.

<sup>6</sup> Mat., XXII, 30; Marc., XII, 25; Luc., XX, 35; Evangelho ebionita, dito “dos Egípcios”, em *Ciem de Alex., Strom.*, III, 9, 13, e *Clem. Rom.*, Epíst. II, 12.

<sup>7</sup> Luc., XVIII, 29-30.

<sup>8</sup> Mat., X, inteiro; XXIV, 9; Marc., VI, 8 e seg.; IX, 40; XIII, 9-13; Luc., IX, 3 e seg.; X, 1 e seg.; XII, 4 e seg.; XXI, 17; João, XV, 18 e seg.; XVII, 14.



de fora, que às vezes se contentava com meias adesões<sup>9</sup>, era para com os seus de um rigor extremo. Ele não queria meio-termo. Poder-se-ia dizer que era uma “ordem”: constituída pelas mais austeras regras. Fiel à sua idéia de que as preocupações com a vida perturbam o homem e o rebaixam, Jesus exigia de seus associados um completo desapego da terra, uma absoluta devoção à sua obra. Eles não devem carregar nem dinheiro, nem provisões de viagem, nem mesmo um alforje, nem uma roupa para trocar. Devem praticar a pobreza absoluta, viver de esmolas e de hospitalidade. “O que recebestes de graça, transmiti-o gratuitamente”<sup>10</sup>, dizia em seu belo linguajar. Se fossem presos, levados à presença dos juízes, que não preparassem sua defesa, o advogado celeste os inspiraria para o que devesse ser dito. O Pai lhes enviaria do alto seu Espírito. Esse Espírito era o princípio de todos os seus atos, o diretor de todos os seus pensamentos, seu guia pelo mundo<sup>11</sup>. Se fossem expulsos de uma cidade, que sacudissem sobre ela a poeira de seus calçados, alertando-a, contudo, para que não alegasse ignorância da proximidade do reino de Deus. “Antes de haverdes esgotado”, acrescentava, “as cidades de Israel, o Filho do Homem aparecerá”.

Um ardor estranho anima todos esses discursos, que podem, em parte, ser a origem do entusiasmo dos discípulos<sup>12</sup>. Mas que, mesmo nesse caso, vêm indiretamente de Jesus, posto que tal entusiasmo era sua obra. Jesus anuncia aos que o querem seguir grandes perseguições e o ódio do gênero humano. Ele os envia como cordeiros no meio de lobos. Serão flagelados nas sinagogas, arrastados a prisões. O irmão será atraído por seu irmão, o filho, por seu pai. Quando os perseguirem

---

<sup>9</sup> Marc., IX, 38 e seg.

<sup>10</sup> Mat., X, 8. Comp. midrax *Talkout*, *Deuteron.*, sec. 824.

<sup>11</sup> Mat., X, 20; João, XIV, 16 e seg., 26; XV, 26; XVI, 7, 13.

<sup>12</sup> As passagens Mat., X, 38; XVI, 24; Marc., VIII, 34; Luc., XIV, 27, devem ter sido concebidas após a morte de Jesus.

em uma região, que eles fujam para outra. “O discípulo”, dizia ele, “não é mais que seu mestre, nem o servidor é mais que seu patrão. Não temais os que tiram a vida do corpo e que nada podem sobre a alma. Obtêm-se dois pássaros por um óbolo; contudo, uma dessas aves não cai sem a permissão de vosso Pai. Os cabelos de vossa cabeça estão contados. Não temais nada; vós valeis muitos pássaros”<sup>13</sup>. “Todo aquele que der testemunho de mim diante dos homens, eu o reconhecerei diante de meu Pai; mas aquele que se envergonhar de mim diante dos homens, eu o negarei diante dos anjos, quando eu vier rodeado da glória de meu Pai, que está nos Céus”<sup>14</sup>.

Em seus acessos de rigor, ele chegava a suprimir a carne. Suas exigências não tinham medidas. Desprezando os santos limites da natureza do homem, queria que o homem existisse apenas para ele, que amasse unicamente a ele. “Se alguém vier a mim”, dizia ele, “e não detestar seu pai, sua mãe, sua mulher, seus filhos, seus irmãos, suas irmãs e mesmo sua própria vida, ele não pode ser meu discípulo”<sup>15</sup>. “Se alguém não renuncia a tudo quanto possui, não pode ser meu discípulo”<sup>16</sup>. Algo mais que humano e estranho se mesclava às suas palavras. Era como um fogo devorando a vida pela raiz e reduzindo tudo a um horrível deserto. O sentimento áspero e triste de desgosto pelo mundo e a abnegação exagerada que caracterizam a perfeição cristã tiveram por fundador não o fino e alegre moralista dos primeiros dias, mas o gigante sombrio que uma espécie de pressentimento grandioso lançava cada vez mais para fora da humanidade. Parecia que, nesses momentos de guerra contra as necessidades mais legítimas do coração, ele havia esquecido o prazer de viver, de amar, de ver, de sentir. Ultrapassando qualquer medida, ele ousava dizer:

---

<sup>13</sup> Mat., X, 24-31; Luc., XII, 4-7.

<sup>14</sup> Mat., X, 32-33; Marc., VIII, 38; Luc., IX, 26; XII, 8-9.

<sup>15</sup> Luc., XIV, 26. É preciso levar em conta o exagero do estilo de Lucas.

<sup>16</sup> Luc., XIV, 33.

“Se alguém quiser ser meu discípulo, que renuncie a si mesmo e me siga! Aquele que ama seu pai e sua mãe mais que a mim não é digno de mim; aquele que ama seu filho ou sua filha mais que a mim não é digno de mim. Apegar-se à vida é perder-se; sacrificar sua vida por mim e pela boa nova é salvar-se. O que adianta a um homem ganhar o mundo inteiro e perder-se a si mesmo.”<sup>17</sup> Duas anedotas, do gênero dessas que não se precisa aceitar como históricas, mas que se propõem a dar uma noção de caráter ao exagerá-la, bem pintavam esse desafio lançado à natureza. Ele disse a um homem: “Siga-me!”. “Senhor”, respondeu-lhe esse homem, “deixe-me primeiro ir enterrar meu pai”. Jesus retoma: “Deixa os mortos enterrarem seus mortos; tu, vai e anuncia o reino de Deus”. Um outro lhe disse: “Eu te seguirei, Senhor, mas permita-me antes ir deixar em ordem os negócios de minha casa”. Jesus lhe responde: “Aquele que põe a mão no arado e olha para trás não é feito para o reino de Deus”<sup>18</sup>. Uma certeza extraordinária, e às vezes traços de doçura singular, revira nossos pensamentos, fazendo aceitar esses exageros. “Vinde a mim”, clamava ele, “todos os que estiverem cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai meu jugo sobre vossos ombros; aprendei em mim que sou doce e humilde de coração, e encontrareis repouso em vossas almas; pois meu jugo é doce, e meu fardo leve”<sup>19</sup>.

Um grande perigo resultava para o futuro dessa moral exaltada, expressa em linguagem hiperbólica e de uma energia espontânea. De tanto forçar o homem a desprender-se da terra, quebrava-se a vida. O cristão será louvado por ser mau filho, mau patriota, se for por Cristo que ele desobedece ao pai e combate sua pátria. A cidade antiga, a república, mãe de todos, o Estado, lei comum de todos, constituíram-se em hostilidade

---

<sup>17</sup> Mat., X, 37-39; XVI, 24-26; Marc., VIII, 34-37; Lucas, IX, 23-25; XIV, 26-27; XVII, 33; João, XII, 25.

<sup>18</sup> Mat., VIII, 21-22; Luc., IX, 56-62.

<sup>19</sup> Mat., XI, 28-30.

para com o reino de Deus. Um germe fatal de teocracia introduziu-se no mundo.

Uma outra consequência desde já se deixa antever. Transportada num estado de calma e no seio de uma sociedade segura sobre sua própria duração, essa moral, feita para um momento de crise, devia parecer impossível. Dessa forma, o Evangelho estava destinado a tornar-se uma utopia para os cristãos, que se importariam muito pouco em realizá-la. Esses princípios fulminantes devam dormir, para muitos, num profundo esquecimento, entretido pelo próprio clero. O homem evangélico seria um homem perigoso. De todos os humanos, o mais interesseiro, o mais orgulhoso, o mais duro, o mais despido de poesia, um Luís XIV, por exemplo, devia encontrar padres para convencê-lo, a despeito do Evangelho, de que ele era cristão. Mas também deviam se encontrar sempre santos que levassem ao pé da letra os sublimes paradoxos de Jesus. Com a perfeição estando localizada fora das condições normais da sociedade, com a vida evangélica integral podendo ser levada apenas fora do mundo, o princípio do ascetismo e de estado monacal estava estabelecido. As sociedades cristãs terão duas regras morais, uma mediocrementemente heróica para o comum dos homens, a outra exaltada até ao excesso para o homem perfeito. E o homem perfeito seria o monge sujeito a regras que têm a pretensão de realizar o ideal evangélico. É certo que esse ideal, não fosse pela obrigação do celibato e da pobreza, não poderia ser de direito comum. O monge é, dessa forma, sob alguns aspectos, o único verdadeiro cristão. O bom seuso comum se revolta diante desses excessos; se se acreditar nele, o impossível é sinal de fraqueza e de erro. Mas o bom senso comum é mau juiz quando se trata de grandes coisas. Para obter menos da humanidade, é preciso pedir mais. O imenso progresso moral devido ao Evangelho vem desses exageros. É por isso que ele foi, como o estoicismo, porém com uma amplitude infinitamente maior, um argumento vivo das forças divinas que estão no homem, um monumento erguido à força de vontade.

Imagina-se sem esforço que, para Jesus, no ponto em que

chegamos, tudo o que não fosse o reino de Deus absolutamente desapareceria. Ele estava, se se pode assim dizer, fora da natureza: a família, a amizade, a pátria, não tinham mais nenhum sentido para ele. Sem dúvida, havia feito, desde então, o sacrifício de sua vida. Às vezes se é tentado a acreditar que, vendo em sua própria mente um meio de fundar seu reino, ele concebeu deliberadamente o desígnio de ser morto<sup>20</sup>. Outras vezes (embora tal idéia tenha se tornado dogma apenas mais tarde), a morte apresenta-se a ele como um sacrifício destinado a apaziguar seu Pai e a salvar os homens<sup>21</sup>. Um gosto incomum por perseguição e suplícios<sup>22</sup> o possuía. Seu sangue simbolizava para ele a água de um segundo batismo com a qual ele devia ser banhado, e ele parecia tomado por uma pressa de ir além desse batismo, que seria o único a poder saciar sua sede<sup>23</sup>.

O alcance de sua visão sobre o futuro era, por momentos, surpreendente. Ele não dissimulava a espantosa tempestade que se ia abater sobre o mundo. “Vós acreditais, talvez”, dizia ele com audácia e beleza, “que vim para trazer a paz sobre a terra; não, eu vim para lançar-lhe a discórdia. Numa casa com cinco pessoas, três serão contra dois, e dois contra três. Eu vim instalar a divisão entre filho e pai, entre filha e mãe, entre nora e sogra. Doravante cada um terá seus inimigos dentro de casa”<sup>24</sup>. “Eu vim trazer o fogo sobre a terra; tanto melhor se ela já queima!”<sup>25</sup>. “Vós sereis expulsos das sinagogas”, dizia ainda, “e virá a hora em que se acreditará estar prestando culto a Deus matando-vos”<sup>26</sup>. “Se o mundo vos detesta, sabe que ele me

---

<sup>20</sup> Mat., XVI, 21-23; XVII, 12, 21-22.

<sup>21</sup> Marc., X, 45.

<sup>22</sup> Luc., VI, 22 e seg.

<sup>23</sup> Luc., XII, 50.

<sup>24</sup> Mat., X, 34-36; Luc., XII, 51-58. Compare Miquéias, VII, 5-6.

<sup>25</sup> Luc., XII, 49. Ver o texto grego.

<sup>26</sup> João, XVI, 2.

detestou antes de vós. Lembrai-vos das palavras que vos disse: O servo não é maior que seu senhor. Se eles me perseguiram, vos perseguirão também”<sup>27</sup>.

Levado por essa espantosa progressão de entusiasmo, comandado pelas necessidades de uma pregação cada vez mais exaltada, Jesus não estava mais livre. Ele pertencia a seu papel e, num sentido, à humanidade. Poder-se-ia dizer que sua razão por vezes se perturbava. Ele tinha como que angústias e agitações interiores<sup>28</sup>. A grande visão do reino de Deus, incessantemente flamejante diante de seus olhos, lhe dava vertigem. É preciso lembrar que os que lhe eram próximos tomaram-no por louco<sup>29</sup>, que seus inimigos o declararam possuído<sup>30</sup>. Seu temperamento, excessivamente apaixonado, levava-o a cada instante para fora dos limites da natureza humana.

Não sendo a sua obra racional e não se amoldando a todas as regras do espírito humano, o que ele exigia mais imperiosamente era a “fé”<sup>31</sup>. Essa era a palavra que mais frequentemente se repetia no pequeno cenáculo. E a palavra de todos os movimentos populares. É claro que não aconteceria nenhum desses movimentos se fosse preciso que aquele que os iria provocar tivesse de convencer seus discípulos, um após o outro, por meio de boas provas, deduzidas logicamente. A reflexão só leva à dúvida e, se os mentores da Revolução Francesa, por exemplo, tivessem de ser previamente convidados para meditações bastante longas, todos teriam chegado à velhice sem nada fazer. Da mesma forma, Jesus visava menos à convicção regular que ao arrebatamento. Premente, imperativo, ele não sofria oposição alguma: é preciso se converter, ele aguarda. Sua ternura natural parecia tê-lo abandonado.

---

<sup>27</sup> João, XV, 18-20.

<sup>28</sup> João, XII, 27.

<sup>29</sup> Marc., III, 21 e seg.

<sup>30</sup> Marc., III, 22; João, VII, 20; VIII, 48 e seg.; X, 20 e seg.

<sup>31</sup> Mat., VIII, 10; IX, 2, 22, 28-29; XVII, 19, João, VI, 29, etc.

Era às vezes rude e estranho<sup>32</sup>. Seus discípulos, em determinados momentos, não o compreendiam mais, e experimentavam diante dele uma espécie de sentimento de temor<sup>33</sup>. Seu mau humor contra qualquer resistência o levava a atos inexplicáveis e aparentemente absurdos<sup>34</sup>.

Não é que sua virtude tenha decaído, mas sua luta em nome do ideal, contra a realidade, tornava-se insustentável. Ele se mortificava e se revoltava com o contato da terra. O obstáculo o irritava. Sua noção de Filho de Deus perturbava-se e exagerava-se. A divindade tem suas intermitências; não se é Filho de Deus a vida toda e de forma contínua. Apenas em determinados instantes, por iluminações repentinas, perdidas no meio de longas obscuridades. A lei fatal que condena a idéia à decadência assim que ela procura converter os homens aplicava-se a Jesus. Os homens que o tocavam rebaixavam-no a seu nível. O tom que ele adoma não podia ser sustentado por mais de alguns meses. Já era tempo que a morte viesse resolver uma situação estendida excessivamente, retirá-lo das impossibilidades de uma via sem saída e, resgatando-o de uma prova prolongada demais, introduzi-lo, a partir de então, impecável, na sua celeste serenidade.

---

<sup>32</sup> Mar., XVII, 17 (Vulg. 16); Marc., III, 5; IX, 19 (Vulg. 18); Luc., VIII, 45; IX, 41.

<sup>33</sup> Principalmente em Marcos esse traço é sensível: IV, 40; V, 15; IX, 31; X, 32.

<sup>34</sup> Marc., XI, 12-14, 20 e seg.

## CAPÍTULO 20

### Oposição contra Jesus

Durante o primeiro período de sua carreira, parece que Jesus não encontrou séria oposição. Sua pregação — graças à extrema liberdade que se gozava na Galiléia e ao grande número de mestres que surgiam de todas as partes — só teve impacto dentro de um círculo de pessoas muito restrito. Mas, desde que entrara numa via brilhante de prodígios e sucessos públicos, a tempestade começou a rugir. Por mais de uma vez Jesus teve de se esconder e fugir<sup>1</sup>. Fаметanto, Antipas não o incomodou nunca, embora Jesus se expressasse algumas vezes muito severamente a seu respeito<sup>2</sup>. Em Tiberíades, sua residência habitual<sup>3</sup>, o tetrarca estava a apenas uma ou duas léguas do distrito escolhido por Jesus para campo de suas atividades. Ele ouviu falar de seus milagres, que tomava por hábeis manobras, e desejava vê-los<sup>4</sup>. Os incrédulos estavam então curiosíssimos com essa espécie de magia<sup>5</sup>. Com seu costumeiro

---

<sup>1</sup> Mat., XII, 14-16; Marc., III, 7; IX, 29-30.

<sup>2</sup> Marc., VIII, 15; Luc., XIII, 32.

<sup>3</sup> Jos., *Vita*, 9; Madden, *History of jewish coinage*, p. 97 e seg.

<sup>4</sup> Luc., IX, 9; XXIII, 8.

<sup>5</sup> *Lucius*, atribuído a Luciano, 4.



tato, Jesus recusava. Cuidava para não se desviar para um mundo irreligioso, que queda tirar dele um divertimento vão. Ele só desejava conquistar o povo e guardar para os simples os meios que eram bons apenas para eles.

Em dado toomento, o boato se espalhou e Jesus não era senão João Batista ressuscitado dos mortos. Antipas ficou preocupado e inquieto<sup>6</sup>; usou de astúcia para afastar o novo profeta de seus domínios. Fariseus, com o pretexto de estafem interessados em Jesus, vieram lhe dizer que Antipas queda matá-lo. Jesus, a despeito de sua grande simplicidade, percebeu a armadilha e não partiu<sup>7</sup>. Seu ar pacífico, seu distanciamento da agitação popular, acabaram por tranquilizar o tetrarca e dissipar o perigo.

Faltava muito para que a nova doutrina fosse acolhida com igual benevolência em todas as cidades da Galiléia. Não apenas a incrédula Nazaré continuava a rejeitar aquele que devia fazer sua glória; não apenas seus irmãos persistiam em não acreditar nele<sup>8</sup>; as próprias cidades do lago, em geral benevolentes, não estavam todas convertidas. Frequentemente Jesus lamentava a incredulidade e a dureza de coração que encontrava e, embora fosse natural relevar de tais recriminações os exageros do pregador, embora fosse possível sentir nelas essa espécie de *convicium seculi* que Jesus pregava à imitação de João Batista<sup>9</sup>, é claro que a região estava longe de reunir-se toda ao reino de Deus. “Pior para ti, Corazim! Pior para ti, Betsáida!”, exclamava ele, pois, se Tiro e Sídon tivessem visto os milagres dos quais vós tendes testemunhado, há muito tempo fari.'am penitencia sob o cilício e a cinza. Também vos digo que, no dia do julgamento, Tiro e Sídon terão

---

<sup>6</sup> Mat., XIV, I e seg.; Marc., VI, 14 e seg.; Luc. IX, 7 e seg.

<sup>7</sup> Luc., XVIII, 31 e seg.

<sup>8</sup> João, VII, 5.

<sup>9</sup> Mat., XII, 39, 45; XIII, 15; XVI, 4; Luc., XI, 29.

sorte mais suportável que a vossa. E tu, Cafarnaum, que foste erguida até o céu, serás rebaixada até os infernos, pois, se os milagres que foram feitos em teu interior tivessem sido feitos em Sodoma, Sodoma ainda existiria hoje. É por isso que eu digo que, no dia do julgamento, a terra de Sodoma será tratada com menos rigor que tu”<sup>10</sup>. “A rainha de Sabá”, acrescentou ele, “se levantará no dia do julgamento contra os homens desta geração e os condenará, porque ela veio dos confins do mundo para ouvir a sabedoria de Salomão; ora, aqui há mais que Salomão. Os ninivitas se levantarão, no dia do julgamento, contra essa geração e a condenarão, porque eles fizeram penitência à pregação de Jonas. Ora, aqui há mais que Jonas”<sup>11</sup>. Sua vida errante, a princípio fascinante para ele, também começava a lhe pesar. “As raposas”, dizia ele, “têm seus covis e os pássaros do céu seus ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde descansar sua cabeça”<sup>12</sup>. Ele acusava os incrédulos de se recusarem às evidências. O amargor e a reprovação tomavam conta de seu coração a cada dia.

De fato, Jesus não podia acolher a oposição com a frieza do filósofo que, compreendendo a razão das opiniões diversas que se espalham pelo mundo, acha muito natural que não estejam de acordo com ele. Um dos principais defeitos da raça judaica é sua aspereza na controvérsia, e o tom injurioso que ela quase sempre assume nesse caso. Nunca houve no mundo disputas mais acirradas que as dos judeus entre si. É o sentimento da nuança que faz o homem ser polido e moderado. Ora, a falta de sutileza é um dos traços mais constantes no espírito semítico. As obras delicadas, como os diálogos de Platão, por exemplo, são desconhecidas desses povos. Jesus, que era isento de quase todos os defeitos de sua raça, e cuja qualidade dominante era justamente uma delicadeza infinita,

---

<sup>10</sup> Mat., XI, 21-24; Luc., X, 12-15.

<sup>11</sup> Mat., XII, 41-42; Luc., XI, 31-32.

<sup>12</sup> Mat., VIII, 20; Luc., XI, 31-32.

foi levado, a contragosto, a usar o estilo de todos na polêmica<sup>13</sup>. Como João Batista<sup>14</sup>, ele empregava termos muito duros contra seus adversários. Usando de uma estranha mansidão com os simples, irritava-se diante da incredulidade, mesmo a mais pacata<sup>15</sup>. Não era mais aquele doce mestre do Sermão da Montanha, quando ainda não tinha encontrado resistência ou dificuldade. A paixão, que estava no fundo de seu caráter, levava-o aos mais fortes insultos. Essa mistura incomum não deve surpreender. Um homem de nossos dias apresentou o mesmo contraste com um raro vigor; é M. de Hamenais. No seu belo livro *Palavras de um crente*, a cólera mais desenfreada e os retornos mais suaves alternam-se como numa miragem. Esse homem, que demonstrava grande bondade nas suas relações sociais, tornava-se intratável até a loucura para os que não pensavam como ele. Da mesma forma, Jesus usava, com razão, a passagem do livro de Isaías<sup>16</sup>: “Ele não brigará, não gritará; não se escutará sua voz nas praças; ele absolutamente não romperá o caniço esmagado, e não apagará o linho que ainda fumega”<sup>17</sup>. No entanto, várias das recomendações que ele dirigiu a seus discípulos encerram os germes de um verdadeiro fanatismo<sup>18</sup>, germes que a Idade Média deveria desenvolver de forma cruel. Mereceria repreensão por isso? Revolução alguma se cumpre sem um pouco de rudeza. Se Lutero, se os autores da Revolução Francesa tivessem de observar as regras da polidez, a Reforma e a Revolução não teriam sido feitas. Felicitemo-nos, também, por Jesus não ter encontrado uenhuma lei que punisse o ultraje contra uma classe de cidadãos. Os fariseus teriam sido invioláveis. Todas as grandes

---

<sup>13</sup> Mat., XII, 34; XV, 14; XXIII, 33.

<sup>14</sup> Mat., III, 7.

<sup>15</sup> Mat., XII, 30; Luc., XXI, 23.

<sup>16</sup> XLII, 2-3.

<sup>17</sup> Mat., XII, 19-20.

<sup>18</sup> Mat., X, 14-15, 21 e seg., 34 e seg.; Luc., XIX, 27.

coisas da humanidade foram cumpridas em nome de princípios absolutos. Um filósofo crítico teria dito a seus discípulos: “Respeitai a opinião alheia e acreditai que ninguém está completamente certo de que seu adversário está completamente errado”. Mas a ação de Jesus não tem nada em comum com a especulação desinteressada do filósofo. Dizer-se que se atingiu um momento ideal e que se foi bloqueado pela maldade de alguns é um pensamento insuportável para uma alma ardente. O que não teria sido para o fundador de um mundo novo!

O obstáculo invencível às idéias de Jesus vinha principalmente dos fariseus. Jesus se distanciava cada vez mais do judaísmo dito ortodoxo. Ora, os fariseus eram a energia e a força do judaísmo. Embora esse partido tenha tido seu centro em Jerusalém, havia contudo adeptos estabelecidos na Galiléia, ou que iam amiúde para o Norte<sup>19</sup>. Eram, em geral, homens de espírito estreito, que prezavam muito os atos exteriores, donos de uma devoção desdenhosa, oficial, satisfeita e segura dela mesma<sup>20</sup>. Suas maneiras eram ridículas e faziam rir mesmo aos que os respeitavam. Os apelidos que o povo lhes clava, e que pareciam caricaturas, são a prova disso. Havia o “fariseu cambeta” (*nikif*), que caminhava pelas ruas arrastando os pés e chutando pedras; o “fariseu cabeça sangrenta” (*kizai*), que andava com os olhos fechados para não ver as mulheres e batia a cabeça nas paredes, de modo que vivia com esta ensanguentada; o “fariseu pilão” (*medoukia*), que andava dobrado como o cabo de um pilão; o “fariseu bom de ombros” (*schikmi*), que andava com os ombros anluados como se carregasse todo o fardo da Lei; o “fariseu faz-tudo”, sempre à cata de um preceito a cumprir. Acrescentava-se às vezes o “fariseu tingido”, para o qual todo o exterior da devoção era

---

<sup>19</sup> Marc., VII, 1; Luc., 17 e seg.; VII, 36.

<sup>20</sup> Mat., VI, 2, 5, 16; IX, 11, 14; XII, 2; XXIII, 5, 15, 23; Luc., V, 30; VI, 2, 7; XI, 39 e seg.; XVIII, 12; João, IX, 16; *Pirké Aboth*, I, 16; Jos., *Ant.*, XVII, II, 4; XVIII, I, 3; *Vita*, 38; Talm. da Bab., *Sota*, 22b.

apenas um verniz de hipocrisia<sup>21</sup>. De fato, esse rigorismo era muitas vezes aparente e escondia, na realidade, um grande desleixo moral<sup>22</sup>. O povo, entretanto, era ingênuo. O povo, cujo instinto é sempre correto, mesmo quando ele se desvia mais fortemente sobre as questões pessoais, é facilmente enganado pelos falsos devotos. O que aprecia neles é bom e digno de ser amado; mas ele não tem grande alcance para discernir aparência de realidade.

É fácil compreender a antipatia que, num mundo tão apaixonado, devia logo se manifestar entre Jesus e pessoas com esse caráter. Jesus queria apenas a religião do coração. A religião dos fariseus consistiu quase que unicamente de observância. Jesus procurava os humildes e os rejeitados pela sorte. Os fariseus viam nisso um insulto à sua religião de homens de bem. Um fariseu era um homem infalível e impecável, um pedante, convicto de ter razão, tomando o primeiro lugar na sinagoga, rezando nas ruas, dando esmola com estardalhaço, reparando se o saudavam. Jesus sustentava que cada um deve aguardar o julgamento de Deus com apreensão e temor. Faltava pouco para que a má direção religiosa representada pelo farisalismo retomasse seu controle. Muitos homens, antes de Jesus ou de seu tempo, tais como Jesus, filho de Sirac, um dos verdadeiros ancestrais de Jesus de Nazaré, Gamaliel, Antígona de Soco, o doce e nobre Hillel, principalmente, haviam ensinado doutrinas religiosas bem mais elevadas e já quase evangélicas. Mas essas boas sementes foram abafadas. Os belos princípios de Hillel resumindo toda a Lei

---

<sup>21</sup> Mischna, *Sota*, III, 2; Talm. de Jerusalém, *Berakoth*, IX, sub fin.; *Sota*, V, 7; Talm. da Babilônia, *Sota*, 22 b. As duas redações dessa passagem curiosa oferecem sensíveis diferenças. Seguimos quase em tudo a redução da Babilônia, que parece ser a mais natural. Cf. Epif., *Adv. haer.*, XVI, 1. Os trechos de Epifânio e vários do Talmude podem, aliás, referir-se a uma época posterior a Jesus, época em que o “fariseu” tornou-se sinônimo de “devoto”.

<sup>22</sup> Mat., V, 20; XV, 4; XXIII, 3, 16 e seg.; João, VIII, 7; Jos., *Ant.*, XII, IX, 1; XIII, X, 5.

na equidade<sup>23</sup>, os de Jesus, filho de Sirac, fazendo consistir o culto na prática do bem<sup>24</sup>, eram esquecidos ou anatematizados<sup>25</sup>. Chamaí, com seu espírito estreito e exclusivo, tinha levado vantagem. Uma massa enorme de “tradições” havia abafado a Lei<sup>26</sup>, sob pretexto de protegê-la e interpretá-la. Sem dúvida, essas medidas conservadoras tiveram seu lado útil; é bom que o povo judeu tenha amado a Lei até o delírio, já que esse amor frenético, salvando o moiseísmo sob Antíoco Epifânio e sob Herodes, guardou o fermento necessário à produção do cristianismo. Mas, tomadas em si mesmas, as velhas precauções de que se trata não passavam de puerilidades. A sinagoga, que era seu celeiro, não passava de uma geradora de erros. Seu reino tinha terminado; entretanto, pedir-lhe que abdicasse era pedir o que nenhuma potência estabelecida nunca fez nem pode fazer.

As lutas de Jesus contra a hipocrisia oficial eram contínuas. A tática habitual dos reformadores que aparecem no estado religioso que acabamos de descrever, e que se pode chamar “formalismo tradicional”, é opor o “texto” dos livros sagrados às “tradições”. O zelo religioso é sempre inovador, mesmo quando ele pretende ser conservador no mais alto grau. Como os neocatólicos de nossos dias se distanciam constantemente do Evangelho, assim os fariseus se distanciavam pouco a pouco da Bíblia. Eis porque o reformador puritano é, na maioria das vezes, essencialmente “bíblico”, partindo do texto imutável para criticar a teologia corrente, que caminhou de geração em geração. Foi o que fizeram mais tarde os caraítas\*, os protestantes. Jesus apontou bem mais energicamente o

---

<sup>23</sup> Talm. da Bab., *Shabat*, 31 a; *Joma*, 35 b.

<sup>24</sup> Ecl., XVII, 21 e seg.; XXXV, 1 e seg.

<sup>25</sup> Talm. de Jerus., *Sanedrim*, XI, 1; Talm. da Bab., *Sanedrim*, 100 b.

<sup>26</sup> Mat., XV, 2.

\* Os caraítas são teólogos judaicos que rejeitam o Talmude e só aceitam a autoridade da Bíblia. (N. do E.)

machado para a raiz. Às vezes o vemos, é verdade, invocar o texto sagrado contra os falsos *masores* ou tradições dos fariseus<sup>27</sup>. Mas, em geral, ele faz pouca exegese; é à consciência que ele apela. Ao mesmo tempo resolve o texto e os comentários. Mostra claramente aos fariseus que, com suas tradições, alteram gravemente o moiseísmo; mas ele próprio não pretende, absolutamente, voltar a Moisés. Seu objetivo estava à frente, não atrás. Jesus era mais que o reformador de uma religião envelhecida; era o criador da religião eterna da humanidade.

As disputas eclodiam principalmente por causa de uma enorme quantidade de práticas exteriores introduzidas pela tradição, e que nem Jesus nem seus discípulos observavam<sup>28</sup>. Os fariseus lhes faziam muita recriminação. Quando jantava com eles, escandalizava-os muito por não se submeter às abluções do costume. “Dê esmola”, dizia, “e tudo para vós será puro”<sup>29</sup>. O que magoava muitíssimo o seu tato delicado era o ar de segurança que os fariseus assumiam diante de assuntos religiosos, sua devoção mesquinha, que levava a busca vã de precedência e de títulos, e de modo algum o aperfeiçoamento dos corações. Uma admirável parábola traduzia esse pensamento com infinito encantamento e justeza. “Um dia”, dizia, “dois homens subiram ao Templo para rezar. Um era fariseu, o outro publicano. O fariseu, de pé, dizia para si mesmo: ‘Ó Deus! agradeço-vos por não ser como os outros homens (por exemplo, como esse publicano), ladrão, injusto, adúltero. Eu jejuo duas vezes por semana, dou o dízimo de tudo o que possuo’. O publicano, ao contrário, mantendo-se afastado, não ousava levantar os olhos para o céu, mas batiá no peito dizendo: ‘Ó Deus! sê indulgente para comigo, pobre

---

<sup>27</sup> Mat., XV, 2 e seg.; Marc., VII, 2 e seg.

<sup>28</sup> Mat., XV, 2 e seg.; Marc., VII, 4, 8; Luc., V, *sub fin.*, e VI, início; XI, 38 e seg.

<sup>29</sup> Luc., XI, 41.

pecador'. Eu vos declaro que este voltou para sua casa perdoado, mas o outro, não<sup>30</sup>.

Um ódio que só podia ser saciado com a morte foi a consequência dessas lutas. João Batista já havia provocado inimizades do mesmo tipo<sup>31</sup>. Mas os aristocratas de Jerusalém, que o desprezavam, deixaram as pessoas simples tomarem-no por um profeta<sup>32</sup>. Dessa vez, a guerra era de morte. Era um espírito novo que aparecia no mundo e que destruía tudo o que o havia precedido. João Batista era profundamente judeu; Jesus o era pouquíssimo. Jesus sempre se dirigia à delicadeza do sentimento moral. Ele só era disputador quando tinha de argumentar contra os fariseus, quando era forçado pelo adversário, como acontece quase sempre, a seguir o seu tom<sup>33</sup>. Nesses casos usa esquisitas zombarias, malignas provocações que sempre batem forte no coração. Como eternos estigmas, elas ficam gradarias na ferida. Essa túnica de Nesso do ridículo, que o judeu, filho de fariseus, arrastava em farrapos atrás de si há dezoito séculos, foi Jesus que a teceu com um artifício divino. Obras-primas de alto escárnio, seus golpes foram marcados com tinhas de fogo na carne do hipócrita e do falso devoto. Golpes incomparáveis, dignos de um filho de Deus! Apenas um deus sabe matar dessa forma. Sócrates e Molière apenas a pele. Aquele leva até o fundo dos ossos o fogo e a raiva.

Mas também era justo que esse grande mestre da ironia pagasse com a vida seu triunfo. Desde a Galiléia, os fariseus procuravam arruiná-lo e empregaram contra ele a manobra que devia recompensá-los mais tarde em Jerusalém. Eles tentaram atrair para sua causa o interesse dos partidários da nova ordem política que se estabeleceria<sup>34</sup>. As facilidades que

---

<sup>30</sup> Luc., XVIII, 9-14; comp. *IBID.*, XIV, 7-11.

<sup>31</sup> Mat., III, 7 e seg.; XVII, 12-13.

<sup>32</sup> Mat., XIV, 5; XXI, 26; Marc., XI, 32; Luc., XX, 6.

<sup>33</sup> Mat., XII, 3-8; XXIII, 16 e seg.

<sup>34</sup> Marc., III, 6.



Jesus encontrava na Galiléia para se safar e a fraqueza do governo de Antipas frustraram suas tentativas. Ele próprio ia se oferecer ao perigo. Bem sabia que sua ação, se ele ficasse confinado na Galiléia, estava necessariamente limitada. A Judéia o atraía como que por um encanto; ele quis tentar um último esforço para conquistar a cidade rebelde e pareceu tomar o encargo de justificar o provérbio que um profeta não deve absolutamente morrer fora de Jerusalém<sup>35</sup>.

---

<sup>35</sup> Luc., XIII, 33.

## CAPÍTULO 21

### **A última viagem de Jesus a Jerusalém**

Jesus já percebia os perigos que o rodeavam havia muito tempo<sup>1</sup>. Durante um espaço de tempo que se pode estimar em dezoito meses, ele evitou suas peregrinações à Cidade Santa<sup>2</sup>. Seus parentes, sempre malévolos e incrédulos<sup>3</sup>, convidaram-no a ir à Festa dos Tabernáculos do ano 32 (segundo a hipótese que adotamos). O evangelista parece insinuar que havia nesse convite algum projeto secreto para arruiná-lo. “Revela-te ao mundo”, lhe diziam eles; “não se faz essas coisas em segredo. Vai à Judéia, para que se veja o que tu sabes fazer”. Jesus, desconfiando de alguma traição, recusou de início; depois, quando a caravana de peregrinos havia partido, ele se pôs a caminho, sem que ninguém soubesse, quase sozinho<sup>4</sup>. Foi o último adeus que ele deu à Galiléia. A Festa dos Tabernáculos se dava no equinócio de outono. Seis meses ainda deviam correr até o desfecho fatal. Mas, durante esse intervalo, Jesus não reviu suas caras províncias do Norte. Os tempos suaves haviam acabado; era preciso, naquele

---

<sup>1</sup> Mat., XVI, 20-21; Marc., VIII, 30-31.

<sup>2</sup> João, VII, 1.

<sup>3</sup> João, VII, 5.

<sup>4</sup> João, VII, 10.

momento, percorrer, passo a passo, a estrada dolorosa que terminaria com as angústias da morte.

Seus discípulos e as mulheres piedosas que o serviam encontraram-no na Judéia<sup>5</sup>. Mas como todo o resto estava mudado para ele! Jesus era um estrangeiro em Jerusalém. Sentia que ali havia um muro de resistência que ele não ultrapassaria. Rodeado de armadilhas e objeções, era incessantemente perseguido pela malevolência dos fariseus<sup>6</sup>. Em vez daquela capacidade ilimitada de acreditar, feliz dom da natureza jovem que ele encontrava na Galiléia, em vez dessas populações boas e meigas junto às quais a objeção (que é sempre fruto de um pouco de malevolência e indocilidade) não tinha acesso, ele encontrava ali, a cada passo, uma incredulidade obstinada, sobre a qual os meios de ação com que se havia saído tão bem no Norte tinham pouca influência. Seus discípulos, enquanto galileus, eram desprezados. Nicodemos, que havia tido com ele numa das viagens anteriores, uma conversa à noite, quase se comprometeu no *Sanedrim* por ter querido defendê-lo: “O quê?! tu também és galileu?”, lhe disseram. “Consulta as escrituras; pode um profeta vir da Galiléia?!”<sup>7</sup>

A cidade, como já dissemos, desagradava a Jesus. Até então, ele sempre evitava os grandes centros, preferindo o campo e as cidades de mediana importância, para a sua obra. Vários dos preceitos que dava a seus apóstolos não podiam absolutamente ser aplicáveis fora de uma simples sociedade de gente de condição inferior<sup>8</sup>. Não tendo ideia alguma do mundo, acostumado ao seu amável comunismo galileu, deixava constantemente escapar ingenuidades, que em Jerusalém podiam parecer incomuns<sup>9</sup>. Sua imaginação e seu gosto pela natureza

---

<sup>5</sup> Mat., XXVII, 55; Marc., XV, 41; Luc., XXIII, 49, 55.

<sup>6</sup> João, VII, 20, 25, 30, 32.

<sup>7</sup> João, VII, 50 e seg.

<sup>8</sup> Mat., X, 11-13; Marc., VI, 10; Luc., X, 5-8.

<sup>9</sup> Mat., XXI, 3; Marc., 3; XIV, 13-14; Luc., XIX, 31; XXII, 10-12.

estavam reprimidos dentro dessas muralhas. A verdadeira religião deveria surgir não do tumulto das cidades, mas da tranquila serenidade do campo.

A arrogância dos sacerdotes tornava-lhe os adros do Templo desagradáveis. Um dia, alguns de seus discípulos, que conheciam Jerusalém melhor que ele, quiseram fazê-lo notar a beleza das construções do Templo, a admirável escolha dos materiais, a riqueza das oferendas votivas que cobriam as paredes: “Vede todos esses edifícios”, disse ele, “eu vos declaro: não sobrá pedra sobre pedra”<sup>10</sup>. Ele nada admirou, a não ser uma pobre viúva que passava naquele momento, e depositava uma pequena esmola na caixa. “Ela deu mais que os outros”, disse ele; “os outros deram de seu supérfluo; ela, de seu necessário”<sup>11</sup>. Essa forma de analisar criticamente tudo o que se fazia em Jerusalém, de exaltar o pobre que dava pouco, de rebaixar o rico que dava muito<sup>12</sup>, de censurar o clero opulento, que nada fazia para o bem do povo, naturalmente exasperava a casta sacerdotal. Sede de uma aristocracia conservadora, o Templo, como o *haram* muçulmano que o sucedeu, era o último lugar do mundo em que a revolução poderia triunfar. Suponha-se um inovador de nossos tempos indo pregar a destruição do islamismo em volta da mesquita de Omar! Entretanto, ali estava o centro da vida judaica, o ponto em que era preciso vencer ou morrer. Sobre esse calvário, onde Jesus sofreu certamente mais que no Gólgota, seus dias transcorriam em meio à disputa e ao amargor, entre desagradáveis controvérsias de direito canônico e de exegese, para as quais a sua grande elevação moral lhe dava pouca vantagem, ou melhor, lhe criava uma espécie de inferioridade.

No seio dessa vida perturbada, o coração sensível e bom

---

<sup>10</sup> Mat., XXIV, 1-2; Marc., XIII, 1-2; Luc., XIX, 44; XXI, 5, 6. Cf. Marc., XI, 11.

<sup>11</sup> Marc., XII, 41 e seg.; Luc., XXI, 1 e seg.

<sup>12</sup> Marc., XII, 41.

de Jesus conseguiu criar para si um abrigo onde gozava de muita suavidade. Depois de ter passado o dia nas disputas do Templo, Jesus descia à noite para o vale do Cedron, descansava um pouco no pomar de um estabelecimento agrícola (provavelmente uma produtora de azeite) chamado Getsêmani<sup>13</sup>, que servia de lugar de lazer aos habitantes, e ia passar a noite no monte das Oliveiras, que limita, ao nascer do sol, o horizonte da cidade<sup>14</sup>. Das imediações de Jerusalém, esse era o único lado que oferecera um aspecto um pouco risonho e verde. As plantações de oliveiras, figueiras e palmeiras eram numerosas em volta das aldeias, fazendas ou tapadas de Beffagé, Getsêmani, Betânia<sup>15</sup>. Havia sobre o monte das Oliveiras dois grandes cedros, cuja lembrança se conservou durante muito tempo entre os judeus dispersos; seus galhos serviam de abrigo a bandos de pombas, e sob sua sombra se estabeleceram pequenos bazares<sup>16</sup>. Toda essa periferia foi, de algum modo, o bairro de Jesus e de seus discípulos. Vê-se que eles o conhecem quase que palmo a palmo e casa por casa.

A cidade de Betânia, em particular<sup>17</sup>, situada no topo da colina, sobre a vertente que dá para o Mar Morto e o Jordão, a uma hora e meia de Jerusalém, era o local predileto de Jesus<sup>18</sup>. Ele conheceu uma família composta por três pessoas: duas irmãs e um terceiro membro, cuja amizade teve para ele muito

---

<sup>13</sup> Marc., XI, 19; Luc., XXII, 39; João, XVIII, 1-2. Esse pomar não devia ser muito distante do lugar que a piedade dos católicos cercou com um muro algumas velhas oliveiras. A palavra Getsêmani parece significar “lugar de azeite”.

<sup>14</sup> Luc., XXI, 37, XXII, 39; João, VIII, 1-2.

<sup>15</sup> Pode-se concluí-lo das etimologias dessas três palavras (embora *Betfagé* e *Betânia* sejam susceptíveis de um outro sentido). Cf. Talmude da Babilônia, *Pesachim*, 53a.

<sup>16</sup> Talmude de Jerusalém, *Taanite*, IV, 8.

<sup>17</sup> Hoje *El-Azirié* (de *El-Azir*, nome árabe de Lázaro); nos textos cristãos da Idade Média, *Lazarium*.

<sup>18</sup> Mat., XXI, 17-18; Marc., XI, 11-12.

encanto<sup>19</sup>. Uma das duas irmãs, Marta, era uma pessoa obsequiosa, boa, devotada<sup>20</sup>; a outra, ao contrário, chamada Maria, agradava a Jesus por uma espécie de languidez<sup>21</sup>, e por seus instintos especulativos muito desenvolvidos. Frequentemente, sentada aos pés de Jesus, a escutá-lo, esquecia-se dos deveres da vida real. Sua irmã, então, sobre quem recaía todo o serviço, lamentava suavemente, e Jesus lhe dizia: “Marta, Marta, tu te atormentas e te preocupas com muitas coisas; ora, uma única é necessária. Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será absolutamente retirada”<sup>22</sup>. Um tal Simão, o leproso, que era o proprietário da casa, parece ter sido o irmão de Maria e de Marta ou, pelo menos, fazia parte da família<sup>23</sup>. Era ali, no seio de uma piedosa amizade, que Jesus esquecia os desgostos da vida pública. Nesse tranquilo interior, consolava-se dos aborrecimentos que os fariseus e os escribas não paravam de lhe impingir. Ele se sentava frequentemente sobre o monte das Oliveiras, de frente para o monte Moriá<sup>24</sup>, tendo debaixo dos olhos a esplêndida vista dos terraços do Templo e de seus telhados cobertos de lâminas reluzentes. Essa vista tocava de admiração os estrangeiros. Ao nascer do sol, principalmente,

---

<sup>19</sup> João, XI, 5, 35-36.

<sup>20</sup> Lucas, X, 38-42; João, XII, 2. Lucas parece situar a casa das duas irmãs na estrada entre a Galiléia e Jerusalém. Mas a topografia de Lucas desde IX, 51 até XVIII, 31 é inconcebível, se tomada à risca. Certos episódios dessa parte do terceiro Evangelho parecem se passar em Jerusalém ou arredores.

<sup>21</sup> João, XI, 20.

<sup>22</sup> Luc., X, 38 e seg.

<sup>23</sup> Mat., XXVI, 6; Marc., XIV, 3, Luc., VII, 40, 43; João, XI, 1 e seg.; XII, 1 e seg. O nome Lázaro, que o quarto Evangelho dá ao irmão de Maria e Marta, parece vir da parábola Lucas, XVI, 19 e seg. (repare principalmente nos versículos 30-31). O epíteto de “leproso” que levava Simão, e que coincide com as “úlceras” de Lucas, XVI, 20-21, pode ter levado a esse bizarro procedimento do quarto Evangelho. A inabilidade da passagem João, XI, 1-2 mostra bem que Lázaro tem menos peso na tradição do que Maria e Marta.

<sup>24</sup> Marc., XIII, 3.

a montanha sagrada deslumbrava os olhos e parecia uma massa de neve e ouro<sup>25</sup>. Mas um profundo sentimento de tristeza envenenava, para Jesus, o espetáculo que enchia todos os outros israelitas de alegria e orgulho. “Jerusalém, Jerusalém, que mata os profetas e maltrata os que lhe são enviados”, clamava ele, nos seus momentos de amargura, “quantas vezes tentei reunir seus filhos, como a galinha reúne seus filhotes sob suas asas, e você não quis!”<sup>26</sup>

Não é que ali não houvesse várias boas almas, como na Galiléia, que não se comovessem. Mas tal era o peso da ortodoxia dominante que poucos ousavam confessá-lo. Temia-se ser desacreditado aos olhos dos hierosolimitas, entrando para a escola de um galileu. Teriam se arriscado a ser expulsos da sinagoga, o que, numa sociedade beata e mesquinha, era a pior afronta<sup>27</sup>. Além disso, a excomunhão envolvia o confisco de todos os bens<sup>28</sup>. Ninguém se transformava em romano por deixar de ser judeu; quem abjurasse o judaísmo ficava sem defesa, sob o peso de uma legislação teocrática da mais atroz severidade. Um dia, os oficiais inferiores do Templo, que haviam assistido a um dos discursos de Jesus e se encantado com ele, foram confiar suas dúvidas aos sacerdotes. “Será que algum desses sacerdotes ou algum dos fariseus acreditaram nele?”, lhes foi respondido. “Toda essa gente que não conhece a Lei é uma rale maldita”<sup>29</sup>. Dessa forma, Jesus era em Jerusalém um provinciano admirado pelos provincianos como ele, mas rejeitado por toda a aristocracia da nação. Os mestres de escola eram muito numerosos para que causasse abalo a aparição de

---

<sup>25</sup> Josefo, *B.J.*, V, 6.

<sup>26</sup> Mat., XXIII, 37; Luc., XIII, 34. Essas palavras, como em Mateus, XXIII, 34-35 são, ao que parece, uma citação de alguma profecia apócrifa, talvez de Henoc. Ver adiante, nota 49.

<sup>27</sup> João, VII, 13; XII, 42-43; XIX, 38.

<sup>28</sup> I Esdras, X, 8; Epístola aos Hebreus, X, 34; Talm. de Jerus., *Moëd katon*, III, 1.

<sup>29</sup> João, VII, 45 e seg.

mais um. Sua voz teve pouco impacto em Jerusalém. Os preconceitos de raça e de seita, inimigos diretos do espírito do Evangelho, eram muito enraizados ali.

O ensinamento de Jesus necessariamente modificou-se muito nesse mundo novo. Suas belas pregações, cujo efeito era sempre calculado sobre a juventude de imaginação e a pureza da consciência moral dos ouvintes, ali caía por terra. Ele, tão à vontade à margem de seu encantador laguinho, estava constrangido, desterrado diante dos pedantes. Suas afirmações perpétuas de si mesmo assumiram algo de fastidioso<sup>30</sup>. Ele teve de se tornar polêmico, jurista, exegeta, teólogo. Suas conversações, normalmente cheias de graça, transformaram-se num fogo cruzado de disputas<sup>31</sup>, uma sequência interminável de batalhas escolásticas. Seu temperamento harmonioso se esgotou em argumentações insípidas sobre a Lei e os profetas<sup>32</sup>, em que preferíamos não vê-lo algumas vezes no papel de agressor<sup>33</sup>. Ele se prestava, com uma condescendência que nos machuca, aos exames capeiosos que lhe submetiam os ardilosos sem tato<sup>34</sup>. Em geral, ele se saía dos embaraços com muita habilidade. Seus arrazoados, é verdade, eram freqüentemente sutis (a simplicidade de espto e a sutilza se tocam: quando o simples quer raciocinar, é sempre um pouco sofista); pode-se notar que às vezes ele provoca os mal-entendidos e prolonga-os de propósito<sup>35</sup>; sua argumentação, julgada segundo as regras da lógica aristotélica, é muito fraca.

Mas, quando o fascínio sem igual de seu espírito achava de se mostrar, era o triunfo. Um dia, pensou-se embaraçá-lo apresen-

---

<sup>30</sup> João, VIII, 13 e seg.

<sup>31</sup> Mat., XXI, 23 e seg.

<sup>32</sup> *Ibid.*, XXII, 23 e seg.

<sup>33</sup> *Ibid.*, XXII, 41 e seg.

<sup>34</sup> *Ibid.*, XXII, 36 e seg.; 46.

<sup>35</sup> Ver principalmente as discussões relatadas pelo quarto Evangelho, capítulo VIII, por exemplo. Adiatamo-nos em dizer que essas passagens do quarto Evangelho têm apenas valor de antiquíssimas conjecturas sobre a vida de Jesus.



tando-lhe uma mulher adúltera e lhe perguntando como se devia tratá-la. Conhece-se a admirável resposta de Jesus<sup>36</sup>. A fina zombaria do homem do mundo, temperada com uma bondade divina, não podia se exprimir de um modo mais distinto. Mas o espírito que se alia à grandeza moral é o que os tolos perdoam menos. Ao pronunciar esta frase de um gosto tão justo e tão puro: “Aquele que entre vós estiver sem pecado, que atire a primeira pedra!”, Jesus atingia no íntimo a hipocrisia e, ao mesmo tempo, assinava sua sentença de morte.

De fato, é provável que sem a exasperação causada por tantas declarações amargas, Jesus pudesse ter ficado muito tempo desconhecido e se perdido na espantosa tempestade que logo ia arrastar toda a nação judaica. O alto sacerdócio e os saduceus nutriam por ele mais desdém que ódio. As grandes famílias sacerdotais, os *Boëthusim*, a família de Hanan, só se mostravam fanáticos quando se tratava do descanso. Os saduceus repeliam tanto Jesus como as “tradições” dos fariseus<sup>37</sup>. Por uma estranha singularidade, eram esses incrédulos, negando a ressurreição, a lei oral, a existência dos anjos, que eram os verdadeiros judeus, ou melhor, a simplicidade da velha lei não satisfazia mais às necessidades religiosas da época. Os que se atinham estritamente a ela e rejeitavam as modernas invenções eram tidos como ímpios pelos modernos, mais ou menos como um protestante evangélico parece hoje um deserente nos países ortodoxos. Em todo caso, não era de tal partido que poderia vir uma reação muito viva contra Jesus. O sacerdócio oficial, com os olhos voltados para o poder público e intimamente ligado a

---

<sup>36</sup> João, VIII, 3 e seg. Inicialmente, essa passagem não fazia parte do quarto Evangelho; não consta dos documentos mais antigos, e o texto é bastante superficial. Contudo, é de tradição evangélica primitiva, como o provam as particularidades incomuns dos versículos 6 e 8, que não são próprias de Lucas e dos compiladores de segunda mão, que não apresentam nada que não se explique por si mesmo. Parece que essa história era conhecida de Pápias e se encontrava no Evangelho segundo os Hebreus (Eusébio, *Hist. eccl.*, III, 39).

<sup>37</sup> Jos., *Ant.*, XIII, X, 6; XVIII, I, 4.

ele, nada compreendia desses movimentos entusiásticos. Era a burguesia farisaica, eram os inúmeros sofrim ou escribas, vivendo da ciência das “tradições” que se inquietavam e que estavam, na realidade, ameaçados em seus prejulgamentos ou seus interesses pela doutrina do novo mestre.

Um dos mais constantes esforços dos fariseus era atrair Jesus para o terreno das questões políticas e comprometê-lo no partido de Judas, o Gaulonita. A tática era hábil, pois só a profunda ingenuidade de Jesus o podia ter salvado de desentendimentos com a autoridade romana, apesar de sua proclamação do reino de Deus. Quiseram desfazer esse equívoco e forçá-lo a se explicar. Um dia, um grupo de fariseus e desses políticos que eram chamados de “herodianos” (provavelmente *Boëthusim*), aproximou-se dele e, sob a aparência de zelo piedoso, lhe disse: “Mestre, sabemos que tu és verídico e que ensinas o caminho de Deus sem desvio a quem quer que seja. Diz-nos, então, o que pensas: É permitido pagar o tributo a César?” Eles esperavam uma resposta que desse pretexto para entregá-lo a Pilatos, mas a de Jesus foi admirável. Ele pediu que lhe mostrassem a efígie da moeda e disse: “Dai a César o que é de César, a Deus o que é de Deus”<sup>38</sup>. Frase

---

<sup>38</sup> Mat., XXII, 15 e seg.; Marc., XII, 13 e seg.; Luc., XX, 20 e seg. Comp. Talm. de Jerusalém, *Sanedrim*, II, 3; Rom., XIII, 6-7. Pode-se duvidar que essa anedota seja realmente verdadeira.

As moedas de Herodes, as de Arquelau, as de Antipas antes do advento de Calígula não trazem nem o nome nem a efígie do imperador. As moedas cunhadas em Jerusalém sob os procuradores trazem o nome, mas não a imagem do imperador (Eckhei, *Doctr.*, III, 497-8). As moedas de Felipe trazem o nome e a efígie do imperador (Lévy, *Gesch. der jüdischen Münzen*, p. 67 e seg.; Madden, *History of jewish coinage*, p. 80 e seg.). Mas essas moedas, cunhadas em Panéias, são todas pagãs; além disso, não eram a moeda própria de Jerusalém; feito sobre tais peças, ao raciocínio de Jesus faltou base. Supor que Jesus deu sua resposta sobre peças com a efígie de Tibério, cunhadas fora da Palestina (*Revue numismatique*, 1860, p. 159), é bem pouco provável. Parece, então, que esse belo aforismo cristão foi antedatado. A ideia de que a efígie das moedas é símbolo de soberania se encontra, enfim, no cuidado que se teve, pelo menos à da segunda revolta, de recunhar a moeda romana e de nela colocar imagens judaicas (Lévy, p. 104 e seg.; Madden, p. 176, 203 e seg.).

profunda, que decidiu o futuro do cristianismo! Frase de um espiritualismo perfeito e de uma justeza maravilhosa, que fundou a separação do espiritual e do temporal, e estabeleceu a base do verdadeiro liberalismo e da verdadeira civilização!

Quando ele estava só com seus discípulos, seu gênio doce e penetrante lhe inspirava considerações encantadoras: “Em verdade, em verdade vos digo: aquele que não entra pela porta do redil é um ladrão. O que entra pela porta é o verdadeiro pastor. A ovelha escuta sua voz: ele as chama pelos seus nomes e as leva às pastagens; ele caminha diante delas, e as ovelhas o seguem, porque conhecem sua voz. O ladrão só vem para furtar, para matar, para destruir. O mercenário, a quem a ovelha não pertence, quando vê chegar o lobo, abandona a ovelha e foge. Mas eu, eu sou o bom pastor; eu conheço minhas ovelhas; minhas ovelhas me conhecem, e dou minha vida por elas”<sup>39</sup>. A idéia de que a crise da humanidade alcançaria uma solução próxima reaparecia frequentemente em seus discursos: “Quando a figueira”, dizia ele, “se cobre de pequenos brotes e de tenras folhas, sabeis que o verão não está longe. Erguei os olhos e vede o mundo: ele está maduro para a colheita”<sup>40</sup>.

Sua forte eloquência reacendia todas as vezes que se tratava de combater a hipocrisia. “Na cadeira de Moisés estão sentados os escribas e os fariseus. Fazei o que eles vos dizem, mas não façais como fazem, porque eles dizem mas não o fazem. Arrumam pesadas cargas, impossíveis de ser transportadas, e as colocam sobre os ombros dos outros; quanto a eles, não gostariam de movê-las nem com a ponta do dedo”.

“Eles fazem suas ações para serem vistos pelos homens: passeiam com roupas longas; carregam longos filactérios<sup>41</sup>; os-

---

<sup>39</sup> João, X, 1-16, passagem apoiada pelas *Homilias pseudoclementinas*, III, 52.

<sup>40</sup> Mat., XXIV, 32; Marc., XIII, 28; Luc., XXI, 30; João, IV, 35.

<sup>41</sup> *Totafôth* ou *telifin*, lâminas de metal ou tiras de pergaminho, contendo passagens da Lei, que os judeus carregavam presas à cabeça e no braço esquerdo, para execução literal das passagens. Êxodo, XIII, 9; Deuterônimo, VI, 8; XI, 18.

tentam grandes bordados nas roupas<sup>42</sup>; querem os primeiros lugares nos banquetes e os primeiros assentos nas sinagogas; gostam de ser saudados nas ruas e de ser chamados de mestre. Ai deles!...”

“Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que tomastes a chave da ciência e apenas vos servis dela para fechar aos homens o reino dos céus!<sup>43</sup> Vós não entrais nele e impedis que os outros entrem. Ai de vós, que dissipais as casas das viúvas, simulando longas orações! Vosso julgamento será condizente. Ai de vós, que percorreis as terras e os mares para ganhar um adepto, e que não sabeis fazer senão um filho da Geena! Ai de vós, pois vós sois como os túmulos que não aparecem, e sobre os quais se anda sem saber!”<sup>44</sup>

“Insensatos e cegos!, que pagais o dízimo por um raminho de hortelã, de funcho e de cominho, e que preceitos muito mais graves: a justiça, a piedade, a boa-fé! Estes últimos preceitos deveriam ser observados; os outros, seria suficiente não o ter desprezado. Guias cegos, que filtrais vosso vinho para não engolir um inseto, mas engulis um camelo. Ai de vós!”

“Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Pois vós limpais o exterior da taça e do prato<sup>45</sup>, mas o interior, que está cheio de

---

<sup>42</sup> *Zizith*, orlas ou franjas vermelhas que os judeus traziam na ponta de seus mantos, para se distinguir dos pagãos (Números, XV, 38-39; Deuter., XXII, 12).

<sup>43</sup> Os fariseus excluem os homens do reino de Deus por causa de sua casuística meticulosa, que torna a entrada do céu difícil demais e desencoraja os simples.

<sup>44</sup> O contato com os túmulos transmitia impureza. Também se tinha o cuidado de fazer a marca bem visível da sua periferia, no chão. Talm. da Bab., *Baba bathra*, 58a; *Baba metsia*, 45b. A censura que Jesus dirige aqui aos fariseus é de ter inventado uma quantidade enorme de pequenos preceitos que se transgride sem pensar, e que só servem para multiplicar as contravenções à Lei.

<sup>45</sup> A purificação da louça era sujeita, entre os fariseus, às mais complicadas regras (Marc., VII, 4).

rapina e cupidez, vós nem reparais. Fariseu cego<sup>46</sup>, primeiro lava o interior, para depois pensar na limpeza do exterior”<sup>47</sup>.

“Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Pois vós pareceis sepulcros caiados<sup>48</sup>, que por fora parecem bonitos, mas que, por dentro, estão cheios de ossos de mortos e de toda a espécie de podridão. Aparentemente, vós sois justos; mas, no fundo, estais cheios de fingimento e pecado”.

“Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que ergueis os túmulos dos profetas, e enfeitais os monumentos dos justos, e que dizeis: ‘Se nós tivéssemos vivido no tempo de nossos pais não teríamos sido seus cúmplices na morte dos profetas!’ Ah! vós pretendeis ser filhos dos que mataram os profetas. Pois bem, acabai de cumular a medida de vossos pais. A sabedoria de Deus bem teve razão em dizer<sup>49</sup>: ‘Eu vos enviarei profetas, sábios e doutos; vós matareis uns, perseguireis outros de cidade em cidade, para que um dia caia sobre vós todo o sangue inocente que foi espalhado sobre a terra, desde o sangue de Abel, o justo, até o sangue de Zacarias, filho de Baraaquias<sup>50</sup>, que vós

---

<sup>46</sup> Esse epíteto, sempre repetido (Mat., XXIII, 16, 17, 19, 24, 26), encena talvez uma alusão ao hábito que alguns fariseus tinham de andar com os olhos fechados, por afetação de santidade.

<sup>47</sup> Luc. (XI, 37 e seg.) supõe, talvez não sem razão, que esse versículo tenha sido proferido durante uma refeição, em resposta aos vãos escrúpulos dos fariseus.

<sup>48</sup> Sendo os túmulos impuros, era costume branqueá-los com cal, como aviso para não se aproximar deles. Ver nota 44, e Mischna, *Maasar scheni*, V, 1; Talm. de Jerus., *Schekalim*, I, 1; *Maasar scheni*, V, 1; *Moëd katon*, I, 2; *Sota*, IX, 1; Talm. da Bab., *Moëd katon*, 5a. Talvez haja na comparação usada por Jesus uma alusão aos “fariseus tingidos”.

<sup>49</sup> Essa citação parece tirada de um livro de Henoc. Alguns trechos das revelações supostamente feitas por esse patriarca eram colocadas na boca da sabedoria divina. Comp. Henoc, XXXVII, 1-4; XLVIII, 1, 7; XLIX, 1, e o livro dos Jubileus, c. 7, em Luc., XI, 49.

<sup>50</sup> Aqui há uma confusão, que se encontra no targum dito de Jonathan (Lamentações, II, 20), entre Zacarias, filho de Joiada, e Zacarias, filho de Baraaquias, o profeta. Trata-se do primeiro (II Paral. XXIV, 21). O livro dos Paralipomenos, em que o assassinato de Zacarias, filho de Joiaba, é contado, fecha o cânone hebreu. Essa morte é a última da lista de mortos de homens justos, feita segundo a ordem em que aparecem na Bíblia. A de Abel é, ao contrário, a primeira.

matastes entre o templo e o altar. Eu vos digo: é nesta presente geração que todo esse sangue será cobrado”<sup>51</sup>.

Seu terrível dogma da substituição dos gentios, essa idéia de que o reino de Deus ia ser conferido a outros, pois aqueles a quem estava destinado não o quiseram<sup>52</sup>, retornava como uma ameaça sangrenta contra a aristocracia, e seu título de Filho de Deus, que ele confessava abertamente nas enérgicas parábolas<sup>53</sup>, em que seus inimigos faziam papel de assassinos dos enviados celestes, era um desafio ao judaísmo legal. O apelo audacioso que dirigia aos humildes era mais revolucionário ainda. Ele declarava ter vindo para clarear os cegos e cegar os que pensam ver<sup>54</sup>. Um dia, seu mau humor contra o Templo arrancou-lhe uma frase imprudente. “Este templo construído pela mão do homem”, disse ele, “eu poderia, se o quisesse, destruí-lo, e em três dias eu reconstruiria um outro não feito pela mão do homem”<sup>55</sup>. Não se sabe bem que sentido Jesus dava a essa frase, na qual seus discípulos buscaram alegorias forçadas. Mas, como se queria apenas um pretexto, a frase foi vivamente realçada. Ela fará parte das considerações da sentença de morte de Jesus, e ecoará em seu ouvido no meio das últimas agonias do Gólgota. Essas discussões irritantes acabaram sempre em tumulto. Os fariseus lhe atiraram pedras<sup>56</sup>, no que faziam apenas o que mandava um artigo da Lei, que ordenava apedrejar qualquer profeta, sem ouvi-lo, mesmo

---

<sup>51</sup> Mat., XXIII, 2-86; Marc., XII, 38-40; Luc., XI, 39-52; XX, 46-47.

<sup>52</sup> Mat., VIII, 11-12; XX, I e seg.; XXI, 28 e seg.; 33 e seg.; 43; XXII, 1 e seg.; Marc., XII, 1 e seg.; Luc., XX, 9 e seg.

<sup>53</sup> Mat., XXI, 37 e seg.; Marc., XII, 6; Luc., XX, 9; João, X, 36 e seg.

<sup>54</sup> João, IX, 39.

<sup>55</sup> A forma mais autêntica dessa frase parece estar em Marcos, XIV, 58; XV, 29. Cf. João, II, 19; Mateus, XXVI, 61; XXVII, 40; Atos, VI, 13-14.

<sup>56</sup> João, VIII, 39; X, 31; XI, 8.

taumaturgo, que desviasse o povo do velho culto<sup>57</sup>. Em outras ocasiões, chamavam-no de louco, possuído, samaritano<sup>58</sup>, ou procuravam até matá-lo<sup>59</sup>. Tomava-se nota de suas palavras para invocar contra ele as leis de uma teocracia intolerante, que a dominação romana ainda não tinha revogado<sup>60</sup>.

---

<sup>57</sup> Deuter., XIII, I e seg. Comp. Luc., XX, 6; João, X, 33; II Cor., XI, 25.

<sup>58</sup> João, VIII, 39; X, 31; XI, 8.

<sup>59</sup> *Ibid.*, V, 18; VII, 1, 20, 25, 30; VIII, 37, 40.

<sup>60</sup> Luc., XI, 53-54.

## CAPÍTULO 22

### Maquinações dos inimigos de Jesus

Jesus passou o outono e parte do inverno (estação bastante fria ali)<sup>1</sup> em Jerusalém. O pórtico de Salomão, com suas alamedas cobertas, era o lugar em que ele passeava habitualmente<sup>2</sup>. Esse pórtico, único vestígio conservado das construções do antigo Templo, compunha-se de duas galerias, formadas por duas fileiras de colunas e pelo muro que dominava o vale de Cedron<sup>3</sup>. A comunicação com o exterior era feita pela Porta de Susa, cujas pilastras ainda podem ser vistas no interior da hoje chamada “Porta Dourada”<sup>4</sup>. O outro lado do vale já possuía seu ornamento de túmulo suntuoso. Alguns dos monumentos que ali se encontram eram talvez os cenotáfios em homenagem a antigos profetas<sup>5</sup> aos quais Jesus se

---

<sup>1</sup> Jerusalém está a 799 metros acima do nível do mar, segundo M. Vignes (*Conn. des temps pour 1866*); a 2.440 pés ingleses, segundo o capitão Wilson (*Le Lien*, 4 de agosto de 1866).

<sup>2</sup> João, X, 23. Ver a restauração de M. de Vogüé: *o Templo de Jerusalém*, pl. XV e XVI, p. 12, 22, 50 e seg.

<sup>3</sup> Jos., *Ant.*, XX, IX, 7; *B.J.*, V, V, 2.

<sup>4</sup> Esse último monumento parece datar mais ou menos do tempo de Justiniano.

<sup>5</sup> Ver o capítulo anterior. Talvez o último dito de Zacarias fosse um monumento desse gênero. Cf. *Itin. a Burdig. Hierus.*, p. 153 (ed. Schott).



reportou quando, sentado sob o pórtico, fulminou as classes oficiais que abrigavam por trás dessas imensas massas sua hipocrisia ou sua vaidade<sup>6</sup>.

No fim do mês de dezembro, ele celebrou em Jerusalém a festa instituída por Judas Macabeu em memória da purificação do Templo, após os sacrilégios de Antíoco Epifânio<sup>7</sup>. Era a chamada “Festa das Luzes”. Isso porque durante os oito dias de comemoração, mantinham-se nas casas lamparinas acesas<sup>8</sup>. Pouco depois Jesus empreendeu uma viagem à Peréia e às margens do Jordão, ou seja, às mesmas regiões visitadas alguns anos antes, quando seguia a escola de João<sup>9</sup>, e onde também havia ministrado batismos. Parece que ele tirava dali algumas consolações, principalmente em Jericó. Essa cidade, seja como ponta de rota importante, seja por causa de seus jardins perfumados e de suas ricas culturas<sup>10</sup>, tinha um posto de alfândega bastante considerável. O recebedor principal, Zaqueu, homem rico, desejou ver Jesus<sup>11</sup>. Como ele tinha baixa estatura, subiu numa árvore próxima da estrada por onde devia passar o cortejo. Jesus emocionou-se com essa ingenuidade de um funcionário de importância. Ele quis visitar Zaqueu, com o risco de produzir um escândalo. Falou-se muito, de fato, ao vê-lo honrar com sua visita a casa de um pecador. Ao partir, Jesus declarou seu hospedeiro bom filho de Abraão e, como para aumentar o despeito dos ortodoxos, Zaqueu fez-se santo:

---

<sup>6</sup> Mat., XXIII, 29; Luc., XI, 47.

<sup>7</sup> João, X, 22. Comp. I Mac., IV, 52 e seg.; II Mac., X, 6 e seg.

<sup>8</sup> Jos., *Ant.*, XII, VII, 7.

<sup>9</sup> João, X, 40. Cf. Mar., XIX, I; XX, 29; Marc., X, I, 46; Luc., XVIII, 35; XIX, I. Essa viagem é conhecida pelos sinóticos. Mas Mateus e Marcos acreditam que Jesus a tenha feito vindo da Galiléia a Jerusalm, pela Peréia. A topografia de Lucas é inexplicável se não se admitir que Jesus, nos capítulos X-XVIII desse evangelho, tenha passado por Jerusalém.

<sup>10</sup> Ecl., XXIV, 18; Estrabão, XVI, II, 41; Justino, XXXVI, 3; Jos., *Ant.*, IV, VI, 1; XIV, IV, 1; XV, IV, 2; Talm. da Babilônia, *Berakoth*, 43a, etc.

<sup>11</sup> Luc., XIX, 1 e seg. (episódio duvidoso).

conta-se que deu metade de seus bens aos pobres e resgatou ao quádruplo os erros que porventura tivesse cometido. De resto, essa não foi a única alegria de Jesus. Ao sair da cidade, o mendigo Bartimeu<sup>12</sup> lhe deu muito prazer ao chamá-lo insistentemente de “filho de Davi”, embora tentassem calá-lo. O ciclo de milagres galileus pareceu por um momento se abrir nessa região, que estava ligada, por muitas analogias, às províncias do Norte. O delicioso oásis de Jericó, então bem irrigado, devia ser um dos mais belos lugares da Síria. Josefo fala dele com a mesma admiração que da Galiléia, e o chama, como a essa província, de “região divina”<sup>13</sup>.

Após ter cumprido essa espécie de peregrinação aos lugares de sua primeira atividade profética, Jesus retomou à sua querida morada de Betânia<sup>14</sup>. O que mais devia afligir os fiéis galileus em Jerusalém era que ele não fazia milagres ali. Sentidos da má acolhida que o reino de Deus encontrava na capital, parece que os amigos de Jesus desejavam às vezes um grande prodígio que chocasse fortemente a incredulidade hierosolimita. Uma ressurreição lhes pareceu o que fosse mais convincente. Pode-se supor que Maria e Marta confidenciaram isso a Jesus. A fama já lhe atribuía dois ou três fatos desse gênero<sup>15</sup>. “Se algum morto ressuscitar”, diziam sem dúvida as piedosas irmãs, “talvez os vivos façam penitência”. “Não”, devia responder Jesus, “mesmo ressuscitando um morto, eles não acreditarão”<sup>16</sup>. Lembremos aqui uma história que lhe era familiar, a desse bom pobre, coberto de feridas, que morreu e foi levado pelos anjos para junto de

---

<sup>12</sup> Mat., XX, 29; Marc., X, 46 e seg.; Luc., XVIII, 35.

<sup>13</sup> B.J., IV, VIII, 3. Comp. *ibid.*, I, V, 6; I, XVIII, 5 e Antig., XV, IV, 2.

<sup>14</sup> João, XI, 1.

<sup>15</sup> Mat., IX, 18 e seg.; Marc., V, 22 e seg.; Luc., VII, 11 e seg.; VII, 41 e seg.

<sup>16</sup> Luc., XVI, 30-31.

Abraão<sup>17</sup>: “Lázaro retornaria”, teria ele acrescentado, e “eles não acreditariam”. Mais tarde, estabeleceram-se a respeito equívocos singulares. A hipótese virou um fato. Falou-se de Lázaro ressuscitado, da imperdoável teimosia que foi necessária para resistir a tal testemunho. As “feridas” de Lázaro e a “lepra” de Simão, se confundiram<sup>18</sup>, e foi admitido, em parte, pela tradição, que Maria e Marta tiveram um irmão chamado Lázaro<sup>19</sup>, que Jesus fez sair do túmulo<sup>20</sup>. Quando se sabe de quantas inexatidões, de quantos falatórios sem nexos são formadas as bisbilhotices de uma cidade do Oriente, não se considera impossível que um boato desse gênero se tenha espalhado em Jerusalém enquanto Jesus era vivo, e que tenha acarretado para ele consequências funestas.

Indícios bastante notáveis parecem levar a crer, com efeito, que certas causas providas de Betânia contribuíram para apressar a morte de Jesus<sup>21</sup>. Por momentos se é tentado a supor que a família de Betânia cometeu alguma imprudência ou caiu em algum excesso de zelo. Talvez o ardente desejo de fechar a boca dos que negavam de modo ultrajante a missão divina de seu amigo tenha levado essas pessoas exaltadas para além de todos os limites. É preciso lembrar que, nessa

---

<sup>17</sup> É provável que essa personagem alegórica de Lázaro (“aquele que Deus socorre”, ou “aquele que não tem socorro”), designando o povo de Israel (“o pobre” amado por Deus, segundo uma expressão familiar aos profetas e salmistas), fosse consagrada antes de Jesus por uma lenda popular ou algum livro agora perdido.

<sup>18</sup> Note como a sutura do versículo Lucas, XVI, 23 é pouco natural. Sente-se aí uma dessas fusões de elementos diversos, familiares a Lucas.

<sup>19</sup> Note o arranjo incomum de João, XI, 1-2. Lázaro é inicialmente introduzido como um desconhecido (“um certo doente Lázaro”), depois aparece repentinamente como irmão de Maria e de Marta.

<sup>20</sup> Não duvido mais que João, XI, 1-46 e Luc., XVI, 19-31 não se correspondam; não que o quarto evangelista tenha lançado olhares sobre o texto do terceiro, mas todos os dois consultaram, sem dúvida, tradições análogas.

<sup>21</sup> João, XI, 46 e seg.; XII, 2, 9 e seg.; 17 e seg.

cidade impura e grave, Jesus não era ele mesmo. Sua consciência, por culpa dos homens e não pela sua, havia perdido algo de sua limpidez primordial. Desesperado, impelido ao extremo, ele não mais se pertencia. Sua missão se impunha a ele, e ele cedia à correnteza. Dentro de alguns dias a morte ia lhe resgatar a liberdade divina e arrancá-lo das fatais necessidades de um papel que se tornava cada vez mais exigente, mais difícil de desempenhar.

O contraste entre sua exaltação sempre crescente e a indiferença dos judeus aumentava sem parar. Ao mesmo tempo, os poderes públicos se exasperaram com ele. Desde o mês de fevereiro ou começo de março, um conselho foi reunido pelos chefes dos sacerdotes<sup>22</sup>, e nesse conselho a questão foi explicitamente apresentada: “Podem coexistir Jesus e o judaísmo?” Pôr a questão é resolvê-la e, sem ser profeta, como quer o evangelista, o grande sacerdote pôde muito bem pronunciar seu axioma sangrento: “É útil que um homem morra por todo o povo”.

“O sumo sacerdote daquele ano”, para tomar uma expressão do quarto evangelista, que mostra muito bem o estado de rebaixamento a que se encontrava reduzido o soberano pontificado, era José Caifás, nomeado por Valério Grato e muito dedicado aos romanos. Desde que Jerusalém dependia dos procuradores, o cargo de sumo sacerdote tinha se tornado uma função instável. As destituições se sucediam quase que a cada ano<sup>23</sup>. Caifás, entretanto, se manteve mais tempo que os outros. Ele assumira o cargo no ano 25 e só o perdeu no ano 36. Nada se sabe do seu caráter. Muitas circunstâncias levam a crer que seu poder era apenas nominal. Ao lado e acima dele, vemos sempre um outro personagem que parece ter exercido, no momento decisivo que nos interessa, um poder preponderante.

---

<sup>22</sup> João, XI, 47 e seg.

<sup>23</sup> Jos., *Ant.*, XV, III, 1; XVIII, II, 2; V, 3; XX, IX, 1, 4; Talm. de Jer., *Joma*, I, 1; Talm. da Bab., *Joma*, 47a.

Esse personagem era o sogro de Caifás, Hanan ou Anás<sup>24</sup>, filho de Set, velho sumo sacerdote deposto que, no meio dessa instabilidade do pontificado, no fundo conservou toda a autoridade. Hanan recebera o sumo sacerdócio do nuncio Quirino, no ano 7 de nossa era. Ele perdeu suas funções no ano 14, com o aparecimento de Tibério, mas permaneceu muito considerado. Continuou-se a chamá-lo “sumo sacerdote”, embora estivesse fora do cargo<sup>25</sup>, e a consultá-lo em todas as questões graves. Durante cinquenta anos, o pontificado continuou quase sem interrupção na sua família; cinco de seus filhos assumiram sucessivamente essa dignidade<sup>26</sup>, sem contar Caifás, que era seu genro. Era o que se chamava “família sacerdotal”, como se o sacerdócio ali se tivesse tornado hereditário<sup>27</sup>. Os grandes cargos do Templo também lhes eram quase todos concedidos<sup>28</sup>. Na verdade, uma outra família, a de Boëthus, alternava-se com a de Hanan no pontificado<sup>29</sup>. Mas os *Boëthusim*, que deviam a origem de sua fortuna a uma causa pouco honrosa, eram bem menos estimados pela burguesia piedosa. Hanan era, então, na realidade, o chefe do partido sacerdotal. Caifás fazia tudo por ele; seus nomes estavam habitualmente associados, e mesmo o de Hanan era sempre colocado em primeiro lugar<sup>30</sup>. De fato, compreende-se que, sob esse regime de pontificado anual e transmitido seguidamente segundo o capricho dos procuradores, um velho pontífice, tendo guardado o segredo das tradições e conservado crédito o bastante para fazer delegar

---

<sup>24</sup> O *Ananus* de Josefo. É assim que o nome hebreu *Johanan* tornava-se *Joannes* ou *Joannas* em grego.

<sup>25</sup> João, XVIII, 15-23; Atos, IV, 6.

<sup>26</sup> Jos., *Ant.*, XX, IX, 1. Comp. Talm. de Jerus., *Horayoth*, III, 5; *Tosiphta Menachoth*, II.

<sup>27</sup> Jos., *Ant.*, XV, III, 1; *B.J.*, IV, V, 6 e 7; Atos, IV, 6.

<sup>28</sup> Jos., *Ant.*, XX, IX, 3; Talm. da Bab., *Pesachim*, 57a.

<sup>29</sup> Jos., *Ant.*, XV, IX, 3; XIX, VI, 2, VIII, 1.

<sup>30</sup> Luc., III, 2.

poder a pessoas que, segundo a família, lhe eram subordinadas, devia ser um personagem muito importante. Como toda a aristocracia do Templo<sup>31</sup>, ele era saduceu, “seita”, diz Josefo, “particularmente dura nos julgamentos”<sup>32</sup>. Todos os seus filhos também foram violentos perseguidores. Um deles, chamado Hanan, como seu pai, mandou apedrejar Tiago, irmão do Senhor, em circunstâncias análogas às da morte de Jesus<sup>33</sup>. O espírito da família era altivo, audacioso, cruel<sup>34</sup>; ela tinha essa espécie particular de maldade desdenhosa e dissimulada que caracteriza a política judaica. É também sobre Hanan e os seus que deve pesar a responsabilidade de todos os atos que se seguirão. Foi Hanan (ou, como queiram, o partido que ele representava) que matou Jesus. Hanan foi o principal ator nesse drama terrível, e bem mais que Caifás, bem mais que Pilatos, ele deveria suportar o peso das maldições da humanidade.

É na boca de Caifás que o autor do quarto Evangelho insiste em pôr a palavra decisiva que encaminhou a sentença de morte de Jesus<sup>35</sup>. Supunha-se que o sumo sacerdote possuía um certo dom de profecia. A palavra tornou-se, então, para a comunidade cristã, um oráculo cheio de sentidos profundos. Mas tal palavra, quem quer que a tenha pronunciado, foi o pensamento de todo o partido sacerdotal. Esse partido era muito contrário às agitações populares. Procurava bloquear os entusiasmos religiosos, prevendo com razão que suas pregações exaltadas levariam à ruína total o país. Embora a agitação provocada por Jesus não tivesse nada de temporal, os sacerdotes viram como última consequência dessa agitação

---

<sup>31</sup> Atos, V, 17.

<sup>32</sup> Jos., *Ant.*, XX, IX, 1. Comp. *Megillath Taanith*, cap. IV e o escoliasta; *Tosiphta Menachoth*, II.

<sup>33</sup> Jos., *Ant.*, XX, IX, 1. Não há razões suficientes para duvidar da autenticidade e integridade dessa passagem.

<sup>34</sup> *Ibid.*

<sup>35</sup> João, XI, 49-50. Cf. *ibid.*, XVIII, 14.

um agravamento do jugo romano e a dissolução do Templo, fonte de suas riquezas e de suas honras<sup>36</sup>.

Certamente, as causas que deveriam levar Jerusalém à ruína, trinta e sete anos mais tarde, estavam fora do cristianismo nascente. Contudo, não se pode dizer que o motivo alegado nessa circunstância pelos sacerdotes estivesse completamente fora de propósito para que se veja nele má-fé. Num sentido geral, Jesus, se triunfasse, realmente levaria a nação judaica à ruína. Partindo de princípios admitidos de improviso por toda a antiga política, Hanan e Caifás tinham, então, o direito de dizer: “Mais vale a morte de um homem que a ruína de um povo”. Esse é um raciocínio, para nós, detestável. Mas esse raciocínio foi o dos partidos conservadores desde a origem das sociedades humanas. O “partido da ordem” (tomo essa expressão no sentido estrito e mesquinho) sempre foi o mesmo. Pensando que a última palavra do governo é impedir as comoções populares, ele crê praticar um ato de patriotismo ao prevenir com um homicídio jurídico a efusão tumultuosa do sangue. Pouco preocupado com o futuro, ele não imagina que, ao declarar guerra a qualquer iniciativa, corre o risco de frustrar uma idéia destinada a um promissor triunfo. A morte de Jesus foi uma das mil aplicações dessa política. O movimento que ele dirigia era apenas espiritual; mas era um movimento; desde então os homens da ordem, persuadidos de que o essencial para a humanidade era não se agitar, deviam impedir a expansão do novo espírito. Jamais se viu, por meio de um exemplo mais chocante, como tal conduta vai contra seu objetivo. Se deixado livre, Jesus ter-se-ia esgotado numa luta desesperada contra o impossível. O ódio ininteligível de seus inimigos decidiu o sucesso de sua obra e selou sua divindade.

A morte de Jesus foi, assim, decidida a partir do mês de fevereiro ou março<sup>37</sup>. Mas Jesus ainda escapou por algum

---

<sup>36</sup> João, XI, 48.

<sup>37</sup> João, XI, 53.

tempo. Ele se retirou para uma cidade pouco conhecida, chamada Efraim ou Efrom, do lado de Betel, a uma pequena caminhada de Jerusalém, na divisa com o deserto<sup>38</sup>. Viveu ali algumas semanas com seus discípulos, para deixar passar a tempestade. As ordens para prendê-lo, assim que fosse visto por perto do Templo, estavam dadas. A solenidade da Páscoa se aproximava, e pensava-se que Jesus, segundo o costume, iria celebrar essa festa em Jerusalém<sup>39</sup>.

---

<sup>38</sup> *Ibid.*, XI, 54. Cf. *II Chron.*, XIII, 19; *Jos.*, *B.J.*, IV, IX, 9; Eusébio e São Jerônimo, *De situ et nom. loc. hebr.*, para as palavras *Efrom* e *Efraim*.

<sup>39</sup> João, XI, 55-56. Em toda essa parte seguimos o sistema de João para a ordem dos fatos. Os sinóticos parecem pouco informados sobre o período da vida de Jesus que precedeu a Paixão.



## CAPÍTULO 23

### Última semana de Jesus

De fato, Jesus partiu com seus discípulos para rever pela última vez a cidade incrédula. As esperanças daqueles que o cercavam estavam cada vez mais exaltadas. Todos acreditavam que, chegando a Jerusalém, o reino de Deus iria ali se manifestar<sup>1</sup>. A impiedade dos homens atingia seu auge; era um grande sinal de que a consumação estava próxima. A persuasão a esse respeito era tal que já se disputava a primazia do reino<sup>2</sup>. Conta-se que foi esse o momento escolhido por Salomé para pedir, em favor de seus filhos, os dois lugares à direita e à esquerda do Filho do Homem<sup>3</sup>. O mestre, ao contrário, estava obcecado por graves pensamentos. Às vezes, deixava transparecer um sentimento sombrio contra seus inimigos. Ele contava uma parábola de um nobre que partiu para cuidar de um reino em regiões distantes. Mas, tão logo partira, seus concidadãos não quiseram mais saber dele. O rei, ao voltar, ordenou que trouxessem diante dele os que não queriam mais

---

<sup>1</sup> Luc., XIX, 11.

<sup>2</sup> Luc., XXII, 24 e seg.

<sup>3</sup> Mat., XX, 20 e seg.; Marc., X, 35 e seg.

que ele reinasse, e condenou-os todos à morte<sup>4</sup>. Outras vezes, ele destruía frontalmente as ilusões dos discípulos. Como eles caminhavam sobre as estradas pedregosas do norte de Jerusalém, Jesus se adiantava, pensativo, ao grupo dos companheiros. Todos o observavam em silêncio, experimentando um sentimento de temor, sem ousar interrogá-lo. Ele já lhes havia dito, em várias ocasiões, de seus sofrimentos futuros, e os discípulos o haviam escutado a contragosto<sup>5</sup>. Enfim, Jesus tomou a palavra e, sem esconder mais seus pressentimentos, conversou com eles sobre seu fim próximo<sup>6</sup>. Houve grande tristeza entre os discípulos; estes esperavam ver em breve aparecer um sinal nas nuvens. O grito inaugural do reino de Deus — “Bendito aquele que vem em nome do Senhor”<sup>7</sup> — já ecoava pelo grupo com toques alegres. Essa perspectiva sangrenta os perturbou. A cada passo do caminho fatal, o reino de Deus se aproximava ou se distanciava na miragem de seus sonhos. Para Jesus, o pensamento de que ia morrer se confirmava, embora sua morte fosse a salvação do mundo<sup>8</sup>. O desentendimento entre ele e seus discípulos tornava-se mais profundo a cada momento.

Era costume chegar a Jerusalém vários dias antes da Páscoa, para sua preparação. Jesus chegou depois dos outros, num momento em que seus inimigos tinham ilustrado suas esperanças de prendê-lo<sup>9</sup>. No sexto dia antes da festa (sábado, 8 de *nisã* = 28 de março)<sup>10</sup>, ele atingiu finalmente a Betânia. Como semprerazia, foi para a casa de Marta e Maria, ou de

---

<sup>4</sup> Luc., XIX, 12-27

<sup>5</sup> Mat., XVI, 21 e seg.; Marc., VIII, 31 e seg.

<sup>6</sup> Mat., XX, 17 e seg.; Marc., X, 31 e seg.; Luc., XVIII, 31 e seg.

<sup>7</sup> Mat., XXIII, 39; Luc., XIII, 35.

<sup>8</sup> Mat., XX, 28.

<sup>9</sup> João, XI, 56.

<sup>10</sup> A Páscoa era celebrada no dia 14 de *nisã*. Ora, no ano 33 o 1º de *nisã* correspondeu, parece, a um sábado, 21 de março. A inexatidão do calendário judaico torna esses cálculos duvidosos. Ver *Mém. de l'Acad. des Inscr. e B. L.*, t. XXIII, 2ª parte, p, 367 e seg. (série nova).

Simão, o leproso. Fizeram-lhe grande acolhida. Houve um jantar na casa de Simão<sup>11</sup>; em que muitas pessoas se reuniram, atraídas pelo desejo de ver o novo profeta e também, conta-se, de ver esse Lázaro, do qual se falaram tantas coisas havia alguns dias. Simão, o leproso, sentado à mesa, talvez já esfivesse sendo visto por vários como o pretense ressuscitado, e atraía os olhares. Marta servia, conforme o costume<sup>12</sup>. Parece que tentava, exteriorizando um exagerado respeito, vencer a frieza do público e marcar fortemente a dignidade do hóspede que se recebia. Maria, para ao banquete maior aspecto de festa, entrou, durante o jantar, carregando um vaso de perfume e derramou nos pés de Jesus. Em seguida, quebrou o vaso. Segundo um velho costume, quebrava-se a louça que se usava quando se desejava tratar um hóspede com distinção<sup>13</sup>. Enfim, levando os testemunhos de seu culto a excessos até então desconhecidos, ela se prostrou e enxugou com seus longos cabelos os pés de seu mestre<sup>14</sup>. A casa se encheu do bom odor do perfume, para grande alegria de todos, com exceção do avaro Judas de Cariote. Tendo em vista os hábitos econômicos da comunidade, isso era uma verdadeira prodigalidade. O ávido tesoureiro calculou imediatamente a quanto poderia ter sido vendido o perfume e o que ele teria trazido à caixa dos pobres. Esse sentimento pouco afetuoso descontentou Jesus: parecia haver alguma coisa situada acima dele. Ele gostava das honrarias, pois elas serviam a seu objetivo, estabelecendo seu título de filho de Davi. Por isso, quando lhe falaram de pobres, ele

---

<sup>11</sup> Mat., XXVI, 6; Marc., XIV, 3. Cf. Luc., VII, 40, 43-44.

<sup>12</sup> Essa circunstância não seria inverossímil, mesmo no caso em que o banquete não tivesse lugar na casa de Marta. É muito comum, no Oriente, que uma pessoa ligada a nós por laços de afeição ou domesticidade nos sirva quando comemos em casa de outros.

<sup>13</sup> Ainda vi esse costume ser praticado em Sur.

<sup>14</sup> É preciso lembrar que os pés dos convivas não ficavam, como entre nós, escondidos sob a mesa, mas estendidos à altura do corpo sobre o divã ou *triclinium*.

respondia prontamente: “Tereis sempre pobres convosco, mas a mim não tereis para sempre”. E, exaltando-se, ele prometeu imortalidade à mulher que, naquele momento crítico, lhe clava uma prova de amor<sup>15</sup>.

No dia seguinte (domingo, 9 de *nisã*), Jesus foi de Betânia para Jerusalém<sup>16</sup>. Quando, no desvio da entrada, sobre o topo do monte das Oliveiras, viu descortinar-se a cidade diante dele, conta-se, chorou sobre ela e lhe dirigiu um último apelo<sup>17</sup>. Sobre a encosta da montanha, perto do subúrbio, habitado principalmente por sacerdotes, chamado Betfagé<sup>18</sup>, Jesus teve ainda um momento de satisfação humana<sup>19</sup>. O rumor de sua chegada se espalhou. Os galileus que tinham vindo para a festa alegraram-se com a notícia e lhe prepararam um pequeno triunfo. Foi-lhe enviada uma jumenta, seguida, conforme o costume, de seu filhote<sup>20</sup>. Os galileus estenderam suas mais belas vestes à maneira de xairel sobre o dorso da pobre montaria e fizeram-no montá-la. Enquanto isso, outros desdobravam suas roupas sobre a estrada e as cobriam com ramos verdes. A multidão que o precedia e o seguia carregava palmas e gritava: “Hosana ao filho de Davi! Bendito aquele

---

<sup>15</sup> Mat., XXVI, 6 e seg.; Marc., XIV, 3 e seg.; João, XI, 2; XII, 2 e seg. Compare Lucas, VII, 36 e seg.

<sup>16</sup> João, XII, 12.

<sup>17</sup> Luc., XIX, 41 e seg.

<sup>18</sup> Mat., XXI, 1; Marc., XI, 1 (texto grego); Luc., XIX, 29; Mishna, *Menachoth*, XI, 2; Talm. da Bab., *Sanedrim*, 14b; *Pesachim*, 63b, 91a; *Sota*, 45a; *Baba metsia*, 88a; *Menachoth*, 78b; *Sifra*, 104b; Eusébio e São Jerônimo, *De situ et nom. loc. hebr.*, em S. Hier. Opp., ed. Martianay, II, col. 442; São Jerônimo: *Epitaphium Paulae*, Opp.

<sup>19</sup> Mat., XXI, 1 e seg.; Marc., XI, 1 e seg.; Luc., XIX, 29 e seg.; João, XII, 12 e seg. O confronto com Zacarias, IX, 9 deixa pairar alguma dúvida sobre todo esse episódio. Uma entrada triunfal sobre um jumento era ato messiânico. Compare Talmude da Babilônia, *Sanedrim*, 98b; Midrax *Bereschit rabba*, cap. XCVIII; midrax *Koheleth*, I, 9.

<sup>20</sup> Essa pequena circunstância vem, talvez, de que se tenha compreendido mal a passagem de Zacarias. Os escritores do Novo Testamento parecem ter ignorado a lei do paralelismo hebreu. Compare João, XIX, 24.

que vem em nome do Senhor!” Algumas pessoas até lhe davam o título de rei de Israel<sup>21</sup>. “Rabi, faça-os calar”, lhe disseram os fariseus. “Se eles se calarem, as pedras gritarão”, respondeu Jesus, e entrou na cidade. Os hierosolimitas, que o conheciam pouco, perguntavam quem era ele. “É Jesus, o profeta de Nazaré, na Galiléia”, lhes respondiam. Jerusalém era uma cidade com cerca de 50 mil habitantes<sup>22</sup>. Um pequeno acontecimento, como a entrada de um estranho um pouco célebre, ou a chegada de um bando de provincianos, ou um movimento de povo nas avenidas da cidade, não podia deixar, em circunstâncias comuns, de ser rapidamente divulgado. Mas, no tempo das festas, a confusão era extrema<sup>23</sup>. Jerusalém, naqueles dias, pertencia aos estrangeiros. É por isso que a emoção parece ter sido mais intensa entre estes. Prosélitos que falavam grego e que tinham ido para a festa ficaram curiosos e quiseram ver Jesus. Eles se dirigiram a seus discípulos<sup>24</sup>, mas não se sabe ao certo o que resultou dessa entrevista. Quanto a Jesus, segundo seu costume, foi passar a noite em sua cara aldeia de Betânia<sup>25</sup>. Nos três dias seguintes (segunda, terça e quarta-feira), ele foi igualmente a Jerusalém; ao fim do pôr-do-sol, retornava ora a Betânia, ora aos sítios da costa ocidental do monte das Oliveiras, onde tinha muitos amigos<sup>26</sup>.

Parece que, naqueles últimos dias, uma grande tristeza tomou a alma de Jesus, habitualmente tão alegre e tão serena. Todos

---

<sup>21</sup> Luc., XIX, 38; João, XII, 13.

<sup>22</sup> O número de 120 mil, dado por Hecateu (em Josefo, *Contra Apion*, I, 22), parece exagerado. Cícero fala de Jerusalém como de um vilarejo (*Ad Atticum*, II, IX). Os antigos recintos, seja qual for o sistema adotado, não comportam o quádruplo de uma população que hoje não atinge 15 mil habitantes. Ver Robinson, *Bibl. Res.*, I, 421-422 (2ª edição); Fergusson, *Topogr. of Jerus.*, p. 51; Forster, *Syria and Palestina*, p. 82.

<sup>23</sup> Jos., *B. J.*, II, XIV, 3; VI, IX, 3.

<sup>24</sup> João, XII, 20 e seg.

<sup>25</sup> Mat., XXI, 17; Marc., XI, 11.

<sup>26</sup> Mat., XXI, 17-18; Marc., XI, 11-12; Luc., XXI, 37-38.

os relatos concordam em atribuir-lhe, antes de sua prisão, um momento de perturbação, uma espécie de agonia antecipada. Para alguns, ele teria exclamado de repente: “Minha alma está amargurada. Oh, Pai, salva-me dessa hora!”<sup>27</sup> Acreditaram uns que, então, uma voz do céu se fez ouvir; outros disseram que um anjo veio consolá-lo<sup>28</sup>. Segundo uma versão bastante difundida, o fato teria acontecido no jardim de Getsêmani. Conta-se que Jesus se distanciou a poucos passos de seus discípulos adormecidos, levando consigo apenas Cefas e os dois filhos de Zebedeu. Então, ele orou com o rosto no chão. Sua alma ficou triste até a morte; uma angústia terrível pesou sobre ele; mas prevaleceu a resignação à vontade divina<sup>29</sup>. Essa cena, em consequência da arte instintiva que presidiu à redação dos sinóticos e que os faz frequentemente obedecer, na ordem do relato, a razões de conveniência e de efeito, foi figada à última noite de Jesus no momento de sua prisão. Se tal versão fosse verdadeira, não se compreenderia que João, que teria sido testemunha última de um fato tão comovente, não tivesse falado dele aos seus discípulos, e que o redator do quarto Evangelho tivesse suprimido esse episódio do relato tão minucioso que fez da noite da quinta-feira<sup>30</sup>. O que é admissível é que, durante esses últimos dias, o peso enorme da missão que ele havia aceitado o oprimia cruelmente. A natureza humana despertou por um instante. Ele talvez tenha duvidado de sua obra. O terror e a

---

<sup>27</sup> João, XII, 27 e seg. Compreende-se que o tom exaltado do quarto evangelista e sua preocupação exclusiva com o papel divino de Jesus tenham apagado do relato as circunstâncias de fraqueza natural descritas pelos sinóticos.

<sup>28</sup> Luc., XXII, 43; João, XII, 28-29.

<sup>29</sup> Mat., XVIII, 36 e seg.; Marc., XIV, 32 e seg.; Luc., XXII, 39 e seg.

<sup>30</sup> Isso torna menos compreensível que o redator do quarto Evangelho tenha tido uma espécie de afetação ao suprimir as circunstâncias que são pessoais de João ou das quais ele foi a única testemunha (I, 35 e seg.; XIII, 23 e seg.; XVIII, 15 e seg.; XIX, 26 e seg., 35; XX, 2 e seg.; XXI, 20 e seg.).

hesitação tomaram conta dele e o lançaram num desalento pior que a morte. O homem que sacrificou seu descanso e as recompensas legítimas da vida por um grande ideal sempre faz um retrospecto triste sobre si mesmo quando a imagem da morte se lhe apresenta pela primeira vez e tenta persuadi-lo de que tudo é vão. Talvez algumas dessas tocantes recordações que conservam as almas mais fortes, e que em certas horas as atravessam como uma espada, lhe tenham vindo naquele momento. Lembrou-se ele das fontes límpidas da Galiléia, onde ele teria podido se refrescar? Da vinha e a figueira sob as quais teria se sentado? Das moças que talvez não lhe tivessem negado o seu amor? Teria maldito seu áspero destino, que lhe impedira as alegrias concedidas a todos os outros? Teria lamentado sua natureza altiva e, vítima de sua grandeza, choraria por não ter ficado como um simples artesão de Nazaré? Não se sabe. Pois todas essas perturbações interiores permaneceram, evidentemente, em segredo para seus discípulos. Não compreenderam nada e supriram, por meio de ingênuas conjeturas, o que havia de obscuro para eles na grande alma de seu mestre. Pelo menos, isso é certo, sua essência divina logo se recobrou. Ele ainda podia evitar a morte, mas não o quis. O amor por sua obra o venceu. Aceitou beber o cálice até a borra. A partir de então, com efeito, Jesus se reencontra inteiramente e sem véu. As sutilezas do polêmico, a credulidade do taumaturgo e do exorcista foram esquecidas. Restou apenas o incomparável herói da Paixão, o fundador dos direitos da consciência livre, o modelo acabado em que todas as almas que sofrem meditarão para se fortificar e se consolar.

O triunfo de Betfagé, aquela audácia de provincianos, festejando às portas de Jerusalém o advento de seu rei-messias, culminou por exasperar os fariseus e a aristocracia do Templo. Um novo conselho se reuniu na quarta-feira (12 de *nisã*), na casa de José Caifás<sup>31</sup>. A prisão imediata foi decidida.

---

<sup>31</sup> Mat., XXVI, 1-5; Marc., XIV, 1-2; Luc., XXII, 1-2.

Um grande sentimento de ordem e de polícia conservadora presidiu todas as medidas. Tratava-se de evitar um escândalo. Como a festa de Páscoa — que naquele ano começava na sexta-feira à noite — era um momento de tumulto e de exaltação, resolveu-se antecipar os acontecimentos. Jesus era popular<sup>32</sup>, temia-se um motim. Embora o costume fosse realçar as solenidades em que a nação estivesse reunida, com execuções de indivíduos rebeldes à autoridade sacerdotal, espécies de autos-de-fé destinados a inculcar no povo o terror religioso<sup>33</sup>, provavelmente tudo foi arranjado para que tais suplícios não acontecessem nos feriados<sup>34</sup>. A prisão foi determinada, então, para o dia seguinte, quinta-feira. Resolveu-se também não prendê-lo no Templo, onde ia todos os dias<sup>35</sup>, mas observar seus hábitos, para agarrá-lo em algum lugar escondido. Os agentes dos sacerdotes sondaram os discípulos, esperando obter informações úteis sobre sua fraqueza ou sua simplicidade. Encontraram o que queriam com Judas de Cariote. Esse infeliz, por motivos impossíveis de explicar, traiu seu mestre, deu todas as explicações necessárias, e até se encarregou (embora seja difícil de acreditar em tal excesso de torpeza) de conduzir a brigada que devia executar a prisão. A lembrança de horror que a insensatez ou a maldade desse homem deixou na tradição cristã deve ter aqui introduzido algum exagero. Judas, até então, tinha sido um discípulo como os outros; ele tinha até o título de apóstolo. Havia feito milagres e expulsado demônios. A lenda, que só admite cores puras, não pôde admitir no cenáculo senão onze santos e um reprovável. A realidade não procede por categorias tão absolutas. A avareza, motivo do crime dado pelos sinóticos, não é suficiente para explicá-lo. Seria incomum que um homem que administrava o caixa e que sabia o que iria perder com a

---

<sup>32</sup>Mat., XXI, 46.

<sup>33</sup> Mischna, *Sanedrim*, XI, 4; Talm. da Bab., mesmo tratado, 89<sup>a</sup>. Compare Atos, XII, 3 e seg.

<sup>34</sup> Mischna, *Sanedrim*, IV, 1.

<sup>35</sup> Mat., XXVI, 55.



morte do chefe, trocasse os benefícios de seu emprego<sup>36</sup> por uma pequena soma de dinheiro<sup>37</sup>. Estaria Judas ferido em seu amor-próprio pela repreensão que recebera no jantar em Betânia? Isso também não é suficiente. O quarto evangelista quis fazer dele um ladrão, um incrédulo desde o começo<sup>38</sup>, o que não tem nenhuma verossimilhança. Prefere-se acreditar em algum sentimento de inveja, em algum desentendimento interno. O ódio particular contra Judas que se nota no evangelho atribuído a João<sup>39</sup> confirma essa hipótese. Com um coração menos puro que os outros, Judas ter-se-ia deixado levar, sem perceber, pelos estreitos sentimentos de seu cargo. Por um erro muito comum nas funções ativas, talvez ele tenha chegado a pôr os interesses do caixa acima da própria obra à qual estava destinado. O administrador teria matado o apóstolo. O comentário que deixou escapar em Betânia faz supor que, às vezes, ele achava que o mestre saía caro demais para a sua família espiritual. Sem dúvida, essa mesquinha economia causou na pequena sociedade muitos outros desentendimentos.

Sem negar que Judas de Cariote tenha contribuído para a prisão de seu mestre, acreditamos que as maldições com que o acusam tenham algo de injusto. Talvez em seu feito tenha havido mais inabilidade do que perversidade. A consciência moral do homem do povo é viva e justa, mas instável e inconsequente. Ele não sabe resistir a um impulso momentâneo. As sociedades secretas do partido republicano ocultavam em seu seio muita convicção e sinceridade e, no entanto, os alcaguetes eram ali numerosos. Um leve despeito era o suficiente para fazer de um sectário um traidor. Mas, se a louca cobiça por algumas moedas de prata conseguiu virar a cabeça do pobre Judas, não parece

---

<sup>36</sup> João, XII, 6.

<sup>37</sup> O quarto Evangelho não fala nem de um salário. As trinta moedas de prata dos sinóticos foram tiradas de Zacarias, XI, 12-13.

<sup>38</sup> João, VI, 65; XII, 6.

<sup>39</sup> João, VI, 65, 71-72; XII, 6; XIII, 2, 27 e seg.

que ele tenha perdido completamente o senso moral, já que, ao ver as consequências de sua falta, arrependeu-se<sup>40</sup> e, conta-se, suicidou-se.

Naquele momento, cada minuto tomava-se solene e equivalia a séculos inteiros na história da humanidade. Chegamos à quinta-feira, 2 de abril (13 de *nisã*). Era na tarde do dia seguinte que começava a festa de Páscoa, com o banquete em que se comia cordeiro. A festa continuava pelos sete dias seguintes, durante os quais se comia pão ázimo. O primeiro e o último dia desses sete tinham um caráter particular de solenidade. Os discípulos já estavam ocupados com os preparativos da festa<sup>41</sup>. Quanto a Jesus, chegamos a acreditar que sabia da traição de Judas e desconfiava da sorte que o aguardava. À noite, fez sua última refeição com seus discípulos. Não era o banquete ritual da Páscoa, como se supôs mais tarde, cometendo o erro de um dia<sup>42</sup> mas, para a Igreja primitiva, a ceia da quinta-feira foi a verdadeira Páscoa, o selo da nova aliança. Cada discípulo relatou, na ocasião, suas mais doces lembranças, e uma avalanche de episódios comoventes que cada um guardava do

---

<sup>40</sup> Mat., XXVII, 3 e seg.

<sup>41</sup> Mat., XXVI, I e seg.; Marc., XIV, 12; Luc., XXII, 7; João, XIII, 29.

<sup>42</sup> É o sistema dos sinóticos (Mat., XXVI, 17 e seg.; Marc., XIV, 12 e seg.; Luc., XXII, 7 e seg., 15) e, por conseguinte, o de Justino (*Dial. cum Tryph.*, 17, 88, 97, 100, 111). O quarto Evangelho, ao contrário, supõe formalmente que Jesus morreu no próprio dia em que se comia o cordeiro (XIII, 1-2, 29; XVIII, 28; XIX, 14, 31). O Talmude, certamente uma fraca autoridade em tal questão, também diz ter morrido Jesus “à véspera da Páscoa” (Talm. da Bab., *Sanedrim*, 43a, 67a). Uma objeção muito grave contra essa opinião resulta de que, na segunda metade do século II, as igrejas da Ásia Menor, professando sobre a Páscoa uma doutrina que parece em contradição com o sistema do quarto Evangelho, justamente apelam à autoridade do apóstolo João e de seus discípulos para apoiar uma doutrina que parece de acordo com o relato dos sinóticos (Polícrato, em Eusébio, *Hist. Eccl.*, V, 24. Comp. *Chron. pasc.*, p. 6 e seg., ed. Du Cange). Mas esse caso é muito obscuro. João e seus discípulos podiam celebrar a Páscoa, como qualquer escola apostólica primitiva, no dia 14 de *nisã* não porque acreditassem que Jesus tinha comido o cordeiro naquele dia, mas porque acreditavam que Jesus, o verdadeiro cordeiro pascal (note João, I, 29; XIX, 36, comparando com Apoc., V, 6, etc.), tinha morrido naquele dia.

mestre foi derramada sobre aquela refeição, que se tomou a pedra angular da piedade cristã e o ponto de partida das mais fecundas instituições.

Com efeito, não há dúvida de que o amor terno que o coração de Jesus dedicava a essa pequena igreja que o rodeava tivesse transbordado naquele momento<sup>43</sup>. Sua alma serena e forte achava-se leve sob o peso das sombrias preocupações que o assediavam. Ele teve uma palavra para cada um de seus amigos. Dois deles, João e Pedro, principalmente, foram alvo de ternas demonstrações de dedicação. João estava deitado no divã, ao lado de Jesus, e sua cabeça repousava sobre o peito do mestre<sup>44</sup>. Ao fim da refeição, o segredo que pesava no coração de Jesus teve que lhe escapar. “Em verdade”, disse ele, “eu vos declaro: um de vós me trairá”<sup>45</sup>. Para os ingênuos, foi um momento de angústia; olharam-se uns aos outros, interrogando-se. Judas estava presente. Talvez Jesus, que há algum tempo tinha razões para desconfiar dele, procurasse, com essa frase, obter de seus olhos ou de seu comportamento embaraçado a confissão de seu erro. Mas o discípulo infiel não perdeu a presença de espírito; ele ousou até, conta-se, perguntar, como os outros: “Serei eu, rabi?”

Entretanto, a alma correm e boa de Pedro estava torturada. Ele fez sinal para que João se encarregasse de saber do que o mestre falava. João, que podia conversar com Jesus sem ser ouvido, pediu-lhe a chave do enigma. Jesus, que só tinha suspeitas, não quis pronunciar nenhum nome. Somente disse a João que reparasse naquele a quem ia oferecer um pão temperado com molho<sup>46</sup>. Nisto, molhou o pão no tempero e

---

<sup>43</sup> João, XIII, 1 e seg.

<sup>44</sup> João, XIII, 23; Polícrato, em Eusébio, *H.E.*, V, 24.

<sup>45</sup> Mat., XXVI, 21 e seg.; Marc., XIV, 18 e seg.; Luc., XX, 21 e seg.; João, XIII, 21 e seg.; XXI, 20.

<sup>46</sup> No Oriente, o chefe da mesa dá uma distinção a um conviva ao fazer para ele, uma ou duas vezes por refeição, bolinhos que forma e tempera a seu gosto.

ofereceu-o a Judas. Apenas João e Pedro tiveram conhecimento do fato. Jesus dirigiu a Judas algumas palavras que encerravam uma sangrenta repreensão, mas não foram notadas pelos circunstantes. Acreditou-se que Jesus lhe dava ordens para a festa do dia seguinte, e ele saiu<sup>47</sup>.

Na ocasião, aquela refeição não tocou ninguém e, afora as apreensões que o mestre confidenciou a seus discípulos, que se compreenderam pela metade, nada aconteceu de extraordinário. Mas, após a morte de Jesus, atribuiu-se àquela noite um sentido particularmente solene, e a imaginação dos crentes ali espalhou uma tinta de suave misticismo. O que mais se recorda de uma pessoa querida são seus últimos tempos. Por uma ilusão inevitável, atribui-se às conversas que se teve com ele um sentido que não se tinha percebido senão com sua morte; reúnem-se em algumas horas as lembranças de vários anos. A maioria dos discípulos não viu mais seu mestre depois da ceia da qual acabamos de falar. Foi o banquete de adeus. Naquela refeição, assim como em muitas outras<sup>48</sup>. Jesus praticou seu rito misterioso da divisão do pão. Como se acreditou, desde os primeiros anos da Igreja, que a refeição em questão tivesse acontecido no dia de Páscoa e tivesse sido o banquete pascal, naturalmente veio a idéia de que a instituição eucarística se fizera naquele momento supremo. Partindo da hipótese de que Jesus sabia antecipadamente com precisão quando morreria, os discípulos deveriam ter sido levados a supor que ele reservara para aquelas últimas horas uma enorme quantidade de atos importantes. Como, aliás, uma das idéias fundamentais dos primeiros cristãos era a de que a morte de Jesus fora um sacrifício, substituindo todos os da antiga Lei, a Ceia tornou-se o sacrifício por excelência, o ato constitutivo da nova aliança, o sinal do sangue derramado para a salvação de

---

<sup>47</sup> João, XIII, 21 e seg., que elimina as inverossimilhanças do relato dos sinóticos.

<sup>48</sup> Luc., XXIV, 30-31, 35, representa a divisão do pão como um hábito de Jesus.

todos<sup>49</sup>. O pão e o vinho, relacionados à própria morte, foram, dessa forma, a imagem do Novo Testamento, que Jesus selara com seus sofrimentos, a comemoração do sacrifício do Cristo até a sua vinda<sup>50</sup>.

Muito cedo esse mistério se fixou num pequeno relato sacramental, que possuímos em quatro versões<sup>51</sup> muito parecidas entre si. O quarto evangelista, tão preocupado com idéias eucarísticas<sup>52</sup>, que descreve a última ceia com tanta prolixidade, que liga a ela tantas circunstâncias e discursos<sup>53</sup>, não conhece esse relato. Isso prova que não considerava a instituição da Eucaristia como uma particularidade da Ceia. Para o quarto evangelista, o rito da Ceia é a lavagem dos pés. É provável que, em certas famílias cristãs primitivas, esse último rito contivesse uma que desde então foi perdida<sup>54</sup>. Sem dúvida, Jesus, em algumas circunstâncias, praticou-o para dar a seus discípulos uma lição de humildade fraterna. Ele foi relacionado à véspera de sua morte, em consequência da tendência que se tem de reunir em torno da Ceia todas as grandes recomendações morais e rituais de Jesus.

De resto, um alto sentimento de amor, de concórdia, de caridade, de deferência mútua, animava as lembranças que se acreditava guardar da última noite de Jesus<sup>55</sup>. É sempre a unidade de sua Igreja, constituída por ele ou por seu espírito,

---

<sup>49</sup> Luc., XXII, 20.

<sup>50</sup> I Cor., XI, 26.

<sup>51</sup> Mat., XXVI, 26-28; Marc., XIV, 22-24; Luc., 19-21; I Cor., XI, 23-25.

<sup>52</sup> Cap. VI.

<sup>53</sup> Cap. XIII-XVII.

<sup>54</sup> João, XIII, 14-15. Cf. Mat., XX, 26 e seg.; Luc., XXII, 26 e seg.

<sup>55</sup> João, XIII, I e seg. Os discursos colocados pelo quarto evangelista na sequência do relato da Ceia não podem ser tomados como históricos. Eles estão cheios de floreios e expressões que não fazem parte do estilo de Jesus e que, ao contrário, combinam muito com linguagem habitual dos escritos joaninos. Dessa forma, a expressão “crianças” no vocativo (João, XIII, 33) é muito frequente na primeira epístola que leva o nome de João. Essa expressão não parece ter sido familiar a Jesus.

que é a alma dos símbolos e dos discursos que a tradição cristã faz remontar a essa hora bendita: “Eu vos dou um novo mandamento: amai-vos uns aos outros como eu vos tenho amado. O sinal pelo qual se reconhecerá que vós sois meus discípulos será que vós vos amareis uns aos outros”<sup>56</sup>. Naquele momento sagrado, algumas rivalidades, algumas lutas de primazia ainda aconteceram<sup>57</sup>. Jesus fez notar que, se ele, o mestre, estava no meio dos discípulos como servidor, com maior razão eles deveriam se subordinar uns aos outros. Segundo alguns, ele teria dito, bebendo vinho: “Eu não provarei mais deste fruto da videira até que o beba novamente convosco no reino de meu Pai”<sup>58</sup>. Segundo outros, ele lhes teria prometido para breve um banquete celeste, em que os discípulos estariam sentados em tronos ao seu lado<sup>59</sup>.

Parece que, pelo fim da noite, os pressentimentos de Jesus invadiram os discípulos. Todos sentiram que um grave perigo ameaçava o mestre e que estavam à beira de uma crise. Em dado momento, Jesus pensou em algumas precauções e falou em espadas. Havia duas ali. “É o bastante”, disse<sup>60</sup>. Ele não deu sequência alguma a essa idéia. Bem viu que tímidos provincianos não se sustentariam diante da força armada dos grandes poderes de Jerusalém. Cefas, inflamado e tendo-se como seguro de si mesmo, jurou que iria à prisão e à morte com ele. Jesus, com sua sutileza habitual, externou-lhe algumas dúvidas. Segundo uma tradição que talvez remontasse ao próprio Pedro, Jesus assinalou-lhe a hora do canto do galo<sup>61</sup>. Todos, como Cefas, juraram não fraquejar.

---

<sup>56</sup> João, XIII, 33-35; XV, 12-17.

<sup>57</sup> Luc., XXII, 24-27. Cf. João, XIII, 4 e seg.

<sup>58</sup> Mat., XXVI, 29; Marcos, XIV, 25; Lucas, XXII, 18.

<sup>59</sup> Luc., XXII, 29-30.

<sup>60</sup> Luc., XXII, 36-38.

<sup>61</sup> Mat., XXVI, 31 e seg.; Marc., XIV, 29 e seg.; Luc., XXII, 33 e seg.; João, XIII, 36 e seg.

## CAPÍTULO 24

### Prisão e processo de Jesus

Era noite fechada<sup>1</sup> quando saíram da sala<sup>2</sup>. Conforme seu costume, Jesus atravessava o vale do Cedro e alcançava, acompanhado por seus discípulos, o jardim de Getsêmani, no sopé do monte das Oliveiras<sup>3</sup>. Ali se sentou. Dominando seus amigos com sua imensa superioridade, ele velava e rezava. Eles dormiam ao seu lado, quando, de repente, uma tropa armada apareceu sob as luzes de tochas. Eram agentes do Templo, armados de bastões, espécie de brigada de polícia concedida aos sacerdotes. Eram guardados por um destacamento de soldados romanos com suas espadas; o mandado de prisão vinha do sumo sacerdote e do Sanedrim<sup>4</sup>. Judas, conhecendo os hábitos de Jesus, indicara esse local como o que oferecia maior facilidade para surpreendê-lo.

---

<sup>1</sup> João, XIII, 30.

<sup>2</sup> A circunstância de um canto religioso, relatada por Mat., XXVI, 30; Marc., XIV, 26; Justino, *Dial. cum Tryph.*, 106, vem da versão dos evangelistas sinóticos de que a última refeição de Jesus fora o banquete pascal. Antes e depois do banquete pascal se cantavam salmos. Talm. da Bab., *Pesachim*, cap. IX, hal. 3 e fol. 118a, etc.

<sup>3</sup> Mat., XXVI, 36; Marc., XIV, 32; Luc., XXII, 39; João, XVIII, 1-2.

<sup>4</sup> Mat., XXVI, 47; Marc., XIV, 43; João, XVIII, 3, 12.

Segundo a tradição unânime dos primeiros tempos, o próprio Judas acompanhou a escolta<sup>5</sup> e, até mesmo, segundo outros<sup>6</sup>, teria levado o ultraje a ponto de assinalar sua traição com um beijo. Qualquer que tenha sido a circunstância, o certo é que houve um começo de resistência por parte dos discípulos.<sup>7</sup> Conta-se<sup>8</sup> que Pedro puxou a espada e feriu a orelha de um dos servidores do sumo sacerdote, chamado Malco. Jesus interrompeu esse primeiro movimento e se entregou espontaneamente aos soldados. Fracos e incapazes de reagir, principalmente contra autoridades que tinham tanto prestígio, os discípulos fugiram e se dispersaram. Unicamente Pedro e João não perderam de vista seu mestre. Um outro jovem (talvez Marcos) o seguia, vestido com roupas leves. Quiseram prendê-lo, mas o jovem fugiu, deixando sua túnica nas mãos dos guardas<sup>9</sup>.

O procedimento adotado pelos sacerdotes contra Jesus estava de acordo com o direito estabelecido. O processo contra o “sedutor” (*mesith*), que busca atentar contra a pureza da religião, é explicado no Talmude com detalhes cujo ingênuo descaramento faz rir. A cilada judiciária ali é tomada como parte essencial da instrução criminal. Quando um homem é acusado de “sedução”, instalam-se duas testemunhas por trás de uma parede; arruma-se um jeito de atrair o acusado para um quarto contíguo, onde possa ser ouvido pelas testemunhas, sem que as perceba. Acendem-se dois candeeiros perto dele, para que fique bem constatado que as testemunhas “o veem”<sup>10</sup>. Em seguida, faz-se o acusado repetir sua blasfêmia.

---

<sup>5</sup> Mat., XXVI, 47; Marc., XIV, 43; Luc., XXII, 47; João, XVII, 3; Atos, I, 16. I Cor., XI, 23, parece envolvê-lo.

<sup>6</sup> É tradição dos sinóticos. No relato do quarto Evangelho, o próprio Jesus se apresenta.

<sup>7</sup> As duas tradições concordam nesse ponto.

<sup>8</sup> João, XVIII, 10.

<sup>9</sup> Marc., XIV, 51-52. Marcos era, de fato, de Jerusalém. Atos, XII, 12.

<sup>10</sup> Em matéria criminal, só se admitiam testemunhas oculares. Mischna, *Sanedrim*, IV, 5.



Ele é levado a se retratar. Se ele persistir, as testemunhas que o ouviram levam-no ao tribunal e ele é apedrejado. O Talmude acrescenta que foi dessa forma que procederam com Jesus; que ele foi condenado sobre o depoimento de duas testemunhas, e que o crime de “sedução” é, em suma, o único para o qual se preparam testemunhas dessa forma<sup>11</sup>.

Os discípulos de Jesus nos ensinam, de fato, que o crime imputado a seu mestre era a “sedução”<sup>12</sup> e, salvo algumas minúcias, fruto da imaginação rabínica, o relato dos Evangelhos corresponde, passo a passo, ao procedimento descrito pelo Talmude. O plano dos inimigos de Jesus era convencê-lo, por inquérito testemunhal e por suas próprias confissões, de blasfêmia e atentado à religião mosaica, de condená-lo à morte segundo a lei, depois fazer aprovar a condenação por Pilatos. A autoridade sacerdotal, como já vimos, estava de fato inteiramente nas mãos de Hanan. A ordem de prisão provavelmente vinha dele. Foi para junto desse poderoso personagem que, primeiramente, levaram Jesus<sup>13</sup>, Hanan interrogou-o sobre sua doutrina e seus discípulos. Jesus recusou-se, com justa altivez, a entrar em longas explicações. Referiu-se ao seu ensinamento como tendo sido público. Declarou nunca ter tido doutrina secreta; propôs ao ex-sumo sacerdote interrogar os que o haviam escutado. Essa resposta era perfeitamente natural, mas o respeito exagerado pelo qual o velho pontífice estava cercado a fez parecer audaciosa; um dos assistentes replicou-lhe, conta-se, com uma bofetada.

Pedro e João seguiram seu mestre até a casa de Hanan. João, que era conhecido na casa, foi admitido sem dificuldade, mas Pedro foi barrado na entrada, e João teve de pedir à porteira que o deixasse passar. A noite estava fria. Perito ficou na

---

<sup>11</sup> Talm. de Jerus., Sanedrim, XIV, 16; Talm. da Bab., mesmo tratado. 43<sup>a</sup>, 67<sup>a</sup>. Cf. *Schabbath*, 104b.

<sup>12</sup> Mat., XXVII, 63; João, VII, 12, 47.

<sup>13</sup> João, XVIII, 13 e seg. Essa circunstância, que só é encontrada no quarto Evangelho, é uma forte prova do valor histórico desse evangelho.

antecâmara e aproximou-se de um braseiro, em torno do qual os empregados se aqueciam. Ele logo foi reconhecido como discípulo do acusado. O infeliz, traído por seu sotaque galileu, acuado pelas perguntas dos criados, entre os quais um era parente de Malco e o havia visto em Getsêmani, negou três vezes que tivesse tido a mínima relação com Jesus. Ele pensou que Jesus não pudesse ouvi-lo, e não imaginou que essa corardia dissimulada encerrava uma grande indelicadeza. Mas sua boa índole cedo lhe revelou a falta que acabara de cometer. Uma circunstância fortuita, o canto do galo, lhe fez lembrar da frase que Jesus dissera. Abalado em seus sentimentos, saiu e chorou amargamente<sup>14</sup>.

Hanan, embora verdadeiro autor da pena jurídica que iria se cumprir, não tinha poderes para pronunciar a sentença de Jesus. Enviou-o, então, a seu genro, Caifás, que tinha o título oficial. Esse homem, mero instrumento de seu sogro, deveria, naturalmente, tudo ratificar. O Sanedrim estava reunido em sua casa<sup>15</sup>. O inquérito começou: várias testemunhas, preparadas antecipadamente, segundo o processo inquisitorial exposto no Talmude, compareceram diante do tribunal. A frase fatal, que Jesus realmente pronunciou: “Eu destruiria o templo de Deus e o reconstruiria em três dias”, foi citada por duas testemunhas. Blasfemar contra o templo de Deus era, segundo a lei judaica, blasfemar contra o próprio Deus<sup>16</sup>. Jesus ficou em silêncio e recusou-se a explicar a frase incriminadora. Se admitirmos certo relato, o sumo sacerdote o teria instado a dizer que ele era o Messias. Jesus o teria confessado e teria até proclamado diante da assembléia a vinda próxima de seu reino celeste<sup>17</sup>. A coragem de Jesus, decidido a morrer, não exigia

---

<sup>14</sup> Mat., XXVI, 69 e seg., Marc., XIV, 66 e seg.; Luc., XXII, 54 e seg.; João, XVIII, 15 e seg., 25 e seg.

<sup>15</sup> Mat., XVI, 57; Marc., XIV, 53; Luc., XXII, 66.

<sup>16</sup> Mat., XXIII, 16 e seg.

<sup>17</sup> Mat., XXVI, 64; Marc., XIV, 62; Luc., XXII, 69. O quarto Evangelho nada conta de tal cena.

isso. É provável que nesse caso, como no de Hanan, ele tenha ficado em silêncio. Nesses últimos momentos essa foi, em geral, a sua regra de conduta. A sentença estava escrita. Só se buscavaro pretextos. Jesus sentia isso, e não tentou uma defesa inútil.

Do ponto de vista do judaísmo ortodoxo, ele era verdadeiramente um blasfemador, um destruidor do culto estabelecido. Ora, esses crimes eram punidos com morte pela Lei<sup>18</sup>. A uma só voz, a assembléia o declarou culpado de crime capital. Os membros do conselho que, secretamente, tendiam a favor dele estavam ausentes ou não votaram<sup>19</sup>. A frivolidade comum às aristocraeias há muito tempo estabelecidas não permitiu aos juízes refletirem longamente sobre as consequências da sentença que pronunciavam. A vida do homem era então sacrificada bem levemente. Sem dúvida, os membros do Sanedrim não imaginaram que seus filhos prestariam contas a uma posteridade irritada com a sentença pronunciada com tão despreocupado desdém.

O Sanedrim não tinha o direito de mandar executar uma sentença de morte<sup>20</sup>. Mas, na confusão de poderes que reinava então na Judéia, Jesus não deixava de ser, desde esse momento, um condenado. Ele ficou durante o resto da noite exposto aos maus-tratos de uma criadagem ínfima, que não lhe poupou nenhuma afronta<sup>21</sup>.

De manhã, os chefes dos sacerdotes e os anciãos se reunirara novamente<sup>22</sup>. Tratava-se de fazer Pilatos ratificar a condenação pronunciada pelo Sanedrim, suscetável de ser invalidada, em consequência da ocupação dos romanos. O procurador não era investido, como o nuncio imperial, do direito de vida e de morte. Mas Jesus não era cidadão romano. Bastaria a au-

---

<sup>18</sup> Levít., XXIV, 14 e seg.; Deuter., XIII, 1 e seg.

<sup>19</sup> Luc., XXIII, 50-51.

<sup>20</sup> João, XVIII, 31; Jos., *Ant.*, XX, IX, 1; Talm. de Jerus., *San.*, I, 1.

<sup>21</sup> Mat., XXVI, 67-68; Marc., XIV, 65; Luc., XXII, 63-65.

<sup>22</sup> Mat., XXVII, 1; Marc., XV, 1; Luc., XXII, 66; XXIII, 1; João, XVII, 28.

torização do governador para que a sentença pronunciada contra ele tivesse seguimento. Como acontece sempre que um povo astuto submete uma nação em que a lei civil e a lei religiosa se confundem, os romanos eram levados a prestar à lei judaica uma espécie de apoio oficial. O direito romano não era aplicado aos judeus. Estes ficavam sob o direito canônico, que encontramos consignado no Talmude, da mesma forma que os árabes da Argélia são ainda regidos pelo código islâmico. Embora neutros em religião, os romanos sancionavam, assim, muito frequentemente, penas advindas de delitos religiosos. A situação era mais ou menos como a das cidades santas da Índia sob a dominação inglesa, ou ainda o que seria o Estado de Damasco no dia seguinte ao que a Síria fosse conquistada por uma nação européia. Josefo admite (mas é claro que se pode duvidar) que, se um romano ultrapassasse as colunas que traziam inscrições impedindo os pagãos de atravessar, os próprios romanos o entregavam aos judeus para condená-lo à morte<sup>23</sup>.

Os agentes dos sacerdotes amarraram Jesus e, então, conduziram-no à pretoria, que era o antigo palácio de Herodes<sup>24</sup>, conüguo à torre Antônia<sup>25</sup>. Era a manhã do dia em que se devia comer o cordeiro pascal: sexta-feira, 14 de *nisã* (3 de abril). Os judeus ficariam maculados se entrassem na pretoria e não poderiam fazer o banquete sagrado. Eles ficaram fora<sup>26</sup>. Pilatos, advertido da presença deles, subiu ao *bima*<sup>27</sup>, ou tribunal ao ar livre<sup>28</sup>, no local chamado *Gábata* ou, em grego, *Litóstrotos*, por causa do tipo de piso que o recobria.

Tão logo informado da acusação, demonstrou seu mau

---

<sup>23</sup> Jos., *Ant.*, XV, XI, 5; *B.J.*, VI, II, 4.

<sup>24</sup> Fílon, *Legatio ad Caium*, § 38; Jos., *B.J.*, II, XIV, 8.

<sup>25</sup> No lugar em que é ainda hoje o serralho do paxá de Jerusalém.

<sup>26</sup> João, XVIII, 28.

<sup>27</sup> A palavra grega βῆμα tinha passado siro-caldaico.

<sup>28</sup> Jos., *B. J.*, II, IX, 3; XIV, 8; Mateus, XXVII, 27; João, XVIII, 33.

humor por ter sido envolvido no caso<sup>29</sup>. Depois, fechou-se com Jesus na pretoria. Ali houve uma conversa cujos detalhes nos escapam, pois nenhuma testemunha pôde contá-la aos discípulos, mas cujo teor parece ter sido bem adivinhado pelo quarto evangelista. Pelo menos, o relato desse último está de pleno acordo com o que a história nos ensina sobre a situação recíproca dos dois interlocutores.

O procurador Pôncio, de sobrenome Pilatos, sem dúvida por causa do *pilum* ou dardo de honra com o qual ele ou um de seus ancestrais foi condecorado<sup>30</sup>, não tinha tido até então nenhuma relação com a seita nascente. Indiferente às querelas internas dos judeus, ele via nesses movimentos todos apenas efeitos de imaginações insensatas e de cérebros perturbados. No geral, ele não gostava dos judeus. Mas os judeus o detestavam mais ainda; achavam-no duro, desdenhoso, arrebatado; acusavam-no de crimes inverossímeis<sup>31</sup>. Centro de uma grande fermentação popular, Jerusalém era uma cidade muito agitada e de insuportável estada para um estrangeiro. Os exaltados imaginaram que o novo procurador tinha uma missão secreta de abolir a lei judaica<sup>32</sup>. Seu fanatismo estreito, seus ódios religiosos revoltaram esse amplo sentimento de justiça e de governo civil que o mais medíocre romano carregava sempre consigo. Todos os atos de Pilatos por nós conhecidos mostram-no como um bom administrador<sup>33</sup>. Nos primeiros tempos do exercício de seu cargo, ele teve certas dificuldades com seus administradores, que ele resolveu de maneira muito brutal, mas, no fundo, parece ter tido razão. Os judeus deviam lhe

---

<sup>29</sup> João, XVIII, 29.

<sup>30</sup> Virg., *Eneida*, XII, 121; Martial, *Epigr.*, I, XXXII; X, XLVIII; Plutarco, *Vida de Rômulo*, 29. Compare a *hasta pura*, decoração militar. Orelli e Henzen, *Inscr. lat.*, nºs 3574, 6852, etc. *Pilatos* é, nessa hipótese, uma palavra da mesma forma que *Torquato*.

<sup>31</sup> Fílon, *Leg. Ad Caium*, § 38.

<sup>32</sup> Jos., *Ant.*, XVIII, III, 1, início.

<sup>33</sup> Jos., *Ant.*, XVIII, II-IV.

parecer pessoas atrasadas. Ele os julgava sem dúvida como um prefeito liberal julgava outrora os bretões, revoltando-se por uma nova estrada ou pelo estabelecimento de uma escola. Em seus melhores projetos para o bem da região, especialmente no que tocava às obras públicas, ele encontrara a Lei como um obstáculo intransponível. A Lei restringia a vida a tal ponto que se opunha a qualquer mudança ou melhoria. As construções romanas, mesmo as mais úteis, eram objeto de grande antipatia por parte dos judeus zelosos<sup>34</sup>. Dois escudos votivos, com inscrições, que Pilatos mandara pôr em frente da sua residência, que era vizinha do recinto sagrado, provocaram uma tempestade ainda mais violenta<sup>35</sup>. O procurador, inicialmente, dava pouca atenção a essas suscetibilidades. Ele se viu, assim, envolvido em repressões sangrentas<sup>36</sup>, que mais tarde acabaram provocando sua destituição<sup>37</sup>. A experiência de tantos conflitos o tornou bastante prudente em suas relações com um povo intratável, que se vingava de seus senhores obrigando-os a usar de rigores odiosos. Via-se, com supremo desprazer, forçado a desempenhar um papel de crueldade, por uma lei que ele odiava<sup>38</sup>. Sabia que o fanatismo religioso, depois que obtém alguma violência dos governos civis, é, em seguida, o primeiro a imputar-lhes a responsabilidade, quase a acusá-los. Suprema injustiça, pois o verdadeiro culpado, no caso, é o instigador!

Pilatos teria então desejado salvar Jesus. Talvez a atitude serena do acusado o tenha impressionado. Segundo uma tradição<sup>39</sup>, pouco sólida, é verdade, Jesus teria encontrado apoio na própria esposa do procurador, que dizia ter tido um sonho

---

<sup>34</sup> Talm. da Bab., Schabat, 33b.

<sup>35</sup> Fílon, *Leg. ad Caium*, § 38.

<sup>36</sup> Jos., *Ant.*, XVIII, III, 1 e 2; *Bell. Jud.*, II, IX, 2 e seg.; Luc., XIII, 1.

<sup>37</sup> Jos., *Ant.*, XVIII, IV, 1-2.

<sup>38</sup> João, XVIII, 35.

<sup>39</sup> Mat., XXVII, 19.

ruim a seu respeito. Ela teria podido entrever o suave galileu de alguma janela do palácio, que dava para o pátio do Templo. Talvez o tenha revisto em sonho, e o sangue desse belo jovem, que ia ser derramado, lhe tenha dado o pesadelo. O que há, com certeza, é que Jesus encontrou Pilatos predisposto a seu favor. O governador interrogou-o com bondade e com a intenção de buscar todos os meios de despedi-lo absolvido.

O título “rei dos judeus”, que Jesus nunca se atribuíra, mas que seus inimigos apresentavam como o resumo de seu papel e de suas pretensões, era, naturalmente, o melhor pretexto para excitar as desconfianças da autoridade romana. Foi por esse lado, como agitador e culpado de crime de Estado, que se puseram a acusá-lo. Não havia nada de mais injusto, pois Jesus sempre reconhecer o Império Romano como poder estabelecido. Mas os partidos religiosos conservadores não têm o costume de recuar diante da calúnia. Tiravam, contra a vontade dele, todas as conseqüências de sua doutrina, transformaram-no em discípulo de Judas, o Gaulonita: dizia-se que ele proibia de pagar o tributo a César<sup>40</sup>. Pilatos perguntou-lhe se ele era realmente o rei dos judeus<sup>41</sup>. Jesus não escondia nada do que pensava. Mas o grande equívoco que o fortalecera, e que, após sua morte, devia constituir sua realeza, lesou-o dessa vez. Idealista, quer dizer, não distinguindo o espírito da matéria, com a boca armada com uma faca de dois gumes, segundo a imagem do Apocalipse, nunca tranquilizou completamente as potências da Terra. Se se pode acreditar no quarto Evangelho, ele teria confessado sua realeza, mas pronunciado ao mesmo tempo essa profunda frase: “Meu reino não é deste mundo”. Depois teria explicado a natureza da sua realeza, resumindo-se toda ela na posse e na proclamação da verdade. Pilatos nada compreendeu desse idealismo superior<sup>42</sup>. Jesus

---

<sup>40</sup> Luc., XVIII, 35.

<sup>41</sup> Mat., XXVII, 11; Marc., XV, 2; Luc., XXIII, 3; João, XVIII, 33.

<sup>42</sup> João, XVIII, 38.

deu-lhe, sem dúvida, a impressão de ser um sonhador inofensivo. A completa falta de proselitismo religioso e filosófico nos romanos daquela época os fazia olhar a devoção à verdade como uma quimera. Esses debates os entediavam e lhes pareciam sem sentido. Como não sabiam quão perigoso fermento para o Império se escondia nas novas especulações, não tinham nenhum motivo para empregar violência em tal caso. Todo o seu descontentamento recaía sobre os que vinham pedir-lhe suplícios por vãs sutilezas. Vinte anos depois, Galião ainda seguia a mesma conduta com os judeus<sup>43</sup>. Até a ruína de Jerusalém, a regra administrativa dos romanos foi manterem-se alheios a essas querelas de sectários entre si<sup>44</sup>.

Um expediente apresentou-se ao espírito do governador, para conciliar seus próprios sentimentos com as exigências do povo fanático, do qual ele já havia sentido tantas vezes a pressão. Era costume, a propósito da festa de Páscoa, libertar um prisioneiro para o povo. Pilatos, sabendo que Jesus só fora preso por causa da inveja dos sacerdotes<sup>45</sup>, tentou beneficiá-lo com essa prática. Ele apareceu novamente sobre o *bima* e propôs à multidão soltar “O rei dos judeus”. A proposta feita nesses termos tinha um certo caráter de elevação, ao mesmo tempo que de ironia. Os sacerdotes viram o perigo disso. Eles agiram prontamente<sup>46</sup> e, para combater a proposta de Pilatos, sugeriram à multidão o nome de um prisioneiro que usufruía de grande popularidade em Jerusalém. Por um singular acaso, ele também se chamava

---

<sup>43</sup> Atos, XVIII, 14-15.

<sup>44</sup> Tácito (*Ann.*, XV, 44) apresenta a morte de Jesus como uma execução política de Pôncio Pilatos. Mas, à poca em que Tácito escrevia, a política romana para com os cristãos havia mudado; eles eram tidos como culpados de liga secreta contra o Estado. É natural que o historiador latino tenha acreditado que Pilatos, ao condenar Jesus à morte, tenha obedecido a razões de segurança pública. Josefo é bem mais exato (*Ant.*, XVIII, III, 3).

<sup>45</sup> Marc., XV, 10.

<sup>46</sup> Mat., XVII, 20; Marc., XV, 11.



Jesus<sup>47</sup> e tinha como sobrenome Bar-Abba ou Bar-Rabban<sup>48</sup>. Era um personagem bastante conhecido<sup>49</sup>. Fora preso como assassino, em consequência de uma agitação acompanhada de homicídio<sup>50</sup>. Um clamor geral se elevou: “Não esse, mas Jesus Bar-Rabban”. Pilatos foi obrigado a libertar Jesus Bar-Rabban.

Seu embaraço aumentava. Ele temia que uma indulgência exagerada para um acusado ao qual davam o título de “rei dos judeus” o comprometesse. O fanatismo, além do mais, leva todos os poderes a pactuar com ele. Pilatos viu-se obrigado a fazer alguma concessão; mas hesitava ainda em derramar sangue para satisfazer pessoas que ele detestava, e quis transformar aquilo em comédia. Fingindo rir do título pomposo que davam a Jesus, ele mandou açoitá-lo<sup>51</sup>. O flagelo era a preliminar usual do suplício da cruz<sup>52</sup>. Talvez Pilatos quisesse fazer acreditar que essa condenação já estava pronunciada, esperando que a preliminar satisfizesse. Então teve lugar, segundo todos os relatos, uma cena revoltante. Soldados colocaram sobre os ombros de Jesus uma capa vermelha, sobre sua cabeça uma coroa de galhos espinhosos, e um bastão em sua mão. Levaram-no vestido assim ridiculamente para a tribuna, diante do povo. Os soldados desfilavam à sua frente, esbofeteavam-no cada um por sua vez, e diziam, ajoelhando-se: “Salve, rei dos judeus”<sup>53</sup>. Outros cuspiam nele e batiam

---

<sup>47</sup> O nome de “Jesus” desapareceu da maior parte dos manuscritos. Esse detalhe tem, todavia, autoridades de peso a seu favor.

<sup>48</sup> Mat., XXVII, 16; Evang. dos Hebr. (Hilgenfeld, p. 17, 28).

<sup>49</sup> Cf. São Jerônimo, em Mat., XXVII, 16.

<sup>50</sup> Marc., XV, 7; Luc., XXIII, 19. O quarto Evangelho (XVIII, 40), que faz dele um ladrão, parece, no caso, bem menos verdadeiro que Marcos.

<sup>51</sup> Mat., XXVII, 26; Marc., XV, 15; João, XIX, 1.

<sup>52</sup> Jos., *B. J.*, II, XIV, 9; V, XI, 1; VII, VI, 4; Tito Lívio, XXXIII, 36; Quinto Curcio, VII, XI, 28.

<sup>53</sup> Mat., XXVII, 27 e seg.; Marc., XV, 16 e seg.; Luc., XXIII, 11; João, XIX, 2 e seg.

em sua cabeça com o bastão. Dificilmente se pode compreender que a gravidade romana tenha se prestado a atos tão vergonhosos. É verdade que Pilatos, na qualidade de procurador, só tinha sob suas ordens tropas auxiliares<sup>54</sup>. Cidadãos romanos, como os legionários, não teriam se rebaixado a tais indignidades.

Teria Pilatos acreditado que, com esse aparato, encobriria sua responsabilidade? Esperava desviar o golpe que ameaçava Jesus, concedendo alguma coisa ao ódio dos judeus<sup>55</sup> e substituindo ao desenlace trágico um fim grotesco do qual parecia resultar que o caso não merecia outra saída? Se tal foi seu pensamento, não teve nenhum sucesso. O tumulto crescia e tornava-se uma verdadeira agitação. Os gritos, “Que seja crucificado! Que seja crucificado!”, ecoavam por todos os lados. Os sacerdotes, assumindo um tom cada vez mais exigente, declararam que a Lei estaria em perigo se o sedutor não fosse punido com morte<sup>56</sup>. Pilatos viu claramente que, para salvar Jesus, teria de reprimir um motim sangrento. Entretanto, ainda tentou ganhar tempo. Voltou para a pretoria e informou-se sobre a procedência de Jesus, procurando um pretexto para declinar a sua própria competência<sup>57</sup>. Segundo uma tradição, ele teria até mandado Jesus de volta a Antipas que, conta-se, estava na época em Jerusalém<sup>58</sup>. Jesus não colaborava muito

---

<sup>54</sup> Ver Renier, *Inscrip. rom. de l'Algérie*, nº 5, fragm. B. A existência de esbirros e executores estranhos à armada só se mostra claramente mais tarde. Contudo, ver Cícero, *In Verrem*, ato II, numerosas passagens; *Epist. ad Quintum fr.*, I, I, 4.

<sup>55</sup> Luc., XXIII, 16, 22.

<sup>56</sup> João, XIX, 7.

<sup>57</sup> João, XIX, 9. Cf. Luc., XXIII, 6 e seg.

<sup>58</sup> É provável que haja aqui uma primeira tentativa de “harmonia dos Evangelhos”. Lucas teria lido um relato em que a morte de Jesus seria atribuída a um erro de Herodes. Para não sacrificar inteiramente esse dado, ele teria colocado lado a lado as duas tradições, ainda mais porque soubesse vagamente que Jesus (como nos ensina o quarto Evangelho) comparecera diante de três autoridades. Em muitos outros casos, parece que Lucas tem um sentimento distanciado dos fatos que são próprios da narração de João. Em suma, o terceiro Evangelho encerra, na história da crucificação, uma série de adendos que o autor parece ter tirado de um documento mais recente, e em que o arranjo, visando a um objetivo de edificação, era sensível.

com esses esforços benevolentes: ele se fechou, como com Caifás, num silêncio digno e grave que assombrou Pilatos. Os gritos da turba tornavam-se cada vez mais ameaçadores. Já se denunciava o pouco zelo do funcionário que protegia um inimigo de César. Os maiores adversários da dominação romana se viram transformados em súditos leais de Tibério, para ter o direito de acusar de lesa-majestade o procurador tolerante demais. “Não existe aqui”, diziam eles, “outro rei senão o imperador: quem quer que se diga rei põe-se em oposição ao imperador. Se o governador absolver este homem, é porque não ama o imperador”<sup>59</sup>. O fraco Pilatos não mais resistiu: leu de antemão o relatório que seus inimigos enviariam a Roma, no qual o acusariam de ter favorecido um rival de Tibério. Já no caso dos escudos votivos<sup>60</sup>, os judeus haviam escrito ao imperador, que lhes tinha dado razão. Ele receava por seu cargo. Por uma condescendência que devia entregar seu nome aos flagelos da história, ele cedeu, jogando, conta-se, para os judeus toda a responsabilidade pelo que ia acontecer. Estes, no dizer dos cristãos, teriam aceitado plenamente, declarando: “Que seu sangue caia sobre nós e nossos filhos!”<sup>61</sup>

Essas palavras foram realmente pronunciadas? Não se é obrigado a crer nisso. Mas elas são a expressão de uma profunda verdade histórica. Tenho em vista a atitude que os romanos tomaram na Judéia, Pilatos não poderia ter feito absolutamente nada diferente do que fez. Quantas sentenças de morte ditadas pela intolerância religiosa forçaram a mão do poder civil! O rei da Espanha que, para contentar um clero

---

<sup>59</sup> João, XIX, 12, 15. Cf., Luc., XXIII, 2. Para apreciar a exatidão ao tom dessa cena nos evangelistas, veja Fílon, *Leg. ad Caium*, § 38.

<sup>60</sup> Ver a nota 35 deste capítulo.

<sup>61</sup> Mat., XXVII, 24-25.

fanático, entregava à fogueira centenas de seus súditos, era mais censurável que Pilatos, pois ele representava um poder mais completo que o dos romanos, por volta do ano 33, em Jerusalém. Quando o poder civil se faz perseguidor ou intrigante a pedido do sacerdote, ele prova sua fraqueza. Mas o governo que, a esse respeito, estiver sem pecado, que jogue a primeira pedra em Pilatos. O “braço secular” por trás do qual se abriga a crueldade clerical não é o culpado. Ninguém está autorizado a dizer que tem horror a sangue quando o faz correr por meio de seus executores.

Não foi, então, nem Tibério nem Pilatos quem condenou Jesus. Foi o velho partido judaico; foi a lei mosaica. Segundo nossas idéias modernas, não existe transmissão alguma de demérito de pai para filho; cada um deve prestar contas à justiça humana e à justiça divina apenas do que ele próprio fez. Em consequência, qualquer judeu que sofra ainda hoje pela morte de Jesus tem o direito de reclamar; porque, talvez, tivesse sido Simão, o Cirineu; talvez, ao menos, ele não tenha estado entre os que gritaram “Que seja crucificado!”. Mas as nações têm suas responsabilidades, como os indivíduos. Ora, se já houve um crime que fosse o crime de uma nação, foi a morte de Jesus. Essa morte foi “legal”, no sentido em que ela teve como primeira causa uma lei que era a própria alma da nação. A lei mosaica pronunciava a pena de morte contra qualquer tentativa de mudar o culto estabelecido. Ora, Jesus atacava esse culto e tencionava destruí-lo. Os judeus disseram a Pilatos com uma franqueza simples e verdadeira: “Nós temos uma lei e, segundo essa lei, ele deve morrer, pois ele disse ser o filho de Deus”<sup>62</sup>. A lei era detestável, mas era a lei, da ferocidade antiga, e o herói que se oferecesse para revogá-la devia, antes de tudo, submeter-se a ela.

Mas ai! Serão necessários mais de mil e oitocentos anos para que o sangue que ele verteu traga seus frutos. Em seu

---

<sup>62</sup> João, XIX, 7.

nome, durante séculos, se condenaram a torturas e à morte pensadores tão nobres quanto ele. Ainda hoje, em países que se dizem cristãos, são decretadas penas por delitos religiosos. Jesus não é responsável por esses desvios. Ele não podia prever que um povo com imaginação perturbada o pudesse conceber um dia como um medonho Maloch, ávido por carne queimada. O cristianismo foi intolerante; mas a intolerância não é um fato essencialmente cristão. É um fato judaico, no sentido em que o judaísmo imprimiu pela primeira vez a teoria do absoluto em matéria de fé e estabeleceu o princípio de que todo indivíduo que desvie o povo da verdadeira religião, mesmo quando traz milagres para apoio de sua doutrina, deve ser recebido a pedradas, apedrejado por todos, sem julgamento<sup>63</sup>. Certamente as nações pagãs também tiveram suas violências religiosas. Mas, se elas tivessem tido essa lei, como teriam se tornado cristãs? O Pentateuco foi de certa forma o primeiro código do terror religioso. O judaísmo deu o exemplo de um dogma imutável, armado com espada. Se, em vez de perseguir os judeus com um ódio cego, o cristianismo tivesse abolido o regime que matou seu fundador, quanto teria sido mais consequente, quanto teria sido mais digno do gênero humano!

---

<sup>63</sup> Deuter., XIII, 1 e seg.

## CAPÍTULO 25

### Morte de Jesus

Embora o motivo real da morte de Jesus fosse inteiramente religioso, seus inimigos conseguiram, na pretoria, apresentá-lo como culpado por crime de Estado. Eles não teriam obtido do cético Pilatos uma condenação por causa de heterodoxia. Coerentes com essa idéia, os sacerdotes pediram para Jesus, por meio da voz da multidão, o suplício da cruz. Esse suplício não era judaico na origem. Se a condenação de Jesus tivesse sido puramente mosaica, teriam-no submetido ao apedrejamento<sup>1</sup>. A cruz era um suplício romano, reservado aos escravos e nos casos em que se quisesse acrescentar à morte a agravação da ignomínia. Aplicando-o a Jesus, tratavam-no como aos ladrões de beira de estrada, salteadores, bandidos, ou como a esses inimigos de baixo escalão aos quais os romanos não concediam a honra da morte pela

---

<sup>1</sup> Jos. *Ant.*, XX, IX, 1. O Talmude, que apresenta a condenação de Jesus como inteiramente religiosa, admite, de fato, que ele tenha sido condenado a ser apedrejado; prossegue, é verdade, dizendo que ele foi enforcado. Talvez queira dizer que, após ter sido apedrejado, ele foi enforcado, como ocorria frequentemente (Mischna, *Sanedrim*, VI, 4; cf. Deutex., XXI, 22). Talm. de Jerusalém, *Sanedrim*, XIV, 16; Talm. da Bab., mesmo tratado, 43a, 67a.

espada<sup>2</sup>. Era o quimérico “rei dos judeus”, não o dogmatismo heterodoxo que se punia. Em razão da mesma idéia, a execução deveria ficar a cargo dos romanos. Naquela época, entre os romanos, os soldados, pelo menos nos casos de condenação política, faziam o trabalho de carrascos<sup>3</sup>. Jesus foi, então, entregue a um destacamento de tropas auxiliares comandado por um centurião<sup>4</sup>, e tudo o que havia de odioso nos suplícios introduzidos pelos costumes cruéis dos novos conquistadores foi praticado com ele. Era por volta de meio-dia<sup>5</sup>. Tornaram a vesti-lo com suas roupas, que haviam tirado para a encenação da tribuna. Como a tropa já tinha dois ladrões reservados para matar, reuniram-se os três condenados, e o cortejo dirigiu-se para o lugar da execução.

Esse lugar era chamado Gólgota, situado fora de Jerusalém, mas perto dos muros da cidade<sup>6</sup>. O nome *Gólgota* significa “crânio”; corresponde, parece, à palavra francesa *Chaumont*, e designava, provavelmente, uma colina pelada, com a forma de um crânio calvo. Não se sabe exatamente a localização dessa colina. Seguramente era ao norte ou noroeste da cidade, na planície desigual que se estende entre os muros e os dois vales do Cedro e do Hinon<sup>7</sup>, região bastante vulgar, mais

---

<sup>2</sup> Jos., *Ant.*, XVII, X, 10, XX, VI, 2; *B.J.*, V, XI, 1; Apuleio, *Metam.*, III, 9; Suetônio, *Galba*, 9; Lamprídio, *Alex. Sev.*, 23.

<sup>3</sup> Tácito, *Ann.*, III, 14. Ver cap. Anterior, nota 54.

<sup>4</sup> Mat., XXVII, 54; Marc., XV, 39, 44, 45; Luc., XXIII, 47.

<sup>5</sup> João, XIX, 14. Segundo Marcos, XV, 25, eram apenas oito horas da manhã, já que, de acordo com esse evangelista, Jesus foi crucificado às nove horas.

<sup>6</sup> Mat., XXVII, 33; Marc., XV, 22; João, XIX, 20; *Epist. ad Hebr.*, XIII, 12. Comp. Pauto, *Miles gloriosus*, II, 6-7.

<sup>7</sup> *Gólgota*, de fato, parece ter relação com a colina de *Gareb* e a localidade de *Goath*, mencionadas em Jeremias, XXXI, 39. Ora, parece que esses lugares eram a noroeste da cidade. conjectura, poder-se-ia situar o lugar em que Jesus foi crucificado perto do ângulo extremo que o muro atual faz em direção a oeste, ou sobre as elevações que dominam o vale do Hinon, acima de *Birket Mamilla*. Seria também lícito pensar-se no montículo que domina a “Gruta de Jeremias”.

entristecida ainda pelos deploráveis detalhes da vizinhança de uma grande cidade. Não há uma razão decisiva para situar o Gólgota em lugar preciso, onde, desde Constantino, a cristandade toda o venerou<sup>8</sup>. Como também não há objeção que obrigue, a esse respeito, a perturbar as recordações cristãs<sup>9</sup>.

O condenado à cruz deveria ele próprio carregar o instru-

---

<sup>8</sup> As provas, pelas quais se tentou estabelecer que o Santo Sepulcro foi deslocado, depois de Constantino, carecem de solidez.

<sup>9</sup> A questão é saber se o local que se designa hoje como o Gólgota, e que está bem inserido no interior da atual cidade, era, no tempo de Jesus, fora do recinto. Descobriu-se, a setenta e seis metros a leste da localização tradicional do Calvário, um pedaço de muro judaico análogo ao de Hebron que, se pertencer ao recinto do tempo de Jesus, deixaria a citada localização fora da cidade (M. de Vogüé, *Le Temple de Jér.*, p. 117 e seg.). A existência de uma cova sepulcral (a que se chama “túmulo de José de Arimatéia”) sob o muro da cúpula do Santo Sepulcro parece provar (ver, todavia, Mischna, *Parah*, RI, 2; *Baba kama*, VII, até o final) que esse local se encontrou em alguma época fora dos muros; ora, a cova em questão não parece antiga o bastante (ver Vogüé, *op. cit.*, p. 115) para que se possa supô-la anterior à construção do recinto que existia no tempo de Jesus. Duas considerações históricas, das quais uma é bastante forte, podem, aliás, ser invocadas em favor da tradição. A primeira é que seria incomum que os que procuraram fixar sob Constantino a topografia evangélica não se vissem impedidos diante da objeção que resulta de João, XIX, 20, e de Hebr., XIII, 12. Como é que, livres em sua escolha, teriam se exposto de bom grado a tão grave dificuldade? É-se levado a crer que a obra dos topógrafos devotos do tempo de Constantino tinha algo de sério, que foram buscados indícios e que, embora não se esquivassem a certas fraudes piedosas, guiaram-se por analogias. Se eles tivessem seguido apenas um vão capricho, teriam localizado o Gólgota num lugar mais aparente, no alto de alguma das colinas vizinhas de Jerusalém, para seguir a imaginação cristã, que desejou que a morte de Cristo tivesse sido sobre um monte. A segunda consideração, favorável à tradição, é que se pode ter como guia, no tempo de Constantino, o Templo de Vênus sobre o Gólgota, erigido, conta-se, por Adriano, ou, pelo menos, a lembrança deste templo. Mas isso está longe de ser demonstrativo. Eusébio (*Vita Const.*, III, 26), Sócrates (*H. E.*, I, 17), Sozómenes (*H. E.*, II, 1), São Jerônimo (*Epíst.* XLIX, ad. Paulin.) dizem que havia um santuário de Vênus na localização que eles identificam com a do túmulo santo; mas não é seguro: 1º) que Adriano o tenha erigido; 2º) que ele tenha sido erigido no lugar que se chamava, na época, “Gólgota”; 3º) que ele tenha tido a intenção de erigi-lo no lugar em que Jesus morreu.



mento de seu suplício<sup>10</sup>. Mas Jesus, mais fraco fisicamente que seus dois companheiros, não pôde suportar o peso da sua.

A escolta encontrou um certo Simão Cirineu, que voltava do campo, e os soldados, com os bruscos modos de guarnições estrangeiras, forçaram-no a carregar a árvore fatal. Talvez tenham usado, com isso, um direito de trabalho forçado reconhecido, já que os próprios romanos não podiam se encarregar da madeira infamo. Parece que mais tarde Simão fez parte da comunidade cristã. Seus dois filhos, Alexandre e Rufo<sup>11</sup>, eram muito conhecidos nela. Ele contou talvez mais de uma circunstância da qual foi testemunha. Nenhum discípulo estava naquele momento ao lado de Jesus<sup>12</sup>.

Enfim chegou-se ao lugar das execuções. Segundo costume judaico, ofereceu-se aos sofreadores um vinho fortemente aromatizado, bebida embriagante que, por um sentimento de piedade, dava-se ao condenado para estonteá-lo<sup>13</sup>. Parece que freqüentemente as mulheres de Jerusalém levavam elas próprias aos desafortunados encaminhados ao suplício esse vinho da última hora; quando nenhuma delas se apresentava, compravam-no com os fundos da caixa pública<sup>14</sup>. Jesus, após ter roçado a taça com a ponta dos lábios, recusou-se a beber<sup>15</sup>.

Esse triste consolo dos condenados comuns não condizia com sua alta natureza. Ele preferiu deixar a vida em seu perfeito juízo e esperar em plena consciencia a morte que ele quis e

---

<sup>10</sup> Plutarco, *De sera num. vind.*, 9, Attemidoro, *Onirocrit.*, II, 56.

<sup>11</sup> Marc., XV, 21.

<sup>12</sup> A circunstância, Luc., XXIII, 27-31, é dessas em que se sente o trabalho de uma imaginação piedosa e enternecida. As palavras que aí se emprestam a Jesus só lhe poderiam ser atribuídas após o cerco de Jerusalém.

<sup>13</sup> Talm. da Bab., *Sanedrim*, fol. 43a; Nicolau de Liro, em Mat., XXVII, 34. Comp. *Prov.* XXXI, 6.

<sup>14</sup> Talm. da Bab., *Sanedrim*, l.c.

<sup>15</sup> Marc., XV, 23; Mat., XXVII, 34, falseiam esse detalhe para obter uma alusão messiânica do Salmo LXIX, 22.

chamou. Despojaram-no de suas roupas<sup>16</sup> e pregaram-no na cruz.

A cruz se compunha de duas traves ligadas em forma de T<sup>17</sup>. Não era muito alta, de modo que os pés do condenado quase tocaram o chão<sup>18</sup>. Começavam por erguê-la<sup>19</sup>, depois prendiam o sofredor nela, enfiando pregos nas suas mãos; os pés eram quase sempre pregados, às vezes apenas atados com cordas<sup>20</sup>. Um cepo de madeira, espécie de antena, era pregado no fuste da cruz, quase no meio, e passava entre as pernas do condenado, que se apoiava nele<sup>21</sup>. Sem isso, as mãos se rasgariam e o corpo vergaria<sup>22</sup>. Outras vezes, uma tabuinha horizontal era fixada à altura dos pés e os sustentava<sup>23</sup>.

Jesus submeteu-se a esses horrores em toda a sua atrocidade. Os dois ladrões estavam crucificados a seu lado. Os executores, aos quais geralmente cabia o resto dos despojos (pannicularia) dos supliciados<sup>24</sup>, disputavam suas vestes no jogo<sup>25</sup>

---

<sup>16</sup> Mat., XXVII, 35; Marc., XV, 24, João, XIX, 23. Cf. Attemidom, *Oniocr.*, II, 53.

<sup>17</sup> Epist. Barnabae, 9; Luciano, *Jud. voc.*, 12. Compare o crucifixo grotesco riscado em Roma num muro do monte Palatino. Garrucci, *Il crocifisso graffico incasa dei Cesari* (Roma, 1857).

<sup>18</sup> Isso resulta de hissopo, João, XIX, 29. De fato, com uma vara de hissopo não se pode alcançar muito alto. É verdade que esse hissopo é suspeito de vir de Êxodo, XII, 22.

<sup>19</sup> Jos., *B.J.*, VII, VI, 4; Cic. *In Verr.*, V, 66; Xenof. Efés., *Efesíaca*, IV, 2.

<sup>20</sup> Luc., XXIV, 39; João, XX, 25-27; Plauto, *Mostelária*, II, I, 13; Luciano, *Phars.*, VI, 543 e seg., 547; Justino, *Dial. cum Tryph.*, 97, *Apol.*, I, 35; Tertuliano, *Adv. Marcionem*, III, 19.

<sup>21</sup> Irineu, *Adv. haer.*, II, XXIV, 4; Justino, *Dial. cum Tryph.*, 91.

<sup>22</sup> Ver o relato de uma crucificação na China, por uma testemunha ocular. Na *Revue germane et franc.*, agosto de 1864, p. 358.

<sup>23</sup> Ver o *graffito* já citado e alguns outros monumentos (Martigny, *Dicti. des antiqu. chrét.*, p. 193). Comp. Gregório de Tours, *De gloria mart.*, I, 6.

<sup>24</sup> Dig., XLVII, XX, *De bonis damnat.*, 6. Adriano limitou este costume.

<sup>25</sup> A circunstância acrescida por João, XIX, 23-24 parece concebida *a priori*. Cf. Jos., *Ant.*, III, VII, 4.

e, sentados ao pé da cruz, vigiavam-no<sup>26</sup>. Segundo uma tradição, Jesus teria pronunciado esta frase que, se não esteve em seus lábios, ficou em seu coração: “Pai, perdoa-lhes; eles não sabem o que fazem”<sup>27</sup>.

Conforme o costume romano<sup>28</sup>, havia uma placa pregada no alto da cruz, onde se lia, em três línguas — hebreu, grego e latim — “O rei dos judeus”. Havia nessa redação algo de dolorido e de injurioso para a nação. Os numerosos passantes que a leram se sentiram feridos. Os sacerdotes fizeram Pilatos ver que era preciso adotar uma redação que denotasse apenas que Jesus tinha dito que era rei dos judeus. Mas Pilatos, já perdendo a paciência com o caso, recusou-se a mudar o que estava escrito<sup>29</sup>.

Os discípulos tinham fugido<sup>30</sup>. Contudo, uma tradição insiste que João tenha ficado o tempo todo postado ao pé da cruz<sup>31</sup>. Pode-se afirmar com mais certeza que os fiéis amigos da Galiléia, que haviam seguido Jesus a Jerusalém e continuaram a servi-lo, não o abandonaram. Maria Cleofas, Maria de Magdala, Joana, filha de Kuza, Salomé e ainda outras se

---

<sup>26</sup> Mat., XXVII, 36, Cf. Petrônio, *Satyr.*, CXI, CXII.

<sup>27</sup> Luc., XXIII, 34. Em geral, as últimas palavras atribuídas a Jesus, principalmente como Lucas as relata, se prestam a dúvida. A intenção de edificar ou de mostrar o cumprimento das profecias aí se faz sentir. Além disso, nesse caso, cada um entende a seu modo. As últimas palavras dos condenados célebres são sempre recolhidas de duas ou três formas completamente diferentes pelas testemunhas mais próximas. Foi dessa forma na morte do Báb. Gobineau, *Les Relig. et les Philos. de l'Asie centrale*, p. 268.

<sup>28</sup> É possível que tenham levado diante de Jesus durante o trajeto. Suetônio, *Calígula*, 32; Cartas das igrejas de Viena e de Lião, em Eusébio, *Hist. Eccles.*, V, 19.

<sup>29</sup> Mat., XXVII, 37; Marc., XV, 26; Luc., XXIII, 38; João, XIX, 19-22. Talvez houvesse aí um escrúpulo de legalidade. Apuleio, *Florida*, I, 9.

<sup>30</sup> Justino, *Dial. cum Tryph.*, 106.

<sup>31</sup> João, XIX, 25 e seg.

mantinham a certa distância<sup>32</sup> e não tiravam os olhos de cima dele<sup>33</sup>. Se acreditarmos no quarto Evangelho<sup>34</sup>, Maria, mãe de Jesus, também esteve ao pé da cruz, e Jesus, vendo sua mãe e seu discípulo querido juntos, teria dito: “Eis tua mãe”, e à outra: “Eis teu filho”<sup>35</sup>. Mas não se compreenderia como os evangelistas sinóticos, que dão nome às outras mulheres, teriam omitido aquela cuja presença dava um toque tão comovente. Talvez até a altivez extrema do caráter de Jesus não torne tal enternecimento pessoal verossímil, no momento em que, já preocupado com sua obra, existia unicamente para a humanidade.

Excetuando esse pequeno grupo de mulheres, que consolaram seus olhos de longe, Jesus só tinha diante de si o espetáculo da baixeza humana ou de sua estupidez. Os passantes insultavam-no. Ouvia tolas zombarias e os seus gritos supremos de dor transformados em odioso jogo de palavras: “Ah,

---

<sup>32</sup> Os sinóticos concordam em situar o grupo fiel “longe” da cruz. O quarto evangelista diz “ao lado”, dominado pelo desejo de mostrar que João se aproximou muito da cruz de Jesus.

<sup>33</sup> Mar., XXVII, 55-56; Marc., XV, 40-41; Luc., XXIII, 49, 55; XXIV, 10; João, XIX, 25. Cf. Luc., XXIII, 27-31.

<sup>34</sup> João, XIX, 25 e seg. Luc, sempre intermediário entre os dois sinóticos e João, também situa, mas a distância, “todos os seus amigos” (XXIII, 49). A expressão *gnostoi* pode, é verdade, convir aos “parentes”. Contudo Lucas (II, 44) distingue os *gnostoi* (conhecidos) dos *syggeneis* (parentes). Acrescentamos que os melhores manuscritos trazem *oi gnostoi auto*, e não *oi gnostoi auton*. Nos Atos (I, 14), Maria, mãe de Jesus, é posta em companhia das mulheres galiléias; em outro lugar (Evang., II, 35), Lucas lhe prediz que uma espada de dor lhe atravessará a alma. Mas por isso ainda menos se compreende como ele a esquecem ao pé da cruz.

<sup>35</sup> João, após a morte de Jesus, parece, de fato, ter recolhido a mãe de seu mestre e, mesmo a adotado (João, XIX, 27). A grande consideração de que Maria goza na Igreja nascente levou, sem dúvida, os discípulos de João a admitirem que Jesus, do qual eles tinham seu mestre como o discípulo favorito, lhe tinha recomendado, ao morrer, o que tinha de mais caro. A presença verdadeira ou suposta junto de João desse precioso depósito lhe dava, em relação aos outras apóstolos, uma espécie de primazia, e assegurava à doutrina, da qual ele era uma garantia, uma alta autoridade.

ei-lo”, diziam, “O que se intimou filho de Deus! Que seu pai, se quiser, venha agora libertá-lo!”. “Ele salvou os outros”, murmurava-se ainda, “e não pode salvar a si próprio. Se ele é rei de Israel, que desça da cruz, e nós acreditaremos nele!” “Ei, você”, dizia um terceiro, “você que destrói o templo de Deus e o reconstrói em três dias, salve-se, vejamos!”<sup>36</sup>. Alguns, vagamente informados sobre suas ideias apocalípticas, pensaram tê-lo ouvido chamar Elias, e disseram: “Vejamos se Elias virá libertá-lo”. Parece que os dois ladrões crucificados a seu lado também o insultavam<sup>37</sup>. O céu estava sombrio<sup>38</sup>; a terra, como em todos os arredores de Jerusalém, seca e morna. Segundo certos relatos, por um momento seu coração falhou; uma nuvem escondeu-lhe o rosto de seu Pai; ele teve uma agonia de desespero mil vezes mais pungente que todos os tormentos. Ele só viu a ingratidão dos homens; ele se arrependeu, talvez, de sofrer por uma raça vil, e exclamou: “Meu Deus, por que me abandonaste?” Mas seu instinto divino o reergueu ainda. À medida que a vida do corpo se extinguiu, sua alma serenava e voltava aos poucos à sua origem celeste. Ele resgatava o sentido de sua missão; perdendo de vista o espetáculo hediondo que se desenrolava a seus pés, e profundamente unido a seu Pai, começou sobre a cruz a vida divina que ia levar no coração da humanidade por séculos infintos.

A atrocidade particular do suplicio da cruz era que se podia viver três ou quatro dias nesse horrível estado sobre o escabelo da dor<sup>39</sup>. A hemorragia das mãos estancava logo e não era mortal. A verdadeira causa da morte era a posição contra a natureza do corpo, que ocasionava uma perturbação

---

<sup>36</sup> Mat., XXVII, 40 e seg.; Marc., XV, 29 e seg.

<sup>37</sup> Mat., XXVII, 44; Marc., XV, 32. Luc., seguindo seu gosto pela conversão dos pecadores, modificou aqui a tradição.

<sup>38</sup> Mat., XXVII, 45; Marc., XV, 33; Luc., XXIII, 44.

<sup>39</sup> Petrônio, *Sat.*, CXI e seg.; Orígenes, *In Matth. Comment. series*, 140; texto árabe publicado em Kosegarten, *Chrest. Arab.*, p. 63 e seg.; *Revue germ.*, loc. cit.

horrível na circulação, terríveis dores na cabeça e no coração, e, finalmente, rigidez nos membros. Os crucificados com forte compleição podiam até dormir e só morriam de fome<sup>40</sup>. A principal ideia desse suplício era não matar diretamente o condenado com lesões determinadas, mas expor o escravo, pregado pelas mãos, das quais não soube fazer bom uso, e deixá-lo apodrecer sobre a madeira. O organismo delicado de Jesus preseou-o desta lenta agonia. Uma sede abrasadora, uma das torturas da crucificação<sup>41</sup>, como todos os suplícios que ocasionavam hemorragia abundante, o devorava. Ele pediu para beber. Havia perto dali um vaso cheio da bebida comum dos soldados romanos, mistura de vinagre e água, chamada *posca*. Os soldados deviam carregar sua *posca* em todas as expedições<sup>42</sup> em que estivesse prevista uma execução. Um soldado molhou uma esponja<sup>43</sup> nessa bebida, colocou-a na ponta de uma vara e a levou aos lábios de Jesus, que a tomou<sup>44</sup>. Imagina-se no Oriente que o fato de dar de beber aos crucificados e empalados acelere a morte<sup>45</sup>: várias pessoas acham que Jesus entregou a alma assim que tomou o vinagre<sup>46</sup>. É bem mais provável que uma apoplexia ou a ruptura instantânea de um vaso na região do coração trouxe a ele, ao fim de três horas, uma morte súbita. Alguns momentos antes de entregar a alma, ele ainda tinha a voz forte<sup>47</sup>. De repente, soltou

---

<sup>40</sup> Eusébio, *Hist. eccl.*, VIII, 8; *Revue germ.*, *ibid.*

<sup>41</sup> Ver o texto árabe publicado por Kosegarten, *Chrest. arab.*, p. 64, e a *Revue germ.*, lugar anteriormente citado.

<sup>42</sup> Espartiano, *Vida de Adriano*, 10; Vulcácio Galicano, *Vida de Avídio Cássio*, 5.

<sup>43</sup> Provavelmente a pequena esponja que servia para fechar o gargalo do recipiente no qual está a posca.

<sup>44</sup> Mat., XXVII, 48; Marc., XV, 36; Luc., XXIII, 36; João XIX, 28-30.

<sup>45</sup> Ver Nicolau de Liro, *In Mat.*, XXVII, 34 e *in Joh.*, XIX, 29, e os relatos do suplício do assassino de Kleber. *Comp. Revue germ.*, loc. cit.

<sup>46</sup> Mat., Marc. e João parecem ligar os dois fatos.

<sup>47</sup> Mat., XXVII, 46; Marc., XV, 34.

um grito terrível<sup>48</sup>, no qual alguns escutaram: “Pai, entrego meu espírito em tuas mãos!”, e que outros, mais preocupados com o cumprimento das profecias, traduziram por estas palavras: “Tudo está consumado!”. Sua cabeça pendeu sobre o peito, e ele expirou.

Repousa agora em tua glória, nobre iniciador. Tua obra está completa; tua divindade está fundada. Não mais temas ver desmoronar teus esforços por falta de edifício. De agora em diante, longe dos golpes da fragilidade, assistirás, do alto de tua paz divina, às consequências infinitas de teus atos. Ao custo de algumas horas de sofrimento, que nem chegaram a atingir tua grande alma, compraste a mais completa imortalidade. Por milhares de anos o mundo vai depender de ti! Bandeira de nossas contradições, serás o símbolo em torno do qual se travará a mais ardente batalha. Mil vezes mais vivo, mil vezes mais amado depois da morte do que durante os dias de tua passagem por aqui, tornar-te-ás a tal ponto a pedra angular da humanidade que arrancar teu nome deste mundo será abalá-lo até as raízes. Entre ti e Deus não se distinguirá mais. Plenamente vencedor da morte, toma posse do teu reino, onde te seguirão, pela via real que traçaste, séculos de adoradores.

---

<sup>48</sup> Mat., XXVII, 50; Marc., XV, 37; Luc., XXIII, 46; João, XIX, 30.

## CAPÍTULO 26

### Jesus no túmulo

Foi por volta das três horas da tarde, segundo nosso modo de contar<sup>1</sup>, que Jesus expirou. Uma lei judaica<sup>2</sup> proibia que se deixasse um cadáver suspenso na cruz por mais tempo do que o dia em que se realizara a execução. Não é provável que, nas execuções feitas pelos romanos, essa regra tenha sido observada. Mas como o dia seguinte era o sabá, e um sabá de uma solenidade particular, os judeus expressaram à autoridade romana<sup>3</sup> o desejo de que esse santo dia não fosse maculado por tal espetáculo<sup>4</sup>. O pedido foi atendido; foram dadas ordens para que se apressasse a morte dos três condenados, e que se os retirasse da cruz. Os soldados se incumbiram dessa missão, aplicando nos dois ladrões um segundo suplício, bem mais rápido que o da cruz, o *crucifragium*, ou seja, a quebra das pernas<sup>5</sup>, suplício comum dos

---

<sup>1</sup> Mat., XXVII, 46; Marc., XV, 37; Luc., XXIII, 44. Comp. João, XIX, 14.

<sup>2</sup> Deuter., XXI, 22-23; Josué, VIII, 29; X, 26 e seg. Cf. Jos. B.J., IV, V, 2; Mischna, *Sanedrim*, VI, 5.

<sup>3</sup> João diz “a Pilatos”, mas isso não pode ser, pois Marcos (XV, 44-45) diz que, à tarde, Pilatos ainda ignorava a morte de Jesus.

<sup>4</sup> Compare Fílon, *In Flaccum*, § 10.

<sup>5</sup> Não há outro exemplo de *crucifragium* aplicado em seguida da crucificação. Mas frequentemente, para abreviar as torturas do condenado, dava-se a ele um golpe de misericórdia. Ver a passagem de Ibn-Hischâm, traduzida na *Zeitschrift für die Kunde des Morgenlandes*, I, p. 99-100.



escravos e prisioneiros de guerra. Quanto a Jesus, encontraram-no morto, e não pensaram em lhe quebrar os ossos<sup>6</sup>. Apenas um entre eles, para tirar qualquer dúvida sobre a morte real deste terceiro crucificado e completá-la, caso houvesse algum sopro, fustigou-lhe o lado com um golpe de lança<sup>7</sup>. Acreditou-se ter visto escorrer sangue e água<sup>8</sup>, o que foi visto como um sinal de cessação de vida.

O quarto evangelista, que faz aqui intervir o apóstolo João como testemunha ocular, insiste muito nesse detalhe<sup>9</sup>. É evidente, de fato, que se levantaram dúvidas sobre a realidade da morte de Jesus. Algumas horas de suspensão na cruz pareciam a pessoas habituadas a ver crucificações insuficientes para levar a tal resultado. Citavam-se muitos casos de crucificados que, soltos a tempo, foram chamados de novo à vida por meio de curas enérgicas<sup>10</sup>. Orígenes, mais tarde, viu-se obrigado a invocar um milagre para explicar um fim tão rápido<sup>11</sup>. O mesmo espanto é encontrado no relato de Marcos<sup>12</sup>. Para dizer a verdade, a melhor garantia que um historiador possui sobre um ponto dessa natureza é o ódio suspeito dos inimigos de Jesus. É muito duvidoso que os judeus estivessem desde então preocupados com o receio de que Jesus passasse por ressuscitado mas, em todo

---

<sup>6</sup> Talvez haja aí uma invenção *a priori* para comparar Jesus ao cordeiro pascal (Êxodo, XII, 46; Números, IX, 12).

<sup>7</sup> Essa circunstância pode ter sido imaginada para responder a Zacarias, XII, 10. Comp. Joio, XIX, 37; Apoc., I, 7.

<sup>8</sup> Aqui, ainda, pode-se suspeitar de simbolismo *a priori*. Comp. I Epíst. de João, V, 6 e seg.; Apolinário, em *Crônica pascal*, p. 7.

<sup>9</sup> João, XIX, 31-35.

<sup>10</sup> Heródoto, VII, 194; Jos., *Vita*, 75.

<sup>11</sup> *In Matth. Comment. series*, 140.

<sup>12</sup> Marc., XV, 44-45.

caso, deviam cuidar para que ele estivesse bem morto. Qualquer que tenha sido, em certas épocas, a negligência dos antigos em tudo o que fosse pontualidade legal e conduta estrita dos casos, não se pode acreditar que, dessa vez, os interessados não tenham tomado, em algo que lhes interessava tanto, algumas precauções<sup>13</sup>.

Segundo o costume romano, o corpo de Jesus deveria ter ficado pendurado para servir de pasto às aves<sup>14</sup>. Segundo a lei judaica, caída a tarde, ele seria depositado no lugar infame destinado à sepultura dos supliciados<sup>15</sup>. Se Jesus tivesse tido como discípulos apenas seus pobres galileus, tímidos e desacreditados, tudo teria se passado da segunda maneira. Mas nós vimos que, apesar de seu pouco sucesso em Jerusalém, Jesus havia angariado a simpatia de algumas pessoas importantes, que esperavam o reino de Deus e que, sem se declarar seus discípulos, tinham profunda ligação com ele. Uma dessas pessoas, José, da pequena cidade de Arimatéia (*Haramathaim*)<sup>16</sup>, foi à tarde reclamar o corpo ao procurador<sup>17</sup>. José era um homem rico e honrado, membro do Sanedrim. Naquela época, a lei romana ordenava, aliás, que se entregasse o cadáver do supliciado a quem o reclamasse<sup>18</sup>. Pilatos, que ignorava a circunstância do *crucifragium*, admirou-se de que Jesus tivesse morrido tão rápido, e chamou o centurião que havia comandado a execução, para saber o que se tinha pas-

---

<sup>13</sup> As necessidades de argumentação cristã levaram, mais tarde, a exagerar essas precauções, principalmente quando os judeus resolveram adorar como norma sustentar que o corpo de Jesus tinha sido roubado. Mat., XXVII, 62 e seg., XXVIII, 11-15.

<sup>14</sup> Horácio, *Epístolas*, I, XVI, 48; Juvenal, XIV, 77; Luciano, VI, 544; Plauto, *Miles glor.*, II, IV, 19; Artemidoro, *Onir.*, II, 53; Plínio, XXXVI, 24; Plutarco, *Vida de Cleomenes*, 39; Petronio, *Sat.*, CXI-CXII.

<sup>15</sup> Mischna, *Sanedrim*, VI, 5 e 6.

<sup>16</sup> Provavelmente idêntica à antiga Rama de Samuel, na tribo de Efraim.

<sup>17</sup> Mat., XXVII, 57 e seg.; Marc., XV, 42 e seg.; Luc., XXIII, 50 e seg.; João, XIX, 38 e seg.

<sup>18</sup> *Digesto*, XLVIII, XXIV, *De cadaveribus punitorum*.

sado. Após ter recebido a confirmação do centurião, Pilatos concedeu a José o objeto de seu pedido. O corpo, provavelmente, já havia sido descido da cruz. Entregaram-no a José para que fizesse o que bem entendesse.

Um outro amigo secreto, Nicodemus<sup>19</sup>, que já vimos empregar sua influência em favor de Jesus, reapareceu nesse momento. Ele chegou trazendo grande provisão de substâncias necessárias ao embalsamamento. José e Nicodemus enterraram Jesus segundo o costume judaico, ou seja, envolvendo-o numa mortalha com mina e aloés. As mulheres galiléias estavam presentes<sup>20</sup> e, sem dúvida, acompanharam a cena com gritos agudos e choros.

Já era tarde, e tudo isso foi feito às pressas. Não se havia ainda escolhido o lugar em que se depositaria o corpo definitivamente. Esse transporte, aliás, poderia se prolongar até uma hora avançada, e ocasionar a violação do sabá; ora, os discípulos observavam ainda com consciência as prescrições da lei judaica. Decidiu-se, então, por uma sepultura provisória<sup>21</sup>. Havia, perto dali, num jardim, um túmulo recém-cavado na rocha e que nunca fora usado. Pertencia provavelmente algum adepto<sup>22</sup>. As grutas funerárias, quando eram destinadas a um único cadáver, compunham-se de uma pequena câmara, no fundo da qual o lugar do corpo estava marcado por um cocho ou nicho cavado na parede, com um arco por cima<sup>23</sup>.

---

<sup>19</sup> João, XIX, 39 e seg.

<sup>20</sup> Mat., XXVII, 61; Marc., XV, 47, Luc., XXIII, 55.

<sup>21</sup> João, XIX, 41-42.

<sup>22</sup> Uma tradição (Mat., XXVII, 60) aponta como proprietário da cova o próprio José de Arimatéia.

<sup>23</sup> A cova que, à época de Constantino, foi considerada como o túmulo de Cristo apresentava essa forma, como se pode concluir da descrição de Arculfo (em Mabillon, *Acta SS. Ord. S. Bened.*, set. III, parte II, p. 504) e das vagas tradições que permanecem em Jerusalém no clero grego sobre o estado do rochedo atualmente dissimulado pela edícula do Santo Sepulcro. Mas os indícios sobre os quais se baseou, sob Constantino, para identificar esse túmulo como o do Cristo foram fracos ou nulos (ver sobretudo Sozómoeno, *H. E.*, II, 1). Mesmo que se admitisse a localização do Gólgota como mais ou menos exata, o Santo Sepulcro não teria ainda nenhuma marca muito séria de autenticidade. Em todo caso, o aspecto dos lugares foi totalmente modificado.

Como essas grutas eram escavadas no flanco de rochedos inclinados, entrava-se diretamente nelas. A porta era fechada por uma pedra muito difícil de manejar. Jesus foi depositado na cova<sup>24</sup>; empurrou-se a pedra para a porta, e prometeu-se voltar para lhe dar uma sepultura mais completa. Mas o dia seguinte era um sabá solene, e o trabalho foi adiado para o outro dia<sup>25</sup>.

As mulheres se retiraram após terem verificado cuidadosamente como o corpo havia sido colocado. Elas ocuparam as horas restantes da tarde para fazer novos preparativos para o embalsamamento. No sábado, todos descansaram<sup>26</sup>.

No domingo de manhã, as mulheres, tendo Maria de Magdala à frente, foram bem cedo ao túmulo<sup>27</sup>. A pedra estava deslocada da abertura, e o corpo não estava mais no lugar em que o haviam colocado. No mesmo instante se espalharam os mais estranhos boatos pela comunidade cristã. O grito “Ele ressuscitou!”, correu entre os discípulos como um relâmpago. O amor proporcionou uma fácil credibilidade por toda a parte. O que tinha acontecido? Ao estudar a história dos apóstolos é que examinaremos esse ponto e buscaremos a origem das lendas relativas à ressurreição. A vida de Jesus, para o historiador, acaba com seu último suspiro. Mas a marca que ele deixara no coração de seus discípulos e de algumas amigas devotadas foi tamanha que, durante semanas ainda, ele esteve vivo e consolador para eles. Por quem seu corpo foi levado?<sup>28</sup> Em que condições de entusiasmo, sempre crédulo, eclodiu o

---

<sup>24</sup> I Cor., XV, 4.

<sup>25</sup> Luc., XXIII, 56.

<sup>26</sup> Luc., XXIII, 54-56.

<sup>27</sup> Mat., XXVIII, 1; Marc., XVI, 1; Luc., XXIV, 1; João, XX, 1.

<sup>28</sup> Ver Mat., XXVIII, 15; João, XX, 2.

conjunto de relatos através do qual se estabelece a fé na ressurreição? É o que, por causa de documentos contraditórios, sempre ignoraremos. Digamos, no entanto, que a forte imaginação de Maria de Magdala<sup>29</sup> desempenhou, nessa circunstância, papel essencial<sup>30</sup>. Poder divino do amor! Momentos sagrados em que a paixão de uma alucinada dá ao mundo um Deus ressuscitado!

---

<sup>29</sup> Ela era possuída por sete demônios (Marc., XVI, 9; Luc., VIII, 2).

<sup>30</sup> Isso é sensível principalmente nos versículos 9 e seguintes do capítulo XVI de Marcos. Esses versículos formam uma conclusão do segundo Evangelho diferente da conclusão XVI, 1-8, após a qual se interrompe o manuscrito B do Vaticano e o *Codex Sinaiticus*. No quarto Evangelho (XX, 1-2, 11 e seg., 18), Maria de Magdala também é a única testemunha primitiva da ressurreição.

## CAPÍTULO 27

### Destino dos inimigos de Jesus

Segundo o cálculo que adotamos, a morte de Jesus foi no ano 33 de nossa era<sup>1</sup>. Em todo caso, ela não pode ser nem anterior ao ano 29, tendo a pregação de João e de Jesus começado no ano 28<sup>2</sup>, nem posterior ao ano 35, já que no ano 36 e, pelo que parece, antes da Páscoa, Pilatos e Caifás perderam o cargo<sup>3</sup>. A morte de Jesus parece que foi completamente alheia a essas duas destituições<sup>4</sup>. No seu retiro, Pilatos provavelmente não meditou nem por um momento sobre o episódio esquecido que deveria transmitir sua triste fama à posteridade mais longínqua. Quanto a Caifás, ele teve como sucessor Jônatas, seu cunhado, filho do mesmo Hanan que

---

<sup>1</sup> O ano 33 atende bem a um dos dados do problema, qual seja, que o 14 de *nisã* foi uma sexta-feira. Se se rejeitar o ano 33 para encontrar um ano que preencha a citada condição, é preciso voltar ao ano 29 ou avançar até o ano 36. Ver anteriormente, cap. 23, nota 10.

<sup>2</sup> Luc., III, I.

<sup>3</sup> Jos., *Ant.*, XVIII, IV, 2 e 3.

<sup>4</sup> A asserção contrária de Tertuliano e de Eusébio decorre de um apócrifo ou de uma lenda sem valor (ver Thilo, *Cod. apocr. N. T.*, p. 813 e seg.). O suicídio de Pilatos (Eusébio, H.E., II, 7; *Chron. ad ann. 1 Caii*) também parece lendário (Tischendorf, *Evang. Apocr.*, p. 432 e seg.).

desempenhou o papel principal no processo de Jesus. A família saducéia de Hanan manteve ainda por muito tempo o pontificado e, mais poderosa que nunca, não parou de fazer aos discípulos e à família de Jesus a guerra encarniçada que começara com o fundador. O cristianismo, que lhe deveu o ato definitivo de sua fundação, lhe deveu também seus primeiros mártires. Hanan foi tido como um dos homens mais felizes de seu século<sup>5</sup>. O verdadeiro culpado pela morte de Jesus terminou sua vida no auge das honras e da consideração, sem ter duvidado um instante de que prestou um grande serviço à nação. Seus filhos continuaram a reinar em torno do Templo, reprimidos com dificuldade pelos procuradores e muitas vezes abstendo-se do consentimento destes para satisfazerem seus instintos violentos e arrogantes<sup>6</sup>.

Antipas e Herodíades também logo desapareceram da cena política. Tendo Herodes Agripa sido elevado à dignidade de rei por Calígula, a ciumenta Herodíades jurou ser também rainha. Pressionado constantemente por essa mulher ambiciosa, que o tratava como fraco porque permitia um superior na sua família, Antipas venceu sua indolência natural e dirigiu-se a Roma para solicitar o título que seu sobrinho acabava de obter (39 de nossa era). Mas o caso acabou da pior forma. Prejudicado por Herodes Agripa junto ao imperador, Antipas foi destituído e passou o resto de sua vida de exílio em exílio, em Leão, na Espanha. Herodíades acompanhou-o em suas desgraças<sup>7</sup>. Pelo menos cem anos ainda deviam passar antes que o nome de seu obscuro súdito, feito Deus, voltasse a essas terras longínquas para lembrar, sobre seus túmulos, o assassinato de João Batista.

Quanto ao desgraçado Judas de Cariote, lendas terríveis correram sobre sua morte. Disseram que, com o prêmio de sua

---

<sup>5</sup> Jos., Ant., XX, IX, 1.

<sup>6</sup> Jos., *l.c.*; Tosiphta, *Menachoth*, II.

<sup>7</sup> Jos., Ant., XVIII, VII, 1, 2; *B.J.*, II, IX, 6.

perfidia, comprara uma terras nos arredores de Jerusalém. Havia, justamente, ao sul do monte Sião, um local chamado *Hakeldama* (campo de sangue)<sup>8</sup>. Pensou-se que era a propriedade adquirida pelo traidor<sup>9</sup>. Segundo uma tradição, ele se matou<sup>10</sup>. Segundo uma outra, ele levou um tombo na sua propriedade e, como consequência, suas entranhas se espalharam pelo chão<sup>11</sup>. Segundo outras, ele morreu de uma espécie de hidropsia, acompanhada de circunstâncias repugnantes que foram tomadas como castigo do céu<sup>12</sup>. O desejo de comparar Judas a Achitofel<sup>13</sup> e de mostrar nele o cumprimento das ameaças que o Salmista pronunciou contra o amigo pérfido<sup>14</sup> pode ter dado ensejo a essas lendas. Talvez Judas, retirado em sua propriedade de Hakeldama, tenha levado uma vida doce e obscura, enquanto seus antigos amigos preparavam a conquista do mundo e aí semeavam o boato de sua infâmia. Talvez também o espantoso ódio que pesava sobre sua cabeça tenha chegado a atos violentos, nos quais se viu o dedo do céu.

O tempo das grande vinganças cristãs estava, em suma, bem longe. A nova seita não tinha visto nada em relação a catástrofe pela qual o judaísmo ia logo passar. A sinagoga só compreendeu muito depois aquilo a que se fica exposto quando

---

<sup>8</sup> São Jerônimo, *De situ et nom. loc. hebr.*, para a palavra *Acheldama*. Eusébio (ibid.) diz ao norte. Mas os itinerários confirmam a lição de São Jerônimo. A tradição que nomeia Haceldama à necrópole situada no fundo do vale de Hinon remonta pelo menos à época de Constantino.

<sup>9</sup> Atos, I, 18-19. Mateus, ou melhor, seu interlocutor, deu aqui um tom menos satisfatório à tradição, a fim de figurar a isso a circunstância de um cemitério para estrangeiros, que se achava, perto dali, e de encontrar uma pretensa confirmação em Zacarias, XI, 12-13.

<sup>10</sup> Mat., XXVII, 5.

<sup>11</sup> Atos, *l.c.*; Pápias, em Ecumenius, *Enarr. in Act. Apost.*, II e em Fr. Münter, *Fragm. Patrum graec.* (Hafmae, 1788), fasc. I, p.17 e seg.; Teofilacto, em Mat., XXVII, 5.

<sup>12</sup> Pápias, em Münter, *l.c.*; Teofilacto, *l.c.*

<sup>13</sup> II Sam., XVII, 23.

<sup>14</sup> Salmos, LXIX e CIX.



se aplicam leis da intolerância. O Império estava certamente mais longe ainda de suspeitar que seu futuro destruidor tinha nascido. Durante cerca de trezentos anos ele seguirá seu caminho sem imaginar que a seu lado crescem princípios destinados a submeter a humanidade a uma completa transformação. Ao mesmo tempo teocrática, a idéia lançada por Jesus no mundo foi, junto com a invasão dos germânicos, a causa da dissolução mais ativa da obra dos Césares. De um lado, o direito de todos os homens de participar do reino de Deus estava proclamado. De outro, a refúgio estava doravante, em princípio, separada do Estado. Os direitos da consciência, subtraídos à lei política, chegam a constituir um poder novo, o “poder espiritual”. Esse poder desmentiu, por mais de uma vez, a sua origem. Durante séculos, os bispos foram príncipes e o papa era um rei. O pretense império das almas se mostrou por diversas vezes como uma pavorosa tirania, empregando a tortura e a fogueira para se manter. Mas virá o dia em que a separação trará seu frutos, em que o domínio das coisas do espírito não mais se chamará um “poder” e sim “liberdade”. Surgido da afirmação audaciosa de um homem do povo, nascido diante do povo, amado e admirado inicialmente pelo povo, o cristianismo foi revestido de um caráter original que nunca se apagará. Ele foi o primeiro triunfo da revolução, a vitória do sentimento popular, a exaltação dos simples de coração, a inauguração do belo como o povo entende. Desse modo, Jesus abriu nas sociedades aristocráticas da Antiguidade a brecha pela qual tudo passará.

De fato, o poder civil, posto que inocente na morte de Jesus (ele apenas ratificou a sentença e ainda a contragosto), devia carregar penosamente a responsabilidade disso. Ao presidir a cena do Calvário, o Estado provocou para si o golpe mais grave. Uma lenda cheia de irreverências de toda espécie prevaleceu e deu a volta ao mundo, lenda em que as autoridades constituídas desempenham um papel odioso, em que o acusado é que tem razão, em que os juízes e os policiais se unem contra a verdade. Sediosa no mais alto grau, a história

da Paixão, difundida por milhões de imagens populares, mostra as águias romanas sancionando o mais iníquo dos suplícios; soldados executando-o; um prefeito ordenando-o. Que golpe para todas as potências estabelecidas: Elas nunca se recuperaram bem disso. Como assumir, para com os pobres, ares de infalibilidade, quando se tem na consciência o grande equívoco do Getsêmani?<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> Esse sentimento popular ainda existia na Bretanha nos meus tempos de infância. O policial ali era considerado, como em outros lugares o judeu, com uma espécie de repulsa piedosa, pois foi ele que prendeu Jesus!

## CAPÍTULO 28

### Caráter essencial da obra de Jesus

Como se vê, Jesus nunca estendeu sua ação para além do judaísmo. Embora sua simpatia por todos os desprezados pela ortodoxia o levasse a admitir pagãos no reino de Deus, embora tenha residido por mais de uma vez em terra pagã, e uma ou duas vezes tenha sido surpreendido em conversas benevolentes com infiéis<sup>1</sup>, pode-se dizer que sua vida decorreu inteiramente dentro do pequeno mundo, muito fechado, em que nascera. Os países gregos e romanos não ouviram falar dele. Seu nome só figura entre os autores profanos, cem anos mais tarde e, mesmo assim, de maneira indireta, a respeito dos movimentos sediciosos provocados por sua doutrina ou das perseguições que seus seguidores sofreram<sup>2</sup>. No próprio seio do judaísmo, Jesus não impressionou por muito tempo. Fílon, que morreu por volta do ano 50, nem tem notícia dele. Josefo, nascido em 37, e tendo escrito pelo fim do século, menciona sua execução em algumas linhas<sup>3</sup>, como um acontecimento de importância secundária; na enumeração das seitas

---

<sup>1</sup> Mat., VIII, 5 e seg.; Luc., VII, 1 e seg.; João, XII, 20 e seg. Comp. Jos., *Ant.*, XVIII, III, 3.

<sup>2</sup> Tácito, *Ann.*, XV, 45; Suetônio, *Cláudio*, 25.

<sup>3</sup> *Ant.*, XVIII, III, 3. Esta passagem foi alterada por mão cristã.

de seu tempo, ele omite os cristãos<sup>4</sup>. Justo de Tiberíades, historiador contemporâneo de Josefo, não mencionou o nome de Jesus<sup>5</sup>. Por outro lado, a *Mischna* não oferece nenhum vestígio da nova escola; as passagens dos dois Gemares nas quais o fundador do cristianismo é citado só foram redigidas adiante do século IV ou V<sup>6</sup>. A obra essencial de Jesus foi criar em torno de si um círculo de discípulos nos quais ele inspirava uma dedicação sem limites, e no seio dos quais ele depositou o germe de sua doutrina. Ter-se feito amar, “a tal ponto que, após sua morte, não se parava de amá-lo”, eis a obra-prima de Jesus e o que mais tocou seus contemporâneos<sup>7</sup>. Sua doutrina era de tal modo tão pouco dogmática que ele nunca pensou em escrevê-la, nem em fazê-la ser escrita. Seus discípulos o seguiam não acreditando nisso ou naquilo, mas ligando-se à sua pessoa e amando-o. Algumas frases recolhidas a partir das lembranças de seus ouvintes, e principalmente seu tipo moral e a impressão que ele deixava, foram o que restou dele. Jesus não é um fundador de dogmas, um inventor de símbolos; é o iniciador do mundo para um espírito novo. Os menos cristãos dos homens foram, de um lado, os doutores da Igreja grega que, a partir do século IV, puseram o cristianismo em um caminho de pueris discussões metafísicas e, de outro lado, os escolásticos da Idade Média latina, que quiseram tirar do Evangelho os milhares de artigos de uma “Suma” colossal. Aderir a Jesus visando ao reino de Deus, eis o que se chamou inicialmente ser cristão.

---

<sup>4</sup> Ant., XVIII, I; B.J., II, VIII; *Vita*, 2.

<sup>5</sup> Fócio, Bibl., cod. XXXIII.

<sup>6</sup> Talm. de Jerusalém, *Sanedrim*, XIV, 16; *Aboda zara*, II, 2; *Schabath*, XIV, 4; Talm. da Babilônia, *Sanedrim*, 43a, 67a, *Schabath*, 104b, 116b. Comp. *Chagiga*, 4b; *Gittin*, 57a, 90a. Os dois Gemares tomaram a maioria de seus dados sobre Jesus de uma lenda burlesca e obscena, inventada pelos adversários do cristianismo e sem valor histórico. Cf. Orígenes, *Contra Celso*, I, 28, 32.

<sup>7</sup> Jos., *Ant.*, XVIII, III, 3.

Desse modo, não se compreende como, por um destino excepcional, o cristianismo puro ainda se apresenta, ao cabo de dezoito séculos, com o caráter de uma religião universal e eterna. É que, na verdade, a religião de Jesus é, sob certos pontos de vista, a religião definitiva. Fruto de um movimento de almas perfeitamente espontâneo, despido desde o nascimento de qualquer opressão dogmática, tendo lutado trezentos anos pela liberdade de consciência, o cristianismo, apesar das quedas que se seguiram, ainda recolhe os frutos dessa excelente origem. Para se renovar, basta recorrer ao Evangelho. O reino de Deus, tal como o concebemos, difere notavelmente da aparição sobrenatural que os primeiros cristãos esperavam ver surgir das nuvens. Mas o sentimento que Jesus introduziu no mundo é bem o nosso. Seu perfeito idealismo é a mais alta regra da vida desapegada e virtuosa. Ele criou o céu das almas puras, onde se encontra o que se procura em vão na terra, a perfeita nobreza dos filhos de Deus, a santidade confirmada, a total abstração dos pecados do mundo, a liberdade, enfim, que a sociedade real exclui como uma impossibilidade, e que só se amplia no domínio do pensamento. O grande mestre dos que se refugiam nesse paraíso ideal ainda é Jesus. Ele foi o primeiro a proclamar a realeza do espírito; o primeiro a dizer, pelo menos por seus atos: “Meu reino não é deste mundo”. A fundação da verdadeira religião é bem obra sua. Depois dele, basta apenas desenvolvê-la e fecundá-la.

Desse modo, “cristianismo” tomou-se quase sinônimo de “religião”. Tudo o que fizer fora dessa grande e boa tradição cristã será estéril. Jesus fundou a religião na humanidade, como Sócrates nela fundou a filosofia, como nela Aristóteles fundou a ciência. Houve filosofia antes de Sócrates e ciência antes de Aristóteles. Desde Sócrates e desde Aristóteles a filosofia e a ciência fizeram progressos enormes. Mas tudo foi construído sobre o alicerce que eles estabeleceram. Da mesma forma, antes de Jesus o pensamento religioso atravessara muitas revoluções; desde Jesus, ele fez grandes conquistas. Contudo, não se saiu nem se sairá da noção essencial que

Jesus criou; ele fixou para sempre a maneira como deve ser concebido o culto puro. A religião de Jesus não é limitada. A Igreja teve suas épocas e suas fases: ela se fechou em símbolos que só tiveram ou só terão um tempo — Jesus fundou a religião absoluta, não excluindo nada, não determinando nada que não fosse sentimento. Esses símbolos não são dogmas fixos; são imagens suscetíveis de interpretações indefinidas. Em vão se buscará uma proposição teológica no Evangelho. Todas as profissões de fé são aduiterações da idéia de Jesus, mais ou menos como a escolástica da Idade Média, ao proclamar Aristóteles o único mestre de uma ciência acabada, falseava o pensamento de Aristóteles que, se tivesse assistido aos debates da escola, teria repudiado essa doutrina estreita. Ele teria tomado partido da ciência progressiva contra a rotina, que se cobria com sua autoridade. Ele teria aplaudido seus opositores. Do mesmo modo, se Jesus viesse entre nós, reconheceria como discípulos não os que pretendem encerrá-lo todo em algumas frases de catecismo, mas os que trabalham para continuá-lo. A glória eterna, em todas as ordens de grandeza, é de ter posto a primeira pedra. Pode acontecer que na “física” e na “meteorologia” dos tempos modernos não se encontre uma única palavra dos tratados de Aristóteles que levam esse título. Aristóteles não deixa de ser o fundador da ciência da natureza. Quaisquer que possam ser as transformações do dogma, Jesus permanecerá, em matéria de religião, o criador do sentimento puro. O Sermão da Montanha não será ultrapassado. Nenhuma revolução fará com que nos desliguemos, em matéria de religião, da grande família intelectual e moral à frente da qual brilha o nome de Jesus. Nesse sentido, somos cristãos, mesmo quando nos separamos, em quase todos os pontos, da tradição cristã que nos antecedeu.

E essa grande instituição foi certamente a obra pessoal de Jesus. Para se ter feito adorar a esse ponto, é preciso que tenha sido adorável. O amor não acontece sem um objeto digno de acendê-lo, e mesmo que não soubéssemos nada de Jesus além da paixão que inspirava à sua volta, ainda assim poderíamos

afirmar que ele foi grande e puro. A fé, o entusiasmo, a constância da primeira geração cristã só se explicam se supusermos, na origem de tudo, um homem de proporções colossais. A vista das maravilhosas criações das idades de fé, duas impressões igualmente funestas à boa crítica histórica surgem no espírito. De um lado, somos levados a supor que essas criações são demasiadamente impessoais. Atribui-se a uma criação coletiva o que frequentemente foi a obra de uma vontade poderosa e de um espírito superior. Por outro lado, recusa-se a ver homens como nós na autoria desses movimentos extraordinários que decidiram o destino da humanidade. Tomemos um sentimento mais amplo dos poderes que a natureza esconde em seu seio. Nossas civilizações, regidas por uma patrulha minuciosa, não saberiam nos dar nenhuma ideia do que valia um homem em épocas em que a originalidade de cada um tinha um campo mais livre para se desenvolver. Suponhamos um ermitão que more nas imediações de nossa cidade, e que saia de lá de tempos em tempos para se apresentar nos palácios dos soberanos, que force a guarda e, num tom imperioso, anuncie aos reis a aproximação das revoluções das quais ele seria o promotor. Essa simples ideia nos faz sorrir. Entretanto, assim foi Elias. O Tesbita, em nossos dias, não atravessaria os portões das Tulherias. A pregação de Jesus e sua livre atividade na Galiléia não são menos inconcebíveis nas condições sociais às quais estamos habituados. Despidas de nossas convenções polidas, isentas da educação uniforme que nos refina, mas que tanto diminui nossa individualidade, essas almas íntegras se entregaram à ação, com uma energia surpreendente. Elas nos aparecem como gigantes de uma idade heróica que não teria sido real. Profundamente errado! Esses homens eram nossos irmãos, tiveram nossa estatura, sentiram e pensaram como nós. Mas o sopro de Deus corria livremente por eles; entre nós, ele está acorrentado com fortes elos de ferro de uma sociedade mesquinha e condenada a uma irremediável mediocridade.

Alcemos, então, no mais alto pico da grandeza humana, a

pessoa de Jesus. Não nos deixemos desviar pelas desconfianças exageradas em face de uma lenda que nos mantém num mundo sobre-humano. A vida de Francisco de Assis também não é mais que um tecido de milagres. Alguma vez duvidou-se, entretanto, da existência e do papel de Francisco de Assis? Não digamos que a glória da fundação do cristianismo deve caber à multidão dos primeiros cristãos, e não a quem a lenda endeusou. A desigualdade dos homens é bem mais marcada no Oriente que entre nós. Lá não é raro ver criar-se, no meio de uma atmosfera geral de maldade, caracteres cuja grandeza nos espanta. Bem longe de ter sido criado por seus discípulos, Jesus se mostra em tudo superior a eles. Excetuando-se São Paulo e talvez São João, eles eram homens sem inventividade nem gênio. O próprio São Paulo não suportava nenhuma comparação com Jesus, e quanto a São João nada fez em seu Apocalipse além de se inspirar na poesia de Jesus. Vem daí a imensa superioridade dos Evangelhos em meio aos escritos do Novo Testamento. Vem daí esse sentimento doloroso de queda que se experimenta ao passar da história de Jesus à dos apóstolos. Os próprios evangelistas, que nos legaram a imagem de Jesus, estavam tão abaixo do mestre do qual eles falam que, constantemente, o desfiguram. Seus escritos estão cheios de erros e contradições. Pode-se entrever a cada linha um original de uma beleza divina traído por redatores que não o compreendiam, e que acabaram substituindo por suas próprias idéias aquilo que só captaram pela metade. Em suma, o caráter de Jesus, longe de ter sido embelezado por seus biógrafos, foi por eles rebaixado. A crítica, para encontrá-lo tal como ele foi, precisa descartar uma série de equívocos, advindos da mediocridade de espírito dos discípulos que, pensando em engrandecê-lo, na realidade o diminuíram.

Sei que nossos princípios modernos são, por mais de uma vez, feridos nessa lenda concebida por uma outra raça, sob outro céu, em meio a outras necessidades sociais. Existem virtudes que, sob alguns pontos de vista, estão mais de acordo com nosso gosto. O honesto e suave Marco Aurélio, o humilde



e doce Espinosa, não tendo acreditado que pudessem fazer milagres, ficaram isentos de alguns erros em que Jesus caiu. O segundo, em sua obscuridade profunda, teve uma vantagem que Jesus não procurou. Por causa de nossa extrema delicadeza no emprego dos meios de convencimento, por causa de nossa sinceridade absoluta e de nosso amor desinteressado pela ideia pura, fundamos, todos nós que devotamos nossa vida à ciência, um novo ideal de moralidade. Mas as apreciações da história geral não se devem fechar em considerações de mérito pessoal. Marco Aurélio e seus nobres mestres não tiveram ação duradoura no mundo. Marco Aurélio deixa para trás livros deliciosos, um filho execrável e um mundo que desmorona. Jesus ficou sendo para a humanidade um princípio inesgotável de renovação moral. A filosofia não basta à multidão. Falta-lhe a santidade. Um Apolônio de Tiana, com sua lenda miraculosa, devia ter mais sucesso que um Sócrates, com sua fria razão. “Sócrates”, dizia-se, “deixa os homens na terra; Apolônio os transporta para o céu. Sócrates não passa de um sábio. Apolônio é um deus”<sup>8</sup>. A religião, até nossos dias, nunca existiu sem uma parte de ascetismo, de piedade, de maravilhoso. Quando se quis, depois dos Antoninos, fazer uma religião da filosofia, foi preciso transformar os filósofos em santos, escrever a “Vida edificante” de Pitágoras e de Plotino, atribuir-lhes uma lenda, virtudes de abstinência e de contemplação, poderes sobrenaturais, sem os quais não se encontraria junto aos do século nem credibilidade nem autoridade.

Abstenhamo-nos, então, de mutilar a história para satisfazer nossas mesquinhas suscetibilidades. Quem de nós, pigmeus como somos, poderia fazer o que fizeram o extravagante Francisco de Assis ou a histérica Santa Teresa? Que a medicina tenha nomes para exprimir esses grandes desvios da natureza humana; que ela veja numa certa delicadeza moral um começo de tísica; que ela classifique o entusiasmo e o amor entre os

---

<sup>8</sup> Filóstrato, *Vida de Apolônio*, IV, 2; VII, 11; VIII, 7; Eunápio, *Vida dos sofistas*, p. 454, 500

acidentes nervosos, pouco importa. As palavras “sadio” e “doente” são puramente relativas. Quem não preferiria ser doente como Pascal, a bem comportado como o vulgo? As idéias estreitas que se espalharam em nossos dias sobre a loucura desviam da forma mais grave nossos julgamentos históricos nas questões desse gênero. Um estado em que se dizem coisas de que não se tem consciência, em que o pensamento se processa sem que a vontade o regule, expõe agora um homem a ser apartado do trato social como alucinado. Outrora isso se chamava “profecia” e “inspiração”. As mais belas coisas do mundo surgiram de acessos de febre; toda criação eminente acarreta uma ruptura de equilíbrio; o parto é, pela lei da natureza, um estado violento.

Certamente nós reconhecemos que o cristianismo é uma obra complexa demais para ter sido feita por um único homem. Num certo sentido, toda a humanidade colaborou. Não existe mundo, por mais cercado que ele seja, que não receba algum vento de fora. A história está cheia de sincronismos estranhos que propiciam que, sem se ter comunicado entre si, as parcelas da espécie humana mais afastadas umas das outras cheguem ao mesmo tempo a idéias e imaginações quase idênticas. No século XIII, os latinos, os gregos, os sírios, os judeus, os muçulmanos, praticavam a escolástica, e quase a mesma escolástica, de York a Samarkand; no século XIV, todos se entregam ao gosto da alegoria mística, na Itália, na Pérsia, na Índia; no século XVI, a arte se desenvolve de maneira quase semelhante na Itália e na corte dos grão-mongóis, sem que São Tomás, Bar-hebreus, os rabinos de Narbonne, os teólogos de Bagdá, se tenham conhecido, sem que Dante e Petrarca vissem algum sufi, sem que algum aluno das escolas de Perugia ou Florença passasse por Délhi. Dir-se-ia que as grandes influências correm o mundo do mesmo modo que as epidemias, sem distinção de fronteira e de raça. O intercâmbio de idéias na espécie humana não se dá unicamente pelos livros ou pelo ensino direto. Jesus ignorava o nome de Buda, de Zoroastro, de Platão. Ele não tinha nenhum livro grego, nenhum sutra

búdico e, no entanto, possuía em si mais de um elemento que, sem o suspeitar, vinha do budismo, do parsismo, da sabedoria grega. Tudo isso acontecia por meio de canais secretos e dessa espécie de simpatia que existe entre as diversas parcelas da humanidade. O grande homem, por um lado, recebe tudo de seu tempo; por outro, ele domina seu tempo. Mostrar que a religião fundada por Jesus foi a consequência natural do que havia sucedido antes não é diminuir a excelência; é provar que ela teve razão de ser, que ela foi legítima, ou seja, de acordo com os instintos e as necessidades do coração, num dado século.

É mais justo dizer que Jesus deve tudo ao judaísmo e que sua grandeza não passa da grandeza do próprio povo judaico? Ninguém mais do que eu está disposto a exaltar esse povo único, que parece ter recebido o dom particular de conter em seu âmago os extremos do bem e do mal. Sem dúvida, Jesus se origina do judaísmo; mas como Lutero originou-se da Idade Média, como Lamennais do catolicismo, como Rousseau do século XVIII. Cada um pertence ao seu século e à sua raça, mesmo que proteste contra tudo isso. Longe de ser uma continuidade do judaísmo, o que caracteriza a obra de Jesus é a ruptura com o espírito judeu. Supondo-se, a esse respeito, que seu pensamento possa se prestar a algum equívoco, a direção geral do cristianismo não o permite. O cristianismo foi se distanciando cada vez mais do judaísmo. Seu aperfeiçoamento consistirá em voltar a Jesus, mas não, certamente, em voltar ao judaísmo. A grande originalidade do fundador permanece inteira; sua glória não admite nenhum meeiro legítimo.

Sem contradição, as circunstâncias tiveram muita influência no sucesso dessa revolução maravilhosa; mas as circunstâncias apenas auxiliam as tentativas justas e boas. Cada ramo do desenvolvimento da humanidade — arte, poesia, religião — encontra, no decorrer do tempo, uma época privilegiada, em que atinge a perfeição sem esforço e em virtude de uma espécie de instinto espontâneo. Nenhum trabalho de reflexão consegue produzir depois as obras-primas que a natureza cria nesses momentos por gênios inspirados. O que os belos séculos

da Grécia foram para as artes e letras profanas, o século de Jesus o foi para a religião. A sociedade judaica oferecia o mais extraordinário estado intelectual e moral que a espécie humana jamais atravessara. Era uma dessas horas divinas em que as grandes coisas se produzem por si só, pela conspiração de mil forças escondidas, em que as belas almas encontram uma onda de admiração e de simpatia para sustentá-las. O mundo, livre da tirania estreitíssima das pequenas repúblicas municipais, desfrutava de uma grande liberdade. O despotismo romano só se fez sentir de forma desastrosa muito mais tarde, e, ainda assim, sempre foi menos pesado nas províncias distantes que no centro do Império. Nossas pequenas inquietações preventivas, bem mais mortais que os suplícios para assuntos do espírito, ainda não existiam. Durante três anos Jesus pôde levar uma vida que, em nossa sociedade, o teria conduzido vinte vezes diante dos tribunais. As leis em vigor hoje em dia sobre o exercício ilegal da medicina teriam sido suficientes para lhe interromper a carreira.

Por outro lado, a dinastia inicialmente incrédula dos Herodes se importava pouco, então, com os movimentos religiosos. Sob os Asmoneus, Jesus teria sido preso logo em seus primeiros passos. Um inovador, em tal estado de sociedade, só se arriscava à morte, e a morte é boa para os que trabalham para o futuro. Imagine-se Jesus forçado a carregar até os sessenta ou setenta anos o fardo de sua divindade, perdendo sua chama celeste, consumindo-se pouco a pouco sob as necessidades de um papel inaudito! Tudo favorece aos que são marcados por um sinal; eles chegam à glória por uma espécie de impulso invencível e de ordem fatal.

Essa pessoa sublime, que a cada dia ainda preside o destino do mundo, é digna de ser chamada divina, não nesse sentido em que Jesus absorveu todo o divino, ou lhe era idêntico, mas no sentido em que Jesus é o indivíduo que propiciou à sua espécie o maior passo em direção ao divino. A humildade tomada no seu todo, oferece um conjunto de seres baixos egoístas, superior ao animal apenas porque o seu egoísmo é mais

refletido. Entretanto, no meio dessa vulgaridade uniforme, colunas se erguem em direção ao céu e atestam um destino mais nobre. Jesus é a mais alta dessas colunas que mostram ao homem de onde ele vem e para onde deve se dirigir. Nele se condensou tudo o que há de bom e de elevado em nossa natureza. Ele não foi impecável: venceu as mesmas paixões que nós combatemos. Nenhum anjo de Deus o confortou, a não ser sua boa consciência; nenhum Satã o tentou, a não ser aquele que cada um traz em seu coração. Assim como muitas de suas virtudes se perderam para nós por culpa de seus discípulos, é provável também que muitas de suas faltas tenham sido encobertas. Mas nunca ninguém, tanto como ele, fez predominar em sua vida o interesse pela humanidade sobre as vaidades mundanas. Devotado incondicionalmente à sua idéia, ele subordinou todas as coisas a tal ponto que o universo não existiu mais para ele. Foi por esse acesso de vontade heróica que conquistou o céu. Não houve homem, talvez excetuando Sáquia-Múni, que tenha a tal ponto relegado a família, as alegrias deste mundo e todo cuidado temporal. Ele vivia apenas de seu Pai e da missão divina que estava convicto de preencher.

Quanto a nós, eternas crianças, condenados à impotência, nós que trabalhamos sem colher, e que nunca veremos o fruto do que semeamos, curvemo-nos diante desses semideuses. Eles souberam o que nós ignoramos: criar, afirmar, agir. A grande originalidade renascerá ou o mundo se contentará de agora em diante em seguir as trilhas abertas pelos ousados criadores das antigas eras? Não o sabemos. Mas, quaisquer que possam ser os fenômenos inesperados do futuro, Jesus não será ultrapassado. Seu culto se rejuvenescerá constantemente; sua lenda provocará lágrimas sem fim; seus sofrimentos enternecerão os melhores corações; todos os séculos proclamarão que, entre os filhos dos homens, não nasceu nenhum maior que Jesus.